Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

10182

Bibliotheca da Impressora

3

DOUS ANNOS DE EXILIO

POR

J. S. Torres Homem

Correia & C.ª—EDITORES
CURITYBA
—1900—

A' memoria de minha Esposa
Maria Magdalena

Vi tombar no caminho do cruel exilio, que seguiamos juntos, a innocente victima do despotismo politico, que infelicitava nossa patria.

Curityba, 30 de Abril de 1900,

J. S. Torres Homem.

DOUS ANNOS DE EXILIO

I

Antecedentes politicos

Apezar da inolvidavel advertencia, que encontra-se n'um dos typos sociaes da creação de Voltaire (1), não tinha augurado senão bens e melhoras da transformação politica, operada em 1889 nos destinos da patria brasileira.

Um optimismo tornado systematico e que me fôra até então facil de alimentar, afastado como me achava das lutas dos partidos monarchicos e entretido somente na propaganda do ideal republicano, lançou-me desprevenido no tumulto dos acontecimentos do segundo anno da nova Era, tal como si despertasse do somno, no meio d'uma tormenta.

---

(1) *Candide*, ou *l'Optimisme*.

Voltando n'esse tempo á nova Capital Federal, depois de muitos annos de ausencia, encontrei accesa entre o Congresso e o Governo do Marechal Deodoro da Fonseca uma luta movida de certo por questões muito legitimas de principios, mas que servia ao mesmo tempo de pretexto para a incubação de paixões pessoaes que se aninhavam nas dobras de seus incidentes.

Os grandes vultos dos próceres republicanos, taes como Campos Salles, Quintino Bocayuva, e outros tambem illustres, tinham-se retirado da frente do scenario politico, depois de haverem dado o maior brilho ao *Governo Provisorio*, no primeiro anno da existencia da Republica.

Os destinos d'esta, embóra confiados ainda a seu Fundador, eram já objecto de discordia publica, nos quarteis e nas assembléas politicas.

Votando ainda toda dedicação ao chefe do primeiro governo republicano, impressionou-me profundamente seu estado de saude e de espirito, da vez que o vi prostrado pela doença em seu leito de gala.

Não occupando-se do negocio publico, que conduzia a palacio a commissão, de que fazia parte, exhalou diante de nós suas magoas pela guerra de despeitos, que dizia moverem-lhe no seio do Congresso duas altas patentes miiitares.

Havia effectivamente essa conjuração do despeito, a que se incorporaram varios dos congressistas, que tinham na eleição presidencial votado no nome do Dr. Prudente de Moraes, como competidor do Marechal Deodoro.

E' certo que até hoje não se justificou, por nenhuma razão de ordem politica geral, a apresentação de semelhante candidatura, cujo triumpho podia, ao contrario, ameaçar a existencia da Republica nascente.

Existia, infelizmente, outra razão, e esta fundada devéras em principios, justificando a opposição da maioria do Congresso á Presidencia do Marechal Deodoro: é que elle não governava effectivamente mais, inhibindo-o a enfermidade, havendo porém confiado a summa do Poder a ministros reaccionarios, que suppoz-se com bastante verosimilhança serem os empreiteiros da restauração monarchica.

E' o que pareciam indicar seus actos na administração, em desaccordo com as reformas conquistadas pele novo regimen, e inscriptas na Constituição de 24 de Fevereiro.

Tanto mais avantajada devia figurar-se a opposição despertada pelos actos de taes ministros, quanto mais conhecida ia se tornando a má vontade da força militar em sustentar os planos d'essa politica retrograda.

E' o que convém dizer para confusão dos que passam vociferando, desde os primeiros tempos da Republica, contra o militarismo : este figurou no ultimo periodo do governo do Marechal Deodoro, tanto como Brutus nos funeraes de Cezar.

O antigo conselheiro da Corôa, Sr. Barão de Lucena, que, depois de haver sido apenas instrumento docil empregado pelos governos do partido monarchico conservador, transformava-se agora em motor do Estado Republicano,—concebeu a reacção pelas normas politicas, em que fôra adextrado, no regimen do parlamentarismo.

Os governos das antigas provincias, hoje Estados, entregues a creaturas suas, ou obrigados a adherirem os governadores que já encontrasse empossados, e d'ahi em diante montar a geito, com auxilio d'elles, a machina eleitoral em que tinha de fazerem-se os representantes precisos para contentar a Nação e observar as fórmas politicas modernas : tal foi o programma manifestado nos actos do ministerio Lucena.

Este julgou pôr o fecho á obra subversiva das instituições, pela dissolução do Congresso hostil, que constitucionalmente tinha de durar dous annos ainda.

Por parte dos governadores estadoaes, que deviam ser os mais empenhados em defender

a integridade da Constituição Federal, apenas dous protestos appareceram contra o golpe d'Estado, e essas vozes dissonantes foram de dous militares.

Aos militares tambem coube o primeiro pronunciamento collectivo, contra um Poder que collocara-se fóra da Lei: cumprindo a briosa guarnição do Rio Grande os deveres restrictos, que os Artigos da Consiituição prescrevem litteralmente á força armada, obrigada a sustentar as instituições e prestar obediencia só á autoridade legal.

Quanto ao mais, todos conhecem os unicos actos da dictadura Lucenista, os quaes constituiram outros tantos attentados administrativos: como si fosse accommettido da vertigem da omnipotencia, o ministerio fazia publicar, no *Diario Official*, concessões das mais onerosas para a Fazenda Nacional e em proveito de companhias ou individuos privilegiados.

Duas notas caracteristicas da tyrannia que se improvisava: erigia-se a mendicidade em instituição official, e estabelecia-se o amordaçamento da imprensa.

Nas ruas mais centraes da cidade fazia-se distribuição gratuita de viveres, de que encarregara-se um dos concessionarios favoritos da dictadura, e a cuja disposição iam ficar as arcas do Thesouro.

O terror na imprensa periodica, que tivera ordem de guardar o silencio, era tal, que a custo obtive, mesmo com a minha assignatura e responsabilidade, a inserção no *Jornal do Brazil* de um artigo commemorativo do *15 de Novembro*, e no qual fazia as mais prudentes allusões á situação.

Na manhã de 23, dirigi-me a palacio, cujos aposentos encontrei desertos e sem guarda, até chegar a uma saleta, que precedia o gabinete do Marechal Presidente.

Avistei-o rodeado de alguns militares, que fallavam animadamente.

Como havia abjurado a *tyrannia,* não quiz approximar-me e aguardei a sahida de um dos interlocutores, que me explicou que aquelles officiaes queriam persuadir o Marechal de não resignar o Poder, devendo somente despedir o ministerio Lucena.

Não animei-me a dizer n'aquelle local, mas pensei commigo mesmo que esse alvitre era inadmissivel, porquanto houvera uma falta irremediavel, não se tendo cuidado de dar o menor cunho de legitimidade ao golpe d'estado. (1)

——

(1) Veja se as luminosas considerações de A. Thiers a respeito do verniz de legalidade, que deve-se tambem dar aos processos revolucionarios.

Histoire de la Rev. Française, Livre 44.e

O nucleo brilhante dos republicanos dedicados apenas á restauração constitucional, em 23 de Novembro, teve sem duvida como caudatarios a turba dos politicos interesseiros, que promoviam reinvindicações pela precedente intervenção do ministerio Lucena nos negocios dos Estados.

A elles se deve essa série de deposições, ainda hoje tão discutidas, dos governadores locaes, (1) e não ao Marechal Floriano Peixoto, que assim exprimia-se vinte e quatro horas depois de haver assumido o poder:

—Conto para governar com os bons patriotas, especialmente com meus camaradas, os militares; porquanto, encontram-se, entre os paisanos, muitos ambiciosos. Desde hontem, elles têm vindo me pedir todos os cargos de governadores dos Estados.—

N'este ponto, porém, teve o governo do Marechal de ser assoberbado pela onda da politicagem.

Felizmente que, na borrasca, assim formada pelo embate de paixões partidarias, não naufragaram igualmente as virtudes civicas,

(1) Dous desses movimentos tiveram o caracter de legitimidade das revoluções, quer por seus motivos, quer por terem partido da iniciativa popular; foram esses os casos do Rio Grande, antes mesmo de 23 de Novembro, e de S. Paulo, no mez seguinte.

proprias da personalidade do Marechal Vice-Presidente e que tinham de revelar-se ainda em occasiões mais decisivas para os destinos da Republica.

Aturdidos, mas não desanimados, pela restauração constitucional de 23 de Novembro, os ex-concessionarios da dictadura lucenista renovaram suas tentativas em detrimento da Fazenda Nacional, sob a forma de uma petição que, logo em Dezembro, dirigiram ao novo governo, solicitando o auxilio do Erario publico para os bancos e companhias, que elles representavam.

O indeferimento a taes pretenções opposto pelo Marechal Vice-Presidente, observando este que os dinheiros do Theseuro não destinavam-se a servir interesses particulares, concorreu para fornecer elementos poderosos ás agitações publicas, que sobrevieram nos primeiros mezes de 1892.

Vendo assim mallogradas suas especulações de Bolsa, alguns dos interessados mais opulentos procuraram explorar os acontecimentos politicos, que obedeciam a outras causas.

Si no acto da suffocação a mão armada da revolta de Santa Cruz, em Janeiro, o Governo do Marechal mostrou energia, outro tanto não se pôde dizer do procedimento policial consecutivo, que devia apurar a responsabilidade dos cumplices do sargento Silvino, em

cujo numero foram denunciados os referidos capitalistas.

Pareceu então a muitos patriotas alarmados, que a politica do Marechal era de contemporisação com os adversarios de seu Governo.

Em principios de Abril appareceu publicado nos jornaes o documento que appellidou-se de manifésto dos treze Generaes, e que continha duas «principaes arguições» : uma concernindo a intervenção da força armada na deposição dos governadores estadoaes, e a outra alludindo á opinião de ter de fazer-se nova eleição presidencial.

Entre os signatarios do documento achavam-se generaes dos mais estimados por suas qualidades e serviços á Patria e a Republica, devendo por isso crêr-se em sna declaração de que não tiveram outra cousa em vista senão escrever uma carta amigavel, orientando seu camarada, o Marechal Floriano, sobre o estado da opinião.

A publicidade, porem, dada a essa carta, é que obrigou o Governo a reagir contra seus signatarios.

Pareceu ter havido uma razão de Estado para as medidas de repressão, adoptadas n'esse momento, e que não erão autorisadas em lei.

Sendo relativamente grande o numero de generaes implicados, talvez houvesse impos-

sibilidade de reunir o numero preciso de juizes para os conselhos de Guerra e sessões do Superior Tribunal Militar, de que eram membros alguns dos mesmos generaes.

Releva tambem notar que, no primeiro momento, o Governo surprendido pelo facto, não podia conhecer o estado da opinião no exercito.

N'essa época, um general referiu, em minha presença, que tendo-se entretido com um de seus collegas, funccionario dos mais elevados na administração da Guerra, este dissera que fôra-lhe communicada préviamente a carta citada, a que não déra, porém, maior importancia, recusando apenas seu assentimento. ( )

Finalmente, occorria quasi na mesma occasião um movimento destinando-se a repôr no Governo o Marechal Deodoro, apezar deste continuar guardando o leito do soffrimento.

Acharam-se tambem envolvidos n'este ultimo acontecimento alguns officiaes, cuja dedicação sincera e leal ao Marechal Deodoro era conhecida.

Mais uma vez, porém, os *Bolsistas*, acoroçoados certamente pela impunidade de sua

(1) Si existio a razão de Estado para os decretos de Abril sobre a reforma dos generaes, parece que devia-se revogar essa medida extraordinaria, logo que cessaram as circumstancias, que motivaram-n'a.

comparticipação na revolta de 20 de Janeiro, procuraram explorar os successos politicos; e sua interferencia nos factos de Abril manifestou-se, além de outras fórmas, pela tentativa de suborno dos corpos militares, aos quaes fez-se distribuição de dinheiro.

Em seguida occupava-se muito acuradamente o Marechal da questão juntamente economica e financeira, interessando tanto a fortuna publica, como a particular mesmo.

Si elle recusára patrioticamente servir os interesses particulares dos syndicos do jogo de Bolsa, comprehendia porém que a situação do commercio laborioso, da agricultura e da industria manufactora, que são as bases da riqueza nacional, poderia se achar sériamente compromettida no *krack* da praça, com especialidade na bancarrota dos estabelecimentos de credito, que tinham imprudentemente subsidiado o referido jogo.

N'esse intuito, tratava do que chamou-se *fusão bancaria*, afim de dar uma nova organisação solida e garantida pelo Estado ao Banco da Republica.

A realisação desse plano, que offerecia um simile de Banco da Nação, como se encontra em outros paizes, veio assegurar mais tarde preciósos recursos para o Governo, em meio da crise revolucionaria, e manter no mesmo

periodo o credito estrangeiro em condições relativamente bôas.

Preoccupado igualmente com o cuidado da grandeza e integridade da Patria, promovia uma decisão definitiva sobre a secular questão das Missões do Paraná.

Em meio de negociações tão importantes para o porvir da Republica, era porém o governo do Marechal perturbado por novas e tremendas crises politicas, que concretisaram-se na revolução do Rio Grande do Sul e na revolta da armada nacional.

Guardadas as devidas proporções, occorre dizer-se que da mesma forma que ha uma eterna questão religiosa do Oriente, assim tambem existe uma perpetua questão politica do Rio Grande do Sul.

Prescindindo de revolver os archivos da monarchia, basta citar que no periodo de menos de um lustro de existencia da Republica, os Srs. Demetrio Ribeiro, desde sua retirada do Governo Provisorio, e Silveira Martins, depois de seu regresso da Europa, haviam no Rio Grande provocado manifestações politicas, capazes de attentar gravemente contra a estabilidade das novas instituições.

Censura-se, é certo, o governo do Marechal Floriano, por ter elle mesmo acendido uma d'essas questões, pela parte que em meiados de 1892 tomou seu delegado militar na reposição

do Dr. Julio de Castilhos no governo do Rio Grande do Sul, que estivera, até pouco tempo antes, em poder da dissidencia republicana.

Porém, é mais verdade ainda que nos fundamentos do juizo, que se enuncia d'esse modo, omitte-se um facto de importancia capital.

De um dos mais denodados chefes da referida dissidencia e que veio logo depois d'aquelle successo ao Rio de Janeiro, ouvi n'esse tempo a declaração de ter sido proposito deliberado da mesma dissidencia, a entrega do governo ao partido que obedecia á direcção do Conselheiro Silveira Martins, que consultado por elle designára para o cargo o Visconde de Pelotas.

—A dissidencia republicana não podia manter-se só no governo, por não contar com um partido sufficientemente numeroso, chegando até a faltar pessoal seu para os cargos da administração. N'estas condições, ella entendeu que o respeito ao principio da soberania do povo impunha a devolução do governo ao partido da maioria, que se achava incontestavelmente com a gente de Silveira Martins.

Julguei ser tentativa baldada e tardia procurar-se convencer o valeroso agitador de terem, elle e seus co-religionarios, commettido assim um grave attentado politico, não tanto

pelo facto de arredarem do Poder o outro unico partido republicano, seu rival, como por terem sacrificado a propria Idéa Republicana.

De feito, era sabido em todo o Brazil que desde seu regresso ao Rio Grande, n'esse mesmo anno, o Conselheiro Gaspar da Silveira Martins manifestara publicamente que não reconhecia a legitimidade do regimen de governo inaugurado a 15 de Novembro de 1889 e, nem tam pouco, a do estatuto de 24 de Fevereiro de 1891, cuja feição presidencialista devia em seu entender mudar-se para o parlamentarismo, finalmente,que propunha submetter-se ao suffragio popular ou a um plebiscito a solução de taes questões.

Reatemos agora o fio da resenha dos acontecimentos, interrompido por esse parenthesis necessario á elucidação do assumpto riograndense.

Não me propondo debater questões de politica local, não analisarei igualmente a formação do partido *Federalista*, cuja denominação pretendia exprimir que não se encontrava na ordem politica corrente a realidade do principio de Federação. Reuniu sob sua bandeira de combate os Gasparistas, constituindo a maioria, os *unionistas*, grupo de elementos heterogeneos, em que preponderavam antigos monarchistas, e finalmente, a pequena fracção dos dissidentes republicanos.

Assim pois, tinha por dever alarmar-se o governo da União com a noticia da revolução *federalista*, que rebentou no Rio Grande em Fevereiro de 1893.

Em igual sentido, não podia deixar de satisfazer á requisição constitucional do Governo do Rio Grande, para intervir n'esse Estado, não só por motivo da invasão da respectiva fronteira por forças procedentes da visinha Republica do Uruguay, como principalmente attendendo a que o triumpho da revolução sulista encerrava um perigo imminente para as instituições republicanas.

Em summa, os successos provaram breve a falta de apoio na opinião, de que carecia aquelle movimento no proprio Estado, em que se produzia.

De facto, os revolucionarios rio-grandenses, que não tinham conseguido apoderar-se das duas cidades de Bagé e Sant'Anna do Livramento, indispensaveis á sua base de operações, e que muito principalmente não viram, após a invasão, engrossarem suas fileiras com o esperado concurso de seus partidarios do interior do Estado, dispersaram-se quasi totalmente depois da batalha de Inhanduy, em Maio de 1893.

Desgraçadamente, a sublevação da esquadra nacional veio ateiar a chamma das brazas remanescentes no fogão dos revolucionarios

rio-grandenses, refugiados no territorio da Republica Oriental.

Parece que hoje não se pode mais contestar a ausencia de principios e, ao revez, a preponderancia de moveis egoistas, na primeira phase d'esse movimento, que de commum accordo appellidou-se de *revolta*, e cuja explosão no porto do Rio de Janeiro, a 6 de Setembro, encheu de surpreza a população da Capital Federal.

Vi mais tarde uma carta do Contra-almirante Custodio de Mello, em que pretendia que o Marechal Floriano promettêra intervir em favor da candidatura d'elle á presidencia da Republica; bem assim, a contestação do destinatario d'essa missiva, que assegurava ter havido apenas apoio a tal pretenção por parte de alguns commandantes de corpos, na guarnição da Capital.

O desengano de conseguir a protecção do governo para o pleito eleitoral, a illusão de que as sympathias de chefes militares por uma aspiração legitima compromettiam-n'os para uma cumplicidade revolucionaria, finalmente a sofreguidão de animo, ao vêr mais embaraçados seus intentos pela escolha de um outro candidato presidencial por parte dos republicanos congressistas,—foram esses os moveis conhecidos, que impelliriam o almirante Mello á revolta da esquadra.

Não tenho competencia para julgar o procedimento dos officiaes da armada, que invocando o espirito de classe adheriram á revolta.

Afóra a sobredita feição, que não deixava comtudo de ser partidaria, reconhecia-se bem o caracter egoista de semelhante movimento, que em nada podia interessar a Republica, examinando-se apenas os elementos constitutivos do restante pessoal, que embarcou nos navios ou que manifestou-se em terra.

Não era grande a lista d'esses ultimos revoltosos, compondo-se a mesma de alguns dos implicados nos successos de Abril do anno anterior; de uma fracção dos dissidentes republicanos, civis e militares ; e, como sempre, de certo numero de capitalistas, quer dos conhecidos concessionarios lucenistas, quer de outros, nacionaes e estrangeiros, que manifestavam-se inimigos das instituições.

E mais ninguem, nem mais nada.

N'estes termos, o papel do manifesto, que o contra-almirante Custodio de Mello lançou a publicidade, podia ter ficado em branco, como o panno, que içou-se a guisa de bandeira nos mastros da esquadra sublevada.

Arrastára-se ingloriamente a primeira phase do movimento, cujo chefe não revelou a audacia indispensavel a um cabeça de revolta, até que em começo de Dezembro, assumindo a direcção d'esta, no porto do Rio de Janeiro,

o contra-almirante Saldanha da Gama, dava-lhe uma bandeira que até então não tivera, ao mesmo tempo que imprimia outro vigor ás operações militares.

As opiniões exaradas no manifesto do Snr. Saldanha da Gama identificavam-se com os intuitos da maioria dos revolucionarios rio-grandenses, que obedeciam á inspiração do Snr. Silveira Martins.

Por isso tambem, aos actos de valor do novo chefe da revolta, que fazia desembarcar as forças de seus navios para ferir combates em terra, como na Ilha do Governador e em Nictheroy, correspondiam as audacias das invasões dos revolucionarios sulistas nos Estados de Santa Catharina e Paraná.

Cresciam, felizmente, e em proporção maior quiçá, os esfórços dos defensores do governo legal.

O patriotismo fazia surdir legiões de voluntarios, para coadjuvar o exercito fiel ao Marechal Floriano, e juntos salvarem as instituições republicanas, que de facto tiveram um triumpho decisivo a 13 de Março.

No meio de crises tão violentas para os destinos da nação, a grandeza moral do chefe do Governo justificava a especie de culto que lhe votaram os patriotas sinceros, e que devia ter um prolongamento posthumo.

Não nos illudindo a respeito da differença do papel, que devem representar na historia da Humanidade, e atendo-nos apenas á comparação das qualidades praticas de caracter, que revelaram ambos como chefes de Estado, achamos applicavel ao Marechal Floriano o *typo* que do heróe da independencia norte-americana retraçou Guizot :

«Washington não tinha essas qualidades brilhantes, extraordinarias, que férem á primeira vista a imaginação dos homens. Não era um d'esses genios ardentes, apressados em resplandecer, arrastados pela grandesa de seu pensamento ou de suas paixões, e que espalham em redór de si os thesouros de sua natureza, antes mesmo que no exterior qualquer occasião, qualquer necessidade, solicite o emprego dos mesmos..... Elle tinha n'um gráu superior as duas qualidades que, na vida activa, tornam o homem capaz de grandes cousas. Elle sabia crêr firmemente em seu proprio pensamento, e agir resolutamente, conforme o que pensára, sem temer a responsabilidade d'isso. E' sobretudo a fraqueza das convicções, que faz a fraqueza dos procedimentos, porquanto o homem age muito mais em virtude do que pensa do que por qualquer outro movel.» (1)

(1) Prefacio de F. Guizot na obra *Histoire de Washington*, de Cornelis de Witt.

Não descançando depois de tantas fadigas, mas sacrificando a saude á causa publica, o grande Marechal solicito a um tempo só em debellar os ultimos esforços da revolta no Sul, e em reorganisar os serviços administrativos, perturbados pelas recentes desordens, providenciava tambem com crescente empenho acerca do porvir da Republica, que depois de ter salvado, elle queria deixar consolidada.

N'esse sentido, mereciam-lhe especial cuidado a organisação do pessoal e a acquisição do material de guerra para o exercito e a marinha, porquanto elle só concebia a estabilidade de uma Republica armada.

Uma indigna prevenção, por parte de alguns Congressistas, que allegaram o receio de querer o Marechal perpetuar-se no governo, não consentiu em investil-o igualmente dos poderes necessarios para a repressão efficaz dos inimigos subsistentes da Republica.

Deve-se citar esse incidente de opposição parlamentar, não só porque pôde o mesmo acoroçoar a continuação da luta federalista no Rio Grande, como tambem para confusão de seus promotores, cuja presença n'um Congresso eleito no periodo ainda da revolta, quando o Governo achava-se armado de todos os poderes, demonstrava sem mais nada a correcção do procedimento constitucional do Marechal Floriano Peixoto.

Diversamente interpretada podia ser sua maneira de agir em outros momentos do periodo revolucionario, que não cabe analysar aqui, mas a homens politicos não deve ser desconhecido que :—«as faltas que commettem os homens d'Estado não são sempre de sua livre vontade ; muitas vezes são consequencias necessarias da situação em que a pessoa se acha; e os inconvenientes nasceram uns dos outros.» (1)

Entretanto, para commemorar o anniversario da Republica, o Marechal havia decretado festas magnificas, em meio de cujas pompas assumiu o Governo seu successor constitucional, emquanto que elle mesmo, esquivando-se ás acclamações populares, recolhia-se ao socego do lar domestico.

—

Na ausencia de qualquer intervenção por parte do precedente Governo na designação de candidatos ao pleito presidencial, os amigos e ex-auxiliares do Marechal Floriano, com especialidade os militares, acostumados a respeitarem os direitos adquiridos, não podiam acolher desfavoravelmente o Governo do Dr. Prudente de Moraes, cujo nome já tinha merecido suffragios para esse mesmo cargo, desde a primeira eleição feita pelo Congresso Constituinte.

(1) Montesquieu : *Grandeza et Decadence des Romains*, Chap. XVIII.

O novo presidente civil não possuia, é certo, a figura attrahente dos anteriores chefes militares do Governo ; tinha a rude physionomia do agricultor brazileiro : a testa estreita, o olhar vitreo, o pallido e magro rosto rodeiado de uma barba cerrada.

Uma importante missão, porém, estava indicada pela opinião ao novo Governo, e para a realização da mesma achavam-se todos dispostos a concorrer.

A pacificação era a obra que entendia-se incumbir á Presidencia do Dr. Prudente de Moraes.

Essa consideração patriotica é que pôde conciliar os animos, e não as declarações de solidariedade com a politica do Marechal Floriano Peixoto, que embóra se achassem escriptas na mensagem de inauguração presidencial, eram desmentidas pelo repudio quasi immediato que o novo Governo fazia dos auxiliares de seu antecessor.

Assim, supportava-se sem murmurações collectivas a demissão inflingida á quasi totalidade dos chefes de repartições, que tinham merecido a confiança do Salvador da Republica.

Com a mesma calma acolhia-se o acto do fechamento, comquanto não autorisado em lei, da Escola Militar do Rio de Janeiro, por ter-se considerado como actos de alta rebellião

simples apupadas de alumnos, que entretanto tinham merecîdo tambem a affeição do Salvador da Republica, precisamente por seu amor e dedicação ás instituições.

O rompimento formal dos denominados Florianistas, com o governo do Dr. Prudente de Moraes,foi devido a questões supervenientes de principios.

E como na quasi totalidade dos actos de *suspeição* politica, muito caracterististicos dos tempos que seguiram-se, e que eram exercidos pelos representantes do Poder em detrimento da liberdade individual de seus subordinados, apparecia sempre a preoccupação do *Florianismo*, impõe-se n'este logar uma reflexão a tal respeito.

Sabido, como é, que os florianistas nunca formaram um partido politico, o que deveriam aliás ter feito, parece assim que não se perseguia de facto uma agremiação insubsistente de homens perigósos, mas a idéa que elles representavam.

Os Florianistas eram como elementos dispersos no mundo politico, encontravam-se em diversos partidos, e até mesmo fóra d'estes.

O que, porém, elles representavam propriamente, era uma opinião, e esta podia, mais que qualquer outra, presumir-se de opinião nacional ; porquanto, nos seus traços geraes consistia em querer uma patria grande e forte

perante o estrangeiro, a inviolabilidade da constituição republicana federal, e o governo sempre armado contra os inimigos da ordem existente de cousas.

Tal era a tradição genuina da politica do Marechal, que seus antigos auxiliares e admiradores sinceros queriam guardar fielmente, e com a qual se acharam ao revés em desaccordo muitos dos actos da nova situação.

As questões internacionaes, mais susceptiveis de promoverem taes divergencias, foram precisamente as que succederam-se com insolita frequencia, durante todo o periodo da primeira presidencia civil.

Tem-se interpretado mal, em relação aos Florianistas, a agitação provocada pelo reatamento das relações com Portugal, que effectuou-se nos primeiros tempos do governo do Dr. Prudente de Moraes.

Qualquer que fosse o Estrangeiro, que houvesse procedido, em relação ao governo constitucional do Brazil, da mesma fórma que fez Portugal, a 13 de Março de 1894, provocaria iguaes protestos contra tal conducta, que equivaleu a uma indebita intervenção em nossas questões intestinas e que a dignidade nacional mandava repellir.

Não é preciso insistir-se sobre os antecedentes do facto, em que se poderia provar á

saciedade o auxilio prestado pelos navios portuguezes,mais ainda do que pelos de outras nações, aos revoltosos da esquadra nacional, no porto do Rio de Janeiro; mas, a simples consideração do asylo *ajustado previamente*, como confessou-se em documento publico, basta para convencer-se da solicitude com que eram amparados os ditos rebeldes pelos representantes de S. M. Fidelissima.

No caso de triumpho da revolta, era muito provavel que em vista das relações amigaveis entretidas com as esquadras estrangeiras, os chefes d'aquella não encontrassem a menor opposição, por parte dos representantes europeus, para gozar os fructos da victoria, inclusive a pratica do *vae victis*.

No caso de derrota,porém,como foi ajustado com o commandante da flotilha portugueza, garantia-se a bordo dos navios d'essa nação um asylo aos rebeldes brasileiros, para furtarem-se á acção das leis de seu paiz.

Ha de se convir em que maior vantagem não poderia proporcionar a qualquer belligerante um alliado legitimo. (1)

(1) Adrede não fiz n'este assumpto citações de Direito Internacional, a exemplo de alguns dos nossos publicistas, que discutiram-n'o ; porquanto, não julguei opportuno invocar principios onde considerei existir apenas uma questão de facto.

A par do attentado aos fóros da soberania nacional, a intelligencia de Estadista, que caracterisou-se no Marechal Floriano por muitos actos de previsão, fel-o enxergar n'aquelle facto uma perenne ameaça para novas perturbações da ordem.

Effectivamente, a vigilancia a bordo dos barcos-asylos tornou-se tão relaxada, que pareceu até cumplicidade, permittindo ao contra-almirante Saldanha da Gama e demais companheiros desembarcarem nas aguas do Prata, e seguir d'alli para o Rio Grande, onde foram renovar a mão armada a luta contra o governo legal do Brazil.

Ora, quando na propria presidencia do Dr. Prudente de Moraes campeava ainda a revolução no Rio Grande, precisamente por motivo do reforço que vieram trazer á mesma os asylados dos navios portuguezes, não se podia comprehender o empenho no reatamento das relações diplomaticas com o governo de Dom Carlos.

Sabia-se aliás, que a propria colonia portugueza, no Brazil, não sentia a falta dos representantes régios de seu paiz.

Finalmente, para maior impopularidade do acto, a mesma mediação da Inglaterra pareceu igualmente que humilhava a nossa patria, por se assemelhar á imposição d'uma nação pode-

rosa, e que exercia um conhecido protectorado sobre o reino de Portugal.

Essa conducta inopportuna da nossa diplomacia despertou tal desgosto na opinião geral dos brasileiros, que aquelle sentimento excedeu o proprio jubilo patriotico, que podia ser causado pela noticia, recebida na mesma occasião e concernindo a solução arbitral da questão sobre as Missões do Paraná.

Em relação á politica interna, encetava o novo governo a obra da pacificação, quando para o proseguimento d'esta vieram influir dous acontecimentos do mesmo caracter, mas de diversa importancia nacional.

Empunhando as armas contra as instituições de sua Patria, morria ingloriamente em combate, na fronteira do Rio Grande, o contra-almirante Saldanha da Gama.

Cinco dias depois, a noticia do fallecimento do Grande Protector da Republica, Marechal Floriano Peixoto, causava nos patriotas brasileiros uma consternação, só comparavel á que Tacito descreve ter havido entre os Romanos pela morte de Drusus, o *Germanico*, no reinado de Tiberio.

Como tem succedido nos funeráes de outros mórtos illustres, em occasião de agitações publicas, a celebração das exequias do Marechal Floriano, que o Governo consentiu impruden-

temente que se repetisse pelo espaço de tres mezes, forneceu pretexto a manifestações inconvenientes, que hauriam seu thema nas paixões do momemto.

Na ultima d'estas solemnidades funéreas, produziu-se um torneio de arengas demagogicas, onde o odio privado aos portuguezes substituira-se nos animos exacerbados á legitima indignação patriotica contra o governo d'uma nação estrangeira, que interviera em nossas questões intestinas.

Acontecia assim que em torno da urna sepulchral, que recebia o despojo do Marechal Floriano Peixoto, é que mais se adulterava a tradição do *Florianismo*.

Um nativismo trefego e retrogrado, substituindo-se a um sentimento de patriotismo calmo e esclarecido, só podia fornecer a vehemencia da linguagem a oradores ordinariamente eloquentes, fazendo assim retirarem-se da necropole o Presidente da Republica e demais autoridades.

Muitos dos assistentes não consideraram com a devida seriedade esse procedimento dos representantes do poder, mas não deixou o mesmo de contristar a quem percebeu o que o novo Presidente fazia n'aquella occasião, era virar de uma vez para sempre as costas ao Florianismo.

Essa corrente da opinião ia d'ora avante apparecer aos olhos dos representantes do Poder sob um aspecto tão torvo e repartida entre tantos corregos divergentes, que se poderia allegar não ser possivel reconhecer sua natureza e direcção.

Arredados assim da confiança official por um lamentavel equivoco, os que representavam, entretanto, um importante elemento da opinião republicana, não tardaram em ser definitivamente sacrificados, como victimas propicias á celebração da paz com os antigos inimigos das instituições.

O mesmo general, encarregado da pacificação, e que em suas negociações com os revolucionarios sulistas revelara certa habilidade, fez tentativas menos louvaveis para depor o Presidente Constitucional do Rio Grande, que fôra amigo e alliado politico do Marechal Floriano.

Ainda com a mira de satisfazer impertinentes exigencias dos *Gasparistas*, dirigiu-se insolitamente ao Congresso Federal propondo a revogação da Constituição Politica do Estado Rio Grandense.

Poderia ignorar o General que aquella era a mais republicana de todas as constituições regendo os Estados brasileiros?

Tendo-se inspirado seu auctor nas doutrinas scientificas da Politica Positiva, elle con-

sultou o caracter e as tendencias da sociedade industrial de nossos tempos, que tem como duplo fundamento organico, a consagração da *liberdade* pela cooperação voluntaria dos individuos, e da *propriedade* pela actividade laboriosa de cada um.

Traçou-se assim no codigo rio-grandense a instituição da Assembléa propriamente orçamentaria, com o fim de zelar a propriedade publica e privada; e, no tocante ao respeito da liberdade collectiva e individual, inscreveu-se alli a affixação publica dos projectos de lei e a consulta municipal sobre os mesmos, afim de que todos os cidadãos concorressem com seu assentimento para as medidas de interesse geral.

Mas, está claro que semelhantes praticas de uma constituição scientificamente republicana não podiam convir aos ex-revolucionarios obdecendo ás inspirações do Sr. Silveira Martins, que reclamára publicamente a restauração do obsoleto regimen parlamentar, que vigorára do tempo da monarchia.

Em summa, o Congresso Federal não tomou conhecimento da surprendente proposta do general pacificador.

Os recem-pacificados, porém, é que, apezar de sua veneração pelos parlamentos, propuzeram-se intervir nas deliberações do mesmo

Congresso, na occasião de discutir-se o projecto de amnistia.

Vendo que na Camara dos Deputados tinham assento muitos admiradores do Governo do Marechal Floriano, entenderam os ex-revolucionarios fazer pressão gauleza sobre o animo d'esses legisladores, e para isso invadiram em grande numero, e alguns armados, o proprio recincto da sala das sessões.

Recordando por seu lado a firmeza romana, os nossos representantes repelliram a imposição barbara e regeitaram o projecto de amnistia ampla, que mais tarde foi substituido por outro com restricções para os militares implicados na revolta.

Entretanto, desconhecendo a magnitude das questões que se debatiam no dominio da Politica, e que interessando o proprio futuro da familia republicana, deviam aconselhar a mesma a consolidar a união de seus membros, —muitos d'estes procuravam, ao contrario, organisar n'esse mesmo tempo partidos com tendencias manifestamente dispersivas.

Debalde o digno Apostolado Positivista do Rio de Janeiro, cumprindo o dever sacerdotal de instruir e guiar a opinião, publicava um opusculo, assignalando o verdadeiro caracter do culto da Patria e indicando as exagerações do nativismo, que «não deve ser lema de nenhum partido.»

O nativismo tornára-se, porém, uma especie de microbio, que desde a romaria ao cemiterio, descripta acima, introduzira-se no organismo de varios tribunos populares.

Veio a ter uma feição caracteristica no partido denominado arbitrariamente de *Jacobino*, e que parecia querer reconduzir o Brazil aos tempos em que as tribus selvagens disputavam ao estrangeiro o territorio de caça e de pesca.

Quanto ao programma do Partido *Nacional*, que foi redigido pelo mallogrado Dr. Raul Pompéa, confesso que não pude entender.

A nossa nacionalidade parecia que não era contestada por ninguem, e quanto as insolencias do estrangeiro, residindo em nosso paiz, cabia sua repressão ao governo, que devia-se por isso querer forte, de accordo com a tradição florianista ; finalmente, pelo que concernia os *direitos* dos brasileiros, achavam-se os mesmos inscriptos na Constituição Federal.

Si estes ultimos não pareciam sufficientemente elucidados, ou mesmo si não eram considerados bastantes ; bem assim, no caso de contestar-se a extensão d'esses ou outros *direitos* ao estrangeiro, — só poderia caber a uma Constituinte a interpretação ou revogação do estatuto de 24 de Fevereiro.

Ora, era temeridade inadmissivel pensar-se em constituintes n'aquella occasião, em que o

Sr. Silveira Martins continuava de alcatéa nas fronteiras do Sul, e que na propria Capital Federal os adversarios das instituições promptificavam-se para executar planos subversivos.

Informados d'essa ameaça monarchica e testemunhando a desunião dos republicanos, bem como a indifferença ou apathia das autoridades, os militares reuniram-se espontaneamente em patriotica e numerosa assembléa.

Approvaram uma moção, que tive a honra de apresentar, e na qual, protestando de sua fidelidade inequebrantavel ás instituições, compromettiam-se pela defeza a todo transe da Republica.

Pareceu tão opportuna essa moção, que tornou-se a modo de um plebiscito a favor da Republica, porquanto cobrio-se de assignaturas enviadas de todas as localidades da União brasileira.

O proprio Governo transmittiu em circular os termos geraes da moção a todos os presidentes dos Estados.

Colloca-se aqui um detalhe,que serve para pintar as prevenções politicas d'aquella epoca.

Funccionarios do Ministerio procuraram-nos, a mim e a outros militares que assistiram á reunião acima, afim de ser reparada uma

omissão, que allegavam ter havido na moção de 22 de Março, onde fallava-se apenas na fidelidade ás instituições e nada se promettia em relação ao Governo.

Era isso um sophisma, mas que traduzia bem os conhecidos intuitos dos interessados em assoalhar a estafada balela da restauração de um phantastico militarismo.

A idéa era pelo menos extravagante, em relação a um tempo e a um meio, em que, segundo a expressão feliz d'um General, o exercito vivia em estado de sitio.

Desgraçadamente succedia que, emquanto cresciam as prevenções contra o exercito nacional, cujo effectivo procurava-se ao mesmo tempo reduzir, primeiro na lei de fixação de forças, e realmente depois, no orçamento votado pelo Congresso,—a nossa diplomacia, limitada a seus recursos theoricos, revelava-se incapaz de salvar o Brazil das humilhações do estrangeiro.

A Inglaterra, que no anno anterior se apossára subrepticiamente da Ilha da Trindade, como de cousa encontrada ao abandono no vasto deserto do Oceano, não consentiu em restituil-a ao Brazil; resolvendo-se depois a entregal-a ao Governo de Portugal, seu protegido, por ter reconhecido os antigos direitos d'esse reino ao dito torrão.

Emquanto o leão britannico, que tem mais ares de chacal, prompto a devorar tudo que encontra, empolgava ainda a Ilha da Trindade, o Governo brasileiro não consentia as manifestações patrioticas de protesto contra a insolencia do estrangeiro.

Na commemoração do primeiro anniversario do passamento do Marechal Floriano Peixoto, em que foi enorme a concurrencia do povo ao cemiterio, e em cuja occassião aguardava-se algum pronunciamento sobre o desaggravo da honra nacional, constou apenas que fôra arrancada a bandeira portugueza do meio dos outros pavilhões que adornavam o tumulo do Protector da Republica.

Uma voz isolada se fez, porém, ouvir n'esse dia, pelo orgão da imprensa, mostrando a Republica sob as vestes de uma mulher desvalida, a quem o estrangeiro despoja dos bens, e cuja vista recommendava aos romeiros que occultassem aos Manes do Marechal.

Coube-me fazer esse protesto patriotico, a que sacrifiquei minha posição official.

Surdiu logo após, como n'um tempo de provações para os brios dos brasileiros, uma nova questão diplomatica, concernindo os protocollos sobre reclamações de aventureiros italianos.

Em bôa hora veio a mesma reconduzir os transviados republicanos ao apercebimento

da verdadeira questão nacional, inspirando-lhes a mais decisiva attitude contra a adopção de negociações tão vergonhosas, que desabonavam juntamente o caracter e a intelligencia dos brasileiros.

De feito, nos artigos dos citados protocollos a fraqueza se emparelhava com a estulticie, representando-se alli ao vivo a fabula do *cão* e da *sombra ;* pois que em troca de uma farta ração orçamentaria abandonada desde logo pelo Brazil, a Italia acenava-lhe na miragem do futuro com arranjos diplomaticos mais vantajosos.

Ia crescendo a indignação popular com as discussões da camara dos deputados, onde só quasi faziam-se ouvir defensores dos protocollos, quando um dos principaes chefes do partido dominante chamou-me para ter com elle a seguinte conferencia :

—Os chefes do partido concordam em que não pode a maioria da Camara abandonar o governo n'essa malfadada questão dos protocollos. O Dr. Prudente de Moraes foi o candidato do partido e tem com os chefes d'este os mais antigos compromissos de solidariedade politica.

—?

—Não podendo pois haver solução, pelo menos espontanea, por parte da camara, con-

tra os protocollos, é preciso que intervenha n'isso uma pressão de fóra.

—Mas, não está havendo ? atalhei de prompto; o que significa então a indignação popular, que se tem traduzido nos agrupamentos pelas ruas, nos *meetings* e nos artigos da imprensa ?

—Não basta ! retorquiu, com grande admiração minha, o eminente chefe. E' preciso que uma corporação respeitavel e respeitada, cuja fidelidade e amor ás instituições não se possa contestar, como acontece em relação á classe militar, pronuncie-se sobre o assumpto.

Não hesitei em assegurar que o patriotismo do exercito repellia a approvação dos protocollos ; mas, que em relação a qualquer pronunciamento de sua parte, precisava ser isso objecto de consulta aos meus camaradas.

Urgia, entretanto, a solução, visto que já se annunciava a terceira discussão, na camara, do projecto de indemnisação forçada aos subditos do rei Humberto.

Achando-se convocado para d'ahi a dous dias um novo *meeting*, resolvi tomar a palavra no mesmo, resalvando em termos expressos o respeito que na qualidade de militar devia ao Governo, e protestando apenas contra as imposições do estrangeiro.

Era, porém, invencivel a fraqueza dos auxiliares do Governo e, por isso, no despacho mi-

nisterial do dia seguinte, foi exigida minha prisão, sob o principal pretexto, allegado pelo ministro das relações exteriores, de evitar-se uma nota diplomatica do representante italiano (1)

Ainda em vista da pressão de fóra, que se achava tambem conveniente solicitar dos Estados da Federação, coincidiu a viagem de outro chefe do partido dominante e *leader* da Camara, com os disturbios na capital de São Paulo, onde o povo pronunciou-se a seu modo contra os protocollos e contra os proprios italianos.

Esse facto, reunido ás manifestações de todas as classes sociaes,no Rio de Janeiro,onde os militares tambem achavam-se em sessão permanente em seu Club, levou o *leader* da maioria, na Camara, a propôr a regeição dos escandalosos protocollos.

O Governo fez o sacrificio do ministro das relações exteriores, que demittiu-se.

Seu successor mostrou que a questão era apenas de factor pessoal.

General de valor provado nos campos de batalha, o novo ministro das relações exteriores não se arreceiou mesmo nada dos arre-

(1) A pureza de meu procedimento patriotico encontrava honrosos testemunhos em oradores das duas casas do Congresso e nos orgãos de diversos matizes da imprensa.

ganhos de um outro enviado da Italia, que julgando os brasileiros inferiores em brios aos negros da Abyssinia, veio a bordo de um dos apparatosos couraçados de sua nação insistir sobre o negocio dos protocollos, que apezar d'isso ficou reduzido de dezenas de milhar de contos a simples unidades de milhar.

Infelizmente, não era só a nossa diplomacia que revelava-se digna de lastima; de feição mais pungente ainda aos olhos dos patriotas era a gestão das Finanças publicas, cuja ruina imminente os auxiliares do Presidente da Republica não sabiam ou não procuravam sustar por meios efficazes, ou mesmo por nenhuns.

E' verdade que a guisa de razões de mau pagador, e como si o pabulo dado á paixão partidaria servisse para encher as arcas do Thesouro, uma imprensa officiosa, fazendo alias côro com alguns congressistas, imputara a causa d'aquelle descalabro financeiro ao passado governo do Marechal Floriano.

A simples verdade era que este saldára a maior parte das despezas extraordinarias, provocadas por duas guerras civis, com os recursos correntes do Erario publico ou do credito bancario.

Embora a revolta naval houvesse dado occasião a diminuir ou mesmo estancarem-se muitas fontes da receita geral, principalmente as rendas de algumas alfandegas, o equilibrio

orçamentario podéra então estabelecer-se pela cessação tambem de muitas despezas dos varios ministerios, cujos serviços pararam n'aquelle periodo de agitação.

Não se pode crêr, por outro lado, que fossem desconhecidos dos auxiliares do Governo os dados positivos do problema financeiro, que eram apontados em toda parte, especialmente nas discussões do Congresso.

A nossa divida externa, que representava um legado da monarchia, não appareceu como um embaraço pavoroso, emtanto que para o pagamento de seus juros e amortização não se tinha de despender mais do que uns 10 % da receita geral, com o cambio ao par, e que para manter o typo d'este, usava-se de cada vez que era preciso, do expediente tornado tradicional de um novo emprestimo estrangeiro em ouro.

Mas, está claro que semelhante divida tinha de transformar-se em calamidade nacional, logo que o pagamento de seus juros e amortização passou, no Governo do Dr. Prudente de Moraes, a representar perto de 50 % da receita geral, em consequencia d'uma baixa de cambio, como nunca se vira no Brazil, e que para reerguer a taxa d'aquelle não se podia ou não devia mais usar o recurso bragantino dos emprestimos inglezes.

As difficuldades da questão financeira, provocadas assim pelo depreciamento do nosso

papel-moeda, augmentavam-se com as que provinham do desiquilibrio orçamentario devido ás seguintes causas principaes: 1.º a desidia inseparavel d'uma administração fraca e que não permittia a arrecadação integral da Receita, nem a observancia estricta da Despeza votada pelo Congresso; 2.º a falta de previsão, ou mesmo de rigor nos calculos das verbas orçamentarias, motivando abertura de creditos extraordinarios; 3.º a imprevidencia na decretação de despezas adiaveis.

No numero d'estas ultimas impressionou muito mal o espirito publico o augmento de gastos de representação para os membros do governo, bem como a acquisição de um palacio presidencial, que embora se pretendesse justificar pelo encontro de contas com um Banco, acarretou todavia avultadas despezas para apropriar o mesmo edificio a seu novo destino.

Foram igualmente mal acolhidas pela opinião a maioria das reivindicações judiciarias e diplomaticas, apresentadas por brasileiros e estrangeiros, que dizendo-se lesados pelos successos das precedentes revoltas, vinham por sua vez vexar a pauperrima Fazenda Nacional com a exigencia de pagamentos extemporaneos.

...Rematava-se essa situação afflictiva para a Republica, com a molestia do Presidente, que

viu-se obrigado a retirar-se temporariamente do Governo.

Havia mezes que soffria da mesma enfermidade de que fôra acommettido Napoleão 3°, e que lhe causava como a este uma invencivel apathia pelos negocios publicos, cuja direcção abandonava a seus auxiliares e a outras influencias. (1)

—

No doutor Manoel Victorino Pereira, Vice-Presidente da Republica, e que assumia o Poder no impedimento do Presidente, podia-se dizer que se realisava o ideal de Platão, que no Governo do Estado queria homens de verdadeiro saber, como consideravam-se os philosophos na antiguidade. (2)

Com uma solida instrucção haurída nas sciencias physicas e biologicas, bases indispensaveis aos estudos sociaes e politicos, a que se entregava com constancia, como provavam seus escriptos e discursos, preciosos pelo estylo e elevação do pensamento, o Vice-Presidente Dr. Manoel Victorino occupou-se desde logo em providenciar com acerto e decisão acerca dos negocios e serviços publi-

(1) Ver no 1.° volume das *Oeuvres Posthumes* do General Trochu, os detalhes sobre a situação do Imperador, no governo, ao declarar-se a guerra em 1870.

(2) V. *Republica de Platão*, livro 5.°

cos, cujo estado ressentia-se da incuria dos precedentes auxiliares do governo.

Substituiu estes ultimos, a excepção do ministro das relações exteriores, recentemente nomeado, por personagens de alto valor intellectual e politico, que podessem ao mesmo tempo servir a causa publica e prestigiar o Governo.

De combinação com as commissões do Congresso, procedeu ao tratamento da crise financeira, deixada ao abandono, notando-se entre as varias medidas adoptadas n'esse sentido, uma grande economia para os cofres publicos realisada com a cessação dos compromissos relativos á Immigração official, tornada desnecessaria, e um precioso meio de augmento da receita geral pelo arrendamento das estradas de ferro da União a particulares.

Foi visivel a mutação operada nas condições do commercio e da Bolsa, n'esse periodo, por motivo da confiança e de esperanças, fundadas no Governo, infelizmente tão curto, do illustrado Estadista Dr. Manoel Victorino.

No dominio politico contribuio elle, tambem grandemente, para restabelecer a união na familia republicana, tornando a chamar para cargos de confiança os cidadãos condemnados ao ostracismo pelo anterior Governo.

Teve o Dr. Manoel Victorino de arcar, em relação a um grave assumpto de segurança

publica, com as consequencias da fraqueza já assignalada da precedente administração.

Nos sertões da Bahia, sabiam todos d'isso, havia-se formado desde mais de um anno antes, um nucleo incessantemente acrescido de fanaticos religiosos e de aventureiros de varia especie, insurgidos contra a ordem existente de cousas e que não foram a tempo debellados efficazmente, quer pela indifferença do Governo da União, quer pela falta do necessario concurso das autoridades locaes.

O commandante de uma pequena expedição de forças do exercito, que vira-se obrigado a bater em retirada, acossado pelo numero d'aquelles fanaticos, bem assim o General Commandante do Districto Militar, na Bahia, haviam debalde chamado n'aquella época a attenção sobre o perigo do arraial de Canudos, accusando mesmo de connivencia as autoridades do Estado.

Com a patriotica actividade caracteristica de seu governo, o Dr. Manoel Victorino fez organisar promptamente uma columna expedicionaria, cujo commando confiou ao intrepido Coronel Moreira Cesar, que foi ouvido sobre a organisação d'essa força por elle julgada sufficiente.

O animo publico achava-se pois tranquillisado com o tino e energia do governo do Vice-Presidente, quando ficou-se surprendido com

a noticia de ter descido a serra de Theresopolis o Presidente Dr. Prudente de Moraes, que incontinente reassumiu o governo, nos primeiros dias de Março.

Coincindiu a volta do Presidente ao Poder com a divulgação da noticia do cruel desastre, soffrido em Canudos pelas forças do Coronel Moreira Cesar, que no assalto do Arraial fôra mortalmente ferido.

Passaram-se por este motivo scenas nimiamente deploraveis na Capital Federal, sómente comparaveis ás que se davam nas cidades incipientes do antigo Far-West, da America do Norte, onde a vingança popular podia exercer-se sem o freio da lei.

Nos Estados, felizmente, o effeito causado pelo desastre de Canudos foi inteiramente diverso: servindo para estimular o patriotismo, e induzindo por isso os respectivos governos a enviarem para o theatro de operações valiosos contingentes de sua força policial, afim de coadjuvar a tropa de linha.

Achava-me então no commando da Escola Militar do Rio Grande do Sul, por nomeação do Vice-Presidente Dr. Manoel Victorino, e não podia reprimir o ardor patriotico dos alumnos.

Declinando o Governo da União meu concurso pessoal, consentiu na partida de grande

numero d'esses generosos moços para a cruel campanha.

A organisação da nova expedição a Canudos ressentiu-se, entretanto, de certa divergencia de opiniões, que pude conhecer, entre o chefe do Governo e seus auxiliares immediatos, na administração da Guerra.

Esse desaccordo, que annullava a competencia profissional, inverteu de tal modo na referida organisação as praxes militares, sobretudo quanto a jerarchia, que alguns generaes recusaram-se a partir, e outros seguiram contrariados.

Felizmente que não podia isso influir sobre o sentimento de patriotismo, de que todos os chefes militares deram prova inexcedivel n'aquella sanguinolenta campanha.

O detrimento irreparavel para a causa publica é o que ia resultar do facto de ter reapparecido com o governo de regresso o regimen de suspeição politica, especialmente quanto aos cidadãos que tinham nota de *Florianistas*.

Esse *modus vivendi* de um genio desconfiado exerceu-se breve em relação aos proprios auxiliares do Governo, tendo de exonerarem-se por esse motivo o General Argollo, Ministro da Guerra, e o General Costallat, Ajudante General, que haviam sido alvo de ovações populares, poucos dias antes.

O motivo official d'essa scisão nos membros do ministerio era tambem de grande significação, n'um momento em que, havendo grave perturbação da paz, se cogitava comtudo de nova reducção do exercito nacional, bem assim de medidas de rigor e repressão concernindo a classe militar.

O primeiro dos Generaes acima, dizia nobrementé em uma carta: «outros que sejam verdugos da classe militar, o seu camarada nunca...»

O outro escrevia tambem n'uma carta:

«Ministro do Marechal, quando em 1894 elle vetou a lei que reduzia o effectivo de nosso exercito, eu não podia como Ajudante General do mesmo exercito concordar com a reducção que se pretendia fazer este anno, em que os Sebastianistas mais do que nunca tão animados do successo se acham; tanto mais quando acabamos de lutar com grandes difficuldades para conseguir os seis mil homens, que agora estão se batendo tão heroicamente nos sertões da Bahia em pról da Republica. Demais, convencido de que a manutenção das Instituições Republicanas e a indivisibilidade da Patria dependem principalmente do prestigio da classe militar, eu não podia concordar com medidas tendentes a diminuir esse prestigio.»

O antagonismo entre o Governo e a opinião republicana, bem assim o desprestigio que se

procurava officialmente lançar sobre a classe militar, em fim a falta de confiança nas autoridades para debellar as difficuldades da situação interna, pareciam proporcionar elementos para um acto revolucionario.

Por isso não causou surpreza, nos Estados, a noticia d'aquelle movimento, que só explodiu, porém, na sublevação da Escola Militar do Rio, em fins de Maio.

Mas, o incidente parlamentar, que acompanhou esse facto, é que tornou-se objecto de muitos commentarios.

O publico parecia convencido da incompatibilidade entre as normas politicas da nossa Constituição e as praticas do parlamentarismo, que se via entretanto terem agora entrada official nas deliberações do Congresso.

De um lado, um deputado amigo da situação e que, portanto, devia-se presumir que agia de accordo com o mesmo Governo e, do outro, o chefe do partido denominado Republicano Federal e *leader* da Camara, assentaram com vistas oppóstas em apresentar uma moção de confiança ao Chefe do Estado!

Com a superioridade de criterio politico, que não se podia contestar-lhe, o Dr. Manoel Victorino, Presidente Constitucional do Senado, não permittiu n'essa casa do Congresso o debate sobre uma moção identica á da Camara, e que tendia a restaurar uma pratica essen-

cialmente damnósa para o regimem republicano. (1)

A votação na Camara dos Deputados provocou a conhecida scisão no seio de um partido, que sempre se assignalára pelo seu apoio ao Governo, mesmo em questões que contrariavam a opinião republicana.

Embóra alguns de seus membros tivessem por vezes mostrado velleidades de independencia de opinião, desistiam da mesma, no interesse do partido, por occasião das votações no Congresso.

Se procuraria vãamente alli a orientação de principios, ou a prosecução de ideaes.

Como o commum dos partidos organisados só em vista do poder, aquelle soffria da myopia politica, que não deixa alcançar além do interesse do momento ou da questão do dia. (2)

A solidariedade de vistas do chefe do mesmo partido com o Governo fôra absoluta, e

(1) «Com um chefe de Estado responsavel, tal como deve elle ser n'uma republica, o systema parlamentar não passa de uma superfetação anarchica». Emile Ollivier, *l'Empire libéral*, tome III, chap. II.

(2) «De tanto explorarem intrigas quotidianas,os politicos de profissão acabam por não vêr mais nada nem preverem além do póstero dia. Tornam-se myopes de espirito, como as pessoas, que servem-se demasiado tempo da lente, ficam myopes dos olhos.»

E. Quinet, *Revol. d'Italie*, livre II chap. IV.

no empenho d'essa adhesão, mesmo aos erros do Poder, elle desenvolvera, afim de conciliar os animos de seus coreligionarios, um assignalado espirito matreiro de velho rapozo politico.

Por isso mesmo julgavam-n'o incapaz das investidas leoninas de um Gambetta, como as que imitou no voto da moção de confiança ao Governo.

O que se passára pois no theatro politico para ter motivado, por assim dizer, uma mudança de representação?

A technologia theatral era devéras apropriada ao caso, pois que tratava-se effectivamente de uma questão de bastidores, por se ter negado um papel principal a um actor, que se achava com direito a represental-o.

Em outros termos, affirmou-se que o chefe do Partido Republicano Federal tivera o desengano de obter em favor de sua candidatura á Presidencia da Republica a intervenção official, que elle havia esperado em troca de seu constante apoio ao Governo do Dr. Prudente de Moraes.

Mas, no que podia isso affectar o interesse geral e justificar uma perturbação da ordem ?

Julgando extemporanea a scisão operada do modo acima nas fileiras do partido Federal, alguns personagens politicos tentaram uma conciliação, que pelo seu fracasso evidenciou o cunho de personalidade impresso á contenda.

Essa mediação offereceu opportunidade de volverem-se mais uma vez as sympathias da opinião republicana para o illustre Estadista Dr. Campos Salles, que pareceu digno de ter seu nome suffragado na futura eleição presidencial, disputada desde já e d'um modo tão trefego por outros chefes menos patriotas.

Infelizmente, resultára tambem do citado rompimento entre os alliados da vespera, a recrudescencia de prevenções contra os republicanos fieis á memoria do Marechal Floriano.

Esse procedimento era de certo injustificavel, porquanto muitos d'aquelles republicanos não estavam filiados ao Partido Federal, e outros não tributavam sympathias ao *leader* vencido.

Não obstante, porém, uma evolução de vinte e quatro seculos, applicava-se integralmente ao Meio brasileiro a sentença, que redigira para o mundo grego o mais sabio pensador da antiguidade:

«Confunde-se geralmente a politica e o despotismo, e o que não se acha nem equitativo nem bom para si-mesmo, não se véxa ninguem de applical-o a outrem; reclama o individuo a justiça para si e esquece-a completamente para os outros.» (1).

(1) V. Aristoteles, *Politique*, trad. franç. Barthelemy Saint-Ililaire, Paris 1837, Tome II Livre IV chap II.

Na época da revolta da Escola Militar do Rio, que foi seguida de igual procedimento da Escola do Ceará, recebi insinuações para fazer sublevar a Escola de Porto Alegre, de meu commando.

Recusei categoricamente acompanhar um procedimento, que tinha reprovado.

A correcção de minha conducta militar á testa d'aquelle estabelecimento e que já merecêra louvor official, não impediu que pouco tempo depois dos successos acima eu recebesse a noticia de minha exoneração, aggravada pelo que considerei como uma ordem de exilio.

A tanto devia equivaler, como uma triste experiencia veio demonstrar, a minha nomeação administrativa para um logar perdido da fronteira.

O espirito egoista de partido podia suggerir aos homens politicos um sentimento de ironia a respeito da abnegação e ardor, com que me viram servir a causa da Republica.

Nunca imaginára eu, porém, que se achasse proscripto de minha Patria o culto d'essas virtudes civicas, penhor da estabilidade de uma republica, e que me tinha sempre inspirado no meio dos acontecimentos, em que tomara insignificante parte.

II

O Alto Parana'

Desde a principal embocadura de seu Delta, remonta-se o rio Paraná, vasto e formoso como um lago, entrecortado de ilhas, n'uma extensão de mais de setecentas e cincoenta milhas de navegação, com o mesmo rumo geral N.N.O., até a cidade argentina de Corrientes, situada em sua margem esquerda.

Acima d'essa cidade, e pouco mais ou menos na altura da barra do Paraguay, seu opulento affluente, o rio Paraná apresenta uma volta muito pronunciada em seu curso, que vem descendo pelo quadrante de léste a oéste, na extensão de algumas centenas de milhas tambem.

Antes de tomar este rumo, o Paraná effectuára uma primeira e importante volta,em que modificou a orientação originaria, que trazia do interior do Brazil.

Nas duas precedentes direcções, especialmente na ultima, tem o rio o nome de Alto Paraná, differençando-se sob varios aspectos essa parte de seu curso da outra,que de Corrientes para baixo só banha terras argentinas.

As barrancas de argila e areia, bem assim as varzeas muito communs,do curso iuferior do rio, são uniformemente substituidas por uma linha de outeiros marginaes, na ultima parte do Alto Paraná, acima de Posadas.

O caracter geral do espraiamento das aguas, n'aquelle primeiro ramo, desapparece de todo no restringimento do caixão fluvial, no ramo superior.

As campinas ribeirinhas, que tanto dilatam a vista na navegação do baixo Paraná, cedem o logar a densas mattas cobrindo os morros, que fecham como de uma muralha a ribeira do Alto Paraná.

Até as enchentes no mesmo rio offerecem diversidade em suas condições naturáes,sendo as de uma parte do curso devidas principalmente á estação das chuvas, no Brazil, e da outra á fusão da neve, nos Andes.

N'aquelle traço de união fluvial, por assim dizer, ligando seus dous ramos principaes e que o curso do Paraná deixa desenhar em seu rumo de léste para oéste, acha-se situada a cidade de Posadas,na distancia approximada

de duzentas e quarenta milhas de navegação de Corrientes.

E' a capital do governo das Missões Argentinas, que constituem um territorio federal ou nacional, estendendo-se para léste ao encontro da ribeira occidental do Uruguay, que n'essa latitude já tem mudado a precedente direcção de seu curso superior, ou ramo oriental, onde só margeia territorio brasileiro.

Todos sabem que é de muito poucas leguas a distancia medeiando entre as curvas fluviaes, que desenham as referidas voltas do Alto Uruguay e Alto Paraná, quando o primeiro desce para o sul, abandonando a precedente direcção de oéste, e ao revés, o outro segue para o oéste, mudando o rumo que trazia de norte a sul.

Em vista da situação e da contiguidade geographicas, pareceria que toda a zona territorial comprehendida, quasi n'um angulo, entre os citados ramos superiores dos rios Paraná e Uruguay, devesse pertencer a uma mesma região physica e politica.

Portanto, sendo brasileiras as terras limitadas alli perto pela ribeira septentrional do Uruguay, ao mesmo dominio nacional deveriam pertencer as que cinge o Alto Paraná em sua ribeira oriental.

Por isso tambem, quando proseguia na viagem aguas acima de Posadas e que, transpos-

ta a volta do rio na altura da Candelaria, encontrava a margem esquerda do Alto Paraná em poder de outra nação, figurava-me ser uma anomalidade a encravação de possessões estrangeiras em territorio brasileiro.

O dominio dos Argentinos n'essas paragens do Alto Paraná representa a parte marginal e, portanto, a mais preciosa, do antigo territorio das Missões, disputado perante o Arbitro norte-americano.

Essa nesga de terra de exiguas dimensões em seu interior, como direi mais adiante, estende-se porém muito a beira do rio, dominando uma navegação de 270 milhas, desde Posadas até a fóz do Iguassú, limite norte da possessão argentina.

Pareciam-me ser já importantes os beneficios de semelhante situação, representados principalmente pela exploração de madeiras e dos herváes missioneiros.

Alguns portos d'essa zona já tinham fiscalisação official, como os de Pirahy e São Lourenço, por exemplo, sendo porém muito mais numerósos outros pontos de escála dos pequenos vapores, que baixavam de lá carregados de herva-matte, ou rebocando balças de madeira de cedro.

Na mesma margem argentina achavam-se installadas usinas para o fabrico do assucar,

prosperando facilmente n'essa região os cannaviáes, e tambem existiam serradeiros de madeira.

Sobrepujavam porém a todos em importancia os trabalhos de exploração das mattas, occasionando a presença alli de uma população fluctuante assás numerosa.

Era a mesma constituida quasi toda de operarios *(peones)*, recrutados em sua maioria entre correntinos, paraguayos e brasilelros.

Estes ultimos, que representavam desertores do nosso exercito ou foragidos dos Estados do Rio Grande e Paraná, eram geralmente de côr preta, e os castelhanos qualificavam-n'os de *morenos*, por um vicio de linguagem, cortezmente ironico.

Os peões apresentavam-se, na passagem do vapor, incompletamente vestidos, primando pelo desmazelo os *morenos*, que substituiam ás vezes a peça principal do vestuario por um saio sem costura, feito de pannos de saco.

E' bem rude a faina d'essas gentes, no serviço do porto, subindo ou descendo com a carga pelo ingreme trilho dos outeiros. que formam as margens abruptas do rio, e expóstos aos ardores do sol n'um clima, que conserva-se quente quasi todo o anno.

Na subida dos vapores, eram mantimentos e utensilios, que esses homens descarregavam e levavam trepando pelo morro acima e, na

descida, embarcavam os saccos de herva, pesando de 45 a 50 kilogrammas, que cada peão carregava ás costas ladeira abaixo.

Em alguns pontos, tinha-se improvisado um plano inclinado, formado de taboas em forma de calha, para fazer descer os saccos de herva.

Os peões mais robustos eram sempre os correntinos, fornidos de braços possantes e pernas musculosas.

Elles e os paraguayos se exprimem na lingua guarany, que ao contrario da opinião, que a julga uma lingua quasi morta, é fallada por milhões de individuos, em toda parte norte da Republica Argentina, entre as classes baixas da população (em Corrientes, até mesmo nas classes superiores), e no Paraguay, em geral.

Pelo que procurei fazer-me explicar, o *guarany*, que fallavam os peões no Alto Paraná, consistia em um dialecto muito corrompido e, consoante o nivel inferior de educação do povo, muito pobre de termos e estes mesmos inçados de chufas, senão obscenidades.

D'ahi a razão da presença de um riso alvar, com que se vê os peões acompanharem a sua conversação, e o alarido quasi bestial com que atroavam seus chamamentos, entre os que estavam a bordo e os que se achavam em terra, e que proferiam em sons quasi só gutturaes, em que não se podia comprehender a existencia de uma lingua agglutinativa.

Aliás, dous vicios muito propagados, o do alcool e o do tabaco negro, concorriam grandemente para conservar e augmentar o torpor intellectual n'essa gente, impedindo-a de sahir de seu estado de barbárie.

As mulheres, companheiras dos *peones*, offereciam geralmente um typo mais desfavorecido pela natureza e que nenhum beneficio recebera da civilisação.

Sem belleza, magras em geral e de uma velhice precoce, quasi sempre de sangue indio, compartilhavam os vicios masculinos de pitar e beber *cãna*.

Vi algumas dessas mulheres com um pobre vestido cingindo-lhes o corpo esqualido, um panno escuro cobrindo-lhes a cabeça e os hombros nús, e que eram levadas de bordo para terra n'uma canôa em forma de esquife, onde iam sentadas tendo um violão sobre os joelhos.

Encontravam-se ellas em pequeno numero nos logares das explorações florestáes, não se mostrando em geral os peões inclinados a contrahir a responsabilidade de uma familia, e de preferencia attrahidos por sua natureza ardente para os prazeres peregrinos e excessivos.

Nos portos de Posadas e Encarnacion arrolavam-se a maioria dos *peones*, adiantando-se-lhes sommas de dinheiro, com que podessem entregar-se a farta orgia nos dias que antecediam o do embarque para o Alto Paraná.

As casas em que habitavam taes gentes, n'essa parte do rio, e que se via no alto dos outeiros marginaes, eram palhoças de varios generos, ou do typo primitivo, ou tendo o tecto vegetal substituido por uma coberta de folhas de zinco; algumas, muito poucas, construidas de madeira.

Todos esses ranchos eram em geral de construcção muito descuidada, porque seus moradores propunham-se occupal-os por pouco tempo, apenas emquanto durasse a exploração da matta proxima e, aliás, serviam mais para depositos do que mesmo para habitação, vivendo a maior parte do tempo os peões ao ar livre, conforme as necessidades do trabalho florestal.

Na margem paraguaya, observavam-se identicos costumes e os peões entregavam-se a iguaes trabalhos, ressentindo-se porem estes da presença de um maior numero de naturáes do paiz.

Elles offereciam um typo de côr mais bronzeada, de cabello hirto, de maior mescla de sangue indio, que dava-lhe menos vigor, tornando-o sobretudo mais lerdo ou tardo nos movimentos.

As habitações eram mais raras na margem paraguya, onde deparava-se tambem com um posto fiscal com o mesmo nome de São Lourenço, que tinha o que lhe ficava fronteiro, na margem argentina.

A autoridade paraguaya gosta de apresentar-se com certo luzimento e, por isso, o escaler em que o capitão do porto vinha a bordo dos vapores era tripulado por marinheiros vestindo uniforme, o que não deixava de impressionar agradavelmente n'essas alturas.

Na região explorada pelos homens, que observou-se viverem n'um estado proximo da barbárie, a natureza mostra-se mais barbara ainda.

Desde acima de Candelária o leito do rio vem se estreitando cada vez mais, até reduzir-se, em alguns logares, a poucas centenas de metros, e nas suas margens levantam-se alcantiladamente, como muralhas não interruptas, os morros e outeiros cobertos de vegetação, onde não se via outros claros além dos que eram devidos á mão do homem, nas roças por elle feitas em torno de sua habitação.

Essa exuberancia vegetal não recreava sequer a vista, porquanto quasi não se devisava mais alli alterósos troncos, sem duvida já abatidos pelos exploradores florestaes, vendo-se mais commumente arvores novas de caule esguio, varias plantas herbaceas, frequencia de taquaráes, e simples gramineas, em baixo, junto d'agua.

Esse ambito selvatico, no fundo do qual viajava pelo mais triste dos caminhos fluviaes, devia sem duvida uma parte de seu aspecto

desolador ás devastações do homem, acima referidas.

Entretanto, mais penosas ainda eram as impressões que produzia, no avistarem-se os logares de culturas, na vizinhança de habitações recem-abandonadas, invadidos por uma vegetação rasteira e tupida, que vinha como uma cruel reprezalia da natureza apagar por sua vez os vestigios do trabalho do homem.

Nos outeiros das margens abrem-se a longos intervallos gargantas, em que correm os maiores affluentes do rio ; e, outras vezes, não se interrompe sequer a alta parede frondósa para dar passagem aos simples corregos, que se via por entre o arvoredo precipitarem-se em saltos no mesmo rio.

Essa paizagem, que desdobrava-se com incessante monotonia n'um panorama pintado de uma só côr verde-escura, muito pouca vida recebia do reino animal.

Por vezes se via, ou antes se ouvia passar a grande altura no Ar um bando de papagaios ; avistavam-se tambem sobre as alvores da ribeira alguns passaros pescadores e, pousados nos bancos de areia, raros pernaltos.

Não tinham as dimensões de seus congeneres do baixo Paraná, os jacarés ou caimans, que tambem não se encontrava estendidos na ribeira como aquelles, mal se lhes devisando

ás vezes a cabeça e parte do corpo esguio á flor d'agua, no Alto Paraná.

Menos desconfiança e receio do perigo mostrava uma familia de *carpinchos* (capivara), que se achava pastando e recreando-se na relva da ribeira, quando passava o vapor.

Tal quietude não era comtudo justificada n'essas paragens,onde encontravam-se canôas tripuladas por gentes indiaticas, que se entregavam de um modo original á caça dos animaes de pello.

Não sendo possivel uma batida regular dentro do matto cerrado, penetrava n'este apenas um homem seguido dos cães, afim de afugentar a caça para o lado do rio, onde esperavam-n'a de emboscada os outros caçadores.

Estes atacavam o animal, quando apparecia na margem, ou perseguiam-n'o de canôa, si tentava atravessar o rio.

Consideravam muito valiosa a captura de um *tapir* (anta), de que vi um esquartejado como uma vitella para servir á alimentação dos peões.

Os veados do matto atravessavam a nado o rio, de uma margem para outra, e n'uma d'essas passagens avistou-se de bordo do vapor um veadinho, que offereceu um episodio interessante de caça.

A distancia de pouco mais de cem metros, desde onde descobriram o pequeno animal,que apenas mostrava fóra d'agua a cabecinha desgalhada, o capitão do vapor e um passageiro fizeram-lhe fogo com armas de caça.

O veadinho, porém, seguiu incolume e ia alcançando a margem argentina, quando, ou por atordoado pelos tiros, ou talvez, de todo inconsciente, não tendo pressentido o perigo, foi agarrado pelo quarto trazeiro por um jacaré, cuja presença perto da terra já havia-se notado na esteira movente d'agua, produzida pelo seu corpo alongado.

Entretanto, um novo tiro partido de bordo salvou a victima, pois que a seu estrondo o amphibio largou a preza, que naturalmente atonita ou tolhida pela dôr, demorou-se ainda instantes a tomar pé em terra, subir por um talude de areia e sumir-se no matto.

Sobre o deposito de areia que as aguas baixas deixam a descoberto quasi todo o anno, junto ás margens do rio, tinha-se ás vezes a illusão da existencia de umas pequeninas moutas vegetáes, que se diria formadas de hervas e flôres, e eram na realidade constituidas de um enxame de borboletas, em que predominavam as côres amarella, azul, rosea e irisada.

Si a vista d'esses coleopteros conseguia impressionar agradavelmente o viajante, havia insectos muito menores, quasi os liliputianos

da floresta, que causavam os maiores tormentos aos passageiros do vapor, durante a demora d'este nos pontos de escala.

Taes eram os *mbareguis*, tão notaveis e temidos que mereceram um nome especial n'uma lingua, que já apontou-se como pobrissima de termos, e que representavam uma especie distincta de mosquitos, privados de zunido e zumbido, e cuja presença, por isso, só sentia-se pelo tacto, na dôr aguda e na ardencia, que esses animalculos produziam, ao sugar-nos o sangue no rosto e nas mãos descobertas.

Sobre os depositos marginaes, já citados, e nos bancos igualmente de areia, que as aguas baixas descobrem no leito do rio, vêm-se infinidades de pedras soltas de differentes tamanhos, attestando acções volcanicas, que arremessaram-n'as para alli, não se sabe d'onde, si é que não desentranharam-n'as do sub-sólo.

Na superficie d'essa rochas de diversa estructura vê-se amiúdo os vestigios do fogo ou da passagem de materias em fusão, talvez attestando-se tambem este ultimo facto em os numerosos furos, de que estão crivadas algumas pedras.

Em alguns assentos de rocha, nas margens, devisam-se linhas horizontaes e verticaes de fractura.

Semelhantes effeitos de phenomenos volcanicos encontram-se em maior numero a medida que remonta-se o Alto Paraná, e ainda terei occasião de fazer observações sobre os mesmos.

N'um rio, que conserva-se baixo na maior parte do anno, a existencia assignalada das areias e pedras tornava penosa a navegação que, aguas acima, constituia um verdadeiro supplicio.

O *vaqueano* (pratico) precisava manter quasi sempre a embarcação no canal da corrente, que precisamente por descer encaixada entre bancos de rochas torna-se muito precipite, oppondo sua velocidade um correspondente retardamento de algumas milhas, em cada hora, á marcha do vapor, que sóbe o rio.

Cordões d'essas pedras encontram-se ás vezes atravessados na propria róta da navegação, a pequena profundidade abaixo da superficie da agua, formando o que chamam de *correderas,* mas das quaes duas ou trez apenas, situadas mais perto de Posadas, requeriam cuidados do pratico.

Esse obstaculo, juntamente com a pouca profundidade das aguas baixas, em alguns logares da mesma róta, apresentando-se á sonda o fundo do leito fluvial com uma grande desigualdade de nivel, pareceu-me que não tornava franqueavel a navegação do Alto

Paraná ás embarcações de arqueação muito superior a cem toneladas.

Quando sobrevinha a noite e que esta não tinha de ser illuminada pela lua, ou não estando o Ar limpo de nevoas e nuvens, para permittir que se aproveitasse a tenue claridade dos outros astros, fazia-se fundear ou antes amarrar o barco ás arvores da ribeira montanhosa, varando a proa na areia.

Era principal causa d'esse contratempo a propria natureza das ribeiras altas e boscósas, que projectavam uma sombra espessa até quasi metade do rio estreito, tornando assim mais densa a escuridão da noite para o navegante.

Outra contrariedade de natureza intermittente, oppósta a essa navegação, é representada pelos ventos do quadrante Norte, muito frequentes nas regiões do Alto Paraná.

Testemunhei casos de violencia d'esses ventos, que mudando-se em temporal obrigavam a amarrar o vapor á margem, e faziam virar canôas, arrebatadas vertiginosamente pela corrente fluvial com seus tripulantes.

Via tambem as mattas da ribeira cruelmente assoladas pela tormenta, apparecendo depois galhos partidos e arvores tombadas, ou antes reclinadas sobre outras, no meio da vegetação cerrada.

Finalmente, mais um grave transtorno para o navegante nasce da frequencia da cerração, que pela manhã occulta todo o rio e suas ribeiras, não deixando avistar, nem mesmo a curta distancia, as sinuosidades de seu curso.

No termo de viagem tão enfadonha e que pelas difficuldades apontadas demorou-se por mais tempo do que o exigido pela distancia, senti a primeira impressão grata, quando enfrentei com a fóz do rio Iguassú, que de bem longe vinha das terras de minha patria.

Mas, um momento de pungente reflexão, em que compenetrei-me da crueza da minha situação de exilado em tão remotos logares, fez-me ver que aquelle rio nada me podia trazer do Brazil, pois que não permittindo, como o Paraná, a navegação em seu longo curso, não me punha sequer em communicação com o meu paiz.

—

Acima da fóz do Iguassú, a ribeira do Paranà apresenta mais largo seu deposito de areia e tambem maior a profusão de pedras soltas, bem como de assentos de rochas friaveis, mostrando tanto aquellas, como estas, vestigios de acções volcanicas.

Nas aguas baixas, descobrem-se tanto essas rochas, que obrigam o vapor a uma larga volta em procura da corrente, e a grande dispendio de tempo para alcançar o porto de desembar-

que na colonia, situado cerca de uma legua apenas da fòz do Iguassù.

Depois de escalar um grande talude de areia, fizeram embrenhar-me por um trilho que guiava na ascensão de alto morro, e que deslisava-se por entre troncos derribados e pelo leito de sangas, galgando depois rampas de enorme declive.

Pensei expirar nessa subida do Purgatorio, que Dante diz apropriadamente situar-se na ladeira d'uma montanha.

Vendo igualmente que renovava-se ás vezes o supplicio de Sisypho para os miseros infantes,que faziam disciplinarmente a escalada do alcantilado morro com pesos ás costas, — um dos meus primeiros actos de autoridade foi de providenciar para que a Arte substituisse por meios mecanicos aquelle cruel processo natural de ascensão.

A illusão de que ia para um lugar de expiação não desvaneceu-se, quando cheguei ao alto da montanha.

Além de uma área de pouco mais de um kilometro, em que apparecia roçado o terreno da séde colonial, devisava-se a orla do matto fechando de todos os lados o horizonte, e formando circulo completo com os bosques da margem opposta do rio.

Era de certo desanimadora semelhante perspectiva,porquanto a floresta representa a rus-

ticidade primitiva da natureza e a bárbarie do homem, (1) a que ella serve de mansão.

Foi-me permittido verificar que na região de meu exilio as mattas estendiam-se, em todas as direcções, n'uma área de muitos milhões de hectares.

Feria-me assim o espirito, pela segunda vez, a dolorosa convicção do isolamento d'esse logar, em relação á patria brasileira, cuja cidade mais proxima, no Estado do Paraná, fica a distancia maior de sessenta leguas, além das selvas invias.

Percorrendo a cavallo os caminhos abertos ou antes cortados no matto, para as explorações, sentia mais enlutado ainda meu pensamento, quando considerava a perpetuidade indefinita da floresta.

Mesmo á beira dos trilhos, que seguia, já se levantavam alterósos, ao lado dos velhos troncos, erectos ou decepados, os caules mais novos de arvores da mesma especie e de longa existencia, táes como cedros, louros. angicos, ipés, cannafistulas, paineiras, timbós e muitas

(1) Isso é um facto do dominio historico, em nossa propria Era chronologica, em relação aos Gaulezes e aos Germanos, por exemplo, e mesmo durante alguns seculos ainda, a seus successores immediatos os Francos e Allemães, no habitaculo das mattas cobrindo então uma parte da Europa occidental.

outras, que serviam por sua vez de amphytriões a numerosas parasitas.

Além das variedades d'essas ultimas plantas que tem suas raizes adherentes ao caule ou aos galhos das arvores, e entre as quaes encontrava-se mais commumente a de flôr encarnada em fórma de espiga de trigo, eram abundantissimos os cipós de adherencia mysteriósa, desde o que figura de corda pendente da ramaria, até o de grossa estructura, parecendo elle mesmo um tronco,e que enrolava-se serpentinamente nos anciões da floresta.

Finalmente, as trepadeiras faziam-me confundir suas flores com as das arvores, que tambem haviam invadido.

Invadindo o proprio caminho, achavam-se as cannas entrelaçadas de numerosas taquáras ; e para se livrar de identica oppressão da matta emmaranhada, uma variedade de palmeira, que crescia tambem no trilho seguido, precisava elevar a grande altura o esguio e fibroso caule, para fazer tremular a céo descoberto o seu cocar de folhas.

Não me era possivel avançar com qualquer tempo nos caminhos florestaes, encharcados pelas chuvas, cujas aguas impregnavam uma terra ordinariamente viscosa.

O chão d'aquella localidade, quasi exclusivamente constituido de barro e humus, não offerecia partes consistentes de qualquer ro-

cha granitica ou calcárea, não se notando alli mais do que pedras fragmentadas nos declives dos terrenos, ou no leito dos numerosos arroios, que regam a floresta.

A configuração geral d'esse terreno, para o lado do Paraná, é a de planaltos ou taboleiros, interrompidos apenas pelas depressões em que correm arroios e sangas.

Sua altitude média é menor de cem metros sobre o nivel normal do rio e sua direcção geral, traçada a principio quasi parallelamente ao mesmo curso do Paraná, afasta-se deste, pouco ao norte da séde colonial, intermeiando-se então até a ribeira outros pequenos taboleiros de nivel inferior.

Do lado do rio Iguassú o terreno desdobra-se com mais ondulações, apresentando porém, na estrada para Guarapuava, algumas rectas de nivel constante em grandes extensões.

Iguaes accidentes notando-se nos caminhos em direcção aos Saltos de Santa Maria, no citado rio, achei apropriado adoptar a denominação de *valles do Iguassú* para designar toda a área de terreno, tendo por limites ao sul e suéste o mesmo Iguassú, ao nórdéste e norte a serra de Maracajú, e ao oéste os planaltos do Paraná.

A vegetação, nos valles do Iguassú, mostrava-se á beira dos caminhos seguidos, identica em geral á que se observava na costa do Para-

ná, com maior profusão, porem, de taquaráes e a frequencia de fetos (cryptogamias vasculares), de que reconheciam-se duas classes,a dos fetos folheaceos ou arbóreos, attingindo alli a tres metros de altura,e a dos fetos *squamósos*.

Os musgos entapetavam o chão tornado mais humido pela existencia da matta mais frondosa, sobretudo nas picadas vizinhas dos Saltos de Santa Maria.

Seguindo as avenidas sombrias, não bastava para desanuviar-me o pensamento o gorgeio e o canto de innumeros passaros, que interrompiam o silencio da floresta, nem mesmo a vista da brilhante plumagem das gralhas e tucanos, que esvoaçavam diante dos passos do cavallo.

Não recreava-me mais o encontro, no caminho, de perdizes, ñambús, pombos e outras aves, que recolhiam-se céleres á brenha, bem como de grandes lagartos, que mais pareciam caïmans e que arrastavam-se impavidos por um trecho ainda da estrada, antes de refugiarem-se no ponto acostumado do matto : no qual, ao envéz sumia-se logo a caça de pello, que sò conseguia devisar a grande distancia.

Mesmo um bando de monos, que via passar pela parte mais alta das arvores,não conseguia prender-me a attenção, não compartilhando eu as opiniões dos modernos naturalistas sobre

a communidade das genealogias simianesca e humana.

Em todo caso, aquelles pequenos specimens dos denominados anthropoïdes, que via deslisarem-se com tanta leveza sobre a superficie exterior da coma frondosa, que mais pareciam voar, e cuja visagem era tão mutavel, em nada se podiam assemelhar com o homem selvagem d'estas mesmas mattas, tardo nos movimentos e caracterisado pela immobilidade da physionomia.

N'essas excursões, em que a tristeza da solidão invadia-me o espirito, sò podia sentir alguma satisfação, quando avistava uma clareira no matto, denunciando a existencia d'uma roça junto á choupana d'um colono.

Alguns europeus, entre os quaes uma mulher, poucos brazileiros, de que apenas um de cor branca, paraguayos tambem em pequeno numero, investiram alli corajosamente com o matto, e n'este abriram claros, embóra de diminuta área, para o plantio de limitadas variedades de cereáes.

Estes cresciam mesmo entre os troncos derribados, que só em longo intervallo de tempo podem ser consumidos pela combustão.

Em clima tão inhospito e natureza tão selvagem, é preciso aliás para a cultura da terra um esforco sobrehumano, a que com difficuldade resistiam esses miseros colonos.

A' temperatura que conserva-se sempre elevada, durante o dia, e que é ainda aggravada pela constancia dos ventos do norte, ajuntam-se com frequencia chuvas torrenciaes, que duram semanas inteiras, com raras intermittencias.

Resultava d'esse calor e humidade, além da maior braveza da vegetação silvestre, invadindo as terras de lavoura, o apparecimento de febres pestilenciaes, acommettendo e prostrando no leito os mesmos colonos.

Devido a identicas causas não era quiçá menor, tanto para aquelles, como para os demais habitantes da localidade, o tormento causado pela geração de myriades de insectos importunos, entre os quáes o nosso conhecido *mbareguy*, que parecia ser originario do territorio do Iguassú, tão numerósa era sua tribu alli e mais feroz do que algures.

Para affrontar um tal Meio que ainda não perdeu sua rudeza natural, não appareciam, entretanto, como os mais apropriados colonisadores, os indigenas das regiões circumvizinhas, nem mesmo seus descendentes mestiços.

Não cabe aqui o desenvolvimento das proposições da sciencia moderna, acerca da degeneração physica e intellectual do homem selvagem ou semi-selvagem, em nossos dias, e que por isso não se julga susceptivel de evo-

lução social, como foi o homem primitivo da época prehistorica. (1)

Esse apercebimento não escapára aliás aos mesmos defensores dos dogmas theologicos, especialmente aos que sabiam alliar uma potente imaginação á observação dos factos.

«Não é possivel, diz J. de Maistre, fitar um instante os olhos no selvagem, sem ler o anathema escripto, não digo sómente em sua alma, mas mesmo na forma exterior de seu corpo.... Mão tremenda pesando sobre essas raças sacrificadas, apaga nas mesmas os dous caracteres distinctivos da grandeza humana, a previdencia e a perfectibilidade.... Desde mais de tres seculos passados o selvagem contempla os europeus, sem ter querido aceitar nada d'elles, excepto a polvora para matar seus semelhantes e a aguardente para matar a si mesmo». (2)

Não me é tambem permittida a digressão historica sobre a improficuidade das tentativas, effectuadas nos ultimos seculos, especialmente por parte das missões catholicas, afim de conduzir á civilisação as pobres raças

(1) V. principalmente o tomo 1.º dos *Principes de Sociologie*, de H. Spencer; trad, franç, edit. G. Bailière, 1879.

(2) V. *Soirées de Saint-Pétersbourg*.

condemnadas d'essas regiões da America, em que se inclue a que descrevo. ( )

Tenho a cingir-me sobre o assumpto ás observações que pude fazer na região do Iguassú, e as quaes foram naturalmente em numero limitado, não sendo proprio dos indios procurarem os logares povoados, onde tenham de sujeitar-se a um trabalho regular, para provêr a sua subsistencia.

Os indios d'essas paragens, na visinhança das duas margens do Paraná, são apenas semi-selvagens, andam vestidos quando podem e vivem, muitos d'elles, em acampamentos ou aldeiamentos provisorios, no meio do matto; mas, conservam de seu estado natural os habitos da vida errante, o que leva-os com frequencia a mudar o logar de seu habitaculo.

Davam-me ás vezes noticia de terem passado para a ribeira colonial bandos de indios, vindos do Paraguay, mas que no dia seguinte não se encontravam mais no ponto indicado.

---

(1) «Contra as patheticas opiniões de um Las Casas depõe o facto da incapacidade do indio para *mota-proprio* sahir da condição de caçador para a de pastor, menos ainda para a de agricultor ; depõe o resultado dos aldeamentos, estereis experiencias que levaram apenas, por um caminho diverso, á mesma escravisação necessaria, predecessora de uma extincção fatal.» J. P. Oliveira Martins : *o Brazil e as Colonias Portuguezas*, pag. 142—3. Edit. Bertrand 1887.

Acontecia, porem, desgarrarem-se d'essas tribus alguns de seus membros, que chegavam até a séde colonial.

Ultimamente, o inferior do destacamento viera apresentar-me um d'esses indios recem-sahido do matto e que apparecera inopinadamente pelo quartel, onde as praças se divertiram em vestil-o com um velho fardamento e coifál-o com um gorro d'infanteria.

O sargento precedendo o indio, entrou para dentro da cerca da casa, fechando sobre si a cancella com uma simples tramela.

Vi então approximar-se do lado de fóra um homunculo disforme e grutescamente fardado, que procurou abrir a cancella, como vira fazer ao sargento; mas que não perseverando n'esse intento, resolveu-se a passar pelo meio da mesma, o que executou esgueirando-se e torcendo o corpo por entre as grades de pau.

Cheirava a caça de monte, e tinha enorme busto, volumoso ventre pendente, cara sem physionomia pela grosseria das feições e ausencia de brilho nos olhos.

Minutos depois, não se encontrava mais na séde colonial.

Vi tambem, quando passavam por debaixo das janellas de minha habitação, uns seis ou sete indios *coroados*, que marchavam em fila, encaixando cada um o passo na pégada do

companheiro da frente, e que se retiravam da colonia, de volta para o matto.

Exhibiam pobremente a céo descoberto seu pequeno e disgracioso corpo no meio da larga avenida, que fizera abrir na entrada da colonia.

Tinham vindo contractar um trabalho, que não lhes confiei, a executar na estrada junto de seu acampamento,nas mattas brasileiras de Catanduvas.

Muito poucos eram os indios, que encontrei estabelecidos no territorio da colonia.

Ainda assim, esquivavam-se a maior parte delles a uma occupação persistente, mesmo os que para lá tinham-se transportado desde a infancia; revelando todos uma tendencia irreprimivel para internarem-se no matto, a cata dos hervaes,ou simplesmente na pista da caça.

Os exemplos,que poderia citar, conduziam-me a considerar o indio como rebelde ao trabalho regular, naturalmente indolente, sem previsão, e muito inclinado aos vicios.

Os indios, que encontravam-se na colonia, constituiam uma raça visivelmente fraca e que, entretanto,o torpor intellectual fazia presumir-se capaz de trabalhos penosos, como fosse a derribada de arvores, em cuja faina observei, porém, que succumbiam amiúdo por doentes.

Bem assim, verifiquei que resistiam menos do que os demais colonos ás intemperies,n'um

clima e n'um Meio, a que deviam esta habituados.

Pareceram-me já ter adquirido a maior parte dos caracteres do homem civilisado, mas com resaibos da indolencia e versatilidade de seus progenitores, aquelles descendentes de indios cruzados com outras raças, que estavam tambem installados na colonia.

Em vista desta succinta exposição ethnographica, concernindo a maioria de sua pequena população, que era effectivamente de origem india, não se devia pois extranhar o estado da colonisação na Fóz do Iguassú, nem a barbarie observada na propria séde colonial, onde as habitações particulares formavam um conjuncto de choupanas e de casinhas de madeira.

Todos os melhoramentos tinham de ser alli devidos quasi exclusivamente á iniciativa ou auxilio da administração colonial, que entretanto não era por seu lado amparada naquelle isolamento pelos poderes publicos do Brazil, que deixavam-n'a por longo espaço de tempo sem receber recursos do interior.

Na falta de braços voluntarios ou de meios para subvencionar o trabalho, precisava-se sujeitar ás mais penosas tarefas os soldados de um pequeno destacamento de linha, que encontravam-se em um verdadeiro degredo n'aquella fronteira inculta.

Privados igualmente de uma prompta assistencia por parte da administração do Centro, recebendo mais vezes apenas os fracos auxilios que podia prestar a direcção colonial, deviam aggravar-se para elles as cruezas do céo e da terra, em um posto perdido n'uma paragem condemnada.

As condições desfavoraveis do clima pareceram-me ser devidas, n'um ponto de vista geral, á posição do logar em latitude muito visinha do tropico, unida á sua pouca altitude e á sua situação mnito intra-continental, bem como á frequencia dos ventos soprando do quadrante norte.

Além dos dados meteorologicos, que já tenho mencionado, deve-se tambem indicar, na atmosphera d'essa localidade, a presença quasi constante das nevoas e da electricidade, que têm, segundo a sciencia, um manancial commum na evaporação.

Esta é naturalmente copiósa n'uma região florestal, como a do Iguassú, demais cortada de muitas correntes d'agua doce e em que conserva-se o terreno encharcado pelas frequentes chuvas. (1)

Durante as tempestades, as descargas electricas eram quasi consecutivas n'um largo

(1) No tocante á electricidade da atmosphera, eis o que diz A. Guilllemin :

«... si a agua que se evapora é pura, o vapor se acha

espaço de tempo, e produziam-se muito perto do sólo, permittindo me vêr de dia claro a producção da scentelha e ouvir o estalido que a acompanha.

As trovoadas acompanhavam alli as menores variações de tempo, tendentes mais vezes para a chuva e, muito raramente, para a secca.

No segundo semestre de 1898, testemunhei por duas ou tres vezes o phenomeno da chuva de pedras, cahindo de uma nuvem escurissima carregada de electricidade e que pairava, havia algum tempo, a pequena altura acima do solo, segundo parecia-me.

As nevoas, que tambem pairavam habitualmente na atmosphera daquelle logar, proporcionavam algumas observações curiósas, principalmente de noite.

---

no estado natural ; porém si aquella contém sáes em dissolução, o vapor está carregado de electricidade», e depois de alludir á evaporação das aguas do mar, como causa constante d'essa producção electrica, continúa : «porém as aguas doces nunca são puras ; os terrenos impregnados pelas chuvas se acham no mesmo caso, e essa primeira fonte de electricidade bastaria para explicar a tensão positiva das altas regiões do Ar. O mesmo acontece com o acto da vegetação, que consiste em acções chimicas productoras de electricidade ; o acido carbonico proveniente de toda classe de combustões leva tambem ao Ar electricidade positiva, ficando no sólo a negativa.» El *Mundo fisico*, trad. hespanhola. Tom. 3.º, pg. 234. Edit. em Barcelona. 1883.

Então, o nevoeiro tapava desde as primeiras horas o brilho dos astros, cuja luz, porém, coava-ve debilmente por entre os flocos dos vapores, vindo a desenhar no fundo destes as sombras aéreas de animaes e plantas, que deviam encontrar-se no terreno visinho.

Igual phenomeno reproduzia-se com qualquer claridade batendo sobre esse fundo esfumado.

Uma noite, tendo collocado uma luz sobre um movel junto a uma janella de meu quarto, situado no alto da casa, abri as folhas daquella e não fiquei pouco surprendido, vendo do lado de fóra o vulto de um homem.

No exterior reinava densa cerração, cujos vapores de um branco mate, encaixando-se no marco da janella, figuravam a modo de um espelho embaciado, em que se refractára confusamente minha propria imagem.

Nas noites de luar, além de observar-se o phenomeno muito conhecido do *hallus*, vê-se a refracção dos raios de nosso satellite nos vapores da atmosphera produzir arcos-iris.

Assim, vi aquelle astro,que acabava de despontar no fim da avenida, contigua á casa de minha residencia, provocar na frente desta a formação de arcos luminosos de duas ou tres cores, cujas extremidades tocavam no chão e que desenhavam-se nitidamente na atmosphera cinzenta de uma noite chuvosa de Setembro.

Não podiam de certo me ser tão gratas como as precedentes impressões, as que resultavam do despojamento dos vapores da atmosphera, deixando a descoberto a terra sem horizonte do logar de meu desterro.

A baça claridade de nosso satellite projectava-se sobre a floresta circumdante, que parecia então cingir de mais perto o logarejo, devido a sombra alongada de suas arvores.

A nevoa, que havia baixado rente com o chão, estendia-se pelo terreno roçado e por dentro do caixão do rio, branca como um lençol envolvendo aquella natureza exanime, sobre a qual a lua espargia clarões lividos.

III

Duas catastrophes

Baixando das mattas do Alto Paraná, sentia-se indescriptivel satisfação quando deparava-se na margem do rio com a cidade de Posadas, que juntamente com a fronteira villa de Encarnacion. no Paraguay, formavam os unicos centros de civilisação, em taes regiões.

Em baixo das collinas demorava a povoação do porto de Posadas, agglomeração de palhoças, habitadas por todos que tinham interesse no movimento das embarcações, e que contava tambem as casas da prefeitura (capitania) e da alfandega.

Duas ladeiras conduziam á cidade situada n'um chapadão, e que era precedida de um cordão de palhoças tambem, mostrando, porém, logo em seguida, o desenvolvimento progressivo, que tinha tido, no periodo de pou-

cos lustros, em suas ruas largas, alinhando casas de tijolo, quasi todas de um só pavimento e sem pintura, bem assim nos tres grandes edificios publicos, que contava, o palacio do Governo, a Escola e o quartel, finalmente n'um bonito jardim sito na praça principal.

Vivendo sob um regimen politico excepcional, o de uma *Gobernacion* quasi discricionaria, na ausencia de assembléas locáes, Posadas e seu territorio pareciam comtudo em vias de prosperidade industrial e commercial.

Ouvia, porém, commentar-se muito os conflictos entre o poder executivo, tendo alli attribuições latas, e o poder judiciario, quasi subordinado ao primeiro e representado só por um juiz federal removivel.

Sem embargo d'essa scisão entre o representante da autoridade e o da justiça, e que era susceptivel de abalar a garantia das liberdades individuaes e da propriedade,—o commercio já se expandia em larga escála n'uma cidade relativamente pequena, onde causava surpreza encontrarem-se casas de negocio importantissimas, gyrando com capital de centenas de milhar de pesos.

Esse commercio, com poucas excepções, estava em mãos de hespanhóes, que na Republica Argentina parecem tão numerósos e dados aos negocios, como os portuguezes no Brazil.

A mesma viagem ao Alto Paraná déra-me a explicação da existencia de tão grandes depositos de mercadorias, em Posadas, destinando-se principalmente ao supprimento de vestuario, alimentação e utensilios, á numerósa população fluctuante dos operarios, empregados nas explorações das mattas, até o territorio brasileiro do Iguassú, inclusive.

Quasi todos aquelles abastados negociantes de Posadas eram donos ou arrendatarios de vastissimas zonas de mattas, tanto na margem argentina, como na paraguaya, e alguns eram igualmente os proprietarios dos pequenos vapores, que faziam a navegação do Alto Paraná.

Arbitros assim dos abastecimentos e dos meios de transporte, senhores já ou arrendatarios da terra, mantinham esses capitalistas n'um verdadeiro regimen de feudalismo a população operaria do mesmo Alto Paraná, para o que encontravam apoio em disposições especiaes das leis e praxes das duas republicas vizinhas.

Além das alludidas industrias extractivas da herva-matte e da madeira de cedro, nas mattas do norte, e da cultura das terras mais ao sul, na pequena lavoura, para cujo fomento o proprio governo concorria com o estabelecimento de colonias, os habitantes do territorio de Posadas occupavam-se principalmente da industria pastoril.

Os arredores de Posadas eram campinas de horisonte illimitado, que desdobravam-se alèm por leguas e leguas com suas ondulações de coxilhas, e povoadas de estancias de gado.

Constituia este um objecto de exportação para o vizinho Estado do Rio Grande do Sul, de onde passavam com frequencia o Uruguay patricios nossos, que exploravam semelhante ramo de negocio.

Esses estancieros ou tropeiros vinham só de passagem, mas muitos outros brazileiros, em numero de milhares, haviam emigrado,sobretudo desde os tempos da ultima revolução rio-grandense, para se entregarem na campanha argentina não só á mesma industria pastoril, senão tambem á lavoura e a varias profissões.

E comquanto fornecessem braços uteis ao engrandecimento de sua região, as autoridades argentinas não pareciam ver com bons olhos a presença d'esses brazileiros, que ellas procuravam tornar victimas expiatorias de todos os crimes praticados pelos habitantes dos districtos ruraes de Posadas.

Os nossos patricios deparavam, porém,com um advogado incansavel, em nosso consul, Sr. Pedro Pinheiro Guimarães.

Mas, na cidade era irreprehensivel o acolhimento hospitaleiro em relação aos habitantes de todas as nacionalidades, muitos dos quaes

se encontravam alli como na povoação de um oasis, em proseguimento de uma viagem para o deserto, figurado no Alto Paraná pela braveza e solidão das mattas.

Não era igualmente grato, porém, o clima de Posadas, quasi sempre quente como o do Iguassú, relevando aliás das mesmas condições mesologicas d'este, concorrendo todavia uma outra causa local para a elevação da temperatura.

N'esse ultimo sentido, já assignalei a ausencia de mattas em redór de Posadas, mesmo na margem do rio: substituidas pelos campos de relva, que apresentão essas vastidões chãs e ermas de vegetação arbórea, apontadas desde A. Humboldt como factores das seccas prolongadas, que assolam algumas regiões da America Meridional.

Em grande parte do anno são de facto muito raras as chuvas, em Posadas, onde tambem se observa pouca nevoa no Ar, que conserva ordinariamente uma grande transparencia.

Assim, admirei muitas vezes, ao cahir da tarde, a côr vivida do céo, em que iam apparecendo com brilho intenso os astros, o que forneceria a um poeta lyrico a imagem de estrellas de ouro bordadas a relevo em velludo azul.

O movimento urbano e a propria actividade laboriósa dos habitantes ressentiam-se da alta temperatura, reinando durante o dia.

Fugindo d'uma atmosphera abrazadora, que podia apenas dever a agitação de suas molleculas a ventos mais cálidos ainda, e na qual encontrava-se sempre em suspensão grande quantidade de pó,--não era de admirar que os moradores da cidade deixassem desertas suas ruas, depois da hora *meridiana*.

Encontravam elles em suas residencias mais attractivos, nos pateos e qnintaes, encerrando profusão de jasmineiros, de roseiras e de flores de latada, juntamente com arvores de fructas.

Entre estas ultimas predominavam as larangeiras, que nunca se podava, para que a sua sombra, durante as horas da sésta, e a sua folhagem, á noite, protegessem o somno dos descendentes de andaluzes e arabes, embalado ás vezes pelo som da guitarra ou do bandolim.

A convivencia em semelhante Meio não podia deixar de offerecer algum encanto, a quem acabava de achar-se no isolamento barbaro de uma região de florestas.

Esse contentamento de viver devia, porém, desfazer-se para mim com a rapidez d'uma illusão, em presença de duas catastrophes, que vinham, com breve intervallo de dias, uma da outra, golpear-me de novo em minha carreira

publica e, mais cruelmente ainda, em minhas affeições domesticas.

—

Achava-me de passagem na cidade de Posadas, quando o nosso consul communicou-me a noticia, recebida em telegramma do Rio, sobre o attentado de 5 de Novembro de 1897, do qual salvára-se o Presidente da Republica e em que succumbira, victima do dever e da honra militar, o Marechal Machado Bittencourt.

Profliguei esse assassinio politico, que era, após tantos outros desatinos, o maior attentado que se podia inscrever á conta das facções demagogicas, que andavam desenfreadas no Rio de Janeiro, desde que regressára ao Governo o Dr. Prudente de Moraes.

Esse caso era uma repetição torpe de iguáes attentados commettidos com resultado fatal, um em tempos anteriores contra a vida do Presidente da Republica Franceza, e o outro n'esse mesmo anno contra a vida tambem do Presidente da Republica Uruguaya.

Era uma imitação duplamente infeliz de homicidios, que não haviam assegurado nenhum triumpho para a causa ou para as aspirações de seu mandatarios.

Todos esses expedientes sanguinarios vinham aliás depór gravósamente contra as republicas, que no fim do seculo XIX reno-

vavam as mesmas praticas das republicas italianas de seculos menos civilisados, contra suas autoridades eleitas.

Esses e outros ensinamentos da Historia, que acudiam-me á lembrança, confirmavam o juizo acerca da improficuidade da maioria dos assassinios politicos, sobretudo quando revestidos de publicidade.

Nos proprios escriptores revolucionarios encontram-se declarações em identico sentido, tal como a seguinte que foi inspirada a H. de Rochefort pela tentativa de Orsini contra a vida de Napoleão 3.º :

«O maior inconveniente do assassinato politico é de ser quasi sempre inutil e subsequentemente perigoso, pois que impelle quasi invariavelmente a medidas reaccionarias.» (1)

Precisamente em relação ao caso brasileiro, não foram poupadas as medidas de reacção,

A Policia, que não soubera prevenir o torpe attentado, entregou-se depois da execução d'este a um tal excesso de zelo, que pareceu suspeito.

Como si obedecesse a uma senha, precipitou-se á destruição d'uma typographia, em que se imprimia o orgão do partido adverso á situação, e promoveu tenaz e quasi exclusiva

(1) V. *Aventures de ma Vie*, tome 1er.

perseguição contra os membros d'esse mesmo partido.

Antes e depois de declarado o estado de sitio, a Autoridade allegando o pretexto das pesquizas concernentes á conjuração, usava ella mesma de uma medida revolucionaria, applicando a lei sobre os suspeitos a pessoas de todas as categorias sociáes, inclusive representantes da nação.

Quasi todos esses cidadãos encarcerados a torto e a direito pertenciam ao Partido Republicano Federal, ou a grupos politicos alliados do mesmo.

Das regiões afastadas de meu exilio, podia ainda assim julgar a improcedencia d'aquellas medidas arbitrarias d'uma repressão imaginósa.

Quem quer que tivesse acompanhado de perto as agitações do espirito publico, que assignalaram quasi todo o periodo presidencial do Dr. Prudente de Moraes, não podia desconhecer a existencia,na Capital Federal, de elementos perigósos que encontravam-se na bagagem dos partidos politicos.

A Policia, que não podia ignorar a presença d'esses subversores em repetidas occurrencias, temia-os talvez e, por isso, não se empenhava em desmacaral-os ou apprehender.

Afóra as agitações a que já alludiu-se n'estas paginas, e a outras tambem do dominio

geral, existiram por vezes sérias ameaças de perturbação da ordem publica, que só não realisaram-se, devido a intervenção particular.

Eu mesmo, quando mais accesa achava-se a questão da Ilha da Trindade, ouvi e contrariei um plano inteiramente subversivo, consistindo em quebrar os escudos das armas britannicas, onde quer que se encontrassem, bem assim em depôr do governo o Dr. Prudente de Moraes,por meios que tambem não eram brandos.

Na simples ordem dos factos realisados, porém, e como signal dos tempos, nada de mais caracteristico do que o assassinato politico do Coronel Gentil de Castro: crime esse perpetrado por diversos individuos pertencendo ás facções demagogicas, e que a Policia deixou ficar impunes, no mesmo anno em que devia dar-se o attentado do Arsenal de Guerra.

Ha sem duvida anarchistas em Politica, como ha no Socialismo,não se podendo porém tornar responsaveis, pelos excessos d'aquelles, as seitas ou os partidos regularmente organisados. (1)

Assim, os golpes que, a proposito do acon-

(1) Não adopto a subtileza da argumentação do Sr. A. Serpa Pimentel, que n'um livrinho procura resalvar da proscripção o principio theorico do—*Anarchismo*.

tecimento de 5 de Novembro, pretendia a autoridade vibrar sobre a reputação e liberdade de seus adversarios politicos, pareceriam n'outra qualquer occasião botes de esgrima em moinhos de vento.

N'aquelle momento, porém, só podia ser de indignação o sentimento que experimentava-se, quando se via o ardor policial exercitar-se de preferencia contra homens, que gozavam de verdadeiro prestigio, não só a testa de seu partido, como tambem aos olhos do paiz inteiro.

Finalmente, podia dar um testemunho pessoal da moderação de opiniões e sentimentos dos principaes chefes de um partido, a que se queria imputar um crime infame.

Passando pelo Rio de Janeiro, antes de seguir para o exilio, em Agosto de 1897, procurei ouvir sobre a situação alguns d'esses chefes do Partido Republicano Federal.

O ex-*leader* da maioria na Camara confiava na victoria do candidato do partido, na proxima eleição presidencial: o que faria, dizia elle, os dissidentes do mesmo partido voltarem aos antigos arraiaes, e o Presidente Dr. Prudente de Moraes encontrar-se sem apoio, tendo assim de passar talvez o governo a seu substituto legal.

Era, sem duvida, um recurso todo constitu-

cional, mas sem o merito sequer de originalidade, calcado evidentemente no obsoleto regimen parlamentar.

Outro influente chefe e representante do Rio Grande do Sul confiou-me o seguinte facto, em que elle interviera em defeza da ordem constitucional.

—Pouco tempo antes, foram chamál-o uma noite para comparecer n'uma reunião, de que não tivera aviso anterior, e onde encontrou congregados todos os elementos precisos e sufficientes para a deposição immediata do Presidente da Republica. Elle e um Senador, tambem com muito prestigio sobre os assistentes,reprovaram e obstaram um movimento sedicioso, que no dia seguinte não se saberia justificar aos olhos do paiz com os unicos motivos, que allegavam os interessados.

Durante minha visita, esse mesmo chefe riograndense, pronunciando-se sobre a situação politica, não previa nenhuma solução immediata:

—Fazia obra apenas com a pressão da opinião; declarava não poder o Partido dar apoio publico á deposição do Governador da Bahia, que suppunha-se que seria effectuada pelas forças expedicionarias no regresso de Canudos; e, finalmente, contava mais que tudo com as difficuldades da situação fi-

nanceira para induzirem o Dr. Prudente de Moraes a resignar o Poder. (1)

O problema financeiro era tambem o que preoccupava o Vice-Presidente da Republica, Dr. Manoel Victorino Pereira, no qual admirei de perto o Estadista circumspecto e talentoso, como se fizera sempre notar em publico e, sobretudo, em sua curta passagem pelo Poder.

Fòra da questão de finanças, a que elle-mesmo proporcionára solução nos poucos mezes de seu governo, encontrei-o muito reservado e discreto no tocante a qualquer assumpto politico, e tachou de inconstitucionaes todas as soluções, que lhe referi como lembradas então pela voz publica.

Em confronto com as opiniões e sentimentos, que conhecia pessoalmente, dos chefes de um partido, contra o qual assanhava-se o zelo da Policia, não podia explicar-me as suspeitas autoritarias de que o mesmo era objecto, senão

(1) Esse ultimo ponto acha-se patrioticamente elucidado n'uma carta, que no mez seguinte escrevia-me o mesmo illustre chefe : «O arrendamento, ulima taboa de salvação, a que se apega o Governo, parece se afundará. A administração, imprevidente e inepta, debate-se na miseria e na insolvabilidade. Morrerá garroteada pelo deficit, prenuncio da bancarrota, que não soube evitar. E' nma desgraça nacional, que nos afflige, mas que não é irreparavel, retirando-se os incapazes que em vez de administrar, lembram-se de fazer politica reactora, n'este critico momento».

pelo plano de imprimir-lhe o ferrete da ignominia, inutilisando-o para a representação da Republica.

Era um ápice de vingança politica, excedendo mesmo os peiores actos suggeridos pelo encarniçamento das rivalidades partidarias, nos ultimos tempos do segundo imperio.

Sentia que uma tal iniquidade, exercida contra uma classe inteira de cidadãos, vinha aggravar minha propria situação já desfavorecida.

Humilde exilado, não podia mais nutrir a esperança de vêr abreviarem-se es dias de meu afastamento da Patria, quando os homens mais conceituados por seu civismo e ao lado dos quaes havia servido os interesses da Republica, achavam-se ameaçados de identica pena de proscripção.

—

Outro golpe mais intimo devia tambem ferir-me em Posadas, para onde transportara-me de novo, afim de assistir á agonia de minha esposa D. Maria Magdalena.

Não querendo expol-a em seu delicado estado de maternidade ás privações do logar de meu exilio, preferira deixal-a em companhia dos filhos n'um centro civilisado, onde porém, eram muito deficientes os recursos da Sciencia

Tive assim, em meio dos dissabores de uma proscripção immerecida, a sorte muito mais cruel ainda de perder a que fôra minha constante e estremosa companheira durante vinte e tres annos, em que os dias de adversidade contaram-se em maior numero.

Na noite, em que velei o despojo, de que se ausentára o que produzia os pensamentos e os affectos na esposa intelligente e dedicada, não podia obstar a que de meu animo dilacerado pela dôr se exhalassem as mais acerbas recriminações contra os autores de minha infinita desgraça.

Constituia de certo uma monstruosa injustiça, mais usual nos antigos regimens de governo, a imposição de penas que puniam conjunctamente o proscripto e sua familia.

E' porém uma ironia mais revoltante ainda, da parte dos governos de hoje, a allegação de não inscrever-se mais do que um nome na lista de proscripção, quando a união natural dos membros de uma familia leva-os a compartilharem as mesmas vicissitudes, inclusive a de acompanhar o esposo e o pai no exilio.

Ha tambem requinte n'essa crueldade, calculada friamente, em que, junto com o afastamento, procurou-se o soffrimento do exilado e de sua familia, na escolha do logar do desterro, em paragens reconhecidamente inhospitas.

Isso encontaria apenas parallelo no procedimento desses imperadores romanos, que se pretende todavia apontar como os despotas por excellencia, e que baniam seus desaffectos para as ilhas solitarias do Mediterraneo, ou para as selvas da Thracia.

Assim, vi tombar no caminho do cruel exilio, que seguiamos juntos, a innocente victima do despotismo politico, que infelicitava nossa Patria.

Uma Vontade Incognoscivel dispuzera o sacrificio só da esposa dedicada, deixando-me porém tão abatido pelo mesmo golpe, como si me achasse igualmente privado de alma.

IV

Pelo Rio da Prata

O tedio da vida passada no matto e, mais do que tudo, o desalento causado por minha recente catastrophe domestica, fizeram-me aproveitar a occasião de voltar ao Brazil, em viagem de serviço publico.

Descendo o rio, além de Posadas, sentia desafogar-se meu animo em presença dos dilatados horisontes, que apresentava a perspectiva das margens descobertas, substituindo os morros boscósos do Alto Paraná, e ante o espraiamento das aguas, que não corriam mais em apertado caixão.

Uma grande *corredera* na frente dos canaes de tres ilhas vizinhas difficulta, na maior parte do anno, o passo do rio ás embarcações de grande porte.

Sobre as barrancas fluviáes vão-se avistando á esquerda logares de pouca importancia material, mas de grande renome historico, como Ituzaingo e Passo da Patria, e a vinte milhas de Corrientes depara-se á direita com a fóz do rio Paraguay, que liga tambem seu nome ás precedentes tradições de uma guerra cruel.

Apenas havia parado o nosso vapor, em frente de Corrientes, quando para bordo de um outro pequeno vapor, atracado em baixo de um alto trapiche, viu-se saltar um bando de soldados em uniforme de brim, que precedidos de musica tinham-se acercado rapidamente do porto.

A sofreguidão d'esses guardas nacionáes não lhes consentindo procurar as escadas e pranchões de embarque, fazia pular os mais ageis, e os outros descerem agarrados aos esteios e travessas do trapiche. para dentro da embarcação, que devia levál-os aos campos de manobras, perto de Buenos Aires.

Em terra, notava-se tambem grande animação na palestra dos habitantes, tanto nacionáes como estrangeiros, a respeito das probabilidades d'um rompimento com o Chile.

O pundonor e o vigor dos Correntinos deviam assegurar por parte d'elles um valioso concurso ao exercito argentino.

A sua propria terra é bem ardente, e tem reputação de calor entre todos os pórtos do Paraná.

Os habitantes procuravam, como os de Posadas, uma temperatura mais amena no interior de suas casas, que deixavam o menos que podiam, adaptando-lhes o uso oriental dos *patios*, em que se cultivavam flôres.

De facto, pelas ruas poucos *caballeros* se encontravam, vendo-se quasi só *peones*.

No mercado era grande a concurrencia pela manhã, avultando, porém, o numero de mulheres indias, que iam descalças, com um pedaço de panno preto cobrindo-lhes a cabeça e os hombros ás vezes nús.

Entretanto,Corrientes apresentava-se como uma cidade que progredia, estando-se a calçar de pedra suas ruas atulhadas de areia, e o numero de casas de construcção moderna sobrepujando já de mnito os antigos casebres com alpendre na frente.

O Governo achava-se installado em um bonito palacio, e sustentava uma Escola Normal muito conceituada.

Era magnifica a situação do passeio publico na encosta de uma collina, do alto da qual estende-se muito a vista sobre o rio, que em frente de Corrientes apresenta uma largura de cerca de duas milhas.

Proseguindo a viagem, passa-se junto de altas barrancas d'uma côr avermelhada, expressivamente denominadas de *Cuevas*, nome que retraça á memoria mais um episodio da campanha do Paraguay.

Faz-se escála no porto de uma povoação situada tambem n'um terreno elevado, e que por isso tem o nome de Bella Vista.

Sente-se mais, não poder vêr, devido a sua situação afastada da ribeira, as cidades florescentes de Goya, embòra muito clerical, La Paz e Paraná, importantes centros politicos e commerciaes.

Acrescentaudo-se a essa enumeração alguns portos de escála, de importancia secundaria, uns com povoacões afastadas, outros tendo-as na ribeira, pude formar-me uma idéa da expansão civilisadora na margem argentina do grande rio.

Em alguns logares, as barrancas constituidas de camadas sobre-postas *(strata)* de areias, *humus*, argillas, calcareos, etc., que exhibem a nú, por effeito dos desmoronamentos devidos á acção das aguas, têm revelado a sabios viajantes a presença de terrenos fossiliferos.

Cedem por intervallos o logar a terrenos baixos, que o rio inunda, muitas vezes, até grandes distancias em seu interior.

A propria navegação é accidentada pelos

canaes existentes entre as numerosas ilhas e, ás vezes, entre simples bancos de areia.

Na margem esquerda situam-se as terras ferazes da provincia de Entre-Rios, que a beira d'agua, porém, sò exhibe campos de pastagens.

Proximo á cidade do Rosario, na margem direita, as barrancas elevam-se muito, e por isso via-se baixarem dos armazens ou depositos, situados no cimo, os fardos de mercadorias deslisando por extensos planos de taboas até dentro das embarcações amarradas á praia.

O numero d'estas era grande, attestando a approximação de um importante porto commercial.

Em um ponto de nivel inferior, o nosso vapor atracava, felizmente, n'um trapiche, em frente da alfandega.

Na praça contigua achava-se um batalhão fazendo exercicios.

Subindo em carruagem para a cidade, vi irromper d'um edificio outro batalhão, com destino a marinha este, e que descia tambem para os exercicios, na praça do porto.

As principaes ruas da cidade eram calçadas de madeira em forma de parallelipipedos, algumas bem animadas e com bonitas lojas, como as de *San-Martin* e *Cordoba,* que á hora meridiana, com os toldos de lona baixa-

dos diante das portas de suas casas de sotéas, figuravam extensos bazares.

Notei a existencia de um boulevard recentemente arborisado, circumdando parte da cidade.

Eram numerósos os edificios particulares de bonita construcção, e creio que fosse unico em seu genero o hotel de estylo mourisco, onde, alem de todas as commodidades e luxo desejaveis, o viajante deparava com uma bibliotheca n'um salão de leitura.

Afóra das linhas de vapores, uma estrada de ferro põe em constante communicação a cidade do Rosario e a Capital da Republica, com quem a primeira procura rivalisar em progresso e magnificencia.

De volta ao porto,costumava-se passar pela frente d'uma igreja matriz, edificio sem estylo architectonico, mas tendo por cima do portal esta inscripção : *Domus Dei et Porta Cœli.*

Essas exhibições parecem proprias d'uma fé ingenua, porquanto a instrucção tende a nos tornar mais reservados no tocante ás nossas crenças.

Com quinze horas de navegação mais, transpõe-se a fóz do Paraná-Guazú e, vinte e poucas milhas além, passa-se a óeste da Ilha de Martin Garcia, no estuario do Prata, a qual continha, não só edificios do Governo Argentino, como tambem artilhamento, o que pare-

ceu-me não harmonisar-se com os tratados internacionaes em vigor.

Cerca de duas horas depois, enfrenta-se com a cidade de Buenos Aires, grande emporio commercial, sito a beira d'agua, como a Tyro dos Phenicios, assemelhando-se tambem o golfão do Prata a um Mediterraneo menor, na America Meridional.

Vista de bordo,é muito extensa a perspectiva que offerece a cidade, situada em suave declive de coxilhas, e da qual destacam-se por suas proporções monumentaes os edificios modernos e as altas chaminés de vastas fabricas, em meio dos terraços ou sotéas da casaria antiga, que mais retraçam á imaginação a origem andaluza-arabe do povo platino, á qual parecem render igual homenagem as cupolas, zimborios e flechas, perpetuadas no estylo architectonico contemporaneo.

O vapor atracou a uma armação de madeira formando caes, na margem do canal,que constitue o moderno porto e que, juntamente com o de La Plata, mais ao Sul, offerecem hoje um seguro fundeadouro aos navios mesmo da carreira transatlantica.

Para o grande trafego do porto, a Estrada de Ferro tinha prolongado suas linhas até o cáes.

Os *tramvias* (os nossos *bonds*) e numerosos *coches*, affectos especialmente ao serviço do

porto, occupavam-se em incessante movimento de embarque e desembarque de viajantes.

Atravessava-se em seguida uma grande área de terrenos baixos,conquistados sobre a agua, e de que alguns estavam ainda recebendo aterro e outros já supportavam monumentaes construcções adaptadas ás necessidades do porto, taes como armazens de muitos andares, até onde subiam as mercadorias içadas por guindaste.

No vasto aterrado, salientavam-se tambem dous grandes edificios, erguidos para destinações diversas, mas igualmente caracteristicas da civilisação contemporanea,um para officina de electridade, e outro para fabricação de papel-moeda.

A' medida qne sobe-se para a cidade, vão-se succedendo as mais agradaveis impressões pelos melhoramentos materiaes, que sabe-se serem devidos ao bom gosto de seus habitantes alliado á solicitude da municipalidade.

Esta ultima é incansavel no embellezamento e aceio dos logradouros urbanos, que em cada anno quasi offerecem uma novidade aos olhos do viajante.

Em uma precedente viagem, quando encaminhava-me para o desterro, havia admirado o calçamento de parallelipipedos de madeira em suas principaes ruas e avenidas : mezes de-

pois, encetava-se a substituição d'aquelle por uma especie de concreto de asphalto.

Os particulares têm edificado, aos lados das bellas avenidas, magnificos palacios rivalisando em altura e belleza, principalmente na *Avenida de Mayo*, onde vêm-se quadras inteiras de casas obedecendo ao mesmo módulo architectonico.

E' soberba a perspectiva d'essa avenida, enfiada desde a praça Victoria, que apresenta tambem um bello aspecto, ladeada de palacios e com seu jardim ornado de estatuas equestres e do monumento de *25 de Mayo*.

N'essa mesma praça, as arcadas de uma galeria coberta occupam parte de dous dos seus lados, de que a parte restante ostenta grandes hoteis, emquanto que em toda sua face do norte estende-se a elegante edificação do Palacio do Governo e, finalmente, na face do óeste situam-se a cathedral, de estylo grego, e os magnificos predios da séde de companhias e bancos.

Esses palacios bancarios da praça fazem esquina com uma rua occupada igualmente, em suas primeiras quadras, por outros Bancos, qne rivalisam pela sumptuosidade de seus edificios, revestidos até grande altura de pedras-marmore de variadas côres.

Confesso minha predilecção esthetica pelas obras architectonicas, não só porque, em as-

sumpto de bôas ou bellas-artes, julgo que é apenas na architectura que o homem conseguiu realisar, senão exceder suas concepções, como tambem, porque no levantamento artistico de seus palacios e templos é que seu orgulho, em desproporção com sua exigua estatura physica, deve-se ter achado satisfeito em rivalisar com as forças da natureza, que levantam massas informes acima do chão.

A tanta elevação architectonica não ascendem, de certo, os edificios em Buenos Aires, que sem embargo da reminiscencia arabe-andaluza dos *patios* e sotéas de grande parte de sua casaria, reproduzem na sobriedade das linhas a construcção européa contemporanea, constituindo os ornatos um accessorio, esculpidos ou cimentados na fachada principal, as pilastras substituindo geralmente as columnas, ou ás vezes empregadas estas em meio relevo, poucos balcões, com ou sem cariatides.

Acrescente-se a essa descripção o uso das persianas nas janellas, e se julgará vêr as casas do centro de Paris.

A avenida de Maio, ostentando essa casaria nova de muitos andares, tem um prolongamento em outras ruas *boulevardisadas* e em novas avenidas, até o bosque de Palermo: deparando-se então aos lados d'esses amplos caminhos, e dentro de jardins, moradas de varios estylos architectonicos, modernos e anti-

gos, taes como *izbas*, *chalets*, *villas*, pavilhões, castellos, etc.

Em direcção a Palermo passam, em certos dias da semana, filas e mais filas de carruagens, publicas e particulares, revelando o gosto muito citado dos Platinos para *andar de coche*.

De passagem lobriga-se, por detraz d'um muro construido n'um terreno mais elevado, varias estatuas de marmore, muitas com um manto da mesma pedra cobrindo-lhes a cabeça, e que collocadas sobre a lapida de tumulos simulam figurinhas de meza de salão, comparando-se a exiguidade de suas dimensões com as do vasto edificio ecclesiastico, que se estende em sua frente sobre uma praça ajardinada.

Achavam-se as alamedas de Palermo occupadas por batalhões e mais batalhões de soldados em uniforme de brim, que faziam os seus exercicios em espaçoso terreno apropriado ao desdobramento de forças.

Em contraste, porém, e na visinhança d'esse mesmo bosque, admirei no jardim zoologico soberbos specimens de leões, indignamente encerrados em pequenas jaulas.

Regressando á cidade, foi nossa carruagem novamente detida pela passagem de batalhões na praça ajardinada de *San-Martin*, onde a

estatua equestre d'esse General da Liberdade cobre muito menos espaço,do que o logar que seu nome occupa nas paginas da Historia,não só da Republica Argentina, como de toda a America do Sul.

Desemboca n'essa praça a bella *calle Florida*, onde depois das trez horas da tarde rivalisava o numero dos transeuntes a pé com o dos que iam de *coche*.

Igual movimento se notava nas outras ruas centráes, onde porém, apezar da grande circulação, não se pizavam, nem se acotovellavam as gentes, nem tampouco os cocheiros não faziam seus cavallos atropellarem os homens reduzidos a marchar a pé, que recebiam amiude um alegre convite de cornetim para se afastarem na passagem dos tramvias.

Essa ordem, no meio do enorme vaivem das ruas,era um effeito da urbanidade argentina e tambem da correcção da policia de Buenos-Aires, que concorria igualmente para o ornamento da via publica,pelo luzimento de seu uniforme e garbo de seu porte, admirando-se sobretudo os soldados que conservavam-se nas encruzilhadas, montados em posição de escóla em soberbos cavallos ajaezados a capricho.

Era a hora igualmente, em que, ainda á semelhança dos *boulevards* de Paris, a frente dos cafés ou confeitarias,na Avenida de Maio, era occupada por numerosos grupos de pas-

seiantes,que se abancavam ás pequenas mesas collocadas na calçada.

A noite proporcionava a Buenos Aires nova accasião de ostentar seus encantos, á luz dos fócos electricos, que espargiam viva claridade, collocados em póstes no meio das Avenidas, ou pendentes de arcos nas ruas principaes.

Eram de um effeito delicioso as peras electricas nos mostradores das lojas da *Calle Florida*, onde se achavam artisticamente dispóstos artigos de requintado gosto, taes como sedas e estofos macios, crystaes e moveis de luxo, arminhos e plumas,objectos de ambar para um custoso vicio, telas coloridas e estatuas alvas de artistas nacionaes, profusão de pratas, ouro e pedras preciosas.

—

Com a sofreguidão d'um exilado por tornar a ver a terra natal, quasi não tive olhos para Montevidéo, já muito visitado por mim em outras occasiões.

D'esta vez, reinava na Capital Uruguaya uma paz relativa.

A paz official fôra celebrada em Agosto do anno anterior, depois do assassinato do presidente *colorado* Idiarte Borda,de quem conservava muito sympathica recordação.

O novo chefe provisorio do Governo, sahido do Senado, o Sr. Cuestas, não pareceu vir representar no Poder o partido *blanco*, victorioso na revolução.

Usando de certa astucia e habilidade, promoveu a formação de um terceiro partido, constituido de elementos heterogeneos e que era destinado a apoiar sua candidatura á eleição presidencial, cubiçada tambem por distinctos chefes *colorados* e *blancos*.

Aquella nova agremiação veio a tomar o nome de *collectivista*, a semelhança das modernas appellidações de *opportunistas* e *concentrados*, que algures tem adoptado, em épocas recentes, os partidos politicos, nascidos de conveuiencias de momento.

Assim, o assassinio politico, mesmo triumphante, não servia a causa d'aquelles, em cujo proveito parecia haver-se commettido.

Os chefes da revolução não assumiram o poder, e comquanto o Sr. Cuestas fizesse encarcerar varios officiaes do exercito legal,inspirava-se nesses actos por denuncia de conspiração, em que a autoridade envolvia aliás diversos outros cidadãos.

Sorte igual ameaçando os chefes civis de varios partidos politicos,obrigou-os a emigrarem para a vizinha republica platina.

Essa atmosphera de suspeições fez com que encontrasse relativamente desertas as ruas da

formosa cidade, com especialidade a esplendida *Calle 18 de Julio*, passeio *bulevardisado* que alinha lindos e soberbos predios, situado entre duas bellas praças rodeiadas de palacios.

A liberdade ausente continuava, entretanto, representada em effigie n'aquella bella estatua encimando uma columna, na praça terminal da magnifica avenida.

—

Emquanto divagava pelas praças publicas de Montevidéo, interpretando sua solidão como um effeito do despotismo politico, não me esquecia, é certo, de que eu mesmo era um proscripto de meu paiz, mas não podia occorrer-me que, embóra em terra estrangeira, meus passos fossem meticulosamente vigiados como os de um conspirador, perigoso para o socego da republica brazileira.

Assignaláda para o Rio de Janeiro minha presença em Montevidéo, por um telegramma do consul brasileiro, pareceu isso espalhar o alarme nas regiões officiaes, e a imprensa officiosa noticiou a occurrencia com a epigraphe de *Grave* !

O facto é que ehegando á capital do Paraná, achei-me um momento ameaçado em minha liberdade e tive ordem de regressar incontinente para o mesmo remoto logar de meu anterior desterro.

Separaram-me assim violentamente de minha progenitura orphã, que já fizera seguir viagem para a Capital Federal.

Levava o animo igualmente contristado pela situação miserrima do meu paiz, tal como a pude entrevêr.

Pobre Brazil ! n'esse anno de 1898 cogitava-se de sua fallencia.

Achava-se atrazado de muitos mezes o pagamento dos funccionarios federaes, civis e militares, servindo nos Estados da União ; a depreciação do papel-moeda era tal, que sua conversão em ouro fazia-se com o desconto de 450 °/o ; finalmente,tratava-se de uma conciliação com os credores de Londres.

Por falta de confiança dos capitalistas na administração do paiz, havendo fracassado o recurso do arrendamento das estradas de ferro, lembrado pelo precedente governo, usára-se mais uma vez do condemnado expediente de um emprestimo estrangeiro.

Além da prescripção de um prazo curto, e das demais condições naturalmente muito desfavoraveis, em que só podia ser então contrahido, assoalhava-se mais que esse emprestimo, que não fôra aliás autorisado pelo Congresso, envolvia grave vexame para o nosso paiz, obrigado a dar uma caução para o pagamento do mesmo.

No mesmo tempo que lesava-se assim a propriedade collectiva dos cidadãos, a liberdade individual d'estes continuava a ser sacrificada á furia de perseguições autoritarias, que não arrefecêra, desde o attentado de 5 de Novembro do anno anterior.

Essa *vendetta* politica foi eloquentemente estygmatisada nas paginas de um libello romano pelo Dr. Manoel Victorino Pereira, que soubera elle-mesmo defender sua dignidade de segundo magistrado da Republica, contra as villanias dos esbirros policiaes.

Monstruósa cegueira partidaria, que não permittira escrupulos em lançar o descredito universal sobre o Brazil e suas instituições, fazendo considerar o proprio Vice-Presidente da Republica como capaz de cumplicidade n'um attentado infame e torpe contra o Chefe do Estado!

.... Seguia viagem pelos mares do Sul, á vista de costas baixas e arenósas, desde onde o deserto se desdobrava sem limites nas ondulações de longinquas campinas.

Sentia que encontrava-se tambem minha alma como n'um ermo, que nenhuma illusão povoava mais, e no qual a perspectiva dos destinos de minha patria desenhava-se com um aspecto de infinita desolação.

Nutrira desde a juventude o mais acendrado amor pela liberdade, e julgara dever esta

coexistir necessariamente, senão só, com a fórma republicana de governo.

E' verdade que podia me ter convencido com um pensador inglez, (1) de que é um erro, nascido de um preconceito politico geral, o alimentar-se hoje, pelas formas politicas, a mesma fé exagerada, que tinha-se outr'ora nos personagens régios.

—

Mais uma prova ia ter do regimen de oppressão administrativa, a que acham-se expostos os individuos nas republicas sul-americanas.

Approximando-se o vapor da Ilha do Flores, pequeno rochedo escalvado, sito a algumas leguas de Montevidéo, estremeceram de horror os passageiros, quando avistaram içado alli o signal de quarentena, imposta durante quasi todo o anno ás procedencias dos portos do Brazil.

E' sem duvida muito natural que as autoridades de cada paiz prohibam a communicação com a terra, aos navios vindo de pórtos suspeitos de infecção pestilencial.

Mas, o que não apparece como igualmente legitima é a faculdade, que se irrogam essas mesmas autoridades, de aprisionar e encarce-

(1) H. Spencer, já citado – *Introducção á Sciencia Social*, cap. XI.

rar (são esses os termos proprios), nos denominados lazaretos, os viajantes, que fazem desembarcar dos navios.

Com especialidade, o lazareto da Ilha do Flores, em 1898, era unicamente uma prisão, a que os passageiros foram sem fundamento condemnados pelo prazo de nove dias, e onde viviamos encerrados *(sic)* a maior parte do tempo na ala de um edificio improprio para sua destinação: sem aceio, nem hygiene, e fornecendo parca alimentação, paga entretanto em ouro.

—

Revoltado contra a indigna clausura em seu Lazareto, não quiz demorar-me um dia sequer em Montevidéo e segui logo viagem para Buenos Aires.

A travessia do Prata faz-se á noite, guiando-se os navegantes pela luz de numerosos pharóes, fixos ou installados a bordo de barcos, e já na ante-manhã, pelo resplendor electrico que na atmosphera vê-se circumdando as duas capitaes, primeiro La Plata, e depois, Buenos Aires.

A' minha volta, emocionavam a opinião publica, em Buenos Aires, a guerra accesa entre a Hespanha e os Estados-Unidos da America do Norte, e a imminencia de uma guerra tambem entre a propria Republica Argentina e o Chile.

N'um paiz em que os hespanhóes, além de representarem de progenitores do mesmo povo, constituem uma colonia muito numerósa e rica, não era de extranhar que a opinião se pronunciasse em parte a favor do triumpho da monarchia iberica.

Os alliados pelo sangue aos descendentes do nobre *Cid* não levavam a bem, segundo pude ouvir, que no Brazil se tivesse abraçado a solidariedade dos povos americanos, em relação á independencia politica de todos elles e a adopção geral da fórma republicana de governo, juntamente pois com a cessação de qualquer posse ou dominio europeu em o novo Continente.

Qualquer que fosse, porém, o interesse que uma parte da população tomasse pela lucta hispano-americana, não podia decerto igualar-se com a preoccupação geral, despertada pela perspectiva do conflicto com o Chile.

A imprensa diaria se occupava activamente com os menores incidentes da questão, debatida ainda pelos meios da diplomacia e da Geodesia.

Os peritos enviados pelas duas nações aos altos terrenos do litigio, nos proprios cimos dos Andes, já haviam voltado, cada qual a seu paiz, e publicado os resultados de seus trabalhos.

O perito, por parte da Republica Argentina, fôra o Dr. Moreno, irmão do illustre diplomata nosso conhecido, e que publicára, n'esse mesmo anno, uma preciosa obra in-folio com abundantes dados scientificos sobre a cordilheira.

No mostrador do mesmo livreiro chamava tambem a attenção um livro de Ernesto Quesada: *La Politica Chilena en el Rio de La Plata,* e que embora escripto havia dous ou tres annos, apresentava todo o interesse da opportunidade.

Pela leitura d'essa obra, julguei-me inteirado dos pontos capitaes da questão chileno-argentina.

Emquanto que os diplomatas argentinos porfiavam para obterem a passagem da linha de limites pelos pontos culminantes da cordilheira *(las más altas cumbres)*, os diplomatas chilenos, especialmente Barrios Araña, sustentavam o principio do *divortium aquarum*, quer dizer a passagem da linha pelos cabeços das vertentes de rios.

O talentoso escriptor argentino reconhecia a habilidade superior dos diplomatas chilenos.

Já tinham-se suspendido os trabalhos de collocação dos marcos divisorios na cordilheira, por motivo da controversia entre os chefes das commissões, sobre a natureza da linha a seguir, si a de cumes, ou a de vertentes.

A prevalecer a orientação chilena, numerosos valles cisandinos, encravados actualmente em provincias argentinas, passariam para o dominio do Chile, bem assim porções valiosas do territorio da Patagonia.

Na Geographia de Latzina (1), podia-se verificar que grande parte da mesma Patagonia achava-se perfeitamente demarcada e existindo povoada sob a jurisdição administrativa das autoridades argentinas.

Em summa, os Chilenos pareciam, atravez de suas allegações, querer ao norte descerem dos Andes para a região platina e, ao sul, approximarem-se do littoral do Atlantico, pretendendo desde já o dominio do Estreito de Magalhães.

O Sr. E. Quesada fundamentava suas proposições sobre os actos dos diplomatas e peritos chilenos; publicava e transcrevia integralmente em seu livro os memoriaes dos ministros d'aquella nação.

A leitura dessa obra, associando-se em meu espirito ao que já conhecia da politica militar dos Chilenos, occupados sem cessar na absorpção dos pòvos seus vizinhos do Pacifico, despertou-me ao vivo o simile com os antigos Espartanos.

---

(1) *Geografia de la Republica Argentina.*

Os Andes são por certo muito mais altos que os montes Taygetas, mas seus passos são hoje bastante frequentados ; outrosim, os descendentes dos Araucanios cruzados com os hespanhóes não cedem no valor marcial á progenie dos Heraclidas ; e finalmente, as provincias argentinas de Mendoza e outras são muito mais cubiçaveis que as planicies da infeliz Messenia.

O ponto do livro do Sr. Quesada em que a argumentação pareceu-me claudicar, foi no concernente ao receio d'uma alliança offensiva do Brazil com o Chile.

Isso desconcertou-me a seriedade : a preoccupação do governo do Dr. Prudente de Moraes era de *policiar* a nação, e não de militarisál-a.

Entretanto, era essa uma opinião arraigada em alguns orgãos da imprensa periodica e entre varios cavalheiros, argentinos e de outras nacionalidades, que faziam-me a honra de interrogar acerca da possibilidade de uma intervenção do Brazil no conflicto platino-chileno.

Porque essa supposição ?

O tradicionalismo póde explical-a.

A Republica, no Brazil, tinha poucos annos de existencia, de modo a não poder ainda offerecer uma garantia de seus *modus vivendi* internacional.

Deixava assim subsistir a respeito da nação brasileira a prevenção da parte dos argentinos, quanto a continuação da politica anteriormente seguida pelo imperio bragantino com as republicas vizinhas.

Ora, essa politica fôra sempre a da *intervenção nos negocios do Rio da Prata.*

Quer na conceituada obra de D. Bartolomé Mitre sobre a historia da independencia de sua patria, (1) quer na da Pellize sobre toda a historia da mesma nação, (2) vi bem fundamentados os ressentimentos de um povo nobre, que desde as primeiras horas de sua emancipação politica achara-se constrangido em suas legitimas aspirações pelas intrigas dos Braganças, occupando o throno do Brazil.

Caracterisam-se bem taes tentativas odiósas de perturbar a obra de regeneração de um povo, citando-se apenas: 1.º o plano de entrar a princeza Carlota Joaquina, esposa do regente do Brazil, na posse das ex-colonias hespanholas do Prata; 2.º as machinações para erigir (já depois da emancipação) a nova nação platina em *monarchia*, dando-se a corôa a um Bourbon, porque uma republica seria uma vizinha incommoda, sobretudo de muito máu exemplo *(sic)* para o imperio brasileiro!

(1) *Historia de Belgrano ó de la Independencia Argentina.*

(2) *Hisioria Argentina.*

O que sobreveio no desenvolvimento historico concorreu naturalmente para augmentar as zangas entre os vizinhos.

No numero d'esses aggravos internacionaes, sempre ouvi citar de preferencia:

—a guerra por motivo da Banda Oriental do Uruguay e Prata, em cuja posse o imperio luso-brasileiro queria perpetuar-se;

—a intervenção do mesmo governo imperial, do lado da revolução encabeçada pelo General Urquiza contra o Presidente Argentino Rosas;

—os continuos arreganhos da diplomacia, sempre imperial, concretisados até em opiniões de Estadistas brasileiros de maior vulto, como o Barão de Cotegipe, que se manifestavam hostis aos nossos vizinhos;

—o auxilio prestado aos caudilhos argentinos, de que o ultimo parece-me ter sido Lopez Jordan, para convulsionarem seu paiz;

—finalmente, a propria ostentação nas relações do imperio com o Chile, que aquelle acariciava como uma nação rival, senão inimiga, da Republica Argentina.

Apenas uma d'essas arguições precisa ser esclarecida.

O governo imperial, que no Brazil rasgára o Acto Addicional á Constituição, em que estabeleciam-se as franquias da administração provincial, e que durante quatorze annos com-

batêra a ferro e a fogo as manifestações autonomicas dos habitantes das mesmas provincias, inculcava-se, porém, no Estrangeiro, como mais liberal que os governos das republicas sul-americanas.

E assim, embóra tivesse entrado em campanha por outros motivos conhecidos, fez os aulicos celebrarem que havia combatido pela liberdade do povo argentino, salvando-o da tyrannia do Presidente D. Juan Manuel Rosas, em 1852.

Resalta, infelizmente, que o merito d'essa empreza libertadora é muito discutivel aos olhos dos proprios Argentinos, entre os quáes vi que promovia-se a rehabilitação do dictador Rosas.

Afóra o General Mansilla e outros, escreveu sobre esse debate historico o mesmo Snr. E. Quesada, já nosso conhecido, um admiravel estudo, (1) em que li o seguinte parallelo :

—Rosas foi o Luiz XI da historia argentina, sendo obrigado como este a não escrupulisar na escolha dos meios para impor seu dominio; mas, a semelhança ainda d'aquelle monarcha, que fez triumphar a unidade politica e administrativa da França sobre o desmembramento representado pelo Feudalis-

(1) *La Epoca de Rosas, su verdadero caracter historico.* Buenos Aires, 1898.

mo: «Rosas, depois de vinte annos de governo, desfez a caudilhagem, soffreou os partidos, nacionalisou o paiz, e cimentou o respeito da autoridade central.»

—

Como preparava-se, porém, o brioso povo Argentino, para o conflicto imminente com os valerósos chilenos?

Contemplei desdobrada em toda sua largura, no amplo mostrador d'uma loja da *Calle Florida*, a bonita bandeira azul e branca, em cujo campo resplandece o Sól.

Fôra bordada em precioso estofo e ia ser offerecida pelas Damas Argentinas, como bandeira de combate, para o couraçado *San-Martin*, esperado da Europa.

Essa machina de guerra vinha trazer um importante reforço ao pequeno numero de bons cruzadores blindados, de que dispunha a armada argentina, que no mais contava algumas torpedeiras de alto bordo, divisões de barcos-torpedeiros, e ainda algumas canhoneiras do antigo typo.

Encontrava-se, porém, o Chile em identicas condições, quanto a recursos navaes.

Parecia, aliás, que a luta não se decidiria pela acção das esquadras.

Nem a armada argentina nada poderia tentar de efficaz contra as costas artilhadas do Chile, especialmente na bahia de Valparaiso,

defendida por canhões Krupp do calibre de $24^{cm.}$ com alcance de muitas milhas, nem os navios chilenos seriam sufficientes para o bloqueio do Rio da Prata, ou não se arriscariam sequer a penetrar n'esse estuario, cuja navegação pode ser facilmente tolhida.

As operações das esquadas se limitariam quasi de todo ás costas da Patagonia, em vista de occupação d'este territorio pelas expedições militares, de um lado e do outro, podendo dar-se assim o recontro fortuito dos respectivos comboios navaes.

O plano de impedir desembarques em estações conhecidas, nas mesmas costas patagonicas, poderia tambem provocar combates entre as esquadras inimigas.

Para as eventualidades da guerra, os Argentinos tinham cuidado da construcção de um porto militar em Bahia Blanca, de uso da esquadra, e tambem para quarteis e deposito de materiaes.

Quanto aos serviços de transportes, eram poucos os navios de que dispunha a armada argentina, mas o Governo podia para esse fim fretar, no momento preciso, as numerósas embarcações a vapor das companhias particulares, que dispunham de grandes frotas mercantes, empregadas nas linhas fluviaes do Uruguay e do Paraná.

Podia-se, pois, presumir que as forças de terra deviam representar o principal papel,na futura pendencia internacional.

Pelos orçamentos ordinarios, votados nos respectivos congressos, a Republica Argentina só contava 11.000 homens de exercito de linha, e o Chile metade desse effectivo.

O exercito argentino, destinado evidentemente a servir de nucleo a um effectivo maior em pé de guerra, era instruido e adestrado,em sua maior parte, nas provincias vizinhas dos Andes, theatro provavel das operações de guerra.

Essa disposição deveu partir do Estado Maior, que os Argentinos tem organisado á semelhança quasi de identica instituição, entre as potencias européas.

Têm procurado collocar á frente d'essa repartição, de importancia capital para um exercito, officiaes de reconhecida capacidade, sem olhar mesmo para a exigencia da graduação militar, como acontecia então com o Coronel Richieri, tornado chefe do Estado Maior, e que revelava muito talento e actividade n'essa funcção.

Depois de dar andamento ao plano de mobilisação, esse distincto official foi em pessôa á Europa, afim de dispôr a prompta remessa dos mais valiósos recursos materiaes para a efficacia do mesmo plano, taes como: equi-

pamentos e viaturas de campanha, trens de ponte, material de vias-ferreas estrategicas, etc,

Pareceu-me que o Estado-Maior podia contar com a boa qualidade dos officiaes do exercito argentino, encarregados da execução dos detalhes no plano de operações.

Além da instrucção distribuida nos estabelecimentos militares de ensino secundario e superior, que conta a Republica Argentina, muitos de seus officiaes possuem a mais o cabedal de conhecimentos technicos, que poderam proporcionar-lhes as viagens ao Estrangeiro, ou a assistencia aos campos de manobras, no proprio paiz.

O armamento da tropa figurava tambem nas melhores condições.

O fuzil regulamentar era o Mauser, de repetição, do calibre de 7,^{mm}65 e modelo de 1891.

Tinha conhecimento da existencia de 100,000 d'essas armas, compradas havia tempo pelo Governo Argentino.

O armamento anteriormente usado e que devia ser aproveitado pelas forças de 2.ª linha, era o fuzil Remington, de tiro simples.

Conhecia tambem a acquisição já realisada de 30 baterias de moderna artilheria de cam-

panha, do systema Krupp, e de calibre 7,^{cm}5, alma longa e tiro acelerado. (1)

Fallava-se tambem na existencia de artilheria de montanha, de que não pude, porém, certificar-me pessoalmente.

A importancia real d'esses meios de aggressão não compensaria talvez a deficiencia numerica das fileiras dos combatentes, si estes não fossem grandemente reforçados pela Guarda Nacional, que na Republica Argentina tem uma existencia effectiva.

Senti que o maldito Lazareto, em Montevidéo, me houvesse impedido de chegar a tempo para assistir em Buenos Aires a parada das forças, no dia 25 de Maio, e na qual deveram figurar 20.000 guardas nacionaes, conforme annunciaram os Diarios.

Na parte estatistica da Geographia, de Latzina, já citada, vi indicados os contingentes de guardas nacionaes, que cada provincia devia fornecer, e cujo total ascendia a quatrocentos e tantos mil.

Em vez de centenas de milhar, contando-se mesmo por simples dezenas de milhar os guar-

(1) Esse typo aperfeiçoado de peça esteve para ser adquirido tambem pelo Brazil, conforme providenciára o Marechal Floriano Peixoto ; mas infelizmente, a commissão brasileira de compras, na Europa, preferiu-lhe um outro typo desusado.

das nacionaes promptos para a mobilisação, é ainda assim respeitavel a importancia da força de 2.ª linha, que a Republica Argentina poderia oppôr ao inimigo.

E era uma força com que podia contar,mormente reduzida aos limites, que indiquei. : porquanto, além do governo velar pela sua instrucção militar, designando para esse fim officiaes competentes, que dirigiam-se ás diversas localidades, como testemunhei, a sua mobilisação era tambem um facto, que presenciei e já descrevi.

A Lei punia com prisão as infracções a esse serviço obrigatorio, tendo eu visto nos diarios a relação dos guardas nacionaes que soffreram aquella pena, por occasião dos ultimos exercicios e formaturas.

Não sendo essa Guarda Nacional composta quasi sò dos habitantes doentios das cidades, como algures, mas devendo todos os Argentinos alistarem-se em suas fileiras, podia-se assim ver figurarem nas mesmas os mais bellos specimens das raças merecidamente reputadas de *Correntinos*, *Entre-Rianos*, *Forteños*, e outras, nas quaes operou-se a mescla do sangue *hidalgo* dos hespanhóes, proprio a alimentar a bravura, com o do indio, que pôde transmittir os instinctos de caçador e de campeiro, tambem muito aproveitaveis em *guerillas*.

Na Republica do Chile, existindo identica instituição, achei deveras curioso que, em tratando-se lá tambem de exercitar e mobilisar a Guarda Nacional, os diarios argentinos dessem o grito de alarme, conforme li.

Os Chilenos, mais do que os habitantes do Prata, alardeam como um penhor de fortaleza de animo a sua descendencia dos indios, invocando expressamente em seus hymnos marciaes o antigo valor dos Araucanios, que inspiraram na litteratura hespanhola um poema epico a D. Juan Ercilla.

N'estes ultimos decennios têm os Chilenos desdobrado seu ardor bellico em conhecidas guerras civis, e nas guerras de conquista contra o Perú e a Bolivia.

Era pois com um inimigo relativamente aguerrido que iam haver-se os Argentinos, tornando-se assim difficil de prevêr o resultado da luta.

Uma consideração, porém, referente á natureza da instrucção militar distribuida aos dous exercitos, podia desconcertar todas as conjecturas, que se formulassem sobre o exito da mesma luta.

O caso era que os Chilenos seguiam n'aquella instrucção a orientação allemã, tendo até contractado, como instructores, officiaes dessa nacionalidade.

Ao passo que os Argentinos, recebendo tambem a inspiração dos europeus, em sua organisação e instrucção militar, pareciam porém aconselhar-se mais com francezes e italianos, especialmente com estes ultimos, dos quaes constava a existencia de naturalisados nas fileiras do exercito e nos quadros da marinha.

Bem assim, entravam esses estrangeiros, como *assimilados*, na administração militar, confiava-se-lhes a direcção de serviços technicos e, finalmente, parecia que se aceitaria para o exercito o concurso eventual de uma legião formada de italianos, domiciliados na Republica. (1)

Confesso que em vista da diversidade no modo de preparação dos dous exercitos, argentino e chileno, tive muito receio de que a instrucção militar prussiana, distribuida aos modernos espartanos de além dos Andes, viesse duplicar o perigo da invasão de suas forças para as provincias platinas.

—

Uma opinião muito repetida, entre os Eco-

(1) Entretanto, foi um italiano mesmo e dos mais illustres (N. Machiavel), quem disse que «a confiança ou a disciplina (n'um exercito) não pode gerar-se senão entre soldados do mesmo paiz, e acostumados a viver junto.»

nomistas, aponta como causa principal da má situação financeira de varias nações o prurido bellicoso que, segundo elles, as faz permanecer armadas.

Quando passára no anno anterior por Buenos Aires, a conversão em ouro do papel argentino fazia-se com o desconto de 300 e tantos por cento, que em meiados de 1898 encontrei reduzido a 200 e tantos por cento.

Ora, tamanha differença nas taxas cambiaes, attestando o levantamento do credito nacional, realizava-se precisamente na mesma occasião,em que a Republica Argentina fazia grandes acquisições de material de guerra, e que parecia mais imminente o rompimento com o Chile.

A causa efficiente das melhoras na fortuna publica,devia-se sem duvida procurar em seus verdadeiros factores economicos, de que já fallarei, mas que evidenciava-se assim não serem incompativeis, como se julga, com as instituições militares de um paiz.

Si é certo tambem, que nenhum regimen economico e iudustrial não pode subsistir sem a confiança do capital e do trabalho na estabilidade das instituições de governo, resultava que os cuidados dispendidos, nos ultimos decennios, com seu exercito permanente e a Guarda Nacional, haviam produzido os mais

salutares effeitos para a ordem politica e civil, na Republica Argentina. (1)

Antes de poder a autoridade dispôr d'essas forças regulares, o Poder Central via-se ameaçado e não era uma verdade a Federação das provincias, cuja sorte jogava-se nas revoluções locáes, que tinham succedido ao regimen de caudilhagem, extincto pelo dictador Rosas.

Com um regimen de Governo assim consolidado, podendo garantir os elementos de paz, ordem e segurança, necessarios á existencia e actividade industrial, eram effectivamente muito notaveis os progressos d'esta, na Republica Argentina.

Em uma vista de conjuncto, esse adiantamento industrial podia-se attestar por seus resultados immediatos para a situação economica da Republica, que consistiram na diminuição de importação de grande numero de artigos de commercio, que se fabricavam agora no paiz, e no augmento de exportação de varios productos nacionaes, sobretudo da industria agricola.

D'esse progresso das industrias, só farei

(1) «E' o soldado quem funda os Estados livres, é o soldado que os mantem. Sem exercito, sem força, sem disciplina, não ha nem independencia politica, nem liberdade civil.» Proclamação do General Bonaparte, na Corresp. de Napol. Tomo 3.º.

uma succinta revista, para contemplar na mesma apenas o que vi, ou aquillo de que pude ter informações directas.

O gado vaccum, que faz tradicionalmente a riqueza das campinas do Prata, fornecia para a exportação, não só os seus fructos naturáes em couros, cabellos, etc., como tambem o xarque e as conservas alimentarias, que davam vida a numerosas fabricas, e ainda as carnes congeladas.

Vi no porto de madeira grandes vapores, cujas cobertas achavam-se dispóstas em curraes, para o transporte transatlantico de milhares de ovelhas.

Esses animáes abasteciam ainda a exportação com o producto de sua preciosa tosão, cujo rendimento os criadores argentinos tinham sabido augmentar por sua industria.

Assim é que nas exposições agricolas, geraes e parciaes, que renovavam-se em Buenos Aires, admirei bellos specimens de ovelhas, em que patenteava-se a applicação dos processos de selecção, com especialidade dos que tendessem a augmentar a lã.

Exportavam-se igualmente, porém n'uma escala menor, alguns d'aquelles bellos cavallos, já bem reputados, e que a industria pastoril obtinha pelo cruzamento das crias indigenas com os animáes de raças importadas do estrangeiro.

N'uma exposição agricola, tambem, que visitara no anno anterior, admirei sobretudo a altura dos cavallos destinados á tracção, descendentes de *percherons* ou normandos.

O proprio penso dos animaes, sob a forma de alfafa, constituia uma valiósa renda de exportação.

A agricultura fornecia tambem avultada messe do mais precioso dos cereáes, o trigo, beneficiado em grande numero de moinhos e exportado em quantidades crescentes.

O assucar, extrahido da canna, e alimentando alguns engenhos na provincia de Tucuman e no territorio marginal do Alto Paraná, constituia um objecto mais de consumo interno do que de exportação.

Porém, a cultura da vide déra grande incremento a fabricação de vinhos, que se tornaram objecto de importante exportação, sobretudo os de Mendóza, de que algumas marcas rivalisavam com os productos similares europeus.

Os agricutores tinham entretanto de lutar, na Republica Argentina, com um flagello que suscitava-lhes periodicamente a Natureza, sob a fórma das nuvens de gafanhotos (*langostas*), que abatiam-se desapiedadamente, como uma horda devastadora, sobre seus campos e plantações.

Todos os cuidados solicitos da Administração em attenuar os effeitos d'esse mal, não pareciam mais proficuos que os outros meios tentados algures, no decurso de trinta seculos, desde que se faz menção historica de semelhante praga, no Egypto.

Dos productos naturaes de suas mattas, já me tenho occupado; e aliás, não abasteciam sufficientemente o mercado nacional, sendo preciso importar herva-matte e madeira de cedro, do Paraguay e do Brazil.

Em Buenos Aires, porém, estabelecera-se o commercio de exportação de madeiras d'essas diversas procedencias para alguns portos estrangeiros, entre os quaes os de Hamburgo e de Bremen.

Em concurrencia com a actividade laboriosa e paciente dos cultores de seus campos, as cidades argentinas viam seus habitantes de todas as nacionalidades affluir em legiões ás numerosas officinas de trabalho, que erguiam-se em seu recincto.

Desde as utilidades maiores para o homem, como seja o preparo de sua alimentação, o de seu vestuario e o do conforto de sua habitação, e desde os vehiculos para ostentação da vaidade nas vias publicas, ou para poupar a fadiga e as forças, ou finalmente para transportál-o a grandes distancias, até as machinas, apparelhos e ferramentas, para a navega-

ção, as usinas de todo genero, os misteres profissionaes, a agricultura, etc.,—tudo isso vi que constituia os elementos de um notavel progresso da industria fabril, para a Republica Argentina.

Aliás, a verdade d'esse juizo ia patentear-se n'uma grande exposição industrial, que devia realisar-se em Buenos Aires nos fins d'esse mesmo anno de 1898.

A soberba Tyro americana podia assim ufanar-se da industria de seus habitantes, ao mesmo tempo que de seu luxo e bom gosto.

A grande expansão de seu commercio revelava-se em suas folhas periodicas, principalmente em *La Prensa* e *La Nacion*, em que as secções destinadas á Bolsa e aos mercados occupavam grande espaço, em que se encontravam communicações telegraphicas das principaes praças do mundo, interessando os productos argentinos.

—

No transito de Buenos Aires a *La Plata*, pelo trem do caminho de ferro, passa-se primeiro por lugarejos de edificações de madeira, depois por chacaras e sitios, pela frente de pastagens em que devisam-se rebanhos de ovelhas, e através de povoações em torno de fabricas reputadas, como as de Quilmes.

La Plata, si não merece outra fama, deve ter pelo menos a dos milhões de pesos em di-

nheiro, que foram despendidos para transformál-a em poucos annos n'uma capital de provincia, provida de palacios para suas repartições administrativas e para os estabelecimentos de interesse publico, como os Bancos.

Fóra d'esses palacios, o que póde offerecer de novo a cidade de *La Plata* é a disposição do traçado de algumas das novas ruas, que não incidem perpendicularmente nas praças para onde convergem, mas sim diagonalmente, como os raios de um circulo em relação a seu centro.

E' incontestavel que a perspectiva torna-se assim mais bella.

A casaria dos particulares, em geral de estylo singelo e de um ou dous andares apenas, está longe de rivalisar em belleza com os edificios congeneres de Buenos Aires.

Conta *La Plata* um precioso Museu, situado em bonito edificio dentro de jardim.

Occupam uma sala os fosseis descobertos em territorio argentino, onde esses gigantescos representantes da fauna antediluviana eram conhecidos a muito tempo pela sciencia, e descriptos por autoridades competentes, entre as quaes o celebre C. Darwin, que visitára as ribeiras do Paraná e Paraguay, bem assim as terras da Patagonia (1)

(1) V. *Voyage d'un naturaliste*, trad. franceza.

Segue-se uma sala de anthropologia, em que dentro de armações de vidro acham-se collocados na posição vertical profusão de esqueletos de tribus indigenas, para servirem ás incessantes pesquizas dos typos dolicocephalos, microcephalos, prognathas, e sobre differenças de estructura do corpo.

Illustraram-se de certo no desenvolvimento dos trabalhos anthropologicos, varios sabios que todo mundo pode conhecer pelos livros de vulgarisação scientifica de L. Fignier, ou melhor ainda, de L. Büchner, (1) mas em relação a taes pesquizas occorre formular a velha interrogação escolastica : *cui bonum?*

A menos que não se convença o homem de que elle não passa de ser aquelle arcabouço de vertebras e tibias, revestido para viver de uma substancia venósa e purulenta, em que um liquido tambem viscoso, vehiculando outras substancias assimiladas, alimenta o movimento da machina,—não comprehendo que no estudo do que considero apenas um despojo consuma-se tanto tempo e trabalho.

Por isso, mais interesse despertou-me a sala da secção archeologica,em que se encontravam muito bem acondicionados em vitrinas contiguas os pequenos trabalhos da industria dos indigenas, que revelam pelo menos um raio

(1) V. *L'homme selon la Science*, trad franceza

de luz embóra muito tenue, dimanando d'esse *quid* desconhecido, que constitue o homem intellectual.

Comtudo, que baixo degráu na escala da evolução do espirito humano occupavam e occupam essas gentes, cujo engenho limitou-se a produzir esses avelorios de grãos vegetaes, esses collares de dentes, essas pontas de flechas e zagaia de pedra lascada, esses grosseiros tecidos de fibras vegetaes, esses cocares e cinctos de vistósas pennas de aves !

Si pudesse haver orgulho em presença de tanta miseria, teriam direito de manifestar aquelle sentimento os indigenas do norte do Brazil, cujos trabalhos expostos tambem n'aquellas vitrinas do Museu de *La Plata*, se avantajam aos similares das tribus do territorio platino e paraguayo.

Diante do espectaculo da degradação intellectual das tribus indigenas da America do Sul, d'este lado dos Andes, não me parece mais interessante a questão da descendencia originaria das raças americanas, do que a da diversidade de condições, no gráu de evolução ou de degeneração, em que se achavam respectivamente os denomidados indios, habitando o territorio d'aquem ou d'além da cordilheira, na época da descoberta do nosso continente.

Se verificará a procedencia estrangeira dos Totlecas, Aztecas e Incas, que terião então introduzido no Yucatan, no Mexico, na America Central e no Perú, uma civilisação theocratica, sobrepondo-se elles, como n'um regimen de castas, e na qualidade de chefes e sacerdotes, ao elemento indigena?

N'esse caso, se explicaria por simples condições topographicas a possibilidade dos outros povos indigenas, a léste dos Andes, não terem no meio de suas selvas inviaveis recebido immigrações civilisadoras, iguaes ás que se encaminharam para o outro lado da cordilheira.

Passei assim largo tempo, entregue a essas reflexões instructivas, que desperta sempre a visita a um estabelecimento scientifico, nas condições do Museu de *La Plata*.

Ao sahir d'esse bello templo da Sciencia, com o qual os Poderes Publicos tem mostrado louvavel desvelo, fui deparar ao envéz com o repudio de um templo da religião, cujas obras ficaram paradas ou abandonadas, na vasta praça fronteira a uma monumental estação de estrada de ferro.

Alli, onde tantos palacios para uso da administração temporal se tinham erguido pelo encanto dos milhões, e onde a Sciencia e a Industria tinham tambem installações magnificas, porque essa indifferença pela Igreja,

n'um paiz em que ella não se acha separada do Estado ?

A mim pareceu-me isso um signal do tempo.

Era tambem o que representava o distico que li dentro do mostrador d'uma loja, diante da qual havia parado n'um dos lados da praça, —*para los guardias nacionales*.

Servia de letreiro para a venda de borzeguins de guerra, destinados a calçar as plantas dos altos e vigorósos *Porteños*, que escalariam os Andes, rechaçando os audazes descendentes dos Araucanios, que houvessem baixado da cordilheira para empolgar as cubiçadas provincias de Rioja, Mendoza e Catamarca.

Quer nas ruas, quer na praça, em que me encontrava, é que não appareciam em grande numero os *porteños*, nem quaesquer outros transeuntes.

Igual rareza de gente notei no trem, que estacionára sob a ampla náve destinada a proteger o embarque de uma multidão.

Ainda assim, pelo tom da conversação que escutei no wagon, muitos dos passageiros eram funccionarios da propria administração provincial, que, terminado o serviço bureaucratico, desertavam a cidade, que apparecia como encantada em sua belleza sem animação.

Sem duvida, encantos mais irresistiveis devia ter Buenos Aires para aquelles que

ainda podiam sentir o contentamento de viver.

—

No dia immediato proseguia em meu fadario de proscripto.

Tinha de arrancar-me com mágoa d'um grande centro de civilisação, cuja situação economica e movimento industrial podera bosquejar, mas do qual, como viajante desconhecido, não conseguira igualmente avaliar a cultura intellectual, em seus recinctos consagrados ao estudo e a exposição, e menos accessiveis ao estrangeiro de passagem.

Informei-me porém do valor dos elementos, empregados n'essa cultura pelos habitantes da adiantada capital, cujas livrarias de varias nacionalidades, argentinas, francezas. (as mais numerósas), italianas, inglezas e allemãs, offereciam um vasto caudal de thesouros intellectuáes, haurido nas melhores fontes, até as mais recentes datas.

Nos mostradores das livrarias argentinas, viam-se muitas obras de escriptores nacionaes, de que tive ensejo de citar algumas n'estas paginas, e versando sobre varios ramos de conhecimentos humanos.

A propria imprensa diaria de Buenos Aires sentia a necessidade de fornecer esse pabulo intellectual ao publico e, por isso, além de uma grande secção telegraphica, em que orienta-

va-o sobre o movimento social e politico do mundo inteiro, inseria artigos litterarios e technicos, para instrucção dos mesmos leitores.

As principaes folhas encarregavam de suas correspondencias estrangeiras os litteratos europeus de mais nomeada, taes como F. Coppée e E. de Amicis, cujas assignaturas autographas resplandeciam em baixo das respectivas publicações.

.....Era pois com grande confrangimento de animo que recebia as derradeiras projecções d'esses fócos de civilisação, que deixava afim de recolher-me ás sombras das mattas, no Alto Paraná, para onde banira-me o governo de meu paiz.

N'esse mesmo caminho de crueis provações, que tinha de percorrer de novo, ia visitar um tumulo sagrado, que me faria sentir ainda mais a tyrannia de meus proscriptores.

V

Os Saltos do Iguassú

No recesso das mattas cobrindo os valles do Iguassú depara-se com um dos mais bellos e imponentes espectaculos, que a natureza possa offerecer á admiração do homem, e que é representado por um conjuncto de saltos,no rio Iguassú, acima de tres leguas de sua fóz no Paraná.

Pelo lado de terra,o sitio d'esses saltos dista cinco leguas, seguindo antigas picadas, que já encontrei traçadas, e outras, que fiz abrir, para encurtar a ligação das primeiras com a séde colonial.

N'esta encontrei tambem o nome de Santa Maria, dado commumente aos saltos do Iguassú, reportando-se de certo a uma tradição, segundo a qual os missionarios jesuitas teriam vindo installar na margem do mesmo rio uma povoação sob aquella invocação religiósa.

Procederiam aquelles missionarios da famósa Provincia jesuitica do Guayra, violentamente extincta no primeiro terço do seculo 17.º ?

A séde d'essa Provincia, acima do Salto das Sete Quédas, no rio Paraná, distava muito mais de 18 leguas da fóz do Iguassú, não querendo me referir senão ás distancias conhecidas pelas escálas da actual navegação abaixo do mesmo salto.

As espessas mattas, intermediando entre esses citados pontos, não tem revelado a passagem pelo seu seio d'aquelles audazes missionarios.

As tribus indigenas, n'essa mesma região que porventura fosse trilhada atravéz das selvas pelos virtuósos padres, não poderam tam pouco revelar em seus costumes nenhum reflexo da iniciação civilisadora de um regimen theocratico.

Conforme os dados historicos, aquelles missionarios, depois de ver arrebatados para o captiveiro, em São Paulo, a grande massa de seus neophytos indigenas, emprehenderam com a parte remanescente d'estes, que não houvessem voltado a viver no matto, um exodo em direcção ás regiões comprehendidas entre os rios Paraguay, Paraná e Uruguay, onde conheceram-se localisadas outras reducções jesuiticas.

Quanto a eventualidade de ter-se desviado alguma pequena corrente d'aquella emigração para os lados do Iguassú, a falta de livros e de outros documentos não me permittia elucidar a tradição correspondente.

Em todo caso, não constou-me que existissem nas margens do Iguassú, desde sua foz até o sitio dos saltos, quaesquer ruinas de uma antiga povoação.

Em mappas geographicos argentinos e em livros da mesma procedencia, vi o nome de Victoria, dado a esses saltos do Iguassú, provavelmente por algnm viajante inglez.

Nas republicas vizinhas, são os mesmos muito conhecidos, attrahindo varios excursionistas, que vem admiral-os, quer da margem argentina, quer da brazileira.

Durante minha estada na colonia, e anteriormente, não era raro apparecerem com esse intento viajantes estrangeiros, entre os quaes alguns naturalistas.

Um d'esses forasteiros, de origem allemã, disse-me que não achara *poeticos* os saltos do Iguassú.

Sem duvida, não merecem esse qualificativo, si quizer-se applicar o mesmo ao aspecto romantico ou pittoresco dos quadros da natureza, que devem a melhor parte de seus effeitos á paizagem que os adorna.

Os saltos do Iguassú tem uma belleza severa, que nada deve ás exterioridades do meio circumdante, mas que impõe-se pela propria impressão do espectaculo.

—

Visitei pela primeira vez os saltos do Iguassú, por uma brumosa tarde de Agosto.

Na picada quasi em linha recta, que n'um comprimento de cerca de quatro kilometros precede immediatamente o sitio dos saltos, ouvia forte como um bramido o barulho das catadupas.

Distanciei-me sofrego dos companheiros e só estaquei meu cavallo diante de um maravilhoso quadro, que se devisava ainda que confusamente, atravéz de um véo de nevoa, no vasto circuito de sombrio precipicio.

N'uma extensão avaliada de relance em dous kilometros, uma multidão de saltos, primeiro da margem argentina, e depois, da brazileira, aguas acima, formavam-se do rio despenhando-se no vacuo de uma depressão colossal, que se teria effectuado no fundo de seu primitivo leito.

Diante do ponto em que havia parado, pude n'aquella hora da tarde entrever, pelos espaços interruptos da nevoa então de côr de nácar, uma extensa cortina de agua que cahia ao longo de alta muralha escura.

No plano superior d'essa perspectiva deixava-se igualmente lobrigar a parte lateral restando do antigo leito do rio, na qual emergiam ilhotes verdejantes, e appareciam em fundo mais escuro as arvores da margem argentina.

Muito mais alto, um grande disco rubro revelava a presença do sol, no occaso, visto atravéz dos vapores da atmosphera.

Breve succederam-lhe no firmamento os astros da noite, com a chegada da qual o Ar despojou-se das nevoas, como de um manto, que deixou cahir dentro do abysmo das aguas.

O estrondo dos saltos, na vizinhança immediata, só podia permittir-me o estado de vigilia pela noite adiante, no pouso de tosca construcção, a que tinha-me recolhido, e por isso maior foi minha contrariedade, vendo amanhecer o póstero dia, nevoento como o da vespera.

Fiz abrir um trilho na vegetação rasteira intermeando-se com as arvores da margem fluvial, e a beira desta pude avistar, n'uma profundidade de algumas dezenas de metros, o ponto de juncção de dous corregos, separados por uma móle de rocha, situada no meio do abysmo.

Representavam tudo que ficára das aguas, depois das quédas; e effectuada a juncção acima, a unica corrente em continuação re-

presentava o proprio curso do rio, que porém não se reconstituiria normalmente, senão ainda abaixo d'aquelle ponto, depois que cessassem os saltos da margem argentina, prolongando-se muito mais que os do lado brazileiro.

Como ia se dissipando a cerração do Ar, guiaram-me a um mirante natural, situado na encosta do proprio pégo, junto a um penedo fracturado.

Da banda de léste e desde uma distancia, que parecia-me grande, via gigantescos saltos de agua, que vinham avançando em nossa direcção, pelas bordas do elevado abysmo.

Revestia magestósas proporções a exhibição d'aquelle incessante arremesso de um rio na voragem, juntamente com a ascenção das columnas de vapor em que se transformara grande parte do liquido pelo movimento da quéda, e com os effeitos de luz sobre a agua.

Nas paredes da collossal cavidade existiam degráus como de fórma trappeana, onde resaltava a agua, antes de ir terminar sua quéda.

Concorriam tambem para essa segunda ordem de saltos os taboleiros das moles de rochas, situadas no meio do boqueirão e ligadas a algum ponto de seus flancos.

No recincto d'aquelle vasto amphitheatro assistia-se assim a uma festa natural das aguas, incomparavelmente mais esplendida do que a que os reis se proporcionavam pela Arte

em seus palacios de Versailles ou de Saint-Cloud.

Considerava-me miserrimamente pequeno no seio d'aquelle ambito de grandes maravilhas, e via, entretanto, passaros de minusculas dimensões revoando do fundo do abysmo sobre a curva dos arcos-iris, produzidos nos vapores dos saltos e nos que remanesciam no Ar.

—

Remontando o talude do mirante, dirigiram-me a um ponto da margem, mais acima, onde terminavam os saltos d'esse lado.

D'ahi podia-se observar com muito mais approximação o arcabouço do scenario, que tinha admirado em seu conjuncto.

N'uma reentrancia central das paredes de rochas, no eixo do *thalweg*, acha-se o principal salto do rio cuja altura de quéda avalia-se em 60 metros e, nas diversas anfractuosidades á beira da excavação, que vão se dilatando até tocar nas margens, os outros saltos succedem-se em altura decrescente, como mostrando a declividade natural do antigo leito do rio.

O taboleiro superior do rio, nos saltos confinantes da margem brazileira, apresenta o fundo de lages.

Quando se acham muito baixas as aguas do rio, rareiando então ou suspendendo-se mes-

mo os saltos lateráes, funccionando quasi que só o grande salto central, pode-se caminhar até perto d'este pelo dito taboleiro, sobre um pavimento igualmente lageado.

Julguei reconhecer tambem a presença de rochas duras nos flancos e no fundo do abysmo, bem assim, porém ao estado de fragmentação, no leito dos corregos, que transportavam para fóra d'aquelle ambito as aguas remanescentes dos saltos.

—

Um mez depois, voltei a vêr os saltos do Iguassú, quando o rio encontrava-se em crescente extraordinaria.

Todas as paredes de rochas desappareciam agora completamente debaixo do incalculavel volume de aguas, que tudo assoberbavam n'um só salto de circuito kilometrico.

O rio parecia querer a seu turno entulhar o abysmo, em que se afundára seu antigo leito, e trazia com esse proposito tanta agua, que se diria despejar-se por alli a urna de um oceano.

A atmosphera limpida deixava o Sól banhar em plena luz os gigantescos jactos d'agua, que de tão revolta oppunha á reflexão de seus raios um fundo turvo.

O barulho da quéda era o de um trovão, e levantava a mesma tanto vapor, que enchia o boqueirão immenso.

Do fundo do bárathro resaltava a agua em espadanas até grande altura, obrigando-me a abandonar o mirante de pedra, onde deixei gravado, como recordação indelevel, o nome de um Ente caro, arrebatado em outro vortice do mais temeroso Incognito.

VI

A Fronteira

Na intersecção de dous planos figurando as encostas oppositas de dous morros encimados pelo matto, corria um pequeno arroio, que levava o mesquinho tributo de suas aguas ao rio Paraná, que se avistava alli perto.

Do alto de uma d'essas lombas, a perspectiva que podia ter era de achar-me como prisioneiro n'um reduzido polygono, tendo por limite aquella cerca, atráz da qual ficava meu albergue de cedro, e que descia alinhada pela frente de alguns casebres mais, até o arroio.

Meus passos levavam-me automaticamente á esquina d'essa barreira, onde terminava a Avenida florestal, dando entrada á colonia ; mas, pelo espaço de mezes consecutivos, nada via chegar de minha patria, por esse lado.

Assim, reduzido ás communicações fluviáes com os centros de civilisação de paizes estrangeiros, era com certa emoção irreprimivel que ouvia o silvo dos pequenos vapores, vindos de Posadas ou de Encarnacion, e que deixavam-nos a correspondencia, em sua passagem pela eolonia.

Eram na maior parte das vezes diarios platinos, onde encontrava as noticias mais desfavoraveis para os creditos politicos e outros de minha Patria, e que, infelizmente, via mais tarde confirmadas pela correspondencia recebida do Brazil.

Encheu-me da maior surpreza, entre outras, a noticia de que na grande manifestação civica, realisada no Rio de Janeiro pelo anniversario de 29 de Junho, a multidão fôra inhibida de passar pela frente do palacio presidencial, tendo de tomar as ruas lateraes.

Suspeitando do proprio povo, e depois de ter repudiado o exercito nacional, rodeiando-se agora de uma guarda especial de policia, que differença podia haver entre o procedimento de nossas autoridades e o daquelles tyrannos, de que falla a Historia Antiga e que os Gregos tanto execraram?

Contristava-me ainda mais, vendo que essa desconfiança degenerava em odio, pois que a guarda policial procurára, até dentro da mansão dos mortos, exterminar os promotores do

acto de gratidão nacional,que impellia o povo a romaria junto do tumulo do Marechal Floriano Peixoto.

Aliás, os conflictos da mesma policia, não só com os simples cidadãos ou agrupamentos destes, como até com as corporações de caracter official,de que offereceu um exemplo o caso da Escola Polytechnica,—renovavam-se como os signáes caracteristicos desse ultimo periodo da Presidencia do Dr. Prudente de Moraes, que devia vêr n'isso um serio protesto da opinião geral contra os actos dos auxiliares de sua administração.

Tanto mais que a conducta dessas mesmas autoridades, na obra reaccionaria emprehendida desde Novembro do anno anterior, havia recebido o estygma de arbitrariedade,impresso pelo proprio Congresso Federal, onde a maioria dos representantes apoiava, entretanto, a situação politica.

Assim, as duas casas do Congresso tinham denegado a autorisação, pedida pela Policia, para processar alguns de seus representantes, denunciados atôa como cumplices do assassinio politico.

E o Supremo Tribunal Federal reconhecêra tambem a improcedencia de iguaes suspeitas contra o illustre Vice-Presidente da Republica.

Diante pois d'esse pronunciamento dos dous outros Poderes representativos da soberania nacional, era de certo muito extranha a persistencia do Executivo em suas prevenções politicas, que levavam-n'o a segregar-se insolitamente da communhão geral dos cidadãos.

Devia por isso apparecer muito burlesco aos olhos de estrangeiros, o nosso arremedo de Governo Republicano, porquanto o regimen de liberdade politica, inherente ao mesmo, achava-se substituido, no Brazil, por um Regimento de disposições policiaes, que faziam considerar e perseguir, como malfeitores, os adversarios ou desaffeiçoados do Governo.

...A noite, que já se fazia na orla do matto proximo e que não tardava a estender-se pelo Firmamento, não projectava mais sombras do que as que envolviam-me o espirito, apprehensivo sobre a estabilidade das instituições republicanas, em meu paiz.

—

Mau grado das atribulações de meu espirito, tinha no isolamento, em que deixava-nos a administração de nosso paiz, de prover a conservação dos habitantes daquelle meio afastado, proscriptos politicos, uns, e naufragos sociaes, outros.

Ainda que parecesse isso um escarneo, precisava-se applicar a semelhante logarejo

barbaro todos os ramos da administração publica central, que não amparava-o, entretanto, com os necessarios recursos, como já foi dito.

Assim, relativamente a viação e obras publicas, fiz abrir algumas estradas e reparar outras, bem como executar uma Avenida, a que tenho alludido, lançar pontilhões sobre todos os corregos, atravessando caminhos seguidos, até a distancia de muitas leguas, finalmente construir, no porto de desembarque um plano inclinado, que deixei funccionando, mais algumas casas de madeira, e uma de material de alvenaria, a primeira desse genero, naquella zona do Alto Paraná.

O serviço do correio, por meio de estafetas, até Catanduvas, era igualmente custeado pela direcção colonial.

Na administração do Interior, por assim dizer, constituiam uma notavel verba de despeza a Assistencia e os soccorros publicos, de que participavam, não só paisanos, como mesmo militares, em vista da escassez de recursos locaes e da falta assignalada de uma prompta remessa dos subsidios do Centro.

Conforme uma referencia anterior, não eram effectivamente soccorridos a tempo, nem de modo sufficiente, pela administração da Guerra, os soldados embóra de numero diminuto, formando aquelle pequeno destacamento, que se puzera irrisoriamente á disposição

de um official superior, como para vexal-o ainda mais, na qualidade de proscripto.

As finanças, com que fazer frente a tantos serviços e encargos administrativos, é que se apresentariam, pelos motivos apontados, sob o mesmo aspecto calamitoso, que revestiam no resto do paiz, si não procurasse crear fontes de receita locaes.

Fizeram-me um crime d'esse espirito de iniciativa, talvez porque discordasse do exemplo de cima, que era de nada innovar no assumpto, assistindo-se impassivel a ruina das Finanças publicas, sem procurar remediar-lhe, quer pela creação de novas fontes de receita, quer pelo augmento das já existentes.

Porém, relativamente á colonia do Iguassú, isso era uma questão de vida ou de morte, isto é, de conservação ou de abandono d'aquelle rincão administrativo, lançado fóra do Brazil.

Devo logo declarar que não era de difficil elucubração, o estabelecimento de um regimen economico no mesmo territorio marginal de um rio, que, segundo foi dito, representa uma das principaes arterias da riqueza e prosperidade da Republica Argentina.

Remontando o Paraná, depara-se, como a meia legua arriba do porto da colonia, com um remanso das aguas do rio e, um pouco mais longe, com uma ilha que tem a configu-

ração de morro, em frente á barra do arroio Acarahy, da margem paraguaya.

Acima d'esse ponto de separação de seus braços, a corrente fluvial vem n'um curto trecho em apertado leito ; mas, logo após, dilata-se a vista em mais ampla bacia do rio.

Em suas ribeiras, despojadas já da vogetação selvagem, avistavam-se então, de um lado os armazens da Companhia «Industrial Paraguaya», e do lado brazileiro, o importante estabelecimento commercial do Sr. Higinio Alegre, operoso hespanhol, empenhado no progresso d'aquelle canto de nosso territorio.

D'esse logar via-se com frequencia baixarem grande numero de canôas, deslisando-se pela margem paraguaya, e que traziam ao porto de Tacurú-Pucú, em que se encontravam os referidos depositos da «Industrial», a colheita de herva-matte das florestas marginaes.

Maior colheita, porém, era a que essa companhia obtinha dos herváes, sitos no interior do territorio paraguayo, em regiões de sua propriedade, abrangendo uma superficie tal, que não se achavam as mesmas levantadas n'uma simples planta topographica, mas n'um verdadeiro mappa geographico, como tive occasião de vér.

Ella tinha os mercados de seus productos em Assumpção e Buenos-Aires, sendo suas mar-

cas de herva-matte reputadas entre as melhores.

O movimento de suas explorações, no Alto Paraná, dera origem a uma pequena povoação, que existe no interior a uma legua do porto de Tacurú, e a cerca de 40 leguas castelhanas de Villa-Rica, primeira cidade importante do Paraguay, que se encontra d'esse lado.

Nas vizinhanças de Tacurú existem alguns pequenos campos em que se cuidava de algum gado e, em intervallos mais distantes, sobretudo na direcção de Villa-Rica, iam se encontrando estancias de criação.

Além dos depositos da «Industrial», em que fazia-se tambem o commercio para uso de seus empregados e operarios, disseminavam-se varias pequenas casas de negocio pela margem paraguaya, e mesmo pela brazileira.

Subsistiam principalmente da população fluctuante consagrada, independentemente do serviço da «Industrial», ás explorações de herva e madeiras, no Alto Paraná.

Da margem brazileira, na zona colonial, não era grande a concurrencia dos productos dos hervaes, que me denunciaram não serem com effeito abundantes d'aquelle lado da serra do Maracajú, encontrando-se nos planaltos do Paraná muito espaçadas as *manchas* da preciosa planta.

Estabeleci comtudo o arrendamento das zonas de herváes, em beneficio do Erario colonial (1)

Igual medida adoptei relativamente ás explorações da madeira de cedro, estabelecendo a venda d'esse producto florestal, mediante contractos de autorisação ou concessão para o respectivo córte, em zonas limitadas.

Taes explorações existiam, havia muito tempo, quer na costa fronteira, onde eram sujeitas ao fisco, quer em a nossa zona colonial, onde se faziam gratuitamente, e empregavam-se nas mesmas os processos os mais primitivos: derribando-se a machado os troncos, falquejando-os no mesmo logar, tambem a golpes de ferro, transportando logo em carro de bois a viga, sem seccar, a um ponto da ribeira, d'onde era precipitada ao rio, para formar balça.

Si podiam os mesmos trabalhos dar quantiosos lucros a seus empreiteiros, que na ribeira faziam-se pagar, pelos exportadores, um *peso* em papel argentino, por uma jarda cubica de cedro,—produziam tambem vantajosos re-

(1) Por muito tempo, as hervas do Paraguay embarcavam de contrabando, no Alto Paraná, e desembarcavam nos portos argentinos, como sendo de procedencia brazileira, esquivando-se assim aos direitos de exportação, n'aquelle primeiro paiz, e prevalecendo-se da isenção de quaesquer pagamentos em nossa fronteira.

sultados para esse ponto da nossa fronteira, pelo impulso que vinha dar-lhe a presença de avultada população fluctuante, que desbravava e arroteava as mattas, o que juntando-se ás roças que fazia para seu uso, preparava futuras sédes para o estabelecimento de colonos e outros immigrantes (1)

—

A's inclemencias e privações do habitaculo nas mattas, bem como ao dispendio das forças na derribada brutal dos mais grossos troncos de arvores, não resistiam muitos dos operarios alli empregados, que tinham de retirar-se extenúados, quando não succumbiam n'esse Meio inhospito.

Causava-me sempre grande impressão a vista de uma cruz de madeira, tendo um pedaço de mortalha, que pendia-lhe dos braços e que alvejava no fundo verde escuro da pequena clareira, aberta no matto e a beira da estrada, para dar sepultura a um ignorado explorador das selvas.

Parecia-me que era morrer duas vezes, exhalar-se o derradeiro alento na profundeza das mattas, longe da communhão dos homens e dos ceutros civilisados, quiçá victimado pelo

(1) Infelizmente, veio a declinar, desde fins de 1898, a prosperidade das emprezas de córte de madeiras, pela baixa do preço destas, no mercado de Buenos-Aires.

regimen oppressivo de algum patrão dos trabalhos.

Era porém vã essa reflexão, como todas do mesmo genero, pois que a Terra inteira é o theatro da adversidade e da tyrannia.

Tinham de certo seu simile nos proprios centros civilisados, os actos de prepotencia exercidos pelos mandões de turmas de operarios, no seio da floresta escura.

Só as condições do Meio é que podiam dar uma côr mais selvagem e cruel aos actos de tyrannia, como o seguinte, de que eu-mesmo fiz um inquerito.

Para as bandas do rio S. Vicente, ao norte da zona colonial, n'um acampamento de herva-teiros, roçado no meio do matto, encontraram-se dous peões com seu capataz, junto ao improvisado fogão.

Interpellado em termos moderados por um daquelles, sobre ajuste de salarios, o capataz tomou da espingarda, que tinha ao alcance da mão, e alvejando o peão como faria a uma peça de caça, matou-o a tiro.

O outro operario deveu a vida á submissão, de que apressou-se a formular as mais ardentes expressões ao assassino.

N'isso ião chegando os demais empregados no trabalho da matta e... o patrão homicida ordenou-lhes simplesmente de cavarem a sepultura para a victima.

Feito o que,retirou-se com todos elles,mandando tapar com folhas e troncos a entrada da picada, que conduzia ao logar do crime.

Pois bem : esse tyrannete, cuja conducta teve aliás a approvação de outros empreiteiros, incutia tal terror no animo de sua gente, que apenas dous peões vieram á colonia, muitas semanas depois, revelar-me o crime referido.

Que differença, porém, pode haver quanto aos resultados moraes, entre essa solidariedade pelo terror, que junge o mateiro ao patrão, e a que o egoismo ou a pusillanimidade inspiram, nos centros civilisados, aos homens que apoiam a tyrannia dos agentes do poder ?

—

Si pelo lado da garantia ás liberdades do individuo a fronteira não podia apresentar-se em satisfactorias condições, mais precarias ainda se mostravam estas para a protecção do territorio nacional,no caso de invasão inimiga.

Felizmente, e esta era pelo menos minha opinião, fundamentada como se vai vêr, semelhante mal não seria de receiar para nosso paiz, por esse ponto da fronteira, que de módo algum não representava uma posição estrategica, nem para aggressão, nem para defeza.

Distante de qualquer centro importante das tres republicas limitrophes,mesmo pela via flu-

vial, tendo eu descripto as difficuldades em remontar o rio,só navegavel áliás para pequenas embarcações, e com os caminhos para o interior do Brazil, quasi impraticaveis á passagem do material de guerra e das columnas expedicionarias, finalmente não offerecendo recursos locaes para abastecimentos,—a Fóz do Iguassú era uma posição, não só insustentavel, como sem significação militar.

Assim já tinham-n'o comprehendido,e breve experimentaram-n'o a expensas proprias, os revolucionarios invasores do Paraná, em 1894.

Um de seus mais intelligentes officiaes, o Coronel Jacques Ourique, havia escripto nesse mesmo anno:

«A 20 de Janeiro, estavamos senhores de todo o Estado do Paraná com excepção da cidade da Lapa...e das *colonias militares fronteiras, pontos sem importancia por seus poucos recursos e pela distancia em que se acham situados.*» (1)

Apenas errou o citado escriptor em estender ou generalisar sua apreciação, não se encontrando nas condições de colonia militar fronteira, propriamente dita, senão a da fóz do Iguassú; emquanto que as outras, situadas no interior do territorio paranaense, e a proximidade relativa das cidades de Guarapuava e

(1) V. O *Drama do Paraná*. Buenos Aires, 1894.

Palmas, puderam ser guarnecidas a tempo e embaraçar o passo aos revolucionarios, em sua retirada para o Rio Grande.

Porém, uma coiumna d'elles, sendo perseguida pelas forças legaes, viu-se obrigada a tomar o caminho da colonia do Iguassú,onde os successos vieram confirmar a previsão do escriptor seu correligionario, não podendo alcançar aquelle ponto da fronteira senão atravéz de mil vicissitudes contrarias; e uma vez alli chegados no mais lamentavel estado, reconheceram que não podiam se manter em semelhante posição.

Acossados pelas tropas regulares, ainda durante algumas leguas além de Guarapuava, na entrada da picada, emprehenderam os revolucionarios mais uma fuga do que uma retirada, abandonando pelo caminho grande parte do material de guerra, todo o que era mais pesado, e chegando á fronteira com uma parte apenas dos despojos levados do Estado do Paraná.

Por seu lado, os habitantes da colonia tinham reconhecido a impossibilidade de organisar a defeza n'essa posição isolada e, por isso, a Directoria, a guarnição militar e alguns colonos, retiraram-se diante da invasão para a margem oppósta do rio, no territorio paraguayo.

Os revolucionarios, que acabavam de fazer

a cruel experiencia da travessia de um sertão de mais de sessenta leguas, de que quarenta eram de mattos, cortados de sangas e arroios, deviam reconhecer bem ao vivo a insania de nova tentativa de invasão do interior do Brazil por semelhante caminho quasi invio e, outrosim, desesperar de serem soccorridos pelo mesmo lado por seus partidarios, que ainda combatiam no Rio Grande do Sul.

Isolados, pois, na posição do Iguassú, não se demoraram alli mais do que o tempo de negociarem com especuladores estrangeiros, residentes na colonia ou forasteiros, a venda de parte dos despojos em armas, animaes, e outros, trazidos do interior do Brazil e que conseguiram salvar no trajecto da picada.

Os que se resignaram assim a abandonar a região do Iguassú, deviam ser ainda algumas centenas de homens, a avaliar-se pelo armamento, de que grande parte adquirida pelos especuladores foi revendida nas republicas visinhas, e de que ainda encontrei, annos depois, um deposito de dezenas de fuzis, n'uma casa commercial da colonia.

Direi adiante o valor militar de outros pontos da fronteira, ao sul do Iguassú, evidentemente mais propicios ás invasões estrangeiras.

Posto perdido, além do sertão, é o que parecia-me representar militarmente a Fóz do Iguassú.

A nesga remanescente das Missões em poder dos Argentinos, á margem esquerda do Iguassú e fronteira ao nosso territorio colonial, não conta muito acima de 11 leguas de largura, desde a barra do arroio—divisa de Santo Antonio no mesmo Iguassú, até a fóz deste no Paraná.

Na altura do logar denominado Campinas da America, que forma espaços neutros entre as cabeceiras oppóstas do dito Santo Antonio e do arroio Pepiry Guassú, a referida nesga tem de largura 17 leguas até a margem do Paraná.

A' vista de tão exiguas dimensões, que geographicamente não represantam sequer um gráo de longitude, patentêa-se a importancia que os Argentinos ligavam á posse d'esse torrão, mesmo sacrificando á sua conservação o restante das pretenções, que allegavam á maior partilha das Antigas Missões.

Já referi, na descripção do Alto Paraná, o movimento industrial da ribeira argentina, n'essas paragens.

No interior da mesma região, varios particulares, de que citaram-me os nomes de alguns bem conhecidos na Republica Argentina, tem mandado medir vastas datas de terras, de muitas leguas de profundidade, e que se achavam ainda cobertas de mattas.

Cortão o territorio varios arroios, de que alguns permittem a navegação em canôas até muito além de sua fóz, e em cujas margens installaram-se explorações de madeira, que descia em balças pela mesma corrente, como as que eu vi chegarem ao Paraná, á passagem do vapor.

Os hervateiros exploravam toda a zona até a nossa fronteira, tendo-se estabelecido na visinhança immediata d'esta nucleos de povoação, entre os quaes o de São Pedro, de que tive informações por passageiros de bordo, que para lá se dirigiam, desembarcando nos pórtos de Pirahy e São Lourenço.

A flora e a fauna d'essa região, bem como os costumes dos peões empregados em sua exploração, acham-se descriptas n'um livro moderno, de um engenheiro argentino, Snr. Juan Querel ( ), que elle mesmo trabalhou na demarcação de terras na nesga de Missões.

O Snr. Querel insiste sobretudo na exuberancia da riqueza de madeira, cujos grossos troncos muito conchegados estorvavam-lhe os trabalhos de agrimensor.

A não ser por tratar-se de um ponto, quiçá subsistente, de desintelligencia internacional, relativo ao antigo litigio das Missões, não mencionaria aqui que no mesmo livro citado

(1) V. *Misiones*. Buenos Aires, 1898.

encontra-se renovada a discussão sobre esse assumpto.

A par da merecida apreciação das noticias e dados, que fornece sobre a outra parte do territorio Missioneiro, possuido actualmente pelo Brazil, causou-nos extranheza que o illustrado escriptor argentino quizesse procurar a foz do arroio limitrophe, no rio Uruguay, muito para léste da que tem o arroio fixado hoje como fronteira.

Equivaleria isso a afastar cada vez mais pela ribeira *septentrional* do Uruguay acima, uma posição que o texto dos tratados de 1750 e 1777 assignala uniformemente na margem ou ribeira *occidental*, em cuja vizinhança mais immediata acha-se effectivamente a foz do arroio, definitivamente considerado como o verdadeiro Pepiry Guazú. (1)

Acharia muito mais razão nos brazileiros, em deplorar que no traçado da linha divisoria, cortando as Missões, não tivesse havido maior clarividencia nos ministros da antiga côrte portugueza, bem assim mais espirito de negociação nos representantes diplomaticos de nossa republica.

---

(1) Vêr os tratados *apud* C. Calvo : *Recueil Complet des Traités, etc.*, trad. franç Tome Second Paris, Durand edit. 1862.

Já me referi á indicação natural de uma linha de demarcação ligando os *cotovellos* dos rios Paraná e Uruguay, de que não podiam cogitar desde 1750 os plenipotenciarios, de um lado e do outro, os quaes, como diz C. Calvo: «fixaram os pontos directores da linha de demarcação sem ter uoticias exactas das localidades.» (1)

Os ministros da Republica poderiam, porém, ter reparado o mal, propondo a compra da nesga argentina, marginal do Alto Paraná, conforme um expediente admittido hoje nas negociações diplomaticas.

O Brazil não conta actualmente mais de 18 leguas, si tanto, de corrente navegavel no logar *mais remoto* do Alto Paraná, desde abaixo dos saltos do Guayra até a Fóz do Iguassú.

E' obvio que tão pequena extensão de ribeira, em que possa encontrar protecção o pavilhão nacional, bem assim a falta de importancia commercial d'uma paragem tão isolada pela distancia do centro do paiz,—não podem servir de incentivos para a concurrencia de embarcaçõs brazileiras na navegação de um rio, que tive occasião de descrever como proporcionando a riqueza aos nossos vizinhos.

Por outro lado, a região brazileira, hoje impropriamente denominada de Estado do Pa-

(1) V. *opus cit.*, t.e 2., ibid.

raná, ressente-se grandemente, para seu progresso, da falta de portos proprios sobre aquelle rio, abaixo do Iguassú, para a sahida dos productos florestaes de uma importante zona habitada de sua fronteira de Missões, a que alludirei ainda.

Respeitando porém o facto consummado, e feita a demarcação d'essa fronteira, para o que o Congresso brazileiro ainda discutia em 1898 os creditos necessarios,—impõe-se o estabelecimento de uma colonia militar no espaço comprehendido entre as cabeceiras dos dois arroios—divisas.

A installação d'esse nucleo administrativo, que provisoriamente appellidarei colonia de Santo Antonio, offereceria significação e vantagens igualmente incontestes, como sejam: —occupar uma posição militar; garantir a protecção das leis aos habitantes d'essas parages de fronteira; promover por sua existencia o progresso de regiões consideradas fertilissimas; zelar, finalmente, todos os interesses da União contra as depredações de vizinhos d'além da mesma fronteira.

Essa nova colonia se encontraria na vizinhança quasi immediata de um logar já habitado e cultivado, no Brazil, como é a região do Campo-Erê, qne serviria-lhe igualmente de estação para suas communicações com os centros, tambem poucos distantes, da povoação

de Bôa Vista e da villa de Palmas, no Estado do Paraná.

Não se achando pois nas condições de isolamento, que condemnam a existencia da colonia da Fóz do Iguassú, a de Santo Antonio representaria reaimente uma posição militar.

Occuparia nas cabeceiras dos dous arroios —divisas o apice de um triangulo estrategico, por assim dizer, cujos dous outros vertices da base se achariam nas duas actuaes colonias militares do Xopim e do Xapecò.

Segundo informação, que obtive de um ex-director da Colonia do Xopim : communicando-se esta por um caminho de poucas leguas, que foi aberto na costa do arroio de Sant'Anna (affluente do rio Xopim), com o campo do mesmo nome, vizinho do Erê, offerece-se pois como um valioso apoio militar, de relativa approximação, para a futura colonia de Santo Antonio.

Finalmente, esta ultima viria servir por sua vez de novo religamento da colonia do Iguassú com o Brazil, e poderia assim prestar-lhe igualmente um meio apoio militar, de que aquella carece absolutamente, hoje.

N'esse intuito, uma picada aberta na costa do arroio Santo Antonio, até sua fóz no Iguassú, e que se prolongasse por uma outra picada de poucos kilometros apenas, praticada nas

mattas da margem direita d'esse rio, iria encontrar a estrada geral da colonia, acerca de 11 leguas da séde d'esta, na ribeira do Paraná. (1)

Julgo inutil alongar estas considerações, hauridas na observação dos factos, e que affectando interesses superiores da União e dos Estados brasileiros, parecem-me justificar a preferencia de cuidados, por parte dos Poderes Publicos, para a fronteira de Missões.

Separando-nos a mesma da nesga do territorio argentino, marginal do Paraná, pode ser o theatro, não direi de operações militares. que a amizade dos dous paizes não faz prevêr, mas de uma importante concurrencia commercial e industrial, para que precisamos igualmente preparar o nosso paiz.

(1) Fizeram-se tentativas naturalmeute baldadas, para orientar essa picada atravez do matto, a partir da estrada colonial, até um ponto ainda indeterminado da margem do Iguassú. Ao retirar-me da colonia, ignorava o resultado de uma expedição fluvial, que ordenei, afim de tirar ao envéz aquella linha, a partir da barra do Santo Antonio.

VII

De volta do exilio

Para sahir do logar de meu desterro, ao terminar este, estive ameaçado de vêr como que fechadas as portas diante de mim.

Na vespera, aportára á colonia um pequeno vapor de guerra argentino, que trazia communicação do apparecimento da peste bubonica, no Paraguay, e da quarentena e mesmo trancamento de portos, que o Governo de Buenos Aires impunha ás procedencias d'essa nação fronteira.

Ficava assim tolhida a navegação dos vapores mercantes da linha do Alto Paraná, que faziam escálas nos pórtos da margem paraguaya, abaixo e acima da colonia brasileira.

Aproveitei-me da gentileza do Capitão de Fragata D. Ricardo Flores, Prefeito do porto de Posadas, que offerecia-me passagem, para mim e meus filhos, a bordo do dito vapor de

guerra, que tornára-se assim um inesperado meio de transporte, que encontrava para sahir do novo isolamento, a que tambem pelo lado do rio ia ficar condemnada a colonia do Iguassú.

Baixando o rio, a navegação faz-se com a maxima rapidez, regulando a marcha do nosso vapor 15 milhas em uma hora.

Deparei em Posadas com os visiveis signaes dos cuidados preventivos contra a peste, e que motivaram para os predios um melhoramento real, com quanto de effeito bizarro, por isso que fizera a mesma cidade mudar de côr.

Já referi que as casas alli, em sua maioria, não eram rebocadas, exhibindo as paredes, do lado da rúa, suas fileiras de tijólos núa, dando assim á edificação da cidade uma uniforme côr vermelha-escura.

Como medida prophylatica, ordenára a autoridade que as casas recebessem uma mão de cal sobre a propria ossatura de ladrilho, de modo que appareceram todas em pouco tempo esbranquiçadas como esqueletos.

Achando-se tambem interrompida pela mesma peste, que surdia ironicamente no fim do seculo, a carreira regular dos vapores de Mihanowitch, que navegam até os portos do Paraguay, tive de embarcar para Buenos Aires em outro pequeno vapor, da casa Bar-

the, que entretinha relações muito prestantes com a colonia do Iguassú.

....Afastava-me, com pezar inexprimivel, de Posadas, em suas collinas avistava a morada mortuaria de minha inditosa Esposa, cuja reliquia não me era dado sequer recolher á Patria, em meu regresso do exilio.

—

Em Buenos Aires, era ainda muito grata a impressão causada pelo acolhimento feito no Rio de Janeiro ao Presidente Roca, e de que se esperava melhor *entente* futura entre os dous paizes, que o Imperio concorrêra para tornar inimigos tradicionáes.

A dedicação patriotica do Presidente Roca revelava-se n'esse empenho de fixar o caracter das relações entre as trez potencias, representantes da hegemonia na America Meridional.

A questão de limites com o Chile, embóra submettida á arbitragem, na Europa, fôra, segundo dizia-se, objecto de auspiciosa conferencia entre os presidentes das potencias contendoras, na entrevista que tiveram no Estreito de Magalhães, antes da viagem do General Roca ao Brazil.

Não podia porém occupar-me de tão interessantes questões, com a pressa que levava na viagem, e embóra a capital Argentina não

offerecesse nenhum contagio perigoso, a não ser o de seus encantos.

Mas, eu que não fugia da peste, e sim da quarentena, receiava encontrar esta nos pórtos de meu proprio paiz, para as procedencias platinas.

E' sempre aprazivel a travessia do Prata nos luxuosos vapores, representando verdadeiros salões fluctuantes, mas o porto de Montevidéo é que apresenta-se surprendentemente desabrigado, sem uma dóca sequer para desembarque.

No trajecto em bote, para o trapiche da Alfandega, pensei vêr o derradeiro e fatal impedimento á minha volta do exilio.

O mar, que conservára-se encapellado desde as primeiras horas da manhã, jogava com a fragil embarcação, em que me achava com meus filhos, como si quizesse fazêl-a virar devéras.

A situação politica da capital do Uruguay não mudára desde a época de minha anterior passagem, que descrevi.

Perguntando por varios officiaes do exercito que conhecia, informaram-me que se achavam, uns em disponibilidade, e outros afastados em serviço na campanha oriental.

Continuava a preoccupar o governo do Sr. Cuestas, agora presidente effectivo, o cuidado de prevenir conspirações.

No ultimo porto, que faltava-me franquear para dirigir-me a meu paiz, ia quasi succedendo o que eu receiára relativamente á quarentena, que já se havia imposto no Brazil ás procedencias do Paraguay e que se cogitava agora de estender ás do rio Paraná, com especialidade do Alto Paranà.

Pude, felizmente, esquivar-me á dura contingencia de ver mais uma vez tolhida minha liberdade individual em um Lazareto.

—

Victima das animosidades partidarias, que me haviam feito soffrer uma cruel proscripção, devia-me ser permittido, mais do que a outrem, inquirir da razão de acontecimentos de tão funestas consequencias para minha carreira.

Não tendo n'esse exame retrospectivo obcecações partidarias, accentuando ao envéz o ideal, que sempre me inspirou no serviço da Republica, não podia eu deixar de profligar os excessos dos proprios homens que mais pareciam commungar com minhas idéas, e que por sua conducta imprudente deviam alarmar a quietude dos adversarios d'esses mesmos principios, que haviam estado em jogo n'uma recente guerra civil.

O *Florianismo* fôra evidentemente corrompido em seus intuitos e em suas applicações.

Ao revéz, surdiam ao mesmo tempo, como que para deporem contra a virtude d'esse principio, as recriminações de todos os individuos, que diziam-se victimas do precedente Governo, e que appareciam em muito maior numero do que nunca se imaginára.

Alguns actos dos auxiliares d'esse Governo apresentaram-se, effectivamente, sob um aspecto susceptivel de explicar a indignação de seus adversarios.

Despertava-se em meu espirito esta ultima reflexão, durante o trajecto pela estrada de ferro de Curityba, em meu regresso ao Brazil.

A vista do medonho precipicio, vizinho da entrada de um tunel e fronteiro d'aquella severa paizagem de serros altos e escuros, retraça tetricamente á imaginação do viajante um dos mais lamentaveis episodios da guerra civil.

Não se pode de certo justificar a execução dos presos civis, que foram fuzilados a beira daquelle abysmo.

E' bem conhecida a historia da invasão do Paraná pelas forças revolucionarias, cujo exito só se explica pelo panico, que introduziu-se, não em fileiras das forças legaes, mas nos conselhos de seus chefes.

Apezar da valerosa resistencia que offereciam as tropas de linha, os guardas nacionaes e patriotas, em Paranaguá, Tijucas, e princi-

palmente, na Lapa; não obstante tambem o alto valor estrategico, que tinha a estrada de ferro em relação aos pontos invadidos;--sabe-se que a autoridade superior, não só não expediu soccorros a seus briosos commandados, como mesmo emprehendeu a retirada precipite para fóra da capital e do proprio Estado.

Diante desse abandono inexplicavel do territorio e de seus habitantes, por parte d'aquelles, que tinham o compromisso legal de defendel-os a todo transe, é inconcebivel que se tornasse algum dia os particulares, residindo nas cidades ou algures, responsaveis pelos acontecimentos succedaneos da invasão.

Em taes condições, é de uso nos paizes civilisados considerar como meritoria a conducta dos habitantes, que procuram salvaguardar sua cidade desprotegida contra maior damno da parte dos invasores, constituindo-se junto a estes os advogados da liberdade e propriedade de seus concidadãos.

Esse foi effectivamente o procedimento conhecido dos mais influentes cidadãos, que se acharam comtudo no numero dos supplicados do alto da serra.

—

Si podiam assim ter fundamento, alguns dos protestos enunciados pelos vencidos da guer-

ra civil,não era sem duvida igualmente admissivel a reacção,que por esse motivo pretendia-se autorisar contra todos aquelles, que por dedicação ou por dever tinham servido ao lado do Marechal Floriano Peixoto, na defeza da legalidade.

Equivaleria isso a condemnar o principio em que elles se tinham inspirado, ou a causa que tinham defendido,e que era, entretanto, a mesma que a da republica constitucional.

Que isso todavia aconteceu, faz fé a narração, que esbocei, dos antecedentes da proscripção, em que me achei envolvido com os denominados Florianistas.

Um procedimento insolito dos Poderes Publicos pode muitas vezes constituir o que se chama uma *razão de Estado* e, nesse caso, o historiador deve inquirir dos motivos concernentes aos interesses ou salvação da Republica, que motivaram a adopção de medidas extraordinarias.

Ora, relativamente á missão, que assignalei como incumbindo especialmente ao Governo do Dr. Prudente de Moraes, não se aponta acto algum dos republicanos, em opposição a essa medida de interesse nacional.

Bem ao contrario, os encarregados de sua execução é que revelaram as maiores prevenções e animosidades contra os antigos auxiliares do Marechal, não só no Rio Grande do

Sul, onde descrevi o procedimento d'aquelles, como na propria Capital Federal, em cujas ruas organisaram-se correrias de particulares e mesmo de agentes da autoridade, contra os republicanos.

No mesmo sentido, durante todo o periodo da elaboração pacificadora, no anno de 1895, a imprensa diaria da capital Federal inseria em suas columnas, sem nenhuma repressão da autoridade, as mais temerarias invectivas contra os actos e os defensores do passado Governo.

Consummada a obra da pacificação, pareciam mais descabidas do que nunca quaesquer reacções, essencialmente contrarias ao espirito de harmonia, que se pretendêra restabelecer entre os cidadãos.

Continuando, porém, a proscripção politica dos republicanos, emquanto que seus adversarios da vespera tinham o melhor acolhimento official e passaram a occupar as posições administrativas, ia semelhante obcecação da autoridade pondo mais uma vez em risco a existencia da Republica.

Os restauradores monarchicos, que na Capital Federal não se haviam afoutado a proclamar sua existencia, mesmo ante o valeroso esforço, tentado isoladamente pelo Contra-almirante Saldanha da Gama, na ultima phase da revolta naval, acharam porém azada occa-

são de manifestarem-se, em presença de um governo divorciado da opinião republicana.

Da publicação de seu manifesto e do apparecimento mais tardio de seu orgam na imprensa da capital Federal, em 1896, data a organisação partidaria dos restauradores monarchicos, que appareciam opportunamente para explorar os erros de uma situação apocryphamente republicana.

Aproveitaram com vantagem, a bem de sua causa, as humilhações de nossa diplomacia perante o governo do rei Humberto; porém com revoltante falta de patriotismo, os primeiros revézes das armas republicanas, nos sertões da Bahia.

Festejaram sob as vistas da autoridade a victoria dos fanaticos, que no arraial de Canudos, não se occupando só de praticas de idolatria, annunciavam tambem o advento do reinado de D. Izabel—a Beata.

...Não cuidava, entretanto, o representante do Governo, que fazendo-o seus auxiliares conservar-se segregado da opinião, assim offerecia-se indefeso á arma do sicario, cujos sinistros intentos não podiam chegar a seus ouvidos, cerrados á voz publica.

—

De volta do exilio, não encontrei em meu paiz o termino de meus dissabores pessoaes,

mas nem por isso deixou meu animo de regozijar-se, vendo reerguidos os creditos da Patria, e mais assegurado o porvir da Republica, sob uma nova situação de governo.

Confiada a sorte da Republica a Estadistas experientes e virtuosos, pode restar aos cidadãos, que soffreram por sua fidelidade ás mesmas instituições, a esperança de vêr chegar para elles a hora da justiça.

Não pode tambem continuar a ser um titulo de proscripção o culto d'Aquelle, que foi o Salvador da Republica.

E' proprio sómente dos homens mediocres, aborrecerem a gloria dos mortos.

Unicamente tambem, os Governos, que não se apoiam na opinião, procuram tolher aos individuos essa liberdade espiritual, cuja perseguição é o signo por excellencia do despotismo politico.

A gloria mais pura de um chefe d'Estado é o respeito da liberdade dos cidadãos.

FIM

INDICE

	Pag.s
Dedicatoria	3
Cap. I. Antecedentes politicos	5
» II. O Alto Paraná	57
» III. Duas catastrophes	89
» IV. Pelo Rio da Prata	105
» V. Os Saltos do Iguassú	153
» VI. A Fronteira	163
» VII. De volta do exilio	185

Errata

Na	pagina	9,	linha	9,	leia-se : estrictos
»	»	23,	»	13,	» : grandeza
»	»	27,	»	10,	» : caracteristicos
»	»	32,	»	25,	» : Poder
»	»	33,	»	14,	» : encarregado
»	»	81,	»	3,	» : de (em vez de a)
»	»	84,	»	1,	» : estar
»	»	104,	»	1,	» : encontraria
»	»	104,	»	4--5,	» : desaffeiçoados
»	»	107,	»	20,	» : muito
»	»	122,	»	25,	» : legitimo
»	»	128,	»	10,	» : de Pelliza
»	»	160,	»	23,	» : Sól abrasar
»	»	181,	»	24,	» : embarcações

12529

RANGEL MOREIRA

Ao dr. Motta Filho, bem
bemquisto do
Rangel

As duas plataformas

SÃO PAULO
TYP. CASA GARRAUX
1930

De RANGEL MOREIRA

— **Ensino Academico** — Recife, 1908. Edição Ramiro Costa. Esgotada.

— **Tres Palestras** (Conferencias realisadas em Pernambuco, em beneficio de um centro de ensino agricola) — Recife, 1909. Edição Ramiro Costa. Esgotada.

Curso de Historia Contemporanea. — 1912 — S. Paulo. Edição do Mackenzie College.

— **Pela Autonomia de São Paulo** (Carta ao Marechal Hermes da Fonseca) — 1912 — S. Paulo — Duprat & Cia. — Edição esgotada.

— **O que tem dado Pernambuco á historia da nossa literatura** — 1912 — S. Paulo — Edição esgotada.

— **Esboço historico das nossas questões de fronteira** — 1913 — S. Paulo — Editora «O Pensamento».

— **Discursos** (com prefacio de Oliveira Lima) —1913 — São Paulo — Editora «O Pensamento»

— **Varios Escriptos** — 1913 — São Paulo — Editora «O Pensamento»

— **Cartas de Braz Coutinho** —1914 — São Paulo.

— **Amigos e Mestres** — 1915 — São Paulo — Editora «O Pensamento».

— **Martins Junior** — 1916 — São Paulo — Editora «O Pensamento.

— **Fragoa Brasileira** — 1926 — São Paulo.

— **Oiro do Brasil** — 1927.

— **Pecuaria Paulista** (notas de um expositor) — 1928.

1252

A's intelligencias moças, cultas e brilhantes que por São Paulo e pela União combatem, á hora actual, da velha e gloriosa ameia republicana, que é o Correio Paulistano, *dedico estas modestas paginas de justiça.*

R. M.

R520

I

Devem estar desapontados os que, divergindo do candidato nacional pela subordinação das suas idéas a um supposto materialismo politico, esperavam ouvir do sr. Getulio Vargas palavras novas, divulgadoras de uma concepção original dos problemas brasileiros, ardentes palavras traductoras de promessas, até hoje não formuladas por nenhum estadista patricio.

Porque, o que está ali, naquelle documento annunciado como a synthese de uma doutrina administrativa consentanea ás necessidades da republica, capaz de renovar, na sua applicação, a face da nossa vida politica, e de trazer miraculosos e duradouros estimulos ao compasso das nossas actividades creadoras, ou já se acha moido e remoido — na parte que interessa aos principios domesticos da Alliança — pelos tur-

bulentos postilhões daquella empreza de espectaculos suburbanos, ou já foi dito — na parte referente ás questões verdadeiramente nacionaes — de modo mais profundo e mais brilhante, e já foi commentado com mais amplo descortino sociologico pelo outro candidato, que o néo-liberalismo desta hora aponta ao paiz como a encarnação do espirito reaccionario, como o porta-bandeira de um velho pensamento retrogrado, disposto a não transigir com as solicitações democraticas do actual momento brasileiro.

De um renovador como se affirma ser o sr. Getulio Vargas, de um estadista talhado para a recomposição primorosa da nossa velha machina administrativa, como de s. exc. trombeteiam os seus correligionarios, outra coisa devia esperar a nação.

O que lhe sahiu dos labios, na ampla esplanada do Castello, perante a alegre curiosidade dos cariocas e o premeditado applauso dos seus adeptos, nem revela a ponderação de um homem de governo, familiarizado com os complexos problemas da sua patria, nem a coragem de um revolucionario disposto a lhe desarmar para coordenar depois, sob um criterio differente, as

peças da sua entrosagem politica e administrativa.

Onde s. exc. não repetiu as idéas do seu competidor, fez obra sem relevo, de uma chatice que inspira pena, reveladora de um pensamento de vôo curto, de uma sabedoria provinciana, de uma puerilidade incompativel com os fios brancos, que já lhe tordilham a opulenta cabelleira.

Candidato de uma facção revolucionaria, defensora de principios subversivos da ordem actual, filiado a um agrupamento que préga abertamente, corajosamente, a necessidade de uma reforma completa dos nossos costumes politicos, a republicanização, a democratização, a moralização da Republica, como dizem os seus cornetas e tamborins, s. exc. passou ao largo daquellas theses, limitando-se a repetir, com timidez, velhas affirmativas depreciadoras dos nossos habitos, já conhecidas ao tempo do pamphletario João Francisco Lisbôa.

Eu comprehendo um grupo de opposicionistas, de dissidentes e de rebellados, agitando uma bandeira nova, com inscripções originaes e claras, confiada á firmeza de um vexillario arrojado e sincero.

Posso não me alistar entre elles, posso divergir dos seus principios, posso combatel-os, posso dar todas as minhas forças e todos os meus anhelos para assistir a sua derrota e a sua dissolução, mas tenho o dever de respeitar-lhes os motivos inspiradores das suas campanhas e nunca me sentirei com forças para lhes atirar senão os golpes descobertos da minha critica, filhos legitimos da minha discrepancia.

O que não comprehendo, porém, nem sei envolver no meu respeito é a existencia de um ajuntamento partidario com propositos renovadores, sob o commando de quem se limita a compôr certos lemmas cardeaes da sua actuação com as idéas norteadoras do grupo, contra o qual sahiu a combater, outros com ingenuidades colhidas no velho repositorio dos nossos tribunos de 89, outros ainda com affirmativas inspiradas na visivel ignorancia das nossas realidades, todos, sem a coragem de denunciar e de escalpellar as praticas politicas, a orientação economica, os rumos financeiros, contra os quaes investe e que lhe parecem as causas dos males nacionaes.

Leia-se o introito da plataforma liberal.

Está ali escripto:

« Vivemos num regimen de insinceridade; o que se diz e apregôa não é o que se pensa e pratica. A realidade brasileira, tão exaltada pelos louvaminheiros do actual estado de cousas, reduz-se aos phenomenos materiaes da riqueza, adstrictos, as mais das vezes, a censuraveis previlegios e monopolios. »

Mas, quaes são esses monopolios e esses previlegios?

Porque o sr. Getulio Vargas não combate directamente o patrocinio dispensado pelos governos republicanos ás nossas industrias nascentes, carecedoras de estimulos e de amparo?

Porque não condemnou de modo franco a politica de defesa dos nossos productos agricolas, fazendo a apologia da entrega de todos elles ás variações ordinarias da sorte especulativa, nos centros intermediarios e consumidores? Porque depois daquelles periodos iniciaes, que deixam prevêr a exposição de uma doutrina contraria á assistencia dispensada pelo governo ao trabalho nacional, dando-lhe previlegios, collocando-o em condições de não perecer ante a concorrencia do trabalho alienigena, vem falar-nos na necessidade de "manter-se o criterio geral proteccionista", vem repetir o velho con-

ceito de que "a defesa do café constitue, sem controversia, o maior e o mais urgente dos problemas economicos actuaes do Brasil", vem defender a interferencia do Estado nos problemas de ordem economica, relembrando o dever que lhe pésa de fornecer ao productor "numerario de accôrdo com as disponibilidades do seu credito"?

Pois é a isto que se chama doutrina renovadora de acção administrativa? Foi para a prégação de cousas, que já conhecemos e praticamos, que os pro-homens do liberalismo alvorotaram a opinião publica brasileira, creando-lhe horas de intranquillidade, perturbando o rythmo da nossa actividade economica, fazendo pensar-se lá fóra que o paiz estava ás portas de uma transformação social, em busca de dias mais propicios ao florescimento das virtudes democraticas?

Veja-se a falta de coragem nas affirmações do sr. Getulio Vargas:

> « O problema do funccionalismo, no Brasil, só terá solução quando se proceder á reducção dos quadros effectivos, o que será facil, deixando-se de preencher os cargos iniciaes, á medida que vagarem.

> Com a economia resultante, quer dos postos automaticos, que a ninguem prejudicará, quer da impossibilidade de creação de cargos novos, poderá o governo ir melhorando, paulatinamente, a remuneração dos seus servidores, sem sacrificio para o erario. »

E nenhuma palavra sobre as aposentadorias injustificaveis, que consomem parcella formidavel do orçamento da União.

Porque?

Não se ajusta tão bem aos termos de uma plataforma de um candidato revolucionario a condemnação desse parasitismo clamoroso, que suga annualmente dos cofres publicos sommas enormes, capazes de custear serviços de relevante utilidade collectiva?

Porque não se referiu s. exc. aos falsos invalidos da patria, pensionistas exigentes do seu erario, senhores de indiscutivel e ainda fecunda capacidade de trabalho, fóra do seu serviço?

Mas, estudemos detalhadamente, ponto a ponto, o programma do candidato liberal e comparemol-o com o do seu competidor.

II

Sobre a questão da amnistia aos revolucionarios de 1924, que alguns adeptos da Alliança pleiteiam porque será medida, que os collocará fóra da acção do remorso de terem podido fugir covarde e habilmente ao destino, que enlaçou a muitos dos seus companheiros de crime, que outros , na carencia de idéas e de principios, inscreveram entre os preceitos guiadores dos seus passos, que todos solicitam, procurando explorar o sentimentalismo da nacionalidade, affirma o sr. Getulio Vargas que a deseja "plena, geral e absoluta".

Taes sentimentos ficariam muito bem no coração de qualquer de nós, sem responsabilidades de governo.

A mim, por exemplo, despercebida parcella da humanidade, agrada-me perdoar os erros e as

injustiças dos meus semelhantes, ainda mesmo os praticados contra os meus interesses por aquelles, que me são devedores de alguma cousa.

Mas os que governam, mas os que vão governar não podem, em obediencia a tão nobre sentimento christão, prégar o sacrificio do espirito de justiça.

Ha de ser com este, com este acima de tudo, que os povos precisam ser dirigidos.

Si um homem de governo occupar as suas mãos em manter sempre aberto, para com elle cobrir os que se levantarem contra a ordem, contra as instituições do seu paiz, o mais amplo manto de misericordia, como poderá empunhar a balança da justiça, que os seus concidadãos lhe confiarem e que elle terá o dever de conservar cada vez mais sensivel e mais recta?

Não, a amnistia não póde ser promettida nos termos da plataforma do candidato liberal.

O que s. exc. visou, naquella affirmativa exaggerada, foi cortejar, mais uma vez, a sentimentalidade popular, inclinada aqui, como em toda a parte, ao perdão dos criminosos, mallogrados nas suas façanhas.

As proprias classes armadas, para as quaes o senhor Getulio Vargas se volta na postura

blandiciosa dos interesseiros, não podem bater palmas ás promessas formuladas na plataforma da Alliança, em torno da amnistia.

Pois então, ao seio desses fieis servidores da nossa bandeira, a esses homens que, cumprindo um juramento da mocidade, nunca desembainharam para a defesa de interesses pessoaes as espadas recebidas da nação, nunca fizeram uso contra nós da força que lhes demos para a vigilancia dos direitos da patria, para a repulsa ás aggressões, movidas contra o nosso sólo e contra a nossa soberania, pois então ao seio desses bravos e desses lealdosos vamos trazer, purificados apenas por um rapido gesto de clemencia official, aquelles que não souberam recalcar simples odios individuaes, preferencias partidarias, desejos de vingança politica, e, esquecidos dos seus enormes deveres de disciplina e de honra militar, se ergueram, armados com as armas destinadas a misteres mais nobres, contra a segurança da ordem interna, contra a legitimidade dos poderes da Republica?

Que premio destinará o sr. Getulio Vargas a esses voluntarios da dedicação ao nosso estandarte, a esses professos do sacrificio patriotico, a essas incorruptiveis sentinellas da ordem, que,

mercê de Deus, formam a totalidade activa da nossa marinha e do nosso exercito?

Ponham-se agora em cotejo com as palavras insinceras do candidato liberal as fortes expressões do seu antagonista.

Aqui nada encontrareis que revéle o intuito de avivar a pieguice nacional em torno da questão da amnistia.

Tudo denota o animo ponderado e corajoso de um verdadeiro homem de governo.

Mas, ao mesmo tempo, de um cidadão que se dispõe a dirigir os seus patricios, liberto de odios, despido de resentimentos, calmo e resoluto, inimigo de gestos theatraes, com a impressionante serenidade dos fortes.

Ouvi:

> « O Brasil apprendeu a vencer as revoluções, defendendo a ordem e a lei, porque somente dentro da ordem e sob o imperio da lei foi que elle conseguiu, sem moeda e com as finanças vacillantes, organizar a economia e os recursos que lhe garantiram a subsistencia.
>
> Mas, a victoria dos que trabalham e produzem, para que sobre essas bases se edifique uma patria melhor, não exige o anniquilamento dos adversarios, não se cobre de sangue e não sonha vindictas.
>
> Ella representa apenas a defesa da ordem e da

lei, e, dentro dos principios pelos quaes se bateu, deverá bater-se ainda, para tranquillizar os espiritos e fazer com que a paz desça sobre todos os lares. »

Estas sim, estas são palavras que denunciam o alto espirito de um magistrado, capaz de governar uma nação.

Mas, vamos ao segundo ponto da plataforma liberal.

Refere-se elle ás **leis compressoras da liberdade do pensamento.**

Na opinião do sr. Getulio Vargas, que, aliás, neste ponto pouco se deteve, consagrando-lhe meia duzia de phrases vacillantes, precisamos dar maiores garantias aos individuos para que mais livremente possam expressar as suas idéas e defender as suas convicções.

Repete elle assim o que uma grande parte da imprensa brasileira reclama, aos bérros, desde a votação da lei Annibal de Toledo.

Sou um velho lidador do jornalismo e neste passo divergi sempre da totalidade dos meus confrades reclamantes.

Em nenhum paiz do mundo civilizado, a imprensa gosa de maior liberdade de opinião do que entre nós.

Chega a ser uma fraqueza de costumes a tolerancia, que acompanha a acção desenvolta de certos orgams do periodismo nacional.

Abram-se algumas gazetas do Rio de Janeiro e ver-se-á como alli se mergulha a penna jornalistica até na impudicicia.

Percorram-se os jornaes desta capital e em muitos delles ter-se-á a denuncia de que a tinta em que são impressos tresanda a lama ou a vitriolo.

Os do Rio Grande do Sul não se prestam para a analyse, porque naquella fornalha do **liberalismo** ainda não se abolio o sevéro regimen da móca.

A tribuna brasileira póde tambem ser apontada como a mais franca e a mais livre das tribunas da America.

Diz-se entre nós tudo quanto se deseja, e, quasi sempre, tudo quanto se não deve dizer.

Onde, pois, essas leis compressoras que o sr. Getulio Vargas pretende destruir agora?

Não serão as mesmas que s. exc. hontem defendeu com tanto zelo?

Porque essa rapida mutação de julgamento?

Só para deitar um pouco de lume á velha estilha, que outr'ora serviu de arma de combate aos nossos rebellados de 1830.

Só para satisfazer o espirito systematicamente turbulento dos seus adeptos, que reclamam, aos brados, pelo goso de direitos, dos quaes usam e abusam, sob a vista tolerante dos poderes constituidos.

Elle proprio o declara nos periodos da plataforma, subordinados ao titulo, que estou commentando:

> « Não contesto, é logico, a conveniencia e opportunidade das leis de defesa nacional. As que possuimos não se recommendam nem pelo espirito, nem pela letra.
>
> Somos pela sua substituição por outras, que se inspirem nas necessidades reaes do paiz e não se afastem dos principios sadios de liberalismo e justiça.
>
> Si de outro modo procedessemos, teria falhado ao seu destino, trahindo os seus compromissos, o formidavel movimento de opinião, que suscitou e ampara as candidaturas liberaes. »

Aqui está a confissão inilludivel do constrangimento, em que se vê o sr. Getulio Vargas para falar em leis compressoras da liberdade do pensamento.

Combate-as apenas, de leve, em avanços e recúos symptomaticos do seu pequenino desejo de combatel-as, porque isto é todo o destino do partido a que obedece, o ponto maior, sinão o unico ponto em torno do qual se arregimentou a bulhenta familia liberal.

Muito mais interessante do que este na fala do renovador é o capitulo subordinado ao titulo **legislação eleitoral.**

Deixo para outro dia o estudo dessa pagina curiosa de historia politica brasileira.

III

Peço toda a attenção dos que me lêem para as seguintes palavras do sr. Getulio Vargas:

« E' uma dolorosa verdade, sabida de todos, que o voto e, portanto, a representação politica, condições elementares da existencia constitucional dos povos civilizados, não passam de burla, geralmente, entre nós.

Em grande parte do Brasil, as minorias politicas, por mais vigorosas que sejam, não conseguem eleger os seus representantes nos conselhos municipaes, nas camaras legislativas estaduaes, nem no Congresso Federal.

Quando se trata deste ultimo, para apparentar cumprimento do principio, na lista incompleta da lei eleitoral, algumas das situações dominantes nos Estados destacam um ou mais nomes que fazem de opposição; mas, em realidade, tendo a mesma origem, são tão governistas como os demais. Nou-

> tros Estados, a representação das minorias, em vez da conquista de um direito, é um acto de munificencia dos governos, uma outorga, um favor humilhante. »

Si bem interpreto essa "paizagem politica do paiz", pintada pelo candidato da Alliança, apprendo com elle que todos os representantes da opposição nos congressos estaduaes e no parlamento federal se alinham ou no bando dos embusteiros, dos impostores, dos que, sob o manto de representantes legitimos do povo, escondem a real situação de meros mandatarios da vontade dos governos, ou na grey desprezivel dos que destes ultimos recebem "favores humilhantes".

Eu nunca tive pensamento tão doloroso sobre os inflammados representantes da opposição paulista no seio da camara federal.

Eu sempre os julguei e continúo a julgal-os incapazes do desempenho de uma comedia tão indecorosa, como a desenhada pelo pincel irreverente do estadista dos pampas.

Jamais fui assaltado pela idéa de poderem tão briosos cavalheiros acceitar munificencias vexatorias do governo.

E os srs. Assis Brasil, Plinio Casado e Baptista Luzardo, para qual daquelles dois grupos devem ir, tangidos pelo duro conceito do pamphletario rio-grandense?

Através da acerba critica do sr. Getulio Vargas, só não são farçantes e só não recebem generosidades infamantes dos governos os delegados do pensamento official das varias circumscripções da Republica.

Estes representam abertamente, sem disfarces, a opinião dos partidos, que os destacaram para as altas funcções do legislativo.

Mas, como o sr. Getulio pretende corrigir esta situação deprimente dos nossos creditos de povo civilizado?

Adoptando o regimen do voto secreto?

Não, porque na sua maneira de pensar, que se afasta da maioria dos seus correligionarios, dos de São Paulo, pelo menos, que vêem naquella fórma de se exprimir o voto o remedio heroico para todas as nossas mazellas, tal medida, reclamada para assegurar a independencia do eleitor, "não é bastante para evitar a pratica das traquibernias politicas."

Que nos aconselha, então, s. exc.? Que nos promette fazer o renovador?

« Entregar a magistrados as mesas eleitoraes, cercal-os de garantias de ordem material e moral, instituir o alistamento compulsorio de todo o cidadão brasileiro alphabetizado. »

Mas não é isto simplesmente decalque das idéas do candidato nacional, desenvolvidas na sua plataforma com o senso perfeito das possibilidades do nosso meio?

Não estão todas essas medidas postas em relevo no documento lido á nação pelo presidente de São Paulo?

Para aqui transcrevo as palavras do sr. Julio Prestes:

« A nossa lei eleitoral precisa ser profundamente modificada e melhorada. A sua reforma, pois, já se faz necessaria para que sejam instituidas maiores garantias, desde o alistamento até á apuração, chegando-se mesmo á adopção do voto obrigatorio, si possivel, para sanear os actos eleitoraes das fraudes, porventura praticadas pela abstenção do eleitorado.

A creação de uma justiça especializada para os actos da vida civil e dos direitos politicos dos cidadãos, será o primeiro passo para a regeneração dos costumes e para o triumpho da verdade eleitoral.

O juizo da cidadania, como lhe chamou com acerto, em sua notavel plataforma de governo, o presidente Washington Luis, teria ao seu cargo o registro civil, o alistamento e o processo eleitoral.

Uma autoridade dessa natureza, fóra das paixões politicas e das luctas partidarias locaes, garantirá o exercicio dos direitos politicos e a verdade eleitoral a todos os partidos. »

Lendo-as com meditação, pesando-lhes todo o seu alcance na vida eleitoral do paiz, tem-se a impressão de que partiram ellas do mais avançado espirito renovador, disposto a corrigir o amontoado de erros, que caracterizam aquelle problema em os nossos dias.

Por que mais liberaes as promessas do sr. Getulio Vargas?

Não encerram ellas, neste ponto, como em outros muitos da sua plataforma, reproducção exacta dos principios, mais profunda e mais brilhantemente discutidos pelo candidato da maioria da nação brasileira?

Tão avançada quanto á do rio-grandense a opinião do illustre filho de São Paulo.

Apenas, não encontrareis em torno della nem logomachia, nem fetichismo, nem exigencias rituaes.

Lêde commigo:

« Todo o systema eleitoral depende da educação do eleitorado ou da autoridade que o preside, do que das formulas que adopte, pois a forma do voto é secundaria, desde que haja verdade eleitoral. »

Vamos agora ao capitulo immediato da obra do sr. Getulio.

Tem por titulo — **"Justiça Federal"** — e fecha-se após dezoito linhas de prosa murcha e desbotada.

Escreve o renovador:

« A ninguem escapa, pois, a comprehensão da necessidade de se reorganizar a justiça federal, cuja lentidão é consequencia geralmente de dispositivos archaicos, incompativeis com a nossa extensão territorial e com a nossa densidade demographica.

Uma providencia sobre cuja opportunidade, ha muito, todos estão de accôrdo, é a creação dos tribunaes regionaes.

Não obstante, até agora nada se fez nesse sentido. Convém abreviar a decretação não só dessa medida, como de outras já apontadas por autoridades na materia, tendentes a aperfeiçoar o mecanismo interno da justiça da União.

Além disso, a reforma deve ter, egualmente, em vista, os requesitos e as condições que forem determinadas pela alteração nos termos que produz da lei eleitoral, cuja applicação ficará comprehendida na orbita das attribuições dos juizes federaes e seus supplentes, todos togados, estes tambem de nomeação sujeita á exigencia de garantias acauteladoras. »

Está tudo certo, mas tambem é a repetição, em linguagem peor, de quanto sobre o assumpto escreveu o candidato nacional.

Aqui estão as palavras deste:

« Passado o periodo de agitação e de anarchia creado pelos movimentos subversivos, e tendo a Nação voltado ao regimen constitucional, a justiça sentiu-se elevada e dignificada na opinião publica e, pela correcção e imparcialidade de seus arestos, vem-se impondo ao respeito de todos.

Pairando acima das paixões politicas, está ella servindo de garantia para a restauração dos direitos offendidos, e, desde que a sua investidura se faz por concurso de sua independencia, podemos contar com a justiça imparcial, que precisará, apenas, para estar de accordo com as exigencias da época, de algumas modificações na organização judiciaria e no processo, que accelerem a sua marcha

e a tornem rapida e commoda, ao alcance de todos, realizando o seu supremo ideal.

Para tanto, precisamos escoimar o processo das velharias que o afeiam e dos prazos e formalidades, já hoje sem razão de ser, que tolhem o movimento dos juizes na applicação das nossas leis.

O nosso desenvolvimento tem sido tão rapido e tão grande, que para acompanhal-o precisamos ir creando, parallelamente a elle, os orgams necessarios á defesa juridica e social, sem os quaes elle será por si mesmo compromettido.

Não podendo o Supremo Tribunal Federal julgar todos os casos que lhe estão affectos em virtude de sua organização, torna-se necessario a instauração dos tribunaes regionaes, como auxiliares capazes de accelerar a marcha da justiça e o julgamento dos processos.

Dotada desses novos tribunaes e com as novas leis de processo, indispensaveis á celeridade dos feitos, a justiça brasileira melhorará sensivelmente, correspondendo aos progressos que temos alcançado nos outros ramos do poder publico. »

IV

A leitura do quinto capitulo da plataforma liberal despertou-me a lembrança de um facto, que testemunhei no **Mackenzie College**, ao tempo do meu professorado naquella velha casa de educação.

Appareceu-nos por lá, certa manhã, com o intuito de estudar os methodos de ensino adoptados no grande estabelecimento americano, um joven bacharel enfronhado em themas pedagogicos, disposto a distribuir gratuitamente, misericordiosamente, por onde passasse a sua critica, as noções correctoras dos erros encontrados.

Tinha andado pela França, pela escola de **Roches,** conhecera de perto a obra formidavel de Demolins, trazia o espirito impregnado do ar renovador das universidades allemãs, eram-lhe

familiares as ultimas conquistas do engenho helvetico nas suas grandes officinas de trabalho instructivo e educativo.

Horace Lane, que, apesar de velho e de psychologo, guardava uma certa dóse de ingenuidade, que lhe sorria na alma enrigecida como uma flôr perfumada e linda num campo sem verduras, recebeu com affabilidade a inesperada e curiosa visita e poz-lhe ao exame da annunciada sapiencia tudo quanto no estabelecimento pudesse interessar a um critico.

Andou o moço, durante uma semana, a frequentar aulas, a assistir trabalhos de laboratorios, a percorrer campos de cultura physica, a tomar parte na vida social dos estudantes.

Quando deu por terminada a sua inspecção, procurou o velho Lane e disse-lhe:

— Ha muita cousa apreciavel por aqui, mas ha uma infinidade de praticas que precisam ceder lugar a innovações mais uteis e mais apropriadas ao nosso meio.

Horace Lane olhou-o com attenção e pediu-lhe que indicasse as reformas necessarias.

— O estudo do latim — affirmou o joven doutor — continúa a ser feito aqui sob moldes ab-

soletos. Urge dar-lhe a feição que hoje offerece o ensino das linguas vivas.

E como o critico de demorasse em proseguir:

— Só isto?

— Não. O gabinete de physica exige maior espaço. Nas salas para o ensino de geographia faltam cartas modernas de autores allemães.

— E que mais?

— Outras muitas velharias, que os modernos centros de ensino secundario e superior aboliram, ha muito tempo.

— Mas, quaes são ellas, homem? Desejo que m'as enumere, para ver si posso abandonal-as em beneficio dos meus educandos.

—Apontal-as-ão ao sr. os especialistas. O **Anglo-Brasileiro,** do Rio, já se libertou de quasi todas.

E mais não disse o joven analysta do Mackenzie.

Assim, o revolucionario Getulio Vargas:

> « Tanto o ensino secundario quanto o superior reclamam alterações que lhes arejem e actualizem os methodos e disciplinas. Essa reforma é das que não comportam adiamentos. »

E quando a gente esperava poder ouvir, depois daquellas palavras amargas, uma alentadora exposição de medidas capazes de concertarem o velho barco roido e quasi imprestavel, eis o que nos pinga da penna do iconoclasta:

> « Os cursos de especialização praticamente não existem entre nós. As sciencias economicas, as disciplinas financeiras e administrativas, os cursos de literatura, hygiene, para só citarmos alguns, diluem-se, no nosso systema universitario, em cursos geraes, pragmaticos e de alcance reduzido.
>
> Julgo recommendavel o regimen das universidades, tal como se está ensaiando com exito em Minas Geraes. »

E' muito pouco, é um quasi nada na voz de um reformista da marca do sr. Getulio Vargas.

Demais, como elle proprio o affirma, aquillo foi desentranhado do manifesto da Convenção Liberal.

Pura verbiagem para occultar ignorancia sobre o thema, o capitulo quinto da plataforma getulista é de uma pobreza de idéas, que nos assombra num homem de governo.

Compõe-se todo elle de expressões vagas, de pensamentos indecisos, de logares communs ap-

plicaveis a centenas de problemas administrativos.

Aqui tendes um padrão dos periodos conceituosos do sr. Getulio Vargas.

> « De qualquer fórma, o que não me parece licito é persistirmos na attitude dictada por um mal entendido conservantismo. »

Agora, relêde sobre o mesmo assumpto, a plataforma do candidato nacional:

> « Ao ensino technico e profissional, devemos dar o maximo desenvolvimento. O ensino secundario e superior reclamam, como aquelles, uma orientação segura e mais efficiente.
>
> Para imprimir essa orientação, assim como para que a obra de saneamento se extenda por toda parte, precisamos de um orgam technico e especializado de saude e de instrucção, que coordene, com os altos estudos de uma formação universitaria, creadora do espirito de solidariedade e da unidade de pensamento, os problemas vitaes da nacionalidade, chegando até a constituição de um ministerio, logo que isso se torne possivel. »

Resalta aqui a probidade do estadista.

Elle não se abalança a enumerar as providencias reclamadas pelo melhoramento da instrucção publica do seu paiz.

Considera o problema delicado e complexo e traz aos que o ouvem a leal confissão de que julga necessario crear para o seu estudo e encaminhamento mais uma Secretaria de Estado.

Em face desse parallelo entre as palavras dos dois candidatos, como ficarão os que não lobrigam idealismo nenhum no presidente de São Paulo, apontado pelos que o combatem como um espirito exclusivamente preoccupado com o desenvolvimento da riqueza material da sua provincia?

Como ficarão os que descobrem em todos os actos, em todas as expressões do sr. dr. Julio Prestes velleidades de omnisciencia, preoccupações de infallibilidade, traços vivos de uma intelligencia fechada á controversia e á opposição?

Passemos a outro ponto, ao capitulo sexto da plataforma da Alliança.

Refere-se elle ao **Districto Federal.** E' curto, mas traduz toda a largueza do espirito astucioso do sr. Getulio Vargas.

Nem uma palavra sobre as necessidades administrativas do municipio, nem uma linha sobre planos de melhoramentos da capital da Republica.

Méra cortezia ao desejo de alguns chefes cariocas, pleiteadores da eleição directa do seu prefeito.

Trabalho de politico em vesperas de eleição.

Está na tribuna o sr. Getulio Vargas:

> « Escolhendo por iniciativa propria os seus governadores, poderá o Districto tomar-lhes conta directamente e fiscalizal-os com efficiencia, como é da essencia das instituições republicanas.
>
> Não é justo, nem é logico, afinal, que se continue a deixar de reconhecer á maior e á mais adeantada das capitaes do Brasil, a elementar capacidade administrativa, attribuida indistinctamente a todos os componentes da Federação, ainda os menos prosperos e cultos. »

Vai falar agora aos cariocas o administrador de São Paulo:

> « O Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa, que, sob varios governos, tem tido obras magnificas de asseio, moralidade, hygiene e embellezamento.

E' preciso que completemos o grandioso plano dos melhoramentos em execução, para que a sua vida radiosa de grande metropole continue a servir de indice da obra formidavel do Brasil, que foi arrancado do nada pelo esforço dos nossos maiores, e que, dia a dia, melhora e cresce, desafiando novas energias.

Todos os serviços urbanos iniciados e que se tornam indispensaveis á vida de uma grande metropole como esta, devem ser desenvolvidos com o mesmo carinho com que vêm sendo iniciados, assim como deverá ser feita a electrificação de nossas linhas ferreas até os suburbios.

Além disso, a construcção de um aeroporto muito concorrerá para o nosso desenvolvimento, transformando o Rio em centro obrigatorio da aviação sul-americana.

As habitações operarias, conjugadas com a commodidade de transporte, baratearão o custo da vida, assegurando maior conforto aos que trabalham e abrindo novos horizontes ao nosso desenvolvimento.

Os suburbios e as terras incultas do Districto precisam ser melhor aproveitadas, não só para que fiquem saneados, como para que produzam com abundancia para o consumo local. »

Todos os grandes problemas do Rio tocados nesses poucos periodos da plataforma.

Uma das cousas que mais impressionam aos que visitam os arredores da Capital da Republica é a quantidade de terra boa, apropriada á exploração de culturas rendosas ao pé de um denso agrupamento humano.

E, em contraste com isto, o estado de abandono de quasi toda essa área fecunda e de amanho tão facil.

O Rio de Janeiro póde alimentar-se, recorrendo em muito poucos artigos á producção de outros municipios.

O candidato nacional, como bom paulista que é, não se esqueceu, não se podia ter esquecido de agitar na sua fala á nação o problema do aproveitamento da faixa feracissima, que se extende pelas vizinhanças da grande e maravilhosa cidade.

Nas suas palavras está a influencia do espirito de seu povo, votado ás tarefas nobilissimas do trabalho, inimigo da vadiagem que só desperta nos homens os instinctos da turbulencia e da brutalidade, alardeados nesta campanha como as melhores credenciaes dos "leaders" do liberalismo riograndense.

V

Pelas primeiras palavras da plataforma alliancista referentes á sorte das classes trabalhadoras brazileiras, tem-se a impressão de que ha no paiz uma grave, uma delicada questão social.

Parece a quem lêr os periodos iniciaes do setimo capitulo daquelle famigerado documento politico, que isto aqui é uma triste terra de escravidão, onde os rudes obreiros da nossa riqueza material, nos centros agricolas, como nos industrializados meios urbanos, arrastam pesadas cadeias de soffrimentos, sem a assistencia de leis asseguradoras dos seus direitos, sem a vigilancia justiceira dos poderes publicos, sempre lerdos, nunca empenhados em manter na orbita do razoavel as exigencias de um patronado insaciavel e ferocissimo.

No conceito do estadista riograndense, vivem mal, labutam sem resultado, fóra do alcance das nossas leis, entregues á sorte dolorosa das ultimas castas hindús os nossos operarios dos campos e das cidades, a grande população que movimenta as nossas fabricas e enche cada dia as nossas tulhas e os nossos celleiros.

Mas, isto tudo não passa de negra phantasia. O Brasil ainda não é o paraiso do braço operario por motivos oriundos do seu agreste meio physico.

Ha vastas regiões a sanear, ha grandes pedaços de terra que exigem custosissimos trabalhos de adaptação a culturas mecanicas e pouco penosas, ha centros fabris levantados em cidades, onde o conforto dos mais ricos ainda é cousa rudimentar e hypothetica.

Por ahi, naturalmente, a vida do operario tem de reflectir as asperezas, as insufficiencias peculiares ao meio cosmico e ao ambiente social.

Mas, onde, graças á natureza ou graças á perseverança vencedora do homem, o trabalho floresceu e transformou-se em fructos abundantes, o aspecto da existencia dos nossos trabalhadores é a negação formal dos conceitos pessimis-

tas, que em quasi todas as partes do mundo traduzem a situação das classes operarias.

Por esses cantos, que se não cifram a dois ou tres, não se encontrará, por mais rigorosa que se apresente a analyse, o contraste doloroso que nos offerecem grandes paizes ultra-civilizados, com a aurea opulencia das suas altas camadas burguezas e o pauperismo impressionante das suas massas labutadoras e humildes.

O sr. Getulio Vargas conhece muito mal o Brasil que progride; por certo, nada sabe do que se tem feito em São Paulo.

Dos nossos centros fabris ás nossas mais afastadas arrotéas, sente o operario que o acompanha a desvelada assistencia da lei.

Ahi está a regulamentação dos accidentes no trabalho, ahi está o nosso vigilante patronato agricola.

E o exemplo de São Paulo já se vai derramando por outros Estados brasileiros.

Sim, ainda não é tudo quanto requer o espirito humanitario da nossa civilização.

Ha cousas innumeras a realizar nesse amplo departamento da acção administrativa.

Entre ellas avulta a adopção de um Codigo do Trabalho.

Mas, foi o candidato nacional, o homem partidario do mais duro materialismo politico — na phrase dos seus adversarios — o primeiro a proclamar aquella necessidade.

Antes do sr. Getulio Vargas, affirmou o sr. dr. Julio Prestes:

> « Empenharemos os nossos esforços para que seja votado o Codigo do Trabalho, não só como obrigação de uma solidariedade humana para com todos aquelles que engrandecem e honram a patria, com o seu labor quotidiano, como tambem para cumprir a obrigação assumida pelo tratado de Versalhes. »

Sim, o Brasil precisa decuplicar, centuplicar os seus centros de aprendizagem agricola e industrial, elevar a milhares os seus postos de combate aos males que enfraquecem a capacidade productora dos nossos camponezes, ao amarellão, á maleita, á syphilis, ao trachoma, diffundir, sem pausas, claras noções de hygiene alimentar, domestica, ás suas populações ruraes e citadinas, mas tudo isto ha de ser feito aos poucos, de modo mais intenso aqui, menos vigoroso ali, apenas esboçado acolá, porque tudo isto é superior ás possibilidades de uma só arrancada administrativa.

Todo este enorme commettimento está sendo realizado de norte a sul, de leste a oeste, em todas as direcções do territorio nacional. Não constitue, portanto, a grave questão abandonada, posta em relevo pelo grito alarmante do sr. Getulio Vargas.

Que é indispensavel proseguir nessa obra de defesa e de valorização do homem brasileiro, ninguem discute, ninguem contesta, nem dentro, nem fóra dos nossos circulos officiaes.

Mas, o que a razão nos aconselha é que o desempenho dessa tarefa patriotica se accommode á extensão dos nossos recursos financeiros.

Que se não realize trabalho de insensatos, que se não colloque aos hombros carga demasiada, que se não tomem com a nação compromissos mais largos do que as forças de que dispomos.

O Brasil é um paiz vastissimo e ainda mal povoado.

Tem fatalmente serios problemas sociaes, carecentes de solução.

Mas, esta não lhes póde ser dada ás pressas, como reclama a critica dos nossos pessimistas.

Virá ella com o augmento das rendas publicas, decorrente da maior expansão da actividade

productora nos pontos de população mais densa, de terras melhores e de clima menos hostil.

Disse-o muito bem na sua plataforma o candidato nacional:

> « O maior de todos os idealismos é aquelle que visa desenvolver a producção e crear a riqueza, para que nella se assentem, com bases solidas, todas as reformas sociaes. »

Sobre a immigração, escreve o sr. Getulio Vargas:

> « Durante muitos annos encarámos a immigração exclusivamente sob os seus aspectos economicos immediatos. E' opportuno entrar a obedecer ao criterio ethnico, submettendo a solução do problema do povoamento ás conveniencias fundamentaes da nacionalidade. »

Infelizmente, foi assim durante muito tempo, sob o imperio do pensamento de muitos dos que hoje censuram o sr. dr. Julio Prestes, por haver posto um paradeiro ao vergonhoso commercio de importação de carne humana, explorado com maior lucro para os intermediarios do que para a lavoura e para as industrias, necessitadas de braços.

A immigração de operarios agricolas, promovida por varios grupos de paulistas, no segundo reinado e nos primeiros dias da republica, com grandes proveitos para o desenvolvimento economico desta terra, estava convertida, nestes ultimos annos, num negocio maravilhoso para os que o exploravam, e num perigo formidavel para a organização pouco resistente, por muito nova ainda, da nossa vida social.

Para aqui chegavam diariamente lévas de immigrantes, arrebanhadas entre a escoria dos portos europeus, pagas a vinte libras por cabeça, sem nenhuma affinidade ethnica com a nossa população indigena, sem prestimos para o trabalho dos nossos campos, sem disciplina moral, sem valor de nenhuma especie.

Julio Prestes fez parar com animo resoluto essa corrente immigratoria, perturbadora do rythmo da nossa civilização.

Não lhe faltaram por esse gesto de patriotismo e de sabedoria politica nem acres censuras, nem protestos violentos.

Os annaes da camara federal guardam testemunhos dessa campanha, contra elle feita em sua totalidade pelos que agora se boquiabrem ante todos os conceitos da platafórma liberal.

Foi ellè accusado de negar verbas para o alliciamento e transporte de operarios e de camponezes da Europa, ali arranjados sem que fossem préviamente attendidas "as conveniencias fundamentaes da nossa nacionalidade".

Aos que o condemnaram naquella casa do nosso parlamento, aos que á sua attitude moveram dura guerra jornalistica, a todos esses que hoje applaudem as suas idéas, transplantadas para a plataforma do sr. Getulio Vargas, responde sua excellencia na sua fala á nação:

> « O problema da immigração deve ser encarado, principalmente, sob o ponto de vista da formação da nacionalidade, antes que o seja como o de braços para a producção.
>
> Pela nossa Constituição, pelas nossas leis e pelas nossas autoridades, todo extrangeiro sente no Brasil as mesmas garantias de direito, que são dadas aos nacionaes.
>
> Com essas garantias, numa terra nova e fecunda como a nossa, é preciso que o immigrante corresponda á nossa hospitalidade.
>
> O Brasil offerece condições de vida, de bem-estar e de prosperidade, como nenhum outro paiz do mundo. Encarando, por isso mesmo, o volume das correntes immigratorias, que nos procuram, e dando-lhes as garantias necessarias de hygiene, de instrucção, de policia, de justiça, de tranquilli-

dade moral e economica, devemos exigir, por nossa vez, que o immigrante traga as condições de adaptabilidade ao nosso meio, de respeito ás nossas leis e ás nossas autoridades, e que garanta, pelas suas condições moraes e physicas, não só o trabalho, com que possa engrandecer a nação, como a continuidade e a perfeição da raça que formamos.

Não temos receios de absorpção extrangeira, mas devemos ter as cautelas necessarias, no estudo das raças que recebemos, para que a nossa patria continúe a manter o mesmo grau de civilização a que attingiu.

Não temos, felizmente, as graves questões sociaes que agitam as nações do velho mundo, e, por isso mesmo, não temos as reivindicações em que se debatem esses povos.

As lições alheias devem servir de exemplo para mantermos a nossa organização de vida e de trabalho, sem os sobresaltos que comprometteram outras organizações. »

Como podem estas palavras de tão puro e de tão sensato brasileirismo ceder logar, na preferencia de todo o patriota sincero, no coração de todos quantos desejam um Brasil bem brasileiro, ás expressões pessimistas da plataforma liberal?

VI

Apesar de tocarem em pontos communs e traduzirem o mesmo pensamento sobre as necessidades fundamentaes do nosso exercito e da nossa marinha de guerra, ha uma enorme differença entre a plataforma do candidato nacional e a do alliancista na parte relativa ás nossas classes armadas.

Referem-se ambas aos melhoramentos reclamados por esta e aquella, á conveniencia de lhes serem dados mais amplos recursos para o desempenho das suas largas e nobilissimas funcções, ao dever que assiste á nação de olhar com maior carinho, com maior solicitude, com muito maior orgulho para aquelles defensores leaes da sua ordem e da sua soberania.

Numa e noutra vereis palavras que se correspondem, que se equivalem, que encerram o mes-

mo sentimento de sympathia pelos nossos soldados e marinheiros.

Lê-se na plataforma do sr. dr. Julio Prestes:

> « Educadas na escola da honra e do patriotismo, as nossas forças armadas buscam no seu aperfeiçoamento apenas a efficiencia para a defesa da patria contra as aggressões, e para assegurar o respeito ás nossas leis e á nossa Constituição, mantendo sob o regimen republicano a união e a grandeza do Brasil.
>
> A apparelhagem material de que essas forças precisam, para o seu continuo aperfeiçoamento, deve ser parallela ao progresso da nação, que, como acabamos de vêr, repousa na sua efficiencia. »

Está no documento lido pelo sr. Getulio Vargas:

> « Devemos cogitar de pôr as instituições militares á altura da sua immensa responsabilidade, harmonizando-as com o crescimento da fortuna publica e privada. »

Escreveu o candidato da maioria da nação brasileira:

« Não poderemos adiar por mais tempo a renovação do material moderno de que a marinha tem necessidade para corresponder aos seus deveres constitucionaes, de defender a patria e de manter a paz. »

Veiu depois o renovador e repetiu:

« Não é passivel de discussão ou duvida a necessidade de acquisição de novos navios. »

Obedecendo aos seus altos sentimentos democraticos, que lhe não permittem vêr nas classes armadas sinão uma parte da nação, chamada ao exercicio de um dos mais graves deveres patrioticos e entregue temporariamente á competencia technica e aos altos exemplos moraes de chefes permanentes, assim falou o presidente de São Paulo:

« Ao passo que a marinha tem essa acção a desenvolver, o exercito, em terra, nas capitaes, no interior e nas fronteiras, renovando-se pelo sorteio, aperfeiçoando-se pela instrucção e pelo trabalho, será uma verdadeira escola de civismo e de educação physica, que formará, com o homem e a raça, o Brasil de amanhã.

A nação é que passará por suas fileiras para renovar-se, renovando-o e fazendo que elle, á sua imagem e semelhança, seja o depositario da sua bravura, da sua lealdade e do seu ardor republicano. »

Na sua linguagem mais pobre, mais terra a terra, affirmou tambem o decidido governador dos pampas:

« Attingida a maioridade, todo brasileiro deve estar obrigado a justificar a sua posição em face do serviço militar, mediante provas de inscripção na reserva ou no alistamento. »

Mas, onde, então, a differença entre os dois documentos politicos, assignalada por mim no inicio deste confronto?

Está nos periodos finaes do discurso do sr. Getulio Vargas, que não pôde deixar de derramar na sua composição o veneno de que se serve como arma de combate.

Está ali bem acordada e mal occulta, sob as phrases terminaes do capitulo que commento:

« Até agora não assiste ao Brasil direito algum de queixa contra as suas classes militares. O credito destas sobre a gratidão nacional é largo e

duradouro. Ellas foram invariavelmente guardas da lei, defensoras do direito e da justiça. Não se prestaram nunca, não se prestarão jamais á funcção de simples automatos, como instrumentos de oppressão e de tyrannia a serviço dos dominadores occasionaes.

Dahi as surdas ou abertas hostilidades que contra ellas têm sido desfechadas; dahi a situação material a que se acham reduzidas. »

Quem não descobre através desse phraseado cavilloso do supposto liberal as mais diabolicas insinuações contra o regimen da ordem, que o nosso exercito e a nossa marinha de guerra têm o sagrado dever de tornar cada vez mais estavel, cada vez mais resistente, para que dentro delle frondeje, floresça e fructifique a arvore da concordia nacional?

Quem não percebe os intuitos mesquinhos do thuribulario, do insincero cortejador das nossas classes armadas?

Quando desejámos que "fossem ellas instrumento de compressão e de tyrannia, a serviço de dominadores occasionaes"?

Sob o governo de quem? Quaes foram esses dominadores?

Os dois ultimos movimentos revolucionarios que agitaram o paiz e que foram nullificados nos seus propositos criminosos, graças á energia do nosso poder civil e á lealdade, á bravura e á disciplina das nossas forças armadas, tiveram logar sob os governos do illustre dr. Epitacio Pessôa e do sr. Arthur Bernardes, hoje figuras de destaque na jornada politica a favor do sr. Getulio Vargas.

Ambos appellaram para o exercito e para a marinha na defesa dos principios republicanos, no restabelecimento da ordem alterada, na sustentação do prestigio da autoridade, nelles encarnada naquellas horas dolorosas.

E o exercito e a marinha cumpriram religiosamente os seus deveres, pondo-se ás ordens do poder civil, empenhado em arrancar a nação do flagello da desordem, das garras cobiçosas dos amotinados.

Foram elles, por isto, doceis executores de "oppressão e de tyrannia"?

Onde se achava naquelles dias o candidato liberal?

Porque não sahiu, então, a prégar aos nossos soldados e marinheiros que se conservassem de braços cruzados, que se mantivessem insensi-

veis á palavra da nossa maior autoridade politiça, que, na defesa das instituições e da ordem constitucional, tem o direito de se lhes dirigir em tom de commando?

Porque o sr. Getulio Vargas não faz o inventario das "hostilidades abertas ou surdas" movidas contra os defensores da nossa bandeira?

Quaes são essas hostilidades?

Estarão expressas na modestia das nossas dotações para a acquisição de material bellico, destinado ás nossas forças de terra e de mar? Estarão na attitude prudente, compativel com os recursos do paiz — com que têm agido sempre os nossos governos em torno do problema naval e militar?

Seria um crime monstruoso, crime contra a propria nação, crime contra a paz continental, organizar um exercito e uma marinha de guerra superiores ás nossas necessidades de defesa, e que absorvessem, portanto, a maior parte dos nossos recursos orçamentarios.

Mas, nem o sr. Getulio Vargas alimenta o desejo de semelhante desproposito, nem guarda na sua consciencia a convicção de hostilidades soffridas pelas nossas classes armadas.

Sabe, como todos nós, que a nação inteira tributa ao seu exercito e á sua marinha o apreço de que são merecedores, que lhes não nega os recursos necessarios ao bom desempenho dos seus nobres encargos, que a nenhum cidadão brasileiro amante da sua terra occorre, a respeito das suas forças militares, o duro e humilhante juizo, expresso na plataforma de 2 de janeiro.

O que sua excellencia não soube foi manter a compostura fidalga, que lhe deviam ter dictado sempre as suas responsabilidades de homem publico, de homem de governo, em face de assumptos tão sérios, quanto são os que se relacionam com a vida das classes armadas do seu paiz.

VII

Sobre o **funccionalismo publico,** escreveu o sr. Getulio Vargas:

> « O problema do funccionalismo no Brasil só terá solução quando se proceder á reducção dos quadros effectivos, o que será facil, deixando-se de preencher os cargos iniciaes, á medida que vagarem. »

Parece incrivel que tal cousa tenha sahido da penna de um candidato á suprema gestão dos negocios do paiz.

Custa a gente crêr que taes palavras hajam sido proferidas por um homem, que se propõe a governar, sob moldes novos, essa Republica, no seu conceito — tão carecente de profundissimas reformas geraes.

Para me certificar de que aquillo fôra mesmo pronunciado pelo presidente do Rio Grande, procurei todos os jornaes divulgadores da plataforma alliancista.

Em todos elles aquella mesma sentença, reveladora daquella espantosa sabedoria.

Em beneficio de que a solução apresentada pelo sr. Getulio Vargas?

Em beneficio do serviço publico?

Pois não exige este, antes de tudo, pessoal necessario e competente?

E os claros verificados nos quadros effectivos recahirão sempre nos menos habeis, naquelles de cujos prestimos não necessita o bom andamento de taes serviços?

Poderá a machina administrativa do paiz prescindir da collaboração dos que foram chamados para a movimentação das suas variadas e numerosas peças?

Em beneficio, então, dos que não forem attingidos pela reducção desejada pelo renovador?

Mas, no espirito de sua excellencia, qual o criterio predominante no preconicio da reforma: o da melhoria do trabalho nas repartições

federaes, ou o da majoração dos vencimentos dos seus funccionarios?

Além disto, como pretende s. exc. compôr os effectivos dos novos departamentos de administração, suggeridos na sua plataforma?

Deslocando para elles funccionarios affeitos ao desempenho de outros encargos, mas, dispensaveis, por muito numerosos, nos quadros a que pertencem?

E si não tiverem a competencia exigida pelos novos postos que lhes forem distribuidos?

Como poderão funccionar com proveito para o paiz essas novas machinas, entregues a mãos adextradas em praticas differentes?

Pensará o sr. Getulio que todos os departamentos da administração publica brasileira deverão ser mantidos taes quaes se encontram á hora actual, sem accrescimos, sem modificações exigentes de augmento do respectivo funccionalismo?

Onde, então, os propositos correctores, progressistas, decantados em s. exc. pelos seus correligionarios e propagandistas da sua candidatura?

Não, o sr. Vargas não soube o que disse no capitulo do seu trabalho, objecto da minha critica.

O que s. exc. deveria ter promettido á nação, desde que se lhe apresentou armado com as insignias vermelhas de um reformista, era cousa diversa da que se acha nos chochos periodos da sua plataforma.

Assistia-lhe o direito de denunciar o grande numero inutil dos funccionarios federaes e dizer-nos abertamente:

— Farei uma revisão neste quadro dos servidores do paiz, e aquelles que não desempenharem com utilidade publica os cargos que estiverem occupando, serão dispensados ou removidos para logares onde possam melhor corresponder ao sacrificio, que faz o erario com a sua manutenção.

Só admittirei nos postos novos, que tiver necessidade de crear, os que forem portadores de absoluta, de indiscutivel competencia technica, patenteada em rigorosissimos concursos.

Mas, o sr. Getulio Vargas não é homem para expressar com clareza, para proferir corajosamente qualquer idéa renovadora.

S. exc., no documento politico, sahido da sua

penna vacillante, se revela o homem de avanços e de recúos, amigo de meias tintas, de quadros sem luz, de paizagens sombrias e confusas.

Não tendo, portanto, nem o arrojo de um demolidor nem a idoneidade de um architecto original e seguro dos seus planos, o que s. exc. deveria ter feito era repetir neste particular, como em muitos outros da sua plataforma, as palavras honestamente dirigidas á nação pelo seu illustre competidor:

> « Uma administração de rigorosa moralidade deve ter o maximo empenho em melhorar a vida e dignificar a obra dos que empregam a sua capacidade nos serviços nacionaes, desde que o faça sem os exaggeros que compromettam os nossos orçamentos e sem as injustiças que estabeleçam desegualdade entre cargos e funcções identicas. »

Passemos ao ponto immediato da exposição do sr. Getulio.

Aqui andou elle a traduzir o pensamento do candidato nacional.

Escreveu o sr. dr. Julio Prestes:

> « A reforma do systema tributario, principalmente do imposto sobre a renda, bem como a reforma radical das nossas tarifas alfandegarias se

impõe como uma necessidade decorrente do reajustamento, que, após a grande guerra, vai se operando em todos os paizes. »

Procurando apparentar largos conhecimentos do thema, disse o rio-grandense:

« O que se impõe é a cuidadosa revisão das nossas fontes de renda, algumas das quaes já não podem dar o que dellas inicialmente se exigiu, sinão com o duplo sacrificio do productor e do consumidor. Em compensação, outras supportam majorações graduaes.

Onde a necessidade de revisão se faz sentir mais imperiosamente é nas tarifas aduaneiras. Urge actualizal-as, pôl-as de accordo com as imposições da nossa vida economica, classifical-as, tornando-as, pela sua simplicidade, accessiveis á comprehensão do publico. »

Quando o sr. Getulio deixa á margem o trabalho do sr. Julio Prestes, quando não se limita a reduzir ao seu claudicante portuguez a phrase simples e segura do seu antagonista, envereda, ainda mesmo em torno de théses que não comportam sinão expressões claras, traductoras de firmes golpes de vista, pelos atalhos das declamações vasias, campanudas, muito ao gosto dos

que sermonam ás grandes massas heterogeneas, agrupadas em praças publicas.

Expondo a sua opinião sobre o nosso **regimen fiscal,** achou geito o candidato da alliança para soltar á nação esses modelos de empoeirada rethorica:

> « Estou certo de que é chegado o momento de encararmos com serenidade, agudeza e patriotismo, este e outros problemas vitaes da nacionalidade.
>
> As classes dirigentes, cada vez mais efficientemente fiscalizadas pela opinião publica, na capital e nos Estados, já devem ter comprehendido que é mister corresponder, em toda amplitude, e não apenas parcialmente, por excepção, ás suas responsabilidades e á confiança do paiz. »

Mas, não percamos tempo nesse capitulo mirrado da fala getulista.

Entremos no subordinado ao titulo suggestivo — **O plano financeiro.**

Ah! fixemos, antes de abordal-o, mais um plagio do gaúcho referente á **carestia da vida,** ferida tambem na parte destinada ao **regimen fiscal.**

Affirma elle que é indispensavel procurar baratear o serviço de transportes para que a vida

se torne menos incommoda a todas as classes sociaes.

Muitos dias antes do renovador, tinha assim falado o candidato da nação:

> « Baratear e facilitar o transporte é baratear a producção, é baratear a vida, é estabelecer a concorrencia indispensavel para o nosso desenvolvimento.
>
> O apparelhamento do transporte que possuimos, não só nas estradas de ferro e de rodagem, como nos mares, nos lagos e nos rios, reclama uma organização que lhe dê a commodidade indispensavel ao commercio, conjugando a rapidez á modicidade do preço, de modo a incrementar a nossa producção. »

Agora, o **plano financeiro.**

Eu avalio a situação difficil em que ficaram os meus amigos liberaes, quando sobre elles o sr. Getulio Vargas desatou esta inesperada confissão:

> « Entendo que o successor do eminente sr. Washington Luis deve manter e consolidar esse plano, pois muito maiores seriam os prejuizos resultantes do seu abandono, do que beneficios, pouco provaveis, que pudessem ser colhidos com a adopção de outra directriz. »

Neste ponto nada tenho contra o sr. Getulio Vargas.

Sua excellencia foi secretario da Fazenda nos primeiros dias do governo actual, acceitou e defendeu o plano financeiro do sr. Washington e não me consta que o tenha condemnado, uma só vez, depois que abandonou aquelle posto para ir administrar a sua terra.

Está, portanto, coherente com a sua idéa de hontem.

Mas, os seus adeptos de São Paulo, que nunca deixaram de combater aquelle plano, que até hoje não se retractaram das attitudes contra elle assumidas, que affirmam aos quatro ventos, não terem adherido jamais a homem nenhum, ás idéas de quem quer que seja, e que só se encontram ao lado do riograndense porque os seus principios, os seus planos de governo se casam, se harmonizam maravilhosamente com os principios e com os planos inscriptos na sua bandeira?

Como teria ficado essa gente toda em face das palavras do seu candidato?

Bôa marca de renovador, esse estadista do Rio Grande!

Exemplos curiosos de coherencia e de sinceridade esses néo-liberaes de S. Paulo!

No julgamento desses inflammados regeneradores, tudo, sob o governo do sr. Washington Luis, merece condemnação; a sua politica economica, o seu plano financeiro, a sua maneira de encarar as cousas da administração interna e a directriz por elle impressa aos negocios exteriores da Republica.

E o candidato desse grupo de criticos ferrenhos e assanhados, esse homem que prége a necessidade de refundir-se toda a engrenagem republicana, que está fóra dos eixos, que se acha tocada de ferrugem, vem dizer aos seus adeptos, vem prometter á nação, que num assumpto tão grave, tão fundamental, quanto é o do governo das suas finanças, não fará outra cousa sinão manter e consolidar o que se encontra feito pelos que estão levando o Brasil ás portas da ruina!

Bom especimen de renovador, o sr. Getulio Vargas!

Magnificas amostras de coherencia e de sinceridade, os seus correligionarios deste cantinho da Republica!

VIII

Tenho examinado até hoje, pela ordem de exposição os doze primeiros pontos da plataforma liberal.

Deixo para commentario posterior o decimo terceiro, que é relativo ao nosso **desenvolvimento economico** e que por isto merece mais ampla explanação e analyse mais minuciosa.

Por hoje catemos as idéas do sr. Getulio Vargas sobre certos themas por elle estudados succintamente, com aquella leviandade de affirmativas e de promessas, inconcebivel num homem publico da sua natureza e das suas pretenções, leviandade que o ha de tornar famoso quando se fizer o inventario dos seus predicados moraes.

Referindo-se a **convenios e tratados de commercio,** encarece o reformista a urgencia de obtermos para o nosso commercio exportador

grandes facilidades nos paizes, que já entretêm comnosco negocios consideraveis, e naquelles que poderem offerecer excellente collocação para os nossos productos agricolas e industriaes.

Das phrases do sr. Getulio Vargas resalta a condemnação do nosso desleixo num terreno tão importante para a economia nacional e poreja a mais vigorosa censura á indolencia da nossa diplomacia, que se tem limitado a fazer muito pouco, quasi nada, em torno de um assumpto de relevo tão grande na vida de um paiz productor, como é o nosso.

Entretanto, solta no seio das suas affirmativas, está ali a declaração de que no Brasil de agora, entre os que se consagram ao seu serviço no departamento das relações exteriores, reina o espirito da diplomacia moderna, que "se orienta cada vez mais no sentido dos problemas economicos ".

Eil-a na integra, sem uma virgula a mais, sem um vocabulo de menos:

> « E' de justiça assignalar que os representantes do Brasil, no exterior, principalmente sob a actual direcção, têm dado brilhantes e reiteradas provas dessa comprehensão pratica dos seus deveres. »

Em que ficamos, pois?

Si é tão proveitoso e tão facil (não nos será difficil conseguir de muitas dellas (refere-se ás nacionalidades) melhor tratamento alfandegario — affirma o riograndense na sua plataforma) obtermos favores aduaneiros para grande parte dos nossos productos e não os conseguimos até agora, a ponto de despertar este facto os clamores patrioticos do liberal, não devemos poupar accusações aos que têm por encargo pleiteal-os, em nosso nome, perante os povos amigos.

Si os nossos diplomatas, e á frente delles o chefe das nossas relações exteriores, têm dado, nesses ultimos tempos, "provas brilhantes e reiteradas dessa comprehensão pratica dos seus deveres", não podemos deixar de concluir que o sr. Getulio Vargas ou irrogou uma falsa accusação aos responsaveis pela abertura de bons mercados aos fructos do trabalho nacional, ou fez um julgamento precipitado sobre a natureza da tarefa, que sua excellencia denomina de facil execução.

Sempre desastrado, sempre contradictorio, o sentencioso governador do Rio Grande.

O capitulo seguinte da plataforma alliancista está subordinado á epigraphe: **Instrucção, educação e saneamento.**

Lendo-se as poucas linhas deste pedaço do discurso getulista, têm-se a impressão de que ahi foi elle intercalado para satisfação exclusiva de um habito, aliás condemnavel, a que o liberal se escravizou, depois que se metteu a predicante.

Não ha mais forças que arranquem o sr. Getulio ao vezo do plagiato.

O sr. Julio Prestes, na sua famosa oração do "Automovel Club", do Rio, fez claras referencias á necessidade de "um orgam technico e especializado de saúde e de instrucção".

Como poderia o sr. Getulio deixar sem o toque das suas mãos aquella cousa interessante, exposta pelo outro?

Porque não incluil-a tambem no mostrador das suas obras promettidas?

Eil-a, pois, entre os projectos de governo do sr. Getulio:

> « Para attender ás exigencias desses tres problemas (instrucção, educação e saneamento) imperiosos e connexos, reputo inadiavel a creação

de uma entidade official technica e autonoma com o seu raio de acção benefica extendido ao Brasil todo. »

Pesando bem toda a importancia, que deverá ter na vida do paiz aquelle desejado departamento da administração federal, affirmou o sr. Julio Prestes achar necessario dar-lhe o relevo de um verdadeiro ministerio.

Veiu depois o homem dos pampas, e declamou:

« Creio mesmo que é chegada a opportunidade da instituição de um novo ministerio, que systematize e aperfeiçôe os serviços federaes, estaduaes e municipaes, existentes com esse objectivo, e cuja efficiencia tanto deixa a desejar, por effeito justamente, em grande parte da desarticulação, isto é, da falta de contacto real e entendimentos praticos entre elles. »

Continuemos a analyse.

Vérsa sobre **as obras contra as seccas** a pagina immediata da plataforma.

Peço para o trecho que vou citar a preciosa attenção dos liberaes paulistas, principalmente a daquelles que mais de perto acompanham as

opiniões do meu presado amigo, dr. Paulo de Moraes Barros.

Escreveu o sr. Getulio:

> « Repito com maior firmeza que se torna inadiavel retomar o plano humanitario de amparo á população e valorização economica dos territorios, de accôrdo com as idéas do eminente senador Epitacio Pessoa, que lhes deu execução quando na presidencia da Republica. »

Ouvistes bem, amigos liberaes?

O vosso candidato deseja que se recomecem aquellas obras, de accôrdo com as idéas do eminente senador Epitacio Pessoa.

Que idéas são estas? Serão ellas opportunas? Estarão ao alcance das nossas possibilidades de agora?

Appellai para o julgamento do vosso illustre correligionario, o dr. Paulo de Moraes Barros, o ardego accusador do plano epitacista, o incançavel critico daquella obra de redempção, que eu sempre applaudi nos seus intuitos patrioticos e civilizadores, mas que eu sempre considerei condemnada a mallogro, tal o açodamento e taes os desperdicios com que foi atacada e dirigida.

Appellai para o julgamento do vosso capitão-general Arthur Bernardes.

Mas, como foi tratado o assumpto na plataforma do candidato nacional?

Sob um ponto de vista proprio, com largo descortino administrativo, com a emoção do patriota que reconhece naquillo uma das grandes chagas do seu povo. Lêde commigo, aqui:

> « No nordeste, ha necessidade de articular a rêde ferroviaria e ligar as rodovias, de maneira a estabelecer a circulação e fazer que se sintam mutuamente amparadas todas as zonas, que tenham sido assoladas pelo flagello da secca.
>
> Com a açudagem, a irrigação, a construcção de silos e outras obras de previsão, postas ao alcance de todos, poderá essa grande região entrar em periodo de prosperidade, melhorando a industria pastoril, tratando do reflorestamento e desenvolvendo a cultura da canna de assucar, do côco, do algodão e de outros productos, de modo a fixar o homem á terra e a fazel-o prospero e feliz. »

E mais adeante:

> « Nos Estados do Norte, ha ainda necessidade premente de resolver o problema portuario, afim de que possam elles se desenvolver com a mesma

segurança dos outros Estados, que já se apparelharam para as conquistas do commercio e da civilização. »

Sobre a attitude que deve assumir o poder central da União em face daquelle tormento brasileiro, assegura o presidente de São Paulo:

« Ao governo da Republica compete proseguir nas obras iniciadas e fazer estudar, convenientemente, tudo quanto seja possivel para minorar os effeitos das seccas, que flagellam aquella grande região, resolvendo o mais importante dos seus problemas, que é o de assegurar a producção para que o homem não tenha necessidade de emigrar. »

Aqui está a questão do nordeste posta nos seus termos exactos, focalizada com sabedoria, expressa em synthese admiravel, sem intuitos de projectar demasiada luz sobre o lado pathetico daquelle nosso caso doloroso.

Nada de pratico e de original se encontra na plataforma do sr. Getulio Vargas referente ao extremo norte do paiz.

Affirma-nos s. exc. ser necessario sanear e povoar aquelle maravilhoso e decantado **inferno verde.**

Está certo, está muito certo, mas para que gastar papel e tinta na repetição dessa sentença

accaciana, ao alcance de qualquer estudante bisonho de chorographia brasileira?

Todo o mundo sabe, entre nós, que a Amazonia é um mundo enorme quasi despovoado, depositario de riquezas phantasticas, mas de exploração difficillima, porque ali se conjugam contra o trabalho variados factores naturaes, de custosa dominação, (periodicidade das enchentes dos grandes rios, etc.) ao lado de outros perennemente hostis á raça branca (clima equatorial, com os seus graus formidandos de calor e de humidade, etc., etc.).

Por ser enormemente rico aquelle pedaço da patria, é necessario saneal-o e promover o seu povoamento.

Mas, os recursos para tão gigantesca tarefa?

Porque incluil-a já num programma de governo?

Não é muito mais honesto prometter apenas algumas medidas, que irão compôr o serviço preliminar do saneamento e do povoamento desejados?

Quem acreditará na palavra de um governo que disser á nação: vou sanear a Amazonia, vou encher de gente aquella terra vastissima?

Não, toda a obra civilizadora daquellas para-

gens ha de ser feita lentamente, através da adopção de medidas preparatorias do herculeo commettimento, planeado nas tintas da plataforma liberal.

Para avançarmos com segurança nesse terreno, forçoso será que nos guiem por longo tempo as palavras prudentes do candidato Julio Prestes:

> « Entre os problemas nacionaes a serem encaminhados, avultam, no extremo norte, o das vias de communicações e de transporte, como base para a colonização e o saneamento.
>
> A inspecção das nossas fronteiras, no norte, focalizou o aproveitamento de paragens até ha pouco ignoradas em planaltos, cuja altitude corrige o clima de região equatorial, e torna possiveis as mais variadas actividades na agricultura, na pecuaria e nas industrias.
>
> Na região do Amazonas precisam ser criadas e desenvolvidas as escolas e a industria da pesca, bem como se faz necessaria a acção official para a regulamentação e a defesa da industria florestal extractiva, das madeiras, da borracha, das fibras e das sementes oleoginosas. »

Será assim, com a ligação por estradas de rodagem das partes mais salubres do planalto

amazonico, com a intensificação e regulamentação das industrias extractivas já existentes nos trechos menos despovoados, com a criação de postos de prophylaxia, onde os trabalhos agricolas e pastoris agruparem maior numero de individuos, com a concessão de favores ás empresas nacionaes de pesca que se destinarem aos grandes rios e aos mares do extremo norte, será assim que plantaremos as bases da obra formidavel do saneamento e do povoamento daquella zona, obra que o Brasil realizará brilhantemente se poder terminal-a em meio seculo.

Estes trabalhos, ao alcance da União, dentro das nossas possibilidades orçamentarias, terão como resultado immediato fixar o nacional naquelles pontos do territorio, manter por ali o prestigio exclusivo da nossa bandeira e da nossa lingua, preparar, emfim, o ambiente social propicio á grande arrancada civilizadora, a que nos atiraremos um dia, quando formos bastante ricos, graças ao desenvolvimento do trabalho nos trechos mais productivos e mais amenos da patria brasileira.

IX

O candidato da alliança liberal ou é senhor de uma ingenuidade desmedida, capaz de resistir a todas as influencias do meio mais malicioso do planeta, o que, portanto, merece ser cantado em prosa e verso, ou é o espirito galhofeiro mais curioso e mais atrevido da actual geração dos nossos escriptores politicos.

Veja-se o que fez o sr. Getulio Vargas no capitulo da sua plataforma, referente ás nossas **vias de communicação.**

Mettido na pelle de um profundo estudioso do assumpto, pegou sua excellencia nas tintas mais negras da sua palheta e com ellas nos compoz um quadro tenebroso, representativo da nossa desorganização naquelle importante departamento da nossa actividade economica.

Somos, neste particular, de uma inoccultavel pobreza franciscana: não ha entre nós estradas de ferro e de rodagem que se articulem e que se completem, nem linhas de navegação que cumpram, com modestia, as nobres tarefas que são a finalidade dos seus destinos.

Não possuimos, siquer, um plano de viação geral do paiz.

Tudo desarticulado tudo lamentavelmente imprestavel "ás conveniencias superiores da nação".

> « As companhias beneficiarias da exclusividade no serviço de cabotagem não procuram, infelizmente, melhorar as condições technicas dos seus navios, de modo a tornal-os menos dispendiosos e augmentar-lhes o rendimento. »

O que existe em materia legislativa sobre portos, "tudo antiquado, tudo deficiente".

Muito bem. E' este o painel sombrio, exposto á nação pelo analysta severo, pelo implacavel demolidor gaúcho.

Quereis agora saber como desapparecerão todos esses gravissimos defeitos, todos esses enormissimos entraves ao progresso do nosso Brasil?

— Com a execução de algumas obras supplementares, que façam o entroncamento das nossas vias ferreas e rodovias, e com o abaixamento dos nossos fretes maritimos.

Parece brincadeira, simples gracejo de um estadista em férias, o remedio apontado para a cura de males tão extensos.

Si tudo se ajustará com **algumas obras supplementares,** si com a simples factura destas chegaremos á maravilha de vias de communicação, intelligentemente articuladas, constituindo um conjuncto perfeito, homogeneo, capaz de pôr em rapida e commoda circulação todos os elementos estimuladores, assim como todos os fructos do trabalho nacional, é que o nosso esforço nesse sentido merece julgamento diverso do que sahiu dos labios do sr. Getulio Vargas, é que a directriz do engenho brasileiro tem sido segura e fecunda nos estudos e na solução desse grave problema economico.

Si tudo está errado em torno delle, si as nossas vias de communicação apresentam o aspecto de um grande "mal, que urge corrigir", então as promessas do candidato liberal valem tanto para o paiz quanto valerá para um doente atacado de aguda neurasthenia o ingenuo conse-

lho de algumas colheradas de agua de flores de laranjeira.

Mas, não se limitam a este disparate as cousas que o sr. Getulio resolveu alinhar na sua fala á nação, naquelle interessantissimo capitulo.

Desejando exemplificar a sua censura á attenção que os nossos governos têm dedicado ao problema ferroviario, cita s. exc. a paralysação das obras iniciadas durante a administração Epitacio Pessôa e destinadas a ligar á cidade maranhense de Coroatá uma grande parte de terras tocantinas.

Mas será tão urgente assim aquelle emprehendimento?

Diz o sr. Getulio Vargas que é aquella "uma das grandes vias ferreas, reclamadas pela nação".

Sim, todo o paiz deve ser um dia beneficiado por numerosas arterias de ligação, por uma enorme rêde de caminhos, que valorizem a terra e que approximem os homens.

Mas, não é razoavel que começemos a realização dessa obra carissima nos pontos do territorio nacional, onde a população fôr mais densa, onde o trabalho offerecer maior abundancia de fructos a transportar, onde houver um nucleo

de actividade patricia mais forte, mais bem constituido, e d'onde a acção delle se possa derramar como uma bençam, como um estimulo, como um exemplo proveitoso, sobre nucleos visinhos, capazes de aproveitamento?

Estará nesse caso a obra lastimada pelo sr. Getulio Vargas?

Não conhece s. excellencia, aqui mesmo, pelo sul do paiz, zonas mais carecentes daquelle grande beneficio?

Não sabe s. exc. que na parte norte da Republica ha trechos que estão a reclamar, com maiores razões, a presença civilizadora dos trilhos de ferro?

Nunca alimentei preferencias regionalistas, jamais applaudi differenças de tratamento feitas pela União aos Estados brasileiros. Todos são dignos da mesma attenção carinhosa, dos mesmos desvélos, dos mesmos cuidados paternaes do poder central da Republica.

Mas, este, para ser justo e para ser patriotico, não deverá afastar-se nunca da sabedoria contida no dictame christão: **a Cezar o que é de Cezar.**

Vá o sr. Getulio Vargas á Bahia, percorra com vagares a larga zona do S. Francisco, conte

direitinho os numerosos centros de população, que pontilham aquelles valles ubertosos, onde já se ensaiam tão variadas e tão rendosas culturas, reflicta sobre o impulso que lhes daria uma ligação por via ferrea com um porto mais ou menos apparelhado como é o de S. Salvador, e verá depois que ha cousas muito mais urgentes e muito mais proveitosas para nós todos do que o lembrado caminho de Coroatá.

De Coroatá a Grajahú e de Grajahú a Bôa Vista, que centros de população ha a servir, que cousas abundantes ha a transportar?

E pelo Tocantins acima, até Pedro Affonso, até Thereza Christina, até Porto Nacional?

Dirá o sr. Getulio Vargas que, á passagem do caminho de ferro, surgirão por ali todos os fructos bons que os goyanos e os maranhenses ainda não produziram.

Sim, mas vamos buscal-os primeiro onde já se contam aos centos, apezar da falta de modernas vias de communicação.

Andaria melhor o presidente do Rio Grande, si, nessa passagem da sua plataforma, tivesse copiado mais uma vez as palavras sensatas do seu adversario:

« Os progressos que temos realizado em materia de viação e de transporte já são assignalados, mas não correspondem ainda ás nossas actuaes necessidades de vida e de civilização.

O apparelhamento do transporte que possuimos, não só nas estradas de ferro e de rodagem, como nos mares, nos lagos e nos rios, reclama uma organização que lhe dê commodidade indispensavel ao commercio, conjugando a rapidez á modicidade do preço, de modo a incrementar a sua producção. »

X

Entre os artigos componentes do libello, que os liberaes de agora, notadamente os que formam a ala carlista, trombeteiam contra a administração da Republica, avulta, por ter sido ferido com maior insistencia e em notas mais clangorosas, o que se refere ao nosso grande estabelecimento de credito.

No conceito de todos esses puritanos reformistas, o Banco do Brasil, desviado por deliberação criminosa do governo, da sua verdadeira finalidade, que é despertar e amparar todas as energias productivas da nação, anda hoje convertido numa montureira que é preciso, quanto antes, remover ou transformar, para que não empeste o meio em que se projecta, e onde, pelo vulto das suas proporções e pelo raio de alcance da acção de que dispõe, póde annullar as resis-

tencias salutares dos outros organismos que ao seu lado funccionam.

Em face de uma situação tão grave quanto a desenhada para o Banco do Brasil pelos homens da Alliança, cumpria ao seu candidato, cumpria ao estadista escolhido por elles para concertar as cousas desmanteladas do paiz, dizer a nós outros, elementos do povo, para cujos suffragios appellou na tarde de 2 de janeiro, quaes os remedios indicados para a cura daquella grande desgraça.

Entretanto, s. exc. nem confirmou o desenho feito pelos seus correligionarios, nem suggeriu de modo claro, como era de se esperar de um homem amigo de conversar directamente com todas as classes sociaes, com a grande massa popular, de preferencia, as medidas que lhe afloraram ao engenho e que deseja que se executem em beneficio da sua terra.

Limitou-se o sr. Getulio Vargas, no capitulo sobre a **reforma do Banco do Brasil,** a meia duzia de orações, que não revelam conhecimentos do assumpto, que não deixam descobrir-se nenhum plano seguro de reformas, que só exprimem a confusão em que se move o espirito do seu autor.

Está na plataforma do candidato liberal:

> « Na remodelação do Banco do Brasil, tal como a exigem as necessidades da economia nacional, convirá que elle deixe de ser um concorrente dos outros institutos de credito, afim de poder sobre estes exercer funcção de controle, como propulsor do desenvolvimento geral, auxiliando nesse caracter a agricultura, amparando o commercio, fazendo redescontos, liderando, em summa, todo o nosso systema bancario, no sentido do continuo engrandecimento do paiz. »

Isto nada quer dizer, isto não passa de ôco verbalismo, isto traduz apenas completa ignorancia do thema.

O sr. Getulio Vargas deseja que o Banco do Brasil "deixe de ser um concorrente dos outros institutos de credito".

Para isto elle não deverá nunca realizar operações de credito nem com o commercio, nem com as industrias, nem com a lavoura.

No dia em que o Banco do Brasil fizer um desconto, abrir uma conta garantida, vender ou comprar cambiaes, adeantar qualquer parcella sobre **warrants** de mercadorias, etc., etc., incorrerá na pratica de concorrencia aos outros bancos do paiz.

O simples acceite de depositos em conta corrente, a longo ou a curto prazo, importa numa concorrencia aos institutos, que delles precisam para o desenvolvimento das suas transacções.

O presidente do Rio Grande leu com certeza alguma cousa sobre bancos de emissão e redesconto, ouviu falar na necessidade de os termos entre nós, e compoz com noções muito imprecisas as phrases da plataforma, relativas ao Banco do Brasil.

E tanto não interpreto mal a situação em que se viu o sr. Getulio, que logo abaixo das palavras que transcrevi, encontro o seguinte periodo, que é a contradicção absoluta do pensamento inspirador daquellas:

> « Attingir-se-á esse objectivo, mediante a creação de carteiras especiaes para o commercio, para a agricultura, para as industrias, etc. »

E' interessante acompanhar a gente o raciocinio do reformador gaúcho.

Aqui não admitte elle que o Banco do Brasil faça a menor concorrencia aos outros bancos do paiz, que não receba, portanto, dinheiro de correntistas, que lhes não desconte titulos, que não

opere em negocios que constituam a razão de ser dos seus congeneres.

Ali expõe a necessidade de que sejam creadas carteiras especiaes para as transacções do commercio, das industrias e da lavoura.

Quem teria sido o inspirador da plataforma, nesse terreno tão extranho aos estudos do liberal?

Por que lhe não deu o conselho da mais prudente discreção em torno de um thema simples, mas que exige pelo menos um pouco de logica e um pouco de leitura?

Que aspecto offerecerá o Banco do Brasil, reformado de accôrdo com o pensamento do sr. Getulio Vargas?

Um estabelecimento apparelhado com todas as carteiras, mas sem poder fazer funccionar nenhuma dellas, pois que isto importaria na violação daquelle conceito fundamental — não ser jamais um concorrente dos outros institutos de credito.

Que irmão esquisito do Banco de França e do Banco de Inglaterra passaria a ser o Banco do Brasil?

Aquelle, que allia ás suas funcções de estabelecimento commercial as de instrumento politi-

co e banco de Estado (c'est aussi et avant tout un instrument politique, une banque d'Etat. — Courcelle-Seneuil. **Les operations de Banque,** pag. 235) não deixou nunca de ser um concorrente dos bancos francezes, nem mesmo depois da lei monetaria de 25 de junho de 1928, que determinou uma grande modificação nos seus estatutos.

O segundo ainda mantem todas as suas carteiras, sem que lhes viesse alterar o funccionamento de nenhuma o ultimo acto do governo britannico, que lhe transferiu o direito de emissão das **currency notes.**

Mas, o que o sr. Getulio Vargas quiz dizer a proposito do Banco do Brasil foi outra cousa. Não o ajudou a lingua, não lh'o permittiu o velho costume de gritar descompassadamente contra todas as cousas do seu paiz.

O que o estadista gaúcho pretendeu affirmar foi que o Banco do Brasil deverá passar a ser um banco de emissão e de redesconto, capaz de attender ás continuas e crescentes necessidades da vida economica da Republica, e que ao lado disto terá o governo a tarefa de promover os melhoramentos reclamados pela nossa organização bancaria, que se não ajusta ás exigencias

dos povos modernos, progressistas, onde o trabalho todos os dias solicita formas novas de cooperação financeira.

Nem carecia dispensar muito esforço o sr. Vargas para compôr uma pagina interessante sobre a these.

Bastaria lêr com attenção o segundo capitulo da plataforma do sr. dr. Julio Prestes e repetir os conceitos ali exarados.

Ponho-o aqui, ás vistas dos liberaes:

> « Para completar a obra notavel do preclaro estadista, que vem dando ao Brasil o maior dos governos de que elle se orgulha, é indispensavel que a reforma monetaria cumpra todas as suas phases, chegando até á conversibilidade, e que façamos a reforma do Banco do Brasil em Banco Central, com a faculdade de emissão conversivel em ouro. »

Mas, não é só esta reforma que parece necessaria ao candidato da nação.

Elle preconiza tambem a utilidade de

> « ... uma organização completa do systema bancario nacional, que corresponda ás exigencias modernas, com as suas carteiras de hypotheca, de

penhor agricola, de depositos e de descontos a largo e a curto prazo, conforme as necessidades da lavoura, da industria e do commercio. »

Porque o sr. Vargas não appellou aqui para a palavra do seu antagonista, tantas vezes transpostas para o documento lido na esplanada do Castello?

Evitaria com isto expôr-se, como se expôz, ao riso escarninho ou á piedade christã dos que leram aquelles seus dois periodos originaes sobre a **Reforma do Banco do Brasil.**

XI

Ao terminar a leitura das palavras consagradas na plataforma liberal ao nosso "desenvolvimento economico", tive impressão semelhante á que commummente se recebe ao ouvir-se a exposição de um assumpto sério, realizada por espiritos infantis.

Vai a gente acompanhando com interesse e com prazer a marcha do discurso, que se desenrola direitinho emquanto se não fadiga a intelligencia daquelle que o está pronunciando.

De repente, surge qualquer embaraço no cerebro do expositor, enrosca-se qualquer cousa por ali, ennovelam-se-lhe na memoria recordações de leituras mal assimiladas e... fica desfeita para sempre a nossa optima sensação inicial.

O sr. Getulio começou com muito acerto a sua conversa sobre o nosso desenvolvimento economico.

Repetiu sem brilho, mas sem erros, a necessaria exhortação patriotica de que é necessario estudar-se com segurança "o ambiente geral da nossa actividade", pondo-se em destaque o inventario dos nossos recursos naturaes e o computo dos estorvos que temos a remover para a conquista de uma situação economica, prospera e estavel.

O quadro do que temos a fazer nesse terreno está bem esboçado nas primeiras linhas da fala getulista.

Ha por ellas referencias precisas á necessidade de incrementarmos o trabalho nacional em torno de certas culturas e de certas industrias extractivas.

O trigo e o carvão de pedra mereceram quatro palavras do candidato liberal.

Palavras de estimulo aos que se occupam com elles, palavras que envolvem promessas valiosas, palavras dictadas pelo mais elevado criterio administrativo.

Fez bem o sr. Getulio em repetil-as á nação.

E maior valor teriam ellas, si s. exc. as concluisse com a affirmativa de que por terem sido prégadas desde algum tempo num Estado brasileiro, que é São Paulo, já abriram caminho victorioso na incredulidade de muitos dos seus correligionarios politicos.

Logo depois de exprimir cousas sensatas a respeito do trigo e da nossa principiante exploração carbonifera, eis por onde se precipita a intelligencia do governador rio-grandense:

> « Em não poucas das regiões mais proprias para a agricultura, impera ainda o latifundio, causa commum do desamparo em que vive o proletariado rural, reduzido á condição de escravo da gleba. »

Para que foi o sr. Vargas tocar em assumpto que não conhece?

Por que não parou naquella phrase, em que nos dá conta das trezentas mil toneladas de carvão de pedra consumidas pelas locomotivas e pelas fornalhas da sua terra?

A existencia de latifundios no paiz não foi determinada nem mantida por culpa de governos ou desejos de proprietarios.

Resultou de condições sociaes e historicas, que se vão modificando aos poucos no curso da nossa vida politica.

Paiz vastissimo e de povoamento esparso e lerdo, não podia o Brasil deixar de offerecer esse aspecto curioso da apropriação e do aproveitamento do seu sólo.

Mas, onde a população se vae tornando mais densa, onde o trabalho faz avolumar-se a onda humana, vai a terra soffrendo o natural fraccionamento, sem que para isto precise concorrer a nossa legislação, sem ruidos, sem clamores, sem as exigencias dos que precisam trabalhar, sem o constrangimento dos que mantêm a gleba em seu poder.

Veja o sr. Getulio o que se passa, por exemplo, em São Paulo.

As grandes propriedades ruraes das zonas mais bem povoadas estão sendo repartidas em pequenas geiras, por deliberação exclusiva dos seus antigos donos, que vêem com a alegria dos bons patriotas, a multiplicação dos celleiros e o desenvolvimento de culturas apropriadas a sitios e fazendolas, sem os encargos onerosos das grandes administrações.

Tambem aqui não ha "proletariado rural, reduzido á condição de escravo da gleba".

E' simples phantasia a phrase do candidato liberal.

Contam-se aos milheiros os antigos colonos hoje transformados em abastados proprietarios.

E' só trabalhar um pouco para, entre nós, libertar-se o homem do estado de miseria.

Num paiz onde ha falta de braços, onde ha terras desoccupadas, capazes de abrigar milhões de individuos, onde não ha castas sociaes, onde todos os homens são eguaes perante a lei, como é que se pode falar em "escravos da gleba", em "proletariado rural" carecente de justiça, em divisão da propriedade imposta pelo governo, em todas essas baboseiras contidas no discurso do candidato do sr. Antonio Carlos?

Dissertação literaria de mau gosto em torno de um assumpto muito grave!

Eu poderia agora convidar o leitor a percorrer commigo a plataforma do candidato nacional nos varios pontos consagrados ao nosso desenvolvimento economico.

Mas, para que fazel-o, si o Brasil inteiro conhece já as idéas do sr. Julio Prestes, referentes ao thema?

E mais do que as suas idéas, a sua grande obra de administrador, a sua capacidade de estadista, revelada no trato carinhoso dos nossos problemas economicos?

Não é a historia do seu governo, quasi todo dedicado ao desenvolvimento das nossas forças productivas, a melhor credencial das suas promessas á nação?

Proseguindo no seu trabalho, affirma o sr. Getulio Vargas:

> « Não se pode negar que a agricultura nacional já attingiu um grau notavel de desenvolvimento, sobretudo nos Estados para onde se encaminham as correntes immigratorias. »

Cito apenas este trecho para mostrar a força da coherencia do homem dos pampas.

Linhas atraz, no capitulo sobre **desenvolvimento economico,** tinha elle escripto:

> « A agricultura, embora florescente em muitas zonas, resente-se por toda parte da falta de organização e de methodo. »

Como é isto, então?

Como é possivel que ella tenha attingido um grau notavel de desenvolvimento, si por toda parte (note-se bem a expressão — **por toda parte** —) é a mesma praticada sem methodo, faltando-lhe absoluta organização?

Cousas que só o sr. Getulio Vargas e os seus thuribularios podem comprehender e explicar!

———

XII

No conceito do sr. Getulio Vargas, o Brasil, que é o paiz possuidor do maior numero de bovinos, quasi nada fez até hoje em beneficio da sua pecuaria.

Anda tudo, por ahi afóra, entregue ás duras condições do meio physico, tudo relegado ao mais completo abandono, limitando-se o homem a tirar muito pouca cousa de uma fonte tão rica e de tão facil exploração.

Ha evidente exaggero nas affirmações do candidato liberal.

No Rio Grande, em São Paulo, em Minas, o problema não ha merecido apenas as attenções dos directamente interessados nelle; varios governos — têm voltado as suas vistas providen-

ciaes para a assistencia e para o melhoramento progressivo dos nossos rebanhos.

Da sua terra chegam-me constantemente noticias do grande esforço dos criadores, no sentido de transformarem num valioso rebanho seleccionado as manadas andejas dos seus campos e coxilhas.

Acompanho com interesse o sacrificio dos riograndenses na constante acquisição de reproductores para o melhoramento de sangue dos seus gados.

Posso até dizer ao sr. Getulio Vargas quaes os representantes de famosas familias inglezas, de herefords, de durhams e de devons, entrados em 28 e 29 nas estancias da sua provincia.

E' verdade que o governo de s. exc. poderia ter feito muito mais do que realizou em beneficio da pecuaria.

Mas, não esteve inteiramente de braços cruzados.

Além da importação de reproductores, confiada á competencia e á probidade de Walter Noble, fizeram-se ali bons estudos preliminares para a organização do registo genealogico.

Contribui um tantinho para o exito desse trabalho do governo do Rio Grande.

Foi aqui, em São Paulo, na minha modesta bibliotheca, que o representante daquelle Estado colheu informações seguras sobre a nobreza dos herefords espalhados nos seus planteis, e oriundos de velhos troncos, assignalados no **herd-book** do famoso condado britannico.

Em Minas ha tambem a preoccupação de tornar melhor o aspecto dos rebanhos e de augmentar-lhes o rendimento commercial.

Levas de reproductores paulistas, de raças finas, andam hoje pelas fazendas mineiras, semeando predicados melhores entre o armento montanhez.

E aos promotores de tão fecunda orientação economica não tem faltado o auxilio do governo local.

Pequeno, é verdade, mas ainda assim não de todo desprezivel.

Por aqui, a pecuaria é objecto de cuidados, que já se enquadram numa téla mais rica e reveladora de um esforço mais intelligente.

Nem só a creação de facilidades aos que desejam importar animaes de **pedigree**.

Tambem assistencia veterinaria prompta e bôa, tambem trabalhos de laboratorio, visando

a defesa sanitaria das manadas, tambem rigorosa inspecção dos recem-vindos, para que não espalhem males exoticos e não contaminem os nossos creoulos e os nossos adaptados.

Tambem conselhos proveitosos para o aperfeiçoamento das nossas condições forrageiras, tambem animadora distribuição de premios aos criadores, que se revelarem progressistas nos concursos annuaes, promovidos pela nossa Secretaria da Agricultura.

Mas, ponhamos á margem todo esse desmentido ás palavras iniciaes do sr. Getulio Vargas no capitulo formulado sobre a nossa pecuaria.

Admittamos que tudo se encontre como elle nol-o descreveu.

Que deve fazer o futuro presidente da Republica para mudar a face a esse grande problema brasileiro?

Na opinião do candidato carlista, apenas isto:

> « . . . convenios commerciaes ou entendimentos diplomaticos, que nos facilitem o accesso aos grandes centros de consumo, reducção de fretes e aperfeiçoamento do material e methodos administrativos das empresas de navegação. »

Ponho em linguagem mais simples o pensamento do sr. Getulio Vargas:

— Nada temos feito até agora em materia de pecuaria. O nosso rebanho é grande, o maior do mundo, mas não constitue uma bôa fonte de renda. Representa muito pouco em a nossa balança commercial.

Para sahirmos desse estado, urge que façamos convenios com os paizes importadores e prestemos maior attenção ao transporte das nossas carnes e dos nossos couros.

Este reformador é um caso curioso, e não minto considerando-o um caso solitario.

Nunca li tamanha collecção de disparates num documento annunciado como a synthese de um programma administrativo, capaz de salvar uma nação.

Então, é com a celebração de tratados commerciaes e com a organização de uma frota aperfeiçoada, que teremos de resolver o problema da criação de bovinos no Brasil?

Não confessou preliminarmente sua excellencia que a situação dos nossos rebanhos era apenas lastimavel?

Como esses tratados e esses navios virão dar solução ao nosso caso forrageiro, que é a ques-

tão fundamental da nossa pecuaria, aos problemas da parasitologia bovina, tão complexa sob climas tropicaes e sub-tropicaes, como poderão elles trazer corrigendas ás insufficiencias de cal e de phosphatos, determinantes do rachitismo dos rebanhos em vastas zonas pastoris do centro do Brasil?

Pois não vê o sr. Getulio Vargas que si nós já tivessemos um rebanho valioso, capaz de satisfazer ás exigencias do paladar inglez, as nossas carnes figurariam com destaque na pauta da nossa exportação?

O mundo atravessa uma grande crise de carne.

Paizes criadores vão, dia a dia, reduzindo a sua área pastoril ante o avanço da cultura cerealifera, mais rendosa, mais necessaria, mais compativel com o accrescimo das suas populações.

Na Argentina, no Uruguay, na Australia, no Canadá, na Rhodesia, as zonas pastoris vão sendo transformadas em centros de agricultura mecanica.

Ha fome de carne, principalmente na grande colmeia humana que é a Inglaterra.

Não faz muito tempo que sir Haldane, a grande autoridade ingleza nesses assumptos, revelou ao mundo, pelas columnas do "Times", — (Our beef supply) — a situação angustiosa da Grã-Bretanha em face da escassez de carne bôa.

Estivessemos nós apparelhados para o largo fornecimento de carnes finas á fome daquelles insulares, e não nos faltariam vapores frigoríficos dos mais aperfeiçoados e dos mais rapidos, nem andariamos á cata de convenios para a venda immediata e lucrativa dos nossos productos animaes.

Si a Inglaterra não vem aqui buscar as nossas carnes, si os nossos couros não são disputados a peso de libras, é que sobre nós pesa a certeza de que ainda nos não libertamos de todo, nesse terreno, de males muito serios.

Ainda temos aphtosa, ainda produzimos carnes secundarias.

E não lavaremos essas nodoas sinão fundando centros de pesquizas scientificas, estações de agrostologia, acoroçoando a larga importação de reproductores de raças especializadas para o córte, adaptayeis ao nosso clima e ao nosso solo, premiando os criadores que tiverem rebanhos melhorados, que construirem silos, que fizerem

banheiros carrapaticidas, que adubarem os seus campos, que enxugarem as suas varzeas humidas, viveiros de verminoses, que combaterem o berne, emfim, que derem á industria pastoril o cunho scientifico de que ella necessita, para se transformar numa fonte abundante de riqueza.

Ponho agora aos olhos do leitor a palavra sensata do presidente Julio Prestes:

> « Um paiz criador, como o nósso, tem que multiplicar as estações de agrostologia para melhorar as pastagens e aperfeiçoar os rebanhos.
>
> Por todo o Brasil está disseminada a pecuaria, mas a criação que temos, salvo em uma ou outra região, não está devidamente seleccionada e é tratada por processos rudimentares, sem assistencia technica e profissional, portanto, sem o amparo necessario para o seu desenvolvimento e para que chegue a recompensar a sua industrialização.
>
> Ao lado desse auxilio, é indispensavel tambem a existencia do credito que ampara o criador para que elle possa, ao abrigo das necessidades que matam o seu estimulo, vencer e prosperar. »

Como é isto differente do gaguejado discurso de 2 de janeiro!

Como se percebe aqui o espirito seguro e claro de um estadista conhecedor de todos os problemas da sua patria!

Que me dirão, depois deste confronto, os nervosos tamborins do reformador Getulio Vargas?

XIII

A' defesa da producção dedica o sr. Getulio Vargas uma duzia de periodos do seu manifesto politico.

Contêm elles cousas certas e cousas erradissimas.

Estão direitos os pontos que reflectem menos a opinião pessoal de s. exc. do que a leitura das palavras do seu competidor.

Assim aquella affirmativa de que é preciso "amparar o productor, fornecendo-lhe numerario de accordo com as disponibilidades do seu credito."

Assim tambem aquella outra de que é necessario "melhorar os processos technicos de cultura para baratear o custo de producção."

E as duas ou tres linhas referentes ao algodão, á herva matte, ao cacau, etc., etc., linhas

que foram compostas em presença do documento prestista, de onde trouxeram o cunho de sensatez que manifestam.

Estão tortas, merecem reprovação, todas as partes arrumadas directamente, exclusivamente, pelo engenho confuso do estadista do Rio Grande.

Destaquemos, para illustração, aquelles conceitos que elle expendeu sobre a **crise assucareira.**

Aqui o sr. Getulio caminhou sózinho, sem o auxilio da bussola e das muletas, que tanto o ajudaram em muitos trechos da jornada.

Dahi os tropeções, as quédas, a marcha sem garbo e sem segurança, as curvas e os zigueza-gues da directriz, os longos desvios conducentes ao ponto focalizado.

Para debellarmos a crise que assalta os grandes centros industriaes de Campos e de Pernambuco, só ha um remedio, na opinião do candidato liberal: crear no Banco do Brasil uma carteira, que facilite recursos aos nossos cultivadores e fabricantes, afim de que possam elles desenvolver a producção, dando-lhe os aperfeiçoamentos reclamados.

Quer dizer que no augmento das safras e na

melhor qualidade do producto está a receita combativa dos males que atormentam, á hora actual, a exploração assucareira do Brasil.

Fabricamos mais assucar do que exige o nosso consumo interno, não é aquelle um artigo de rendosa exportação nem de durabilidade, que nos permitta armazenal-o, por largo tempo, e a unica brécha que se nos apresenta para sahirmos dos nossos embaraços é — no conselho do gaúcho — o augmento da nossa producção.

O sr. Getulio quiz divertir-se á custa dos nossos operosos plantadores de canna.

Deu-lhes um parecer, fez-lhes uma promessa, que não está embebida apenas em ignorancia, mas que denuncia tambem certa dose de perversidade.

Fala o sr. Getulio Vargas nas vantagens que trará aos nossos plantadores de canna de assucar a creação de uma carteira de credito agricola no Banco do Brasil.

Cousa parecida, sinão cousa absolutamente egual, foi posta em pratica em Pernambuco, creio que em 1913.

Mas, em nada serviu isto aos legitimos interesses da grande e nobre classe dos **senhores de engenho.**

Desenvolveram-se as culturas, fizeram-se reformas nos processos do trabalho nos campos, as usinas refundiram os seus apparelhos, quer dizer, houve maior aproveitamento da materia prima, mas não surgiram alterações nos fundamentos da riqueza assucareira daquelle estado do norte.

Cotinuou ella a ser instavel, a ser oscillante, a ser sensivel, muito sensivel a pequeninos factores de depreciação commercial.

Ante qualquer accrescimo na tonelagem das safras de Campos, ante qualquer retrahimento dos mercados importadores do Rio Grande e de São Paulo, o preço do assucar pernambucano soffre declinios formidaveis, que quasi sempre chegam muito abaixo do custo real da producção.

Como é, pois, que o sr. Getulio Vargas deseja que se desenvolva, que se augmente aquella cultura brasileira?

A industria do assucar entre nós vive constantemente sob o dominio da super-producção.

Quasi todos os Estados do norte produzem bastante assucar e aquelles que não têm grandes fabricas modernas, á semelhança das de Pernambuco e de Alagôas, quasi nada compram

ás praças de fóra, satisfazendo-se com os seus engenhos de banguê e as suas engenhocas de rapadura.

No centro, a mesma situação.

E' para o sul que se escôa quasi toda a producção das usinas do norte.

Mas, aqui temos o grande centro fabril de Campos, e já S. Paulo começa a dispensar bôa quantidade de assucar nortista.

Como ficará, pois, este problema, si incrementarmos o desenvolvimento da exploração assucareira, de accôrdo com os conselhos do sr. Getulio Vargas?

Não, o que o candidato liberal deveria ter dito aos pernambucanos era que, sem o abandono completo da grande industria, precisavam elles cuidar de outras fontes de riqueza, tão faceis, tão possiveis naquelle formoso recanto do paiz.

Que melhorassem o trabalho agricola nos seus engenhos, que modernizassem os processos fabris nas suas usinas, que se organizassem em syndicatos e em cooperativas, mas que não cobrissem de cannaviaes todas as terras ferteis de Pernambuco.

Ali podem prosperar, como em poucas partes

do Brasil, a fructicultura e a exploração de fibras textis.

Mas, o sr. Getulio Vargas nada sabe do que se passa por aquellas terras tão distantes da linha fronteiriça da sua Sant'Anna do Livramento!

Vamos para frente.

O ultimo capitulo da plataforma liberal é dedicado ao **café.**

Ahi o renovador achou mais prudente, para não despertar a ciumeira dos seus correligionarios paulistas, arrimar-se, nos primeiros passos, ao velho bordão do conselheiro Antonio Prado.

E fez grande trecho do caminho empunhando o torto espeque, hoje recolhido ao museu de raridades do Partido Democratico de São Paulo.

Foi a defesa do café, foi a sua retenção, foi o financiamento pelo governo paulista, foi a propaganda realizada pelo Instituto, foi todo esse esforço herculeo aqui despendido, durante esses ultimos tres annos pela administração do sr. Julio Prestes, com o franco apoio, com o quente applauso dos nossos fazendeiros, que determinou a baixa de preços, agora soffrida pelo nosso grande artigo de exportação.

Este é o pensamento que fórra o ultimo capitulo da plataforma do sr. Getulio Vargas.

Toda a politica da defesa do café, nos moldes seguidos pelo governo de S. Paulo e da União, com a solidariedade de todos os interessados no assumpto, productores, commerciantes e banqueiros, precisa ser refundida, precisa ser modificada.

Como?

Responde o sr. Getulio Vargas:

> « Com a realização de convenios commerciaes ou entendimentos diplomaticos, que nos facilitem o accesso aos grandes centros de consumo; com a reducção de fretes e aperfeiçoamento do material e methodos administrativos das empresas de navegação. »

Tal qual como no caso das carnes e dos couros.

Só?

Não, o sr. Vargas tem ainda alguma cousa a dizer sobre o assumpto. Mas, desta vez, esquecido do bastão de Antonio Prado, vai falar escorado na plataforma do paulista.

Ouçamol-o:

> « Afigura-se-me ainda indispensavel, attenta a fundamental influencia do café na economia geral do Brasil, tornar mais intima e effectiva a collaboração da União na defesa do producto, para manter a unidade do serviço, zelar pelo cumprimento dos convenios entre os Estados interessados, promover as medidas da alçada federal e intervir, com os seus recursos, em caso de necessidade. »

Mas, Santo Deus! que novidades se mostram nestas palavras do corajoso reformista?

Que luz nova projectam ellas sobre o problema do café?

Não é isto o que, mais ou menos, está fazendo, todos os dias, o governo federal?

Não está tudo aquillo exposto com clareza no discurso do sr. dr. Julio Prestes?

Aquellas receitas do sr. Getulio Vargas, apontadas pelos seus adeptos como syntheses admiraveis de nunca vista sabedoria, são velhas formulas de uso commum para combater os nossos constantes embaraços, decorrentes do desequilibrio entre a nossa producção e o consumo mundial da saborosa bebida.

Quantas vezes tem a União tornado effectiva e intima a sua collaboração na defesa do nosso grande producto?

O presidente do Rio Grande não pretendeu, no ultimo capitulo da sua plataforma, sinão explorar, em beneficio da sua candidatura, a inquietação da classe productora de café, provocada pela quéda brusca das cotações em Nova York, com reflexos desastrosos na praça de Santos.

Mas, não foram coroados de exito os seus propositos, porque a nenhum de nós escapa a certeza de que, no trabalho formidavel de combate aos males que envolvem a situação commercial da rubiacea, ninguem mais incançavel, ninguem mais animoso do que o chefe do executivo paulista.

Chego ao fim da analyse minuciosa a que submetti a plataforma do candidato liberal.

Diz-me a consciencia que a percorri sem animo prevenido, sem lhe truncar uma só das suas phrases, sem lhe desvirtuar um só dos seus pensamentos, sem lhe attribuir nenhum conceito extranho, nenhuma idéa que ali não houvesse sido defendida.

E como resultante desse esforço, aqui tendes o meu sincero julgamento: o trabalho do candidato da Alliança é o attestado completo de que a mentalidade, que o concebeu e o realizou, não poderá nunca desempenhar com proveito para a nação brasileira as elevadas funcções de seu supremo magistrado.

12530

A BEM DA HISTORIA PATRIA

A explosão da Escola Militar e as tradições d'O Paiz

PELO GENERAL REFORMADO

Honorato Caldas

RIO DE JANEIRO
Comp. Litho-Typographia—Rua do Lavradio, 55

1905

INTRODUÇÃO

Tendo a illustre redacção d'*O Paiz*, n'uma serie de brilhantes editoriaes, feito a dissecação profunda do recente levante da Escola Militar, de 14 de Novembro ultimo, sob o aspecto de uma sordida exploração politica e de uma perturbação demagogica e satanica da normalidade bonançosa da vida actual da nação, seja-nos licito, pela relevancia do assumpto que affecta a tradição da Republica, a honra do exercito, a hombridade civica, e tambem pelo alto quilate do notavel paladino da imprensa radical, trazer o nosso contingente, embora fraco, á elucidação do cruento episodio, impugnando *in limine*, por infiel e deficiente, a estimativa do scenario politico e administrativo sob cuja impressão se desenrolarão os acontecimentos e cujo estudo meticuloso constitue, em nossa opinião, o ponto de partida essencial para o juizo indefectivel da Historia.

Esta ponderação se impõe tanto mais, quanto a illustre redacção conclue a obra do seu afiado escalpello, concitando os tribunaes competentes a exercitarem com toda a serenidade a sua justiça inexoravel, no julgamento dos cabeças do levante e respectivos comparsas, que desembaraçadamente classifica de «réos da liberdade, da segurança das familias, da propriedade indi-

vidual e da propria independencia nacional, traidores á Republica, sem outro movel mais que a ganancia infrene e a torpe ambição», portanto, bandidos da quinta essencia!

*
* *

Este calão diffamatorio, esta critica soez. esta pungente herezia social, é que constitue uma indignidade attentatoria da civilisação e da moral publica, uma valvula cambiante da imprensa venal, contra que urge protestar e reagir, da qual já foram victimas indefesas, ainda não ha muitos annos, em condições identicas, diversos politicos eminentes e altas patentes do exercito e da armada, homens illustrados, de reputação illibada, alguns dos quaes são membros prestigiados da situação dominante, elevados hoje pelo mesmo *Paiz* até ás nuvens, como a encarnação do patriotismo, o modelo do estadista, o espelho da honorabilidade, e que não terão, de certo, a pretenção de exceder, uma linha siquer, em estatura moral, aos Srs. Tenente-Coronel Lauro Sodré, Major Gomes de Castro e outros, reconhecidos prototypos de honestidade, illustração e honra, atttingidos agora por taes excrescencias, que estão, sim, reclamando um cauterio a pulso firme, capaz de exterminar o virulento microbio.

E não recuamos da escabrosa tarefa, na falta de outrem mais competente, cedendo ao destino que nos fez empunhar a tosca penna de subsidiario do futuro Tacito brazileiro, desde que deixamos, pela reforma voluntaria, o serviço do exercito, em 1890, mantendo, porem, a bom recato a individualidade pessoal, sem descer jamais a retaliações, só adstricto á entidade publica e á analyse dos factos, na linha recta da justiça.

*
* *

Sim; puna-se os que se insurgiram armados contra o governo constituido, se bem que o facto tenha por

si a grande sentença da Escriptura Sagrada «Quem com ferro fere com ferro será ferido», exceptuados, porem, os alumnos, especialmente os que são praças de pret, e como taes sem nenhuma imputabilidade juridica, em face das leis e dos codigos em vigor, porque não commetteram absolutamente crime, antes deram prova de disciplina militar, obedecendo a voz de commando de um General do quadro activo do exercito, inspector de um dos corpos da guarnição, que se apresentou, correctamente uniformisado, para assumir o commando da Escola, do qual foi empossado amigavelmente, á luz do dia e á vista de todos, pelo General commandante da mesma, que accentuou ainda mais a sua plena conformidade de facto no aperto de mão com que se retirou e nos votos de felicidade que dirigio ao seu collega, já de dentro do bond, até onde foi galharda e cavalherescamente acompanhado por elle, segundo sua propria confissão no interview publicado na gazetilha do *Jornal do Commercio* de 20 do dito mez de Novembro, confirmada posteriormente pelos depoimentos das testemunhas inqueridas.

*
* *

Puna-se, desnaturadamente embora, os que se movimentaram, no gozo da capacidade juridica e dos direitos politicos, mas não se lhes substitua o idéal que os impulsionou, civico, elevado e nobre, erroneo que fosse, por uma aspiração de saltimbancos, egoistica, ignobil, desprezivel; não se lhes carregue as cores do tentamen com a palheta do patriotismo vesgo, impregnada ainda do germen faccioso e da conveniencia propria; não se lhes converta em aggravantes, por um criterio casuistico, as circumstancias attenuantes do commettimento, que, se tivesse tido exito, seria precipuamente decantado pela mesma tuba radical, em arroubos de scintillante fé punica, de alvinitente e sacro tributo, sob a chrystalisação baptismal de *uma explosão de amor intenso á democracia, de um assomo invencivel da alma popular bafejada por*

indomavel patriotismo, como o foi, em 1897, o assassinato covarde de Gentil de Castro (20 homens armados contra um só!), o saque vandalico da sua casa de residencia á rua do Passeio n. 48 e o *santo officio* exercido sobre os destroços da *Liberdade* e da *Gazeta da Tarde*, no largo de São Francisco de Paula.

*
* *

A doutrina ora pregada pelo *Paiz*, sobre o legitimo papel da força armada, nos paizes cultos, é, sem duvida alguma, a doutrina correcta, verdadeira e sã, unica compativel, em principio, com a honra da nação e a dignidade da farda, doutrina pela qual nos batemos resolutamente, contra o mesmo orgão, nos ultimos tempos do Imperio, por occasião da chamada *questão militar* — o primeiro assalto dado ao reducto da disciplina do exercito, desmoronado dois annos depois.

A these é incontroversa, sim; porem, applicando-a, como ora o faz, na sua genuina accepção á hypose vertente, que, aliás, é fructo da mesma arvore genealogica da Republica, o *Paiz* commette graves illogismos e deturpações, que não a defeza de quem quer que seja, mas o culto da verdade e o sentimento da justiça mandam rectificar ao pé da letra, decompondo á face da Historia essa palma triumphal, tão deprimente dos brios do exercito, entretecida da mais cynica apostazia, da mais calva incongruencia, da mais negra ingratidão.

Eis o nosso objectivo.

Rio — Março — 1905.

Honorato Caldas.

A' BEM DA HISTORIA PATRIA

Com toda a sua autoridade republicana, que é incontestavel, o *Paiz* não pode contrapor-se, quanto mais sobrepujar, ao testemunho de toda uma geração, como esta ante quem falamos, que assistiu *bestializada* ao golpe de mão da força armada, a 15 de Novembro de 89, que derrocou a Monarchia, na sua phase mais prospera, e que assim se expressará no seu grande depoimento perante a Historia:

« Sabe de sciencia propria que elle *Paiz* foi a lampada fatal d'esse levante traiçoeiro, tanto mais flagrante quanto, n'aquelle tempo, os officiaes prestavam juramento de fidelidade ao throno e traziam gravado na lamina da espada «Viva Pedro II», e sob a Republica, sempre que se acha arredado das graças do governo, fora do calôr official, tem continuado a tirar partido d'essa rara habilidade com que faz vibrar as cordas da sua portentosa harpa democratica, ora plangente, ora estridente, para electrizar os militares, especialmente os alumnos da Praia Vermelha e astutamente induzil-os a pronunciamentos como este de 14 de Novembro, que ora qualifica de « nefanda caudilhagem, assalto ao poder constituido, explosão de vil ambição e atroz perfidia,

mashorca diabolica»; destacando-se, d'entre innumeros outros, os seguintes factos comprobatorios desse depoimento:

*
* *

« Achou que os officiaes da guarnição da Corte Imperial, hoje Capital Federal, estavam no seu legitimo direito de fazerem a reunião armada de 2 de Fevereiro de 1887, no theatro *Recreio Dramatico*, incomparavelmente de maior gravidade e maior alcance insurreccional do que essa outra, tão incriminada, das classes operarias, e ostensivamente annunciada em nome do bravo General Deodoro da Fonseca, bem depressa atirado á penumbra da Republica, que a presidiu, com o fim declarado de promover o desenlace da alludida *questão militar*, em que fallazmente fôra transformado um simples acto disciplinar da autoridade administrativa competente, exercido contra dois officiaes superiores, aliás distinctissimos, que haviam transgredido uma disposição publicada e reiterada em Ordem do Dia do Exercito, e concluiu o editorial consagrado a tão affrontoso accinte com estas suggestivas palavras « Os militares sabem, como todos nós, que, afinal de contas, isto de ministerios e ministros são apenas quadros cambiantes da scenographia constitucional representativa. O governo real, o poder que não é ephemero, a deliberação que é decisiva, tudo isso pertence áquelle que foi constituido a chave de todos os poderes, e o supremo distribuidor da justiça, conforme o seu criterio individual. »

— Julgou correcto e patriotico o celebre manifesto de 14 de Maio d'aquelle mesmo anno (correu até a versão de ter sido redigido pelo illustre Snr. Quintino Bocayuva, então redactor chefe e ainda hoje director espiritual da folha), assignado pelo notavel Marechal Visconde de Pelotas, senador do Imperio e pelo dito General Deodoro, « appellando do Governo para a Nação », ainda sobre a tal solução exigida, o que constituia grave desrespeito á autoridade e ás leis, formal attentado á

disciplina do exercito e a mais insolita provocação ao Chefe do Estado, em proporções sem parallelo mais coersivas do que a intervenção platonica, de salutar interesse publico, do distincto General de Divisão Olympio da Silveira, junto ao presidente da Republica, na effervescencia popular contra a vaccinação obrigatoria.

*
* *

— Em 1895, quando estava ainda fresca na memoria de todos a mallograda campanha, sorrateiramente levantada na *Secção Livre* da folha, por suppostos representantes da politica nacional e do exercito, sob os pseudonymos « Aristarcho, Sargento e outros », para frustrar a posse presidencial do intemerato Dr. Prudente de Moraes e proclamar-se então a *suspirada* dictadura do *Marechal de Ferro*, incensou os alumnos da Escola Militar, enaltecendo-lhes o acendrado amor ás instituições democraticas (sua prodigiosa varinha de condão), a pretexto de um acto de repressão disciplinar do respectivo commandante — o provecto General de Divisão Ourique Jacques—, a quem tinham desacatado, e levou-os a reincidirem no chocante desrespeito, com um tal escandalo do estabelecimento de ensino, que tornou-se preciso desligal-os immediatamente, como o foram, por ordem do ministro da guerra, o illustre Marechal Bernardo Vasques — um republicano historico; após o que, desceram para o centro da cidade, ás 7 horas da noite, em completa agitação revolucionaria, conduzindo como estandarte de guerra o retrato do eminente Marechal Floriano Peixoto, o qual foi, afinal, aprehendido e recolhido ao Quartel General, dispersado o bellicoso bando por piquetes do exercito. E tendo o *Jornal do Brazil* attribuido-lhe a maior culpabilidade dessas occurrencias, porque açulava a indisciplina e a desobediencia entre militares, veio no dia seguinte emphaticamente completar a aria da sublevação, n'este tom agudo e machiavelico « Hoje, como sempre, preferimos estar ao lado dos

republicanos victimados pela propria Republica antes do que ao lado dos traidores, covardes que, no dominio do Marechal Floriano e em face da revolta, andaram phantasiados de republicanos, occupando até altos postos de confiança na fileira dos que combatiam pela legalidade. Os alumnos desligados e suas familias sabem perfeitamente a quem devem responsabilisar pelo seu infortunio. Muitos desses moços vieram hontem dizer-nos que encontraram seus bahús arrombados e que estavam sem uma camiza para mudar. Ora ahi está a situação em que se acha na Capital da União um punhado de destemidos patriotas que, vestindo a farda gloriosa do exercito nacional, defenderam a Republica com sacrificio do seu sangue. Como orgão republicano, n'este momento de provação angustiosa, somos obrigados a implorar dos nossos correligionarios, de todos os espiritos justos, que independentemente de principios politicos amam a dignidade, o patriotismo e a bravura, uma esmola para os alumnos da Escola Militar, para os rapazes valorosissimos que tão alto souberam elevar o nome da democracia brazileira. »

(Quão differente a craveira actual!)

*
* *

— Em 1897, ainda sob a presidencia do Dr. Prudente de Moraes e sendo ministro da guerra o abnegado Marechal Carlos Bitencourt, constando que o governo ia mandar retirar a munição bellica existente na referida Escola, ultrapassou as raias da reportagem correcta e da censura sensata e proficua, para fazer de uma simples medida de ordem economica um *cavallo de batalha* politico, verberando o acto do governo nos seguintes termos. « Era uma resolução impensada e perigosa, visto ser a Escola virtualmente uma praça de guerra e como tal permanentemente armada e municiada, podendo, alem disso, traduzir uma desconsideração para com o pessoal administrativo e uma

desconfiança para com a valorosa mocidade, que não a merecia pelas sobejas provas que sempre havia dado de ser um esteio seguro da democracia nacional». Foram favas contadas: horas depois, ao dar-se cumprimento á ordem, effectivamente expedida, os alumnos, em grande parte, irromperam contra a sua execução, que de facto ficou mallograda, e, com um dos proprios instructores á frente—o inditoso Capitão Servilio Gonçalves, assenhorearam-se da praça, todos armados, em franca attitude de revolta, deposto o commandante da Escola—General Girard—, que reduziram a prisioneiro, mas sem nenhuma violencia pessoal, bem como todos os officiaes auxiliares da administração, até que chegou a força de linha mandada pelo governo, sob o commando do provecto Coronel Thomé Cordeiro, á cuja entrada no estabelecimento os alumnos deram *vivas*, nenhuma resistencia absolutamente offerecendo ás forças de occupação, por lhes ter Servilio dito que ellas iam confraternisar com elles, o que não era exacto, e assim nada mais poderam fazer, sendo todos immediatamente desarmados e presos, e seguindo-se a sua distribuição pelos corpos das fronteiras, ficando aquelle Capitão submettido a conselho de investigação e de guerra.»

*
* *

Entretanto, hoje, o *Paiz* tem a coragem de dizer a este mesmo publico, «que condemna o movimento de 14 de Novembro, *desleal e perfido,* em nome das suas tradições jornalisticas», quando estas tinham por escopo exactamente successos como este, que tão apaixonadamente denigre, apostolando que «o official reune em si duas entidades distinctas: uma militar, que exercita dentro do quartel, obedecendo ao superior hierarchico; outra civil, que desempenha na praça publica, agindo pela desaffronta dos brios da classe, e pelos direitos sociaes, contra as tyrannias e prepotencias do governo».

Perfeitamente a hypothese em questão: portanto, paradoxal aquella proposição.

Nem pode valel-o, nesta contingencia do *primo vivere,* a insinuante e mirifica scenographia que collocou á barra do tribunal da opinião publica, e que teve o fulgor do pyrilampo, para attrahir o desfavor e o odio da sociedade sobre a reacção popular e o movimento da Escola Militar.

Si esse painel fosse verdadeiro, si realmente a situação politica do paiz fosse essa ora descripta «do maximo empenho do governo em promover o bem estar do povo e do maior escrupulo no emprego dos dinheiros publicos, funccionando com toda a regularidade o mechanismo administrativo da União e dos Estados federados, reinando a confiança e alegria em todas as classes sociaes» (que irrisão!), seria até certo ponto admissivel e procedente essa vehemencia na condemnação dos acontecimentos de que se trata, se poderia mesmo comprehender que a illustre redacção, dominando com a pujança do seu talento a hermeneutica do raciocinio, se julgasse dignamente a cavalleiro da intelligencia e bom senso desta população, para consagrar a coherencia de sua attitude actual, em holocausto á saude publica ; mas, não ha n'essa aventurosa pintura um só traço verosimil, a situação geral era outra, como ainda o é hoje, diametralmente opposta; o quadro verdadeiro, ao dar-se a explosão, era o seguinte:

*
* *

«A nação inteira, de Norte a Sul, mergulhada no chaos e na mais desenfreiada voracidade; convertida a Federação no contubernio de ferrenhas olygarchias, soterrada a liberdade de voto — condição essencial das democracias; reduzido o poder judiciario, na sua mais alta representação, a mero instrumento da politicagem, a ludibrio tacanho do Congresso, e este conscientemente rojado aos pés do executivo, na mais vergonhosa das

abdicações moraes; presas as direcções do exercito e da armada pela gargalheira das accumulações remuneradas e do monopolio de familias (a grande astucia do governo civil), degradadas assim as gloriosas corporações ao papel infimo de *testa de ferro* da dictadura disfarçada, incomparavelmente peior que uma dictadura franca, e, o que é mais, condemnadas a soffrerem as lancinantes e justas imprecações da Patria, que vivia outr'ora tão feliz; o commercio, a industria e as artes sobrecarregados de exorbitantes impostos, que os aniquilam; o povo, opprimido e tosquiado até a raiz do cabello, á braços com a *tortura sanitaria* e a fome, sorvendo a poeira dos escombros, sob o guante feudal do prefeito d'esta Capital, assim tambem dos regulos estadoaes, na cruel indifferença, senão criminosa acquiescencia do Sr. presidente da Republica, que, tido na communhão social por um homem honesto, sério, respeitavel, revelou-se na alta administração um epileptico, desabusado, detestavel, que começou o seu quatriennio instituindo duas dictaduras «a Prefeitural e a Sanitaria»; que tudo sacrificou ao ideal caricato de Augusto I de Roma, e quando a opinião publica ousa murmurar contra algum escandalo mais grosso, como esse do contracto particular das obras do porto, por preço tão fabuloso, responde com uma epistola de congratulações ao ministro que o subscreveu! (a moderna fibra dos *Rozas* e *Francias*.....).

Por unica compensação, a California da Grande Avenida!»

Esta é a synthese fiel do clamor publico, da opinião da imprensa livre, dos conceitos emittidos da tribuna parlamentar por membros os mais proeminentes do Congresso Nacional e dos écos vibrantes de uma voz autorisada, *soi disant* atalaia democratica, que, cheia de patriotica indignação, exhibia, quotidianamente, por partes — como para melhor gravar no espirito publico — o calamitoso, miserando quadro e cantava a palinodia aos reprobos que assim ignobil-

mente exploravam a Republica, d'esde o chefe do Estado até o ultimo dos tyrannetes regionaes.

Eis alguns trechos, na ordem chronologica, do libello com que a potente voz denunciava a execranda situação e fazia emergir d'esse lodaçal profundo o vulto impolluto do sympathico Dr. Lauro Sodré, como o *santelmo da hombridade civica, o novo Moysés capaz de arrancar a Patria das garras da tyrannia e leval-a á Chanaan promettida.*

*
* *

«A policia com que o Sr. Dr. Rodrigues Alves teve a infelicidade de inaugurar o seu quatriennio acaba de mostrar que é uma policia indigna, cuja inepcia rasteja com a imbecilidade. A ella exclusivamente cabe toda a responsabilidade do vandalismo de que foi victima o *Jornal do Commercio*, atacado ás 10 1/2 horas da noite por uma malta de desordeiros, que tentaram arrombar-lhe as portas e quebraram á pedradas os lampeões e fócos electricos. Apezar de avisada incontinente pelo telephone, a policia *brilhou* pela ausencia, e, só depois de consummado o attentado, apresentou-se um delegado, acompanhado de alguns secretas e praças, o qual, para desforrar-se da falta de cumprimento de dever e desidia da policia, prendeu irracionalmente o Alferes do exercito Pinto de Carvalho, que, á paisana, estava ali com outras pessoas commentando a triste occurrencia, e mandou espancal-o e arrastal-o até á Delegacia, inexoravel aos vehementes protestos com que a victima allegava ser official do exercito.»

*
* *

«A carta com que o Sr. Cardozo de Castro procurou defender-se para com o *Jornal* é antes uma peça de accusação, impensada, nem sempre veridica e altamente compromettedora para os que andavam a preparar a vergonhosa enscenação da popularidade do Sr. Dr. Campos

Salles, sem medirem as consequencias d'essa comedia irritantissima. Quando os jornaes partidarios do ex-presidente se esforçam para convencer o publico das repetidas provas de estima de que todas as classes sociaes o cercavam, o chefe de policia vem declarar que «o menos que se projectava contra o Dr. Campos Salles era ruidosas manifestações de desagrado e que, para as evitar, foi preciso guardar por força armada as ruas, praças, morros, o leito da Estrada de Ferro e as suas cancellas, até Cascadura, empregando-se n'isso toda a força disponivel!»

*
* *

«Ha poucas esperanças de que o organismo cançado de Prudente de Moraes resista á crise que n'este momento o abate. O velho republicano ex-chefe do Estado e que por algum tempo commandou, com autoridade quasi absoluta, um partido formidavel e unido, fenece isolado, no completo ostracismo dos correligionarios, tendo apenas junto a si parentes e um ou outro amigo extremoso, alheio á politica, que procuram aliviar-lhe a dôr da desillusão, a evidencia sempre angustiosa da hypocrisia e da perversidade humana. Entristece-nos o espectaculo desse repudio, que nada explica e que é, afinal, o testemunho mais pungente da nossa desmoralisação, do vergonhoso espirito de deslealdade e bajulação que nos corrompe. Quem olhar hoje para o scenario politico, cora da miseria presente e treme pela dissolução futura. O que hoje se defende, renega-se amanhã. Os homens pelos quaes agora nos batemos com enthusiasmo, serão d'entre em pouco alvejados pelo nosso odio!»

(Fatidicas palavras. O retrato de si proprio!)

*
* *

«Em recente discurso, proferido no Rio Claro, com o seu habitual optimismo politico o Snr. Campos Salles assignalou que o monarchismo brazileiro não é mais do

que *um estado-maior sem soldados.* Não admira que assim seja, desde que os proprios republicanos se encarregaram de os substituir na opposição á ordem institucional existente. Infelizmente não pode o ex-chefe da nação registrar com jubilo o augmento de sympathias populares pelo regimen proclamado a 15 de Novembro de 1889. Hoje, com effeito, raros são os que contrapõem os principios monarchicos aos republicanos, dando em theoria preferencia áquelles, mas, na pratica, fazendo-se o cotejo entre os homens de um e outro regimem, entre os seus processos de governo, entre os resultados da sua acção politica, são os republicanos os derrotados. Republica temol-a em nome, mas faltam as vantagens, os progressos, a liberdade e as conquistas que ella prometteu e que são o corollario da propria instituição. O Dr. Campos Salles pode e deve descançar, porque a sua inercia é mais proveitosa do que a sua acção. »

*
* *

« O enthusiasmo com que a nossa mocidade das escolas civis e militares acolheu a indicação do nome do Dr. Lauro Sodré, para senador da Republica por este Districto Federal, vale por um julgamento do regulo paraense, o enfatuado gozador de posições politicas, Snr. Dr. Augusto Montenegro, que ousou trancar as portas do eleitorado d'aquelle Estado a Lauro Sodré — um de seus filhos mais dilectos, um dos mais puros e elevados servidores do regimem, um dos mais gloriosos estadistas da Republica, o homem que, pelo talento excepcional e pela abnegação patriotica de que é dotado, tornou-se a maior esperança da nação inteira, na presente hora de desanimos e de angustias. O idolo do Pará fez-se o idolo da Patria. »

*
* *

« Vingou, felizmente, a enthusiastica agitação civica: está eleito senador o eminente Dr. Lauro Sodré.

A' mesma hora em que o emperalvilhado dictador do Pará mandava communicar á imprensa do Rio que aquelle illustre brazileiro só fôra suffragado por 701 votos, aqui registrava-se a esplendida victoria do egregio republicano, n'um pleito disputadissimo e em que o seu nome fôra lançado á ultima hora n'uma inspiração de patriotismo. Ha muito tempo já que os monarchistas puzeram de lado a preoccupação de demonstrar em these a excellencia das instituições depostas; a sua campanha politica faz-se hoje pela simples enumeração das violencias, das immoralidades e dos desacertos commettidos pelos agentes da autoridade republicana. Em taes circumstancias é que um pequeno autocrata regional, sem serviços prestados ás instituições, sem titulo algum ás simpathias da nação, dominado pelo mais visivel orgulho partidario e pela inveja menos digna, se lembra de mandar dorrotar nas urnas do Pará um batalhador da Republica, um legionario da propaganda, um estadista de merito superior, a cuja intelligencia, probidade e admiravel tolerancia, aquelle Estado deve os seus bellos dias de paz, de riqueza, de prestigio, entre todos os demais orgãos da Federação.»

*
* *

« A hostilidade do Dr. Montenegro vem da hombridade de Lauro Sodré: como espirito excepcional de fibratura, não se prestou á politica degradante do Pará e, conscio do mandato que exercia, falou sempre como delegado da nação e nunca como lacaio de um regulo. A mocidade d'esta terra entendeu que era tempo de intervir na defeza d'este caracter sem jaça, desta intelligencia de adamantino fulgor e, ao impulso da palavra de um fogoso jornalista (o Dr. Edmundo Bittencourt), que já conquistou pela sua bravura e pelo seu civismo o coração enthusiasta da juventude republicana, poz-se em campo denodadamente, com uma actividade maravilhosa, e conseguiu estes tres mil e tantos votos que

abriram de novo a Lauro Sodré as portas do Senado, por onde elle ha de entrar em Maio aureolado pela admiração publica. »

*
* *

« Teve as proporções de uma encantadora apotheose a manifestação popular que acaba de ser feita ao eminente brazileiro Dr. Lauro Sodré. Anciosa por testemunhar-lhe o jubilo que a sua estrondosa victoria eleitoral produziu em todos os corações patrioticos, ás 6 horas da tarde, numerosos populares, representantes de todas as classes, juntaram-se no largo da Carioca e ahi, entre *vivas* enthusiasticos, organisaram o prestito que foi saudar o novo senador, á rua Conde de Irajá. Chegada a multidão, o orador official Dr. Gastão Busquet dirigiu a palavra de saudação a Lauro Sodré, que assomara a uma das janellas. Recebido com palmas, o orador começou dizendo que o povo ali vinha significar que cumprira a sua promessa, elegendo o benemerito brazileiro, desatada valentemente pelo braço da mocidade a gravata com que os assaltantes da baixa politica pretendiam suffocar a opinião.

« Alludiu a desillusões profundas que hão abalado aos que vieram da propaganda e têm visto os seus ideaes conspurcados dia á dia. Tratou do desanimo que hora á hora tem invadido o povo, fazendo-o odiar a Republica e desejar a volta das instituições monarchicas. Lauro Sodré, porém, havia ficado de pé em meio de todos os desabamentos, e em torno d'elle todas as esperanças se reuniam ; por isso, podia dizer, como Nicocles falando de Phocion, que o Brazil não desesperava de salvar-se, porque ainda possuia um homem como Lauro Sodré».

*
* *

« Após um grande silencio, fixaram-se todas as vistas no vulto sympathico e suggestivo do emerito manifestado,

que, em voz clara e bem timbrada, proferiu um desses raros improvisos, que lembram sempre e mui difficilmente se reproduzem; assim falou: «Eu venho dizer-vos que a minha alma se debruça aos vossos pés, está de joelhos perante vós, porque n'esta hora vós representaes a imagem sacrosanta da Patria. Tambem pertenço ao numero dos que ás vezes pensam que o sol da democracia vai descambando para o occaso; mas, diante d'estas demonstrações, acredito que estamos não n'um crepusculo, porem n'uma aurora promissora. Acredito que a Republica ha de ser eterna; seria preciso um milagre para que o monarchismo morto, a corôa esphacelada, resurgissem, e houvesse quem julgasse necessario que a nação fosse pedir ao passado, mais errado ainda que o presente, o balsamo para as suas feridas; mas a Republica que eu quero é uma Republca que seja a liberdade, a fraternidade e a justiça; que não leve o povo á miseria, que não feche as officinas, mas que seja uma tenda para os operarios, que vá levar as hostias sagradas do amor á todos os corações, da consolação á todos os que soffrem. Este é o labaro sagrado que empunharei no meu caminho, para fazer um Brazil que seja de todos os Brazileiros. Se, nesse caminho, avançar, sigam-me; se recuar, matem-me.» Estrondosas salvas de palmas, *vivas*, acclamações abafaram as ultimas palavras do eminente Brazileiro.»

*
* *

«Pela encruzilhada dos «Apedidos» já apparecem de rosto coberto os primeiros annunciantes da tramoia defraudadora, julgando prematuro o regozijo popular pela victoria do illustre Dr. Lauro Sodré. Nas rodas da politicagem local, aquella em que os facinoras gozam da denominação de correligionarios, já se dá como coisa resolvida e certa a derrota final de quem foi estrondosamente consagrado nas urnas. Felizmente, o povo já percebeu a sua enorme força para repellir a canga do

syndicato politico, ha muito tempo dominante á custa de trapaças e violencias. Já sabe que esse tripudio immoral dos perturbadores de eleições só subsiste graças á sua tolerancia e á falta de homens de alta envergadura moral, em quem confie sem desfallecimento, para a obra de reconstrução politica e moral que a nação ambiciona. Um desses homens é Lauro Sodré, cujo nome tem o condão de despertar o enthusiasmo do publico, de falar alto ao coração da mocidade, de encher de esperanças consoladoras o espirito de muitos republicanos desilludidos.»

*
* *

« Acaba o illustre prefeito do Districto Federal de perder toda a força moral, de que precisa para exercer a sua dictadura, com o escandalo *modelo* que vem de praticar — o contracto do Matadouro do mesmo nome, celebrado com o proponente que justamente havia sido posto fora de combate, por falta de idoneidade da firma e pela insufficiencia das condições offerecidas; notando-se que essa concurrencia já tinha sido annullada pelo antecessor do Dr. Passos, e os interessados da concessão, cujos bastidores são conhecidos de toda a gente, conseguiram de S. Ex. não só desenterrar essa licitação, mas tambem fazer obra com a unica proposta que pela competente commissão examinadora havia sido fulminada de exclusão, por lhe fallecerem os requisitos essenciaes! Felizmente o prefeito não exerce o cargo por investidura popular: é um funccionario da confiança do Snr. presidente da Republica, e o Snr. Dr. Rodrigues Alves é, como tal, o responsavel pelos actos de dictadura do Snr. Dr. Passos.»

*
* *

Se não houvesse os testemunhos inequivocos que a população d'esta Capital tem dado de que em Lauro Sodré tem a Patria e a Republica a mais solida das suas esperanças, e de que foi elle o verdadeiro escolhido

pela maioria do eleitorado no pleito de 18 de Fevereiro, bastaria para firmal-o o *meeting* de hontem, realisado no largo de São Francisco de Paula. A junta apuradora do resultado da eleição declarou que o senador pela Capital Federal, era o Dr. Lopes Trovão; o povo, porem, na praça publica, em *meeting* espontaneo, veio protestar vehementemente contra isso e dizer que o senador que o eleitorado livre suffragara, foi o intrepido Dr. Lauro Sodré; o que importa na annulação moral daquelle diploma e na effectividade da victoria do glorioso democrata, que a mocidade acclama porque representa a alma da Patria, illuminada e pura. »

*
* *

« Acaba de solemnisar-se a repetição da perigosa mentira da abertura do Congresso. A Nação, de anno para anno, vae olhando com menos interesse para os trabalhos parlamentares. Abrem-se e fecham-se as sessões, succedem-se as legislaturas e só se vê uma realidade no poder legislativo: cada vez exprime menos a vontade nacional e cada vez corporisa mais a delegação subalterna dos donatarios dos Estados. Não ha programma de candidatos, nem principios descriminadores de partidos. Cada Estado possue a sua politica propria e cada bancada subordina os negocios da nação inteira ao juizo dogmatico do mandão feudal que a investiu do mandato chamado popular. E' um desanimador espectaculo este que estamos dando. Uma democracia sem liberdade de voto é uma ficção insustentavel, e a Republica, assim falsificada e assim deturpada, corre o perigo de se desacreditar na sua essencia mesma de fórma de governo. »

*
* *

« Temos lido, como toda a gente, as noticias dos frequentes desfalques descobertos nas repartições mais

importantes da administração em varios pontos do territorio da Republica. Nada mais contristador do que a contemplação d'esse quadro de ladroice universal, que o noticiario dos jornaes põe, quasi todas as manhãs, sob os nossos olhos, attonitos, allucinados deante d'essa desbragada patifaria, que pompêa de Sul a Norte com pasmoso desassombro. E por menos philosopho que se seja, por maior indifferença que se tenha para os casos anormaes da vida social, não se póde deixar de estremecer ante essa decadencia moral, alliada a uma extenuante e alastradora miseria que, desfibrando as ultimas energias do espirito e vencendo as ultimas resistencias do decoro pessoal, explode na expressão multiforme do dolo, em todas as modalidades e nuanças do latrocinio, d'esde a malandragem relapsa que perambula pelos cafés e pelas calçadas, até as altas machinações da grossa fraude. Parece que um grande espirito malefico estendeu as azas venenosas sobre o paiz inteiro, fazendo uma vasta sombra, em cujo tenebroso seio vampiros sugam as ultimas gottas do velho sangue da nobreza d'alma que outr'ora fluia tranquillo e orgulhoso pelas veias brazileiras.»

*
* *

« N'esta vigencia republicana temos assistido a muito desfallecimento moral, a muita fraqueza, mas nunca chegaramos ao ponto actual de um desvario em massa, em que ao lado dos trusts industriaes parece haver se organisado o trust da immoralidade e do latrocinio. No Correio de São Paulo, o desfalque monta a mil contos de reis; na Contadoria da Guerra a oitocentos e cincoenta contos; na Caixa da Amortização a quinhentos e sessenta contos; na Casa da Moeda a quatro mil e seiscentos contos, fóra as delapidações que ainda estão no mysterio e que não tardarão á vir á tona.

Assim, só falando nos desfalques conhecidos, em poucos dias os cofres publicos foram roubados em mais

de sete mil contos. Não póde ser mais desanimador, mais contristador o desvendar d'essas miserias, d'essas baixezas que nos aviltam perante nós mesmos e que repercutem lá fóra de um modo prejudicial para o credito das nossas administrações, porque, com razão, todos que cultivam relações economicas comnosco perguntarão uns aos outros, se isto é realmente um paiz de homens que trabalham honestamente pelo engrandecimento do futuro ou um monstruoso queijo, onde algumas ratazanas se banqueteiam á farta, covarde e desprezivelmente. »

*
* *

« O Brazil se assemelha, n'este momento, a um vasto aposento onde agoniza um corpo, de que, antes mesmo de exhalar o ultimo suspiro, todos, á porfia, recolhem apressadamente os ultimos mulambos, restos de uma passada riqueza, temendo que o moribundo os arraste para o tumulo. Parece que o colosso vai finar e todos, desenvolta e apressadamente, arrancam-lhe os anneis dos dedos e os sapatos dos pés, para que alguma cousa reste, escapando á deglutição da morte ».

*
* *

« Não podia ser mais infeliz a decisão que o Governo deu ao caso do Instituto Nacional de Musica, estabelecimento de ensino que fazia honra á nação e que vai entrar no regimem dissolvente da intrigalhada, das pretenções baloufas, do favoretismo mais ou menos caricato, das perseguições odiosas. O applauso unanime com que foi recebida a nomeação do Snr. Alberto Nepomuceno para o cargo de director do Instituto, devia ter uma significação valiosa para o governo e fortalecel-o no apreço devido áquelle funccionario illustre, mas assim não acconteceu. Dentro da propria Secretaria do Ministerio do Interior operava-se um movimento insidioso contra o Snr. Nepomuceno, no sentido de crear-lhe

difficuldades e desgostal-o, e isso traduziu-se em facto pela informação, alias suspeitissima, prestada empenhadamente sobre o incidente que determinou a retirada do provecto director do Instituto, e com a qual, infelizmente, o ministro se conformou, só para satisfazer a vaidade de um funccionario da mesma Secretaria, que, não contente em ser critico de muita autoridade, ambiciona ainda ser consagrado officialmente como artista notavel, sem perceber todo o ridiculo d'essa archi-buffa pretenção. »

*
* *

« O Snr. Dr. Rodrigues Alves, pleiteando a prorogação dos poderes dictatoriaes do Snr. Dr. Passos, não faz senão reclamar para si a prorogação das faculdades excepcionalissimas que lhe foram concedidas, n'um momento de profunda perturbação da nossa vida municipal, e que o investem da posição de um verdadeiro dictador d'esta cidade. Os serviços do Snr. Dr. Passos, na realidade notaveis, não passam de um pretexto para dar ao presidente da Republica o prolongamento d'aquella dictadura, sob a qual o Districto Federal, no fim de contas, tem sido governado do mesmo modo que a maioria dos Estados, entregues ao peso de oligarchias desperdiçadoras e prepotentes. Mas é preciso não habituar o espirito publico á idéa de que para se ter bom governo é necessario appellar para a dictadura. Se o Districto prospera com essa forma autocratica de governo, porque não amplial-a aos Estados, que se debatem na mais profunda desorganisação financeira e politica? E' extremamente estranhavel que um espirito tão culto, como é o do Sr. Dr. Rodrigues Alves, exija do Congresso a approvação de um projecto de lei, que é a consagração da dictadura e o achincalhe do systema representativo. »

*
* *

Todos quantos, com justa curiosidade, percorreram as paginas da *Gazeta de Noticias*, tiveram a sur-

preza de ler e saborear, entre as promettidas novidades, o interview que a brilhante folha teve com o illustre General Francisco Glycerio, sobre questões momentosas da nossa politica. N'esse doce confabulo amistoso teve o eminente senador opportunidade para desfraldar aos quatro ventos da publicidade a nova bandeira politica, com que, reerguendo-se dos desastres passados, pretende reconquistar o terreno perdido no conceito publico da nação. A campanha que S. Ex. sustentou no seio do Senado, ha poucos dias, terçando as suas melhores armas de astucia parlamentar, para impingir-nos a figura caricatural e grottesca do Sr. Bittencourt, como representante do Sr. Nery, n'aquella casa do Congresso, desvanecera do espirito publico toda a illusão de poder S. Ex. tornar-se o porta-estandarte de qualquer coisa de seriamente efficaz para realizar as aspirações nacionaes. Assim é que, em vez de satisfazer clara e explicitamente a cada uma das tres partes do questionario, S. Ex. tangenciou por uma série de considerações, que, reflectindo bem o seu temperamento politico, salvam-n'o ao mesmo tempo de qualquer compromisso presente e futuro, deixando larga margem ao curso habitual da sua politica entretecida de manhas e de enredos. Em vez de declarar alto e bom som, si alistava-se ou não entre os revisionistas, limitou-se a dizer que não achava na Constituição nenhum embaraço para regularisar-se a questão do censo eleitoral, que S. Ex. quer agora alto ; dialectica essa completamente falha diante da clareza do art. 70 da Constituição da Republica. »

*
* *

« Nestes ultimos dias tem apparecido com grande impulso no Senado a cabala contra o reconhecimento do Sr. Dr. Lauro Sodré. De onde parte essa nova tentativa, esse novo alento? Quem dispõe, nesta cidade, de sufficiente força politica para demover, á ultima hora, alguns senadores dos seus formaes compromis-

sos? A que proposito occulto e deprimente se póde attribuir esse manejo com a victoria do eminente republicano? Já por varias vezes o nome do Sr. Dr. Rodrigues Alves tem sido citado, em vesperas de reconhecimento de poderes, como de um interventor parcial, recommendando aos chefes das bancadas candidaturas irritantes, baseadas em fraudes escandalosas ou incursas em franca incompatibilidade. Agora assegura-se que a tactica de S. Ex., contra o Dr. Lauro Sodré, não se opera para o reconhecimento de outro, mas para a annullação do pleito, meio certo de preparar a derrota do illustre republicano. E' com este assucar do respeito á soberania popular que se reveste a pilula amarga da espoliação tramada e é em nome do Sr. presidente da Republica que se obtém de certas consciencias faceis o repudio da palavra dada e se pleiteia essa solução irrisoria.»

*
* *

« O Congresso, senão por tendencia irresistivel á passividade mais servil, ao menos por um incondicionalismo inexplicavel, acostumou-se á politica commodista de capitulação das suas mais directas prerogativas, de modo que, ao terminar a legislatura, quando se votavam de afogadilho as leis annuas, toda a sorte de autorisações eram enxertadas em simples disposições orçamentarias, contra os mais terminantes artigos da Constituição e até contra o proprio regimento interno das duas casas do Congresso. Foi por esse processo nefasto que se decretaram reformas as mais momentosas em todos os ramos administrativos e se alteraram direitos, liberdades e até legislações, que de perto interessavam a fortuna particular. Não admira, pois, que, approveitando-se de um pequeno projecto dispondo sobre terrenos do Districto Federal, a Commissão de Legislação e Justiça da Camara dos Deputados fizesse agora resurgir, em perigoso substitutivo, os seus intuitos, que se afiguravam mallogrados, de reduzir o actual

Conselho Municipal a menos que a assembléa orçamentaria a que, como acabamos de demonstrar, já se condemnara *sponte sua* o Congresso Nacional. De facto, o Conselho fica sendo uma perfeita chancellaria da Prefeitura. Ainda mais, n'essa vesania de grandezas, que a tudo desvaira, quando a penuria e as difficuldades da vida se alastram por todas as classes, o substitutivo crêa tambem umas hypotheses de desapropriações especiaes, nas quaes o prefeito pode agir tambem como soberano, sem audiencia do Conselho, que assim fica esbulhado das suas prerogativas mais essenciaes. »

*
* *

«E' por vontade do Sr. Dr. Rodrigues Alves que se pretende despojar o Conselho da peculiar attribuição de fiscalisar os negocios do Districto, que se trama esse attentado ao decôro do regimen, aos brios da população mais civilisada do Brazil, e só por deferencia excepcional temos raras vezes fingido não reparar na sua attitude parcialissima em certas questões do exclusivo dominio do Congresso. S. Ex. não comprehende que esta cidade se limpe, se saneie, dê renda, melhore de aspecto senão á custa da dignidade do Conselho. O que se quer, como se vê pelo substitutivo, é dar ao prefeito o direito de vender, sem formalidade, os terrenos ou os predios adquiridos e desappropriados á custa de uma parte dos quatro milhões esterlinos que esse funccionario fica autorisado a levantar no exterior. Em que terra estamos nós, sob que regimen, que esse attentado se propõe a sangue frio, como um recurso de administração moralisada e fecunda? Como se investe alguem, seja elle quem for, da faculdade discrecionaria de vender, sem a menor restricção, os terrenos que n'uma area tão extensa vão ser desappropriados para essas avenidas pomposas, em má hora idealisadas por este governo phantasista, para uso e gozo de uma população em miseria? Está escripto que vamos ter um segundo, mais escandaloso e mais funesto ensilhamento

e que o governo do Sr. Dr. Rodrigues Alves, que todos esperavam glorioso, absorver-se-ha n'essa expansão de arranjos, com descredito formidavel para a Republica, deixando atraz de si ruas em escombros. »

*
* *

O operariado brazileiro continúa a jazer na indifferença, senão opprobrio dos poderes publicos, achando-se ainda agora nas mesmas condições de odiosa desigualdade em que se achava a 15 de Novembro de 89, e que, se na Monarchia já eram estranhaveis, na Republica se tornam altamente condemnaveis, porque constituem um attentado ao espirito democratico do regimen. Transformada como se acha n'um syndicato politico para a exploração olygarchica dos diversos Estados Federados, a Republica não se importa com o povo, deixa ao abandono os valiosos obreiros do nosso progresso, quando devera interessar-se desde logo pelo reconhecimento e consagração dos seus direitos, acabando com o preconceito administrativo que tanto os tem prejudicado. Neste sentido, o illustre Sr. Dr. Barbosa Lima apresentou na legislatura passada um projecto, que agora se acha em discussão e acaba de ser brilhantemente sustentado por S. Ex., abolindo nas repartições federaes a distincção entre empregados do quadro e jornaleiros. E' uma questão sympathica, muito justa, elevadamente republicana, e oxalá que o projecto seja votado n'esta mesma sessão. Que a Republica de rotulo que nós temos pareça um dia uma republica de principios e de factos! »

*
* *

« O Sr. Dr. Rodrigues Alves, tendo dado ao prefeito a qualidade de dictador, resolveu dar-lhe tambem milhões a rodo para embellezar o Rio de Janeiro, e o Congresso, na logica do seu incondicionalismo, como sempre, está disposto a approvar essa funesta dadiva.

Sabemos que a prepotencia official ha de ser victoriosa, a despeito de autorisadas opiniões em contrario, porque a época não é de attender a argumentos e codigos, havendo, alem disto, muita gente empenhada na consagração da dictadura que vai fazer reviver a época das especulações. Ao cheiro desses milhões, de que uma boa parte vai ser empregada na derrubada de predios e abertura de avenidas, esvoaçam já frementes de rapina os bandões de especuladores, quasi os mesmos em toda época, que se vão saciar nas porcentagens dos negocios feitos ás escuras, sem prestação de contas. O projecto passará e o tribofe administrativo encherá as algibeiras dos industriosos felizes, emquanto que o povo continuará a pagar, durante muitos annos, esses duros impostos dictatoriaes. E', pois, verdade que Deus abala primeiro o juizo aos individuos e aos povos que resolveu sacrificar? »

*
* *

« Por sua conta e risco o governo adiou as eleições do segundo districto, quasi nas vesperas do dia já designado, a pretexto de dar ao Senado o tempo necessario para discutir quaes das mezas são legitimas: se as nomeadas pela junta, se as constituidas pelo Conselho Municipal. Não nos surprehende este acto illegal, habituados como já estamos ao arbitrio do Sr. presidente da Republica, que, contra as promessas com que se apresentou ao eleitorado, entendeu governar sem respeito algum á Constituição e ás leis. Esta é a dura verdade que já é tempo de dizer claramente, porque nos custa muito, como republicanos, ver assim perpetuar-se o espirito autocratico que á sombra do servilismo dos representantes da nação se desenvolveu e firmou nas novas instituições, transformando-as em apparelho de uma lamentavel dictadura. Em outros tempos, quando se attribuia á ingerencia de militares nos negocios publicos a má situação politica e financeira do paiz, não faltaria quem levasse á conta de igno-

rancia do direito os motivos ora allegados pelo poder executivo. Actualmente estamos em pleno regimen de civis, sob as luzes de espiritos educados no culto da jurisprudencia, e entretanto, nunca, pela calma e premeditação das violencias praticadas, foi tão palpavel o alheiamento, a postergação dos estudos do direito por parte dos que governam a Republica. Não valia a pena para taes absurdos demolir um regimen e dar tratos á cabeça na compilação do estatuto Norte Americano. »

*
* *

« Marcha celere na Camara, patrocinado pelo Sr. Mello Mattos, o projecto da nullificação do Conselho Municipal e da apotheose do illustre Dr. Passos, sendo inutil esperar que lhe surja algum embaraço, porque o voto do Cangresso está subordinado ao capricho omnipotente do presidente da Republica, que o inspirou. Dado o caso inverso, de querer o Sr. Dr. Rodrigues Alves alargar, em vez de restringir, a autonomia do Districto Federal, o açodamento em justificar essa resolução seria o mesmo e com a mesma facilidade com que se mostra hoje que a Constituição não fica violada por esse regimen de dictadura encoberta, se provaria que na verdade fôra um attentado ao estatuto de 24 de Fevereiro a creação desse systema de arbitrio, como meio unico de sanear e embellezar a Capital da União. E já agora seja-nos licito estranhar o exagero das homenagens de louvor ao Sr. Dr. Passos, cujos serviços, apezar de muito apreciaveis, ainda não constituem nenhum beneficio extraordinario prestado a esta cidade, d'esses que, em momento de enthusiasmo, perturbam a razão das assembléas e as levam á abdicações deprimentes do seu decoro. »

*
* *

« O Sr. Dr. Passos governa o Districto com poderes que ainda não tinham sido conferidos a ninguem,

e servindo-se de orgãos de administração que tambem ainda não tinham sido aproveitados; sendo de justiça recordar que ao illustre Dr. Xavier da Silveira, tão modesto, quanto admiravel administrador, se deve em grande parte o conjuncto de medidas que singularmente facilitaram a obra de arrecadação da renda municipal, praticada com bastante exito pelo Sr. Dr. Passos, mas com uma largueza demasiada, onerando o contribuinte e alliando á execução de taxas já existentes, porém ainda não cobradas, exigencias terriveis e extorsivas, como essas de cercas e lagedos em terrenos devolutos na zona rural, que, a produzirem todos os seus effeitos, valerão pelo confisco da propriedade.

Com a lei que está em vigor, qualquer outro, que não o Sr. Dr. Passos, podia conseguir os resultados alcançados; o milagre seria obtel-os, mesmo em pequena parte, com a lei anterior. »

*
* *

« Fez-se ouvir na Camara a palavra autorisada de um distincto representante de Minas, o Sr. Calogeras, destoando do côro artificial de elogios dos amigos do governo ao projecto da Grande Avenida, que o illustre deputado acha inopportuna, ostentosa e dispensavel, mandando o bom senso pratico aplicar a somma á ella destinada de preferencia a melhoramentos de utilidade immediata, como o da descarga fóra da barra das materias do esgoto desta cidade e os dos portos do Recife e da Bahia. E' de espantar, na verdade, que antes de procurar arredar uma reconhecida causa de infecção, como é a do lançamento dos dejectos na nossa esplendida bahia, transformada assim n'uma enorme e pestifera cloaca, se cogite de uma obra mais de aparato do que de necessidade imprescindivel da hygiene. Foi sempre essa a nossa opinião e é para nós motivo de larga satisfação haver no Congresso um espirito da envergadura

do Sr. Calogeras que pensa do mesmo modo, sem temer passar por atrazado. »

*
* *

« Essa Avenida que se vai fazer é uma obra de loucos, condemnada a tornar-se uma fonte de accusações muito sérias ao governo que a planejou e a vai executar e é para sentir que, n'uma situação de pennuria como esta, em vez de nos aventurarmos em obras que garantam o augmento das nossas rendas, concorrendo ao mesmo tempo para o saneamento da Capital, dispendicemos estouvadamente uma avultada somma nessa aristocratica arteria de circulação, com a qual pensa o Governo levar ao estrangeiro a impressão da nossa prosperidade, quando só lhe provocará o riso vendo que estamos de camelia na casaca, mas que nos esquecemos de lavar o rosto. »

*
* *

« O famoso principio da balança de poderes independentes acha-se na nossa terra transformado nisto: o Supremo Tribunal está subordinado ao Congresso e este limita-se a ser uma chancellaria do presidente da Republica, homologando com inalteraxel passividade os seus projectos e os seus desmandos. A revisão está assim se fazendo para peior, pelo processo summario e perigoso das disposições de lei ordinaria, pela adopção de praxes flagrantemente contrarias ao espirito das instituições, creando uma situação de anarchia insustentavel, em que a falta de segurança aos direitos, a incerteza nos deveres e a predominancia do arbitrio hão de por força determinar uma explosão social. O poder judiciario reprova os impostos inter-estadoaes, e a Camara discute se elles são ou não infensos á lei basica; condemna a União a pagar certa quantia, e o Senado resolve negar o necessario credito; dá por bôa a reforma de dois officiaes attingidos pela compulsoria, e o Con-

gresso vai discutir se realmente essa medida não fere o dispositivo constitucional! Semelhante regimen é indigno de um povo cioso da sua liberdade e transforma-se na mais insensata das dictaduras.»

*
* *

«O governo praticou um acto de irritante severidade mandando prender por quatro dias o bravo General Olympio da Silveira, que acaba de regressar do Acre, onde prestou os mais relevantes serviços á causa publica, como commandante em chefe das forças de occupação e governador militar do territorio litigioso. O motivo da impensada prisão «não ter o distincto General, quando se apresentou officialmente, apertado a mão que lhe estendêra o Sr. ministro da guerra e se limitado á rigorosa continencia militar», é de todo o ponto inaceitavel, incompativel mesmo com a seriedade de um governo moralisado e o criterio que a investidura do seu alto cargo devia impor ao Sr. Marechal Argollo. Não houve por parte do General Olympio absolutamente falta de respeito á autoridade superior; houve, sim, repulsa de uma demonstração de affecto particular, inteiramente estranha ás ordenanças, que a lisura de sua alma e a nobreza de seus sentimentos mandava recusar, desfeiteado como tinha sido pelo governo, ao terminar aquella importante e penosa commissão. Se o Sr. Marechal Argollo via n'isso uma offensa á sua dignidade, desagravasse-se como homem, mas não como ministro, em nome do Estado, que nada tinha com o seu despeito pessoal.»

*
* *

«Olympio da Silveira é um honrado e bravissimo soldado, digno do maior respeito, com uma larga folha de serviços á Patria e á Republica. O que se fez com elle foi uma iniquidade odiosa. Por todo esse littoral,

do Pará até aqui, o illustre General, já offendido pelas mais graves e pungentes descortezias e menoscabos que o governo lhe infligira ainda lá em seu posto, veio percebendo, na insistencia com que os seus collegas o evitavam, que uma atmosphera de hostilidade envolvia o seu nome, sem que a consciencia o accusasse de ter deslustrado os brios da sua gloriosa corporação. Ao chegar ao Rio, só alguns raros e heroicos amigos ousaram ir abraçar o valoroso soldado, que debalde procurou, entre os visitantes, alguem que representasse o Sr. ministro da guerra, para o tranquillisar sobre a sua situação, que parecia a de um accusado de infidelidade ao seu dever de soldado. Eis a causa do seu procedimento de homem digno e não ha quem não o comprehenda e desculpe. A nosso ver, o Sr. Marechal Argollo foi victima de um rompante de colera, commettendo um condemnavel abuso de autoridade, cujos effeitos devem quanto antes ser reparados, por sua propria honra e pela propria moralidade do governo.»

*
* *

«Quiz a má sorte do Brazil que ao regimen dos partidos e da livre discussão, que vigorava na nossa Patria, succedesse este desgraçado systema de applauso incondicional aos actos do governo, ou, na falta d'esse louvor, uma carencia absoluta de interesse na sua justificação e de replica aos ataques por ventura soffridos. O Congresso é todo pelo governo, sem hesitações, e, á medida que os actos deste mais desagradam, mais esse apoio se firma e essa ligação se estreita. O Sr. Dr. Rodrigues Alves é censurado vehementemente por ter preferido tratar com o Sr. Walker as obras do porto, em vez de sujeitar á concurrencia publica esse serviço. Que razão teve S. Ex. para isso? A explicação sabemos que é facil, mas o certo é que ainda não foi dada por quem está na obrigação de dal-a. E dia a dia as duvidas augmentam, as suspeitas

se avolumam, transformando-se em interrogações impertinentes. O governo encolhe os hombros e delega á commissão de engenheiros incumbidos da direcção das obras uma resposta, que só elle devia dar completa e persuasiva. O governo precisa convencer-se do perigo dessa indifferença e lembrar-se de que a sua maioria congressional não deve servir só para approvar passivamente o que elle propõe, mas tambem, e principalmente, para o desaffrontar, perante o paiz, dos erros ou dos escandalos que lhe imputam.»

*
* *

«E' digna de applausos a attitude assumida na Camara pelo illustre Dr. Alfredo Varella, patenteando os attentados gravissimos da administração do Paraná, e é grande a anciedade do publico para apreciar as provas coordenadas que o valoroso deputado riograndense se propoz a exhibir da tribuna, em justificação dos epithetos candentes com que marcou em braza o dominador d'aquella região tyrannisada. Precisamos dizer que os factos articulados contra o satrapa paranaense não surprehenderam a ninguem, tão notaveis são os escandalos, os abusos e as violencias praticadas nessa feitoria republicana. Na nossa gaveta conservamos uma detalhada exposição dessas traficancias, que deixaramos de dar á publicidade para não comprometter a vida e a liberdade de quem nol-a enviou, sendo, na verdade, difficil a prova, porque, com o gráo de perfeição a que chegou a arte das especulações administrativas, só um tolo deixa rastros da sua intervenção audaciosa, da sua corretagem immoral. A falta, porem, desses testemunhos materiaes não influe para a modificação do juizo publico sobre a corrupção de um governo, sobre o impudor de um estadista.»

*
* *

«O povo tem o seu faro, e a sentença do paiz está de ha muito formulada contra a olygarchia para-

naense, que desapparecerá, n'uma explosão de colera justiceira, bem como as demais satrapias, no dia em que o governo fizer sentir que o exercito nacional não se presta a defender tyrannetes, por que elles sustentam-se pelo conchavo de submissão com o governo federal, donde resulta a protecção da força armada contra um possivel levante da multidão em desespero. Ninguem ignora esta verdade, mas ha por ahi em abundancia de tiririca muita gente que tem medo ou um falso escrupulo de enuncial-a, e isto muito tem concorrido para o abastardamento geral. Nada dignifica tanto um povo como a coragem de chamar a contas os traficantes e oppressores e punil-os. O que degrada é a indifferença pelos escandalos e pelas rapinagens.»

*
* *

« Na desmoralisação do regimen federativo grande dose de responsabilidade cabe ao Sr. presidente da Republica, cumplice de certos attentados e de certas oppressões. O Sr. Dr. Campos Salles foi até o requinte de criminosa parcialidade, fazendo valer o seu prestigio para o reconhecimento de todos os candidatos das olygarchias regionaes, decretando com o impudor mais funesto a annullação dos verdadeiros eleitos, e o Sr. Dr. Rodrigues Alves está se prestando a instrumento de torpes vinganças dos regulos do Paraná e de outros Estados, contra funccionarios civis e officiaes do exercito, chegando a deshumanidade da perseguição ao ponto de ser violentamente removido de Curytiba para Matto-Grosso, apezar de doente ainda, um distincto official que havia buscado aquelle clima retemperador para curar-se da infecção de beriberi e cujo retrato, em grupo da respectiva familia, o illustre Dr. Varella acaba de exhibir da tribuna da Camara, provindo tal violencia unicamente de ter o brioso militar manifestado a sua indignação patriotica ante essa bachanal politica com

que o tyrannete do Paraná envilece o regimen republicano.»

*
* *

«Com a attenção e o respeito com que sempre é ouvida a sua palavra eloquente e patriotica, o Sr. Dr. Lauro Sodré proferiu no Senado uma notavel oração, em que, depois de definir com o maior desassombro a sua attitude em face do actual governo, mostrou a necessidade imperiosa da revisão constitucional, estranhando, em phrases pungentes, que houvesse fetichistas que a todo transe quizessem manter uma Constituição que, pode-se dizer, não está em vigor em nenhuma das 21 circumscripções em que foi dividida a Republica do Brazil.

O regimen de dependencias reciprocas estabelecido entre o chefe da União e os chefes das oligarchias estadoaes, assumpto de que ainda ha dias nos occupamos expressamemte, deu ensejo a que o emerito republicano fizesse ver ao Senado a situação do seu Estado natal, que uma politicagem torpe e ignobil tem tornado quasi inhabitavel para as pessoas de brio, pundonor, sentimentos de amor á liberdade, á justiça e ao direito. Ainda ha dias na Camara o Sr. Varella, occupando-se do Paraná, se referiu á remoções constantes de officiaes distinctos, cheios de serviços á Patria, pelo unico *e nefando* crime de terem cahido no desagrado da commandita exploradora desse Estado, e o Sr. Dr. Lauro Sodré mostrou como era essa a situação geral de todos os militares, condemnados a uma mobilisação eterna, arrastando comsigo familias inteiras a lutar com as maiores difficuldades. Mas o governo se presta a satisfazer os caprichos dos regulos estadoaes, sem a menor consideração pelo

bem estar, pelo brio e pelo pundonor dos militares, que têm a consciencia nitida dos seus deveres e de suas responsabilidades.»

*
* *

«Apezar da sua inconstitucionalidade, ainda ultimamente posta em evidencia da tribuna pelos Srs. Ruy Barbosa e Thomaz Delphino, o celebre projecto que autorisa o prefeito a contrahir o emprestimo de quatro milhões esterlinos, sem audiencia dos representantes do Districto Federal, ha de ser transformado em lei, porque assim o quer o Sr. Dr. Rodrigues Alves, que num regimen democratico assumiu o papel irritante de amesquinhador do systema representativo. Nunca, como na época presente, se encareceu com tanto ardor o arbitrio, se achincalhou tanto a representação popular, se fez uma propaganda tão inepta da força, da prepotencia, da acção das dictaduras.»

*
* *

«O que o Sr. Dr. Rodrigues Alves está fazendo, com os seus ensaios de absolutismo prefeitural, é augmentar o desprestigio do Congresso e induzir o povo a procurar n'um governo revolucionario, mas intelligente e fecundo, a solução para a crise moral e politica que o corroe. Não admire S. Ex. que o publico se vá tão facilmente habituando á idéa de passar sem Congresso e de preferir a um presidente constitucional, mas inhabil e leviano, um dictador clarividente e forte, que ao menos assegure a regeneração dos nossos costumes politicos e restabeleça patrioticamente as liberdades conspurcadas. Se o Districto só pode progredir na mão de uma autoridade que concentre todos os poderes, livre da fiscalisação de uma assemblea local, porque é que a nação, tão empobrecida e anarchisada, não ha de recuperar o

seu antigo bem estar e a sua ordem tão fecunda, pelo mesmo systema de unificação do mando? O projecto passará, entre os applausos e as girandolas da imprensa embasbacada, apontando ao mesmo tempo á execração nacional, como deshonesto e traidor á Patria, o governo da Republica; chegará, porem, ao Sr. Dr. Rodrigues Alves, mais cedo do que pensa, a hora do arrependimento inutil.»

*
* *

« Mais uma vez a data anniversaria da proclamação da Republica passou no meio da mais dolorosa indifferença popular. Não póde haver maior prova de condemnação do regimen. Não é que o golpe de audacia contra a Monarchia, vibrado pelo braço glorioso de Deodoro, a 15 de Novembro de 89, melindrasse o sentimento geral, embora surprehendesse a nação, nem que esta mentisse aos seus mais intimos desejos, aos seus mais fervorosos ideaes, recebendo no meio de applausos unisonos, que rapidamente se irradiaram por todo o nosso vasto territorio, as instituições que, em seu nome, acabavam de proclamar o exercito e a armada. O que impopularisou a Republica, o que a tornou odiosa para muitos e impraticavel para alguns, como um regimen de ordem, de liberdade, de justiça e de concordia, foi esse presidencialismo que ahi está, degenerando a cada instante nas mais sordidas e intoleraveis dictaduras regionaes; essas dynastias de familia, negregadas oligarchias de pequenos regulos intolerantes e facciosos ou autocracias sectarias a flagellarem populações. A Republica, de certo, jamais foi o confisco da liberdade, nem o nepotismo e anarchia, mas, o que é verdade é que o systema que nos rege tem dado larga margem a tudo isso. O povo vive divorciado da Nação. Expoliaram-no dos comicios, privaram-no de partilhar a responsabilidade do governo,

tiraram-lhe a consciencia da sua força e da sua propria existencia politica.»

*
* *

«A derrota vergonhosa que soffreu, na eleição municipal de hontem, o candidato do Sr. Dr. Passos, apezar de todas as tramoias e pressões postas em pratica pelos agentes da Prefeitura, distribuidos fartamente por um grande numero de secções, deixou patente, acima de tudo, a justa repulsa que na opinião publica têm merecido os seus actos violentos e pouco ponderados, sujeitando os seus municipes a vexames inauditos. O voto de um eleitorado selecto e consciente, se bem que privado em muitos collegios de se manifestar, pela ausencia das mezas apuradoras dos suffragios parciaes, lavrou-lhe a mais fulminante das condemnações; e, se outra fosse a época que atravessassemos, se o nivel dos nossos costumes publicos não tivesse descido tanto, em materia politica, certo o Districto Federal, a esta hora, já teria novo administrador.»

*
* *

«Não era mesmo possivel que digna e honestamente o Districto Federal prestigiasse com o seu apoio ou os seus applausos uma administração que, dia a dia, lhe exhaure as forças, paralisando o capital, desvalorisando a propriedade, tornando mais a mais desesperada a vida para as classes desprotegidas, a todos sobrecarregando dos mais insuportaveis e iniquos tributos. A sentença das urnas, tão significativamente proferida, deve ter falado bem alto á consciencia do prefeito. E' que aos instinctos conservadores do povo cada vez mais apavora, neste instante, como a nós outros, esse pesadelo phantastico, em que, vivendo-se a sonhar grandezas, só se

vê por toda parte ruinas sobre ruinas, como grandes sombras a se projectarem para o futuro.»

*
* *

«A Constituição da Republica, promulgada a 24 de Fevereiro da 1891, está definitivamente proscripta da confiança, do respeito e do carinho popular. A experiencia feita condemnou-a pratica e virtualmente. O direito, diz notavel publicista, deve estar em relação directa com a communhão a que tem de ser applicado. Se não guarda com ella conformidade, se fere as tradicções populares, se magôa o sentimento juridico nacional, com certeza encontrará na realização os maiores tropeços: é o individuo que se rebella contra elle, é o juiz que procura iiludir-lhe a execução, são principalmente as forças historicas que lhe levantam a resistencia mais tenaz. Não temos no paiz unidade de justiça, nem unidade eleitoral, nem unidade administrativa. Cada circumscripção politica procura desenvolver-se isoladamente. A representação popular ficou totalmente extincta. A opinião deixou de se fazer sentir, á vista das ostentações da força bruta por parte dos detentores do poder. Não se respeita a liberdade de pensamento, a de reunião, a de locomoção.»

*
* *

«Aos partidos que outr'ora disputavam, em nome de um corpo homogeneo de idéas, a victoria na imprensa, nos comicios e no parlamento, succederam agrupamentos facciosos e odientas camarilhas. Perdemos com o nosso equilibrio interno a nossa hegemonia e o nosso credito exterior. Abatem-nos a consciencia a anarchia em que se agita a nação inteira, a desordem que lavra em toda a parte, o retrocesso que operamos na civilisação sul-americana e a impossibilidade de reagir efficazmente, nos limites da Constituição, contra a avalanche de males que nos assoberba. Como orgão

responsavel do novo regimen, deslustrariamos o nosso tradiccional apostolado republicano, se não nos pronunciassemos desta fórma.»

*
* *

Como se vê destes excerptos, não podia ser mais completa a descabellação (o termo vai em lugar de outro que o vulgo emprega, mas a decencia do livro não permitte) do regimen praticado, nem mais retumbante o clarim da virilidade civica chamando a postos todos os patriotas, sem distincção de crenças politicas, que sentiam ainda nas veias um resto d'aquelle *sangue da nobreza d'alma que fazia outr'ora o orgulho do Brazil*, contra a debacle geral da Republica—no vilipendio do exercito e da magistratura, no servilismo do Congresso, na *imbecilidade* da policia, na ardileza do governo, no latrocinio desbragado dos cofres publicos!

Mas que voz era essa, tão firme, tão ampla, correcta e flammejante? Quem expunha assim tão a nú a vulnerabilidade do regimen, as tropelias, violencias, traficancias e anarchia, a que elle dá larga margem? Quem combatia tão rijamente, n'uma porfia sem treguas, o governo da União e dos Estados, reduzindo a miserandos trapos politicos a situação dominante?

Prestem bem attenção o publico e a illustre redacção e ouçam a resposta:

Era a folha de *maior tiragem e de maior circulação da America do Sul*, o orgão radical da democracia brazileira—presumido condestavel da Republica—o mesmissimo *O Paiz* que, hoje, bebe os ares por essa mesma situação; que endeosa o Sr. Dr. Rodrigues Alves—*o demolidor do regimen representativo*—; que enaltece o Sr. Dr. Passos—*o dictador do escandalo-modêlo*—; que attesta, publicamente, em opposição ao *Jornal do Commercio*, a idoneidade do Sr. Vicente Machado—*o tyrannete immoral*—; que tece louvores á grei politica do Sr. Dr. Augusto Montenegro—*o nullo, enfatuado gozador de*

posições; que arremessa o Dr. Lauro Sodré—*o idolo da Patria*—ás profundezas da valla commum dos ambiciosos vulgares!

. . . . . .

. . . . . .

*
* *

Estas linhas de pontos assignalam a estupefacção, o pasmo assombroso do publico, diante do estanhado *caradurismo* com que a mesma folha, que em termos tão candentes flagellava o presidente da Republica e o prefeito do Districto Federal, passou-se para um e outro, sem solução de continuidade, antes aggravadas as causas efficientes, ao estalido metallico do tratado de Petropolis, que fez esquecer ao *patriota* as offensas e ingratidões do governo para com o exercito na pessoa do General Olympio da Silveira, e ao *cheiro dos milhões a rodo, concedidos pelo Sr. Dr. Rodrigues Alves ao Sr. Dr. Passos, com que iam encher-se as algibeiras dos industriosos felizes!*

Sim; o mesmo orgão puritano, que esvurmava implacavelmente, por *inseusatos, deshonestos* e *traidoros á Patria*, o presidente da Republica e o prefeito do Districto, lançando-lhes em rosto os escandalos e arbitrios commettidos, que apregoava desassombradamente a podridão moral desta situação, *da qual era preciso sahir, a todo transe, fosse como fosse,* sahiu, é certo, mas de barriga, para ir metter-se no maniconio da Grande Avenida (*a obra de loucos, a insania deste governo fantasista*); para levantar ahi a tenda de Aretino e tomar a ponta aos louvaminheiros, engrossadores e leguleios dos mesmos detentores do poder—*prepotentes, ineptos, esbanjadores*, já *condemnados á execração nacional!*

A propria illustre redacção participará tambem d'esse natural assombro, e, recuperada a calma, reconhecerá, sem duvida, com a culta intelligencia de que dispõe, que não ha explicação possivel, razoavel e digna, para uma tão profunda inversão physiologica do papel

tomado no mesmo drama, com o mesmo scenario, os mesmos artistas e a mesma platéa.

*
* *

Nesse interim, sob uma animosidade geral por demais tensa e uma atmosphera abafada, quasi irrespiravel, o Sr. presidente da Republica, sobre cuja administração o *Paiz* tinha recordado que «Deus abala primeiro o juizo aos individuos e aos povos que resolveu perder», lembrou-se de augmentar o passivo do seu quatriennio com a ferrenha lei da vaccinação e revaccinação obrigatorias. A infeliz concepção foi dada á luz no Senado pelo seguinte projecto :

« O Congresso Nacional resolve :

Art. 1º A vaccinação e revaccinação contra a variola são obrigatorias em toda a Republica.

Art. 2.º Fica o governo autorisado a regulamental-a sob as seguintes bases :

a) a vaccinação será praticada até o sexto mez de idade, excepto nos casos provados de molestia, em que poderá ser ella feita mais tarde;

b) a revaccinação terá lugar sete annos após a vaccinação e será repetida por septennios ;

c) as pessoas que tiverem mais de seis mezes de idade serão vaccinadas, excepto se provarem de modo cabal terem soffrido essa operação com proveito, dentro dos ultimos seis annos ;

d) todos os officiaes e soldados das classes armadas da Republica deverão ser vaccinados e revaccinados, de accordo com a presente lei, ficando os commandantes responsaveis pelo inteiro cumprimento da mesma ;

e) o governo lançará mão, afim de que sejam fielmente cumpridas as disposições desta lei, da medida estabelecida na primeira parte da letra *f* do paragrapho 3º do art. 1º do decreto n. 1.151, de 5 de Janeiro de 1904 ;

f) todos os serviços que se relacionem com a presente lei serão postos em pratica no Districto Federal e fiscalisados pelo Ministerio da Justiça e Negocios Interiores, por intermedio da Directoria Geral de Saúde Publica.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrario.

Sala das Sessões, 28 de Junho de 1904. — *Manuel Duarte. — Hercilio Luz. — Jonathas Pedrosa.*

A letra *f* do § 3º do art. 1º do Decreto 1.151 de 5 de Janeiro, acima citado, institue como pena ás infracções sanitarias a imposição de multas até dois contos de réis (2:000$000), que poderá ser convertida em prisão até o prazo maximo de tres mezes.»

*
* *

Levantou-se d'esde logo grande celeuma popular contra esse projecto, como os habitantes das mattas e florestas ficam sobresaltados com o apparecimento do caçador.

Na imprensa livre abriu-se luminosa discussão, combatendo a idéa, em nome dos direitos do homem e do proprio estatuto basico da Republica. Nos debates parlamentares, em ambas as casas do Congresso, assumiu proporções gigantescas a demonstração d'essa inconstitucionalidade, d'essa aberração civil, pela palavra eloquente e magistral de diversos dos mais conspicuos representantes da nação, verdadeiras sumidades do prestigio social, da politica, da sciencia e das letras, taes como, entre outros, Ruy Barboza, Lauro Sodré, Barata Ribeiro, Belisario de Souza, Barboza Lima, Bricio Filho.

A sociedade em pezo commoveu-se, como tocada do presentimento da desgraça que tal medida trazia em seu bojo, e uma representação de todas as classes, respeitosa e solemne, foi dirigida contra ella á Camara dos Deputados.

Mas tudo em vão. Eólo tinha gerado o cyclone e este havia fatalmente de açoitar e varrer a população.

As emendas e substitutivos apresentados, visando desvanecer a espectativa sombria, foram rejeitados *in-limine* pela maioria que apoia incondicionalmente o governo, e o Sr. presidente da Republica, parodiando a Nero, quando mandava Tigelino acalmar o povo romano com promessas futeis e fallazes, fez apregoar pela bocca do leader da Camara «que na regulamentação da lei seria attendido o melindre das impugnações, de modo a tornal-a suave, perfeitamente exequivel», como se a materia podesse deixar de ser adstricta ao espirito ou a sombra de seguir ao corpo.

O povo, porém, *que tem o seu faro e começava a comprehender a sua força;* que estava escarmentado com o celebre regulamento sanitario, denominado geralmente *codigo de torturas;* que já tinha encontrado o *homem de alta envergadura moral em quem pudesse confiar sem desfallecimento* — o Dr. Lauro Sodré —, indicado pelo proprio *Paiz,* poz-se logo de promptidão, de orelha em pé, e assim que foi sanccionada a lei, nos mesmos termos do projecto acima transcripto, fundou a *Liga das Classes Operarias* e ecomeçou a celebrar suas reuniões no Centro das mesmas classes, sem mysterio e sem ameaça, na defeza dos seus sagrados direitos, sob a presidencia do mesmo senador pelo Districto Federal, que o *Paiz* tinha proclamado o *reivindicador das liberdades conspurcadas.*

*
* *

Assim procedendo, o povo e o Dr. Lauro Sodré estavam perfeitamente nos moldes e nas tradicções do assomado orgão republicano, e ao mesmo tempo nas formulas da jurisprudencia administrativa da Republica. Aquelle pregou sempre a legitimidade do protesto collectivo, mesmo das classes armadas, assim tambem o direito dos officiaes exercerem livremente na praça publica as funcções civicas, como se vê dos factos reproduzidos de fls. 8 a fls. 11 e, ainda ultimamente, afirmara-o na consagração enthusiastica do *meeting* de 30 de

Março, no largo de São Francisco de Paula, que *annullou o diploma expedido pela junta de pretores ao Dr. Lopes Trovão e proclamou o Dr. Lauro Sodré* como o verdadeiro eleito, applaudindo a hombridade do Alferes Corrêa Lima — um dos oradores d'esse arrojado comicio — e exprobrando ao ministro da guerra havel-o retirado d'esta guarnição por aquelle motivo.

O governo estabeleceu os seguintes precedentes:

«Placitou a manifestação ruidosa dos alumnos da Escola Militar (a mesma excommungada de hoje), de publico desacato á Camara dos Deputados, em plena sessão, no anno de 1893, como desforço de uma apreciação desfavoravel que fizera da tribuna a esse instituto de ensino um digno representante de Minas-Geraes. O facto foi altamente escandaloso; a Camara, num só pensamento, declarou-se em sessão permanente, reclamando formalmente promptas providencias ao governo, contra tal attentado, e mantendo-se nessa attitude de desaggravo, até que recebeu a solemne promessa do chefe do Estado, transmittida pelo orgão competente, *de ser tomado o assumpto na devida consideração.*

«Nunca foi publicado o modo por que se fez effectiva tal promessa; a verdade, porem, é que, apparentemente castigados, com a detenção verbal de alguns d'elles, por poucos dias, os alumnos manifestantes tiveram o rancho melhorado, como succede nas datas faustosas da Republica, e o respectivo commandante, o então Coronel Bibiano Sergio Macedo da Fontoura Costallat, fallecido ultimamente na culminancia da hierarchia militar e no alto cargo de chefe do Estado Maior, foi galardoado com a promoção de General de Brigada.

— Homologou officialmente, por telegramma dirigido aos governadores dos Estados federados, a espaventosa moção do Club Militar, de 21 de Março de 1896, supperpondo-se aos poderes deliberantes da nação, para dictar ao povo brazileiro o «Crê ou Morre», na sustentação do regimen.

— Approvou tacitamente o celebre manifesto do bravo General Arthur Oscar, então presidente do mesmo Club Militar, dado á publicidade n'*O Dia* e transcripto em diversas outras folhas desta Capital, desembainhando a sua valorosa espada contra a idéa da revisão constitucional e concluindo o bizarro cartel politico com este assomo ultra demagogico «não pedirei misericordia e nem darei quartel a ninguem».

*
* *

Entretanto, novo Mephistofeles, o afamado orgão radical, que, mezes antes, tinha concitado a reivindicta publica contra as immoralidades e tyrannias da situação dominante, nestas textuaes palavras: « Nada dignifica tanto um povo como a coragem de chamar a contas os oppressores e traficantes e punil-os », condemnou desde logo o alevantado protesto popular e procurou tornal-o odioso ao espirito publico, pronunciando-se assim:

« A *liga* que se tenta organisar para impedir a execução da lei da vaccina obrigatoria é uma associação illicita, impatriotica, criminosa, passivel das penas do art. 111 do Codigo Penal, e o illustre Sr. Dr. Lauro Sodré, prestando-se a presidil-a, a prestigial-a com o seu nome, desmentiu todo o seu passado de propagandista do regimen, de um homem reflectido, ponderado, conservador, e comprometteu as suas responsabilidades, quer de membro do poder legislativo, quer de official superior do exercito.

« S. Ex. disse que « isso que ahi temos como fórma de governo é uma Republica falsificada e que, sendo a dita lei um acto de força, deve haver a repulsa, a resistencia até á bala, porque á nação assiste o direito de repellir a força pela força », quando o que lhe cumpria era dizer ao povo que ha um poder da Republica — o poder judiciario — com a força precisa para annullar as leis inconstitucionaes.

« O illustre senador constituiu-se em incitador de revolução, e pensamos que é um perigo para a sociedade essa espada a meio fora da bainha, essa obra nefasta de pronunciamentos, essa parodia do *boulangismo* que S. Ex. quer implantar entre nós e que fez por largos annos a ruina da França ».

* * *

Lauro Sodré vai á tribuna do Senado e, num desenvolvido discurso, de que apenas damos a synthese referente ao assumpto principal, explica precisa e claramente a legitimidade e a coherencia do seu proceder, n'aquella hora, como membro do Congresso e official do exercito. Rebate o *simile* que o *Paiz* foi buscar na historia de França e bem assim o que a *Tribuna* lobrigou na actual campanha da Russia contra o Japão, para comparal-o, áquelle ao General Boulanger e esta ao Almirante Rodjestvensky.

« Não tenho, disse o laureado democrata, feição, nem typo, nem qualidades moraes, que me tornem comparavel ao celeberrimo General francez, e a propria estima e consideração com que me cerca, com que me honra tão superiormente a minha classe, procedem não de serviços prestados na guerra, que valessem os meritos da bravura do campo de batalha e produzissem essa confiança que sóe inspirar um heróe triumphador, mas tão somente de serviços prestados na paz e na lucta da intelligencia e da palavra; e quanto ao outro parallelo, não existe nenhuma semelhança, nenhum ponto de contacto, entre a façanha d'aquelle Almirante da esquadra do Baltico, que teve tão grande nomeada, e o meu acto de apoio á movimentação popular, offerecendo meus esforços para a campanha de resistencia a uma lei arbitraria, iniqua, absurda, monstruosa.

« Espontaneamente associei-me á *Liga das Classes Operarias*, contra a vaccinação obrigatoria, e acceitei de bom grado o convite para presidil-a, porque tratava-se

de oppor embargos e crear embaraços á execução de uma lei inconstitucional, combatida como tal da tribuna do Congresso e da imprensa, lei que não representa mais do que o resultado de um capricho, que não posso deixar de classificar de criminoso, do Sr. presidente da Republica.

O Sr. Ramiro Barcellos — A maioria do Senado, que votou a lei, não foi levada por capricho de ninguem, protesto contra tal injustiça.

Lauro Sodré — Respeito as opiniões filhas da convicção e sou o primeiro a dar testemunho de que realmente entre os membros do Congresso muitos ha convencidos de que essa lei não arranha, nem fere, nem mutila a Constituição da Republica, mas as discussões da imprensa e do parlamento poserão a questão nos seus mais claros e precisos termos. Aqui no Senado, um de seus ornamentos, medico notabilissimo, republicano da propaganda, homem publico de altas responsabilidades, representante deste Districto Federal, o Sr. Dr. Barata Ribeiro levantou vehementes protestos, que eram outros tantos avisos, contra tal medida, e terminou por aconselhar ao povo, como a cada um de nós mesmos, para resistir á malsinada lei, salvaguardando, antes de mais nada, a pureza de nossas consciencias, e cumprir o dever de lançar mão de todos os recursos e affrontar todas as iras do poder, perdendo o proprio amor á vida, para a garantia do lar e tranquillidade da familia.

Na outra casa do Congresso, onde o combate foi renhidissimo, é sabido que houve até quem procurasse incessantemente o Sr. presidente da Republica, na preoccupação de obter que da parte de S. Ex. houvesse uma concessão, que era naturalmente exigida pelas circumstancias do momento, para o fim de serem acceitas emendas que visassem tirar á lei os seus excessos e feialdades, pondo-a mais de accordo com o regimen democratico. E S. Ex. teimou, não cedeu nem ás ponderações dos seus proprios intimos.

«Aqui está porque considerei essa obstinação cega um capricho criminoso, porque não houve orgão da imprensa muito bem inspirado e até ligado ao governo que não cogitasse de abrir-lhe os olhos, pintando a situação difficilima que poderia originar-se da sua persistencia n'essa vereda, surdo ás representações das classes sociaes, aos clamores da opinião e cego aos pronunciamentos que se estavam desenhando no horizonte, angurando a inexequibilidade de uma lei que, espero como brazileiro, não se ha de por em execução.

O Sr. Francisco Glycerio. — Porque meio?

Lauro Sodré. — O governo annunciou que no seu regulamento ia aparar-lhe as demasias, corrigindo-lhe os senões e asperesas.

Eis ahi, senhores: depois de ter arrancado do poder legislativo a lei errada e má, recusando systematicamente todas as emendas, por mais brandas e justas que fossem, depois de ter negado ao Congresso os recursos que lhe cabiam, o governo vai agora, por bondade sua, sanar essa maldade e esses erros mediante um regulamento que não é, como muito bem diz o honrado senador por S. Paulo, o melhor meio para emendal-a.

O Sr. Francisco Glycerio—V. Ex. não está de accordo com essa correcção?

Lauro Sodré—Não estou discutindo, estou apenas expondo o alvitre. A *Liga*, pois, obedecia a dictames da consciencia e consultava interesses sagrados do cidadão. Creou-se com o objectivo de oppor á execução d'essa lei a inteiresa protectora da Constituição de 24 de Fevereiro, que garante a liberdade de consciencia e a inviolabilidade do lar, sendo os seus intuitos perfeitamente pacificos e perfeitamente legaes, tanto assim que cogitou d'esde logo de contratar advogados do nosso foro.

«Para sustentar esse direito basico da sociedade foi que eu, presidindo essa assemblea, não aconselhei tal a reacção á bala, mas disse, e ora repito-o, que, representando a effectividade d'essa lei inconstitucional um

acto de força, era licito oppor-lhe a propria força, podendo chegar até áquella resistencia extrema, segundo o principio do grande orador romano já aqui citado «*Vim vi repellere licet*».

«Defendi principios que não são novos na minha bocca e theorias que não são expostas pela primeira vez. Ainda ha bem pouco, referi-me d'esta tribuna ao direito de resistencia que, em dadas circumstancias e situações, eu tenho realmente por um dever primordial e essencial da consciencia humana.

«O Sr. presidente da Republica é o responsavel por uma tal situação, inexoravel como foi ás ponderações dos proprios amigos e aos clamores repetidos do povo. Do erro em que S. Ex. persistiu hão de provir os resultados funestos que muitos já estão prevendo e dos quaes ainda hontem falava um dos orgãos da imprensa diaria, *A Noticia*.

« Porque, pois, Sr. presidente, esta celeuma, esta tempestade desfeita em torno do nome de um senador da Republica, pelo facto de ter ido commungar lá fóra com os opprimidos, com os ameaçados da expiação de um absurdo do governo? A minha qualidade de senador não me forra de uma couraça de impenetrabilidade, de desigualdade tal, que me deixe em uma atmosphera de insensibilidade, que me não permitta agir ao lado do povo, desse mesmo povo que elegeu-me seu representante, quando os recursos legaes forem esgotados, pois que, pela minha parte, procurei nos limites das minhas forças cumprir o meu dever de senador, apontando as falhas dessa lei, denunciando-a como uma tentativa realmente criminosa contra as garantias fundamentaes da Constituição.

O Sr. A. Azeredo — V. Ex. tem razão, mas a phrase que lhe emprestaram foi que o collocou mal, aquella que aconselhava a resistencia á bala.

Lauro Sodré — Esta phrase é celebre, e é certo que, em occasião memoravel, penso, já a proferi lá fóra. Nós andavamos então todos irmãmente unidos: eu, o

illustre senador por S. Paulo — Sr. Francisco Glycerio, o meu distincto amigo Sr. A. Azeredo e tantos outros. Esquecia-me do distincto jornalista (Alcindo Guanabara) que agora faz no *Paiz* estas scintillações com a sua penna. Andavamos todos irmãmente ligados na campanha de resistencia tenaz e de ataque, cujas violencias pareciam não ter limites, contra a situação em que estava a Republica, sob o governo do aliás eminente republicano, pranteado brazileiro, o grande paulista Dr. Prudente de Moraes. Poderia lembrar o tom da imprensa d'aquella época, a grita de revolta com que nas ruas praguejavam, então, contra esse governo, os conservadores de agora...

O Sr. Francisco Glycerio — Jamais aconselhei, como responsavel da direcção de um partido de opposição, acto algum de violencia, jámais tomei parte em nenhum acto revolucionario ou de desrespeito ao poder constituido.

Lauro Sodré — Peço permissão ao honrado senador: ou V. Ex. pode dizer isso e falar com esse calor e com a mesma convicção e o mesmo calor eu tambem posso falar e sustentar o que disse, ou V. Ex. não pode falar assim e, neste caso, somos todos solidarios nos esforços e meios empregados, durante aquelle periodo, para arrancar a Republica da situação que a todos nós parecia, a esse tempo, sem exemplo.

«Vê o Senado que fui coherente, esposando a patriotica reacção popular, e nas minhas palavras, proferidas ante a *Liga*, o que ha é apenas o grito de uma consciencia em revolta contra as miserias da hora presente, contra o symptoma de um mal geral que vejo n'essa lei da vaccinação obrigatoria.

«Todos os meus illustres collegas conhecem muitos dos antigos republicanos de boa origem e alta estirpe, que já se sentem desamparados e desejosos de sair d'essa situação, seja como fôr, ou pela regeneração da Republica ou pela propria Monarchia.

O Sr. A. Azeredo — Isso é um absurdo.

O Sr. Francisco Glycerio — Jamais!

O Sr. Alfredo Ellis — Jamais!

Vozes — Jamais! jamais!

Lauro Sodré — Deixemo-nos d'esses jamais. Eu não estou sustentando...

O Sr. João Cordeiro — A alma da Monarchia anda por ahi; é o Sr. Andrade Figueira — uma alma penada.

Lauro Sodré — estou expondo uma opinião. Para que esse *jamais* cavernoso levantado aqui no Congresso?

«Ao povo em desespero não resta sinão usar desse recurso natural do protesto material, que se traduz pela resistencia em todos os terrenos, indo até á resistencia admiravel resumida na phrase de que ha pouco falava o illustre senador por Matto Grosso e que, se eu não proferi-a, está naturalmente contida nas theorias que defendo e tenho exposto aqui mesmo d'esta tribuna. Nem foi de outros principios que saiu a revolução gloriosa que fez o 15 de Novembro.

«As revoluções não se engendram á vontade.

Ellas são factos sociaes, são factos naturaes; rebentam á hora propria, na occasião opportuna, e então, e só assim é que ellas são verdadeiras revoluções, só assim é que ellas surgem para operar o melhoramento, o desenvolvimento e a salvação do povo á beira do abysmo que ameaçava tragal-o. Fora disto é a anarchia, a mashorca, a desordem e o meu nome nunca ha de ligar-se a commettimentos dessa intuição.

O Sr. João Cordeiro — Apoiado.

Lauro Sodré — Porque, pois, ter assombro, ter medo das revoluções, quando ellas são salvadoras?»

*
* *

Proferido no dia 9 este discurso, o *Paiz* em cima das buchas, na edição do dia 10, sob a epigraphe «O Dilemma do Sr. Lauro», fez-lhe a cotação e analyse que segue, em synthese:

« O Sr. Lauro Sodré declarou não ter aconselhado a resistencia á bala e sim que, si falhassem os recursos legaes, devia o povo defender-se por todos os meios a seu alcance, fazendo S. Ex. nesse ponto a apologia da revolução, não do *disturbio*, da *mashorca*, do *motim*, mas de um *forte e grande movimento revolucionario*, que saneasse a Republica victimada por uma crise no caracter dos homens.

«Em essencia, o Sr. Lauro Sodré não explicou cousa alguma; endossou toda a responsabilidade d'aquella attitude criminosa das classes operarias, sem ter tido, alias, o desassombro de assumil-a desde logo plenamente e sem reticencias.

« O que se infere de suas declarações, é que os ambiciosos do poder julgam ter achado na vaccinação obrigatoria o pretexto que ha muito invocavam para apoiarem na sympathia popular o movimento com que pretendem triumphar. Abusando de sua alta patente, do prestigio que por ventura tenha na sua classe, accenando-lhe com as vantagens possiveis de uma dictadura militar, o Sr. Lauro Sodré deixou patente este dilemma: ou o governo se submette ou cahe por terra. »

« O poder executivo vai regulamentar a lei da vaccinação, estabelecendo o quando e como a obrigatoriedade se fará effectiva e attendendo ás justas ponderações que pessoas competentes formulem. A invasão do lar do cidadão, a violencia contra as pessoas, os vexames, todo o acervo de accusações que foram formuladas contra a lei, dissipar-se-hão em face do regulamento, como as palavras sonoras e oucas se perdem no ar. A indignação prematura do Sr. Lauro Sodré ficará sendo o que realmente é: um pretexto.

« Estamos em face de um pronunciamento vulgar, alguma cousa de semelhante ao *ultimatum* com que o Duque de Saldanha atterrava os governos fracos em Portugal. Si o Sr. Lauro Sodré puder fazer a revolução,

contrariando a nossa indole de povo ordeiro e as suas proprias lições, faça-a, e si não puder, continue, si lhe approuver, nesse papel de phantasista, que o remedio que terá a nação será ler e sorrir.»

*
* *

A Historia dirá que esse remedio, de preferencia ao Dr. Lauro Sodré, deve ser applicado ao paladino radical que o precedeu e industriou-o nesses assomos de *indignações prematuras*, que pol-o na evidencia dos pronunciamentos, no fóco das revoluções, pregando «o retrocesso que operamos na civilisação sul-americana, a queda moral do povo brazileiro sob esta cancerosa situação politica, *da qual era preciso sair a todo transe, fosse como fosse*, e proclamando-o o novo Messias, em quem o povo podia confiar sem desfallecimento para a obra da reconstrucção moral e politica que a nação inteira ambicionava, operada embora pela dictadura, porque á *um presidente constitucional, mas inhabil e leviano* (referindo-se ao Sr. Dr. Rodrigues Alves) *era preferivel um dictador clarividente e forte, que ao menos assegurasse a regeneração dos nossos costumes politicos e restabelecesse patrioticamente as liberdades conspurcadas;* accrescentando que, assim como o Sr. presidente da Republica achava que o Districto Federal só podia reorganisar-se e progredir sob as mãos de uma autoridade que concentre em si todos os poderes, independente e livre da fiscalisação do Conselho Municipal, assim tambem a nação, *ora tão empobrecida e anarchisada*, precisava de recuperar o seu antigo bem estar e a sua ordem tão fecunda, pelo mesmo systema de unificação de mando».

Restabelecida ássim a verdade quanto ao *sorriso* da nação, retomamos o fio da critica.

Quando o *Paiz* publicava esse machiavelico editorial, sahia ao mesmo tempo em diversas outras folhas o preconisado regulamento da lei, que devia adoçal-a e

frustrar a *especulação com a simplicidade e ignorancia da massa geral da população.*

Porque não o publicou tambem?

Na pontissima em que estava junto ao governo, na privança que gozava em todas as repartições publicas, especialmente do departamento da justiça e negocios interiores a cargo do illustrado Dr. J. J. Seabra, (*o energumeno, o bandido, o traidor á Republica de 1893, o discolo, o ambicioso vulgar, o intrigante de 1897*), não se comprehende que o *Paiz* fosse *furado* pelos seus confrades na divulgação d'aquelle documento, do maximo interesse psycologico, e só désse noticia d'elle e abordasse-o, cerca de quarenta horas depois de conhecido de todo o mundo!

A razão, porem, que escapa á concepção natural das cousas, descobre-se facilmente nas entrelinhas do editorial que estamos compulsando e do sesquipedal artigo subsequente, no qual, trahindo a sua propria intelligencia e fazendo pouco da intelligencia do publico, fulmina o regulamento, classificando-o, entre outros baldões, de «um desaso inaudito, um attentado clamoroso contra as garantias constitucionaes e o direito», depois de bem informado da pessima impressão que elle tinha causado geralmente e da repulsa solemne que havia encontrado no seio do Congresso Nacional e das differentes classes sociaes.

Está explicado: poz-se á socapa da procella, na espectativa do estampido, e aguardando o movimento da frente, para pronunciar-se então: ou sustentando, ou reprovando.

A bussula do aventureiro!

Ainda mais, subvertendo o principio virtual d'este regimen presidencial, proclama o governo completamente alheio e innocente, quer quanto á gestação do monstrengo, quer quanto á sua publicação, e por pouco não o attribue á influencia *spirita* do Dr. Lauro Sodré no animo do director de Saúde Publica, para reclame do arguido *pretexto de sua politicagem!*

Alem da flagrante heresia perpetrada contra a dignidade official adminstrativa, tratando-se de uma regulamentação de lei que é da exclusiva attribuição e responsabilidade do governo, e accrescendo, no caso vertente, o compromisso tomado por elle de amenisar a obrigatoriedade da medida e a anciedade da população por vel-o traduzido em facto, encerra tal defesa uma injuria ao ministro da respectiva pasta, o referido Dr. Seabra, que, tido por um homem energico, altamente competente e trabalhador, que realmente o é, com a sua secretaria de Estado e o seu gabinete providos de funccionarios idoneos e habeis, entre elles diversos bachareis formados em direito, passa a ser, diante d'aquelle *tour de force*, um ministro incapaz ou desidioso; e ao mesmo tempo uma injustiça atroz ao chefe da Repartição Sanitaria, o illustre Dr. Oswaldo Cruz, sobre quem o *Paiz* descarrega toda a culpa do irritante incidente, figurando-o como o mais boçal e o mais leviano dos funccionarios publicos, — um mero philosopho academico, inteiramente abstracto e alheio aos tramites do serviço e aos principios de ordem, vivendo no *mundo da lua* de extravagantes theorias scientificas e só preoccupado do exito d'ellas, que descurasse absolutamente das essenciaes regras hierarchicas — parte integrante do desempenho das funcções do seu cargo, ou ignorasse-as por completo, quando se trata de um funccionario já feito, traquejado, que allia á uma fina educação social a pratica, n'um tirocinio não pequeno, das regras do serviço e da acção gradual da autoridade, tendo passado em principios de 1903 do exercicio de director do importante laboratorio de Manguinhos, por elle montado, para o cargo que actualmente exerce de director de Saude Publica.

Portanto, o que se apura de semelhante occurrencia, ante a logica e o senso commum, é que um funccionario de tal ordem, de espirito tão culto, não faltaria nunca a tão rudimentares deveres e não daria tão triste norma a seus subordinados, confeccionando um regula-

mento, de uma tal transcendencia politica, e entregando-o á publicidade da imprensa, por sua alta recreação, sem prévio accordo de vistas, sem audiencia e a precisa autorisação do ministro.

E tanto isto é verdade que, depois de uma tal imputação, o Dr. Seabra, longe de censurar siquer o funccionario em questão ou significar-lhe ao menos o seu desagrado, teceu-lhe em publico os maiores louvores, os mais rasgados elogios, collimando assim a confiança inicial do governo, quando, si realmente o director de Saude Publica tivesse procedido d'aquella forma attribuida, caso em que não teria commettido uma simples leviandade, mas uma falta de respeito, um abuso de grande responsabilidade, fativel de consequencias funestas, como effectivamente o foi, a demissão immediata d'esse chefe relapso ou inepto se impunha como uma medida indeclinavel da seriedade do governo.

*
* *

« Quando lemos attentamente, diz o *Paiz* de 11, na manhã de hontem, o que foi publicado pelos nossos illustres collegas da *Noticia*, como sendo o projecto de regulamento da lei da vaccinação obrigatoria, um dos nossos companheiros dirigiu-se immediatamente ao Sr. ministro do interior, para ouvir de S. Ex. si esse era effectivamente o regulamento a que o governo ligava a sua responsabilidade, taes as violencias, as extravagancias, os disparates, os attentados contra a Constituição, o direito, o bom senso, ali compendiados, de tal modo se contrariava o compromisso assumido pelo governo para com a nação; e o Sr. ministro declarou-nos, como á toda a imprensa, que esse acervo de disposições infelizes não era o regulamento da lei, nem siquer um projecto de regulamento: era, apenas, o compendio das idéas que sobre o assumpto tinha o Sr. director de Saude Publica, só dado á publicidade por lamentavel indiscreção.

« O regulamento real será o que vai ser confeccionado — resultante do exame, estudo e parecer da numerosa commissão de homens competentissimos — abalisados profissionaes e membros proeminentes do Congresso Nacional —, nomeada desde logo pelo Sr. ministro do interior, provando assim o espirito liberal do governo.

« Absolutamente não são acceitas as idéas do Sr. director de Saude Publica, que podem ser muito viaveis no paiz ideal em que o Dr. Oswaldo Cruz julga viver, mas que chocam e contrariam brutalmente as leis em vigor no paiz em que S. S. realmente vive.

« Não tem, pois, mais razão de ser a agitação da opinião, que hontem justamente se accentuou diante d'esse conjuncto de absurdos e acreditamos que, á vista d'esta explicação cabal, a opinião publica se tranquillisará inteiramente; a grande massa da população se acalmará de todo, em seu proprio beneficio.

« Viver dentro d'essa atmosphera irrespiravel, creada sempre por uma minoria mais activa e audaciosa, é situação que nenhum povo pode supportar.

« A era das revoluções n'este paiz passou definitivamente: estamos agora na era da paz e do trabalho».

*
* *

A todo espirito imparcial e recto impõe-se, com a força da evidencia, o resvalamento moral do *Paiz*, fazendo do cultivo das graças do governo o arrebol do seu ideal jornalistico, e levando essa preoccupação até o sacrificio da connexão e da dialectica, em que, alias, elle tanto se esmerava sempre: no começo do editorial de 11, que vem de ser transcripto, diz «que lêra na manhã de 10 o regulamento publicado na *Noticia*», quando essa folha é vespertina, não sae ordinariamente antes de duas horas da tarde, e aquella publicação já tinha sido feita na sua edição da vespera, 9 : donde resulta a convicção plena de ter sido um estratagema o seu silencio guardado no artigo do dia 10; e no final, emitte

um conceito verdadeiro, mas todo contraproducente, todo negativo para o governo que defende e todo justificativo da reacção popular, porquanto, essa minoria *activa e audaciosa* a que allude, não pode ser aquella, que elle mesmo proclamara tão alto, dos «patriotas que se batiam pela salvação da Patria, congregados em torno de Lauro Sodré», mas sim a dos vis exploradores da Republica que, *quaes ratazanas dentro de um monstruoso queijo, banqueteavam-se á farta do erario publico, covarde e despresivelmente.*

*
* *

Nos artigos subsequentes, porem, de 12, 13 e 14, pelos quaes se collocou abertamente do lado da prepotencia official, para maldizer do povo, é que se accentua a sua obcecação situacionista, a sua completa identificação com esta pratica do regimen que, até pouco tempo antes, profligava n'estes termos: « *O povo vive divorciado da nação; espoliaram-no dos comicios e da sua propria existencia politica. O governo do Sr. Dr. Rodrigues Alves, que todos esperavam glorioso, absorver-se-ha na expansão de arranjos, n'esse farejamento de milhões, a titulo de embellezamento de uma Capital em penuria, com formidavel descredito para a Republica. S. Ex., faltando redondamente ao compromisso tomado na sua plataforma presidencial, entendeu de governar o paiz sem respeito algum á Constituição e ás leis, perpetuando-se o espirito autocratico que, á sombra do servilismo dos representantes da nação, se desenvolveu e firmou-se, transformando as instituições democraticas em apparelho de lamentavel dictadura. Como orgão responsavel do novo regimen, deslustrariamos o nosso tradiccional apostolado republicano, si não disesssemos estas verdades.* »

Pois agora deslustrou-o, si não abdicou inteiramente desses foros invocados com tanta emphase. Attribuiu ao povo, por unico ideal d'essa campanha civica, « o es-

pirito ignobil de perturbador da ordem publica, como vil instrumento de suggestões bastardas, com o proposito deliberado de promover o espectaculo desolador d'esse furação animal que desencadeou-se n'esta Capital e de provocar o governo a lançar mão da força armada e das medidas de rigor, no seu indeclinavel dever de sustentar o prestigio publico da autoridade, em defesa da sociedade, para d'esse choque material, ruinoso da Patria, resultar o exito nefando da exploração politica que o movia—a pesca do poder»; quando fôra exactamente o governo quem provocou o desespero e consequente allucinação do povo, com a sua indifferença autocratica pelos clamores da opinião publica e o apparecimento do monstruoso regulamento, publicado por sua desidia, sinão por seu consenso, que trouxe o desengano da suavisação promettida e desfez por completo a espectativa de conciliação dos animos, matando todas as esperanças.

*
* *

O *Paiz* confessa que «o *pretenso regulamento* sublevou uma repulsa justissima» e ao mesmo tempo affirma com estranheza que «as arruaças começaram justamente quando reiteradas declarações do Sr. ministro do interior, feitas a todos os jornaes, levavam a convicção de que aquillo que indiscretamente se publicou como sendo o regulamento da lei, não só o não era, como o não seria nunca.»

N'esta asserção, releva dizel-o, ha dólo ou supina calinada. Em primeiro logar, a palavra authentica do governo, expressa pela forma solemne do estylo official, não appareceu nunca e mesmo essas declarações de caracter officioso não foram feitas em todas as folhas diarias d'esta Capital. Depois, o tal regulamento foi publicado na *Noticia* do dia 9, quando elle *cahiu como um raio formidavel sobre a pacata população do Rio de Janeiro*, na phrase incisiva da insuspeita *Tribuna*, de que é redactor chefe um dos luzeiros da situação, o illustre

senador A. Azeredo, e o porta-voz *democratico* do ministro da justiça só deu o seu recado — das *reiteradas declarações* — no dia 11 de manhã, decorridas cerca de quarenta horas do incendio ateado!

Como, pois, avançar áquella stigmatisadora increpação, no tom de seriedade com que o fez o *Paiz*, falando a este mesmo publico, testemunha ocular dos factos?

Não se pode culpar aos directores da *Liga*, notadamente o Dr. Lauro Sodré, pela inefficacia ou mallogro dos esforços, por ventura empregados, no sentido de conter a reacção material da massa popular, nem mesmo pela falta de taes diligencias. *O povo é cioso dos seus direitos e indomavel nas suas expansões* — assim apostolava o *Paiz*, em 1897, para justificar o vandalismo do arrombamento e queima das officinas da *Liberdade* e *Gazeta da Tarde*, bem como outros actos de selvageria e até assassinatos, á plena luz do dia e ás barbas da autoridade policial e dos arautos da *legenda stoica* de Moreira Cezar, entre outros, os illustres democratas Drs. Nilo Peçanha e Themotheo da Costa, senador João Cordeiro, cidadãos João Clapp e Hilario de Andrade.

Demais, nenhum dever corria a Lauro Sodré e seus companheiros de atravessarem-se na frente do cyclone; pelo contrario, do ponto de vista constitucional e civico sob que iniciou-se o protesto popular, seria uma covardia, um desaso, uma retratação, si o fizessem.

*
* *

Ao governo, que fez questão fechada da votação da lei — dura e secca, exigindo da maioria do Congresso a rejeição de todas as emendas apresentadas e o menosprezo das representações regulares das differentes classes sociaes; ao governo, *que tinha assumido publicos compromissos para com a nação* (textuaes palavras do *Paiz*), de suavisar a obrigatoriedade da lei na regulamentação da mesma; ao governo, *solicito, prudente, sereno e calmo*, é que cumpria, por um acto prompto,

solemne, decisivo, que calasse na alma do povo, resolver a gravidade do momento, rehabilitando a sua propria autoridade moral, o seu proprio prestigio publico, d'aquelle tremendo fiasco do tal *compendio de vexames, absurdos e violencias* — perfeita antithese da sua promessa formal — e reconquistar a confiança do povo.

O governo, porém, não o fez, nem para lá caminhou. Podendo e devendo ser habil, com uma pennada estancar a *fonte da exploração*, destruir o *pretexto d'essa agitação artificial*, preferiu sustentar o capricho com que promoveu a desastrada medida, colorindo-o agora com a versão, que bem se póde qualificar uma farça do genero burocratico, de *não ser aquelle o regulamento que consultava o seu pensamento e a sua vontade* e de *ter sido o mesmo elaborado e publicado á sua inteira revelia!*

Só essa confissão vale por uma desmoralisação do governo.

Mas, si assim era, com effeito, si aquella allegação é verdadeira, porque não foi desde logo exonerado do cargo de director de Saúde Publica, em que ao contrario continuou e continúa a ser mantido com redobrada confiança, o autor d'essa obra *tão disparatada, flagrantemente attentatoria da Constituição, dos direitos do cidadão, do lar sagrado da familia, da tranquillidade internacional do paiz, e até das normas do serviço sem as quaes não ha administração possivel*, em summa, *do credito do governo?*

Não se comprehende; está simplesmente abaixo da critica.

Entretanto, a esse requinte de contrasenso o *Paiz* oppõe, repisando-as, aquellas mesmas exprobrações formuladas sobre a psycologia da excerbação popular e timbra em achincalhar o Dr. Lauro Sodré, o mesmo republicano illustre para com quem, até a renegação do libello civico articulado contra o governo, só tinha palavras e conceitos d'este quilate: o *legionario da propaganda, o puro, o prototypo da independencia de caracter e da probidade, que havia ficado de pé no*

meio de todos os desabamentos, o estadista superior, o homem de alta envergadura moral, o centro de todas as esperanças, o idolo da Patria. »

*
* *

Prosegue assim, resumidamente, o esforçado defensor do governo: «O que está fazendo o Sr. Dr. Lauro Sodré não é mover o povo a um protesto e exploral-o, é abusar delle, é pôl-o a serviço de interesses bastardos, de ambições pessoaes, de desvarios de vaidades hypertrophicas.

« Os appellos á força são faceis para os discursadores irresponsaveis, mas não ha nada mais precario, mais perigoso e mais fallivel do que a tentativa de pôr em pratica os conselhos dos heróes da tribuna.

« Quem viu o que se passou hontem, 12, nas primeiras horas da noite, nas ruas mais centraes da cidade, viu o espectaculo que é aqui commum, quando se procura insuflar o povo á desordem ; era o mesmo pessoal, os mesmos processos, o mesmo programma. A ousadia agora caracterisou-se pela tentativa de ir a matula alvoroçada até o palacio do Cattete, mas do valor d'essa tentativa pode-se ter idéa pelas acclamações que ella julgou prudente dispensar á força do exercito, que encontrou nas suas immediações e que fêl-a retroceder cabisbaixa, ficando o Sr. senador Lauro Sodré reduzido a recolher os louros da concepção de uma arruaça ordinaria, a que a policia assistiu de sabre embainhado, respeitando a livre manifestação do assobio dos cafagestes!

« Um pouco de calma e serenidade, o conhecimento exacto da situação, bastariam para dar á população a sensação de que nenhum motivo realmente ponderado existe, já não dizemos para o movimento armado, mas siquer para o protesto pacifico, desde que uma e muitas vezes o Sr. ministro declarou que o governo não endossava o esboço das idéas do Sr. director de Saúde Publica, declaração que S. Ex. reiterou solemnemente, n'um discurso muito calmo, muito franco, muito sincero,

proferido perante a commissão de competentes incumbida de examinar o assumpto.

« Foi, entretanto, depois d'isso que a multidão, incitada pela demagogia desenvolta dos heroes da tribuna, atirou-se á rua, commettendo toda sorte de desatinos e depredações, atacando a força publica, jogando a vida audaciosamente n'essa lucta sem ideal, sem razão de ser, sem escusa e sem legitimidade: grupos de cincoenta e sessenta homens destroem os lampeões, apedrejam as casas, affrontam as autoridades, atacam as praças, lançam o panico na cidade, aggridem e repellem á tiros de revolver as forças que tentam restabelecer a ordem.

« E' tempo de pôr um paradeiro a isso. Appellamos para a maioria sensata da população, a mais interessada em que se não perturbe a paz, condição necessaria, imprescindivel do trabalho e do progresso.

« Restabeleça-se a calma! E' claro que o governo não pode senão usar da força para reprimir os excessos que, exactamente por não terem razão de ser, carecem de ser e devem ser quanto antes eliminados. »

*
* *

E' do theor seguinte, reproduzido do *Paiz*, o discurso do ministro do interior, acima alludido:

« Ao inaugurar estas reuniões, eu vos disse que, á vista da exploração manifesta feita em torno da lei sanccionada da vaccina obrigatoria, e devendo regulamentar a mesma lei, eu tinha resolvido submetter ao juizo, discussão e deliberação de homens habilitados o esboço de regulamento feito pelo director de Saude Publica, quer na sua parte technica, quer na que devia jogar com as garantias constitucionaes. Assim se justificava a presença dos dignos cavalheiros, n'aquelle momento.

« Disse mais que, para facilitar o estudo do assumpto, tinha mandado imprimir em avulso o esboço a que me havia referido, bem como o texto da lei; e, de facto, na occasião tive a honra de entregar a cada um dos presentes um exemplar d'esses avulsos.

«Combinando-se que a outra reunião teria lugar hoje, á uma hora da tarde, levantei a sessão com a declaração positiva e peremptoria de que o governo, no regulamento que se confeccionasse, só faria questão da faculdade dada ao cidadão para vaccinar-se com o medico de sua inteira confiança, por ser isso um compromisso que tinha contrahido com a nação, em virtude de ser, em regra, a vaccinação effectuada por medicos officialmente designados, nos paizes em que ella é obrigatoria. Lembro-me bem que, ao proferir estas ultimas palavras, recebi signaes de applausos e approvação de alguns do Srs. membros da reunião.

«Pois bem, Srs., tendes visto, e bem avaliado, o modo por que tem sido interpretado o pensamento do governo.

Por bem querer mal haver, disse-o hontem muito bem e com muita propriedade um illustre e festejado jornalista.

«O governo, que não tem outra preoccupação que não a de acertar; que não alimenta outros sentimentos e não tem outro intuito sinão procurar garantir e preservar os direitos de todos, a par dos interesses da saude publica, e a prova eloquente e decisiva está nesta reunião de competentes, é julgado um governo arbitrario e violento.

«A publicação pelos jornaes do esboço do regulamento, que offereci ao vosso estudo, não foi nem podia ter sido autorisada pelo governo. E a prova irrefragavel d'esta verdade está na mesma declaração do proprio jornal *A Noticia*, que primeiro publicou-o. Ahi se disse bem alto e claro que só por enorme esforço de sua activa reportagem podia o dito jornal dar aos seus leitores a integra do mesmo esboço.

«Os suppostos dilemmas, pois, formulados a proposito de semelhante publicação, não têm pontas e não podem, portanto, ferir a ninguem.

«Hoje, como hontem, cumpre-me repetir: Srs. o governo deseja que concorraes com as vossas luzes e

com a vossa cooperação patriotica para que elle expeça um regulamento da lei da vaccinação obrigatoria que concilie os altos e importantes interesses da saude publica, que é a saude do povo, com as garantias que as leis e a Constituição offerecem a quantos habitam a nossa Patria. O que vos offereci para estudo não é sinão um esboço, um rascunho, um borrão, sobre cujo merecimento direis definitivamente, emendando-o, refundindo-o, ou substituindo-o inteiramente, conforme julgardes mais acertado e conveniente.

«O ministro do interior, graças a Deus, não conhece paixões, nem alimenta resentimentos no desempenho do espinhoso cargo, que tão immerecidamente exerce, simplesmente pela confiança em si depositada pelo illustre e benemerito Sr. presidente da Republica.

O muito illustrado Sr. director de Saude Publica, offerecendo o rascunho do regulamento que conheceis, nunca teve a pretenção de que fosse approvado, sem exame nem critica, e tanto que concordou na convocação d'estas reuniões e a ellas tem assistido. Que pode pretender e desejar S. Ex. sinão merecer a estima de seus concidadãos, fazendo todo o bem possivel á saude publica e procurando collocar esta Capital no mesmo pé e condicções de salubridade, em que estão as mais civilisadas Capitáes do mundo?

«E vós, medicos, principalmente, sabeis a que medidas de relativo rigor é, ás vezes, preciso chegar para a consecução do nobre e humanitario fim de cuidar carinhosamente da saude publica.

«E porque não attribuir ao Sr. director de Saude Publica esses alevantados intuitos?

«Errou? Foi rigoroso? Tornou-se arbitrario no seu trabalho?

«Pois., Srs, aqui estaes precisamente para corrigir esses erros, abrandar esse rigor, evitar esse arbitrio.

Para dizer *Amem* a um trabalho feito e acabado, o ministro do interior não commetteria a indelicadeza, senão a injuria de vos congregar e consultar.

«Combata-se o governo, mas não se abuse do bom senso, do criterio, e da boa fé do povo.

«Como o governo, o digno e illustrado Dr. Oswaldo Cruz não faz questão das idéas que esboçou e compendiou no impresso que vos foi distribuido; e, pois, ides fazer obra de applausos, de sciencia e de patriotismo, porque o governo terá o prazer e a distincção de homologar essa obra.

«E' o que me cumpre dizer-vos. »

*
* *

Perfeitamente definidas a democracia do *Paiz*, o seu attributo tantas vezes invocado de *orgão responsavel do novo regimen*, e a sinceridade do governo, *sua preoccupação do direito, do justo, da liberdade, do bem!*

Aquelle não tem uma palavra de censura, de simples advertencia siquer, ou mesmo observação amigavel, para o governo que autocraticamente lançou a irritante medida, no mais acentuado desdem do clamor publico, na mais ostensiva provocação da ira popular; pelo contrario, rende-lhe o culto aferrado de um idolatra, no mais fervoroso apoio a todas as violencias, sinão impiedoso incitamento a essa medonha catadura de inexorabilidade, de arrocho e tyrannia, ao passo que para o povo — *o espoliado* — só tem o engodo de promessas fallazes, a cantilena venal de *exploração politica* e a dura perspectiva de *desaffronta da lei e desaggravo da autoridade*, distribuindo-lhe o papel de provocador!

O governo, pela bocca do ministro competente — o da justiça e negocios interiores — alardêa boas intenções (bem se diz que d'ellas está calçado o inferno), mas não as traduz em acto algum positivo, desses que salvam emergencias, taes como, por exemplo, um simples boletim official, affixado ás portas dos jornaes, demittindo o director de Saude Publica e repudiando peremptoriamente o regulamento publicado; o que seria, como se diz vulgarmente, agua fria na fervura.

Em vez disso, manda a policia armada victimar o povo, que resistia por um direito sagrado, á bala e patas de cavallo; emquanto, no terreno moral, converte-se no mais subserviente louvaminheiro do chefe subalterno, o referido director de Saude Publica, justificando-o, perante a commissão consultiva, de todos aquelles *disparates e absurdos!*

Que espectaculo degradante, que época decadente! Um homem illustrado e de grande talento, como incontestavelmente é o Sr. Dr. J. J. Seabra, mestre laureado da Faculdade de Direito do Recife, parlamentar emerito e com uma invejavel reputação feita, de paladino da hombridade civica, das liberdades publicas e da largueza politica, em defesa das quaes se tinha batido valorosamente, contra a prepotencia governamental da Republica, quando representante da Bahia no Congresso Nacional, resistindo a todas as provações, mantendo illeso o seu caracter, desfallece agora em sua estatura moral, como ministro de Estado, na evidente preoccupação de segurar-se n'essas funcções, com que, alias, nenhum favor lhe fiséra o Sr. Dr. Rodrigues Alves, curvando a espinha dorsal e distillando dos labios a lisonja, em homenagem a seu subordinado hierarchico, o director de Saude Publica, na mais estranha inversão das posições — qual um simples sub-secretario, ou cousa que o valha, falando supplice a Bismarck—, quando o illustre Dr. Oswaldo Cruz é apenas amigo particular, e muito digno, do *benemerito* Sr. presidente da Republica!

Como podia, pois, o povo acreditar e confiar n'aquellas declarações insistentes do *Paiz*, em nome do ministro da justiça, quando este proprio dava provas do contrario, condecorando publicamente aquelle aborto com o titulo de *um esboço do regulamento, um trabalho feito e acabado,* legitimando-lhe a concepção no animo da commissão, embora com carta branca, alias ociosa, para ella deliberar, e enaltecendo o autor das *idéas infelizes,* d'esses *dispositivos inquisitoriaes* que, na expressão inspirada do *Jornal do Brazil*, perseguem a população

desde o berço até o casamento, desde o primeiro vagido até a primeira volição de um estado, de uma profissão?

Como podia contemporisar ante um governo, que abdicava a dignidade do poder publico no monopolio da dictadura sanitaria, crepitando a tudo isso nas ruas o fusil da policia?

Humanamente impossivel.

*
* *

Foi n'essa emergencia vulcanica, ardendo já os prodromos da guerra civil, na cidade e nos suburbios, provocado o brio do exercito na pessoa do tenente-coronel Lauro Sodré, como outr'ora, sob o Imperio, e com o mais decidido apoio do *Paiz*, na pessoa do tenente-coronel Senna Madureira, de saudosa memoria, e levado o povo até o desespero e allucinação pela teimosia autocratica do governo e pela flagrante renegação do pseudo orgão democrata, que a Escola Militar —a mentalidade virtual da classe —escreveu a primeira pagina civica do exercito na Republica, amparando a sociedade e promovendo a sua propria rehabilitação moral, que demasiado já tardava.

Olympio da Silveira, o honrado e bravissimo soldado, como até pouco antes o chamava o *Paiz* (pag. 33), foi o precursor da gloriosa jornada, dirigindo-se homericamente, sosinho, ao Sr. presidente da Republica e ponderando-lhe, com o devido acatamento, a conveniencia politica, administrativa e sociologica de dispensar do governo o ministro da justiça, como o meio mais prompto e efficaz de solver a crise, que se desenhava formidavel.

Não podia haver obra maís meritoria, mais patriotica, mais plausivel da consciencia nacional, que palpitava por esse desafogo. E o *Paiz*, anathematisando-a como *um crime de lesa-patriotismo, uma pagina negra para a nossa civilisação—o producto da vil ambição e da*

perfidia, exploradas por elemento monarchista—, cuspiu verticalmente para o ar e recebeu em pleno rosto toda a maculante salivação.

Na sua tonitruosa catilinaria, como para excitar a colera vingadora de Jupiter, disse «que pretendia-se reproduzir o episodio de 1889 em todos os seus detalhes, desde o juramento original que se enterrou com a bandeira na pedra fundamental do edificio do Club Militar, que vai ser construido na Avenida Central, solemnidade que teve lugar na data historica de 9 de Novembro, evocada como poderosa suggestão, até o pronunciamento marcado para o dia 15 do mesmo mez, annunciado aqui e nos Estados; que os alumnos se decidiram pelo levantamento da Escola, para cumprir um dever de solidariedade, em vista de documentos, exhibidos na vespera pelo Sr. Lauro Sodré, comprobatorios de que todos os corpos da guarnição, as fortalezas e a marinha estavam de accordo em depôr o governo, que se achava fóra da lei e era inimigo da Republica» (traidor já o tinha chamado a folha de maior circulação!)

E, depois de descrever assim a psychologia do levante, lança sobre elle este infectuoso jacto: « Si tivesse triumphado a bernarda da dictadura do Sr. Lauro Sodré, d'essa victoria de acaso a consequencia immediata seria o *saque da cidade, a invasão dos domicilios, os attentados pessoaes.*»

Conseguintemente, o golpe de mão de 15 de Novembro de 89, tão decantado ainda hoje pelo mesmo orgão, como a estrella d'alva da patria democratica, e do qual é viva reproducção este de que se trata, si tivesse tambem falhado, constituiria, com maioria de razão, um commettimento de negra memoria, effeito de torpe ganancia, de atroz deslealdade, de revoltante traição,—e Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant, Floriano Peixoto, Almeida Barreto, Frederico Solon, Nepomuceno Mallet, Quintino Bocayuva, Aristides Lobo, Ruy Barbosa, Demetrio Ribeiro, Campos Salles, Francisco Glycerio e outros proceres, segundo esse criterio

do *Paiz*, seriam *uns brazileiros desnaturados, ambiciosos vulgares, uns miseraveis mashorqueiros — o opprobrio da sociedade, a infamia da classe, a deshonra da Patria.*

Ainda mais: tripudiando sobre o jazigo da tradição administrativa da Republica, de que elle proprio se diz collaborador efficiente, escarrou sacrilegamente á face dos gloriosos vencidos de 14 de Novembro este insulto, só proprio do mais impudico adulão mercenario: «Confrange-se-nos naturalmente o coração, ao pensar no que poderiam ser as consequencias de um governo, que não tinha por si o cunho da legalidade e não era sinão o producto de um motim de quartel, originario de uma serie de motins, para que contribuiram os mais terriveis bandidos».

Ora, o governo instituido a 15 de Novembro de 89, foi oriundo de um motim de quartel, para o qual concorreram os sicarios da penna, mercadores politicos da honra nacional, que são, sim, os mais *terriveis bandidos*, não esses operarios civicos, bravos impugnadores da vaccina obrigatoria, que ensinaram aos pseudos representantes da opinião publica o caminho da sacro-santa defesa das immunidades naturaes e da liberdade individual do homem,o pundonor da coragem pela garantia do lar sagrado da familia; notando-se que foi membro proeminente d'aquelle governo, o proprio director e redactor-chefe do *Paiz,* Sr. Quintino Bocayuva, conjunctamente com Benjamin Constant e Demetrio Ribeiro, ambos sectarios do positivismo, ideal que o *Paiz* ora condemna e adduziu aos motivos do anathema lançado sobre o tenente-coronel Lauro Sodré e o major Gomes de Castro!

A proposito, e obedecendo ao nosso programma de imparcialidade e justiça, releva consignar e considerar aqui a opinião do abalisado Sr. conselheiro Ruy Barbosa, que de algum modo robustece aquelles conceitos do *Paiz*, externada da tribuna do Senado, em magistral discurso proferido por occasião da decretação do estado de sitio e que é mais uma das constellações doutrinaes com que S. Ex. tem illustrado a historia patria, da tri-

buna da imprensa, da tribuna forense e da tribuna do parlamento.

Disse o eminente senador: «Não se irmane a sublevação de agora com a de 1893 e muito menos com a de 1889. Aquella de 93 tinha á sua frente nomes altamente responsaveis, não era um grupo de conchavos que se dissolvem e fogem uns aos outros ao primeiro contacto da lucta. Seus capitães não se sumiam como sombras ao primeiro momento do perigo. Expunham brava e tenazmente a sua responsabilidade, a sua pessôa, a sua vida. Não era um mixto de arruaça inconsciente e demagogia fardada. Não era uma trama urdida ás escuras para saltear o poder e delle usar no dia immediato, á mercê dos interesses dos vencedores.

«A de 89 era dirigida pelas summidades, que eram então notaveis, do exercito e da marinha. E com elles cooperava o elemento civil, representado por homens, cujo passado respondia pelo seu futuro».

Perdoe-nos o nosso indubitavel Homero: deu um cochilo e não pequeno.

S. Ex. usa de um argumento, de uma dialectica que subverte o processo e a historia das conspirações politicas em toda a parte do mundo, e sabidamente entre nós.

Quando appareceram, em qualquer das sublevações havidas neste paiz, esses nomes altamente responsaveis? Em que phase da conspiração ou da tentativa?

Deu S. Ex. a perceber pelo *Diario de Noticias,* que brilhantemente dirigia e redigia, em 89, ou por qualquer outro meio publico, o plano desse levante, concertado com a sua collaboração e responsabilidade? Deu-o, igualmente, por occasião da revolta da esquadra, em 93, quando estava á frente de outra importante folha—o *Jornal do Brazil?*

Absolutamente não; nem de nenhuma outra fonte houve tal revelação. Pelo contrario, ainda na vespera daquelle golpe de mão, o Ajudante General do exer-

cito, marechal Floriano Peixoto, o chefe que tinha nas mãos a chave da guarnição militar — garantia das instituições juradas—, escreveu uma carta, que é hoje um documento historico, ao presidente do conselho de ministros, o digno Sr. Visconde de Ouro Preto, felizmente ainda vivo, tranquillisando-o sobre uns boatos vagos e repetindo que o governo *podia reposar na lealdade dos commandantes dos corpos*.

*
* *

Foi exclusivamente militar, e exclusivamente do exercito, o elemento revoltoso que, com um unico general á frente, de graduação correspondente hoje á de general de brigada, se apresentou no Campo de Santa Anna, hoje Praça da Republica, e tornou-se em poucas horas victorioso, sem lucta de especie alguma, graças á confraternisação plena das forças legaes ao mando do bravo brigadeiro Almeida Barreto, recentemente fallecido no posto de marechal, que manobrava de previo accordo com Floriano. E só após esse facto, deposto e preso o ministerio, foi que Deodoro da Fonseca — o grande astro do advento — dirigiu-se com a sua alvoroçada legião ao Arsenal de Marinha e ahi, então, foi consagrada a identificação material e moral da armada, representada nesse pacto solemne pelo chefe de divisão Eduardo Wandenkolk, fallecido ha poucos annos no posto de almirante, mas sempre com a mesma alma franca e brincalhona de aspirante ; e só d'ahi, a partir dessa marcha de exhibição triumphal, começaram a ser conhecidos os *nomes de altas responsabilidades,* começaram a surgir os collaboradores da interpresa, civis e militares, que foram tomando logar na galeria dos conjurados e na cohorte dos vencedores, sendo ainda para notar que, d'entre os de mais peso intellectual e moral, embora aproveitados desde logo como membros da junta governativa, alguns guardaram longos annos o segredo de sua coparticipação de conspirador, como S. Ex. proprio e o

Sr. Quintino Bocayuva, que só o revelaram francamente, mas em forma de acto de contricção, em 1897, debulhados em pranto nacional, sobre o tumulo desse incomparavel Marechal de Ouro, que se chamou Carlos Bittencourt.

Quanto á revolta da esquadra, de 93, basta recordar que seu chefe, o saudoso almirante Custodio de Mello, um dos marinheiros mais illustres, mais competentes, mais valorosos do Brazil, assassinado moralmente pelo governo da Republica, tendo com rara habilidade conseguido embarcar, ás 7 horas da noite, debaixo de chuva, no cáes da Imperatriz, em uma lancha do Lloyd, acompanhado apenas do distincto 1º tenente Francisco de Mattos, para bordo do *Aquidaban*, só teve por elementos de lucta os que adquirio com o seu dominio da bahia, impossivel de ser obstado pelo governo; tanto assim que nunca poude dar um desembarque nesta Capital, nem seu successor, o immortal almirante Saldanha da Gama, por faltar-lhe absolutamente o concurso de terra, que era imprescindivel.

Esta é a verdade incontrastavel, que está na consciencia de toda esta população.

Como, pois, avançar, allusivamente á de 14 de Novembro, que taes sublevações não tinham sido tramadas ás escuras, para saltear o poder, nem seus capitães se sumiam como sombras ao primeiro momento da lucta?

Por ventura não foi um assalto ao poder aquella junta revolucionaria, posta *á mercê dos vencedores*, expulsando incontinente, pelas trevas da noite, como se fôra um tyranno, o maior dos brazileiros, D. Pedro II, o mais perfeito dos democratas?

Com quem bateu-se Deodoro? Alguem o recebeu á bala?

Travou Custodio de Mello algum combate para assenhorear-se da bahia do Rio de Janeiro?

Não e não.

Por ventura o general Travassos, que S. Ex. proprio tanto abona na estima social e nos serviços á

Republica, estaria abaixo de um ou de outro, daquelles capitães, em merito, dignidade e valor? E' possivel expôr com mais *bravura,* do que elle o fez, *a sua responsabilidade, a sua pessôa, a sua vida?*

Haverá, neste paiz, quem negue a Lauro Sodré, por S. Ex. mesmo reputado um espirito notavel, os requisitos e qualidades capazes de constituil-o a mais perfeita, a mais legitima personificação civica, moral e scientifica de Benjamin Constant?

Gomes de Castro — o novo *Bayard* brazileiro —, identificado no espirito, na crença, no patriotismo e nos sentimentos com Lauro Sodré, não praticou na Escola do Realengo aquelle arrojo de temeridade, quasi sobrenatural, lembrando um cavalleiro da *Santa Cruzada,* que S. Ex., no mesmo discurso, abusando da sua genial autoridade artistica, converteu no pedestal da figura épica que traçou ao general commandante da mesma Escola?

— Poderá haver maior independencia e nobreza de caracter do que a digna, vibrante, imperturbavel altivez com que elle confessa e sustenta a legitimidade do seu acto, perante o conselho de investigação e de guerra, a que responde?

E Alfredo Varella — o spartano? Que maior vulto do elemento civil podia apresentar a jornada de 14 de Novembro?

— Esgrimindo no parlamento com a independencia do catão; batendo-se na praça publica, de espingarda ao hombro, com a bravura do leão, quem ha ahi, na historia da Republica, que possa disputar-lhe o pennacho civico?

*
* *

Cumpre, entretanto, desfaser um engano, em que labora o preclaro tribuno, de bôa fé, sem duvida: não constavam só de dois batalhões as forças legaes que se opposeram á Escola, mas sim de toda a Brigada Policial, que se compõe de quatro corpos, e mais um

batalhão de infanteria, uma bateria e um piquete de cavallaria do exercito, ao passo que o pessoal ao mando de Travassos pouco excederia de trezentos homens, conforme a noticia descriptiva do proprio *Paiz*, do dia seguinte.

Com que criterio, então, estabelecer essa differença caracteristica, tão deprimente do episodio de 14 de Novembro?

Creia S. Ex.: tivesse-o bafejado a fortuna da execução e a chronica do dia seguinte, simultaneamente com o cortejo cambiante, registraria *as summidades notaveis*, os *nomes altamente responsaveis*.

Mas ahi está o relatorio do chefe de policia, de 23 de Dezembro — um documento official —, si bem que aleivoso, pueril e ridiculo na enscenação da sua actividade e da sua aptidão, demonstrando que a jornada Lauro Sodré não foi uma pantomima de *sombras fugidias*, senão uma revolução social de homens destemidos.

«Foi um movimento preparado com antecedencia, diz o relatorio, não de dias, mas de mezes, e que apenas requeria um pretexto qualquer, que momentaneamente lhe explicasse a explosão, os gravissimos successos de que foi theatro esta Capital no mez de Novembro findo e que produziram o maior alarma social, pondo em risco imminente a vida, a propriedade e a honra dos habitantes, e tendentes á destruição do nosso regimen constitucional pela implantação de uma dictadura, de que seria chefe ostensivo e supremo o tenente-coronel Dr. Lauro Sodré, senador da Republica, e como escala para a restauração da Monarchia. Esse movimento esteve para irromper na noite de 17 de Outubro, data da commemoração do anniversario natalicio daquelle militar—uma festa concorrida, em que o deputado Dr. Barbosa Lima, um dos conjurados, o saudára como o *Guião impoltulo na vereda da victoria*, o *reivindicador da liberdade da Patria*, E não fosse estar a policia de sobre aviso, alerta, em vigilancia,

é certo que naquella noite os rebeldes teriam procurado o benemerito chefe do Estado, afim de destituil-o da altissima dignidade para que fôra designado pelos votos da nação, a que serve com o mais acendrado patriotismo, executando e cumprindo com perfeita lealdade a Constituição Federal, promovendo o bem geral da Republica, observando as suas leis e sustentando-lhe a união, a integridade e a independencia.

Entre parentheses. Este alambique do engrossamento impudico e da crassa protervia, foi logo estancado pelo illustre senador A. Azeredo, aliás amigo do governo, n'um artigo, tão brilhante quão incisivo, sob sua assignatura individual, tendo por epigraphe. «O Nosso Protesto» publicado na pagina de honra da *Tribuna*, de que é redactor-chefe, no qual rebateu dignamente a intimação prepotente, feita na vespera áquella folha, para não emittir juizo sobre a prisão violenta do Dr. Edmundo Bittencourt, redactor-chefe e fundador do *Correio da Manhã*, por facto inteiramente alheio aos acontecimentos politicos, e fez a critica ao Dr. Cardoso de Castro, escalpellando-o assim: «...uma autoridade subalterna, demissivel *ad nutum*, que se approveita de um documento official e, ignorantemente, se julga no direito de louvar o procedimento dos seus superiores hierarchicos! Mas, faça-se a sua vontade: S. S. ficará sendo o chefe mais sensato, mais perspicaz e mais *Javert* que a nossa policia tem possuido...»

Está fechado o parentheses.

« O que não poude ser feito em 17 de Outubro, continúa o relatorio, ficou para 15 de Novembro, em que a Republica celebra a sua proclamação, dizendo-se que o senador Lauro Sodré assumiria nesse dia a dictadura, em consequencia de um movimento de rebeldia das tropas em parada; mas, vendo claro a impraticabilidade dessa trama, os agitadores Vicente de Souza, Varella e Barbosa Lima imaginaram outros processos de perversão e na lei da vaccinação obrigatoria viram o pretexto ambicionado. Convocam, então, reu-

niões populares para o Centro das Classes Operarias, sob a presidencia daquelle senador, o futuro dictador, e este fala ás paixões e as insufla em discursos inflammados, aconselhando a reacção á bala.

A todos esses movimentos, a policia estava alerta e a Brigada Policial de promptidão.»!

*
* *

Expurgada assim a face material do commettimento, passemos á face moral — á causa efficiente —, a mais importante, de certo :

Quanto ao 89, o conspicuo senador diz « A espada já era o arbitro da sorte da corôa. A Monarchia já se lhe submettera abertamente em 1888, quando o manifesto dos tres generaes obrigou o ministerio Cotegipe a passar pelas forcas caudinas. Era uma abdicação moral, a que a revolução, no anno seguinte, logicamente dedusio a consequencia, mudando a forma de governo. »

E' preciso convir: admittido mesmo que assim fosse, este facto seria um importante factor, nunca o ideal da destruição de um regimen politico, em que a nação era respeitada, florescia, com o cambio acima do par, possuindo a hegemonia sul-americana, e o povo era contente e feliz.

Mas ha seus equivocos ahi: o manifesto de dois generaes, não de tres: o marechal Visconde de Pelotas e o general Deodoro (pg. 8), appareceu em 1887 e foi solvido nesse mesmo anno, com applausos da imprensa democratica, sobrevivendo o ministerio Cotegipe, que só cahio em Março do anno seguinte *sponte sua*, por ter dignamente sustentado e acompanhado o seu chefe de policia, o masculo Dezembargador Coelho Bastos, que se tornára impossivel de ser mantido no cargo, aos olhos da Princeza Imperial Regente, depois do incidente Leite Lobo, o infeliz capitão-tenente que, soffrendo das faculdades mentaes e achando-se a praticar desatinos, alta noite, á porta de uma messalina, fôra pela patrulha ron-

dante recolhido á estação policial mais proxima e ahi conservado até a manhã seguinte, donde resultou pronunciar-se ostensivamente o Club Naval, reunido em sessão permanente, reclamando, por intermedio do principe D. Augusto — 2º tenente da armada, a desaffronta da classe pela demissão do chefe de policia.

Conseguintemente, partio da armada, não do exercito, o cheque-mate ao Gabinete, si cheque houve.

Em todo caso, o Imperio estava tão prestigiado, tão forte da opinião, que resolveu o monumental, patriotico, mas temerario problema da abolição incondicional da escravidão, sem nenhum abalo, nenhuma commoção, por entre sorrisos e flores, recebendo a Excelsa Redemptôra os mais assignalados preitos de homenagem publica da sociedade e os mais ardorosos protestos de amor civico e reconhecimento por parte daquelles mesmos que, 18 mezes depois, se constituiram arautos de sua expulsão da patria amada!

No anno seguinte, ao regressar da Europa D. Pedro II, o magnanimo Imperador, teve nesta Capital uma recepção verdadeiramente magestosa, em que predominava o puro elemento popular, que enchia litteralmente as ruas, praças, e morros, n'uma delirante apotheose, na qual salientou-se o proprio exercito, representado pela altiva mocidade da Escola Militar, que escalou, com uma dedicação e coragem ultra admiraveis, o cimo do Pão de Assucar e lá desfraldou uma enorme bandeira, avistada desde Cabo Frio, tendo ao centro a mais symbolica saudação do affecto d'alma, do enthusiasmo e da alegria: « Salve! » em lettras garrafaes, da côr da neve!

O novo ministerio, o que succedeu ao da abolição, apresentou-se com o adiantado programma da federação das Provincias, o que equivalia a uma Republica Unitaria Parlamentar, com a incomparavel vantagem de manter uma unica dynastia e essa virtuosa, querida do povo, em vez das 21 *negregadas olygarchias de familia* que estão cavando a dissolução da Patria, tendo sido com esse objectivo destinada uma das pastas ao mesmo

Sr. conselheiro Ruy Barbosa, batalhador emerito do partido liberal, que peremptoriamente a recusou, dando-se pouco depois o golpe de 15 de Novembro.

*
* *

«Em 1893, continua S. Ex., a revolta tinha uma defesa, uma justificativa, que não cabe ás outras; era uma reacção armada contra as irresponsabilidades de um governo militar.»

Perdôe-nos ainda o eximio parlamentar: este conceito é contraproducente, desmancha a figura legal com que S. Ex. assentou as premissas basicas de sua luminosa oração.

O Congresso Nacional, interpretando cavilosamente embora a Constituição, tinha votado e promulgado a legitimidade do exercicio pleno do vice-presidente da Republica — marechal Floriano, durante todo o tempo restante (mais de dois annos) do quatriennio do marechal Deodoro; e, si não tinha valor, nem devia ser respeitada, por contraria ao estatuto fundamental da Republica, a resolução que conferiu tal investidura, pela mesmissima razão tambem nada valia, e devia ser arguida de illegitima, a lei da vaccinação obrigatoria, averbada de inconstitucional por S. Ex. proprio, tornando-se assim, por tanto, licita, procedente, justificavel a resistencia material contra ella, sem dependencia de mais recursos legaes — meros palliativos n'uma situação de abdicações moraes — que, entretanto, S. Ex. prescreveu como escala para a reacção popular.

O que interessa ao nosso futuro Tacito saber é, si naquella época, militar ou civil o governo, davam-se o *arbitrio dominante*, *as prepotencias violentas*, *a conspurcação das liberdades publicas e do direito*, essa larga porta por onde, no proprio entender de S. Ex., tantas vezes externado, *têm entrada as reivindicações revolucionarias do povo, da nação, da sociedade.*

Admittindo que houvesse, então, esses motivos bastantes, de irrecusavel acceitação, politica e socialmente falando, como virtualmente se contem na lucida apreciação de que ora nos occupamos e em outras anteriores do mesmo consummado publicista, e como o autor destas linhas conscienciosamente subscreve-o, provado fica que o movimento armado de 14 de Novembro tem a sancção desse *direito da soberania nacional*, desses principios essenciaes da dignidade humana que, na phrase olympica de S. Ex., *precedem a todos os regimens organisados e dormem na base de todas as Constituições;* por quanto, si na administração actual gosamos da regalia, aliás não pequena, que não tinhamos naquelle tempo, de poder o cidadão dormir tranquillo na sua casa, em compensação temos, como contrapeso a todos os outros males, cada vez mais desenvolvidos, a instituição lazarenta dos dois pontos cardeaes da decadencia e aniquilamento de um povo: a deshonestidade cynica do governo e o padrão monetario do caracter publico, avassalando o brio nacional.

Na imprensa livre, da União e dos Estados, era unisono, a 14 de Novembro, como ainda o é hoje, o clamor levantado, suspirando todos os patriotas por uma solução de continuidade a tão angustiosa e depravada situação, que agora mesmo nos está dando o mais vergonhoso espectaculo—esse indecoroso certamen de pretendentes á successão do Sr. presidente da Republica, em que o candidato reputado official — o Sr. Dr. Bernardino de Campos e o seu *alter ego*, Sr. Dr. Lauro Müller, actual ministro da viação, quotidianamente, sem treguas, são accusados com o maior desassombro, dizemos mal, são fulminados e denegridos, não só em artigos ineditoriaes do *Jornal do Commercio*, mas tambem pela propria redacção do *Correio da Manhã*, e de outras folhas estadoaes, inclusivamente de S. Paulo, na linguagem a mais infamante e positiva, de *gatuno e ladrão para baixo*, reduzindo-os a dois corpos em decomposição tal, que já obriga a sociedade limpa a andar de

lenço ao nariz, sem que os accusadores sejam siquer chamados á responsabilidade—essa tal ou qual satisfação dada á moralidade publica—, quanto mais convencidos de inexactidão e calumnia, nem os accusados se deem *por achados*, se mostrem sensiveis á marca publica do ferro em braza, continuando, ao contrario, a figurar no docel da politica dominante, cada vez merecendo mais para o Sr. presidente da Republica, e este recebendo manifestações *adrede* preparadas, como a de 25 de Março, com o sacrilego caracter de homenagem patriarchal, quando não passou de refinada politicagem, a que se associou até o Sr. Arcebispo Metropolitano, D. Joaquim Arcoverde, não obstante a separação da Egreja do Estado!

O diluvio da dissolução moral!

*
* *

Em summa, outro não é o espirito dos seguintes conceitos, emittidos tambem pelo eximio senador, em discurso proferido anteriormente, por occasião de discutir-se o celebre projecto da autorisação do emprestimo municipal —de oitenta mil contos de réis—, para o embellezamento desta Capital. «Entendo que, disse S. Ex., antes dessas obras de alta esthetica, de gosto sublimado, precisamos de curar de interesses mais directos e mais essenciaes á hygiene desta cidade. Não temos agua, não temos esgoto, não temos calçamento. O Congresso, o anno passado, creio que por proposta minha, votou uma autorisação ao governo, de onze mil contos, afim de occupar-se com o serviço do abastecimento d'agua e entretanto, até hoje, não o poz em pratica! Ainda quando os compromissos deste emprestimo fossem compativeis com o estado de penuria da população carioca, a attribuição que vamos dar é uma illegalidade, que fere a Constituição e o nosso regimen, nos pontos mais vitaes do seu organismo. Protesto contra essa revisão constitucional, espuria e

criminosa, feita pelos meios abusivos, arbitrarios, em cujo caminho vamos seguindo.

« Ainda hontem ouvimos, sobre esse assumpto da revisão, ao honrado representante do Districto Federal, o Sr. Dr. Lauro Sodré, e sou daquelles que applaudem a franqueza com que elle se manifesta. Confesso, porém, que muitas vezes tenho perguntado, no intimo de mim mesmo, si este remedio será efficaz bastante, na triste situação a que descemos.

« A mim me tem chegado a parecer duvidoso o effeito dos meios revisionarios, por ter entrado no meu espirito a convicção de que a enfermidade de nossa terra é sobre tudo moral. O que precisamos principalmente é interessar o paiz na administração dos negocios; *convencer ao povo que é da sua existencia que se trata; que elle deve habituar-se a sentir, a reagir e a querer e delle proprio deve vir os meios de salvação* ».

Ora, sendo semelhante pratica administrativa a completa negação do regimen, como se vê d'esta autorisada opinião, e tendo sido o exercito quem o implantou, em nome da nação, a elle, obviamente, compete, de facto e de direito, operar a solução de continuidade reclamada, impulsar e encabeçar a reivindicação democratica e o resurgimento moral da Patria, tão envilecida, honrando assim o seu proprio compromisso tomado a 15 de Novembro e as tradições de collaborador activo, que sempre o foi, em todos os problemas sociaes e politicos da nação, segundo S. Ex. affirmou-o n'aquella grandiloqua oração.

Ousamos, pois, esperar que, em vista do exposto, o grande publicista se dignará de reconsiderar o seu juizo.

*
* *

Mascaras abaixo!

A disciplina dos exercitos regulares é uma só, em toda parte do mundo, sob qualquer fórma de governo.

Onde dá-se a mesma razão, dá-se a mesma disposição. O 15 de Novembro devia, deve e ha de ser expurgado pelos mesmos obreiros e pelo mesmo processo.

Diga-se a verdade. Esta explosão da Escola Militar, em que pese aos utilitarios, aos exploradores do regimen, civis e militares, foi a providencial ruptura, que a Historia registrará com lettras de ouro, desse contubernio immoral e tyrannico, em que coube ao exercito o papel degradante de instrumento da decadencia e da corrupção do Brazil, de guarda responsavel e garante d'essa camarilha oligarchica, que se tem cevado na gestão publica, com o mais profundo aviltamento da Patria, com o maior deslustre da farda nacional, de terra e mar, dessa infame saturnal de usurpações, escandalos, traficancias e roubos, que o proprio *Paiz*, n'esta mesma administração Rodrigues Alves, synthetisara assim: « Vampiros sugam as ultimas gottas do velho sangue da nobreza d'alma, que outr'ora fluia tranquillo e orgulhoso pelas veias brazileiras. Ao lado dos trusts industriaes, parece haver se organisado o trust da immoralidade e do latrocinio. »

Tudo tem seus limittes e tem fim.

Soou a hora do exercito sacudir o pesado e macerante fardo que exhauria-lhe as forças ingloriamente, de restituir o antigo luzimento á sua valorosa espada, retirando-a do serviço deshonroso da dictadura disfarçada, dessa miseravel deturpação do regimen, que tanto ha corroido a nação e flagellado o povo. E fal-o-ha irremissivelmente, fatalmente, sob pena de não salvar-se nunca das justas maldições da Patria, como o editor responsavel d'esta *democracia da força bruta*, d'esta *Republica do arrocho, expoliadora do povo,* como dizia o *Paiz*, e atolar-se para sempre no pustuloso charco da choldra dominante, desapparecendo então da Carta Geographica a integridade deste colosso, ao embate dis-

solvente da anarchia material e moral que lavra de Norte a Sul.

*
* *

Nem ha um instante a perder : o governo, conscio d'estas verdades e do pricipicio em que se collocou, visa coroar com um tiro ultrajante a sua nefasta orientação politica — de menospreço e degradação do exercito — que o mesmo *Paiz*, antes de passar-se para os arraiaes dos *famelicos*, verberava n'estes termos: «o governo satisfaz os caprichos dos régulos estadoaes, sem a menor consideração pelo bem estar, pelo brio e pelo pundonor dos militares. Se esta é a situação moral do exercito, a sua situação material não é melhor. »

Quer agora infligir-lhe a maxima affronta : substituil-o pelos pretorianos da Brigada Policial, elevando o pessoal d'esta a mais do duplo, de modo a ficar superior em numero de praças ao total dos corpos d'esta guarnição, enguiço este operado depois que partiu de suas fileiras a bala parricida que feriu de morte o saudoso general Travassos, a quem ella devia os seus creditos disciplinares e os grandes melhoramentos do quartel de Barbonos.

Outro não é o alcance e o objectivo da autorisação que o *subserviente* Congresso, nos ultimos dias da sessão finda, enxertou no orçamento da Justiça, por proposta do senador pernambucano, o illustre Dr. Gonçalves Ferreira, approvada electricamente, sanccionada incontinente e desde logo usada pelo governo, no afan com que promoveu a confecção do regulamento de reorganisação da Brigada, n'aquelle sentido, e que só não foi ainda publicado e posto em vigor, por não terem chegado as metralhadoras mandadas comprar na Europa, segundo é voz corrente e foi denunciado pelo *Correio da Manhã;* cohonestada, porem, essa demora com a surprehendente occurrencia do fallecimento repentino do general Piragibe (consta

que de insolação apanhada no sequito do presidente da Republica, do Arsenal de Marinha para o Cattete e vice-versa, no primeiro dia que S. Ex. desceu de Petropolis, onde estava veraneando) e pela consequente revisão do novo commandante, o illustre general Siqueira de Menezes, como é natural.

O fundamento allegado foi a insufficiencia da Brigada para o serviço a seu cargo, attento o desenvolvimento material da cidade e o augmento da população.

Este facto é verdadeiro; mas o momento escolhido para levar a effeito essa reorganisação e o açodamento empregado na autorisação obtida, atropelando-se as normas regulares, á ultima hora dos trabalhos parlamentares, como si se tratasse de uma medida de alta relevancia, d'essas de salvação publica, trahe por completo aquelle pretexto, tornando evidente que o seu intuito real, o seu verdadeiro movel, foi um accinte e uma ameaça ao exercito, pondo-lhe em frente essa legião prompta a suffocal-o, n'um momento dado; accrescendo que aquella insufficiencia invocada resulta, em grande parte, do abuso inveterado de ser distrahido mais de um terço, talvez, do estado effectivo das praças, em serviços estranhos ao policiamento d'esta Capital.

E quanto á moralidade, ao interesse pelo bem publico e ao desprendimento que dictou a concepção e apresentação de tal proposta, é segredo da consciencia do seu autor, que não temos o direito de devassar. Entretanto, releva consignar o seguinte facto, que é uma prova em seu desabono, colhido na pesquiza chronologica dos acontecimentos que a improba tarefa nos impõe: encerrado o Congresso, a 30 de Dezembro (oito mezes consecutivos de sessão subsidiada, quando a Constituição prescreve quatro!), entraram as ferias da Faculdade de Direito do Recife, de que é digno cathedratico o Dr. Gonçalves Ferreira, e terminadas estas, o ministro da justiça declarou, por telegramma dirigido ao director da Faculdade, que *esse lente devia*

ser considerado á disposição delle ministro (um senador da Republica !), escandalo que, no dia seguinte, foi disfarçado por outro telegramma, em additamento, mandando *consideral-o no gozo de licença.* Assim ficaram garantidos os seus lazeres e proventos em todo o interregno da sessão legislativa!

O Paiz, que tanto havia bramado (pag. 26) contra o legislamento de rabadilha, como elle chamava essas autorisações addicionadas, á ultima hora, á cauda dos orçamentos, applaudiu e advogou fervorosamente o enxerto da de que se trata e bem assim a immediata reorganisação da Brigada, assumpto de que se occupou em tres extensos editoriaes, encarecendo, sobre tudo, a conveniencia do augmento do pessoal, *contra que não devia actuar no animo do governo a covarde preoccupação de augmento de despezas.* Chegou a pronunciar-se assim: « Os nossos votos são para que na reforma em elaboração o governo não tenha a fraqueza que tudo invalida e tudo estraga entre nós; faça-se o que é preciso fazer e teremos feito valiosa economia. »

*
* *

Vejam o publico e a nação! Este mesmo *Paiz*, sob a direcção em chefe de Quintino Bocayuva—ainda hoje o seu oraculo politico—, serviu-se d'este mesmo thema, pelo inverso, em Outubro de 1889, para insuflar e açular o exercito, contra o governo Imperial, sobre quem atirou esta bomba explosiva: « Dois alicerces sustentam todo o novo edificio institucional, que está sendo erigido como o monumento perenne que perpetuará as glorias do III reinado, cujo advento já bruxolêa por entre a caligem que rodeia o termo proximo do II reinado, a saber: a organisação de um exercito policial que possa ser contraposto ao exercito de linha, que representa uma instituição nacional e patriotica, e um syndicato omnimodo que, sem hasta publica ou concurrencia possivel, parece ter já arrematado todo o Imperio do

Brazil, appropriando-se de todas as emprezas e obras, de todas as operações e organisações financeiras, utilisando em seu proveito pessoal o credito publico e a propria moeda do Estado—engrenagem essa politica e financial que faz honra ao engenho do seu inventor e que propicia optimos fructos aos famelicos corretores e collaboradores da grande obra emprehendida e levada ao cabo pelo genio admiravel do illustre chefe do gabinete actual».

Tudo isso era uma insidiosa balella, como está na consciencia de todos os brazileiros; não houve alteração alguma no corpo policial, nem o governo cogitava de semelhante cousa, mas a bomba produziu o desejado effeito: 18 dias depois, o exercito depunha a Monarchia e proclamava a Republica, acolytado pela marinha!

Hoje, é uma realidade aquella sinistra idéa, revestida de toda a solemnidade e ostentação; hoje, sim, é que tem cabimento aquella apostrophe «organisar-se um exercito policial para ser contraposto ao exercito de linha, que representa uma instituição nacional!». E si o *Paiz*, que lançou-a outr'ora, sem motivo, aleivosamente, mas com exito, hoje renega a patriotica doutrina, para applaudir o insensato alvitre, tendo se tornado governista depois de haver elle proprio comparado a situação dominante a um *monstruoso queijo, onde algumas ratazanas se banqueteiam á farta, covarde e desprezivelmente*, é razão de sobra para que o exercito reivindique os seus brios, desmascarando o desprezivel especulador.

*
* *

Nem ha um instante a perder: ahi já começa a nauseante fermentação do pleito presidencial, ameaçando tomar proporções ainda mais dizimadoras da saude publica e da honra nacional, com essa indecente disputa da candidatura do successor do Sr. Rodrigues Alves, em que o syndicato politico de S. Paulo pretende

nada menos que reduzir este vasto paiz a uma feitoria bastarda, sujeita ao seu azorrague feudal, privada até da faculdade de pensar!

O facto de terem saido da Paulicéa, successivamente, os tres presidentes civis que a Republica tem tido—Prudente de Moraes, Campos Salles, Rodrigues Alves, já era assaz deprimente do caracter civico dos outros Estados federados, muitos dos quaes se avantajam áquelle na cultura das lettras e na galeria de politicos notaveis, de homens de saber, de reputados estadistas, não lhe ficando absolutamente em plano inferior nas tradições do patriotismo e do valor physico, como Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Minas Geraes, Pará, Maranhão (a antiga Athenas Brazileira), Rio de Janeiro, Capital Federal, porem de alguma forma se attenuava, sinão cohonestava-se tal successo, pela razão de não ter sido nenhuma d'essas candidaturas imposta senhorilmente, em nome do pretenso privilegio daquella circumscripção, e sim indicada sob o aspecto de uma mera inspiração patriotica, o que, sem tirar-lhe embora o caracter odioso, tornava-a menos offensiva do melindre nacional.

Mas, hoje, o syndicato paulistano já não se contenta com isso, não tolera que alguem estranho á sua grei, mesmo que seja uma influencia politica, apresente o nome de um paulista para a suprema magistratura; quer levar o seu desmedido orgulho, a sua desmarcada prosapia, a sua petulante supremacia até o requinte de monopolisar essa escolha, entre os proprios patricios, isto é, não admittir que outro cerebro sinão o seu possa concebel-a e apresental-a. Por isso repudiou a candidatura, em reeleição, do Dr. Campos Salles, lançada pelo illustre riograndense do sul, Dr. Pinheiro Machado—um politico de alto prestigio—e impôz a do Dr. Bernardino de Campos, um republicano de valor e culto entendimento, é certo, mas geralmente antipathisado e mal visto, d'esde aquella hespanholada de Santos, em 1893, de *não abaixar-se ás balas da esquadra,* até ás lugubres

apprehensões de sua probidade administrativa, já na presidencia de São Paulo, já no ministerio da fazenda, attestadas por accusações gravissimas, formuladas na imprensa, á sua honra e a seu caracter, das quaes, força é reconhecer, só foi defendido officiosamente, em parte, não cabalmente, corroboradas, sobre tudo, pelo conceito do conspicuo Dr. Prudente de Moraes—um paulista de grata e respeitavel memoria—, ainda ultimamente reproduzido em um artigo publicado no *Jornal do Commercio*, e que não teve contestação de ninguem, assim concebido.

«Os nossos politicos, com rarissimas excepções, perderam até a propria dignidade pessoal! O Bernardino de Campos, que se fez intimo do Campos Salles, está amigo do Glycerio!... Isto só tem uma explicação—*falta absoluta de vergonha.*»

Eis o homem publico com que nos quer presentear o syndicato de S. Paulo, que, indeciso a principio, tornou-se bem depressa resoluto, cedendo á inabalavel opinião e arbitral vontade do alludido senador Francisco Glycerio, *magna pars* da respectiva commissão central, conforme se vê do telegramma daquella procedencia para a *Tribuna*, e do qual constam mais as seguintes revelações:

a) que effectivamente o ministro da viação — o illustre Dr. Lauro Müller — foi até ali congratular-se com o candidato escolhido (o referido Dr. Bernardino de Campos), alongando a excursão emprehendida a pretexto de inspeccionar as obras do alargamento da bitola da Estrada de Ferro, de Taubaté em diante, o que não se verificou, nem na ida nem na volta de S. Paulo, segundo foi precisamente demonstrado em artigo da redacção do *Correio da Manhã*, sob a epigraphe «Ministro espoleta» e onde se lê o seguinte «O Sr. Lauro Müller, ministro da viação no governo do Sr. Rodrigues Alves, imaginou essa viagem a S. Paulo unicamente para os mais baixos misteres de politicagem réles, em que jamais um ministro de Estado se chafurdou em qualquer paiz onde a decencia e o pudor fossem objecto de respeito para os

homens publicos. Foi a S. Paulo, mascarando a viagem sob o pretexto de serviço publico, para *conseguir, na sua qualidade de ministro,* do presidente daquelle Estado, em nome do presidente da Republica, que interviesse junto ao Dr. Campos Salles, a fim de desistir da sua candidatura em favor da do Dr. Bernardino de Campos. »

b) que só depois de 14 de Novembro, e em reconhecimento de ter S. Paulo intervindo com forças estadoaes em auxilio do governo, foi que o Sr. Dr. Rodrigues Alves decidiu-se a apoiar o candidatura de Bernardino de Campos ».

Ahi está a ponta do veu grampado da apregoada neutralidade do Sr. presidente da Republica!

*
* *

As forças alludidas, constantes de dois batalhões de policia, como todo mundo se recorda, sahiram de lá na manhã de 15, quando já estava tudo acabado, quando o *Paiz* punha na rua a sua edição, dizendo «O governo domina completamente a cidade: a paz é completa. O pronunciamento abortou. Escrevemos á hora, em que a autoridade legitima não soffre mais contraste algum» e só aqui chegaram ás 8 horas da noite d'aquelle mesmo dia!

Quanto ao presidente de S. Paulo—a grande succursal do *Olympo*—, a intenção pode justifical-o, dada a falta de sciencia exacta do fracasso da Escola Militar até o momento do embarque das forças; mas, quanto ao Sr. presidente da Republica, o caso é diverso, a manobra politica é insophismavel.

Firme no seu posto, resoluto e sereno, tendo acabado de salvar a ordem institucional, debellando a mashorca da dictadura, cercado dos melhores elementos de defeza material e dos bons patriotas das differentes classes sociaes, como disse o *Paiz* e repetiram-no em côro os seus apaniguados, S. Ex. tinha o dever — de simples bom

senso, de simples criterio de chefe do Estado—, de mandar telegraphar incontinente, dispensando esse auxilio que, desnecessario como era, só visaria chocar a susceptibilidade do exercito.

Não o fazendo e, pelo contrario, retendo os dois batalhões n'esta Capital, até meiado de Dezembro, sem a minima utilidade do serviço publico, quando havia communicado solemnemente ao Congresso, por sua mensagem de 22 de Novembro, «ter cessado completamente a agitação popular e achar-se a cidade restituida á sua plena tranquillidade», provado está que o seu pensamento, o seu objectivo era aproveitar essa folha de parreira para encobrir aos olhos da nação o seu interesse inconfessavel por tal candidatura e ao mesmo tempo humilhar a força armada d'esta guarnição, pondo-lhe aqui essa vigia policial; sendo que, segundo ha sido denunciado em artigos publicados no *Jornal do Commercio* sob as assignaturas de «Venancio Ayres e outros», e nas columnas da redacção do *Correio da Manhã,* sem haver nenhuma contestação, esse interesse obedece ao seguinte plano, inspirado no sentimento paternal de garantir o futuro dos filhos: de 1906 a 1910, governará a Republica o Dr. Bernardino de Campos; de 1910 a 1914, governará o Dr. Lauro Müller, que já é preposto d'aquelle na pasta da viação do governo actual.

Tibiriçá designando os futuros pagés da sua tribu!

*
* *

Tão aviltante retrocesso da civilisação, semelhante calamidade politica, tão indecoroso systema de administração publica não pode continuar.

Nem o exercito e a armada derrocariam jamais a Monarchia, para trocar uma dynastia nobre, modelo de virtudes e patriotismo, tabernaculo da honra e da liberdade, por uma colméa hereditaria de corretores da politicagem, de zangões do erario publico, como tem sido este regimen. Para proval-o, basta o

exemplo fornecido pelo proprio presidente actual da Republica, Sr. Dr. Rodrigues Alves, aliás considerado pessoalmente um homem honesto: nomeou um filho, moderno bacharel em direito, seu secretario presidencial; nomeou um sobrinho, seu official de gabinete e mais tarde dotou-o com o 8º Officio de Tabelião de Notas d'esta Capital; nomeou outro filho, recem-formado em medicina, preparador da cadeira de histologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e mandou-o para a Europa, commissionado *gratuitamente* pelo ministro do interior e justiça, afim de comprar os apparelhos necessarios á montagem do laboratorio da dita cadeira, onde aliás já percebia ordenado ha longos mezes; nomeou um genro, procurador seccional da Republica, n'este Districto; nomeou um pretendente a genro, Juiz da Corte de Appellação; todos, é verdade, mais ou menos habilitados, serios e dignos, nada constando em seu desabono, porém, com estranhavel e dolorosa preterição de outros competidores mais idoneos, entre os quaes alguns republicanos definidos e cheios de serviços, que se avantajavam em direitos adquiridos, e no entanto foram postos á margem!

*
* *

Nem jamais a força armada destruiria o Imperio, que regia este collosso chamado Brazil, unificado, pujante, respeitado, progressivo, onde havia escola politica, regimen de principios, partidos organisados, um exercito e uma armada nobilitados, em summa, *unidade de justiça, unidade eleitoral, unidade administrativa,* na phrase do proprio *Paiz,* para offerecer ao mundo e á posteridade o contristador espectaculo d'este retalhamento politico da grande patria, despojada e reduzida a outras tantas satrapias, cada qual com o seu systema de organisação differente, n'uma completa balburdia nacional, assim destribuidas e dominadas:

A União é dos paulistas; o Amazonas é dos Nery; o Pará é dos Montenegro; o Piauhy é dos Pires Ferreira; o Maranhão é dos Benedicto Leite; o Ceará é dos Accioly; o Rio Grande do Norte é dos Pedro Velho; a Parahyba é dos Alvaro Machado; Pernambuco é dos Rosa e Silva; Alagoas é dos Maltas; Sergipe é dos Olympio de Campos; Bahia é dos Severino Vieira; Espirito Santo é dos Muniz Freire; Rio de Janeiro é dos Nilo Peçanha; Minas é dos Bias Fortes; São Paulo é dos Bernardino de Campos; Paraná é dos Vicente Machado; Santa Catharina é dos Lauro Müller; Rio Grande do Sul é dos Borges de Medeiros; Goyás é dos Xavier; Matto Grosso é dos Murtinhos.

O exercito e a armada foram completamente illudidos e fraudados no seu desideratum; hoje, portanto, que o reconhecem, não podem deixar de proseguir no passo dado para a reconstrucção moral e material da Patria, sem vacillar nem medir sacrificios.

Aos propulsores do alevantado pronunciamento de 14 de Novembro, uns já glorificados pelo sangue derramado e a perda da vida, taes como o intrepido general Sylvestre Travassos, o distincto alferes-alumno João Sylvestre Cavalcanti e o guapo sargento de alumnos Armando Camargo, outros encarcerados e na espectativa de uma condemnação despotica, tinha o destino reservado a espinhosa e abnegada missão de quebrar a funesta solidariedade e arrancar o exercito d'esse *lodaçal de miserias*, na phrase d'*O Paiz* de hontem, para enveredal-o na senda do ideal — de pura democracia —, que o levou a fazer o 15 de Novembro.

*
* *

Não importa que houvesse fracassado o movimento e o governo se mantivesse no poder, dominando os insurgentes, que já tinham voluntariamente retrocedido da lucta e deposto as armas, ante a perda do heroico chefe e a desigualdade enorme dos elementos de combate,

que lhes falharam á ultima hora. Essa victoria material, de que o governo e seus asseclas fazem tanta ufania, obtida unicamente pela bala que prostrou de morte o general Travassos, ferido tambem na testa levemente o tenente-coronel Lauro Sodré, é nulla, ephemera, verdadeiramente uma victoria de Pyrrho, como bem assignalou-a, na recordação psycologica dessa pagina da historia romana, o festejado Molière brazileiro, Dr. Carlos de Laet, a quem por isso o Sr. chefe de policia, Dr. Cardoso de Castro, mandou intimar a não proseguir n'essa patriotica escavação; victoria singular, em que as forças legaes atacantes, em numero de 1500 praças, mais ou menos, sob o commando do aguerrido general Carlos Piragibe, e constantes dos quatro corpos da Brigada Policial, de que era commandante o dito general, e mais do primeiro batalhão de infanteria, commandado pelo coronel Pedro Paulo da Fonseca Galvão, de uma bateria de metralhadoras guarnecida por praças do 2º regimento de artilheria de campanha e de um piquete do 1º de cavallaria — todos do exercito, (*Paiz* de 16 de Novembro), ao passo que a Escola marchava com pouco mais de trezentos homens, inclusive a guarnição de dois canhões Krupp e uma metralhadora, as forças atacantes, dizemos, correram para traz, n'uma disparada tal, que muitos se estraviaram no trajecto da Praia de Botafogo e rua Marquez de Abrantes, embarafustando pelas estalagens, horticulturas e os jardins das casas, e os restantes, os mais dedicados á causa do governo, só esbarraram junto ao palacio do Cattete, derramando ahi o panico geral, que tomou ainda mais incremento, depois da chegada e rapida exposição, desanimadôra, do coronel Pedro Paulo e do general Piragibe, donde resultou o atropello medonho que se deu na retirada dos assistentes de palacio, que a *Tribuna* tão espirituosamente definiu, noticiando a troca de chapeos havida n'esse momento, entre outros, o do reverendo conego Dr. Valois de Castro, digno representante de São Paulo

na Camara dos Deputados, que, por seu turno, *desapertou para a esquerda* e lançou mão de uma cartola, pertencente a outro illustre deputado, Sr. Dr. Gastão da Cunha — o rouxinol do tratado de Petropolis; panico *onça*, que invadiu os proprios Numes do Olympo e só acalmou-se depois do recado telephonico do inspirado Dr. Afranio Peixoto, director do Hospicio Nacional de Alienados — estabelecimento proximo á Praia Vermelha —, expedido ás 11 horas da noite, mais ou menos, communicando «que os alumnos voltavam em debandada para a Escola, sem o general Travassos.»

*
* *

Magico, psycologico recado!

Revigorou a *fibratura mascula* do chefe do Estado, proferindo a decantada phrase — «d'aqui só sahirei morto», ultimamente fundida n'esta outra «*este é o meu lugar*», e permittiu que Roosevelt—pseudonimo de uns notaveis artigos publicados, logo após, no *Jornal do Commercio* e que, pelo estylo fluente e attractivo, a par de certas tinturas de litteratura viajada, parecem da mesma lucida penna que traçou umas interessantes cartas sociologicas, de 1898, descrevendo a excursão européa do *histrião da nossa civilisação,* que ensaiava o *mis-en-scene* do seu quatriennio presidencial —, applicasse ao caso o philosophico preceito de Horacio « Os pintores e poetas sempre tiveram igual poder para phantasiarem á vontade».

Illustrando com seu habil pincel a scena epica em que o Sr. Conselheiro Rodrigues Alves, *batendo de leve com a mão sobre a mesa do trabalho,* quando suggestionado á passar-se para bordo de um navio de guerra, postado junto á ponte palaciana do Flamengo, afim de ir organisar a resistencia em São Paulo, respondeu com firmeza «*o lugar do presidente da Republica é aqui; d'aqui só sairei morto*», Roosevelt emmoldurou o gracioso quadro com a comica paisagem,

assim desenhada: «Nos momentos angustiosos, em que os illudidos do dia 14 viam-se perdidos nas pedreiras e nas ruas de Botafogo, lobrigando caido na escuridão da noite o seu general; procurando sem commando, aqui e ali, sob as dobras de um sobretudo de paisano, o brilho dos galões de um chefe; conjecturando ferimentos, suicidios, para explicar tão grande desgraça; n'esse momento, um advogado de São Paulo, fazendeiro, homem calmo, reflectido, sem prosapias, que nunca ameaçara ninguem á bala em reuniões politicas, tendo familia, fortuna, tudo para perder, levantava em seu posto de honra o renome da nosso bravura e da nossa fidelidade ao dever ».

« *No sea sonzo, hombre!* » diria um hespanhol do Prata.

«Bem recheado o papo!» dizemos nós, mas é trabalho perdido, Campos Sales não o chuchará.

Parece incrivel que n'esta cidade, onde logo pela manhã espalhou-se a tetrica noticia da degringolada e todo o mundo, d'esde o carroceiro até o diplomata, ficou sabendo que por toda a Praia de Botafogo as forças atacantes vieram deixando vestigios da sua colossal debandada e vertiginosa fuga: cavallos mortos, ensilhados, borzeguins, keppis, espingardas, sabres, patronas, cartucheiras etc », houvesse alguem, fora dos leguleios e pataqueiros, mettido a critico abalisado e serio, com o topete preciso para impingir ao publico, em devaneios de raposa, uma téla deprimente do proverbial denodo e brio dos temerarios alumnos da Escola Militar, esmaltada com essa estupefaciente figura de «simples e bisonho fazendeiro» adjudicada ao Sr. Dr. Rodrigues Alves, que durante toda a sua vida não tem sido sinão politico militante e matreiro; que na Monarchia, pertencendo ao partido liberal, foi deputado geral e presidente de São Paulo, em cujo exercicio suspendeu diversas Camaras Municipaes e ameaçou de cadeia os respectivos vereadores (que simplorio fazendeiro!), por terem tido o atrevi-

mento de apresentar moções politicas de prevenção contra o terceiro reinado; e na Republica, foi ministro da fazenda por duas vezes, com Floriano Peixoto e Prudente de Moraes, senador federal, presidente de São Paulo e actualmente da Republica!

*
* *

E um facto eloquente, irrecusavel, fornecido pelo proprio governo, vem attestar a inverosimilidade da apregoada victoria, a saber: não houve parte official do combate, dada por quem o dirigiu, nem por ninguem, como era de restricto dever, ou, se houve, nunca foi publicada, nem no *Diario Official*, nem em Ordem do Dia do Exercito, só conhecendo-se de official a respeito o que consta da mensagem presidencial, nos seguintes termos:

« Senhores Membros do Congresso Nacional — No dia 14 do corrente, ás 7 horas da noite, o general Sylvestre Travassos sublevou a Escola Militar do Brazil e, assumindo o seu commando, poz-se em marcha, á frente dos alumnos armados, com destino á cidade.

« O governo fez marchar immediatamente forças ao seu encontro e conseguio restabelecer a ordem, occupando militarmente a Escola, prendendo os alumnos e o general Travassos.

« Sabe-se que era intuito dos revoltosos depôr o governo legal e instituir no paiz a ditadura militar.

« O levante da Escola Militar era o seguimento de uma serie de tumultos que ha dias tem perturbado a tranquillidade da cidade, como preparo áquella criminosa tentativa. O governo tem procurado cumprir o seu dever e está preparado para manter a ordem publica e garantir as instituições, contando com o patriotismo inquebrantavel de todas as forças da Republica.

« Carece, entretanto, apurar as responsabilidades dos militares e civis envolvidos em tão graves acontecimentos, fazendo-os processar e prender, e lamento ter de vos communicar que o senador tenente-coronel Lauro

Sodré e os deputados Alfredo Varella e major Barbosa Lima são geralmente considerados como autores do movimento que visava entregar ao primeiro delles a dictadura militar.

Trasendo ao vosso conhecimento factos de tanta gravidade, confio que auxiliareis o governo a apurar essas responsabilidades sem o embaraço que as immunidades parlamentares concedem áquelles membros do Congresso que se acham incluidos nos lamentaveis acontecimentos.

Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1905, 16° da Republica — *Francisco de Paula Rodrigues Alves.*»

*
* *

Esta peça, sem embargo do seu alto valor, todo politico, pelo caracter especial que a reveste, não pode supprir e muito menos dispensar a parte technica do movimento armado; constituindo, sim, um traço caracterisco, uma base fundamental, da natureza do crime imputado ao tenente-coronel senador Lauro Sodré e do fôro em que deve responder e ser julgado, que é o civil. Deu-se, entretanto, sobre este assumpto, uma subversão irrisoria, uma enorme pedantocracia, que é mais uma prova palpavel da crassa incompetencia, immoralidade e anarchia desta situação, a saber:

O governo sujeitou o senador ao fôro militar, e o chefe do Estado Maior do Exercito, baseando-se unicamente na dita mensagem, porque o corpo de delicto e apprehensão da farda são accessorios, nomeou o conselho de investigação nos seguintes termos: «Chegando ao meu conhecimento, pela mensagem dirigida por S. Ex. o Sr. Dr. presidente da Republica ao Congresso Nacional, que o tenente-coronel Lauro Sodré é considerado um dos autores do movimento etc.» (*Diario Official* de 21 de Dezembro de 904).

Portanto, o Sr. presidente da Republica foi rebaixado, de supremo magistrado da nação a um simples agente ou funccionario militar, sinão a um simples

queixoso ou denunciante, no texto do Regulamento Processual respectivo, que prescreve;

Art. 57. A acção criminal militar é sempre publica e terá logar em virtude de: *a)* ordem superior; *b)* parte official.

Art. 58. A acção criminal poderá ser provocada: *a)* por queixa; *b)* por denuncia.

Art. 63. A queixa ou denuncia deverá ser assignada sob compromisso ou juramento, e conter, assim como a parte official, a narração do facto criminoso, com as circumstancias de tempo, logar e modo e a indicação das testemunhas.»

E' bem certo: o castigo do vicio é o proprio vicio.

O Sr. presidente da Republica quiz humilhar o exercito, aproveitando-se da inepcia e fraqueza moral dos medalhões fardados e são estes que nesse ignobil desempenho atiram S. Ex. á desmoralisação e ao ridiculo!

Não se comprehende, não se explica, escapa mesmo ao senso commum que, tratando-se de um combate de tanta monta, de uma victoria tão palpitante, da qual dependeu a sorte do governo e da propria Republica, no dizer dos acclamadores do momentoso feito, deixasse de ser este narrado por escripto e circumstanciadamente, como alias é de mera intuição e das mais sediças normas do serviço militar, tanto mais quanto devia constituir a base legal, indispensavel, para galardoar os que se distiguiram, os que revelaram mais valor e sangue frio na acção, para fundamentar o processo da responsabilidade e punição dos revoltosos, finalmente, para transmittir o estimulo do cumprimento do dever aos legalistas da posteridade.

Assentaria o governo em prescindir de um documento de tal ordem, de tal importancia, unico capaz de levar ao registro da Historia essa *mashorca de fujões*, e essa *firmeza da autoridade* vencedôra, esse *aplomb* da situação dominante?

Não é crivel, não seria tão inepto.

E' claro, pois, que o desbarato, attribuido aos alumnos pelos coripheus do governo, deu-se inversamente, nas forças atacantes, e que o general Piragibe, envergonhado de tal successo, que o obrigou a fugir tambem, talvez pela primeira vez na sua longa vida militar, esquivou-se de dar uma parte que não fosse conscienciosa, que não reduzisse a façanha ás suas justas proporções, e isso absolutamente não convinha, porque iria desmanchar a galvanisação que o proclamado triumpho imprimira ao cadaver moral, cuja decomposição o *Paiz* já tinha apregoado desde 1903.

Conseguintemente, a victoria material do governo consistiu effectivamente na bala que inutilisou o general Travassos, qualificada de *providencial* por um ministro do Supremo Tribunal Federal, como *pendant* á celebre locução — *homicidio legal* —, proferida tambem por um luzeiro do mesmo areopago, em 1895.

Em quanto que a victoria moral, ganha pelos reivindicadores das *liberdades conspurcadas* e dos *brios do exercito*, é um facto real, uma verdade incontrastavel, tão imponente, que o Sr. presidente da Republica não poude offuscal-a, com toda a basofia da sua mensagem de 22 de Novembro, a que já alludimos, dirigida ao Congresso Nacional, e que assim reza: « Tenho a honra de communicar-vos que a ordem se acha restabelecida n'esta Capital, continuando inalterada em todos os Estados da Republica. As forças armadas cumpriram com lealdade e vigor o seu dever, auxiliando digna e efficazmente o poder publico na defeza da ordem e das instituições. »

Desmentindo-se a si proprio, promoveu e conseguiu do mesmo Congresso a primeira prorogação do estado de sitio, decretado a 16 de Novembro, quando racionalmente, logicamente, decentemente devia ser este suspenso, á vista daquella preconisada normalidade da vida social, e, encerrada a sessão legislativa, decretou, por acto proprio seu, a segunda e a terceira prorogação, o que é a prova evidente de sua desmoralisação e de achar-se fallido no apoio da opinião—a valvula de segu-

rança dos governos democraticos—, sem a qual todas essas fumaças de prestigio e força são mero embuste de politicagem, que se gera e se evapora na espiral das casernas.

*
* *

E é isto, effectivamente, o que está se verificando com o Sr. presidente da Republica, em factos inilludiveis, palpaveis, do maior alcance, taes como, entre outros:

Na sua mensagem de 16 de Novembro, ha pouco reproduzida, consigna o deputado Dr. Barboza Lima, major do exercito, como um dos autores do movimento sedicioso, conjunctamente com o Dr. Alfredo Varella, indigitação nominal essa que é positivamente confirmada pelo Dr. chefe de policia no seu extenso e circumstanciado relatorio, sobre os factos occorridos, incluindo-os no numero dos responsaveis averiguados; entretanto, tendo sido pedida á respectiva Camara, na forma da Constituição, a necessaria licença para instaurar-se áquelles dois deputados o processo criminal, só foi tomado em consideração e satisfeito o pedido, quanto ao Dr. Varella, que já tinha contra si o despeito pessoal da maioria da Camara, ficando para *as kalendas gregas* o inquerito da policia e a palavra solemne do presidente da Republica, quanto ao Dr. Barboza Lima, que continúa em plena liberdade e que, conscio dos seus direitos de representante da nação, não ligou a minima importancia ás prosapias do governo, ás calinadas do ministro da guerra e do chefe do Estado Maior e tem sabido, com excepcional hombridade e competencia, dar uma lição de mestre aos pretensos catões e moralistas que vale por uma epopeia.

—No citado relatorio, o mesmo chefe de policia accusa o general de divisão Leite de Castro, commandante superior da Guarda Nacional da Capital Federal, como tendo tomado parte na conspiração e propõe

igualmente a sua responsabilidade criminal, obrando nisso, já se vê, de inteiro accordo com o ministro da justiça, de cuja intuição politica aquelle funccionario é um reflector directo e de cuja secretaria de Estado a repartição central da policia é uma dependencia virtual e pratica, mas o procurador seccional da Republica, Sr. Dr. Salazar da Veiga Pessoa não esteve por isso, abriu com elle uma excepção, não o incluindo na denuncia,e o governo, que tinha se agachado pusillanimemente atraz d'essa preparada *forca caudina,* para lavrar, então, *ratione causæ,* a exoneração do mesmo commandante superior, que um outro governo serio teria decretado incontinente, d'esde que prestigiasse com o seu endosso publico a obra do chefe de policia, por ser aquelle um cargo de confiança, continuou a manter em seus postos os dois altos funccionarios, n'uma concomitancia mais que cynica, verdadeiramente impudica, adoptando por ultimo o expediente de não fazer effectiva a graduação de marechal, que compete ao dito general de divisão, como o numero um que é d'essa classe, e a que o governo é obrigado *ex vi* da lei n. 1215 de 11 de Agosto de 1904 e resolução de consulta do Supremo Tribunal Militar de 5 de Outubro do mesmo anno. Tal prepotencia teve por fim evidentemente desgostar o dito general e leval-o a resignar elle proprio o cargo ou dar a sua reforma do serviço do exercito, cuja consequencia seria a dispensa d'aquellas funcções; idéa que, de facto, foi logo aventada pelo *Paiz,* em forma de um *consta*, mas nenhuma confirmação teve, e antes acaba de ser annunciado pela imprensa que o referido general vai dirigir uma representação contra a falta de cumprimento da lei, relativamente á sua graduação, d'onde se conclue que não passou de um balão de ensaio, preparado e cheio atraz dos reposteiros do ministerio do interior, aquelle *consta* com que o *legendario amigo do exercito* deu mais uma prova de sua *sinceridade* em tal dedicação.

E' celebre! No Imperio, quando fazia a sua propaganda pelos quarteis, e quando a graduação do posto

immediato era facultativa, *o Paiz* estava sempre na brecha para imcrepar ao governo, em termos acrimoniosos, a demora d'essa prova de capacidade profissional aos officiaes que attingiam o numero um da respectiva escala; na Republica, tendo aquella faculdade se convertido em obrigação de lei, o orgão radical não dá uma palavra contra a postergação praticada pelo governo e antes se presta a manobras deprimentes da dignidade do exercito, applaudindo tacitamente arbitrios como esse e, o que é mais, enxovalhando os seus mais fulgidos ornamentos, as suas mais caras esperanças, como Olympio da Silveira, Lauro Sodré, Gomes de Castro, Mendes de Moraes e outros!

*
* *

E' ainda prova exuberante desta verdade o furor governista com que se pronunciou, contra os alumnos presos, no recentissimo caso da manifestação feita por elles ao prezado mestre Dr. Lauro Sodré.

Esse incidente constitue um dos episodios mais tristes, por um lado, mais alentadores, por outro, d'esta phase sombria do exercito brazileiro e um dos attestados mais eloquentes da degeneração do caracter que, dia a dia, vai aprofundando mais a decadencia nacional. Por isso vamos expol-o com a possivel precisão e clareza:

O governo designara o edificio da Praia Vermelha, onde funccionou a Escola Militar do Brazil até 14 de Novembro e onde actualmente se acha aquartelado o 7º batalhão de infanteria, para as sessões publicas do conselho de guerra mandado instaurar a todos os officiaes implicados nos acontecimentos d'aquella data e, como medida correlata, fez transferir para lá todos os indiciados, que se achavam recolhidos ás prisões de diversos corpos da guarnição, passando a ficar sob a custodia e vigilancia do referido batalhão, exceptos o general Olympio da Silveira e o tenente-coronel Lauro

Sodré, que continuaram presos a bordo dos navios de guerra para onde tinham sido mandados desde logo.

Annunciada a primeira sessão ordinaria do conselho e notificados os réos para comparecerem, aquelles officiaes e ex-alumnos, em numero de 90, estavam englobadamente reunidos no quadrilatero do estabelecimento, e proximo ao vestibulo da entrada, esperando a hora de terem de comparecer, quando ali chegaram o general Olympio da Silveira e o Dr. Lauro Sodré, cada qual por sua vez, e elles formaram alas em homenagem aos dois distinctos chefes, á cuja passagem, espargiram fragrantes flores sobre a cabeça de um e de outro, no mais profundo silencio e recolhimento d'alma, cabendo maior quinhão ao segundo—Dr. Lauro—, que, do começo ao fim da extensa alameda animada, foi coberto de petalas de rosas, abraçado em seguida por muitos e osculado na face pelo indomito major Gomes de Castro.

Essa tão singela quão emocionante manifestação, que sob o ponto de vista affectivo, do espirito de classe, é um facto magestoso, de sublimidade commovente, que se impõe á contemplação e admiração da sociedade, como um doce effluvio e um penhor sagrado de confraternisação humana, base unica da felicidade social, constituindo, por isso mesmo, uma pagina primorosa que illustraria a historia militar de qualquer dos paizes mais cultos do Universso, por estar hoje averiguado e reconhecido que o amor do camarada é o mais forte élo da cadeia da disciplina e da sugeição rigorosa do soldado, e sob o ponto de vista moral, do sentimento do brio, do pundonor, é a propria dignificação da farda nacional, é um marco gloriosissimo fincado nesta trajectoria curva e tenebrosa da honra militar do Brazil, um phenomeno sideral que enche de orgulho os verdadeiros patriotas, quaesquer que sejam as suas crenças politicas, os que amam o exercito e querem-no prestigiado, trazendo alento e consolação aos abnegados obreiros do 14 de Novembro.

O Paiz, convertido em delator do exercito, diffamador dos corpos e fortalezas desta guarnição (pag. 72) e demolidor da Escola Militar, elle que tantas vezes a proclamára o *Baluarte da Republica*, tinha juntado ao fél intragavel da sua interesseira apreciação politica daquelle movimento, para cuja concepção, alias, tanto concorreu, estes putridos punhados de lama: « Lauro Sodré, a quem cumpria substituir o general Travassos, fugira cobardemente da acção, abandonára na rua a sua farda e a sua espada; ferira-se na cabeça, pela precipitação com que escalou um muro salvador; e os alumnos, ao procural-o em vão para tomar o commando da Escola, diziam uns para os outros: que indigno, atirou-nos á lucta e desappareceu! »

Não era possivel ficar de pé tanta infamia, tanta vilesa. Aproveitaram, pois, esse primeiro encontro que se dava, esse primeiro ensejo que se lhes offerecia, depois de 14 de Novembro, para supplantar a miseravel calumnia, e realisaram-no da forma a mais digna, mais nobre, mais edificante, confundindo até á execração publica o cynico detractor e os verdugos da classe.

Lauro Sodré devia ter soffrido immensamente n'alma com essas punhaladas moraes, vibradas pelo mesmo orgão *democratico* que tanto o havia affagado e acclamado, em opposição tenaz ao governo actual, porem teve a maior e a melhor das compensações que um homem dos seus sentimentos, da sua indole, dos seus costumes pode aspirar: essas flores, com que os seus fieis companheiros, devotados discipulos e enthusiastas admiradores o purificaram daquella mancha apostata, rescendiam o divinal encanto das flores d'alma de que nos fala Thomaz Ribeiro, tinham sido colhidas e offertadas á mistica sagração pelas esposas, irmãs, filhas e noivas dos gloriosos alumnos presos !

*
* *

Pois bem; o *Paiz* levou ao cabo a sua incrivel depressão civica actual, derramando o negrume de uma

paixão desordenada e corrosiva sobre a limpidez christalina dessa emocionante homenagem, desse purissimo tributo, concebido e realisado espontaneamente, sem vislumbre siquer de desacato ao principio de autoridade, sem o minimo prejuiso do serviço publico, sem a minima offensa a quem quer que seja, n'uma inspiração verdadeiramente santa.

Em 1886, quando o tenente-coronel Senna Madureira, de honrosissima memoria, abandonou o cargo de director da Escola Tactica de Tiro do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, que então exercia, declarando pela imprensa, com a sua assignatura, que não acceitava a reprehensão que lhe havia infligido o ministro da guerra, a titulo de castigo por uma outra publicação anterior, e que vinha ao Rio de Janeiro justificar a sua conducta perante um conselho de seus pares, commettimento esse — manifestamente subversivo da disciplina militar —, apoiado ostensivamente e patrocinado pelo proprio commandante das armas, e vice-presidente da Provincia em exercicio, o general Deodoro da Fonseca, que se collocou á frente da manifestação acclamadôra de Madureira, feita pela guarnição de Porto Alegre, já comparecendo pessoalmente a ella, já assignando-se no album offerecido áquelle official, como symbolo e penhor de homenagem e solidariedade com essa dura affronta atirada á primeira autoridade administrativa do exercito, elle *Paiz* só teve louvores e hosanas para os protogonistas de tão flagrante menoscabo, *por terem sabido sustentar a sua e a dignidade da classe a que pertenciam*, diante de cujo ideal, para o orgão radical, desapparecia tudo mais: lealdade do commandante das armas e presidente da Provincia, cargos de immediata confiança, cumprimento de dever, disciplina, ordem, respeito á autoridade e á lei!

Agora, inverteu, dizemos mal, subverteu a ordem do raciocinio e a inspiração do sentimento. Atirou ao limbo o pundonor, a dignidade, o brio e levantou uma celeuma tremenda contra a singela, platonica, purissima effusão d'alma, entre amigos e companheiros, cousa que

não infringe absolutamente leis e ordenanças, em condição nenhuma, porque é funcção da propria natureza humana, intangivel e acima de todos os codigos e regulamentos, que, alias, se baseam no direito natural, tanto do fôro commum como do fôro especial. «*Posições Invertidas*», é o espaventoso titulo do sanhudo e longo editorial com que proffigou a silenciosa e serena manifestação e incitou a energia do governo para tomar as mais promptas e rigorosas medidas repressivas!

Pelos topicos seguintes—do principio, do meio e do fim—, pode-se fazer uma idea da côr vermelha do novo apostolado *democratico:*

«Os factos que occorreram hontem na Escola Militar, por occasião da chegada de alguns dos pronunciados que iam responder ao conselho de guerra que os tem de julgar, impressionaram dolorosamente a opinião publica. Em outra columna desta folha esses factos são escrupulosamente narrados, taes quaes se passaram. Os ex-alumnos dessa Escola, igualmente pronunciados e sujeitos ao julgamento do tribunal que ali funcciona, encontrando-se pela primeira vez com o chefe da revolta de Novembro, formaram alas e o cobriram de flores. Não temos palavras com que o possamos lamentar; mas o dia de hontem não nos deu apenas a impressão dolorosa de ver os detidos numa praça de guerra preparar e realizar manifestações de apreço aos seus cumplices mais graduados: deu-nos a sensação de como a audacia pode inverter as posições de modo a parecer que os julgadores é que eram réos e os réos vingadores da lei.

« O Sr. major Gomes de Castro declarou hontem, como protesto, perante o conselho de guerra, nomeado para o julgar, que naquillo que fez em Novembro e está disposto e prompto a repetir em qualquer época, não vê, nem reconhece que haja crime. Ha apenas exercicio de um direito, sinão o cumprimento de um dever civico. O exercito só deve obediencia ao governo constituido, quando este age dentro da Constituição e das

leis. Ora, o actual, o Sr. major solemnemente o declara, reduzio a Constituição a uns farrapos: agir contra elle, é o dever do exercito.

«A audacia dessas palavras, a insensatez dessas idéas, a violencia estudada dessa linguagem, a ninguem illudem: não são sinão uma tentativa para inverter as posições, a que o governo saberá por cobro, não lhe escapando que isso traduz o empenho criminoso de manter e conservar o fermento da desordem, que é a sementeira de bastardas ambições de mando e poderio».

O *Paiz*, porem, manda a verdade confessal-o, não ficou só, nesse mergulho do seu *apreço* ao brio militar e das suas mais caras tradições ; teve por companheiro e por exactor da sua nova doutrina o commandante do 4º districto, Sr. general Hermes Rodrigues da Fonseca (irrisão do destino!), sobrinho legitimo daquelle mesmo Deodoro.

S. Ex. considerou a manifestação delictuosa e mandou proceder a inquerito de policia militar, afim de se averiguar como ella se deu, quaes os officiaes que tomaram parte nella e por que maneira entraram no quartel as flores atiradas sobre o tenente-coronel Lauro Sodré! (textuaes palavras do noticiario do *Paiz*.)

Felizmente, a nomeação para essa commissão recahiu n'um official digno — o tenente-coronel Tito Escobar, commandante do 24º Batalhão de Infanteria, o qual desempenhou-a solicita e criteriosamente, declarando no seu relatorio, segundo noticiou-o toda a imprensa, « que em tal incidente não se verificava quebra nenhuma da disciplina, e muito menos responsabilidade criminal.»

*
* *

Não encerraremos esta pagina sem traduzir desse acontecimento um voto de affirmação e crença da maxima popular que diz «Deus escreve certo por linhas tortas.»

Seis dias antes, a 25 de Março, de 1 para 2 horas da tarde, realisara-se uma manifestação apparatosa ao Sr. presidente da Republica, promovida pelos amigos de S. Ex. e os apaniguados do governo, toda allusiva á noite de 14 de Novembro, glorificando-o como o salvador da Patria, disse-o o *Paiz* em seu editorial daquelle dia, pela *energia, calma e valor* com que declarou, então, «*este é o meu lugar*», em resposta ao *ultimatum* que de longe e da treva lhe mandava um agrupamento de ambiciosos inconscientes (textuaes palavras da mesma folha).

Evidentemente, pois, essa homenagem trazia no reverso da medalha o achincalhe dos bravos *vencidos* daquella memoravel jornada, e consequentemente a offensa dos brios do exercito.

Ella, porém, por mais encarecida o justificada que haja sido pelo *Paiz*, não teve nenhuma razão de ser, sinão como, attenta a sua realidade intrinseca, uma plena confirmação daquella victoria de Pyrrho, adjudicada tão ardentemente ao Sr. presidente da Republica, e o mais serio depoimento contra o bom senso de S. Ex. e a sua honestidade individual, sempre acatada.

Vamos demonstral-o:

Sobre o governo pesava já toda a responsabilidade moral dos acontecimentos de Novembro, relativamente ao estado de guerra civil que assombrou a cidade durante quatro dias, segundo já ficou precisamente demonstrado neste livro e é corroborado exuberantemente pelos seguintes, autorisados, e luminosos conceitos do notavel Sr. senador Ruy Barbosa, emittidos no seu monumental discurso, já alludido, sobre os factos occorridos, por occasião da decretação do estado de sitio, que S. Ex. acabou por conceder, em nome dos seus elevados sentimentos de ordem: « A vaccinação obrigatoria é uma iniquidade, uma impiedade, uma inconstitucionalidade, que trouxe ao governo e ao paiz irreparaveis dissabores, provocando a tremenda opposição popular, e, afinal, ficando a lei só no papel, porque o seu regulamento não foi

expedido. Não é justo destacar da insurreição do povo, determinada por esse monstruoso projecto de regulamento publicado e que o governo devia repudiar *in limine*, mas não o fez, a malfadada sublevação militar da noite de 14, felizmente mallograda, em poucas horas, devido á circumstancias fortuitas, não á previsão, á energia, á solicitude e acerto da autoridade legal».

*
* *

Precisando a responsabilidade material do levante de 14 de Novembro, ainda a verdade e a justiça mandam affirmar que elle governo e seu preposto de confiança — o commandante da Escola — Sr. general Alipio Costallat, são os maiores, sinão os unicos culpados, perante a sociedade, da consummação desse movimento armado e consequentes desgraças, sobre que os coripheus da situação verteram lagrimas de crocodilo:

O governo sabia que Lauro Sodré e outros politicos importantes, da opposição, conspiravam tenaz e activamente (relatorio do chefe de policia, já citado); leu — publicados no *Correio da Manhã* do dia seguinte — os ardentes discursos de saudação á Lauro Sodré, no seu anniversario natalicio, a 17 de Outubro (menos de um mez antes!), quando o major Gomes de Castro, como represntante do Club Militar, e os alumnos Joaquim Gaudie de Aquino Correa e Carlos Falcão Junior, como representantes das Escolas do Brazil e do Realengo, significaram-lhe os protestos de sympathia, solidariedade e esperança, de todos os camaradas, para que *essa mentira lançada ás faces do povo, sob o rotulo de Republica, essa nuvem negra de crimes e miserias desapparecesse em breve,* pela reconstrucção moral e material da Patria, vingando o sacrosanto ideal de Bemjamin Constant; e o Dr. Barbosa Lima, tambem presente, e que falou por ultimo, consubstanciou toda a scintillante homenagem nesta eloquente synthese, que o mencionado relatorio policial consigna: «*o guião impolluto na vereda da victoria, o reinvidicador da liberdade da Patria*».

Não podia ser mais claro...; entretanto o governo não deu uma palavra, não teve nenhum procedimento contra esses militares, sendo o ministro da guerra o mesmo actual, Sr. marechal Argollo, que recentemente mandou reprehender, em Ordem do Dia do Exercito, em seguida prender por cinco dias na fortaleza de S. João e logo após desterrar para Matto Grosso, recusando-lhe o conselho de guerra pedido e reiterado, o illustre e operoso coronel de engenheiros, Dr. Serzedello Correia — um dos luminares do proscenio republicano—, por ter publicado uns artigos politicos, em discussão com o illustre deputado pelo Pará, Dr. Arthur Lemos, sem ligação nenhuma com a disciplina do exercito, e o *Paiz*, como o ultimo dos renegados, subscreveu pelo silencio a torpe vingança e prepotencia, elle que, em 1886, quando via nos quarteis a *substancia da alma nacional,* por occasião do incidente Cunha Mattos, que foi mandado censurar, não reprehender e em seguida prender por 48 horas no estado maior de um corpo, não por cinco dias em uma fortaleza, por identico motivo de desaffronta pela imprensa, igualmente contra um deputado geral pelo Piauhy— Dr. Simplicio de Rezende—, assim pronunciou-se, verberando o governo: «O acto do Sr. ministro da guerra fere a lei e offende o melindre e a dignidade do exercito. Em todos os paizes cultos o militar é e deve ser o symbolo do pundonor—pessoal e civico. A abstracção moral, que corporifica na sua pessoa a representação da Patria, exige delle que possua o ideal da honra—porque esse é o unico estimulo para a abnegação de que elle deve ser o exemplo, e para o sacrificio de que elle deve ser a victima, quando tanto exijam delle a segurança e a dignidade da Patria. O zelo pela propria dignidade é para todos os homens um direito, mas para os militares é um dever, por que o uniforme que elle traja é a nobre investidura do symbolo que elle representa. Tudo quanto, portanto, tenda a rebaixar o moral do soldado e a opprimir ou suffocar no seu seio o estimulo do pun-

donor — nada mais pode produzir que não seja a degradação. A esse resultado nos conduzirá, si ella puder prevalecer, a doutrina do Sr. ministro da guerra, cuja estranha conducta e intempestivo rigor exigem, ao menos, a reparação moral, que só a imprensa pode fornecer desde já».

Hoje é outra, bem diversa, a cartilha do *Paiz*: conseguio o que queria e mandou ás favas o symbolo da sua devoção, o symbolo sagrado da Patria, o pundonor e o brio militar!

Prosigamos, porém, na demonstração da culpabilidade do governo:

Na vespera, tinham sido encontrados dois alumnos, salvo engano, fazendo causa commum com a reacção popular, segundo noticiaram alguns jornaes e no mesmo dia 14, cerca de 2 horas da tarde, conseguintemente, com tempo de sobra para providenciar, mesmo a passo de jaboti, no sentido de frustrar a explosão, o ministro da guerra teve sciencia exacta de estarem reunidos no Club Militar, *com caracter suspeito*, os generaes Olympio da Silveira e Sylvestre Travassos, o tenente-coronel Lauro Sodré, o major Gomes de Castro, o capitão Mendes de Moraes e os Drs. Alfredo Varella e Vicente de Souza, tanto assim que mandou immediatamente convidar, por carta, ao presidente do mesmo Club, Sr. general de divisão Leite de Castro, commandante superior da Guarda Nacional, para ir falar-lhe com urgencia, o que se realizou incontinente, e fez-lhe ver a necessidade de acabar, quanto antes, com aquella *inconveniente* reunião, o que o mesmo general, em pessoa, acto seguido poz em pratica, fechando o Club e levando comsigo a chave, conforme vê-se do seu depoimento prestado perante o Juizo Federal da 2ª vara; finalmente, á tardinha — *jam proximus ardet Ucalegon* — o Sr. Dr. Rodrigues Alves, (vê-se no *Paiz* de 15—2ª edição), «foi informado de que a Escola ia levantar-se, com o intuito de depôl-o, informação essa que tinha fundamento.»

Logo, si não fez abortar o movimento armado, si não impediu a consummação do levante, foi porque muito bem o não quiz ou exactamente por faltar-lhe isso, que o prurido da ovação procurou dar-lhe: capacidade physica e moral.

*
* *

O general Costallat (segundo suas proprias declarações, publicadas na gazetilha do *Jornal do Commercio* de 20 de Novembro) sabia que existia na Escola um grupo de alumnos positivistas e outro de affeiçoados ao Dr. Lauro Sodré, e para elles volvia a sua attenção e punha de sobre aviso os officiaes de seu estado-maior.

Sabia da reacção popular, apoiada pelo Dr. Lauro Sodré, contra a lei da vaccinação obrigatoria, e que a tal ponto havia attingido a effervescencia publica, no dia 14, que os bonds de Botafogo só chegavam até ao largo da Lapa, achando-se o trafego urbano todo interrompido, pelo que teve de fazer *calcante pede*, tanto na ida como na volta, o trajecto d'aquelle largo até o Quartel-General, afim de acudir ao chamado, pelo telephone, que recebera na Escola, depois do meio-dia, para ir falar ao Sr. marechal ministro da guerra.

D'ali regressára á sua residencia, á rua Senador Vergueiro, e ahi, pouco depois das 4 horas, apresentou-se o seu ajudante de ordens, alferes Cruz, communicando-lhe ter visto em um bond, que se dirigia para Botafogo, os Srs. general Travassos e Dr. Lauro Sodré, e tal foi a impressão d'essa noticia, que, vencendo o natural cançaço pela estafa soffrida pouco antes, fardou-se e seguio de novo para a Escola, onde chegou cerca das 5 horas.

Observou que os alumnos estavam em completa calma; um grupo jogava a peteca no pateo; outro entretinha-se em leitura e outro em conversação amistosa; subio, pois, para o seu gabinete, onde acabou de tran-

quilisal-o a resposta firme dada pelo ajudante do pessoal, Sr. major Clodoaldo da Fonseca, secundado pelo superior de dia á Escola, de não haver nenhuma manifestação de rebeldia, ou contra a disciplina, assim como de merecer confiança o commandante do contingente do 38º Batalhão de Infanteria, ao serviço da administração da Escola.

A's 6 horas, um dos officiaes do seu estado-maior preveniu-o de que alguns officiaes-alumnos estavam junto do portão de entrada do estabelecimento, muito exaltados, concitando os companheiros a tomarem parte em um movimento militar dirigido pelo Dr. Lauro Sodré. Immediatamente, então, acompanhado dos officiaes que o cercavam, desceu para o pateo e mandou o corneta tocar a reunir, ordenando aos commandantes de companhias de alumnos que fossem para seus logares ; em seguida vio que um numeroso grupo já tinha entrado na arrecadação, e, de lá saindo armado, disparava alguns tiros para o ar, ao passo que outro grupo, não menos numeroso, se mostrava alheio ao movimento ; nessa occasião, avançou para aquelles alumnos, acompanhado de seus ajudantes de ordens, verberando com energia o procedimento delles, e ordenando que deposessem as armas ; conseguio desarmar alguns, outros, porém, fugiram para diversos pontos do vasto quadrilatero, e então soube que os insubordinados se haviam apoderado das armas do corpo da guarda do portão, substituindo-a por outra de seus companheiros. N'esse interim, apresentou-se o Sr. general Travassos, para quem logo se dirigiu, ficando os dois cercados por alumnos, de armas na mão e pelos officiaes — seus auxiliares da administração e ajudantes de ordens.

Travassos, que estava fardado, disse-lhe : « Sr. general Costallat, como chefe do governo revolucionario, venho assumir o commando d'esta Escola, por ter sido acclamado pela mocidade da mesma »

N'esse momento teve impeto de sacar do revólver, mas rapidamente voltou-lhe a reflexão e desistio : iria

sacrificar a vida dos officiaes do seu estado-maior e a sua; respondeu, portanto « Sr. general Travassos, o commandante desta Escola sou eu, porque fui nomeado pelo governo legal da Republica, só lhe entrego o commando porque não tenho forças para resistir e só lhe peço que me considere seu prisioneiro. » Não, senhor, contestou-lhe o general Travassos, V. Ex. está livre, póde sair, que será acatado; ao que retorquiu-lhe: « quanto a desacato, não o receio, e quanto ao mais, conheço-o bem... seja feliz. » Disse isto ironicamente e deu-lhe as costas, dirigindo-se para o portão, onde, ao passar pela guarda de alumnos, que estava formada, esta fez-lhe a continencia; e de seguida tomou o bond, acompanhado silenciosamente até lá pelo general Travassos, a quem repetio ainda uma vez, sorrindo, já de dentro do carro: « seja feliz... »

*
* *

Celebre, original, estupendo esse sorriso ironico de um general, cumulado de attenções fidalgas do seu collega!

O Sr. Costallat é um official que faz honra ao exercito e á Patria, pela sua illustração e suas qualidades pessoaes, todos o reconhecem; não devia desforrar-se, assim, desse Waterloo da *branca nuvem* da sua feliz carreira militar, sacrificando os seus foros de cavalheiro e compromettendo os seus sentimentos de dignidade.

Na hypothese, o ridiculo assentaria melhor no general que entrega o seu posto, sem resistencia, de espada á cinta e revolver carregado no bolso, constituindo-se de preferencia um prisioneiro, do que naquelle que nobre e galhardamente o proclama inteiramente livre para retirar-se e tributa-lhe todas as honras, toda a cortezia da mais fina educação e delicadesa.

Quanto ao facto, a verdade insophismavel é esta:

O Sr. general Costallat, achando-se a descançar em sua casa, sabe por um seu ajudante de ordens que

o general Travassos e o Dr. Lauro Sodré seguiam juntos e á bond, na direcção de Botafogo; aprehensivo, de certo por ligar isso á reunião do Club e aos boatos, toma a farda e volta, extraordinariamente, á Escola, encontrando-a em plena calma ainda.

Para que?

O senso commum e a logica das circumstancias respondem: para preserval-a do perigo, para tomar as providencias, as medidas de precaução, que estavam ao alcance de qualquer chefe, de intelligencia commum, que se compenetrasse de sua responsabilidade, e eram naturalmente indicadas pela propria situação, taes como: impedir o portão, ou mesmo fechal-o, reforçar a respectiva guarda, garantir as arrecadações de armamento, para o que dispunha do contingente de 50 praças do 38 Batalhão e das figuras da banda de musica da Escola, em numero de 30, mais ou menos, tambem praças armadas; em seguida reunir os alumnos e falar-lhes em linguagem paternal, mas com o cunho da energia precisa, desvanecendo-lhes qualquer idéa de intervenção nos acontecimentos que estavam se desenrolando.

Mas não foi isso absolutamente o que se deu.

S. Ex. recolheu-se ao seu gabinete, situado no pavimento superior do lance lateral direito e ahi conservou-se inactivo, durante todo o decurso de mais de uma hora, cercado de todos os officiaes auxiliares da administração e ajudantes de ordens, emquanto os alumnos, mas só em parte — a metade no maximo, se transformavam, muito livremente, de *jogadores de peteca* em carabineiros, e só desceu no momento *psycologico*, quando chegava o enviado revolucionario, sosinho, sem estado-maior, para entregar-lhe o commando e considerar-se seu prisioneiro, *por não ter forças para resistir-lhe!*

A conclusão, pois, a tirar, e baseada naquella publicação do *Jornal do Commercio*, a que S. Ex. não oppoz nunca contestação, nem rectificação alguma, é

esta : o general commandante da Escola, ou foi traidor, cumplice virtual ou foi fraco, inepto boçal, e isso permittiu a effectividade do levante.

*
* *

Si o Sr. presidente da Republica, como asseguram seus panegiristas, manteve-se firmemente no seu posto e providenciou no sentido de debellar a revolta, antes que esta chegasse ao palacio do governo, a deducção unica é que S. Ex. soube cumprir o seu dever—imposto pelo *serva te ipsum,* pela dignidade do cargo e pelo principio de autoridade. O louvor e o premio de tal virtude estavam na sua propria consciencia ; nem ha outro galardão para um homem *modesto,* que não quer inculcar-se de Cesar enxotando Catilina das portas de Roma.

Para que, pois, essa apotheose *por assignaturas,* constituida mais do funccionalismo publico que do elemento popular, tendo por capitel a covardia dos ministros de Estado ou uma communa de palacio—expressas nessa legenda do «*Fico*» caricato?

A que proposito o Sr. presidente declarou com firmeza: *este é o meu lugar; d'aqui só sahirei morto?*

D'onde partio essa suggestão *para S. Ex. metter-se n'um couraçado e ir organisar a resistencia em S. Paulo?*

As flores de rethorica do *Paiz* — cumulo do engrossamento — respondem ao paladar dos manifestantes, não ao senso commum da população, á intelligencia do publico independente, para quem só ha este dilemma: ou é apocripha a suggestão, sem paternidade condigna, ou partiu do seio do ministerio.

No primeiro caso, é simplesmente um escarneo, uma mentira escandalosa, essa legenda e essa manifestação : o chefe de Estado que não sabe ou não póde manter, antes de tudo, o decôro e a moralidade da propria séde do governo, deixando invadil-a pelos curiosos e admittindo insinuações do meio delles, para em res-

posta proferir phrases de effeito theatral, não é digno, nem teria nunca aquella calma, aquella energia, aquelle valor; precisava mesmo ser tocado do palacio para fora.

No segundo caso, é um tripudio de desmoralisação crassa do proprio governo: o chefe de Estado que responde d'aquelle modo incisivo e aspero a seus ministros, que, em vez de cogitarem de garantil-o no seu posto, suggerem-lhe o alvitre de abandonal-o, e não tem a coragem de despensal-os do cargo, como faria qualquer Menelik; conserva-os com a mesma confiança e recebe aquella ovação, no meio delles, de cara enchuta, não é serio, não tem capacidade moral, não está na altura da suprema magistratura, nem tal governo pode pretender siquer os foros de um governo decente, por que esses ministros deviam ter dado no dia seguinte, pelo menos, a sua demissão, que a dignidade propria, aliás, mandava que fosse incontinente, sob pena de autorisarem, presidente e ministros, este ignominioso conceito da opinião sensata e honesta: acharem-se todos escorados na cumplicidade do arbitrio e da improbidade.

Eis o triste resultado a que chegou a especulativa e fatua manifestação!

O celebre cartão de ouro — symbolo da legenda — foi mais um *presente grego* do que uma glorificação patriotica.

O Sr. conselheiro Rodrigues Alves, como homem de bom senso, de *espirito atilado*, podia e devia ter feito abortar essa encommenda; outro não era o procedimento que em boa consciencia lhe cumpria ter ; mas não o fez, e a unica explicação acceitavel é a que se contem no dogma popular acima enunciado: Deus escreve certo por linhas tortas.

Devia haver essa falsa, hybrida, convencional apotheose, para maior cabimento e destaque daquella outra, verdadeira, espontanea, pura, dos alumnos á Lauro Sodré, que impressionou muito mais e teve muito mais elevada significação.

Este conceito não é só nosso; foi emittido tambem pela *Gazeta de Noticias*, um dos mais importantes orgãos da imprensa diaria desta Capital, e, aliás, amiga da situação, em um nitido e criterioso artigo, sob a epigraphe «Ella por ella», de que com desvanecimento reprodusimos os seguintes topicos:

«A manifestação, alias modesta, mas assaz significativa, feita na Escola Militar aos Srs. general Olympio da Silveira e tenente-coronel Lauro Sodré, quando ali entraram, é a resposta ao pé da letra á manifestação de que tinha ha dias sido alvo o Sr. presidente da Republica.

«E' bem possivel, é mesmo provavel que, si não tivesse havido esta, os espiritos não se exaltassem e não se dessem os factos que occorreram na Escola, tranformada em *forum* militar.

«Comquanto, porém, as duas manifestações sejam como dois rios derivados da mesma nascente, com direcção e corrente opposta, é innegavel que a manifestação feita por militares presos a militares tambem presos, na occasião em que vão responder ás justiças que os vão julgar, tem muito maior significação, provoca muito mais fundas preoccupações do que a manifestação feita ao Sr. presidente da Republica, por mais espontanea e mais justa que ella possa ser considerada.

«Como todas asmanifestações feitas aos altos representantes do poder publico, ao doador de todas as graças e de todos os favores, a que foi feita ao Sr. presidente da Republica pode ser increpada como oriunda de todos os cumprimentos que os fracos suppõem dever aos fortes e os pretendentes a todos de quantos dependam. Não attribuimos esse caracter á tal manifestação, e dizemol-o por que não temos, nem nunca tivemos, o intento de desvendar consciencias e de envenenar intenções que não conhecemos.

«Qualquer, porém, que seja a significação da manifestação feita ao Sr. presidente da Republica, ella perde de importancia ante a modesta e não annunciada mani-

festação da Escola. E' preciso ser cego ou imbecil para não confessar que o sentimento de reacção não é inferior ao da acção.

« As leis podem dominar actos, mas não dominam espiritos nem convicções. Para os que viam nos heróes da noitada de 14 de Novembro os salvadores da Patria e da Republica, nem o proprio sacrificio, nem o proprio martyrio lhes tira essa convicção. Não censuraremos, pois, essas manifestações ou outras quaesquer da mesma natureza, sob o ponto de vista politico. »

*
* *

Disse bem a *Gazeta de Noticias*. E é em virtude dessa força das convicções que não trepidamos em proclamar o resurgimento da Patria, iniciado a 14 de Novembro.

S. Paulo não será mais a Virginia da Federação Brazileira; o Sr. conselheiro Rodrigues Alves será o ultimo specimen desse viveiro presidencial, tão ominoso e funesto.

Si os outros Estados covardemente abdicam os seus direitos de competencia, cabe ao exercito nacional, de terra e mar, supprir-lhes a dignidade e acabar com essa humilhante suzerania, restabelecendo o equilibrio politico.

A imagem sacrosanta da Patria não será mais aviltada com a nefanda comparação, aliás verdadeira, feita pelo proprio Paiz, «de *um monstruoso queijo de ladroice universal* »!

Desfeita a commandita *mater* da politicagem e das negociatas, o bem geral do paiz se manifestará immediatamente, a começar da alta administração publica.

Cessará essa vezania, essa insensatez criminosa do presidente da República saccar desbragadamente sobre os vindouros, como tem feito o actual, a titulo de construir avenidas pomposas e palacetes luxuosos, numa Capital sem agua bastante e sem esgoto hygienico, com a evidente preoccupação de accumular a sua grei de optimos proventos, afora os emolumentos *referendarios*, para cuja larga margem o governo não hesitou em prescindir

da concurrencia publica no colossal contrato das obras do porto e outras, imbaindo o povo e a opinião com o emprego e serviços dados a um certo numero de moços e operarios nacionaes, parcamente remunerados, aliás, e que assim mesmo já vão se extinguindo.

Consequentemente, cessará tambem essa faina indecorosa dos regulos estadoaes, no esgotamento do credito da nação, em contrahir imprestimos extrangeiros, onde cevam seus instinctos gananciosos, sem o minimo escrupulo, e sem nenhuma cogitação do resultado de taes compromissos, certos de que a União, afinal, é que tem de accarretar com as dividas e pagal-as, por honra da firma; raciocinio venal esse — reflexo da corrupção central — que tem contaminado até os poucos homens serios e moralisados, que constituiam a excepção dessa quadrilha de espoliadores, de modo a se inscreverem ultimamente na indecente porfia, para não destoarem do colorido de «*impulso patriotico*», que audaz e cynicamente dão a taes arranjos e traficancias, segundo o brado civico, embora serodio, que acaba de levantar o *Jornal do Commercio*, n'uma de suas *Varias*.

A Patria não terá mais de corar envergonhada do estado lastimoso a que desceu o exercito, em que marechaes do quadro activo, distinctos veteranos, alias, da campanha do Paraguay, que receberam lições de disciplina, civismo, bravura e dignidade, de Caxias, Polydoro, Porto Alegre, Argollo, Ozorio e outros padrões de honra classica, praticam hoje, no mais lamentavel contraste das virtudes civicas e militares que trouxeram do Imperio, a baixesa impudica de sacrificar o brilho profissional dos seus bordados, que representam uma vida inteira de abnegações, uma pagina gloriosa da historia patria, aos ouropeis de uma pasta ministerial, que neste regimen não passa de uma grilheta moral, expedindo ordens e subscrevendo actos que traduzem a negação absoluta do espirito de classe, da honra da farda, da solidariedade humana e da dignidade propria, em holocausto á vaidade que cega o homem, á interesses

inconfessaveis, ambições menos dignas, e ao affecto ou desafecto pessoal do presidente da Republica, de quem se tornam meros serviçaes, numa abdicação do amor proprio e dos sentimentos moraes que não se concebe nem se commenta. Desgraçadamente, o illustre marechal Medeiros Mallet, tido, aliás, por um dos luzeiros da classe, acaba ainda de dar uma prova inconcussa desta verdade, no estranhavel procedimento que, devido á interrupção fortuita deste trabalho, podemos offerecer aqui ao juizo do publico e da posteridade, como um symptoma inequivoco, flagrante da depressão moral que corróe o exercito, pela parte de cima:

Desde a proclamação da Republica, S. Ex. esteve sempre unido ao bravo marechal Almeida Barreto — um dos mais notaveis collaboradores daquelle advento.

Fôra com elle solidario na opinião, civica, patriotica, constituicional, de proceder-se a nova eleição de presidente da Republica, em substituição de Deodoro, que havia renunciado o supremo cargo antes de decorridos dois annos, e foi um dos signatarios da petição politica dirigida nesse sentido, a 31 de Março de 1892, ao vice-presidente em exercicio, marechal Floriano Peixoto, que por isso os reformou administrativamente, bem como a todos os outros.

E ainda como ministro da guerra, no ultimo quatriennio presidencial — do Sr. Dr. Campos Salles —, encontrou no velho e valoroso camarada, que occupava com honra uma cadeira no Senado Federal, o mais franco, decidido e efficaz apoio, á todas as questões que lhe interessavam, sujeitas ao voto do Congresso.

Fallece o marechal Barreto no dia 3 de Maio deste anno e sepulta-se no dia seguinte, 4, no cemiterio de S. Francisco Xavier, saindo o prestito funebre da Estação Central da Estrada de Ferro, ás 10 horas da manhã: S. Ex. o Sr. marechal Mallet, residindo na cidade, resolveu-se a deixar suas commodidades, nesse dia, e affrontar o mau tempo que fazia, sombrio, humido, chuvoso, mas não para acompanhar o enterro do prestimoso

e denodado cabo de guerra,que lhe dera em vida tantas provas de estima e consideração, não para dizer-lhe o ultimo adeus (e S. Ex. é professo catholico apostolico romano!), não para prestar-lhe esse ultimo serviço, que a massa do povo ignara piedosamente tributa ao proximo, na mais sacrosanta devoção; sahio, sim, de seu bello palacete, á rua Senador Vergueiro, para ir, desde muito cedo, indifferente, dizemos mal, superior ao nevoeiro matutino, collocar-se no cáes *Pharoux* e ahi aguardar a chegada do paquete do Sul que trazia o illustre Dr. Pinheiro Machado, afim de ser um dos primeiros, sinão o primeiro (desta vez foi codilhado o madrugador *Pifer)* a cortejar o eminente lançador da candidatura Campos Salles, em cuja reeleição S. Ex. vê tambem a sua nova investidura da pasta da guerra.

Esta aspiração é digna de S. Ex., mas o que não é digno é esse processo — de apostasia dos sentimentos naturaes que se aninham no coração do homem e do soldado e que são o ideal sacratissimo da alma christã—, com que o emerito marechal procura chegar a braza á sua sardinha politica, mas com o qual, sem duvida alguma, S. Ex. só póde concorrer para dar incremento, em vez do desmentido necessario por factos outros, de lisura e nobreza de caracter, áquelle ultra deshonroso conceito, emittido por um cidadão inglez, accionista da Companhia Central de Estradas de Ferro de Pernambuco, em plena sessão da respectiva assembléa geral, em Londres, no anno de 1900, e reproduzido na imprensa desta capital, na vigencia do governo de que S. Ex. fez parte, nestas textuaes palavras: «*o governo do Brazil é o governo mais corrupto do mundo*»; seguindo-se a isso o formidavel escandalo, que passou á historia sob o titulo de «*O caso das Pedras*», de ter o ministro da fazenda—o notavel Dr. Joaquim Murtinho, com previo assentimento do presidente da Republica, e a despeito de terem sido um e outro prevenidos da grossa traficancia por membros insuspeitos do Congresso Nacional, entre outros, o mesmo Dr. Pinheiro Machado, segundo

constou, mandado pagar 520 contos de reis, que effectivamente foram tirados do erario publico, como indemnisação de despesas que tinham sido orçadas em 30 contos pelo proprio industrial reclamante, ainda sob o governo monarchico,que assim mesmo impugnou a conta, por achal-a excessiva e mal comprovada; sendo de justiça consignar aqui, como um preito de homenagem ao merito, que o immoral pagamento foi atropelladamente mandado registrar e effectuar *ex autoritate* do presidente do Tribunal de Contas—o Sr. Dr. Didimo da Veiga, alias uma illustração, contra o parecer expresso, lucido, concludente do director do mesmo Tribunal, o talentoso Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro.

E ahi está o valor assombroso, a coragem unica do fino gaúcho — o eminente senador rio-grandense, comparando Campos Salles á mulher de Cesar!

*
* *

A norma de conducta do governo, de posse da certeza mathematica do fracasso da Escola Militar, é a photographia mais fiel da sua incapacidade physica e moral, da sua politica desvairada e pusillanime, como é a justificativa mais eloquente daquella jornada revolucionaria e a prova mais cabal do papel insidioso, degragradante a que se submetteu o *Paiz*, depois de haver assumido attitude tão brilhante (pags. 14 a 36) na estacada da honra nacional e da moralidade publica.

Começa a desorientação e fanfarrice governamental pelo crasso ridiculo dessa columna de operações, composta das tres armas do exercito e forças de marinha, com todos os apetrechos bellicos, grande provisão de munições, exploradores, etc., etc., que partiu do Cattete ás 5 horas da manhã de 15, para tomar de assalto a Escola e prender os alumnos, quando estes dormiam a somno solto, uns nos respectivos alojamentos, outros em casa de suas familias, para onde se tinham dirigido após o desastre!

Quem o diz é o *Paiz*, que á essa mesma hora punha na rua a sua edição desse dia 15, trazendo o editorial sob a epigraphe «Ultima Hora», em que soltava foguetes á *victoria* do governo, descrevia o combate travado entre os insurgentes e as forças legaes, noticiava ter sido posto fora de acção o general Travassos, gravemente ferido na coxa, morto o cavallo que montava, não sendo encontrado, para substituil-o, o tenente-coronel Dr. Lauro Sodré, *que havia fugido do combate*, e concluia assim: «*A retirada para a Escola foi uma verdadeira debandada. Os alumnos rendiam-se á discreção do governo*».

Não pode, pois, haver testemunho mais insuspeito, nem prova mais eloquente da palhaçada.

A brigada do exercito constava dos seguintes corpos: 1º regimento de cavallaria, 24 e 38 batalhões de infanteria e duas baterias do 2º regimento de artilheria de campanha; e as forças navaes, do corpo de marinheiros nacionaes e do de infanteria de marinha.

A columna marchou sob o commando do Sr. coronel de cavallaria Caetano de Faria (um dos 39 preteridos logo depois pelo privilegiado chefe da casa militar do presidente da Republica!), precedida pelo illustre marechal Argollo, ministro da guerra, que dava o tom da simulação grottesca, porque ia de carro, fardado, mas á vontade, sem espada, e corroborada a farça pela presença de espirito do illustre major Dr. Lauro Müller, ministro da viação, que, tendo a seu cargo um ramo da administração publica inteiramente differente, apresentou-se e seguiu tambem, á cavallo, fardado e armado, de botas e esporas, de modo a formar com aquelle, em apparencia, um perfeito *simile* dos heroes do immortal Cervantes «Sancho Pansa e Dom Quixote».

Ao chegar ás proximidades da Escola, a columna fez alto e preparou-se para o ataque, mas em poucos minutos desfez-se a *nebulosa*: o piquete de exploradores achou o portão franco e penetrou no estabelecimento, seguindo-se-lhe o marechal Argollo com os seus ajudan-

tes de ordens—os capitães Pamplona e Miranda Azevedo, e o Sr. Lauro Müller.

Nesse momento apresentou-se o 2º tenente-alumno Fructuoso Mendes, declarando que elle e seus companheiros estavam á disposição dos seus superiores. Então, o Sr. ministro da guerra mandou ordem ao coronel Faria para entrar com a sua força e occupar a Escola, o que feito, e formados os alumnos, ao respectivo toque de reunir, S. Ex. procedeu a uma inspecção geral na praça, acompanhado do ministro da viação e dos commandantes dos corpos, não encontrando nenhum vestigio de violencia, achando-se nas barbetas os canhões e tudo sem indicio de lucta.

Após, dissolveu-se a columna de operações e as forças regressaram á cidade, para onde tambem seguiram os alumnos, presos, embarcados n'uma fila de bonds da Companhia Jardim Botanico, escoltados pelo 1º regimento de cavallaria e pelo 24 batalhão, que occupava o primeiro e o ultimo carro do comboio triumphal do governo, mas funerario da Republica, ficando guardada a Escola por um forte contingente do 38 batalhão, commandado pelo capitão João Pio de Oliveira Penna.

*
* *

Postergando impiedosamente os mais communs sentimentos de humanidade e os mais rudimentares principios de civilisação, de que a presente guerra do Extremo-Oriente tem dado o mais edificante exemplo, pela solicitude, carinho e pericia com que são tratados os prisioneiros em geral, e com especialidade os feridos, para os quaes a caridade tem sido um manancial inexhaurivel, de uma e outra parte, não obstante ser uma lucta encarniçada, quasi de exterminio, entre nações differentes, o Sr. marechal Argollo, ministro da guerra, como orgam competente do Sr. presidente da Republica, mandou no dia seguinte, 15, ás 9 horas da manhã,

remover o general Travassos — *fosse como fosse, vivo* ou *morto* —, da casa onde tinha sido recolhido, gravemente ferido no joelho por bala Comblain, á rua Marciana, em fente á da Passagem (no Botafogo), residencia de sua filha D. Elvira, casada com o Sr. Tenente Ozorio da Cunha Telles, tambem alumno da Escola Militar, para o Hospital Central do Exercito, situado em Bemfica, districto de S. Francisco Xavier, a despeito de terem os distinctos cirurgiões do Corpo de Saude, Drs. Raymundo de Castro e Pedro de Gouveia, aquelle coronel e este major, declarado—após procederem a corpo de delicto —, *que o estado do general requeria todo o repouso e calma, durante 30 dias, pelo menos, e não permittia de forma alguma a sua remoção.*

O sahimento funebre, na expressiva phrase de uma carta da respeitavel familia da illustre victima, dirigida ao director do *Correio da Manhã*, teve logar á 1 1/2 horas da tarde, sendo o doente atarracado n'uma ambulancia ordinaria, visivelmente impropria para tal mister, sem nenhuma commodidade para um enfermo em condições tão melindrosas, ardendo em febre de grau elevado, e o lugubre percurso fez-se no longo espaço de mais de seis horas, a trancos e barrancos, por caminhos horrorosos, com escala pelo Quartel-General, onde houve uma parada, no grande pateo interno, determinada, talvez, para rejubilar a vangloria dos marechaes—ministro da guerra e chefe do Estado Maior—e para que as forças ali reunidas, especialmente os officiaes e praças do 10º batalhão de infanteria, commandado outr'ora por Travassos, com brilhantismo, correcção e valor admiraveis, se mirassem naquelle espelho, vissem a sorte que espera aos que têm um movimento de hombridade civica.

Em vez do exemplo da nobreza, o espectaculo da vileza !

E houve um general que se prestasse a executor de semelhante barbaridade, sem precedente na nossa historia politica, com a circumstancia aggravante de

saber perfeitamente que ia exercer o execrando papel de carrasco do seu collega, porque tinha ouvido aquella declaração dos medicos militares, e tendo desde logo se conformado com ella, mudou inteiramente de opinião e arrostou como um impio toda a crueldade da selvagem execução, depois que o seu ajudante entrou da rua e disse-lhe que acabava de communicar-se, pelo telephone da delegacia de policia mais proxima, com o gabinete do ministro da guerra e recebera para transmitir-lhe a seguinte ordem «si não fizesse effectiva de qualquer fórma a remoção, se recolhesse preso ao Quartel General». Desenvolveu desde ahi o mais infernal azougamento, que só terminou com a realização da deshumana tarefa.

A monstruosidade do facto exige que sejam declinados os nomes de seus protogonistas, para que a sociedade os conheça e elles proprios tenham occasião de se defenderem de qualquer falsidade ou arguição injusta, por ventura contidas nesta exposição, aliás baseada naquella carta: o general chama-se Francisco da Rocha Callado e o alferes ajudante, Alvaro da Costa Lima.

*
* *

No Hospital Central, embora recebido com toda a delicadeza e attenção pela respectiva administração, e tratado carinhosamente pelo illustre cirurgião Dr. Amaral, a cujos cuidados ficou, o mesmo que o tinha acompanhado na cruciante travessia e por cujas faces, diz a alludida carta, rolaram duas lagrimas ao chegar, á ultima hora, e contemplar a desoladora scena da remoção, não se fez sentir menos a imprevidencia e mesquinhez do governo, quanto aos preparativos de conforto e aos meios de tratamento, começando por ser o general collocado num verdadeiro leito de Procusto — uma cama que não comportava sua estatura — e acabando pela falta de medicamentos essenciaes, como o soro physiologico — para as injecções subcutaneas ou endo-venosas, que deviam ter sido feitas em

larga escala, e não o foram, sendo preciso mandar buscal-o, com sensivel demora, no laboratorio Silva Araujo, na Estação do Rocha.

Decorreram 24 horas sem que nenhum cuidado cirurgico fosse prestado ao ferido. Sujeitaram-no, com febre de mais de quarenta graus, a um interrogatorio policial que durou 4 1/2 horas, interrogatorio alias desnecessario e que com justiça se pode classificar de uma prepotencia criminosa, porque o enfermo não estava em condições de soffrel-o. Em seguida a esse choque, procedeu-se a amputação da coxa, produzindo-lhe um novo choque, em aggravação d'aquelle.

O resultado não podia ser outro, o general morreu antes de decorridas 24 horas da grave operação.

Si a intenção do governo, posta em pratica pelo ministro da guerra, não era promover o assassinato do illustre vencido, cuja vida o mais vulgar sentimento da propria honra e dignidade do governo impunha-lhe o dever sagrado de zelar, para punil-o depois severamente, exemplarmente, com as penas da lei, os factos occorridos, de notoriedade publica, tornam impossivel essa convicção, repellem-na *in limine*, a todo o espirito imparcial e recto, porque trazem a plena evidencia de um plano preconcebido para esse desfecho, presumpção esta lucidamente corroborada pelo autorizado conceito de um profissional emerito, dos que mais honra fazem á cirurgia brazileira e mais ennobrecem a geração actual, por seu inquebrantavel caracter civico e sua excepcional philantropia, o notavel Dr. Daniel de Almeida, que em sessão da Academia Nacional de Medicina, de 24 de Novembro, fulminou essa nefanda postergação do sacerdocio medico-cirurgico e lavrou contra ella o mais cathegorico e solemne protesto.

E' um documento de alto valor, attestado eloquente de que no mundo scientifico tambem ha, felizmente, quem acompanhe em espirito a reivindicação patriotica iniciada a 14 de Novembro, sendo tanto mais meritorio esse protesto, quanto responde vantajosa-

mente, em cima da fivella, como se diz, á *celebre* moção proposta por um outro academico, o Sr. Dr. Costa Ferraz, de congratulações ao governo.

Registramos, por isso, com o maximo prazer a parte da referida sessão que se refere ao assumpto, como segue :

*
* *

«Logo depois de aberta a sessão, o Dr. Costa Ferraz apresentou uma moção de congratulações ao presidente da Republica por ter dominado a revolta.

O Dr. Daniel de Almeida, pedindo a palavra, disse, pouco mais ou menos, o seguinte:

«Era completamente insuspeito no voto contrario á esta moção.

«*Revoltoso* e *bandido* de outr'ora, como já foi taxado, era legalista de hoje, mas entendia que naquella casa, só destinada ás questões scientificas, não devia de fórma alguma entrar a politica que já havia causado serios desgostos.

«Estava ao lado do governo, porém, fóra da Academia.

«Era sabido de todos, que tinham sido os antigos *revoltosos e bandidos*, como em outros tempos foram ali classificados os que haviam defendido a nação contra os suppostos legalistas de então, porém era de opinião que semelhante moção não devia ser apresentada.

« De uma vez para sempre se deviam acabar com as questões politicas nos centros scientificos; si a revolta vencesse, a moção seria em favor do vencedor ; em summa, a ser acceita a moção, o orador julgava-se no direito de, como cirurgião, protestar contra o novo *methodo de tratar* os feridos.»

Ninguem mais pedindo a palavra foi approvada a moção, contra os votos dos Drs. Daniel de Almeida e Afranio Peixoto.

Em seguida pediu novamente a palavra o Dr. Daniel de Almeida para apresentar um protesto, que procurou justificar:

«No mundo estrangeiro, disse o illustre cirurgião, nós passamos por um povo de *selvagens* e *macacos*; basta lembrar o que aconteceu na Republica Argentina, por occasião da ultima viagem do *Deodoro*, em que o primeiro presente que a bordo se recebeu foi um cacho de bananas.

«No mundo scientifico, graças aos ultimos acontecimentos, vamos passar por um povo de ignorantes e perversos.

«Eis porque vai apresentar um protesto, pelo qual se verá que entre nós a cirurgia não está tão atrazada, como se pensa, e todos não rezam pela mesma cartilha:

«Si é verdade, conforme publicaram os jornaes, que um general, gravemente ferido, na rua da Passagem, foi transportado, no dia seguinte, em um carro, dessa rua para o Hospital Militar em Bemfica, viagem em que se gastaram mais de seis horas, por caminhos horrorosos;

«Si é verdade que a um febrecitante, em franca septicemia, com 40,3° de temperatura, se submetteu a um interrogatorio de 4 horas e meia, interrogatorio que foi interrompido por syncopes;

«Si é verdade que, logo após a este terrivel *choque* policial, foi este doente submettido a uma grave operação, como a da amputação da coxa;

«Si é verdade que, contra todos os preceitos mais rudimentares da cirurgia e da humanidade, se sujeitou este doente a *choque sobre choque,* vindo elle a fallecer antes de 24 horas decorridas da operação, victimado por *colapso cardiaco consecutivo a choque traumatico,* como resa o attestado medico;

«Si tudo isto é verdade, Sr. presidente, na qualidade de cirurgião e membro da Cruz Vermelha protesto energicamente contra este novo methodo de tratar os feridos, porque, si se pretendesse trazer a morte a um ferido não se poderia fazer mais.»

O Dr. Fernando de Magalhães, pedindo a palavra, procura defender o Dr. Ferreira do Amaral, que considera um cirurgião distinctissimo, das accusações que acabavam de ser feitas.

O Dr. Daniel immediatamente declara conhecer perfeitamente as habilitações do Dr. Ferreira do Amaral, cuja personalidade não estava em discussão, e a quem se não tinha referido. Accrescenta que o seu protesto, puramente no terreno scientifico, era contra aquelle modo de tratar feridos, si na realidade as noticias dos jornaes eram verdadeiras.

—Deixemos de sentimentalismos piégas; sobre o prisioneiro tem-se o direito de vida e de morte, aparteou o Dr. Costa Ferraz.

—Mais vale um sentimentalismo piégas do que um sentimentalismo de adulação e engrossamento, respondeu immediatamente o Dr. Daniel de Almeida.

O Dr. Paula Guimarães, filho do presidente da Camara e medico militar, pedindo a palavra, procura defender o seu collega Dr. Amaral; relata a molestia e a operação feita no general Travassos; diz que, realmente, a viagem da rua da Passagem a Bemfica foi muito penosa e durou mais de 6 horas; que o enfermo chegou ao Hospital já com 39º; que, emfim, o tratamento foi o melhor possivel, mas no ardor da discussão deixou escapar a seguinte phrase: «V. Ex. ignora as leis militares, o general era um revoltoso.»

O Dr. Daniel replicou immediatamente:

—Ignoro, é verdade, as leis militares e não desejo conhecel-as.

«Mas, V. Ex. antes de ser militar é medico, e, penetrando aquella porta, V. Ex. deixa lá fóra o militarismo e aqui só fala como medico perante cujas leis não se faz distincção entre revoltosos e não revoltosos. Perante a sciencia medica todos são eguaes.»

O Dr. Daniel de Almeida foi muito cumprimentado por grande numero de collegas, por ter salvo a dignidade da classe.»

O governo, porém, não se satisfez com isso. O Sr. presidente da Republica e o Sr. marechal ministro da guerra transpuzeram os umbraes da morte, no seu furor de vingança: recusaram o cadaver á viuva, inexoraveis ás instantes supplicas com que ella o reclamou, e prohibiram-lhe as honras funebres, sendo sepultado como um prescito!

Um duplo attentado: contra as leis da natureza, que a civilisação dos povos mais encarece, de dia á dia, e observa com religioso culto, e contra as leis organicas do exercito, em pleno vigor, pelas quaes o official só perde as honras depois de sentença condemnatoria de mais de dois annos de prisão, passada em julgado, e o general Travassos morreu na effectividade dos privilegios, isenções e garantias da sua alta patente, estatuidas pela Constituição da Republica, achando-se apenas preso para responder a conselho de investigação, que nem siquer tinha iniciado os seus trabalhos.

O cumulo da insensibilidade d'alma e da protervia official!

O gozo do cannibal!

*
* *

O *Paiz*, fementidamente, no citado editorial do dia seguinte, pronunciara-se assim á respeito dos alumnos:

« Os rapazes foram vilmente enganados, ludibriados, arrastados á desgraça (nesta parte a manifestação das flores já lhe deu a devida resposta), e certamente o governo não terá para com elles, já tão sacrificados, os rigores que os principaes culpados reclamam. »

Pois bem; esses mesmos rapazes — praças de pret —, effectivamente os que nenhuma culpa tinham de haver o general Alipio Costallat entregue o commando da Escola amigavelmente ao general Travassos, foram as primeiras victimas, simultaneamente com a barbaridade acima descripta, da sanha tumultuaria do

governo, do prepotente, iniquo, deshonroso processo de repressão, a que o *Paiz* tece lôas e chama *firme, serena, correcta* e *proficua* norma administrativa!

Desembarcados no largo da Lapa, começaram a sorver o calix da mais atroz amargura, seguindo d'ahi para o Quartel-General, em deprimente e humilhante espectaculo, á pé, cercados de pelotões de infanteria e esquadrões de cavallaria, e attrahindo a curiosidade publica, como se fosse uma leva de bandidos. Da repartição do Estado-Maior do Exercito, depois de longas horas decorridas no maior vexame, a pé firme, foram mandados para os differentes corpos da guarnição, com a declaração de presos incommunicaveis, só podendo mitigar a fome já de noite, porque apenas tinham tomado café simples pela manhã e muitos delles nem isso. Quasi todos tiveram de dormir no chão, porque os quarteis não estavam prevenidos de camas para tanta gente. Os pais, irmãos, parentes e amigos, suavam para saber ao certo em que batalhão estavam presos e quando lá chegavam, ou não podiam vêl-os e falar-lhes, porque se achavam incommunicaveis, ou eram sorprehendidos com a dolorosa noticia de já terem embarcado; tendo-se dado, porém, uma excepção relativamente aos que tiveram a sorte de cair no 2º regimento de artilheria de campanha, cujo commandante, o distincto coronel Percilio de Carvalho Fonseca, deu-lhes o quartel por menagem e facultou-lhes as visitas, baseado em não ter-lhe sido dada ordem expressa, por escripto, sobre a incommunicabilidade.

O *paternal* chefe do Estado, o *indulgente* ministro da Guerra, o *lacrimoso* chefe do Estado-Maior tiveram por conveniente e palpitante pôl-os desta capital para fóra, com a soffreguidão de quem afasta de si uma lepra, fazendo-os seguir para as fronteiras do sul da Republica, por turmas, com a roupa do corpo—a mesma

e unica com que tinham saido da Escola, onde haviam ficado os bahús e tudo mais que lhes pertencia, sendo expedida a ordem de embarque já á tardinha e no mesmo instante executada!

Poucos dias depois, e sem que muitos delles tivessem ainda chegado a seus destinos, foram excluidos das fileiras do exercito *á bem da disciplina,* feitas as respectivas communicações por telegramma, com ordem de dar-se-lhes passagem de 3ª classe — á prôa, para os Estados de seu nascimento ou em que residissem suas familias.

E o *Paiz* não disse uma palavra, não articulou a minima observação, nem quanto áquellas tyrannias, nem quanto a este acto da exclusão do exercito — despotico, insensato, covarde e traiçoeiro.

Despotico, porque pelas leis militares em vigor, e pelo regulamento especial da Escola, si os alumnos tinham commettido alguma falta disciplinar, por mais grave que fosse, deviam ser castigados correccionalmente, podendo ir o castigo até o desligamento da Escola; e si tinham commettido um delicto penal, deviam ser submettidos a conselho de investigação e de guerra, como se pratica com as demais praças do exercito, nunca serem excluidos do serviço do mesmo, como acto de repressão disciplinar, o que é um absurdo manifesto.

— Insensato, porque onerou o thesouro nacional com a consideravel despeza de transporte, de ida e volta, tendo sido para isso fretados vapores mercantes, á bom dinheiro, sem a minima necessidade e sem nenhuma justificativa, desde que estava assentada a medida administrativa, ao passo que a baixa dada, desde logo, aqui mesmo, pouparia esse dispendio occioso aos cofres publicos e attenderia a um relativo espirito de humanidade, permittindo aos alumnos tirar suas bagagens da Escola e tratar de outra vida.

— Covarde e traiçoeiro, porque foi um golpe vibrado pelas costas, depois de haver sido declarado «que o governo não cogitava de semelhante resolução.»

Entretanto que, para com o general Alipio Costallat—o verdadeiro culpado material do levante, segundo está cabalmente demonstrado —, a benevolencia do governo attingiu ao escandalo : sem embargo de fechar-se a Escola, por decreto de 16 de Novembro, continuou elle como commandante da mesma, recebendo os vencimentos correspondentes, até 17 de Dezembro, data em que somente foi exonerado !

*
* *

Felizmente, porém, acima dos energumenos da terra ha o dedo da Providencia. Essa perversidade possessa do governo foi esteril e negativa. Pode-se mesmo dizer que moralmente elle é que foi castigado. Por toda a parte, os perseguidos foram despertando as mais vivas sympathias e generoso acolhimento, o mais pronunciado apreço social e até enthusiasticas acclamações ; sendo que o maior, o mais meritorio, o mais efficaz consôlo, encontraram aqui mesmo, no porto do Rio de Janeiro, de parte dos srs. *Lage Irmãos*, empresarios da «Companhia Nacional de Navegação Costeira», em cujos paquetes os alumnos tiveram a fortuna de serem transportados.

Achava-se a bordo o gerente da Companhia, Sr. Roberto Lage, quando ali chegou a primeira leva, ás 9 horas da noite, e o emerito industrial — um simples paisano — comprehendendo, melhor que o marechal ministro da guerra, que a severidade não exclue a humanidade, nem a decencia e que a humilhação da farda do soldado é o aviltamento do exercito nacional, o desdouro da Patria, como pregava outr'ora o *Paiz*, commoveu-se profundamente com essa situação de extrema penuria, *sem uma camisa para mudar*, com essa condição ultrajante de *reos de policia*, embarcados a troche moche, á deshoras, a que via reduzidos os jovens patricios, que vestiam a farda gloriosa do exercito, e tomou promptas providencias, todas quantas estavam a seu alcance,

dando terminantes ordens, no sentido de suavisar-lhes tamanha desventura e crueldade.

De facto, foi-lhes prodigalisado todo o conforto possivel, até o supprimento de alguma roupa branca e nada absolutamente lhes faltou, das regalias inherentes ao tratamento de bordo, inclusive charutos, cigarros, etc.

Ainda mais, nos portos de desembarque, tiveram o telegrapho á sua disposição, para se communicarem com as pessoas que lhes eram caras, o que realmente foi um inestimavel beneficio, correndo as despezas por conta da Companhia.

Na viagem de volta, já sem farda, tiveram passagem a ré e o mesmissimo tratamento obsequioso, tudo á custa da Empresa, por que o governo apenas concedera passagem de 3ª classe e só essa foi cobrada ao Estado.

Cumprimos, pois, um dever sagrado e patriotico, e o fazemos com orgulho, consagrando e transmittindo á posteridade uma acção, como essa, de tanta independencia civica e nobresa de caracter, de tanta philantropia e moralidade, numa época, como a actual, de tanta ignominia e tanto egoismo sordido.

Que os seus nomes fiquem gravados para sempre no coração desses moços, que, depois de terem longos annos, sob o pomposo titulo de « Baluarte da Republica », com o direito de voto conferido pela Constituição, despendido o seu valor moral, o seu vigor physico e o seu enthusiasmo ardente no alicerce das instituições, sempre sugados pela politicagem dominante, são brutalmente mandados jogar a bordo, como réles vagabundos, e logo após despidos da farda, que era o seu ideal e que tanto haviam nobilitado pela bravura, como tantas vezes proclamara-o bem alto o *Paiz,* maculados agora com a pecha de *prejudiciaes á disciplina e á Republica!*

Chamam-se os magnanimos industriaes, pela ordem das idades, Antonio, Alfredo, Roberto e Americo, todos com o mesmo sobrenome Lage, e o escriptorio da Compranhia é á rua do Hospicio n. 9.

Honra lhes seja.

*
* *

As promoções, de generaes e officiaes superiores, que se seguiram ao 14 de Novembro, constituem, nesse ramo da administração publica, o maior escandalo e a maior affronta que já tenham sido commettidos no Brazil. Pode-se dizer, sem exagero, que o Sr. presidente da Republica e o Sr. ministro da guerra pagaram ou premiaram a dedicação pessoal de seus auxiliares intimos, aproveitando até aos parentes destes, á custa do patrimonio mais sagrado da classe —o accesso de posto —, matando assim o gosto pela carreira, o zelo pelo serviço, o estimulo das virtudes civicas e militares, quando a sediça probidade mandava fazel-o á sua propria custa, do modo e pelos meios que reputassem mais condignos.

Esses privilegiados foram: toda a familia Souza Aguiar, composta de tres irmãos, a saber: os coroneis Francisco Marcellino, chefe da commissão brazileira da Exposição de S. Luiz, Antonio Geraldo, chefe da casa militar do presidente da Republica e o major Feliciano Benjamin, commandante interino do corpo de bombeiros, e mais o tenente-coronel Dr. Alfredo de Moraes Rego, secretario do ministro da guerra, os quaes foram promovidos : o primeiro e o segundo a generaes de brigada, por escolha arbitral do governo, o terceiro a tenente-coronel, por merecimento e o quarto a coronel, idem.

Não combatemos taes promoções, cumpre accentuar, tanto pela sua stricta legalidade, como pela sua moralidade, por cuja face ellas degradam o criterio do governo e compromettem seriamente a sua integridade.

Uma das folhas diarias desta Capital, descrevendo a chegada das forças, de terra e mar, que na noite de 14 de Novembro formaram em palacio, referio que, ao apresentar-se o dito major commandante de bombeiros, o Sr. presidente da Republica exclamara com effusão «que familia de moços distinctos! »

S. Ex. disse uma pura verdade. O autor destas linhas, que os conhece pessoalmente, sente-se honrado em subscrever, da obscuridade embora em que vive, o honroso conceito emittido pelo Sr. Dr. Rodrigus Alves, dando em publico o seu pleno testemunho de que cada um delles possue na verdade attributos e qualidades moraes, que os fazem dignos de alto apreço social e de alta estima da propria classe, que os fazem realmente distinctos.

Mas isso não é, nem nunca foi, uma base e um direito para promoção, sendo, sim, um elemento de preferencia, dada a egualdade de condições prescriptas na lei.

Por outro lado, cumpre dizel-o por honra do exercito brazileiro, não são esses officiaes os unicos que têm habilitação technica, capacidade intellectual e moral e conducta exemplar, de modo a constituirem uma excepção phenomenal, no seio da corporação, *como reis em terra de cegos;* e fazemo-lhes a devida justiça, acreditando que elles proprios sejam os primeiros a reconhecer que estão no mesmo nivel de innumeros collegas, quanto áquelles honrosos predicados e a muitos outros têm de ceder a precedencia, quanto á illustração.

Os requisitos que a lei de promoções estabelece como merecimento militar são estes : «valor ; intelligencia e illustração comprovada ; zelo e disciplina ; bons serviços prestados na paz e na guerra».

Esta é a base juridica para aquilatar-se da justiça e moralidade de taes promoções.

Francisco Marcellino e Antonio Geraldo occupavam, na relação geral dos coroneis combatentes, aquelle o n. 15 e este o n. 40 ; existindo nessa relação muitos coroneis, talvez mais de dez, que se lhes avantajavam em illustração comprovada e innumeros outros que lhes estavam adiante, a perder de vista, quanto a todos os demais predicados constitutivos do merecimento, accrescendo que alguns desses já eram capitães, e voltavam laureados da guerra do Paraguay, quando elles assen-

taram praça, nesta Capital, o primeiro em 1869 e o segundo em 1873.

*
* *

O brilhante desempenho que o coronel Francisco Marcellino deu á commissão dos Estados Unidos é um titulo de recommendação especial, sem duvida, aos olhos da sociedade e dos poderes publicos da nação, mas que só devia prevalecer, quando o governo tivesse de fazer outra nomeação, para qualquer commissão identica, dando-lhe a justa preferencia, assim como os creditos de que elle já gozava — de habil architecto — tinham determinado a sua escolha para aquella importante investidura, accumulada, alias, de vantagens e concessões especiaes, entre estas, a de ser nomeado o irmão mais moço, dito major Feliciano Benjamim, para substituiil-o interinamente no commando do corpo de bombeiros, com as insignias de coronel e respectivos vencimentos, flagrante desrespeito a uma disposição administractiva da Republica que prohibe ser o official commissionado dois postos acima, e quando o regulamento vigente do referido corpo prescreve que, *no impedimento do commandante, seja este substituido pelo respectivo inspector geral.* Para a sua promoção, é que não podia prevalecer aquella circumstancia, salva a hypothese da egualdade de requisitos, acima alludida, que absolutamente não se dava.

A calma e aptidões desenvolvidas, em palacio, pelo coronel Antonio Geraldo, na noite de 14 de Novembro, segundo noticiaram diversas folhas, notadamente o *Paiz*, e nós de bom grado o cremos, só lhe davam direito ao louvor e agradecimento do Sr. presidente da Republica, por ter elle sabido compenetrar-se dos seus deveres e justificado a escolha que S. Ex. delle fizera para chefe da sua casa militar, commissão de grande realce, muito vantajosa e muito cubiçada; mandando, entretanto, a verdade reconhecer que não houve da sua

parte o valor, tino, previdencia e actividade que eram de esperar de sua capacidade physica e intellectual, porquanto, achando-se desde duas horas da tarde o governo a par dos aprestos para o pronunciamento da Escola, concertados na reunião do Club Militar, de onde o general Travassos e o Dr. Lauro Sodré sahiram juntos para Botafogo, e conhecendo perfeitamente os *caboclos da aldêa*, podia e devia ter agido e se interessado no sentido de obstar a effectividade do movimento ou restringil-o ao recinto da Escola, mediante a remessa immediata de forças para lá, a cuja frente elle proprio poderia seguir, em vez de limitar-se á sortida inutil, de simples effeito espectaculoso, que fez até o largo do Machado, donde regressou sem nada ter colhido e adiantado, como era de prever, porque os alumnos a esse tempo é que começavam a formar na Praia Vermelha!

Demais, si esse episodio e esses serviços tinham tanto valor, tanto maior e mais clamorosa se torna a injustiça do governo, porque, d'entre as forças que formaram naquella occasião, e que foram mandadas elogiar especialmente, pela *dedicação, disciplina e subordinação com que se houveram contra os inimigos da Republica* (ah! Sr. Dr. Rodrigues Alves e Sr. marechal Argollo, esse qualificativo é uma arma de dois gumes, algum dia haveis de sentil-o!), contam-se diversos dos coroneis aptos á promoção, mais antigos e cheios de reaes serviços, que, entretanto, foram preteridos!

Em que, pois, se baseou o governo para promover aquelles?

Na disposição de lei que lhe confere o direito de escolha, não; seria preciso que o Sr. presidente da Republica e o Sr. ministro da guerra fossem dois mentecaptos, para entendel-o assim.

O texto da lei é este: « A promoção aos postos de major a coronel, inclusive, será feita em todos os corpos e armas, metade das vagas por antiguidade e a outra metade por merecimento; e a dos officiaes generaes

sempre por escolha do governo e independentemente de intersticio.»

E' intuitivo, está ao alcance da razão natural, da intelligencia mais apoucada, que o espirito do legislador foi libertar o generalato das peias da antiguidade e do intersticio, como aliás se evidencia do proprio texto, nunca da contingencia fundamental dos predicados estatuidos, do principio nobilitante da competencia, que autorizasse o facto irrizorio, que ora se dá, de ser provida a alta hierarchia militar, por uma graça toda particular, sem consideração alguma ás clauzulas essenciaes da lei!

*
* *

Quanto ao major Feliciano Benjamin e ao tenente-coronel Moraes Rego, o acto do governo avulta de affronta, porque ahi não ha sophisma possivel, a promoção é regida pelos principios taxativos da lei, que foram postergados.

Feliciano Benjamin era o n. 6 dos majores do quadro ordinario e o n. 15 da relação geral, incluidos os do quadro especial; não apoiando-se absolutamente a sua preferencia, quer quanto áquelles, quer quanto á estes, em nenhum dos requisitos constitutivos do merecimento, pois que, antes, ficava a quem de alguns d'elles quanto á illustração e serviços, e somente sobresahindo-lhes na posição de commandante do corpo de bombeiros, em que acaba de ser declarado effectivo, accessorio esse, porem, de que não cogita a lei e que, pelo contrario, devia actuar no animo do governo, *justiceiro e recto*, para respeitar os predicados essenciaes, em favor dos que não gosavam dessa fortuna, dos que estavam servindo em pontos longinquos desta Capital.

Moraes Rego, aliás uma illustração comprovada, pertence ao quadro especial, cuja creação foi uma das inspirações do preconisado ministerio Mallet, mas, uma obra de tal *perfeição*, que só agora, depois de quatro annos de existencia, recebeu a principal mola mecanica:

o dispositivo regulador do accesso de seus officiaes. (Ordem do Dia do Exercito n. 394 de 31 de Dezembro de 1904).

Occupava o n. 14 da respectiva relação geral e, longe de ter sobre os outros vantagens salientes, quanto aos titulos do merecimento legal, nem siquer guardava parallelo com alguns d'elles, sendo que, entre os do quadro ordinario, havia dois que eram tenente-coroneis do mesmo anno em que Moraes Rego fôra promovido a major effectivo e um dos quaes com bons serviços prestados na revolução do Sul.

Porque razão, pois, o governo foi buscal-o no quadro especial, com sacrificio do ordinario, desvirtuando completamente o espirito da lei?

Porque onerou, assim, os cofres publicos, com a duplicata da promoção, num e noutro quadro, o que não se daria, si tivesse a escolha recahido em quem concorriam todos os requisitos, no quadro ordinario?

Não se explica, nem se comprehende; apenas verifica-se esta anomalia atroz: Moraes Rego, cathedratico, e muito distincto, é certo, da antiga Escola Militar, foi posto em disponibilidade, em virtude do regulamento de 1898, e desde então exerce ininterruptamente commissões vantajosas do quadro ordinario, accumulando aos respectivos vencimentos, que são pingues, a gratificação de lente, já reforçada de 20 por cento e com direito a novos accrescimos addicionaes de cinco por cento, de cinco em cinco annos. Ainda em cima, como se tornasse necessario ao Sr. marechal Argollo, vem prejudicar na promoção os companheiros que vivem no tôco do quadro ordinario, mettendo, assim, *dois proveitos n'um sacco*, pairando sobre os dois quadros.

A *Inana* do exercito!

Eis a lastimosa situação a que chegaram as garantias do exercito, num regimen politico por elle proprio creado á titulo de sanar injustiças e erros do Imperio!

Atira-se á face da Nação e da Historia o escarneo pungente de «ter a força armada cumprido perfeitamente

o seu dever, sustentando com lealdade e valor o governo legal, contra a flor democratica do exercito, taxada de *inimiga da Republica*, e pretere-se no accesso de posto —o galardão por excellencia—, os officiaes mais provectos, encanecidos no serviço de paz e de guerra, que labutam na fileira ou em trabalhos penosos, lá pelas fronteiras, reduzidos aos vencimentos da tabella, para promover-se os mais modernos, que já desfructam as honras, proventos e regalias das melhores commissões!

*
* *

Já na presidencia Campos Salles, classificado em Londres «*o governo mais corrupto do mundo*», sendo ministro da guerra o citado marechal Medeiros Mallet, deu-se identico escandalo, por imposição do chefe do Estado e por fraqueza moral do ministro:

Promoveu-se a general de brigada o digno Sr. coronel Hermes Rodrigues da Fonseca, então commandante da Brigada Policial, modernissimo de praça e de posto, tendo á sua direita vinte e cinco coroneis, arregimentados uns e de corpos especiaes outros, todos com uma larga folha dos mais relevantes serviços prestados á Patria e á Republica, inclusive o tributo de sangue, e possuindo muitos delles uma instrucção, incomparavelmente superior, que raiava pela illustração, donde se vê que essa preferencia obedeceu exclusivamente ao titulo usurpador da rendosa commissão pretoriana!

—Promoveu-se a tenente-coronel o Sr. major Alberto Gavião Pereira Pinto, alias um distincto official, preterindo-se a outros que tinham o duplo de annos desse posto, alguns dos quaes com mais serviços e com a mesma habilitação do curso d'arma, havendo até um, entre os preteridos, que a todos esses predicados reunia o titulo de engenheiro militar e bacharel em sciencias physicas e naturaes, mas á cujo merecimento não militava a circumstancia, que se dava com aquelle, e de muito peso para o Sr. ministro, de «ter ido acom-

panhar ao genro e ajudante de ordens de S. Ex., o delicado major Castillo Jacques, quando este foi convalecer em Campos do Jordão, Estado de S. Paulo, assistido tambem de um outro ajudante de ordens, o Sr. capitão de cavallaria Augusto Gonçalves, correndo as despesas do transporte por conta do Estado e percebendo todos tres os vencimentos de effectivo exercicio, durante todo o tempo que estiveram distrahidos do serviço, no desempenho dessa commissão principêsca». (E o exercito fez a Republica para acabar com o privilegio dos principes de verdade!)

Entretanto, o Sr. marechal Mallet assumira na sua administração uma tal perspectiva de catão e uma severidade, que muitas vezes degenerou na impolidez, na irritabilidade, de que foram victimas diversos officiaes, a quem S. Ex. recusou concessões de toda equidade, como uma transferencia de batalhão, por exemplo, ao passo que docilmente decretava muitas outras, em satisfação da politicagem !

E a descahida de S. Ex. não cifrou-se nessa prova contraria á sua reconhecida integridade moral, á sua probidade e autonomia de caracter, attingiu tambem á sua competencia para o cargo que todos tinham por indiscutivel.

Muito prurido de reforma, muita exhibição, muita farofa, mas quanto a valor intrinseco, á substancia organica, á capacidade profissional, o resultado pratico é negativo, é contristador, como se vê do Estado Maior do Exercito—a menina dos seus olhos—, a mais importante das suas creações, que não passa de uma repartição pesadamente burocratica.

Alem daquella imperdoavel omissão a respeito do quadro especial, que pode ser qualificada de simples desidia, e diversas cincadas de mais ou menos gravidade, S. Ex. mandou, por aviso de 14 de Dezembro de 1901, sob n. 2622, «que os officiaes, transferidos dos corpos arregimentados para o de estado maior ou de engenheiros, fossem collocados, na ordem de antiguidade,

pelas datas em que concluiram o respectivo curso escolar», o que é uma crassa e dupla heresia militar, só aproveitavel aos *filhotes* :

1º Sendo isso uma alteração sensivel da lei que regula a collocação dos officiaes no almanak da guerra, para o accesso e a reforma, não podia nem devia ser determinado por um aviso, porque tal expediente só é admissivel e só tem valor para esclarecer algum ponto obscuro ou duvidoso da lei, nunca para subvertel-a;

2º—Essa doutrina de contar antiguidade do posto pela data do respectivo curso d'arma, é uma idea supinamente extravagante, o requinte do absurdo, um erro de palmatoria, um attentado boçal contra os principios cardeaes do exercito, um completo desaso.

Felizmente, o Supremo Tribunal Militar, conhecendo do assumpto em grau de consulta, estancou essa fonte de pretenções indebitas, de preterições escandalosas, por seu douto parecer de 21 de Julho de 1902, que, porem, só recebeu a consagração executiva pela resolução de 7 de Outubro de 1903 (Ordem do Dia n. 309 de 25 do mesmo mez e anno), já sob a presidencia Rodrigues Alves e o ministerio Argollo, provavelmente por ter o illustre marechal Mallet querido levar até ahi o seu capricho, o seu amor proprio do erro commettido, julgando, talvez, que tal emperração é um titulo meritorio e de bôa recommendação para ser chamado de novo a occupar a pasta da guerra !

*
* *

A copiosa messe de trechos e factos, que já temos exposto, parece-nos sufficiente para levar ao espirito mais exigente a convicção do repudio civico e da incoherencia palmar do *Paiz*; todavia, não podemos resistir á tentação do seguinte especimen, que é uma das joias mais preciosas do seu opulento escrinio de cerebrinas contradicções: Dado o horrendo attentado, de 5 de Novembro de 1897, que assombrou e commoveu profundamente esta

população—a tentativa de morte do presidente da Republica, Dr. Prudente de Moraes, que só escapou, milagrosamente, por ter negado fogo a garrucha que, de sorpreza, o anspeçada Marcellino Bispo lhe encostara ao peito e o assassinato do marechal Carlos Bittencourt, ministro da guerra, perpetrado acto seguido pelo mesmo anspeçada, com um punhal que trazia occulto—, os illustres Drs. Severino Vieira e J. J. Seabra, este na Camara e aquelle no Senado, propugnaram a decretação do estado de sitio, para habilitar o governo a esquadrinhar a trama e debellar o plano geral de conspiração politica, alimentado, sinão urdido por membros do Congresso, que teve começo de execução naquella nefanda tragedia e que os espiritos mais imparciaes, cordatos e desprevenidos eram obrigados a não repellir, em vista de importantes indicios vehementes, taes como, entre outros: a carta dirigida, um mez antes, pelo mallogrado Dr. Manoel Victorino, vice-presidente da Republica, a seu amigo o commendador Hasselman, em *Pariz,* na qual assim se exprime, num dos topicos: «Não se admire de não ver o meu nome figurar entre os que devem pleitear a eleição de 1° de Março (a do successor de Prudente de Moraes); é que antes dessa epoca se darão graves acontecimentos e terei de assumir o governo»; a firmeza com que o Sr. general Glycerio, ex-chefe do omnipotente *P. R. F.* unido e ex-*leader* da Camara, proclamou em S. Paulo a sua investidura de *jacobino* e annunciou o seu triumpho na alludida eleição presidencial, apesar de apeado do pedestal d'onde arbitrava a marcha politica da nação»; o arrojo com que, verberando contra a prisão effectuada dias antes, e que durou 48 horas, do Sr. capitão honorario Deocleciano Martyr e do dito anspeçada Marcellino Bispo, encontrados juntos, ás 2 horas da madrugada, na ladeira do *Ascurra*, onde desde alguns dias apparecia um phantasma, o *Paiz*, ardendo numa opposição systematica, violenta, quasi sanguinaria, proferiu este anathema agourento, na ante-vespera do feroz attentado: «Comprehende-se que houve no facto

da prisão um desforço pessoal; o capitão Deocleciano, porem, que se console, reflectindo que não ha mal que sempre dure, nem bem que se não acabe. Acabará o Sr. Prudente de Moraes; acabará tambem o Sr. Edwiges de Queiroz (o chefe de policia).»

O mesmo orgão radical combateu tenazmente a decretação do sitio, considerando-o *uma violencia á Constituição*, que, dizia elle então, só permittia essa medida rigorosa, de excepcional gravidade, em face da commoção ou revolta armada; dominada esta, o governo tinha na lei os meios e processos regulares, para conter as arruaças, para descriminar as responsabilidades, em qualquer parte do territorio nacional, e para punir os cabeças e cumplices, sem precisar daquelle recurso extremo.

Eis suas textuaes palavras:

«Estado de sitio — porque e para que? A Constituição só autoriza o emprego dessa faculdade no caso de perigar a *segurança da Republica*, por effeito de uma invasão estrangeira ou de uma commoção intestina. Ha a *commoção* de que cogita o estatuto fundamental? Corre risco a ordem institucional pela extensão e pela violencia de um grande abalo revolucionario, contra cujos effeitos a autoridade não possue os meios efficazes e communs de repressão? Absolutamente não». Onde viu o governo commoção intestina? O que o poder executivo póde ter presenciado é o desbragamento da anarchia, o tropel dos vandalos, o roldão dos ferozes demagogicos desencadeados contra o jornalismo republicano em opposição á politica do Dr. Prudente de Moraes.

«Perpetrou-se um crime, é exacto, um abominavel crime, que só provocou um vivo clamor de solidariedade do paiz inteiro, na indignação contra o sicario que fizera gelar o sangue nas arterias de um marechal do exercito brazileiro. Prendeu-se o criminoso, felizmente, e á justiça agora compete a obra da desaffronta social: si o assassino tem cumplices, a autoridade tem na lei os meios de os prender e de os punir; si pelas

revelações do criminoso *o governo adquiriu os elementos de prova de que uma vasta conspiração se urde contra a sua estabilidade*, o que a Constituição lhe impõe, o que o bom senso lhe dicta, o que a comprehensão da lei lhe prescreve é esperar que a revolta estoure, que a insubordinação se concretise, que o attentado se consumma. O estado de sitio é um absurdo, é uma prepotencia, é um attentado á liberdade republicana, é um escarneo á cultura brazileira, é uma affronta ao direito, é uma inutilidade na oppressão».

Agora, que a conspiração não teve começo de execução por attentado algum physico contra o chefe do Estado, ou qualquer membro da administração publica; que o governo e a sua facção apenas rasparam o susto; depois de trinta dias de suspensão das garantias constitucionaes, por decretação do Congresso, aliás sem rasão de ser e só exprimindo um luxo do seu *proverbial incondicionalismo* (pags. 26 e 34), visto como o presidente da Republica, na sua mensagem de 16 de Novembro, affirmou «ter dominado a sublevação immediatamente, com a prisão dos alumnos e do general Travassos e a occupação militar da Escola, assim como *achar-se preparado para manter a ordem publica* e *garantir as instituições*»; depois da segunda mensagem, de 22 do mesmo mez, em que o Sr. Dr. Rodrigues Alves cantou alleluia, dizendo «*ter cessado completamente a agitação popular e achar-se a cidade restituida á sua plena tranquillidade*», *o Paiz* applaude e defende ardorosamente a prorogação do estado de sitio, empregando os mesmos argumentos com que combateu, em 97, a decretação inicial da medida constitucional! Assim se pronuncia:

«O projecto prorogando por 30 dias o estado de sitio, declarado a 16 de Novembro, foi impugnado por alguns senadores e deputados, sob o fundamento de ter o presidente da Republica communicado ao Congresso «que fôra dominada a revolta da Escola Militar e se achava restabelecida a ordem publica»; portanto, o que cumpria ao governo era sugeitar os revolucionarios aos preceitos

ordinarios do processo. Entendem taes censores, lamentavelmente, que o estado de sitio só póde ser declarado quando e emquanto o poder publico é atacado á mão armada; logo, porém, que a autoridade consegue vencer o motim nas ruas, ainda que só então presinta que esse motim não era sinão um symptoma da funda commoção que todo o paiz soffre por effeito de *uma vasta conspiração tendente a subverter por completo a fórma de governo*, desapparece a razão do estado de sitio e decretal-o passa a ser um excesso do poder, um attentado, um luxo do arbitrio!

« Não ha tal; o estado de sitio é uma faculdade preventiva e repressiva; do proprio facto de subjugar o governo a sublevação, decorre naturalmente a sua applicação.

« Os que, como nós, acreditam que o problema politico por excellencia no Brasil é a consolidação da autoridade, condição essencial para a estabilidade do governo, não podem sinão lastimar que a defesa extemporanea da liberdade tenha chegado ao extremo de levar espiritos, que suppunhamos sinceramente votados á defesa da ordem, á condemnação de uma medida proficua, que a mais leve reflexão está demonstrando ser imprescindivel, outorgada pela Constituição».

*
* *

Mais outra, estupenda, flagrante, modernissima:

Em editorial de 18 de Novembro, decretado já o estado de sitio, amesquinhou a conspiração nos seguintes termos: « Podem os inimigos tradicionaes da Republica murmurar que o que estava preparado era um grande e largo movimento revolucionario em que toda a nação estava envolvida. Será mais uma calumnia e nada mais do que isso. Acompanhavamos attentamente os acontecimentos que se desenvolviam e conheciamos com segurança os factos como se passavam, quando, a 7 do corrente, levantando e commentando as palavras de ameaça que o Sr. Lauro Sodré pronunciára nesse

cognominado Centro das Classes Operarias, qualificavamos devidamente a sua attitude como uma *parodia do boulangismo*».

Dias depois, por outro editorial de 14 de Dezembro, nas vesperas de findar o prazo do estado de sitio, lançou a seguinte asserção, diametralmente opposta áquella affirmativa, visando, certamente, induzir o Congresso á prorogação do sitio:

«O que se verificou nestes dias de suspensão de garantias, foi que não se tratava de um movimento combinado somente aqui, não se tratava da sedição de uma escola militar, mas de *uma vasta conspiração*, que se ramificava por quasi todos os Estados da União e que em alguns, como na Bahia, traduziu-se em lucta e em muitos outros manifestou-se de modo inequivoco, por proclamação em que o nome do Sr. Lauro Sodré appareceu decorado com a emphatica designação de *Salvador da Republica*»!

Ahi está o criterio, a moralidade do orgão *democratico,* que o Sr. presidente da Republica consegiu transformar de alvião em broquel da sua administração!

Hontem, sob o governo de Prudente de Moraes, a quem fazia opposição gratuita, ferina, revolucionaria, pregava á pulmão cheio «que o estado de sitio era uma medida extremamente oppressora e vexatoria, de que a Constituição só permittia fazer uso, muito excepcionalmente, em face da commoção, e que, debellada esta, decretal-a constituia um attentado á liberdade republicana, porque á justiça dos tribunaes competia desaffrontar a sociedade e o governo tinha na lei os meios e recursos necessarios para capturar e punir os conspiradores e seus cumplices, por mais numerosos que fossem.»

Hoje, atrellado ao carro do governo, doutrina exactamente o inverso «que é uma medida salutar, estatuida pela Constituição para ser usada antes e depois de dominada a commoção e restabelecida a ordem publica, ou, melhor, como corollario desses factos, e

que prorogal-a era um acto patriotico, para poder o governo reprimir a vasta conspiração que veio a descobrir, agindo livremente, rapidamente sobre os seus autores ou sobre os que podessem cooperar para ella, á qualquer titulo (livra...!) e por qualquer modo.»

Um dia diz, achincalhadamente, que «o movimento de 14 de Novembro não tinha absolutamente raizes, nem éco na opinião nacional, foi uma pachuchada meramente escolar, que morreu no nascedouro».

No dia seguinte, ao ter o Congresso de votar a prorogação do estado de sitio, affirma descaradamente o contrario «que não se tratava de simples sedição de uma escola, mas de uma conspiração geral, ramificada por quasi todos os Estados federados, manifestada inequivocamente em muitos e começada a executar em alguns d'elles.»

Parece incrivel, é verdade! Mas o leitor dê-se ao trabalho de compulsar essas edições e verificará que é a pura realidade.

*
* *

Do exposto vê-se que não foram os obreiros daquella jornada, a começar do Dr. Lauro Sodré, que *deslustraram o seu passado*, que sahiram do trilho, do itinerario trafegado da Republica; foi, sim, o *Paiz* quem desertou do seu posto civico e mentiu á sua propria consciencia, condemnando os acontecimentos reaccionarios de Novembro em nome das suas tradições, que, desde o Imperio, se hão caracterisado essencialmente na insuflação do elemento armado á politicagem.

*
* *

Vê-se mais que o jactacioso republico foi de uma sorte unica, no meio de tudo isso, porquanto, tendo parodiado ao vivo, nesta phase da politica brazileira, nesta mesma situação Rodrigues Alves, o papel de Ra-

bagás—o agitador francez, não teve o mesmo desfecho deste, que cahiu victimado por uma bala, quando de uma janella dizia ao povo: «cessae de atirar e considerae a revolução operada, porque eu sou ministro».

Ao contrario, sahiu incolume e *aproveitado* da insidiosa empreitada, do fementido cantico de guerra civico contra a tyrannia disfarçada do governo, a quem passou a servir. Abandonou, bastardamente, aquelles que tinha concitado á reação e que haviam se precipitado nella ao clarão dos seus lampejos democraticos, aconselhando-os agora á passividade musulmana, porque elle *estava arranjado*, collaborava no poder!

De modo que, quando todos esses illudidos estão soffrendo physica e moralmente, encarcerados, tragando toda a sorte de vexames e dissabores, a começar da privação do seio da familia e da sociabilidade, tendo alguns perdido a vida, outros sido desterrados, o *Paiz* repoltrona-se, ufano e soberbo, no seu palacete á Grande Avenida—essa *obra de loucos*, que agora produz-lhe o encanto da 7ª maravilha do mundo, onde saborêa o prato de lentilhas, e ainda em cima insulta as victimas, cobrindo-as do opprobrio de *vis ambiciosos* e *trahidores á Republica!*

Vê-se, em summa, que é a causa da nação e da honra militar que estão em jogo: portanto, não pode o exercito deter-se, ante consideração de ordem alguma, na senda aberta pela Escola Militar, para o seu desaggravo e o resurgimento da Patria.

*
* *

O facto historico é este: o exercito fez o 15 de Novembro, proclamou a Republica, e tem pago com lingua de palmo essa loucura *patriotica*, essa infidelidade ás instituições juradas. De vilipendio em vilipendio, desde a violação das patentes até o desfibramento do pundonor—que o *Paiz* da propaganda encarecia e zelava, num abrazamento constante, acima de tudo, acha-se atirado á completo abandono e desprestigio,

quasi que reduzido ás condições de um pariá, carregando com a cruz da desgraça da Patria e da lucta individual pela existencia, á braços com a sua classica pobreza honrada, emquanto que os especuladores, aquelles que o exploraram na sua bôa fé, pobretões e fallidos uns, valdevinos e reprobos outros, com raras excepções honrosas, bem depressa tornaram-se nababos, graças ao *trust* organisado da *immoralidade* e da *ladroice* (textuaes palavras do *Paiz*) e ousam agora, julgando-se immunes, resuscitar a gravata de ferro do Conde de Lippe, para suffocal-o!

Senhor incontrastavel da situação, ao proclamar-se a Republica, e podendo ter assegurado o seu dominio por largo tempo, o governo militar foi de uma liberalidade sem exemplo : convocou immediatamente a Constituinte e esta promulgou o novo estatuto politico da nação, elegendo seu primeiro presidente constitucional ao mesmo heroico chefe do governo provisorio, á cuja philantropica renuncia, em 23 de Novembro de 1891, começou a via dolorosa do exercito, porque teve de arrostar com as fezes civicas da legalidade e logo depois com a pungente odiosidade de uma parte da familia brazileira, scindida com a revolta da esquadra.

A nossa obscura voz foi uma das que mais clamaram contra essa avalanche rubra, de plena demagogia, que o *Paiz* ardentemente applaudiu, e esta pugna que ora sustentamos é travada em nome dos mesmos principios e dos mesmos sentimentos, que então nos animavam.

A espada, porem, retirou-se do scenario administrativo, da responsabilidade directa dos negocios publicos do paiz, com a terminação daquelle primeiro quatriennio, em Novembro de 1894, e desde então os civis se investiram do pleno governo da nação.

Que têm feito elles, nesses onze annos de dominio?

A resposta está na consciencia de todos os brazileiros, de todos os habitantes do Brazil, e o *Paiz*, na sua qualidade de *orgão radical e responsavel do novo regimen,* antecipou-se a dal-a, quando escalpellava esta mesma situação Rodrigues Alves e concitava á revin-

dicta a Escola Militar e Lauro Sodré, nestes termos: «Falsificaram o regimen; deturparam o caracter nacional; humilharam o exercito; envileceram e anarchisaram a Patria e redusiram-na a um outro Egypto: o governo na opulencia e o paiz na miseria. »

E é isso mesmo, essa é a miseranda, mas irrecusavel verdade.

Cada novo presidente traz o seu plano architectado, fosforecente na forma, cavilloso no fundo, para sugar a têta da nação, com um olho no povo e outro no exercito, este — o *guarda-costa*, aquella — o *burro de carga*. O processo pratico é o seguinte: A commandita monopolisadora da suprema magistratura, com astucia e refinada competencia, organisa o entrecho administrativo; escolhe á dedo os artistas, explorando nuns a vaidade, noutros a cubiça, noutros ainda a pobreza de espirito; interessa uma parte da imprensa no producto da recita e dá-lhe lugar na primeira fila da platéa; enche de *pataqueiros* as naves do theatro; colloca na orchestra uma banda de musica militar, e no *ponto* fica a propria commandita.

Sobe o panno, o primo-actor entra recebido logo com uma salva de palmas, conforme a pragmatica; o espectaculo corre, de começo a fim, de vento em pôpa: casa cheia (o povo é o pagante) e desempenho cabal (encampações, altos contractos, grandes melhoramentos, reformas de reformas, *etc, etc.)*

Si algum espectador quebra a harmonia do applauso incondicional, si profere alguma palavra menos consoante, a imprensa e a *patriotada* saltam-lhe em cima e abafam-lhe a voz, redobrando de acclamações ao trabalho artistico.

De ordinario, outros criticos, que por ventura haja, mettem-se nas encolhas, á vista disso; porém, si algum, entre elles, mais autonomo e sobranceiro, vencendo as contracções do medo e do estomago, revolta-se contra semelhante coacção do publico, que paga com o seu dinheiro, e promove uma assuada mais seria, inter-

rompendo a funcção e terminando, ás vezes, por um *safa-rascada*, a commandita sai incontinente do *ponto* e vai buscar o *guarda-costa*, para defender a empreza e garantir os seus direitos, em nome *da lealdade e dos principios de ordem da força armada, nos paizes cultos!*

E nisso tem consistido a grande democracia brazileira!

*
* *

Como toda a regra geral, ha nessa comedia civil da Republica, nessa pratica indecente e calamitosa do regimen, uma digna excepção a registrar: a presidencia do memoravel Dr. Prudente de Moraes.

S. Ex. tambem teve erros e fraquezas, no que concerne á distribuição da justiça, nos differentes departamentos do governo, peccando essencialmente pela timidez; porem, foi de um escrupulo e uma moralidade á toda prova, no que concerne aos interesses da fazenda nacional, no que affecta a honestidade administrativa propriamente dita.

Por isso, ao retirar-se do governo, recebeu da sociedade culta a mais pura e brilhante sagração de suas virtudes e teve a mais espontanea e commovente despedida de toda esta população, que juncou-lhe de saudades e preitos de homenagem a Estação Central e o leito da Estrada de Ferro, na mesma extensão em que, quatro annos depois, era corrido á estridente *vaia* o Sr. Dr. Campos Salles, o mesmo que hoje *accede* á infeliz idéa de ser de novo governo!

Por isso, feneceu, em seu Estado natal, S. Paulo, repudiado da commandita, mas abençoado da nação.

*
* *

O seu successor, porém, hoje candidato á typica reeleição, rompeu com esse *atrasado* escrupulo rotineiro e abriu a picada dos *altos negocios do Estado,* das *reformas, indemnisações*, etc., que o actual presidente, Sr.

Dr. Rodrigues Alves tornou uma estrada de rodagem, por onde têm passado carros, carretas e carretões: os maiores escandalos e as mais desbragadas immoralidades.

Semelhante desembaraço de S. Ex. causou geral sorpresa, é certo: nos que já o conheciam de longa data e de perto, porque o reputavam um homem de bem, um homem sério, capaz de desacertos, sim, mas incapaz de deshonestidades e traficancias, e aos que não tinham mais esse motivo a lamentar hoje, aos que apenas o conheciam apparentemente e de agora, porque a singeleza e a naturalidade do manifesto inaugural de S. Ex. haviam-lhes creado no espirito a grata visão de um Nestor ou de um Platão, como succedeu comnosco, que até tomamos a liberdade de felicital-o, por um cartão de cumprimentos.

Foi horrivel a desillusão e ella requer que, com franqueza igual ao estupendo lôgro, proclamemos aqui esta dura verdade: O Sr. Dr. Rodrigues Alves, si o foi, não é mais um homem honesto e sério; pelo contrario, é um chefe de Estado deshonesto e corruptor.

Uma infinidade de actos do seu governo o attestam; resumamos, porém, nos seguintes:

— A compra de um palacete, em Petropolis, á custa dos cofres publicos, do suor do povo, que se estorce na penuria e na canicula, palacete denominado *Rio Negro*, que está na consideravel cifra de trezentos contos de réis, inclusive o mobilhamento, só para S. Ex. e sua respeitavel familia veranear uns dois mezes, transferindo-se autocraticamente da residencia que lhe estatue a Constituição, nesta Capital, e redusindo assim á mera filaucia aquella sua decantada phrase «o lugar do presidente da Republica é aqui, no Cattete». Um homem simplesmente honesto, mesmo sem a cultura de espirito que S. Ex. possue, e sem os recursos pecuniarios da sua bôa fortuna, faria á sua propria custa essa despesa, ou comprando ou tomando de aluguel uma casa condigna, desde que era destinada ao seu goso particular, á uma

pura diversão, inteiramente estranha ao serviço publico, sinão em prejuizo delle, fóra da séde da União, e quando esta capital continuava sob a pressão do estado de sitio ; autorisando, pois, a parodiar-se o apophthegma francez : a população geme e papai grande se diverte!

— A dispensa da concurrencia publica — a pedra de toque dos governos sérios — para o aurifero contrato das obras do porto, na importancia presumivel de cem mil contos de réis, celebrado particularmente com os industriaes inglezes Walker & Comp., cuja idoneidade, por maior e mais notoria que fosse, não podia nem devia superpor-se á moralidade administrativa do Brazil, nem prejudical-o na economia porventura resultante da concurrencia publica ; sendo taes as vantagens desse contrato para os felizes empreiteiros, em prejuizo dos cofres nacionaes, que só na parte relativa á dragagem elles têm um lucro fabuloso. Segundo uma *Varia* do *Jornal do Commercio*, attingiu a 1.400.000 metros cubicos a dragagem realizada durante um anno, e segundo o calculo feito pelo *Correio da Manhã*, a razão de 2 1/2 shillings (preço do contrato) por cada metro, a importancia que receberam do Thesouro é de £ 175.000. Abatido dahi o custeio, calculado largamente em £ 24.000, durante todo o anno, ficou-lhes o producto liquido de £ 151.000 ou Rs. 2.196:363$544, ao cambio actual. Entretanto, depois de auferirem este lucro enorme, estão diminuindo o salario dos empregados e operarios brazileiros, conforme declara a mesma folha!

— O empenho com que obteve do Congresso todos os poderes dictatoriaes para o prefeito do Distrito Federal, o illustre Dr. Francisco Pereira Passos, cuja nomeação S. Ex. já trazia no seu canhenho presidencial, como o homem da sua inteira confiança, collocando-o, por isso, desde logo, acima das leis e do direito de propriedade, como si este Districto fosse um feudo conquistado, e a cegueira da peior especie, que é a de quem não quer vêr, com que o mantem nesse cargo, demissivel *ad nutum*, a despeito dos factos e provas

transcendentaes que passamos a referir, destacando-os da longa serie de motivos ponderosos, irrecusaveis, que o tornam incompativel com a civilisação e moralidade desta Capital:

a) a sua qualidade de negociante desta praça, estabelecido á rua Santa Luzia com armazem de madeiras e serraria a vapor, que por lei o veda de exercer o governo do Districto Federal, equiparado pela Constituição a um Estado, segundo a demonstração plena, fulgente, cathegorica dos pareceres uniformes, publicados no *Jornal do Commercio*, de tres dos nossos mais abalisados jurisconsultos, os conselheiros Lafayette, Silva Costa e Carlos de Carvalho; illegalidade que avulta sob o aspecto da moral, por ser exactamente esse genero de commercio o que maior suspeição offerece nesta phase prefeitural, em que a ordem do dia é «*construcção, demolição e reconstrucção*», de modo a dar-se o monopolio tyrannico, ou, com mais propriedade, um perfeito trust industrial, em virtude do qual, como é publico e notorio, os edificadores e constructores são obrigados a comprar todo o material de que necessitam no armazem Passos ou em seus succursaes, afim de obterem com mais facilidade as respecivas licenças da prefeitura, que passaram de tres dias a tres mezes, ficando assim postos fóra da competencia e gravemente lezados os demais estabelecimentos congeneres, que veem-se na contingencia de vender a sua fazenda a preço infimo, sem resultado nenhum, para irem atravessando a crise;

b) o nenhum escrupulo com que nomeou seu filho, tambem engenheiro, o Sr. Dr. Francisco de Oliveira Passos, bem joven ainda na idade e bem recruta na profissão, consultor technico da prefeitura, (que irrisão, nhonhô dando lições do officio a papai!), aggravando a situação precaria dos cofres municipaes com os vencimentos desse cargo, na importancia de um conto de réis mensal, tanto mais occioso e dispensavel, quando existia e existe ao serviço do municipio uma pleiade de engenheiros, não menos de vinte, na directoria de Obras,

incomparavelmente mais provectos, e tres procuradores do Districto, todos competentissimos, accrescendo, sobretudo, a circumstancia de enfeixar nas mãos o Dr. Passos, por força da lei de 29 de Dezembro de 1902, todos os poderes—o legislativo, o executivo e o judiciario, isento de prestar contas ao Conselho Municipal, e a ninguem, dessas sommas e interesses colossaes sob sua unica tutella; mandando, por isso, a mais vulgar intuição da responsabilidade moral, do respeito ao decôro do cargo, ao conceito publico e á sua propria dignidade que o prefeito, em taes condições—de um verdadeiro dictador, devendo acautelar a sua honorabilidade, a sua reputação individual e social, que para os homens de bem está acima de toda a grandeza material da fortuna, caso julgasse de inadiavel conveniencia a creação daquelle cargo, como S. Ex. julgou e autocraticamente decretou, escolhesse um estranho para occupal-o, entre os innumeros profissionaes emeritos, homens de todo o respeito, e de longa pratica, caracteres distinctos, que existem nesta capital, consultando assim, plauzivelmente, os interesses do serviço publico e a sua moralidade administrativa; mas, longe disso, fazendo aquella nomeação indecentemente escandalosa, o Sr. prefeito levou ao cumulo a desfaçatez e affrontou a sociedade culta em que vive, porque deixou evidente que só queria no consultor technico um instrumento das violencias e negociatas, constituido como está o proprio filho do prefeito no *cerebro official* do esbanjamento de tantos milhões pela desapropriação e derrubada de centenares de predios—o vandalico arrazamento da cidade, que equivale ao incendio de Roma—, na lucida apreciação do illustre Dr. Barata Ribeiro, feita da tribuna do Senado,

c) o impudor mais aviltante com que se locupletou do emprestimo municipal, realisado aqui por intermedio do Banco da Republica e que, pode-se dizel-o diante dos factos e algarismos, reduziu-se a um mero tribofe prefeitural, segundo a demonstração cabal e concludente

que publicou o citado *Jornal do Commercio*, em gazetilha, sob a rubrica: «O governo do Municipio», e que reproduzimos em parte, como segue :

« Na Russia, que neste momento se acha toda levedada por uma verdadeira revolução social apezar da inacreditavel ignorancia que, entre todos os paizes da Christandade, ali mais approxima o homem do bruto, na Russia, pelo menos em questões do credito publico, não se ludibria o contribuinte nem o credor nacional. As contas do Thesouro são prestadas com a maior exacção. O systema tyrannico que, por suas longas tradições, facilita ao governo internar na Siberia qualquer subdito, sem fórma de processo, esbarra diante da extorsão do dinheiro do contribuinte. Foi reservado ao engenheiro Passos exceder ao Czar neste desprezo absoluto de todas estas peias que, num paiz civilizado, são consideradas como salvaguarda das liberdades preciosas do cidadão, deste cuidado que todo o governante de gente culta põe em prestar contas dos dinheiros que lhe são confiados para o beneficio geral.

« Este desprezo absoluto por todas estas fórmas sagradas da civilização e da liberdade revela-se nitidamente na historia tristissima do emprestimo municipal de £ 4.000.000, ha um anno negociado pelo prefeito, primeiro na Europa, depois aqui e depois novamente na Europa.

« A somma de £ 4.000.000 é realmente enorme para um paiz de poucos capitáes, como o nosso, e para uma municipalidade que só se tem desenvolvido lentamente e que já se acha aggravada com um exercito de vitalicios e aposentados, creados pela mais torpe politicagem. Não se concebe porque a União, que emasculou o municipio de tudo quanto constitue um povo livre, não tivesse ella mesma levantado esta somma tão poderosa, mas permittisse o manejo da operação a um homem, como o Sr. Passos, que na Estrada de Ferro Central do Brasil já dera tão recentemente provas do mais absoluto desprezo a todas as regras do

bem-viver administrativo; que, sem o menor escrupulo, applicou a uns fins diversos daquelles para que estavam decretadas pelo Congresso, verbas importantes votadas pelo Poder Legislativo e sanccionadas pelo presidente da Republica, causando isso reclamação internacional e telegrammas indelicados, dirigidos pelas partes lesadas ao chefe do Estado. Tivesse o governo chamado a si, ha um anno, este imprestimo, e nós, os infelizes municipes da Capital da Republica, teriamos hoje muito menos de lastimar, quanto aos costumes, e quanto á bolsa muito menos a despender.

« Si na sua penultima mensagem o prefeito, quanto ao emprestimo, limitou-se a pôr na rua da amargura os capitalistas extrangeiros que haviam recuado da operação, já naquelle documento annunciada como feita por intermedio do Banco da Republica do Brasil, na sua ultima mensagem o Sr. Passos nos deixa litteralmente em jejum ácerca do que conseguiu aqui, por aquelle Banco, e no extrangeiro por outros intermediarios. Ha mezes que temos procurado debalde penetrar neste recondito segredo da Prefeitura. Em qualquer paiz semi-civilizado o encarregado da Fazenda Publica capricharia em prestar todos os pormenores de uma operação tão delicada como esta; aqui em nossa Republica entrega-se isto a um dictador e elle se julga superior a este mecanismo de responsabilidade official em uma nação culta.

« Apezar, porém, da falta de informações officiaes sobre o emprestimo, o *Jornal do Commercio* conseguio, si bem que a muito custo, obter alguns dados seguros de que pretendemos fazer uso nestas columnas. Culpa nossa não será si desagradarem. Não é de hoje que pensamos que a dictadura do Sr. Passos é um grande perigo publico e cada vez mais convencidos estamos de que é uma ameaça crescente para a paz na Capital da Republica.

« O emprestimo de £ 4.000.000 ou 80.000 contos ao cambio de 12 pences, admittido como base delle,

devia produzir, a 85, 68.000 contos. E como deste producto se devia retirar a parte necessaria para o resgate das apolices de 6 %, papel, em circulação, e sendo então o total destas 34.000 contos, ficavam, — tudo ao cambio de 12 p., notem bem, e não a cambio superior, — exactamente 34.000 contos para as obras do saneamento e embellezamento da Capital.

« A subscripção publica foi um *fiasco* tremendo. O Sr. Passos pedia 80.000:000$ ao publico brazileiro e o publico respondeu desta maneira:

Subscriptores de 14.373 apolices de £ 20, integralizadas, a 85 %...	4.886:820$000
Subscriptores de 274 apolices com 15 % realizados.....	16:440$000
Subscriptores de 13 apolices com 30 %.....	1:560$000
Valor das entradas a realizar nestas 287 apolices.....	76:720$000
	4.981:540$000

« Digamos, 5.000 contos ou *pouco mais de seis por cento* do total nominal pedido!

« Do exterior veio um auxilio: a cidade do Porto, graças á intercessão do Banco da Republica, contribuio com 1.224:340$ tomando 3.601 apolices. O grande total que o Sr. Passos obteve foi, portanto, 6.206 contos de réis em dinheiro.

« Assim o *resultado* do emprestimo de 80.000 contos foi este, em papel:

Subscripto pelo Sr. Visconde de Moraes, S. C. Misericordia e C. Melhoramentos.....	2.975:000$000
Subscripto pelo pubico.....	2.009:400$000
Subscripto pelo Porto.....	1.224:340$000
Somma em dinheiro recebido.....	6.208:740$000

«E' preciso notar que a Prefeitura ainda concedeu áquelles tres principaes subscriptores o desconto especial e particular de 217 contos, sendo 126:900$ ao Visconde de Moraes por 4.500 apolices, 68:900$ á Santa Casa de Misericordia por 3.250 e 21:200$ á Companhia Melhoramentos por 1.000 apolices. (Reparem bem a quem concedeu o menor desconto.) Isto reduz o que ella recebeu do publico do Rio de Janeiro, inclusive aquelles subscriptores, ao total maravilhoso de 4.769 contos de réis.

«Entretanto os nossos collegas da *Gazeta de Noticias* cantaram em editoriaes o enorme «successo» da grandiosa operação. Acabamos de ver o camondongo da montanha; mas o nosso enthusiastico visinho dizia a 9 de Agosto:

> «Hontem foi grande o comparecimento de titulos velhos para permutal-os por novos. Não menor foi o numero de subscriptores de novos titulos.
>
> Os dous bancos que chamaram a si o lançamento do emprestimo tomaram firme titulos novos na importancia de £ 600.000. De Lisbôa e do Porto vieram telegrammas noticiando que naquellas praças havia grande animação.»

«E' escusado dizer que nenhum Banco tomou £ 600.000 firmes, nem £ 60.000, nem £ 6.000, nem £ 600, nem £ 60. O numero total dos titulos de 6 %, resgatados por occasião *e depois* do emprestimo, foi de 62.063 e sabemos que o Banco da Republica comprou por conta da municipalidade apolices, papel — em que este despendeu 3.008:332$, e cujo valor — par, seria talvez 3.500:000. Seria tambem curioso ver a «grande animação» nas praças de Lisbôa e Porto porque tomaram 1.224:000$000! Os nossos collegas têm realmente idéa muito acanhada daquellas cidades e de sua riqueza; mas estas exagerações, neste caso editoriaes, da gazeta official da Prefeitura, dão aos nossos leitores a medida

do desprezo que lhes devem merecer os repetidos «Escrevem-nos» que dali mandam inserir nas columnas principaes do nosso estimado contemporaneo.

«Continuemos, porém, a prescrutar os pontos reconditos deste celeberrimo emprestimo. Os annuncios rezavam que o corretor do emprestimo era o Sr. A. Kock. Pois bem: apezar de que, como vimos, a Prefeitura só obteve do publico 2.009 contos de réis, este corretor ganhou nada menos de 139:740$, — mais de 6 1/2 % da somma subscripta pelo publico, pois os tres grandes subscriptores não precisavam de corretor. Não o conhecemos nem temos razão de duvidar da sua integridade: mas não comprehendemos como ganhou aquella somma. Nem esta commissão se explica, ainda que tivesse sido o corretor Kock o comprador de todas as apolices obtidas pelo Banco por conta da Prefeitura. Os nossos leitores fiquem, porém, sabendo que só este feliz protegido do Sr. Passos obteve 140:000$ deste miseravel *fiasco* de emprestimo...

«Outra *despeza* que tivemos de pagar foi da commissão ao Banco; subio ella a 1 %, não em apolices a 85, como para o publico, mas a 83, isto é, o emprestimo foi emittido ao publico a 85; a Prefeitura contrata pagar ao Banco 1 %, mas a 83 e não a 85, o que equivale a ter pago 819:060$ de commissão ao Banco para lançar a operação. Aqui estão, pois, de despezas,—só para o Banco e o corretor, nada menos de 956:800$,—ou *quasi a metade de toda a somma* que o nosso grande prefeito recebeu do *publico* fluminense.

«Mas isto ainda não é nada,—tenham os leitores paciencia. Na escriptura publica de 3 de Agosto para a offerta publica do emprestimo, lançada em notas do tabellião Evaristo, consta no art. 23 que (leiam com attenção):

> « Receberá o Banco da Republica do Brasil pelo lançamento deste emprestimo a commissão de 1 % sobre £ 4.000.000; *e*

para as despezas necessarias, autorisadas pelo prefeito, como sejam corretor, annuncios, impressos, commissões para collocação dos titulos deste emprestimo, etc., etc., receberá mais um por cento sobre aquella quantia.»

«Pois bem, para estas *despezas necessarias*, como sejam *corretor*, *annuncios*, *impressos*, *commissões*, e «ETC., ETC.», foram emittidas ao Banco 2.500 apolices, não a 85, nem mais a 83, mas a 80,—(pesem bem estes diversos typos)—pelo que a Prefeitura recebeu 850:000$. Assim, ainda que todas estas despezas fossem licitas, teriamos até agora, para esta emissão, para a qual o publico contribuio apenas com 2.009:400$, estas sahidas:

Banco da Republica.....	819:060$000
Corretor Koch.....	139:740$000
Despezas dos «ETC., ETC.» do Sr. Passos.....	850:000$000
	1.808:800$000
Recebido dos subscriptores fluminenses, além dos tres sobreditos.....	2.009:400$000
Saldo para Saneamento, Embellezamento e Resgate.....	200:600$000

. . . . . .

. . . . . .

«Eis ahi o que é a administração deste homem: para converter ou trocar 12.000 contos de apolices por outras e para obter 6.200 contos em dinheiro, já faz uma despeza de 1740 contos de réis que ainda não está ultimada! E é assim que a população desta malfadada Capital, que, si respeitassem a Constituição, já teria sido transferida para o interior, está sendo assaltada, sem o menor recurso!

«O emprestimo era para a conversão e para «embellezamento» e «saneamento» da Capital: pergun-

tar-se com que direito o prefeito pagava dividas ao Banco para despezas correntes é mais uma «bagatella» de que nem vale a pena fallar.

«Embellezamento»! «Saneamento»! O contribuinte que paga estes desvarios do nosso dictador, cuja unica lei é a sua vontade tresloucada, e ao qual nos entregaram, de pés e mãos atadas, só sentirá, diante destas amostras de «belleza», a humilhação do escravo surrado».

*
* *

Peza-nos do fundo d'alma, sinceramente o confessamos, como patriotas que somos, ter de articular e registrar accusações de tal dezar, contra um brazileiro de nomeada, como é o Sr. Dr. Passos, um engenheiro e administrador tão illustre e tão notavel, por sua capacidade technica, por seu talento, sua energia e sua rara actividade, que bem mereceria da Patria e dos habitantes desta Capital por alguns uteis e grandes melhoramentos que está realisando, no meio dessa allucinação de embellezamentos da cidade; mas a inteiresa de nossa tarefa a isso nos obriga, e assim proseguimos:

Para desforrar-se desse *fiasco* do famoso emprestimo, tão palpitantemente annunciado, que não lhe permittiu satisfazer a gula pecuniaria, recorreu á conhecida fabula de La Fontaine «Si não foste tu, foi teu pai»: offereceu, em sua residencia, um almoço familiar, mas noticiado pela imprensa, aos dignos intendentes actuaes, elle — o *grão senhor* que tratava de resto o Conselho! e suggestionou-lhes a tyrannica, maldicta idéa, que açodados reduziram a projecto e converteram em lei do Districto, que o Nero caricato sanccionou incontinente, cassando ás instituições de caridade e de beneficencia desta cidade a dispensa do imposto predial, que gozavam desde o Imperio e era o unico auxilio que percebiam da Municipalidade, uma migalha, para os incalculaveis beneficios prodigalisados ao povo e o vivo interesse e

philantropia com que supprem a deploravel desidia dos poderes publicos ; de modo que nem os estabelecimentos pios escaparam á insaciavel cubiça do prefeito, vingando-se nelles, embora numa ninharia relativa, do mallogro daquella *promissôra* operação.

Malsinada Republica! No regimen deposto, *autocratico, oppressor, do privilegio dynastico*, o Estado não tinha, é certo, como ainda não tem hoje, o serviço de Assistencia Publica, mas o governo favoneava quanto possivel essas instituições de beneficencia e o chefe da nação, o Sr. Dom Pedro II, esse mesmo excelso principe brazileiro, desthronado e expulso a 15 de Novembro, por occasião de se fundarem, á toda pressa, nesta Capital, em 1873, hospitaes e enfermarias, aos esforços da Caixa de Soccorros D. Pedro V e da Sociedade Portugueza Beneficente, para fazer face á voraz epidemia da febre amarella, deu o mais sublime exemplo de amor do proximo e das virtudes que o exornavam:

«Foi com a sua assistencia fortalecer no espirito publico a acção de beneficencia, dignando-se ajoelhar junto aos leitos estendidos no chão, porque já não havia mais cama para conter os doentes nas vastas salas do Convento de Santo Antonio, para, com sua palavra amiga e carinhosa, levar-lhes animação ao espirito e coragem para resistirem ás proximidades da morte.»

— São textuaes palavras do integro republicano historico, o já referido Sr. Dr. Barata Ribeiro, proferidas da tribuna do Senado, onde brilhantemente occupa uma cadeira como representante do mesmo Districto Federal.

—*Justitia quæ sera tamen.*

No regimen actual, *democratico, liberal, do povo pelo povo*, o prefeito corta com mão sacrilega a pequena concessão que o Municipio fazia á caridade, tira dos pobres para dessipar na vezania de obras luxuosas, como esse theatro em construcção — um dos maiores abusos desta sua dictadura e contra cuja phantasia de Cre-

sos manifestou-se um dos nossos mais competentes criticos theatraes, o encyclopedico escriptor Arthur Azevedo—, obras colossaes de que não presta contas a ninguem, mas com as quaes o seu estabelecimento commercial tronou-se um grande emporio, e o chefe do Estado, dando arrhas de um nepotismo chapado, affrontando os queixumes das victimas, a censura da imprensa, os clamores da opinião, vem trazer-lhe em publico, na inauguração do mesmo theatro, a renovação da sua illimitada confiança e decidido apoio, nestes termos expressivos: «estou de perfeito accordo; continue assim, que vae muito bem»!!

*
* *

Os turibularios e engrossadores do Sr. Dr. Rodrigues Alves, o *Paiz* á frente, crearam-lhe a celebre legenda «*Este é o meu lugar*»; a Historia, porém, cedendo á logica dos factos, ha de substituil-a por esta outra «*Tão bom é o ladrão como o consentidor*», tendo por columna principal o proprio *Paiz* de hontem, que estabeleceu as premissias da concludente maxima, gravando estes conceitos:

« Felizmente o prefeito não exerce o cargo por investidura popular, é funccionario de confiança do Sr. presidente da Republica, que como tal é o responsavel pelos escandalos e actos de dictadura do Sr. Dr. Passos. Pleiteando no Congresso a prorogação desses poderes dictatoriaes, o Sr. Dr. Rodriges Alves não faz sinão reclamar para si a prorogação das faculdades excepcionalissimas que lhe foram concedidas, de verdadeiro dictador desta cidade, num momento de profunda perturbação da nossa vida municipal. Os serviços do Sr. Dr. Passos, na realidade notaveis, não passam de um pretexto para dar ao presidente da Republica o prolongamento dessa dictadura, sob a qual o Districto Federal, no fim de contas, tem sido governado do mesmo modo prepotente e desperdiçador da maioria dos Estados. E' por vontade de S. Ex. que se pretende despojar o Conselho

Municipal da peculiar attribuição de fiscalisar os negocios do Districto, que se trama esse attentado ao decoro do regimen, aos brios da população mais civilisada do Brazil. O que S. Ex. quer, é que se dê ao prefeito o direito de vender, sem formalidades, e sem prestação de contas, os terrenos ou os predios adquiridos e desapropriados á custa de uma parte dos quatro milhões sterlinos do emprestimo autorizado. Em que terra estamos nós, sob que regimen, que esse attentado se propõe a sangue frio, como um recurso de administracção moralisada e fecunda? Como se investe alguem, seja elle quem fôr, da faculdade discricionaria de vender, sem a menor restricção, os terrenos que n'uma area tão extensa vão ser desapropriados para essas avenidas pomposas, em má hora idealisadas por este governo phantasista, para uzo e gozo de uma população em miseria? Está escripto que vamos ter um segundo, mais escandaloso e mais funesto ensilhamento e que o governo do Sr. Dr. Rodrigues Alves, que todos esperavam glorioso, absorver-se-ha nessa expansão de arranjos, com descredito forminavel para a Republica, deixando atraz de si ruas em escombros. São exagerados os louvores tecidos ao Sr. Dr. Passos, porque S. Ex. governa o Districto com poderes que ainda não tinham sido conferidos a ninguem e servindo-se de orgãos de administracção que tambem ainda não tinham sido aproveitados; sendo que ao illustre Dr. Xavier da Silveira, tão modesto quanto admiravel administrador, se deve em grande parte o conjuncto de medidas que singularmente facilitaram a obra de arrecadação da renda municipal, praticada com bastante exito pelo Sr. Dr. Passos, mas com uma largueza de tal modo demasiada, que vale pelo confisco da propriedade. O Sr. Dr. Rodrigues Alves insiste em dar ao prefeito milhões a rodo, a titulo de embellezamento desta Capital, numa epocha de tanta penuria como esta; o inconstitucional projecto passará, entre os applausos e as gyrandolas da imprensa embasbacada, e o tribofe administractivo encherá as algibeiras dos industriosos

felizes, emquanto que o povo continuará a pagar, durante muitos annos, esses duros impostos dictatoriaes, mas o governo do Sr. Dr. Rodrigues Alves será apontado á execração nacional, como deshonesto e trahidor á Patria »!

Hoje, que tudo isso está consumado: *expansão de arranjos, milhões a rodo, avenidas pomposas, algibeiras cheias, confisco da propriedade,* o *Paiz* converteu-se n'uma cornucopia perenne de louvores a essa mesma situção, de ardentes applausos a esses mesmos esbanjadores, de enthusiastica apotheose aos mesmos Srs. Rodrigues Alves e Pereira Passos, intitulando-os de «benemeritos da Patria, prototypos de moralidade administrativa, superiores no talento, actividade, bom gosto e patriotismo a todos os chefes e administradores que a Nação e o Districto têm tido, desde a nossa independencia».

Proh pudor!

*
* *

Louvando-nos na proverbial intelligencia da illustre redacção, somos forçados a concluir que o *tribofe administrativo* passou de duetto a terceto e que o afamado orgam radical autoriza os seus incommensuraveis leitores a verem nesta sua total metamorphose a reproducção da untosa phase do *Grito do Povo*, do Principado de Monaco:

Fundado com o mesmo programma e os mesmos intuitos do *Paiz*— de orgão democratico, paladino das liberdades publicas, defensor nato do povo—, esse jornal assestou desde logo suas valentes baterias contra o principe reinante, accusando-o, sobre tudo, de delapidador da fortuna publica e corruptor do sentimento nacional, de governar com uma falsa opinião, gerada e alimentada atraz dos reposteiros de palacio; e, chegado ao ponto culminante do tremendo libello, no mais acceso da evolução politica, quando acabava de annunciar ao principe que, *no meio do abastardamento geral da nação, tinha ficado de pé um democrata insigne, um homem*

puro, talento superior, de alta envergadura moral, monsieur L. Soudré, em quem o povo podia confiar sem desfallêcimento e em torno do qual todas as esperanças se reuniam, quando provocava nas vibrações da indignação mais acendrada os instinctos revolucionarios da multidão, pregando que «a um chefe de Estado consticucional, mas inhabil e leviano, era preferivel um dictador clarividente e forte, que assegurasse a regeneração dos costumes politicos e restabelecesse patrioticamente as liberdades conspurcadas, restaurando assim a moralidade administractiva do paiz, que se achava reduzida a um *monstruoso queijo onde algumas ratazanas banqueteavam-se á farta, covarde e despresivelmente,* o principe chamou-o á fala, e, mostrando-lhe um lugar a preencher entre os felizes roedores, assim lhe disse «Vivemos afastados um do outro, não por esquivança minha, mas por obstinação sua e sinto deveras isso, porque de ha muito aprecio a sua pujante intellectualidade e o paiz precisa tanto de nossa união, para atravessar esta formidavel crise do principio de autoridade, sendo certo que o seu apoio traria grande prestigio ao meu governo, que já ter-lhe-ia prazenteira e affectuosamente estreitado ao seio, reservando-lhe o melhor quinhão do cofre das graças, si não fosse essa sua conhecida attitude de oposicionista.» Foi quanto bastou; entenderam-se perfeitamente bem.....

No dia seguinte, o cretino estampava este artigo de fundo:

«Não conheciamos a somma de virtudes que a Providencia Divina concentrou na alma diamantina do principe reinante, modelo de patriotismo e de bondade, a mais sublime crystalisação de perfeições, que ainda rebrilhou nos thronos da terra, para gloria da humanidade. Hoje, que os nossos olhos podem ver os esplendores da lei, de que privara-os tanto tempo o meio injusto e suspeitoso que nos obcecava a razão, vamos falar á Nação, com toda a lealdade e toda a franqueza de patriota honesto; Não precisa suspirar por felici-

dades o povo que já as possue tamanhas, e será mais que uma aspiração politica, será uma devoção religiosa consagrarmo-nos em devotamento arroubado ao throno, que nos engrandece e nos ampara contra as delacerações da anarchia. Saiba a população sensata e conservadora que o governo não é seu inimigo, pelo contrario, cuida do seu bem estar e da saude publica; por conseguinte, não se illuda mais com os discursos estudados de Mr. L. Soudré e outros demagogos que especulam com a sua bôa fé; o que esse heroe de tribuna quer, é exploral-o para pescar o poder e uma vez conseguido isso, não o conhecerá mais, tratal-o-ha de resto.»

Dias depois o mercenario passava a occupar um bello palacete, á rua Central, aberta de novo e a mais importante da cidade; o respectivo redactor-chefe era subvencionado pelo Estado com cinco mil francos mensaes e Mr. L. Soudré era preso e sujeito a processo, pela lei marcial, por sedicioso e traidor á Patria!

. . . . . .

*
* *

E' assim que o *Paiz*, desempenhando a repulsiva tarefa de advogar a candidatura Bernardino de Campos, patrocinada pelo Sr. Dr. Rodrigues Alves, proclama a legitimidade da politica chamada dos governadores, esforçando-se por leval-a á altura do principio virtual de *um partido constitucional,* pelo qual, diz elle, foi eleito o actual presidente da Republica e pelo qual, consentaneamente, tem de ser suffragada aquella candidatura, á bem da efficacia do programma administrativo deste, quando tinha dito o diabo dessa patuléa e desse processo politico estadoal, bramando assim «Aos partidos que outr'ora disputavam, em nome de um corpo homogeneo de idéas, a victoria nos comicios e no parlamento, succederam agrupamentos facciosos e odientas camarilhas. O poder legislativo cada vez exprime menos a vontade nacional e cada vez corporisa mais a delegação subalterna dos donatarios dos Estados. Não

ha programma de candidatos, nem principios discriminados de partidos. Cada Estado possue a sua politica propria e cada bancada subordina os negocios da Nação inteira ao juizo dogmatico do mandão feudal que a investiu. De semelhante desmoralisação do regimen federativo grande dose de responsabilidade cabe aos civis que têm exercido a presidencia da Republica: o Dr. Campos Salles foi até o requinte de criminosa parcialidade, fazendo valer o seu prestigio no Congresso para o reconhecimento de todos os candidatos das olygarchias regionaes, decretando com o impudor mais funesto a depuração dos verdadeiros eleitos e o Dr. Rodrigues Alves continua a manter a sinistra e fraudulenta politica dos governadores, prestando-se a instrumento de torpes vinganças contra funccionarios distinctos, civis e militares, e de escandalosas preterições no provimento de cargos federaes, ali exercidos. De um tal conchavo de submissão e conveniencia reciproca, entre os governos estadoaes e o federal, resulta crescer de anno para anno a indifferença popular em que cahio a Republica, porque o que a tem tornado odiosa para muitos e impraticavel para alguns, como um regimen de ordem, de liberdade e de concordia é esse presidencialismo que ahi está (presidencia do Sr. Rodrigues Alves), *degenerando a cada instante nas mais sordidas e intoleraveis dictaduras regionaes, são essas dynastias de familia, negregadas olygarchias de pequenos regulos intolerantes e facciosos ou autocracias sectarias a flagellarem populações*».

Diga a nação brazileira, diga a illustre redacção: quem é o *ambicioso vulgar, quem é o transfuga, quem é o bandido, quem é o traidor á Republica?*

*
* *

Aquella attitude do *Paiz* de hontem, aquelle estandarte civico desfraldado contra semelhante abastardamento do regimen, era o verdadeiro labaro democratico —o nobre e alevantado impulso de restaurar a soberania

nacional e a moralidade administrativa —, ultrajadas até o escarneo publico por esse processo nefasto, indecoroso e cynico adoptado pelos presidentes civis da Republica, tratando cada qual de deixar a sua igrejinha montada para a impunidade, o abafamento, sinão a glorificação dos escandalos, prevericações e crimes praticados no seu governo. Outra cousa não significa, por exemplo, a nomeação, feita pelo Dr. Campos Salles ao sair do poder, do seu ex-ministro do interior, o illustre Sr. Dr. Epitacio Pessoa, para ministro do Supremo Tribunal Federal, em seguida escolhido para procurador geral da Republica, quando a imprensa divulgava que ia ser dada denuncia perante esse Tribunal contra o ex-ministro da fazenda, Sr. Dr. Joaquim Murtinho e outros funccionarios envolvidos no celebre *caso das pedras*, resultando, por justa compensação, o eclypse moral que, lamentavelmente, o atirou á valla commum dos caracteres vulneraveis, tão moço, talentoso, illustrado, rico e feliz, predicados que lhe granjearam o electrisante qualificativo de *menino prodigio*, com o mais brilhante futuro diante de si.

— Tendo feito parte do governo que assignalou-se por essa delapidação dos cofres publicos, cuja engrenagem tinha sido começada ainda no seu exercicio de ministro do interior, cumpria-lhe, ao menos por um delicado sentimento de susceptibilidade moral, ao alcance de qualquer homem, rustico, consciencioso e probo, dar-se por suspeito na causa ou julgar-se impedido de funccionar n'ella; mas assim não o fez e conheceu da denuncia, para julgal-a improcedente quanto ao seu ex-collega o ministro da fazenda, aliás o principal protogonista, a quem, por esse modo, pois fóra da acção judicial, e procedente quanto a todos os demais accusados, que effectivamente foram condemnados, sob a pretenciosa allegação de não ter havido de parte d'aquelle intenção dolosa no acto pelo qual mandou fazer o pagamento da quantia de 520 contos de réis, por elle proprio arbitrada, sem outra base concludente mais que a sua vontade!

Note-se: não duvidamos absolutamente dessa bôa fé, como estamos intimamente convencidos de que o ministro não se locupletou com um rial dessa quantia, porem, tratando-se de apurar as responsabilidades do pagamento indebito, assaz fraudulo so da fazenda nacional, elle não podia deixar de responder, em primeiro logar, perante o tribunal competente, na forma prescripta pela Constituição e imposta pela moralidade publica.

Abyssur abyssum avocat! Decorridos poucos mezes, o predestinado procurador da Republica soffreu novo choque deprimente da sua integridade moral.—Tratava-se do *habeas-corpus*, impetrado pelo distincto advogado Dr. Inglez de Souza, em favor do senador Lauro Sodré. Annunciada dias antes por uma *varia* do *Jornal do Commercio*, a petição foi apresentada no dia 29 de Abril, ao abrir-se a sessão do Tribunal, presente numero legal de juizes. O digno presidente, Sr. conselheiro Aquino e Castro, aliás um magistrado provecto e um espirito culto, pol-a a dormir sobre a meza, de modo que só quasi ao terminar a sessão foi ella distribuida, não a um dos ministros presentes, mas exactamente a um dos que se achavam ausentes, o Sr. Dr. Herminio do Espirito-Santo, deixando por isso de ser julgada. Foi incorrectissimo, legal e moralmente falando, esse procedimento do presidente do Tribunal, que, postergando a disposição regulamentar que declara inadiavel a medida do *habeas-corpus*, autorisou a convicção de ter o respeitavel ancião resvalado da sua elevadissima posição ao baixo nivel de rafeiro do governo, fazendo-se instrumento de torpes vinganças politicas e verdugo gratuito do illustre paciente; por quanto, o seu dever, de comezinha intuição, era passar a distribuição ao juiz presente que se seguisse na escala, por se tratar de um assumpto especial e momentoso, sendo evidente que S. Ex. assim não o fez porque, com os juizes presentes, corria risco de ser restituido á sua cadeira no Senado o emerito prisioneiro do *Floriano*.

E á essa manobra de odiosa politicagem, que tanto deslustrava a magestade do Tribunal — o santelmo

do direito e das garantias constitucionaes do cidadão—, entre as quaes occupa lugar proeminente aquelle recurso liberal, o Sr. Dr. Epitacio Pessôa não oppoz nenhum reparo, a mais simples observação siquer, sanccionou-a tacitamente, ao passo que, na sessão de 24 de Maio, tratando-se de outra petição identica, do mesmo advogado, distribuida ao juiz presente, Sr. Dr. André Cavalcante, e esquivando-se este de relatal-a na mesma occasião, como era de restricto dever, sem duvida porque a cotação era favoravel ao impetrante, sob o irrizorio pretexto de «ter estado empenhado na discussão de uma appellação do Estado do Ceará, não lhe sobrando tempo para ler a petição», pelo que pedia que fosse seu julgamento adiado para a sessão seguinte, destampatorio esse que o ministro Sr. Dr. Lucio de Mendonça, verdadeiro republicano historico, fulminou com a mais solemne contradita, em nome da integridade do imperio da lei e da honorabilidade do Tribunal, S. Ex. o Sr. Dr. Epitacio levantou-se nas pontas dos pés e soltou o seu eloquente verbo, não para estranhar essa triste evasiva, essa chicana indecente, tão incompativel com a dignidade de uma toga tão elevada, mas para apoial-a e robustecel-a com a sua illustrada opinião e para, ainda em cima, na mais apaixonada inversão dos factos, attribuir ao notavel e bem reputado advogado um *manejo desleal*, naquillo que justamente lhe constitue, ao contrario, um titulo glorioso—de aptidão, lealdade e merecimento profissional—, aguentando-se firme no balanço politico do Direito, á espreita da maré propicia a seu constituinte e salvadora da Justiça Egregia de seu paiz! E assim, mais uma vez, foi burlado o consagrado preceito constitucional.

*
* *

Porque razão, pois, o *Paiz — o orgão radical das instituições* — vem hoje preconizar esse processo escandaloso, esse regimen de falsa opinião, esse con-

chavo nefasto e aviltante, contra que tanto clamara? Porque razão, *tendo convivido sempre com o exercito desde sua fundação, no Imperio, e dizendo-se ainda hoje amigo delle*, tornou-se agora a alma desta situação desgraçada, que o persegue, que o opprime, que o injuria: massacrando as suas mais caras esperanças com esse conselho anarchico, interminavel; affrontando e humilhando-o até essa encommenda de officiaes extrangeiros para instruirem a legião policial de S. Paulo; envolvendo-o nessa nuvem negra de suspeição aos olhos da nação, quando os verdadeiros suspeitos são elles, os *vis exploradores* do regimen, que só tratam de encher-se, de locupletar-se dos dias que correm, emquanto *Braz e thesoureiro*, porque não confiam no futuro da Republica, dizendo cevandijamente «quem vier atraz que feche a porta»? Que motivo é esse que o leva a endeosar esta mesma situação Rodrigues Alves, que hontem lhe provocava a mais fervida e a mais funda indignação e cujo descredito e desmoralisação mais se accentua, de dia a dia, como ainda se vê do deprimente e vergonhoso facto, recentemente noticiado por telegramma inserido na *Noticia*, de ter o presidente da Companhia de Navegação de Caravellas dito em relatorio, publicado em Londres, que «o governo do Brazil não tinha moralidade nem criterio e que, tendo recorrido, em vão, ao poder judiciario, reclamara o auxilio de Rotschild para obter justiça»? Que patriotismo é esse que o leva a pleitear uma candidatura antipathica, que, como cynicamente confessa, vae ser vasada nesses moldes *viciados e facciosos* que tanto nos degradam, nesse *impudor mais funesto* das camarilhas odientas, que tanto asco lhe mettiam e será a continuação dessa politica dos *arranjos, das usurpações, das dictaduras disfarçadas*, das trampolinices, como essa compra e venda da *Sorocabana*, em que a União fica lograda em perto de vinte mil contos de réis e S. Paulo — o comprador — favorecido em igual somma; politica desastrada que está propulsando o aniquilamento da Patria ou sua entréga

ao extrangeiro, com esse augmento desbragado da divida externa a cerca de cem milhões?!

*
* *

Não queremos retaliar...

Preferimos explicar toda essa *debacle* moral pelo principio philosophico, de ha muito enunciado por Assis Brazil, «o caracter é o producto do ambiente» e que, de certo, actuou no animo do *Paiz*, quando lançava ás faces do Sr. presidente da Republica, como o *Grito do Povo* ás bochechas do principe de Monaco, estas causticas verdades: «Quem olhar hoje para o scenario politico, córa da miseria prezente e treme pela dissolução futura. O que hoje se defende, renega-se amanhã. A anarchia e a desordem lavram por toda a parte, de norte a sul. Tirou-se ao povo a consciencia da sua força e da sua propria existencia politica. A opinião deixou de se fazer sentir, á vista das ostentações de força bruta por parte dos detentores do poder, Não se respeita nem a liberdade de pensamento. Falsificaram e deturparam a Republica, creando-lhe uma situação insustentavel, em que, a falta de segurança aos direitos, a incerteza nos deveres e a predominancia do arbitrio hão de por força determinar uma explosão social. Por menos philosopho que se seja, não se póde deixar de estremecer ante essa decadencia, que nos envilece, alliada a uma extenuante e alastradora miseria que, desfibrando as ultimas resistencias do decôro pessoal, explode na expressão multiforme da baixeza, do dolo, do latrocinio.»

Mas, então, seja logica a illustre redacção e convenhamos, na simples moralidade e razão natural das cousas: a Republica, assim dissoluta e corrompida até a medulla, tornou-se uma verdadeira prostituta e neste caso, prescindindo de tudo mais, ao exercito nacional, que a fez, corre a stricta obrigação, que incumbe a todo o chefe de familia honrado, nas sociedades cultas,

de regenerar a filha, impondo-lhe a sua autoridade paterna, ou renegal-a de uma vez.

E' este o genuino espirito da jornada de 14 de Novembro, é este o sagrado dever que o exercito, brioso e digno, ha de cumprir, por um dos dois caminhos, consciente e resolutamente:

Ou Porfirio Diaz, do Mexico ou Martinez Campos, da Hespanha.

COMPLEMENTO

Com a devida venia, honramos esta parte do livro com as doutrinantes explanações que seguem, tão primorosas na forma, quão juridicas no fundo, a saber, a preliminar do major Gomes de Castro, contra a qual o *Paiz* pôz a bocca no mundo, seguida do aggravo interposto da sua regeição e a excepção de incompetencia de fôro, apresentada pelos Drs. Inglez de Souza e Heitor Peixoto, emeritos advogados do tenente-coronel Lauro Sodré, que banham de luz o nosso obscuro trabalho e supprem vantajosamente a omissão de que elle se resente, quanto aos processos do julgamento, de cujo bárathro não tratamos.

Incluimos tambem — como figura obrigada — o accordão do Supremo Tribunal Militar, conhecendo e decidindo daquelles recursos.

Rio—Maio—1905.

HONORATO CALDAS.

Preliminar de incompetencia, suspeição e nullidade processual

Cidadãos Juizes do Conselho de Guerra.

E' seriamente embaraçado que eu pego na penna para arrazoar os tão cabaes fundamentos desta preliminar de incompetencia dos Juizes do radicalmente nullo processo a que, si bem que ainda em seu inicio, venho respondendo ha quatro longos mezes de prisão incommunicavel, preliminar essa que, antes de mais nada, me compete submetter á vossa judiciosa apreciação.

O modo pelo qual se manifesta e como que se ostenta o desprezo, o vilipendio, a corrupção das mais claras e positivas disposições de lei, é tal, Srs. Juizes, em todo o corpo desse famigerado processo, desde os seus mais geraes lineamentos, aos seus menores detalhes, que eu vejo-me sériamente embaraçado, repito, em capitular tudo quanto, nesse tumultuario chaos processual, deixou de pasmosos vestigios e escandalosos destroços, o arbitrio, a prepotencia, o capricho ou que melhor nome tenha. Desde o texto da nossa Lei-mãe, a Constituição da Republica — notae bem — até os dispositivos mais terminantes e inconcussos desse Regulamento Processual, que é a base directa sobre que assenta todo o nosso processual militar, tanto em sua organisação como em sua marcha, tudo ahi foi calcado aos pés, conspurcado com um tal acinte, frenezi ou desvario de soberano desrespeito e desdem pelos mais caros e sagrados principios da moral, da justiça e do direito, que é realmente de pasmar.

No meio desse vasto acervo de arbitrariedades, cada qual mais monstruosa e revoltante, e que tão bem se prestam para illustrar a triste e commovente historia

dos dias de luto e dôr que atravessa a nossa tão infeliz nacionalidade, eu vou, Srs. Juizes, articular, ponto por ponto e sobre bases irrecusaveis, tudo quanto ahi se offerece como mais caracteristicamente illegal e absurdo. Para isso invoco toda a vossa escrupulosa attenção de chefes de um pobre e desarvorado exercito que perece sob os tremendos golpes de immenso e profundo descalabro moral.

Permitti que vos faça sentir, antes de tudo, que não está em jogo uma questão de méro caracter pessoal, mas sim um assumpto da mais accentuada feição social, e que si paixão ha no meu modo de encaral-o, é porque a paixão me anima e arrebata em tudo quanto diz respeito aos interesses vitaes da Patria amada da esposa e filhinhas que me têm preso aos seus condões, que me encantam e embellezam a existencia, que a apuram no crisol dos seus enlevos. Consenti, pois, que eu o explane com esse ardor de linguagem de uma alma feliz porque ama e porque as mais dolorosas maguas e decepções não conseguem seccar ou quebrantar.

E' a nobre causa da justiça que eu estou pleiteando, Srs. Juizes, contra a infracção criminosa e mais que deploravel da lei escripta e codificada; é, por consequencia, a causa do bem publico que me impulsiona neste debate. Os abusos, as injustiças, e preterições só podem convir, sob todos os regimens e governos, aos gozadores ou candidatos a gozadores da fortuna publica, mas, para honra e felicidade da especie, taes individuos constituem uma minoria no Estado, uma colméa parasitaria na grande massa da sociedade, na grande massa dos que partilham dos soffrimentos geraes da collectividade. Demando, pois, a causa do interesse dos meus concidadãos e dos meus camaradas, em geral, daquelles sobre cujos lares recaem afinal o intoleravel peso da infame distribuição dos postos da sociedade e do exercito pela fraude e o nepotismo, como premios da subserviencia e da corrupção que usurpam os legitimos galardões do merito, do brio e dos serviços.

Esforçando-me por me collocar á altura de uma tão grata missão, não me movem, por certo, nem o despeito, nem o rancor pessoal. Ouso affirmar que, acima desses resentimentos individuaes, por mais motivaveis que sejam, eu superponho inflexivelmente os santos interesses da communhão. Para os homens de caracter, cidadãos Juizes, situações como a minha são situações de calmo e sereno estudo, reflexão e ensinamento civico. Para elles, o fastigio do poder e o extremo opposto do infortunio são os melhores pontos de mira na contemplação do espectaculo humano. Num e noutro caso, o homem torna-se como que o parcel sobre o qual esboroam-se as ondas tumultuosas das baixas paixões humanas, o centro em torno do qual fervilha a voraz matilha de todos os miseraveis, encasacados ou fardados, em todos os tempos e em todos os logares; o que permitte então apreciar convenientemente, de *motu proprio* e bem de *visu*, esse curioso, si bem que triste, phenomeno moral da degradação do homem, em toda sua plenitude e intensidade. Quer objecto de suas torpes bajulações, no primeiro caso, ou dos seus ignobeis improperios, no segundo, aquillo que corrompe e acovarda as naturezas fracas, esclarece, apura e enfibra as organisações fortes. E até que ponto—não me dirão—as indeleveis lições do infortunio, sobretudo, aproveitam estas ultimas naturezas no serviço de outrem, Familia, Patria e Humanidade?...

*
* *

Vou entrar, Srs. Juizes, na arguição dos tão multiplicados casos de nullidade completa e radical deste processo, não só por incompetencia dos seus Juizes, como ainda por outras muitas infracções da lei expressa, como vos mostrarei por miudo, esmiuçando esse fraudulento processo.

Começo methodicamente por onde devo começar, isto é, pela chamada Constituição da Republica, esfarrapada bandeira de tudo quanto é politiqueiro des-

briado, violento e charlatão. Diz ella no seu art. 72 § 15, de modo claro e insophismavel: «*Ninguem será sentenciado sinão pela autoridade competente, em virtude de lei anterior e na fórma por ella regulada*». Pois bem, vejamos de que modo foi acatado e cumprido, como lhes cabia, pelas autoridades superiores da guerra, esse texto constitucional, na formação e marcha do processo a que respondo. Esse exame, além do seu resultado directo especial, terá a vantagem geral de nos mostrar com que deploravel e revoltante *sans façon* se pisa e repisa entre nós aquillo que constitue o amparo da liberdade, da honra e da propria vida dos cidadãos de uma patria livre, aquillo cujo escrupuloso respeito é a pedra de toque dos governos dignos—a lei e a justiça, tenho dito.

A lei anterior pela qual eu devo ser processado de accôrdo com a fórma por ella regulada—como manda a Constituição — no meu caso pessoal de militar submettido ao fôro militar, é o Regulamento Processual Criminal Militar para o Exercito e Armada, expedido pelo Supremo Tribunal Militar em 16 de Julho de 1895, e mandado observar nas duas corporações quatro mezes após sua publicação em ordem do dia, expedido em virtude de competente autorização contida no art. 5° § 3° do decreto legislativo n. 149, de 18 de Julho de 1893, e publicado na ordem do dia do exercito n. 660, de 26 de Agosto de 1895.

Assentado isso, que está em portuguez claro e nitido, vejamos com que circumspecção e criterio a autoridade cumpriu aquillo para cuja execução se não precisa de genio politico, bastando só uma dóse conveniente de moralidade administrativa, apenas o zelo e o escrupulo, felizmente não tão raros assim, pela dignidade do proprio cargo; vejamos como, no meu processo, se seguiu a lei codificada nesse Regulamento Processual e a fórma por ella regulada.

E' um estudo esse — disse e repito — que tanto tem de curioso quanto de instructivo para os annaes da

maldita e vergonhosa época que nos coube por sorte, época talvez a mais funesta e humilhante de todas quantas, no decurso das idades, tem atravessado, ao azar das vicissitudes historicas, a vilipendiada Patria de José Bonifacio. Vou fazel-o, usando da prerogativa que me facultam os arts. 199 e 216 do Regulamento.

*
* *

Antes de tudo, e para penetrar nesse tenebroso labyrintho como mais convém, devo observar, em primeiro logar, que tendes em vossa presença, Srs. Juizes, um accusado munido de dous despachos de pronuncia que lhe foram intimados por dous conselhos de investigação a que respondeu por um mesmo delicto! Mas como intimação de pronuncia implica necessariamente mandado de prisão, tendes em vossa presença um réu sobrecarregado de duas pronuncias e duas prisões, si quizerdes, bi-pronunciado e bi-preso! Isso quer dizer que o accusado que se vos apresenta vem processualmente mais que summariado atravéz da enfadonha marcha desse tardo e truculento processo.

Aqui se transcreve esses dous documentos, dignos de ficarem registrados, ao menos, como illuminuras historicas de um periodo de desgraças e torpezas nacionaes.

Mandado de prisão

Eu, tenente-coronel Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, na qualidade de presidente do conselho de investigação a que foi submettido o major do corpo do estado-maior do exercito Agostinho Raymundo Gomes de Castro, mando que este, por força do despacho de pronuncia proferido pelo mesmo conselho, seja conservado preso, afim de responder a conselho de guerra, na conformidade do referido despacho do theôr seguinte, na parte que lhe é relativa:

«Vistos os autos, etc. Provado que o major do corpo do estado maior do exercito Agostinho Raymundo Gomes de Castro, na tarde de 14 de Novembro findo, fôra á Escola do Realengo onde tentara apoderar-se do commando da mesma, afim de, com o auxilio dos alumnos, que se dizia revoltados, reforçar o movimento que explodiu nesta Capital, na noite desse dia, o conselho de investigação, por unanimidade de votos, o pronuncia no art. 90 do Codigo Penal da Armada, ampliado ao Exercito pela lei n. 612, de 29 de Setembro de 1899, e o sujeita á prisão e julgamento em conselho de guerra, devendo ser expedido o competente mandado, salvo direito de menagem.

Capital Federal, 12 de Dezembro de 1904.— Tenente-Coronel *Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz*, Presidente.—Tenente-Coronel *Rodolpho de Moraes Coutinho*, Interrogante. — Tenente-Coronel *Tristão Araripe*, Escrivão.»

Capital Federal, 12 de Dezembro de 1904. Tenente-Coronel *Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz*, Presidente.

Mandado de prisão

Eu, marechal graduado Antonio Gomes Pimentel, na qualidade de presidente do conselho de investigação a que foi submettido o indiciado major Agostinho Raymundo Gomes de Castro, mando que este, por força do despacho de pronuncia proferido pelo mesmo conselho, seja conservado preso, afim de responder a conselho de guerra, na conformidade do referido despacho do theôr seguinte:

«Por ter tomado parte da (*sic*) reunião no Club Militar, no dia 14 de Novembr do anno findo, fardado com o dolma (*sic*) e bonet de major do 20° batalhão de infantaria, armado de revólver em punho, tentou sublevar os alumnos da Escola Preparatoria e de Tactica do Realengo, pretendendo depôr o seu commandante.

«O conselho de investigação o pronunciou por unanimidade de votos nos arts. 80 e 100 do Codigo Penal da Armada, mandado ampliar ao Exercito pela lei n. 612, de 29 de Setembro de 1899. Capital Federal, 10 de Março de 1905. — Marechal *Antonio Gomes Pimentel*, Presidente do Conselho.»

Simplesmente triste, deprimente dos brios de um povo civilisado; caracteristico e symptomatico de uma época de ruinas de toda sorte: — não achaes, senhores Juizes?...

Oh!, minha pobre e malfadada Patria, quanto te tripudiam e profanam, nos teus mais respeitaveis e sagrados principios de justiça!...

Não sei qual o effeito que possa produzir, em muitas consciencias accommodaticias, esse caso proveniente de uma justiça que tanto tem de singular e avesada quanto de simploria, nem mesmo saberei dizer si isso lhes causará mossa; mas o que é facto e não deixa de ser mesmo verdadeiro, é que estaes em frente de um caso virgem nos nossos annaes militares, aliás bem curioso e estupefaciente *specimen* de teratologia juridica, uma especie de monstrengo no genero, si me posso exprimir assim.

Seja com fôr, tendes, Srs. Juizes, de resolver, *in primo loco*, esta preliminar capital, si é que vos suppondes estribados em lei para poder fazel-o legalmente, e si admittis a hypothese bem fragil de que o monstro comporta outra solução, outro tratamento que não a annullação ou o arrazamento de tudo — Qual das duas pronuncias vae servir de base ao meu conselho de guerra, a de 12 de Dezembro do anno passado, que me empurrou para o art. 90 do celebre Codigo Penal da Armada, por crime de sedição, ou a de 10 de Março corrente, que me reempurrou para os arts. 80 e 100, por crime dobrado de alliciação e insubordinação, sem reflectir, seja dito de passagem, que o primeiro é crime de tempo de guerra; qual dos dous primores preferis, ou, para usar da giria dos tempos, optaes pelo *antigo* ou pelo

moderno, seleccionaes, sommaes ou subtrahis essas pronuncias, esses artigos, esses crimes; qual das operações arithmeticas — addição, subtracção, multiplicação, divisão —, ou das modalidades do calculo numerico da ordem — permutação, arranjo, combinação, repartição — adoptaes afinal?... São outros tantos pontos de cujo esclarecimento nem o meu advogado nem eu podemos prescindir para encaminhar a minha defeza.

Mas como por accordão do Supremo Tribunal Federal, que, para fixar as idéas e me fazer melhor comprehender, eu designarei por *salteado*, já ficou o meu crime capitulado como de conspiração, tendes de ponderal-o tambem. Porque então, apurando, dosando, temperando, mechendo e remechendo bem toda essa farandulagem juridica, segue-se dahi que eu incorri em nada menos de quatro crimes (o que é muito para um pobre major desse pobre exercito), assim discriminados — conspiração, pelo salteado; sedição, pelo antigo; e alliciação e insurbordinação, pelo moderno.

Para a autoridade nomeante do conselho (cujo nome lhe saberemos daqui a pouco), todo esse *imbroglio* foi de uma simplicidade sem nome, sem qualificativo; sinão, vejamos, seguindo-lhe os formidaveis e trefegos rastros de autoridade desgarrada, o que nos vae conduzir a uma interminavel meiada de investidas contra a Constituição e o Codigo Processual.

*
* *

Covocado o meu primeiro conselho de investigação, na segunda metade de Novembro do anno passado, realizadas regularmente as suas sessões, encerradas as diligencias, concluidas todas as formalidades do processo e concluso este, é lavrada a minha pronuncia a 12 de Dezembro seguinte. Mas como essa pronuncia, não sei por que dissabores, não appeteceu ao paladar da autoridade, ella resolve então, por sua alta recreação, annullar o processo e mandar submetter-me a novo conselho

de investigação! Nada mais simples e summario, é bem verdade, encarada a questão pelo lado da petulancia administrativa; mas, vista pelo seu aspecto juridico, o unico acceitavel, como moral e são, vejamos quantos artigos da Constituição e do Codigo Processual foram assim revogados com um desembaraço de assombrar.

A annullação de processos é uma funcção judicial, e de modo algum administrativa, que a lei outorga expressamente aos tribunaes superiores, *ainda quando nos mesmos processos sejam preteridas formalidades*, como esclarece o Reg.; é, no nosso fôro, attribuição exclusiva do Supremo Tribunal Militar, como determinam os arts. 31 § 2.º e 293 do Codigo Processual. Por outro lado, a Constituição no seu art. 15 estabelece o principio da independencia e harmonia dos poderes publicos, e no art. 79 veda á autoridade administrativa o exercicio de funcções privativas de autoridade judiciaria.

De sorte que — isso posto — o Sr. general Luiz Antonio de Medeiros, no exercicio do cargo de chefe interino do estado-maior do exercito, annullando o meu primeiro conselho de investigação, invadiu discricionariamente attribuições de tribunaes superiores, baralhou funcções judiciaes e administrativas, e arrogou-se o diabolico direito de derogar tudo isso — Constituição e Codigo Processual — com uma simples e magica pennada, uma especie de ordenação do reino, ou «ukase» autocratico dos tempos idos de El-Rei Nosso Senhor ou da Rainha-Mãe, de El-Rei. Nada mais claro e logico, tanto quanto póde a logica humana, salvo os grosseiros embustes da estupida chicana da bacharelice perniciosa, urdida sob o impulso dos mais estreitos instinctos da nossa natureza. Em todo caso, ahi fica um primeiro panno de amostra do modo pelo qual, do fundo do meu soturno e nauseabundo cubiculo de rigorosa incommunicabilidade, eu estou sendo sentenciado *em virtude de lei anterior e na fórma por ella regulada*, como manda a Constituição.

A proposito de incommunicabilidade, em que ainda me acho, apezar da suspensão do sitio e da formação da culpa, convém notar, de passagem, que, pelo art. 72 § 16 dessa mesma esfrangalhada Constituição, se me deve *assegurar na lei a mais plena defeza, com todos os recursos e meios essenciaes a ella;* entretanto registre-se ainda—estou até hoje sem poder communicar com o meu advogado, não obstante as suas repetidas tentativas nesse sentido junto do chefe do estado maior do exercito!

Eis ahi, Srs. Juizes, uma primeira prova, no meu processo, do modo como se respeita a lei, a justiça, a liberdade do cidadão, e, por consequencia, se garante a ordem—que é o resultado normal desse respeito—neste misero paiz onde imperam ainda os tristes habitos de um doloroso e aviltante passado de escravidão!...

*
* *

Prosigamos, porém, nesta penosa dissecção anatomica do monstro processual que tendes em mãos; seguindo pacientemente todas as suas tramas, chegaremos á assombrosa conclusão de que tanto a Constituição como o nosso Codigo de Processo estão ou foram revogados.

O primeiro conselho de investigação a que respondi teve de formar culpa a tres indiciados que lhe foram submettidos: o capitão Antonio Augusto de Moraes, o sargento ajudante do 20º batalhão de infantaria Adalberto Martins Ferreira e eu; sendo o primeiro e o ultimo pronunciados, e o outro despronunciado. Ora, pelo art. 28 do Reg., a autoridade nomeante tinha dez dias de prazo improrogavel para examinar os autos, e se conformar ou não com a despronuncia, convocando conselho de guerra na segunda hypothese.

Pois bem, a autoridade não se conformou com o despacho de despronuncia, e que fez então o Sr.

general Medeiros?—pensaes que seguiu a letra da lei? enganae-vos redondamente, isso seria muito vulgar e plebeu, elle preferiu dar outro golpe de Estado, lançar outro «ukase», revogar esse impertinente art. 28, e então: em logar de conselho de guerra, desfechou-nos novo conselho de investigação, só para moer, como diz esse pobre povo que paga as custas de todos os «ukases.»

Dahi a genese ou o parto desse grande conselho de investigação, cujo unico resultado foi adiar illegalmente o processo, avolumar a sua papelada, accrescer os seus casos de nullidade, e abonar etapas a velhos generaes reformados. E assim, ao envez de responder ao meu conselho de guerra, que, pela letra da lei, deveria ter sido convocado, quando muito, a 22 de Dezembro do anno passado, só agora, tres mezes e meio depois, é que se me intima para esse fim! O mais engraçado é que, sendo o pretexto para a convocação desse grande conselho o dizer-se que havia um crime commum para os 90 indiciados, o processo acaba por pronuncial-os nos crimes mais differentes e disparatados!...

Seja de que modo fôr, infringindo a lei, e dando causa immediata, por abuso de autoridade, para adiar-se o meu julgamento, o Sr. general Medeiros incorreu no art. 288 do Codigo Processual, que o manda responsabilisar criminalmente. Para apurar o gráo de responsabilidade e deslustre da autoridade desmandada dos seus deveres, pouco monta saber se procedeu *sponte sua* ou de outrem. Como me competia, já dei denuncia contra ella, para que seja tomada em consideração pelos tribunaes competentes, denuncia que ora reitero, agrade ou não aos potentados e seus asseclas, e produza ou não os resultados que exigem a moral publica e a idoneidade dos orgãos da justiça. Nunca se me poderá accusar de haver relaxado deveres como esse.

O Supremo Tribunal Militar já expediu nada menos de tres accordãos sobre o caso de perempção da

acção judicial, todas as vezes que a autoridade nomeante deixa passar os dez dias da lei, sem convocar o conselho de guerra. Esses accordãos são de 26 de Outubro de 1900, 8 de Maio e 27 de Novembro de 1901, publicados nas ordens do dia do exercito ns. 105 de 30 de Novembro, 137 de 20 de Maio e 179 de 20 de Dezembro dos mesmos annos. E como a jurisprudencia desse tribunal deverá ser consultada nos casos omissos na lei processual (art. 316), della recorro no meu caso de parte num processo em que ha um despacho de não pronuncia com o qual a autoridade não se conformou.

*
* *

Recebida por mim a intimação para depôr no novo conselho de investigação, fiz o que era de esperar de mim, do meu passado de lealdade republicana, probidade civica, e incuravel rebeldia por tudo quanto cheira — cheira, não, fede — a abuso de poder e arreganho escravocrata de mando: recusei formalmente o processo por illegal, protestei contra o vilipendio da lei, denunciei a autoridade infractora, e autoei a minha recusa, o meu protesto e a minha denuncia; e assim salvei, ao menos, a grata responsabilidade moral das minhas convicções, do meu nome e do meu posto, não me prestando passivamente a instrumento de arbitrios.

Na propria intimação que me foi dirigida, lavrei, das profundezas do meu cubiculo, o seguinte fundamentado protesto, que ao depois fiz autoar no corpo do processo, máo grado a grita e o esperneamento do seu presidente, o Sr. marechal reformado Gomes Pimentel.

*
* *

« Sciente. Usando, porém, do direito que me confere o art. 160 § 2º do Reg. Processual Criminal Militar, devo arguir desde ja os principaes e mais graves dentre os multiplos casos de nullidade deste processo, de modo a resalvar as garantias que a lei me assegura contra os arbitrios da autoridade.

Já tendo respondido a conselho de investigação, e recebido a respectiva intimação do despacho de pronuncia, estou aguardando *a convocação obrigatoria* do conselho de guerra de que fala o art. 28 do Reg., e, nessas condições, não devo nem posso sugeitar-me a novo conselho de investigação, que formalmente recuso. A respeito da plena e imprescriptivel autonomia de que a lei sabiamente reveste os processos de formação de culpa, uma vez nomeados pela autoridade competente, o Reg. vae ao ponto de, no seu art. 192, restringir mesmo ao só periodo da formação da culpa, anterior ao interrogatorio do indiciado, o simples recebimento dos esclarecimentos escriptos fornecidos por aquella autoridade. Como, pois, admittir-lhe a absurda e extravagante competencia de mandar submetter a conselho de investigação quem já foi pronunciado em conselho de investigação pelo mesmo delicto?! Isso quanto ao conselho que dirigiu-me a presente intimação, e que eu ora recuso por manifestamente illegal.

Quanto ao que pronunciou-me em data de 12 de Dezembro ultimo, tambem é nullo o seu processo, entre outras razões, por ter sido infringida a formula ou termo essencial concernente á convocação dos Juizes (arts. 4°, 159 B, 160 B, 304 e 305).

Além disso — e o que é mais grave — está perempta por lei a acção judicial que me diz respeito, por infracção clara dos arts. 28 e 290 do Reg. O conselho a que respondi, tendo proferido um despacho de pronuncia e outro de despronuncia, na formação da culpa dos tres indiciados que lhe foram submettidos, deveria forçosamente ter conduzido á convocação do conselho de guerra dentro do prazo de dez dias, contados da data de recebimento dos autos, como a lei o determina no seu art. 28 letra B, desde que a autoridade não se conformou com o despacho de não pronuncia. Isso ainda no caso da interpretação restrictiva desse prazo ao só despacho de despronuncia, porquanto os tres indiciados deveriam necessariamente ser submettidos a um

mesmo conselho de guerra, como está expresso no art. 290.

Por todas essas e outras abusivas infracções da lei que deram causa immediata, e de modo algum justificada, para ser adiado atrabiliariamente o meu julgamento, recorrendo da competencia que me faculta o art. 62, denuncio a autoridade que as commetteu como incursa no art. 288, que a manda responsabilisar criminalmente, como é de justiça.

Eis o que me cabe contestar desde já, em resalva dos meus sagrados direitos de defesa, tão arbitrariamente postergados.

Capital Federal, 7 de Fevereiro de 1905. — *Agostinho Raymundo Gomes de Castro*, major do estado-maior do exercito.»

*
* *

O conselho não se deu por achado, e surziu-me, sem mais considerações, com mais um formidavel despacho de pronuncia, nos dous artigos do Codigo a que acima me referi.

Esse conselho como que nasceu sob o signo astrologico da enervação organica ou da impotencia senil: taes e tão mutiplicados foram os seus erros e atropellos de origem e crescimento. Convocou-o ainda o já tão falado Sr. general Medeiros, que então exercia interinamente o cargo de chefe do estado maior do exercito, por fallecimento do marechal Costallat. Entre os indiciados que o conselho tinha de julgar — e ahi começa a belleza do systema — estava, em primeiro logar, o Sr. general de divisão Olympio da Silveira, superior hierarchico, si não estou enganado, do Sr. general de brigada Luiz de Medeiros, a autoridade convocante do conselho, e então surge a sporadica novidade de um inferior nomeando conselho para um seu superior hierarchico!

Mas como o art. 10 do Codigo Processual diz terminantemente que — *quando o posto, ou graduação mi-*

litar do indiciado fôr maior que o da autoridade local, esta levará a occurrencia ao conhecimento da autoridade immediatamente superior, afim de que se proceda na fórma da lei (pobre e injuriada lei!), *remettendo-lhe os documentos comprobatorios do crime, bem como o rol das testemunhas da accusação que tiverem de depôr no processo*—, segue-se que foi preciso um novo «ukase» do Sr. general Medeiros, revogando mais esse artigo do Codigo, para proceder como procedeu. E', pelo menos, o que diz a logica do puro e ingenuo bom senso, salvo si, á semelhança das taes immunidades parlamentares, o official tambem póde perder, sem sentença condemnatoria, as honras e prerogativas do seu posto; ou ainda, si, sophismando-se tão miseravelmente o artigo do Regulamento do estado-maior, segundo o qual o sub-chefe substitue o chefe nos seus impedimentos, se queira applical-o ao caso, considerando o marechal Costallat, já morto, como apenas impedido! Seja como fôr, o que é fóra de duvida é que só isso basta para pôr por terra esse conselho de investigação, o geral, chamado, nullo por ter sido convocado por autoridade incompetente (art. 159 letra B).

*
* *

Entrando agora no exame do modo pelo qual foram convocados os Juizes dos dous processos anteriores e deste conselho de guerra — o que é questão capital, constituindo uma das formulas ou termos essenciaes do processo, como muito bem diz o Reg. no seu art. 160 letra B — chegaremos á evidencia de outros tantos desatinos juridicos da autoridade, e da revogação atrabiliaria de mais alguns dispositivos de lei. Como está mais que explicito nos arts. 4º, 5º, 305 e 304 §§ 1º 2º e 3º do Codigo do Processo, a nomeação dos Juizes dos conselhos de investigação e de guerra deverá obedecer *rigorosamente* á escala das relações dos officiaes de cada circumscripção militar, que deverão ser publicadas em

ordem do dia do exercito com todas especificações que a lei enumera, de tres em tres mezes para os officiaes effectivos, e de seis em seis para os reformados e honorarios. O não cumprimento dessas disposições induzirá nullidade do processo, adeantam os arts. 305, 159 letra B e 160 letra B.

Como si isso não bastasse, o accórdão do Supremo Tribunal Militar de 27 de Novembro de 1901, publicado na ordem do dia do exercito n. 177 de 20 de Dezembro do mesmo anno, como que escaroçando o assumpto e reforçando essas garantias que a lei dá á justiça militar, assim firma textualmente: — *As disposições mencionadas e mais as dos arts. 304 e seus paragraphos e 305 do Reg. citado, que estabelecem uma escala para a designação dos Juizes no acto da convocação dos conselhos, asseguram aos accusados serem elles julgados por seus pares, mediante um systema garantidor na indicação destes, não escolhidos discricionariamente com as inadvertencias da parcialidade mal percebida pelos proprios que della se resentem.* Foi relator desse accórdão o Sr. A. A. Cardoso de Castro, que, sejamos justos, é tido—sinão *vox populi*, ao menos nos artigos anonymos e pagos das folhas diarias e do jornaléco caricato — como sabedor profundo, equilibrado e escorreito de profusas e diffusas theorias de direito, vaccinação obrigatoria, povo, unidade de fôro, immunidades parlamentares, elogios, censuras, que sei eu! Em todo caso, o que fica fóra de duvida é que o accórdão citado reforça esse ponto assás importante de doutrina juridica.

Pois bem, não obstante tudo isso, nem os Juizes dos conselhos anteriores, nem os do actual conselho de guerra, foram designados em virtude de escala alguma, que não foi organisada e, menos, publicada em ordem do dia do exercito, e sim, convoçados *ad hoc*, ao sabor e talante da autoridade, *não sendo assegurado, por consequencia, a nós, os accusados, sermos julgados por nossos pares, mediante um systema garantidor na indicação destes, e, ao contrario, foram escolhidos discrecionariamente com*

as inadvertencias da parcialidada mal percebida pelos proprios que della se resentem (para encaixar o bonito palavreado do Sr. Castro, o meu nevrotico chará)!

Será que todo esse palanfrorio serviu apenas de picardia contra ministro desaffecto, como então se propalou? Sinão, onde pairam essas escalas, em que ordens do dia do exercito foram publicadas, á semelhança do que se faz na marinha, apezar dos pezares, não tão desmantelada, nesse e noutros assumptos, como o pobre exercito?... só si estão aferrolhadas dentro de alguma carunchosa gaveta de secretaria, ou esquecidas no fundo de algum sacco de roupa suja... A Nação inteira deve saber esta vergonhosa e incrivel verdade, — *que o espalhafatoso, futil e dispendioso estado maior do seu exercito não está, siquer, em condições de nomear conselhos legaes!* Desgraçada Nação e miserando exercito!...

São, pois, todos juizes incompetentes, sem excepção, Juizes *nomeados, destacados, empreitados*, como queiram, mas não *escalados*, como quer a lei.

Quanto aos officiaes reformados que têm figurado no processo, além desses motivos, eu os argúo ainda de absolutamente incompetentes, pela razão muito simples de que eu não acceito paizanos para meus Juizes no fôro militar. Pelo accordão do Supremo Tribunal Federal proferido em recurso de revisão de sentença, sob n. 902, na recente questão do Sr. general Carlos Soares, mediante petição do Dr. Candido de Oliveira, ficou assentado e liquido que o official reformado não está sujeito ao fôro militar, e que nada, absolutamente nada, tem que ver com a disciplina, sendo um méro pensionista do Estado, *en retraite*.

Assim sendo, está claro que os officiaes reformados não são meus camaradas, meus pares, como tão bem discorreu o Sr. Candido de Oliveira, e que, não estando sujeitos ao fôro militar, não podendo nelle comparecer como accusados, ahi não podem tambem figurar como juizes, e, por consequencia, não me podem julgar no fôro privativo de minha classe — os direitos quaesquer sup-

pondo sempre a reciprocidade equitativa dos deveres correspondentes, sobretudo em ponto de justiça. Tal qual dois mais dois igual a quatro. Ahi tambem basta o bom senso vulgar dos que têm a ventura de não se deixar escravizar pelo odio, ou outros tão vis pendores da organisação cerebral do homem. E é por isso que eu não acceito os officiaes reformados para meus Juizes — acceite-os quem quizer e estiver disposto a acceitar tudo que vem de cima, não eu, que não tenho pendor e ademanes para isso.

Entre esses officiaes reformados que indebitamente estão no processo, ha um que, além de incompetente, eu dou por suspeito, é o Sr. marechal reformado João da Silva Barbosa, que preside este conselho de guerra. Não concebo que se possa ter voto em duas instancias successivas num mesmo processo. O art. 12 paragrapho unico do Codigo Processual estabelece que, quando um ministro militar do Supremo Tribunal presidir, na falta de official general mais graduado ou antigo que o réu, o conselho de guerra de um general, esse ministro não terá voto na instancia superior. Si a lei assim procede com um ministro do mais alto tribunal militar, ministro vitalicio e inamovivel, como é que ella vae permittir que um simples Juiz de conselhos ordinarios julgue e vote, numa mesma causa, em duas instancias seguidas, como juiz interrogante no juizo summariamente, e juiz presidente do conselho de guerra?! Isso é evidentemente um absurdo inadmissivel, não obstante o accordão do Supremo Tribunal Militar. O Sr. marechal Barbosa já tem voto conhecido no meu processo, o que quer dizer que vem julgar-me de *parti pris*, isto é, *acha-se particularmente interessado na decisão da causa* (art. 132).

*
* *

Do exposto e fundamentado neste já extenso arrazoado decorre, Srs. Juizes, a nullidade insanavel de todo o processo, máu grado a sua espaventosa papelada, mais propria a alimentar alguma fornalha ou pyra ar-

dente nos promissores funeraes da Republica e quiçá da Patria, do que para servir de base ao julgamento de alguem, com o pundonor, a circumspeção e a integridade moral que se impõem perante o altar da justiça:— nullidade substancial de incompetencia de Juizes, falta de fórmulas ou termos essenciaes, incompetencia de autoridade nomeante, annullação arbitraria de processos, além de tudo mais contrario á expressa disposição da legistação processual.

E' curioso notar, de passagem, que nenhum desses escandalos foi, nem será publicado em ordem do dia do exercito ! Parece que se quiz, ao menos, salvar as apparencias de um pudor tardio e irresoluto, digno, por certo, de ficar aqui registrado para o publico que nos paga a todos nós e nos julga...

*
* *

Lançando um olhar retrospectivo sobre as minuciosas arguições que julguei do meu dever desenvolver nesta preliminar, que submetto ao vosso criterio, estudo e ponderação, fica-se em duvida, Srs. Juizes, si, nesta *débacle* de desmandos autoritarios, restou de pé algum artigo, algum dispositivo desse tão mutilado Codigo Processual, e si o cutello do arbitrio administrativo não ceifou todas essas garantias da libberdade, honra e vida do cidadão-soldado. Mas sobre o que não póde restar a menor sombra de duvida é, Srs. Juizes, sobre o sentimento de magua, dôr e pezar que opprime o coração do patriota, ao ver, nesse affrontoso vilipendio da lei, nesse impudico desprezo das garantias institucionaes da justiça, o pungente desmoronamento moral e politico desta combalida nacionalidade, deste outrora famoso monumento politico de architectura social, na harmoniosa linguagem poetica do velho e sabio Patriarcha.

*
* *

Sim ! —Patria dos meus maiores, dos meus filhos e minha — é com a dôr e a revolta no coração, que o

teu humilde filho e servidor descortina horrorisado, do fundo do seu carcere, o tenebroso abysmo de opprobios e ignominias, esphacelamentos, odios e rivalidades regionaes sobre que te lançam os amaldiçoados mercadores da tua honra, soberania, integridade e fortuna: tu, tão bella na invejavel e indescriptivel vastidão dos teus senhoris dominios sem par, tão cheia de encantos, graça, galas gentis e opulentas, com o teu *rostro hermoso* de magestosa rainha do continente e do hemispherio ! !...

Sim !—Republica de Bemjamin Constant, o Mestre amado e o Patriota egregio — tu, que alimentaste, estimulaste e regulaste as mais doces e puras esperanças dos devaneios de minha alma de joven e moço, que me acenaste, nessa quadra saudosa dos meus sonhos dourados, com a nobilitação e o engrandecimento da minha nacionalidade, com o advento de uma ordem normal e de um Governo de escol : quanto alanceia o coração do teu ardoroso crente, ver-te, desnudada dos teus deslumbrantes ornatos de virtude civica e sabedoria politica, reduzida, oh !, a mentir traçoeiramente ás promissoras esperanças que te presagiavam no vasto scenario da vida nacional : tu, tão animada que foste no carinhoso regaço dos grandes e immortaes patriotas que te acalentaram os primeiros vagidos na arena do patrio lar, tão sorridente e mimosa no aprimorado dos teus então tão bem cuidados trajes, tão prodiga de garridice e enlevo para com os esforçados cavalleiros da tua nobre cruzada !!...

*
* *

O rebelde é aquelle que ultraja a Humanidade. O revoltoso é aquelle que se revolta contra a justiça. O rebelde, o revoltoso não é sinão um simples particular que perdeu, ipso-facto, toda a investidura politica, mesmo a do mais alto cargo que existir possa na sociedade —Essas palavras de ouro do grande Meng-tseu, o profundo e

sagaz pensador chinez, bem merecem ser gravadas no mais intimo dos corações e das consciencias.

E' erro suppôr que se póde governar uma patria de homens livres, como se apascenta no eito uma manada de miseros escravos. Compenetremo-nos de que, para certos homens de governo, principalmente, a divisa deve ser a de Robert Walpole — *Quieta non movere*—, que era tambem a dos negociantes francezes que respondiam a um ministro demasiado benevolente: *Si vous voulez faire quelque chose pour nous, monseigneur, laissez-nous tranquilles ;* sabia palavra que devia servir de lição aos homens de Estado, accrescenta Laboulaye, o erudito traductor e annotador do querido e immortal Benjamin Franklin.

Para as naturezas felizmente organizadas, o gozo da liberdade tem tal doçura, para que se conceda facilmente em perdel-a por forma alguma. No gremio dos cidadãos de uma patria livre, si é certo que ha infelizes que nunca se revoltam, mesmo quando se lhes fére os mais intimos melindres do lar, naturezas delicadas ha que fatalmente e felizmente explodem ao primeiro choque.

No campo da sociologia, como no da historia natural, o são methodo taxonomico induz a tomar, em cada caso, o typo mais perfeito como o legitimo representante da raça, do genero, da familia, da especie e da classe. Não aquilatemos, pois, da natureza humana pelo gráu de desmoralisação e estupidez dos que nos escoltam o poderio, nem tão pouco nos illudamos com os salamalekes e quejandas intrujices com que somos assediados. Dessas apparatosas personagens do chamado *grand monde*, especie de tapeçaria decorativa dos deslumbrantes scenarios palacianos, se não deve exigir além do que ellas podem dar, e que se reduz a esse simples papel de luxuosa e mirifica ornamentação theatral. Para quem as não pode dispensar, o que seria milhões de vezes preferivel, é preciso criterio e circumspecção, para tomal-as pelo seu justo valor, e aceital-as

apenas como os naturaes e ligitimos herdeiros de todos os repastos governamentaes, como *homens praticos*—dizem—que estão sempre com o olho no fiel da balança, a vêr de que lado pende o cubiçado thesouro das graças, dos postos, das supimpas iguarias, pepineiras e outros regabófes que taes; ouvil-os sobre coisas sérias que demandam juizo, assento e luzes, é rematada loucura, que sae cara.

Republica ou monarchia, liberdade ou escravidão, politica ou politicagem, tudo acceitam *por patriotismo*, lá delles, o que, traduzido ao pé da letra, quer dizer arranjos. Têm todas as condecorações e têm figurado em todos os partidos, sem exceptuar o desse experimentado Floriano que elles mellifluamente chamam de *nosso* (invertendo os papeis, porque elles é que *eram* do saudoso Marechal, que lhes pagava por bom preço o que elle mesmo, com o seu faro de raposa a Luiz XI, chamava o *patriotismo dessa gente*), e a cujo lado arrotam que estiveram, sem explicar de que especie de *lado*—si do perigo, onde se jogava a cabeça e a sorte dos que se ama, ou si da succulenta papança.

Já houve quem dissesse que é preciso haver figurações para todos os papeis, porque o palco humano, para não ser demasiado monotono, necessita, como tudo mais, da variedade na multiplicidade. Seja, mas accrescente-se que o tacto da sabedoria politica ou theatral, como queiram, consiste na acertada e feliz distribuição dos papeis á cada actor ou comico, o que mais convém e se adapta ao seu caracter, indole, passado, etc.

*
* *

Taes são, Srs. Juizes, os votos e as esperanças do soldado e republicano-positivista que vos fala — votos e esperanças que penso serem tambem os dos meus caros irmãos de provações civicas. Conchegados pelos liames de intensas emoções e inesqueciveis males, pelos élos de uma cadeia de affecto e camaradagem, que, para

as almas bem formadas, jamais se quebram porque foram fundidos ao calor de sentimentos que mais afinam e aprimoram as virtudes civicas do cidadão e do soldado — nos estreitam ainda e necessariamente os mesmos nobres ideaes de regeneração patria. Filhos communs de uma mesma Escola, sobre cujo senaculo paira eternamente a alma purissima e bemfazeja de Benjamin Constant, o Mestre amado, temos naturalmente o mesmo culto civico pelas grandes aspirações nacionaes.

Entre elles, respeitoso e agradecido, destaco, de um lado, esse vulto venerando do austéro soldado encanecido no serviço da Patria — em que o tributo é o sangue, a vida, a sorte dos que nos são caros; — esse typo do brio e da honra militar, o abnegado Olympio da Silveira, que tem na tez bronzeada do caboclo como que o vislumbre da firmeza do seu adamantino caracter; esse soldado que em Canudos assombrou os seus camaradas pela calma serena da sua indomita bravura, e os rasgos de sua tocante generosidade no meio da infamissima dególa em que se salientaram tantos despreziveis bandidos, — e que no Acre impressionou-os pelo prestigio incontrastavel da sua austéra disciplina de veterano.

Mais além, é essa personalidade egregia, de cuja tão doce e serena, quão suave e sympathica physionomia a modo que transluz os inesgotaveis thesouros de uma alma peregrina, requintando em provar que, de facto, o rosto é o espelho fiel da alma, e que dá impetos de beijar, de immaculada que é; — essa personificação excelsa das virtudes privadas e publicas, essa mais bella joia do mais fino e apurado quilate que a Escola Militar tem lapidado, esse discipulo dilecto do Mestre, seu querido companheiro de lides republicanas, e mais bonita e bem acabada obra que o amoroso genio de Benjamin Constant produziu — **Lauro Sodré**, tenho dito.

E ao depois, vem essa mocidade refulgente do brilho das mais invejaveis riquezas moraes — generosi-

dade, coragem e brio — mocidade que vive dos ideaes e para os ideaes de moços, e cujo são e proveitoso contacto como que nos remoça e arrebata para uma especie de commovente resurreição subjectiva no ambito de saudosos tempos, oh! que não voltam mais.

E que assás sentidas homenagens poderás, tu, minha pobre penna, retraçar condignas desse saudoso e querido morto, desse cruelmente martyrisado e inesquecivel Travassos, que pagou com a propria vida um golpe de audacia cujos verdadeiros moveis, intuitos e alcance dirá a infallivel imparcialidade da Historia — o julgamento de um futuro escoimado das miserias do presente, — enaltecendo a sua veneranda memoria, e engrinaldando a sua altiva e bella fronte de valoroso soldado da Republica com os laureis que constituem o premio com que a Posteridade glorifica os heróes-martyres da regeneração humana?...

*
* *

Senhores Juizes: — Resumindo este longo arrazoado de arguição de nullidade do processo, concluirei por dizer-vos, que, tendo assumido nos meus depoimentos a inteira e digna responsabilidade dos meus actos, quero e exijo o julgamento sereno da lei, e que, em hypothese alguma, conformar-me-hei, sem protesto, com as arbitrariedades oriundas dos caprichos, perseguições, ignorancia ou subserviencia de quem quer que seja. Para tal, alenta-me a reconfortante e inabalavel convicção de que assim presto os melhores serviços que de mim exige a minha desgraçada Patria nos seus lutuosos dias de agora.

Pelo art. 72 § 1° da Constituição — *ninguem póde ser obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma cousa, sinão em virtude de lei;* e pelo art. 14 — *a força armada é essencialmente obediente, dentro dos limites da lei, aos seus superiores hyerachicos, e obrigada a sustentar as instituições constitucionaes.* Pois bem, collocado entre a lei

e o arbitrio, eu prefiro, como republicano e soldado, ser fiel á lei, obediente aos seus mandamentos, realmente e verdadeiramente disciplinado; em uma palavra, para tudo nella resumir, optar pela unica obediencia ou submissão que nobilita e conforta, como base que é do aperfeiçoamento physico, intellectual e, sobretudo, moral.

*
* *

Eis, finalmente, ahi condensados, Srs. Juizes, os propositos do minucioso fundamento desta extensa preliminar, que, peço-vos, mandeis annexar aos autos do processo, para a todo tempo produzir o effeito de lei, e que *em qualquer tempo ou instancia póde ser allegada.* (Reg. Processual, art. 160 § 1º).

Terei, porventura, ahi usado de uma linguagem fóra da época, dos habitos e da situação?... Si assim é, os meus sentidos pezames a essa época, a esses habitos e essa situação...

Tenho dito.

Capital Federal, Escola Militar do Brazil, 31 de Março de 1905.—*Agostinho Raymundo Gomes de Castro*, major do estado-maior do exercito.

Aggravo Para o Supremo Tribunal Militar

Cidadãos Juizes do Conselho de Guerra.

Em face da decisão deste conselho sobre a preliminar de incompetencia, suspeição e nullidade processual que, em tempo, submetti á sua apreciação, sob os mais amplos, solidos e irrespondiveis fundamentos, apresso-me em aggravar no auto do processo, para que a referida decisão, com a qual me não conformo absolutamente, seja apreciada como preliminar do julgamento em segunda instancia, *ex-vi* do que determinam os arts. 233 e 218 § 2º do Reg. Processual.

Capital Federal, Escola Militar do Brasil, 10 de Abril de 1905—*Agostinho Raymundo Gomes de Castro*, major do estado maior do exercito.

*
* *

« Exmo. Sr. Presidente do Supremo Tribunal Militar:—Ao redigir a minha larga e cabalmente fundamentada preliminar de incompetencia, suspeição e nullidade processual que submetti aos juizes do meu conselho de guerra, em sua sessão de 31 de Março ultimo, o fiz baseado directamente no accordão desse Egregio Tribunal, publicado na ordem do dia do exercito n. 309, de 9 de Março de 1892, que sabiamente estabelece o pleno direito de defesa, na fórma e no fundo, reforçando desse modo *a liberdade de expressão*, que é taxativamente garantida pelo art. 201 do Reg. Proces., e *a mais plena defesa, com todos os recursos e meios essenciaes a ella*, que estipula o art. 72 § 16 da Constituição.

Não obstante isso, o conselho arrogou-se o direito de mutilar, a seu modo e comprazer, o meu minucioso trabalho, delle extraindo uma pretendida summa sobre a qual arengou a sua decisão de improcedencia da excepção apresentada.

Estribado no art. 233 do Reg.. apresentei incontinenti o competente aggravo.

Mas como o meu aggravo é necessariamente sobre a preliminar apresentada, e não sobre a tal summa defeituosissimamente extractada, venho pedir-vos mandeis juntar aos autos do processo o proprio original do meu arrazoado, que encontrareis annexo, para que chegue ao devido conhecimento dos ministros desse Tribunal, como o exigem os mais elementares dictames da imparcial e soberana justiça. O art. 218 § 2.º diz textual e terminantemente: «Si o conselho rejeitar a excepção, continuará o julgamento sem mais recurso suspensivo, *salvo ao Supremo Tribunal Militar o direito de tomar conhecimento desta preliminar*». Pois bem, eu recorro desse direito tão bem claramente expresso em lei.

Deveis bem comprehender, Sr. Presidente, a necessidade e o alcance de que o Tribunal tome conhecimento directo das multiplas arguições que solida e irrefutavelmente fundamentei na minha extensa e detalhada preliminar. Não só isso envolve um direito de legitima defesa pessoal que me não póde nem deve ser recusado e menos postergado, como ainda implica o reconhecimento e resalva de um principio geral de justiça.

Como verá esse Tribunal, pela calma e conscienciosa leitura do meu arrazoado, trata-se ahi das mais graves e escandalosas infracções de leis e regulamentos que constituem a garantia da honra, liberdade, e a propria vida dos membros do nosso Exercito e Marinha, leis e regulamentos que não podem nem devem ficar sujeitos ao talante do arbitrio autoritario de quem quer que seja, sob pena de mallogro radical da mesma existencia e organização da sociedade.

Os tão reiterados casos de nullidade de todo o processo que argui com tamanha e tanta minuciosidade estão infinitamente longe de constituir *simples irregularidade processual*, como diz, de modo sophistico e espantoso, o parecer do auditor do conselho, parecer que não comporta a minima argumentação séria, em tudo que me diz respeito.

Como verão os Srs. Ministros, a autoridade invadiu attribuições privativas desse Egregio Tribunal, annulando atrabiliariamente o meu primeiro conselho de investigação, já inteira e regularmente concluso, e mandando submetter-me a novo processo de formação de culpa pelo mesmo delicto! Desse modo, se não limitou apenas a conspurcar os arts. 31 § 2° e 293 do Codigo do Processo (o que já seria muito), como mais ainda derogou os arts. 15 e 79 da Constituição, invadindo discricionariamente attribuições de tribunal superior, e baralhando funcções judiciaes e administrativas.

Mas não só annullou o processo e a pronuncia de um conselho, arrogando-se direito que lhe não assiste por fórma absolutamente alguma, como ainda o fez para nomear outro conselho summariante sem a minima especie de competencia para fazel-o. Como verificareis, esse segundo conselho — o geral, chamado — foi convocado pelo Sr. general de brigada Luiz Antonio de Medeiros, para julgar accusados em cujo numero figura o Sr. general de divisão Antonio Olympio da Silveira (!), o que implica pelo menos a revogação do art. 10 do Reg. Proces.

Em uma das suas sessões, este conselho chegou ao ponto de funccionar apenas com dous dos seus membros, o juiz interrogante e o juiz escrevente, na ausencia do juiz presidente, que estava sendo interrogado como testemunha no mesmo delicto em que figurava como julgador (!), tudo isso em contrario ao que manda o art. 5°.

Quanto aos juizes dos dous conselhos de investigação e de guerra, mostrei e demonstrei á saciedade

que foram juizes *nomeados*, *designados*, juizes *ad hoc*, *escolhidos* ao sabor da autoridade, e de modo algum *escalados*, como está mais que explicito nos multiplos arts. 4º, 5º. 305 e 304 §§ 1º, 2º e 3º do Cod. do Proces., e no accordão desse Tribunal de 27 de Novembro de 1901, publicado na ordem do dia do exercito n. 179, de 20 de Dezembro do mesmo anno.

Ora, o Reg. Proces. diz explicitamente no seu art. 159 — *são nullos os processos;* a) *sendo incompetentes as autoridades que convocarem os respectivos conselhos*, ou illegitimas as partes que os provocaram; b) *faltando-lhes alguma farmula ou termo essencial.* E o art. 160 esmiuça — *São formulas ou termos essenciaes do processo* (entre outras): d) *a convocação dos juizes que devem compor os respectivos conselhos.*

Pois bem — isto posto — no balanço geral do processo, eu arguo, na minha preliminar, por um lado, de evidentemente incompetente a autoridade do general de brigada que convocou conselho de investigação para um general de divisão, e que annullou processo usurpando attribuição privativa de tribunal superior; e de outro lado, eu allego falta da formula ou termo essencial concernente á convocação dos juizes, consoante o espirito e a letra da lei. E então eu concluo — com a logica, a razão e o mais vulgar bom senso — sem medo ou pavor da trica da bacharelice, que o processo está nullo, como manda concluir o texto da lei, e muitas vezes nullo — nullo por incompetencia da autoridade convocante do chamado conselho geral de investigação, nullo tambem por falta de formula ou termo essencial, e nullo ainda por incompetencia judicial da autoridade administrativa que se arrogou attribuição privativa desse Supremo Tribunal, annullando processo — para só falar nesses pontos capitaes, em virtude dos quaes o processo é, pelo menos, tres vezes nullo. Isto é, eu concluo pelo mesmissimo methodo porque eu avanço, por exemplo, que a circumferencia de circulo é a curva fechada que, sob o mesmo perimetro, apresenta maior área, ou que

a linha recta é o mais curto caminho rectilineo entre dous pontos.

A verdadeira liberdade consistindo na digna e consciente submissão ás leis naturaes proprias a cada caso, é claro que ninguem é livre de acceitar ou recusar as demonstrações cuja rigorosa exactidão scientifica ou conveniencia logica comprehendeu.

Comtudo, como responde o auditor de guerra a essa cerrada e irrecusavel argumentação? dizendo *que, na realidade, a organisação do summario de culpa não foi feita regularmente, mas que a irregularidade não induz nullidade, porque o conselho geral que evocou os parciaes procedeu com todas as fórmas do processo* (inclusive realisando sessões com dous juizes, sem o presidente!), *e que, portanto, a irregularidade notada não affecta o conselho de guerra* (cujos juizes foram *nomeados e não escalados!)* etc., etc.! Singular e simplorio modo de rebater as questões!... Isso se diz e se escreve, e é approvado por unanimidade, e quem diz e escreve é um juiz chamado togado! Seja como fôr, é o que nós, os afortunadamente não togados que temos a felicidade de raciocinar pela verdadeira e sã logica mathematica—a poderosa logica dos signaes que systematisa e coordena a logica do puro e atilado bom senso vulgar—chamamos de vão recurso ou vicio inveterado de chicana.

Mostrei ainda a incompetencia dos generaes reformados que têm figurado no processo, em face do accordão do Supremo Tribunal Federal proferido em recurso de revisão de sentença, sob n. 902, no recente processo do Sr. general Carlos Soares. Esse accordão estabelece, em these, que o official reformado não está sujeito ao fôro militar, nada tendo que ver com a disciplina, por ser um simples pensionista *en retraite;* e dahi eu deduzo nitidamente que não estando sujeitos á disciplina nem ao fôro militar, não podem vir julgar-me no fôro privativo dos que estão adstrictos a essa disciplina.

Vejamos como sae-se o auditor dessa alhada. Começa elle dizendo *que a hypothese era differente (?) porque o conselho de guerra revisto havia por maioria de votos rsconhecido sua incompetencia, porquanto o general Carlos Soares, reformado, é uma pura inactividade, não estava por isso sujeito á jurisdicção criminal militar, e limitava-se a incompetencia a este facto* (e a hypothese era differente!...) *Nesse sentido foram feitas as allegações e por ellas decidiu aquelle Tribunal. Si os reformados podem ser chamados a serviço e acceitam, ficam logo sujeitos aos regulamentos e leis militares, readquirem, emquanto servirem, a qualidade de camaradas effectivos, e só podem neste estado ser julgados militarmente.*

Dessa exposição um tanto quanto confusa do juiz togado do conselho de guerra, resulta que, na sua opinião, todo official reformado chamado para juiz de processos militares fica, *ipso facto, logo sujeito aos regulamentos e leis militares, readquire, emquanto servir, a qualidade de camarada effectivo, e só póde nesse estado ser julgado militarmente*, donde S. S. conclue que não procede a minha arguição de incompetencia.

Eis o que se póde chamar um jogo, ou melhor, um circulo vicioso de palavras soltas ao vento e desconnexas. Em que peze ao diploma profissional do auditor, dir-lhe-hei, em primeiro logar, que isso é um desses argumentos engraçados que têm a mirifica virtude de provar demais do que se quer. Porque, com effeito, si um official reformado, pelo simples facto de ser chamado para juiz de processos militares, readquire, emquanto servir, a qualidade de camarada effectivo, e só póde nesse estado ser julgado militarmente, escapando, por consequencia, ao espirito e á letra do accordão, é obvio que o official reformado tambem chamado para indiciado ou réu desses mesmos processos fica nos mesmos etc., etc., do estupefaciente raciocinio, e então adeus accordão, adeus reformados com as suas prerogativas de puros pensionistas *en retraite!*

E por que se chega a esse extravagante absurdo? simplesmente porque o auditor confundiu *serviço militar* com *funcção judicial*, só podendo o seu argumento, quando muito, ser applicado ao primeiro caso, e isso mesmo em circumstancia excepcionalissima, como seja caso de guerra.

A verdade, pois, incontestavel é que todo o processo está nullo e radicalmente nullo, e, no meu caso pessoal, além de nullo, perempto por lei, como venho proclamando desde o segundo conselho de investigação (primeiro e segundo conselho de investigação! — eis outro modernismo da época). Como vereis na preliminar, o primeiro juizo summariante a que respondi e o unico a que respondi—unico regular e acceitavel—teve de formar culpa a tres indiciados que lhe foram submettidos, sendo dous pronunciados e um despronunciado. Pelo art. 28 do Regulamento, a autoridade nomeante tinha dez dias de prazo improrogavel para examinar os autos, e se conformar ou não com a não pronuncia, convocando conselho de guerra na segunda hypothese. Pois bem, a autoridade não se conformou, e em logar do conselho de guerra, desfechou-nos novo conselho de investigação. Sendo o meu despacho de pronuncia de 12 de Dezembro do anno passado, o meu conselho de guerra legal deveria ter sido convocado, o mais tardar a 22 desse mesmo mez, mas como a autoridade, por abuso de poder, revogou tudo quanto foi lei, só a 31 de Março findo, quer dizer, mais de tres mezes depois, é que eu compareço em plenario militar!

Esse Tribunal já expediu nada menos de tres accórdãos ultimos sobre perempção da acção judicial todas as vezes que a autoridade nomeante deixa passar os dez dias da lei sem convocar conselho de guerra.

Esses accórdãos são de 26 de Outubro de 1900, 8 de Maio e 27 de Novembro de 1901, publicados nas ordens do dia do exercito ns. 105, de 30 de Novembro, 137, de 20 de Maio e 179, de 20 de Dezembro dos mesmos annos. E como a jurisprudencia desse Tribunal

firma doutrina nos casos omissos na lei processual (art. 316), della recorro no meu caso de parte num processo em que ha um despacho de não pronuncia com o qual a autoridade não se conformou.

Pela intimação do conselho de guerra, vê-se que a pronuncia do segundo conselho de investigação é que vae servir de base ao meu processo no plenario. Vae n'isso—devo dizer desde já—mais um caso de nullidade futura, além dos muitos que já citei, como está claro no accórdão desse Tribunal, de 8 de Junho de 1900, publicado na ordem do dia do exercito n. 84, de 30 dos mesmos mez e anno. Por esse accórdão *os ministros deixam de tomar conhecimento de uma sentença do conselho de guerra por não ter sido a arguição comprehendida opportunamente no conselho de investigação, pois, sómente foram annexados aos autos os respectivos documentos depois do interrogatorio do réu e apresentação de sua defeza, quando o processo estava em termo de subir á pronuncia, o que equivale dizer que não houve conselho de investigação acerca desta tardia accusação.* Isso — note-se — quando apenas o réu havia sido interrogado e o processo estava em termo de subir á pronuncia; o que se não dirá, pois, da accusação mais que tardia feita a um réu que já havia sido pronunciado?...

Mas eu me não circumscrevi, Sr. Presidente, na minha preliminar e nos meus protestos anteriores, a escarnar os graves e reprovaveis abusos de que estou sendo victima por parte das autoridades superiores da guerra, que tão deploravelmente têm fraudado a justiça militar. Como todo republicano organico e systematico, logo, precavido, á natureza do mal eu adaptei a prescripção do remedio. Assim é que já dei denuncia, perante esse Egregio Tribunal, contra o Sr. general de brigada Luiz Antonio de Medeiros, como incurso no art. 288 do Cod. do Proces., que o manda responsabilisar criminalmente, visto ter dado causa, por abuso de autoridade, para ser adiado o meu julga-

mento, com tyrannica preterição dos meus sagrados direitos de liberdade e defeza; denuncia que ora reitero. Saude e fraternidade.—Capital Federal, Escola Militar, 13 de Abril de 1905.—*Agostinho Raymundo Gomes de Castro*, major do estado-maior do exercito. »

Excepção de incompetencia de Fôro do senador Lauro Sodré

«A Constituição da Republica declarou no § 23 do art. 72 que, á excepção das causas que por sua natureza pertencem a juizes especiaes, não ha fôro privilegiado, e no art. 77 mandou que os militares de terra e mar tivessem fôro especial nos delictos militares. No conceito do legislador constituinte ficou, portanto, claramente determinado que não é a qualidade de militar que sujeita o accusado á justiça excepcional dos tribunaes militares; é preciso, é indispensavel que por sua natureza o crime seja militar, isto é, praticado com offensa da subordinação e boa disciplina do Exercito e da Armada, nos termos da Provisão de 20 de Outubro de 1834, ou, como lucidamente explicou o grande jurisconsulto Nabuco de Araujo: «E' preciso, para que o crime seja puramente militar, 1°, que seja militar por sua natureza, isto é, contra a subordinação, boa ordem e disciplina militar; 2°, ou que, posto seja commum, tenha alguma razão especial que directamente affecte a subordinação, boa ordem ou disciplina militar.»

Esta é, com effeito, a figura do crime militar na legislação patria.

O Codigo Penal commum (decreto n. 847, de 11 de Outubro de 1890) em seu art. 6º exclue da sua comprehensão os *crimes puramente militares, como taes declarados nas leis respectivas.*

O Codigo Penal Militar, que declarou os crimes militares, fal-o pela seguinte fórma no art. 3°:

« As disposições deste codigo são applicaveis:

1°, a todo o individuo, militar ou seu assemelhado, ao serviço da Marinha de guerra (ou do Exercito); 2°, a todo o individuo nas mesmas condições que commetter em paiz extrangeiro os crimes nelle previstos, quando

voltar ao Brazil, ou for entregue por extradição, e não houver sido punido no lugar onde delinquiu; 3º, a todo o individuo extranho ao serviço da Marinha de guerra que: *a*) commetter crime em territorio ou aguas submettidas a bloqueio ou militarmente occupadas; a bordo de navios da Armada ou embarcações sujeitas ao mesmo regimen, nas fortalezas, quarteis e estabelecimentos navaes; *b*) servir como espião, ou dar asylo a espiões e emissarios inimigos, conhecidos como taes; *c*) seduzir em tempo de guerra as praças para desertarem ou dar asylo ou transporte a desertores insubmissos; *d*) seduzil-as para se levantarem contra o Governo ou seus superiores; *e*) atacar sentinellas ou penetrar nas fortalezas, quarteis, estabelecimentos navaes, navios ou embarcações da Armada por lugares defesos; *f*) comprar em tempo de guerra ás praças ou receber dellas em penhor peças do seu equipamento, armamento e fardamento ou cousas pertencentes á Fazenda Nacional.

Paragrapho unico. Além dos casos em que este codigo applica pena especial a individuos extranhos ao serviço da Marinha de guerra, aquelle que commetter ou concorrer com individuo da marinha para commetter crime militar maritimo, ficará sujeito ás penas estabelecidas neste codigo, *si o crime não fôr previsto pelo codigo penal commum, ou si fôr commettido em tempo de guerra* e tiver de ser julgado por tribunal militar maritimo.»

Si o codigo considera sujeitos em certos casos á jurisdicção militar individuos extranhos ao serviço militar, teve o cuidado de indicar especificadamente os delictos em que essa prorogação de jurisdicção se dá, como nos casos dos arts 79, 80 e 116, e poucos outros. Só nestes crimes, portanto, declarados militares pela lei respectiva, é que os individuos não obrigados ao serviço militar podem ficar sujeitos a essa jurisdicção.

O Regulamento Processual Criminal Militar, traduzindo o pensamento do Codigo, definiu pela seguinte fórma a competencia dos tribunaes militares:

Art. 32. Estão sujeitos á jurisdicção dos tribunaes militares:

§ 1º Todo o individuo militar ou seu assemelhado, ao serviço do Exercito ou da Armada.

§ 2º Os officiaes reformados quando commetterem delictos militares.

§ 3º Todo individuo extranho ao Exercito ou á Armada que EM TEMPO DE GUERRA (segue a enumeração do art. 3 do Codigo).

O § 2º que sujeita os officiaes reformados á essa jurisdicção, quando commettem delictos militares, deve ser entendido de modo harmonico com o paragrapho anterior, e não como excepção, que seria absurda e incomprehensivel. Os officiaes reformados só podem commetter delictos militares quando se acharem servindo no Exercito ou na Armada. Demais, já o Supremo Tribunal Federal, supremo interprete da Constituição e das leis federaes, declarou em decisão recente que o official reformado não está sujeito ao fôro militar por não se achar ao serviço do Exercito ou da Armada.

Assim, é fóra de duvida, como diz o Dr. João Vieira, que a relação entre o crime e o serviço militar é a condição essencial de seu caracter militar, e, conseguintemente, tambem da jurisdicção especial que delle deve conhecer e julgal-o. *Direito Penal do Exercito e da Armada,* n. 29.

Essa relação, porém, deve ser actual, ou como excellentemente opinou o Sr. Ministro OLIVEIRA RIBEIRO, no *habeas-corpus* do General Carlos Soares: *é condição essencial que o agente esteja ao serviço militar no momento do delicto.* DIREITO, vol. 95, pag. 294.

Si da generalidade da these se descer á especialidade da hypothese, ver-se-ha que os crimes imputados ao senador Lauro Sodré só podem ser praticados por individuo ao serviço da Armada ou do Exercito. Quer o art. 93, quer o art. 100, em que foi o excepiente pronunciado, exigem como condição constitutiva do delicto a circumstancia — do serviço militar.

«Serão considerados em estado de revolta ou motim os individuos ao serviço da Marinha de Guerra que reunidos em numero de quatro, pelo menos, e armados...» dispõe o art. 93, e o art. 100: «Todo o individuo ao serviço da Marinha de Guerra que promover a reunião de militares ou nella tomar parte para discutir acto do seu superior ou assumpto attinente á disciplina militar.»

Tanto o crime do art. 93 como o do art. 100 são por sua natureza militares, isto é, praticados contra a subordinação e a disciplina. Um individuo não sujeito ao serviço militar não se revolta ou amotina contra o *seu superior*, nem póde ser passivel de pena por assistir á reunião em que se censuram actos do *seu superior*.

Nesse caso está o excepiente, senador da Republica, em pleno exercicio do mandato legislativo, liberto da subordinação e da disciplina militares, incompativeis com a independencia assegurada ao representante da Nação, conforme lucidamente explanou o Supremo Tribunal Militar na consulta de 31 de Outubro de 1898, com a qual se conformou o Governo por acto de 6 de Janeiro de 1899.

Em termos restrictos: os crimes dos arts. 93 e 100 são crimes *funccionaes* de militares, praticados por aquelles que devem obediencia e subordinação aos chefes militares. Não se póde comprehender a revolta sem a desobediencia, que é a sua mesma essencia. Um senador da Republica, em pleno exercicio do mandato, funccionando o Congresso, não deve obediencia a autoridades militares, e não póde ser considerado ao serviço do Exercito. A lei n. 26, de 30 de Dezembro de 1894, art. 7 § 1°, expressamente mandou que os officiaes, membros do Congresso Federal, fossem considerados em disponibilidade. O mandato de senador é incompativel com o exercicio de qualquer outra funcção durante as sessões do Congresso.—Constituição art. 25—e o Senado funccionava

a 14 de Novembro, quando se diz terem acontecido os factos attribuidos ao excepiente. Era, portanto, juridicamente impossivel que o excepiente accumulasse o serviço militar com o exercicio do mandato do senador. Elle não estava, *não podia estar* ao serviço do Exercito. O caso não é novo, antes tem um precedente notorio. No caso do almirante Wandenkolk, em 1893, requerida a licença para submetter a conselho de investigação aquelle senador, preso em flagrante delicto, com as armas na mão, o Senado adoptou a emenda offerecida pelos senadores Ruy Barbosa e Neiva, nos seguintes termos: O Senado, reconhecendo de accôrdo com os fundamentos do parecer a competencia do fôro civil, em presença do art. 20 da Constituição da Republica, *perante o qual deve responder o membro do Congresso,* delibera etc., etc.»

Ainda ultimamente, quando pelo *Chefe do Estado Maior* do Exercito foi pedida a licença para processar o excepiente, o Senado entendeu que a questão de competencia devia ser deixada aos tribunaes, mas o senador Ruy Barbosa afirmou de novo a doutrina sustentada em 1893, que o fôro civil é o unico competente para o julgamento dos membros do Congresso.

Si em 1893 a doutrina era verdadeira, hoje com maioria de razão o é, porque o Codigo Penal da Armada, agora applicavel ao Exercito, exige a condição do serviço para sujeitar qualquer individuo á jurisdicção militar.

Nem de outra fórma se poderiam observar os tramites processuaes regulares em bem da disciplina e da hierarchia militar.

O Regulamento Processual Criminal Militar distribue a competencia para a convocação dos conselhos de investigação. No caso dos autos a convocação foi feita pelo *Chefe do Estado Maior,* a autoridade mais elevada que goza de semelhante competencia.

Mas o art. 3º do Regulamento impõe á autoridade a obrigação de limitar-se a convocar conselhos de in-

vestigação sobre crimes em que forem indiciados os *seus juridiccionados*.

A faculdade de convocar o conselho é inseparavel dos attributos da jurisdicção. Tem, por acaso, o Chefe do Estado Maior jurisdicção sobre os membros do Congresso? Embora seja militar o congressista, a sua qualidade de representante da Nação o desafóra completamente da jurisdicção militar, porque a obediencia e a subordinação são incompativeis com a independencia que a Constituição assegura a todos os membros do Congresso. A qualidade de senador absorve a de militar.

Por esta face da questão, assim como pela exigencia da condição de estar em serviço, é indiscutivel a incompetencia do fôro militar para processar e julgar o excepiente.

Elle se achava no pleno exercicio do mandato legislativo no dia 14 de Novembro de 1904, em que se diz terem succedido os factos incriminados. Nessa qualidade não podia commetter crime militar, não estava sujeito á obediencia, subordinação e disciplina, nem estava sob a jurisdicção do Chefe do Estado-Maior do Exercito.

Debalde se opporá a tão solidos argumentos a pretensa renuncia tacita das immunidades parlamentares, resultante do facto de ter-se o excepiente apresentado ao Quartel-General, em virtude de um edital que o chamava, sob pena de ser havido por desertor.

Antes de tudo, advirta-se que se trata da immunidade que não póde ser renunciada, pois não foi instituida em beneficio da pessoa, mas para garantir a funcção do representante, e, por tal, a ordem publica constitucional.

Mas, admittindo o contrario, é preciso desconhecer o que seja uma renuncia de direito para enxergar no facto da apresentação do excepiente ao Quartel General, á paisana, a intenção definida e clara de abrir mão das suas immunidades. Comprehende-se

bem que no primeiro momento, no silencio imposto ao excepiente, pela incommunicabilidade a que o sujeitaram a bordo de um navio de guerra, tendo a policia e os seus inimigos interesse em deturpar os factos e esconder a verdade, semelhante balela pudesse ter encontrado éco em espiritos desprevenidos. O Chefe de Policia, porém, no relatorio dos acontecimentos, incumbiu-se de destruir a fabula, embora não tivesse tão recto intuito.

Diz, com effeito, o Chefe de Policia, na famosa peça publicada no *Diario Official* de 23 de Dezembro do anno passado, narrando a prisão do excepiente:

«As suas primeiras palavras foram de protesto, em nome dos preceitos da Constituição da Republica que o resguardam, na qualidade de representante da Nação, contra quaesquer violencias, como as de que começou a ser victima.»

E mais adiante:

«Mas o chefe do movimento insurreccional protestou, na sua qualidade de representante da Nação, em nome da Constituição da Republica contra as violencias.»

Ahi está como o excepiente renunciou tacitamente as suas immunidades parlamentares. Preso, quando comparecia para protestar contra o acto do Quartel-General que o declarava desertor, as suas primeiras palavras foram de protesto contra a prisão com que o surprehenderam. Um homem que é preso, e que logo que abre a bocca é para protestar contra a violencia da prisão, mostra por esse modo concordar com a violencia que lhe infligem! Não póde haver maior disparate, e só a supina ignorancia ou a mais desabusada má fé póde argumentar por semelhante modo.

Si todos os mestres de direito reconhecem que a renuncia de direito precisa ser expressa, clara e positiva (Coelho da Rocha, Direito Civil, § 110), só um cretino poderia conciliar semelhante abandono das immunidades com as palavras de protesto contra a

violação dessas mesmas immunidades. E' um absurdo que nenhum homem de bom senso póde partilhar, e só póde achar abrigo em cerebros doentios.

E' tão inconcussa esta verdade, que não póde o governo negal-a. O procedimento do governo é a melhor demonstração do asserto que ahi fica. Si a 19 de Novembro tivesse o excepiente renunciado as suas immunidades, o governo não precisaria pedir licença ao Senado para processal-o, como o fez cerca de um mez depois; nem o Senado a teria concedido.

Accresce que, si tivesse havido renuncia, ella não poderia ter retroagido á data em que se dizem commettidos os crimes em que foi pronunciado o excepiente. Os factos que deram logar a este processo são de 14 de Novembro, a prisão do excepiente teve logar cinco dias depois.

Quando foram praticados os actos imputados ao excepiente, elle estava no pleno gozo das immunidades parlamentares. Foi um senador da Republica que compareceu á reunião do Club Militar, foi o representante da Nação, em pleno exercicio do mandato legislativo, que se achou ao lado dos alumnos da Escola Militar, na noite de 14 de Novembro, foi, portanto, como senador que elle praticou os actos incriminados.

A jurisdicção competente é a que deve conhecer dos actos praticados pelo senador, processal-o e julgal-o.»

Os advogados,

H. Inglez de Souza.
Heitor Peixoto.

Sessão do Supremo Tribunal Militar, em 26 de Abril de 1905, para julgamento da excepção de incompetencia de fôro do tenente-coronel senador Lauro Sodré e do aggravo do major Gomes de Castro.

(Extrahido do *Jornal do Commercio*).

Presentes 13 Srs. Ministros, faltando os Srs. Marechaes Almeida Barreto e Paula Argollo, abrio-se a sessão.

Depois de lida e approvada a acta da sessão anterior, foi dada a palavra ao Juiz Dr. Ascyndino de Magalhães, que expoz o feito, lavrando-se, após ligeira discussão, o seguinte accórdão:

« O Supremo Tribunal Militar, tomando conhecimento da appellação necessaria, interposta da sentença do conselho de guerra que recebeu e julgou procedente a excepção de incompetencia de fôro articulada pelo tenente-coronel Lauro Sodré, sob o fundamento de que, na sua qualidade de senador federal, está fóra da alçada da autoridade militar e da jurisdicção criminal militar; e

Considerando que, si o mandato de representante da Nação interrompe ao official do Exercito ou da Marinha o exercicio das funcções militares, não lhe retira a qualidade de militar;

Considerando que a prova desse asserto está, entre outros motivos de menor ponderação, no facto de conservar o seu lugar na escala dos officiaes em actividade, com muitos dos seus proveitos; e, sobretudo, no de poder

o Governo, na vigencia do mandato, confiar-lhe commissões militares, mediante annuencia da respectiva Camara, circumstancias indicativas de que, com a investidura parlamentar, não fica privado dos seus galões e nem dos privilegios e regalias de membro da corporação militar;

Considerando que, si nos assumptos pertinentes ao desempenho do mandato e na esphera da acção parlamentar, o militar, senador ou deputado, não está sujeito ao dever de subordinação e disciplina militares, tambem é certo que a esse dever não se poderá eximir em outras relações com o seu superior hierarchico; tanto assim que, si fóra do recinto da sua Camara, e por motivos ou questões estranhas ao desempenho do mandato, desacatar, ferir ou matar seu superior, por qualquer desses delictos responderá, sem a menor sombra de duvida, no juizo militar; de onde se infere que a qualidade de representante da Nação não desafóra completamente da jurisdicção militar, por ser aquella immunidade de caracter e acção restrictas;

Considerando que a expressão do codigo penal militar — « Ao serviço da marinha de guerra » — comprehende todo o individuo alistado nas fileiras do Exercito ou da Armada, e consequentemente esse serviço póde ser effectivo ou não, e assim deve ser entendida a referida phrase da lei, a menos que não se chegue ao absurdo de excluir do fôro militar, nos crimes militares, o official que se achar em disponibilidade ou em qualquer commissão de natureza civil;

Considerando que, si o codigo tivesse cogitado de serviço — « no momento do delicto » — a expressão correspondente teria sido — « no serviço » — exprimindo a actualidade, e, si, ao contrario, a generalizou, dizendo — « ao serviço » — foi porque quiz comprehender nella todas as situações em que se achasse o official;

Considerando, por outro lado, que foi, rigorosa e precizamente, no caracter de militar que o exceptuante

tomou parte nos successos de Novembro, o que abundantemente está afirmado, não só pela natureza do local em que teve começo o movimento—uma praça de guerra — para onde se transportou o accusado; sinão, tambem, pela circumstancia bem caracteristica de ahi se apresentar fardado e armado, pondo-se á frente de forças exclusivamente militares;

Considerando, finalmente, que, uma vez concedida, como foi, a licença para o processo, este não póde ter outro fôro sinão o militar, verificados, como se acham, todos os requisitos do delicto militar: resolve declarar competente a jurisdição militar para o processo e julgamento do exceptuante.

Tomando, em seguida, conhecimento dos aggravos de fls. a fls. interpostos pelos accusados, general de divisão Antonio Olympio da Silveira, major Agostinho Raymundo Gomes de Castro, capitão Antonio Augusto de Moraes, tenentes Oscas Virgilio de Carvalho, Affonso Dutervil Ferreira da Silva, José Menescal de Vasconcellos, alferes Celso Avelino de Moraes Sarmento, Raul Tuper, Eugenio Nicoll de Almeida, Alberto Faria e sargento-ajudante Adalberto Martins Ferreira;

Quanto ao primeiro aggravante:

Considerando que na composição do conselho de guerra não foi observada a regra fundamental do art. 12 do Regulamento Processual Criminal Militar, que estabelece de modo claro e positivo que nos processos a que tiverem de responder officiaes generaes só deverão funccionar juizes de superior ou igual graduação á do réo;

Considerando que a confirmação dessa regra se acha na excepção consagrada na parte final do referido artigo, fazendo depender a admissão de juizes de graduação inferior á do accusado da — «falta absoluta» de outros de superior ou igual patente —, exigencia esta que logicamente convence de que a lei, regulando esse serviço, teve em vista como condição necessaria

o principio da hierarchia, sempre attingido em todas as relações de caracter militar;

Considerando, consequentemente, que esta disposição excepcional estando, como está, sujeita á rigorosa obrigação da falta absoluta — essa só se póde verificar, esgotada a escala gradativa constante do art. 8 do citado regulamento, o que não se fez, como demonstram os documentos de fls. 2.209, 2.800 e 2.802, incidindo semelhante anomalia por vicio insanavel na pena do art. 159 combinado com o art. 160, lettra *b*, do mesmo regulamento;

Quanto aos segundo e terceiro aggravantes:

Considerando que os accusados pelo mesmo delicto de que se occupa o conselho geral de investigação já foram pronunciados no art. 90 do codigo penal militar, em summario parcial iniciado em Novembro e encerrado em Dezembro; e, portanto, não podiam ser mais comprehendidos no processo geral, salvo o caso, que não se deu, de nullidade do referido summario, que só podia ser pronunciada pela autoridade judiciaria e mediante os tramites legaes;

Quanto aos 4º e 11º aggravantes:

Considerando que os accusados, em conselhos parciaes de investigação a que anteriormente responderam e pelos mesmos factos que servem de objecto á presente accusação, foram despronunciados, sem que a autoridade convocante dos mesmos conselhos, dentro do decendio legal, tivesse nomeado conselho de guerra para julgal-os, em desaccôrdo com as prescripções do art. 28 do alludido regulamento;

Quanto aos demais aggravantes e outras allegações:

Considerando que não tem procedencia juridica a materia de suas excepções, e, por isso, regularmente rejeitadas foram pelo Tribunal *a quo*:

Resolve, de accôrdo com as considerações precedentes:

1º Annullar a nomeação dos juizes do conselho de guerra, cumprindo que se proceda com urgencia á convocação de outro, onde deverão ser observadas as prescripções legaes;

2º Ordenar que dos autos seja desentranhado o conselho parcial de investigação relativo aos accusados major Agostinho Raymundo Gomes de Castro e capitão Antonio Augusto de Moraes, para servir de base ao de guerra que, pela autoridade competente, deverá ser nomeado:

3º. Julgar perempta a accusação intentada contra o tenente Oscar Virgilio de Carvalho e o sargento-ajudante Adalberto Martins Ferreira, os quaes serão postos em liberdade, se por al não estiverem presos, ficando deste modo nullo, na parte referente aos quatro ultimos accusados, o summario geral de investigação.

E assim deliberando devolve o processo á autoridade competente para os devidos effeitos.—*Pereira Pinto.*—*E. Barboza*, vencido quanto á separação ordenada do processo do major Agostinho Gomes de Castro e capitão Antonio Augusto de Moraes. — *R. Galvão.*—*C. Netto*, vencido quanto á competencia do fôro.—*F. A. de Moura*, vencido; votei pela incompetencia do fôro militar para julgar o tenente-coronel Dr. Lauro Sodré, por estes fundamentos: emquanto investido do mandato de senador, no gozo de immunidades, o tenente-coronel Sodré se acha inteiramente desligado do serviço militar, consoante á doutrina adoptada por este Tribunal na consulta de 31 de Outubro de 1898, com a qual o Governo se conformou em 6 de Janeiro seguinte, que foi transcripta pelo Dr. João Barbalho, em seus *commentarios á Constituição Federal*, pelo que não está sujeito á disciplina nem é subordinado ás autoridades do Exercito, por mais elevadas que sejam, podendo mesmo analysar-lhes e censurar-lhes os actos; conseguintemente não está comprehendido no art. 5º do codigo penal da Armada ampliado ao Exercito, em que vêm especifica-

das as condições das pessoas sujeitas á jurisdicção dos tribunaes militares; portanto, não incorreu, nem podia incorrer em crime militar — Vencido tambem quanto á composição do conselho, que julgo ter sido feita de accôrdo com as prescripções legaes. — *Mallet* — Votei por esta deliberação e mais por julgal-a, quanto ao senador tenente-coronel Lauro Sodré, questão vencida e sem appellação, em vista da decisão do Supremo Tribunal Federal, que já resolveu ser o fôro militar o competente para julgal-o. — *Thomaz Cantuaria.* — *F. J. Teixeira Junior.* — Votei pela competencia do fôro militar, acceitando as razões expostas e mais a observação do Ministro Marechal Mallet. — Vencido quanto á composição do conselho de guerra, por consideral-o legalmente constituido, segundo a intelligencia de sempre do preceito da lei de 13 de Setembro de 1826 e dos arts. 8° e 12° do Codigo Processual Criminal Militar, que regulou semelhante materia, salvo a articulação de suspeição pelo indiciado, no caso de que se trata de figurar juiz general de posto inferior; reconheci a procedencia da perempção em favor de dous despronunciados; oppuz-me á divisibilidade do processo por tratar-se de uma só causa crime, posto que reconhecesse nullo o segundo processo de investigação, depois de levado á conclusão o primeiro, sobre os mesmos indiciados. — *Marinho da Silva*, vencido quanto á constituição legal do conselho de guerra, porque nella se observou a lei de 13 de Setembro de 1826 e os arts. 8° e 12° do Regulamento Processual Criminal Militar que rege semelhante materia. — *C. Guillobel.* — *Ascyndino Vicente de Magalhães.* — *E. de Arrochellas Galvão*, vencido sómente quanto á composição do conselho de guerra, por consideral-o legalmente constituido. — *José Novaes de Souza Carvalho*, vencido apenas quanto á segunda conclusão, que ordenou o desentranhamento do processo do conselho de investigação parcial a que responderam o major Agostinho Raymundo Gomes de Castro e o capitão Antonio Augusto de Moraes, porque

vejo nisso uma violação do principio de indivisibilidade do processo e do julgamento, visto que, tendo sido um o delicto praticado por varios militares, a boa doutrina aconselhava que todos respondessem a um só processo e perante o mesmo conselho de guerra.

INDICE

	Pags.
Tradições do *Paiz* relativamente ao exercito	7
Situação politica e administrativa da nação a 14 de Novembro de 1904	12
Libello do *Paiz* contra os Drs. Rodrigues Alves e Pereira Passos, proclamando Lauro Sodré o idolo da Patria	14 a 41
Passagem do mesmo orgão para o governo da União e do Districto, excommungando Lauro Sodré	42
Projecto de lei da vaccinação obrigatoria e a opposição levantada contra ella.	44
Organisação da *Liga da Classes Operarias*, presidida pelo senador Lauro Sodré	46
Editorial do *Paiz* condemnando a *Liga* e seu presidente	48
Discurso do senador Lauro Sodré, explicando os factos e justificando a sua conducta	49
Esbravejamento do *Paiz* contra a reacção popular, exacerbada com o projecto do regulamento da lei sanccionada	55
Os prodromos da guerra civil, descripção do *Paiz*	65
Discurso do ministro do Interior perante a Commissão examinadora do regulamento	66
Bem definidas a democracia do *Paiz* e a paternal solicitude do governo	69
A explosão da Escola Militar e sua psycologia	71
Deodoro, Benjamin Constant, Quintino Bocayuva, Francisco Glycerio etc., reduzidos a uns miseraveis mashorqueiros, segundo o criterio do *Paiz*	72
Refutação ao conceito do senador Ruy Barbosa, relativamente ao levante da Escola Militar	73
Mascaras abaixo!	85
O augmento da brigada policial, applaudido pelo *Paiz*, para contrapor ao exercito	87
O *Paiz*, em 1889, inventando a balela do augmento do corpo policial, para insuflar a garnição da Côrte	89
O syndicato politico de S. Paulo reduzindo a nação a uma feitoria bastarda.	90
O reforço policial de Tibiriçá quebrando a pretensa neutralidade do Sr. presidente da Republica, a favor da candidatura Bernardino de Campos.	93
A substituição de uma dynastia nobre, virtuosa por uma colméa de zangões do erario publico e vinte dynastias estadoaes	94
A victoria de Pyrrho do governo	96
Roosevelt enchendo o papo do perú	98
A mensagem presidencial de 16 de Novembro	100
O presidente da Republica rebaixado ao papel de subalterno do chefe do estado maior do exercito	101
A victoria moral da jornada de 14 de Novembro	103

Pags.

A faliencia do governo na opinião publica e no apoio do proprio Congresso. 104
A maifestação á flores que os alumnos presos fizeram a Olympio da Silveira e Lauro Sodré, no primeiro dia do seu encontro..... 105
Precedente do general Deodoro, de 1886, endeosado pelo *Paiz* de então e o furor com que o mesmo orgão denigre hoje o pundonor militar.... 109
O general Hermes, sobrinho de Deodoro, julgando delictuosa a manifestação dos alumnos..... 111
A manifestação, com a legenda «Este é o meu lugar», feita ao Dr. Rodrigues Alves e seu alcance moral..... 112
A prisão e desterro do coronel Serzedello para Matto Grosso, com approvação tacita do *Paiz*, o mesmo que em 1886 levantou a celeuma da chamada *Questão Militar*, por identico motivo..... 114
A entrega amigavel do commando da Escola ao general Travassos..... 116
A covardia dos ministros de Estado ou uma commuua de palacio..... 120
«Ella por Ella», apreciação da *Gazeta de Noticias* sobre as duas manifestações..... 122
Resultados beneficos a esperar da suppressão do viveiro presidencial de S. Paulo..... 123
O exercito corroido pela parte de cima..... 124
A columna das tres armas, com os dois ministros militares á frente, um de carro e outro á cavallo, para assaltar a Escola e prender os alumnos, depois que estes se haviam rendido á discrição do governo..... 127
O assassinato do general Travassos..... 129
Protesto do Dr. Daniel de Almeida, em sessão da Academia Nacional de Medicina, contra o modo de tratar um general ferido..... 133
A interdicção do cadaver do general Travassos e a privação das honras funebres que lhe competiam..... 136
A humilhação, prepotencia e crueldade do governo, em prejuizo dos cofres publicos, contra os alumnos—praças de pret, que o *Paiz* fementidamente tinha auspiciado..... 137
O linitivo que os perseguidos encontraram na consideração publica e na rara philantropia dos industriaes *Lage Irmãos* — empresarios da Companhia Nacional de Navegação Costeira..... 139
O escandalo sem nome das promoções de generaes e officiaes superiores, após o 14 de Novembro..... 141
O precedente de fraqueza moral do ministro da guerra da presidencia Campos Salles..... 147
Contradicção flagrante do *Paiz* sobre o uso do estado de sitio e sobre a importancia politica do movimento de 14 de Novembro..... 149
A sorte inaudita do *Paiz*, atirando os patriotas á revolução e indo saborear o prato de lentilhas no palacete á Grande Avenida..... 155
O facto historico: os cinco annos de governo militar e os onze de governo civil da Republica..... 156
O plano architectado e a execução administrativa de cada novo presidente da Republica..... 158
A excepção aberta pela presidencia Prudente de Moraes..... 159
O desembaraço deshonesto do Dr. Rodrigues Alves..... 160
A immoralidade do prefeito Dr. Passos..... 162

Pags.

Editorial do *Jornal do Commercio* desvendando os mysterios do emprestimo municipal de £ 4.000.000..... 164
Malsinada Republica! (topico do discurso do senador Barata Ribeiro)..... 171
Substituição da legenda «Este é o meu lugar» por esta outra «Tão bom é o ladrão como o consentidor»..... 172
O *Paiz* reproduzindo a phase untosa do *Grito do Povo* do Principado de Monaco..... 174
O *Paiz* proclamando a legitimidade da politica dos Governadores, contra a qual dissera cobras e lagartos..... 176
A igrejinha montada pelo presidente que sae, para a impunidade, sinão a glorificação dos escandalos, prevaricações e abusos commettidos... 178
O *Paiz* constituido a alma desta situação desgraçada, quando ella toca o apogeu: da affronta e perversidade quanto ao exercito, de que elle se diz ainda amigo; da ignominia quanto á moralidade administrativa; da insensatez quanto ao futuro da Patria..... 181
A solução, unica, natural á hypothese politica actual do Brasil..... 182

COMPLEMENTO

Preliminar do major Gomes de Castro, apresentada na primeira sessão do conselho de guerra, a que responde..... 187
Aggravo da decisão do conselho de guerra para o Supremo Tribunal Militar, pelo mesmo major Gomes de Castro..... 213
Excepção de incompetencia de fôro do tenente-coronel senador Lauro Sodré..... 223
Accordão do Supremo Tribunal Militar, decidindo o aggravo e a excepção. 231

ERRATA

PAG.	LIN.	ONDE SE LE:	LEIA-SE:
30	15	Cangresso.	Congresso.
78	36	impoltulo.	impolluto.
99	15	recheado.	recheiado.
128	11	discreção.	discrição.
157	6	raras excepções honrosas	raras e não honrosas excepções.
172	9	do mesmo theatro.	das obras do mesmo theatro.
»	22	de confiança.	da confiança.
173	26	administração.	administração.
»	35	epocha.	época.
»	37	gyrandolas.	girandolas.
»	38	administractivo.	administrativo.
175	11	»	»
194	27	Covocado.	Convocado.
196	17	dissecção.	dissecação.
206	38	aceital-as.	acceital-as.

OBSERVAÇÃO FINAL

Por inadvertencia sahiu incompleta, sinão truncada a reproducção da brilhante preliminar do major Gomes de Castro, a quem pedimos desculpa dessa falta involuntaria, que, felizmente, não prejudicou a parte essencial do pujante e luminoso arrazoado.

HONORATO CALDAS.

12531

GABRIEL MALAGRIDA

OU

A CONJURAÇÃO DOS TAVORAS

CHRONICA DO SECULO 18.°

DRAMA ORIGINAL EM 3 ACTOS, 6 QUADROS OU 8 PARTES

POR

José Manoel Rego Vianna

Representado pela primeira vez no Theatro de S. João da cidade da Bahia em 19 de Maio de 1850.

O Varão forte Varões fortes cria;
Do tronco segue o ramo a natureza;
Nada de sua espécie se desvia.
(EXTRAH.)

BAHIA:

TYP. POGGETTI—DE TOURINHO, DIAS, & C.ª

Rua do Corpo Santo n.° 47

1864

OFFERECIDO

AO ILLM. E EXM. SNR.

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

POR SEU AUTOR

José Manoel Rego Vianna.

ILL.mo E EX.mo SENHOR.

DEPOIS de 14 annos surge á luz da imprensa o Drama **Gabriel Malagrida ou a Conjuração dos Tavoras.**

Não era de minha intenção fazel-o girar no orbe litterario sem um auxiliar que o pozesse a salvo das censuras que alguem menos indulgente lhe quizesse fazer, mas um amigo sincero, depois de o ver pela primeira vez receber o bom acolhimento do illustrado publico desta cidade, inflammou-me o animo para proseguir no designio de leval-o ao prelo fazendo-o correr mundo.

Reunindo as poucas forças da minha intelligencia, emprehendi com bem receio esta composição bastante difficil para quem não possue o gráo de illustração que o assumpto reclama. Consultei os nossos melhores Dramaturgos, e admirei-os a tal ponto, que cheguei a render-lhes um culto profano. Abri as obras dos nossos classicos, e bebi em suas paginas inspirações que me transportarão ao mundo da sciencia, onde formei o pensamento de proseguir no meu plano. Os meus desejos erão superiores as minhas forças.

A composição do Drama Os Jesuitas, ou o Bastardo de El-Rei, reflexo do reynado do infeliz Affonso VI, deo causa a este meu novo trabalho.

A contestação havida entre mim e um Jesuita na cidade do Rio Grande do Sul depois da primeira representação do referido drama, originou este quadro de horrores que lhe prometti apresentar quando indignado censurava a minha ficção com laivos

historicos, que punha em relevo o caracter dos seus confrades no seculo 17.º

O fatal acontecimento em a noute de 2 de Setembro do anno de 1758 foi o ponto principal para esta pequena producção litteraria. Os tiros em El-Rei D. José, e as tristes consequencias que depois tiverão lugar occuparão minhas reflexões, e apezar de já mais de um seculo se ter passado por cima de tão tristes acontecimentos, elles ainda hoje chamão as attenções sérias e reflectidas, de todos quantos procurão conhecer a horrivel catastrophe da familia dos Tavoras.

Com bastante indifferença será olhado este meo escripto por muitos a quem a naturesa deu um talento privilegiado:—é diante dessas capacidades supremas que elle se curvará reverente pedindo-lhe um pouco de indulgencia; é a ellas que supplicará um raio de sua luz divina para conhecer o verdadeiro caminho da sabedoria humana inspirada pela sabedoria de Deos; e então á semelhança do peregrino que percorre as distancias em busca do desejado fim, elle dirá submisso—a esses vultos respeitados pela sciencia que os immortalisa: dai a mão ao errado caminhante que procura chegar a verdadeira perfeição.

Em face destas considerações, é a V. Ex.ª que com especialidade me dirijo, supplicando-lhe de acceitar esta minha composição como verdadeiro testemunho de consideração e respeito que consagro ao grande vulto litterario que vio a primeira luz no mesmo solo aonde eu tambem a vi; é ao abrigo de um grande nome que entrego o fructo de minhas fracas meditações e o trabalho de algumas horas de estudo.

Permitta-me V. Ex.ª a honra de assignar-me

De V. Ex.ª .

Dedicado e affectuoso respeitador

José Manoel Rêgo Vianna.

Cidade de S. Salvador da Bahia 23 de Março de 1864.

GABRIEL MALAGRIDA

OU

A CONJURAÇÃO DOS TAVORAS.

PERSONAGENS.

O REI D. JOSÉ I. DE PORTUGAL.
O CONDE DE OEIRAS—*seu primeiro Ministro.*
AUGUSTO CEZAR GOUVEIA—*Secretario privado do Rei e seu camarista.*
GABRIEL MALAGRIDA—*jesuita.*
O PADRE ALEXANDRE—*o mesmo.*
O DUQUE DE AVEIRO.....
O MARQUEZ DE TAVORA.....
JOSÉ MARIA DE TAVORA..... *conspiradores.*
LUIZ BERNARDO DE TAVORA.....
CONDE DE ATOUGINA.....
CAMILLO FERNANDES—*agente secreto do Conde.*
O PADRE THOMAZ—*da Congregação do Oratorio.*
UM OFFICIAL DE CAVALLARIA.
BRAZ JOSÉ ROMEIRO—*parcial dos Tavoras.*
JOÃO MANOEL—*o mesmo.*
MANOEL ANTONIO ALVES—*o mesmo.*
D. LEONOR DE TAVORA—*marqueza do mesmo titulo.*
D. THEREZA DE TAVORA—*condeça do mesmo titulo.*
IGNEZ—*criada da marqueza.*
SOLDADOS, SACERDOTES, CARRASCOS E POVO.

A Scena passa-se em Lisbôa nos annos de 1754 e termina em 1759.

DENOMINAÇÃO DOS QUADROS E ACTOS.

1.º O Castello dos Mouros.
2.º O Terremoto de 1755.
3.º O Palacio d'Ajuda,
4.º A Reunião Nocturna.
5.º Os Tiros a El-Rei.
6.º O Falso Mendigo.
7.º O Convento das Grillas.
8.º O Supplicio e a Ultima Hora.

LUGAR DA ACÇAÕ EM CADA UM DOS QUADROS.

1.° Na Serra de Cîntra, no Castello dos Mouros.
2.° No Castello de S. Jorge.
3.° No Palacio d'Ajuda.
4.° Nas Ruinas da Igreja da Boa Hora em Belem.
5.° No Palacio do Marquez de Tavora.
6.° Na Residencia do Rei, no Terreiro do Paço.
7.° No Convento das Grillas.
8.° Na prisão d'Ajuda onde foi depois o pateo dos bixos.

ACTO I.

PRIMEIRO QUADRO.

O CASTELLO DOS MOUROS

28 DE OUTUBRO DE 1754.

O Theatro representa um castello arruinado em Cintra tradição Mourisca, collocado no fundo da scena com uma porta praticavel para a mesma. A direita sobre uma rocha, uma cruz de madeira pintada de preto.

—

SCENA I.

Malagrida *e* ***Camillo.***

Malagrida com desfarce. Tem vestido uma tunica de borel que prende por uma corda na cintura, já bastante desmaiada pelo tempo; tem calçadas sandalias. Sua phisionomia é o verdadeiro typo do soffrimento. Magro, cadaverico, barbas e cabellos brancos, bastante crescidos. O seu porte é grave e ceremonioso; mostra ser septuagenario. Ao levantar o panno está assentado em um penedo perto ao de onde está a cruz, e Camillo junto a elle.

MALAGRIDA:—É verdade tudo quanto acabaes de dizer. Tudo neste mundo tem um fim, e um destino, e quanto mais os homens procurão elevar-se por meios criminosos e indignos, maior é depois a sua queda! O caminho que trilha o ambicioso, está

quasi sempre regado de lagrimas pelos infelizes que a sua ambição flagella, e se na vida se lisongeia com a sua oppulencia e riqueza, na eternidade os remorsos e os martyrios do inferno o atormentão!

CAMILLO:—E esses homens tão consideravelmente máos não pensão nos castigos de Deos?

MALAGRIDA:—(*Levantando-se com mysterio*) Ah! meu filho! elles são os mais infelizes!

CAMILLO:—(*A parte*) Comecemos no meu empenho (*Alto*). Dizei-me, bom homem; não achaes util, e tambem justo, o plano de Sebastião José Carvalho na premeditada extincção dos Jesuitas?

MALAGRIDA:—(*Com odio reconcentrado*) Não sei.

CAMILLO:—Se elles fossem bons; se a sua conservação trouxesse a felicidade espiritual dos povos;—se Deos tomasse por offensa a sua distruição como nos querem fazer acreditar, não teria o Ministro cessado de viver?

MALAGRIDA:—(*Da mesma forma*) Não sei!

CAMILLO:—Não teria um tremendo castigo baixado á terra como queixa contra os homens?

MALAGRIDA:—(*Com um tom profetico, e um enthusiasmo religioso*) A extincção dos filhos de Santo Ignacio!—essa ideia do Ministro de D. José I., será para a religião santa um meio de exterminal-a!

CAMILLO:—(*Admirado*) Como!

MALAGRIDA:—(*Com maior stoicismo*) Será um acto criminoso, e indigno, d'esse homem que tem de responder a Deos por elle!

CAMILLO:—Não é esse o pensamento dominante de quasi toda a Europa segundo tenho ouvido dizer.

MALAGRIDA:—Veremos. Pensais, que se isso for a effeito, o decreto de D. José não ha de soffrer quebra, e que o mesmo Pontifice não emendará seu erro? *Pausa tranquillisando-se e mudando de tom.*

Para destruir a companhia de Jesus serão mister muitos annos de premeditações e conferencias secretas,...e muitos segredos de estado!

CAMILLO:—Mas pode ser destruida:

MALAGRIDA:—Quem sabe se ainda mesmo assim?....

CAMILLO:—Pode ser destruida. *Com afirmativa.*

MALAGRIDA:—Eu afirmo o contrario.

CAMILLO:—Sobre que opinião?

MALAGRIDA:—No silencio de seu claustro, girará o echo desses planos, dessas combinações e desses segredos; e tão poderoza confraria lhes anteporá uma inacessivel barreira! Ignoraes o respeito, e submissão que existe em Portugal e em todo mundo catholico aos Jesuitas, e que a não ser a cautella de que seus inimigos se tem servido para combatel-os, á muito que uma voz angelica teria soltado o brado agitador chamando em seu auxilio todos os fieis que escutão suas doutrinas? Sebastião José de Carvalho,... esse ministro forte e vingativo, talvez virá um dia em que trema diante dos filhos de Loyola!

CAMILLO:—(*Com espanto*). Que! vós detestaes o Ministro d'El-Rei?

MALAGRIDA:—(*Moderando-se*). Nunca. Confesso a grandeza de seu talento; sei que é um consumado estadista.... mas como sou affeiçoado aos Jesuitas, censuro-o nesta parte.

CAMILLO:—Sede menos franco em vossas opiniões; temei que Sebastião José de Carvalho as possa conhecer!

MALAGRIDA:—Em que poderei offendel-o?. Dizei-me quaes os males de que é causa a companhia de Jesus para ser tão odiada pelo Ministro?

CAMILLO:—Eu não vo-lo posso declarar; somente tenho ouvido dizer que os Jesuitas são assáz ambiciosos!

MALAGRIDA:—(*Com riso forçado*). Ambiciosos!...

CAMILLO:—E terriveis vingativos!

MALAGRIDA:—(*Com hypocresia*). Chamão ambiciosos aos que encerrados no santo asylo de penitencia não tendo mais que uma tunica preta e um pobre leito onde descanção das vigilias devotas, abandonão os prazeres da vida em que se engolfão os que só vivem para o mundo !...

É ambicioso quem reparte com o mendigo o pão de cada dia; quem ampara o desvalido no seu derradeiro tranze procurando soccorrel-o nas suas miserias e aflicções?

Quem ensina as regras da moral a mais pura e edificante, a essa mocidade inexperta tornando-a util a si, util a Deus e a patria ? !... É nutrir ambição entrar em um bosque habitado por selvagens, pregar-lhes a religião de Jesus Christo para chamal-os ao caminho da salvação recebendo muitas vezes a morte e o martyrio, desses entes indomitos e crueis ? !

CAMILLO:—Essas verdades são incontestaveis; porém, vós apresentastes unicamente as suas virtudes; e porque não apresentaes seus crimes?

MALAGRIDA:—(*Com espanto*). Crimes !. E quaes são elles?

CAMILLO:—O trama que projectão contra a pessoa d'El-Rei !

MALAGRIDA:—(*Com força.*) É falso!

CAMILLO:—(*Da mesma forma.*) É verdadeiro ! Ignoraes que um partido agitador que apellidão—O *Club do cães do Sodré* á frente de quem estava a familia dos Tavoras tentava contra a auctoridade d'El-Rei e que muitos individuos jazem nas prisões e até os mesmos Tavoras? Ignoraes que semelhante conspiração a voz publica declara que é alentada pelos Jesuitas e com elles combinada?

MALAGRIDA:—(*Com muita serenidade*) Esses homens tão santamente votados a Deos só procurão sobre a terra o triunfo da religião santa !

Camillo:—Tenho assaz comprehendido. Vós disculpais os Jesuitas e eu penso o contrario.

Malagrida:—E que motivo a isso vos conduz ?

Camillo:—Em outra occasião vo-lo direi. Ficai, meu santo homem. Em uma outra vez virei ouvir os vossos saudaveis conselhos. (*Aparte ao retirar-se*) Este homem torna-se suspeito; vou dar parte ao Ministro da conferencia que acabei de ter com elle. *Vai-se.*

—

SCENA II.

Malagrida, *só.*

Malagrida logo que Camillo se retira sai do seu estado de hypocrisia. Apresenta-se mais animado, fazendo um exforso sobre si.

Malagrida:—Quem será este individuo! Que ideia curiosa o conduziria aqui? Nas suas palavras e no seu disfarce, discubri um não sei que de misteriozo que me disperta vehementes suspeitas! Será por acaso algum espia do Ministro que surrateiramente busque conhecer-me e sondar meus passos? A dois annos que cheguei á Lisboa, e só neste disfarce me tenho apresentado ao publico! O Rei e seu Ministro, ignorão que o Jesuita Gabriel Malagrida existe isolado neste Castello sob o disfarce de um ermitão para sondar-lhe os passos, destruir seus planos, e sepultal-os com elle! Animo!.. prosigamos. (*Vai ao fundo chega perto da porta do Castello e falla para dentro*) Padre Alexandre, Irmão Matheus, sahi; estou só; ninguem nos observa. (*Sahem os dois dis-*

farçados em seculares com trages de camponezes de Cintra).

Parti aonde estão os nossos irmãos. Cuidai em dar movimento ao plano que temos combinado.—A morte d'El-Rei D. José e aniquilação de seu Ministro! 40 mil Jesuitas tem suas vistas lançadas sobre nós! É mister prehencher as esperanças da sua espectativa!—é mister não desanimar! (*Apparece Gouveia com disfarce ouvindo as ultimas palavras de Malagrida*).

Gouveia:—Coragem, meus amigos!

Todos:—Ah! *Os dois retirão-se pela direita.*

—

SCENA III.

Malagrida e Gouveia.

Malagrida:—(*Com coragem*). Quem sois que com tanta audacia interrompeis um servo de Deos na sua penitencia?

Gouveia:—Sou um vosso amigo;—um homem que iniciado nos misterios da vossa premeditada conjuração, vem tomar parte n'ella.

Malagrida:—(*Com espanto*). Conjuração!....

Gouveia:—Silencio! Sei tudo, Padre Malagrida! Lede esta carta que vos envia o Duque de Aveiro.

Malagrida:—(*Tomando a carta.*) Mascarenhas!

Gouveia:—Eis mais este signal para me acreditardes. *Mostra-lhe o brasão da casa de Mascarenhas em pequeno formato. Um Castello a esquerda. Um Leão a direita. Por baixo do Castello uma flor de liz, e por baixo do Leão, a cruz de Santiago, tudo em campo de prata, e tudo coroado com a coróa de Duque.*)

MALAGRIDA:—(*Lendo a carta*) « A bem da nossa causa admitti ao numero dos nossos aliados o fiel Gouveia. « Pela sua fidelidade eu respondo. As razões que « elle vos manifestará obrigarão-no a tornar-se feróz « contra o nosso inimigo. » (*Representa*) Muito bem. Sois vós o mesmo Gouveia?

GOUVEIA:—Sou Cezar de Gouveia, Camarista particular de El-Rei, e seu secretario privado.

MALAGRIDA:—E que motivo vós, gentil homem de sua real Camara, tão cheio de favores e confiança, vos obriga a declarar-vos seu inimigo?

GOUVEIA:—(*Com sentimento*) Um motivo que abala todos os meus pensamentos!... Olho El-Rei com um sorriso amargo contemplando n'elle o meu maior inimigo!—o meu rival!—que a todos os momentos entorna em minha alma o veneno que me exaspera.

MALAGRIDA:—Mas como?....

GOUVEIA:—Amo Thereza de Tavora!...

MALAGRIDA:—(*Com espanto*) A Condessa!?

GOUVEIA:—Sim!—Thereza! a flor desabrochada em uma primavera louçan para dar mais vivo encanto a natureza! ella que eu amo com todas as forças do meu ser! ella, que vejo roubada por um homem que tem uma corôa, e um sceptro!... E que revestido do grande poder de magestade, distribue-lhe graças e mercez!... e tambem o seu amor! Quando me vejo junto d'essa mulher que idolatro e meus labios lhe desprendem uma palavra de amor, quando arrebatado pela paixão que me inspira lançado a seus pés procuro declarar-lhe as saudades pela sua ausencia, sinto-me traspassado de dores que me dilacerão a alma! O nome de D. José I. vem ao meu pensamento como uma memoria do inferno... diante de quem expero, e tremo, cheio de indignação! Eis aqui porque detesto El-Rei!... Eis a razão porque busco

a sua morte para possuir livremente os encantos d'essa mulher que occupa todos os meus sentidos!

MALAGRIDA:—(*Com gravidade*) Pois gozal-a-has, filho! Sim,.. gozal-a-has, eu t'o asseguro!

GOUVEIA:—(*Com transporte*) Oh! meu Deos! será possivel!

MALAGRIDA:—Tens coragem e resignação?

GOUVEIA:—Estou disposto para tudo.

MALAGRIDA:—Os segredos do gabinete do Rei... as conferencias com o seu Ministro....

GOUVEIA:—De tudo sou sabedor.

MALAGRIDA:—É mister que de tudo seja instruido com franquesa e lealdade.

GOUVEIA:—Serei firme em revelar-vo-lo.

MALAGRIDA:—E se em alguma occasião por fatalidade, forem discubertas taes revelações, tereis animo de soffrer tudo resignado—até a mesma morte se necessario for, para guardar silencio?

GOUVEIA:—(*Com coragem*) Terei.

MALAGRIDA:—Ponderai bem! Essa vossa promessa vai consolidar a confiança que eu vós vou depositar!

GOUVEIA:—(*Com muita firmeza*) A minha posição e fortuna, ... o meu futuro com Thereza,—a minha propria existencia, são os garantes d'ella.

MALAGRIDA:—Muito bem. São, o vosso futuro com Thereza e a vossa existencia os garantes da vossa palavra!

GOUVEIA:—(*Com muita resolução*) Sellarei minha promessa com o meu sangue se necessario for.

MALAGRIDA:—Basta. Vinde a meus braços. (*Abraça-o*) Ha um dia que Deos tem reservado para nossa felicidade! Este dia será aquelle em que os Portuguezes sahindo da oppressão em que os tem lançado a tyrannia e dispotismo de um Ministro cruel, exclamarem cheios de Jubilo: *Viva a liberdade de Portugal!. e morrão os seus oppressores!* Então se ergue-

rá a antiga nobreza por elle abatida e humilhada, e depois um enthusiasmo patriotico bradará:—Gloria aos nossos libertadores!

Gouveia:—É para um tal dia que me preparo tomando parte na nossa gloriosa empreza; mas, primeiro cumpre fazer-vos sabedor do que se passa no gabinete do Rei a vosso respeito.

Malagrida:—(*Com espanto*) A meu respeito!

Gouveia:—O Ministro como deveis saber, tem assalariado individuos que vageião disfarçados por toda aparte para lhe descobrirem seus inimigos. É mister tomar precauções!

Malagrida:—Nada temo.

Gouveia:—Elle medita um forte meio de conhecer-vos, e não tardará por muito tempo neste lugar.

Malagrida:—Pode vir, que á muito estou prevenido para o seo encontro. A minha condição solemne lhe imporá respeito!

Gouveia:—Com quanto lhe tenhão dito que sois um peregrino vindo da terra santa, a sua intelligencia lhe tem predicto um misterio singular ácerca dos vossos vaticinios! Revelou-me tudo quanto sentia contra vós, e as suas conjecturas julgão-vos um hipocrita,—um homem assáz perigoso disfarçado com estes trajes!

Malagrida:—(*Com riso sardonico*) Insensatos! que não conhecem meus artificios!...

Gouveia:—(*Com impressão*) Padre Malagrida! O leão não descança nas correrias para segurar nas garras a preza que procura, e quando exasperado abrir as fauces é para estrangula-la!

Malagrida:—Não vos assusteis; tenho bastante coragem para vence-lo na lucta que travarmos. Vinde; quero mostrar-vos os meios de que dispomos para o bom exito do nosso plano. Dentro daquelle Cas-

tello tem subterraneos só por mim conhecidos onde se occultão os parciaes do nosso partido para as conferencias. Lá existem alguns! Quero apresentar-vos a elles. (*Vai a partir e detem-se*) Esperai. A condessa de Tavora já alcançou de El-Rei a liberdade de seus parentes?

Gouveia:—Ella buscou occasião favoravel em que lhe podesse fallar a semelhante respeito, mas seus desejos ficarão frustrados pela chegada do ministro que aconselhou a El-Rei de nega-la.

Malagrida:—(*Com ira*) Ah! que indigno!

Gouveia:—Bem sabeis o odio que o Ministro consagra a familia dos Tavoras!

Malagrida:—(*Com força*) O Rei já prometeo perdoar-lhe!

Gouveia:—O seu Ministro oppoem-se a essa graça, e bem sabeis, que elle tem segura a seu bel prazer a vontade do soberano.

Malagrida:—(*Com furor*) Ah! O Ministro nem sempre ha de dominar o coração de um monarcha votado a seus caprichos e orgulho!... Os inimigos de Sebastião José de Carvalho de dia em dia se augmentão! Nem os degredos, nem os carceres, nem os cadafalsos, podem suspender a força do queixume que ha de um dia levantar o grito de morte contra El-Rei e seu Ministro!

Gouveia:—Pensai bem, senhor! que esse homem tem em vista o grande plano da extincção dos Jesuitas, e para realisal-o poucos passos lhe resta dar.

Malagrida:—E julga conseguil-o?

Gouveia:—Sem duvida.

Malagrida:—(*Com ira*) E o nosso poder!... Os nossos tramas! a nossa vingança?!

Gouveia:—Tudo affrontará!

Malagrida:—Bem tarde!.. eu vol-o juro!

Gouveia:—Os filhos de Jesus vaguearáõ errantes nos deser-

tos inhospitos d'Africa e Asia, sem terem um canto aonde possão repousar das fadigas?—Seguidos de odio e execração publica! —cobertos de maldições por seus inimigos, terão uma vida trabalhosa e cruel! O povo fugirá delles como de Satanaz!... e a posteridade se encherá de horror quando ouvir pronunciar o nome de um Jesuita! Privados de seus magnificos templos! de seus soberbos patrimonios!— extincto um nome que era o symbolo da christandade e sabedoria! Sua memoria perseguida e anathematisada, apenas uma leve recordação fará lembrar o quanto erão poderosos sobre a terra os Irmãos de Santo Ignacio de Loyola!

MALAGRIDA:—(*Com muito enthusiasmo*) Essa recordação nobre e santa dos filhos de Jesus, essa memoria ainda que amaldiçoada pelos seus inimigos, ha de sempre existir honrada por grandes feitos! Quando os vindouros passarem em frente d'esses soberbos templos erigidos pela fé de seus edificadores, e diante d'elles pararem, dirão—Os Jesuitas forão sempre respeitados! Eis as palavras que farão tremer esse homem, que no lance da sua politica innovadora busca destruir uma potencia tão forte que ainda nenhum poder humano se atreveo a tocar com uma só de suas acções! Animo, meu filho! Ainda hão de soar hymnos em nossos templos; em nossos altares luminosos e brilhantes, ainda os padres Jesuitas hão de entoar o canto dos Anjos em honra de Ignacio de Loyola!

GOUVEIA:—(*Observando*) Sinto ao longe tropel de cavallos!

MALAGRIDA:—(*Sobresaltado*) Acautelai-vos!

GOUVEIA:—(*Depois de observar*) Ali vem cavalleiros que se encaminhão para este lugar, e um já vem perto!

MALAGRIDA:—Entremos no Castello. (*Entrão ambos no Castello*)

SCENA IV.

O Ministro e Camillo.

O Ministro vem com disfarce acompanhado de dois criados.

MINISTRO:—(*Aos Criados*) Vão esperar-me em distancia que possão ser ouvidos quando os chamar. (*Vão-se os criados*) Aonde existe o individuo que lhe ordenei viesse sondar e conhecer?

CAMILLO:—Julgo que habita dentro d'aquelle castello. Á pouco estive aqui com elle. Quando encontrei V. Ex.ª já hia dar-lhe o resultado da commissão de que me encarregou.

MINISTRO:—E então, que poude colher?

CAMILLO:—Apresentou ideias de moral e bons costumes.

MINISTRO:—E que mais?...

CAMILLO:—Combateo os vicios do seculo, a corrupção da sociedade, a ambição desmesurada; apresentou exemplos de boas acções; combateo o egoismo, deffendendo ao mesmo tempo os Jesuitas.

MINISTRO:—(*Com surpreza*) Os Jesuitas! E que disse dos Jesuitas?

CAMILLO:—Censurou a ideia da sua destruição, e affirmou, que em balde V. Ex. procurava a sua extincção.

MINISTRO:—Muito bem. Pode affastar-se. Quero ficar só com este homem. Esteja attento ao meu chamado. (*Retira-se Camillo*)

SCENA V.

Ministro, *só.*

Durante o dialogo precedente, Malagrida aparece na porta do castello observando os dois; e quando Camillo se retira elle vai subtilmente ajoelhar-se em frente á cruz, em oração, com os braços cruzados sobre o peito.

MINISTRO:—(*Depois de um momento de meditação.*) Elle fallou dos Jesuitas! Quem sabe!... será exacto o que dictão minhas desconfianças!... Este homem mysterioso occultará nesta habitação solitaria algum crime de estado!.. Elle defendeo os Jesuitas!... Os Jesuitas, que me tem jurado um odio eterno procurando por meio de tramas destruir o meu poder ao lado d'El-Rei! (*Pausa e depois de pensar diz com resolução*) Animo!.... Entremos no castello! O meu disfarce faz-me desconhecido. Ninguem pensará por certo, que o Ministro de D. José I. venha a este lugar em busca de um homem que deseja conhecer.

Vai a seguir para o castello e encontra Malagrida na forma já indicada. Pára, comtempla-o) Ei-lo!... Ah! cada vez experimento maiores suspeitas! (*Dá dois passos para elle*) Feliz o homem que dirige ao ente supremo fervorosas preces para salvação de sua alma!

—

SCENA VI.

O Ministro e Malagrida.

MALAGRIDA:—(*Levanta-se dá alguns passos para o Ministro com um ar solemne, conservando as mãos cruzadas no*

peito) Mais feliz é aquelle que tem a consciencia pura de remorsos para pedir a Deos!

Ministro:—Meu honrado velho; a vossa presença inspira-me uma virtude santificada, e as vossas palavras tem um som consolador que se derrama no fundo da minha alma. Esta vesita vos deve ser bem estranha; não esperaveis por certo, que em tão longa distancia viesse um homem procurar de vós o seu futuro que deseja conhecer....

Malagrida:—(*Com um tom profetico*) Um homem que no silencio do seo gabinete calcula em todos os passos da sua vida politica, não lhe é mister consultar as ideias de um miseravel, que habita arredado do mundo, pedindo a Deos por sua alma! (*Com força*) Um homem como vós, senhor, não procura conhecer o seu futuro, porque julga havel-o creado pela força de um mando poderoso e arbitrario, e seria assaz louco aquelle que vos declarasse um porvir que a vossa intelligencia já tem premeditado.

Ministro:—(*Com surpreza*) Ah!... Certamente!.....

Malagrida:—Conheço-vos senhor!

Ministro:—(*Com espanto*) Conheceis-me!?

Malagrida:—O vosso disfarce encobre um brilho de magestade que transluz em todas as vossas acções, mas o som de vossas palavras revela a grandeza de um poder supremo, e toda a auctoridade de que vos achaes revestido!

Ministro:—Sois portuguez?

Malagrida:—Não, senhor, nasci na Italia.

Ministro:—A quantos annos estaes em Portugal?

Malagrida:—Apenas a um mez.

Ministro:—E d'onde viestes a um mez?

Malagrida:—Da Hespanha, logo que acabei a minha romaria a S. Tiago de Compostela.

Ministro:—Disserão-me que ereis um peregrino vindo da terra santa?

Malagrida:—Não vos enganarão, senhor. Cinco annos habitei na Palestina.

Ministro:—O povo de Lisboa acredita em extremo nos vossos milagres. Afiançio que sois inspirado por um espirito celeste. Desejava que alguma coisa me dissesseis do meu futuro.

Malagrida:—Não ouso predizer-vos a sorte que vos aguarda; esse poder só Deos encerra de quem sou apenas um humilde servo. Mas senhor, ha neste reino um homem, que levado pelos successos mundanos, collocou-se em uma altura onde nunca pensou chegar!... Este gigante estende os braços a tres milhões de individuos que o cercão, e ao menor movimento de sua desmesurada altivez elles se curvão submissos á força de sua vontade!

Ministro:—Que vos faz pensar d'essa forma?

Malagrida:—(*Com hipocrisia*) Um aviso mysterioso que revela no fundo da minha alma todos os grandes acontecimentos deste mundo. Sebastião José de Carvalho e Mello! aquelle é o castello dos Mouros assim chamado pelas tradições remotas!.. ali habita um peregrino que passa o tempo em orar a Deos por vós! Refleti, Ministro de D. José I.! refleti bem nas minhas palavras! Daqui a Lisboa distão cinco legoas, e vós tendes precisão de bem meditar antes de emprehender caminhal-as!—Tendes precisão de calcular nos riscos que podem sobrevir em vosso tranzito até lá chegardes!

Ministro:—(*Com intenção*) E que riscos são esses de que me fallaes?

Malagrida:—As victimas que gemem na indomita fereza do seu tyranno! A vingança que não perde um momento

para satisfazer seu odio! .... Ah! ponderai, senhor! que tarde, ou cedo, pode descarregar-se um golpe!

MINISTRO:—Fallaes sem duvida desses suspeitados cumplices indigitados como conspiradores? Nada temo. Tenho bastante coragem para combater inimigos.

MALAGRIDA:—(*Com coragem*) Elles são innocentes!

MINISTRO:—(*Com espanto*) Innocentes!?.. (*Pensa encarando fixamente Malagrida*) As vossas palavras envolvem um mysterio que bem dezejára conhecer,... e semelhantes vaticinios dão-me clara ideia de que estaes de posse de importantes segredos ácerca dessa revolta!

MALAGRIDA:—Quem como vós é forte em intelligencia deve prevenir as funestas consequencias que vos declarão os meus vaticinios!

MINISTRO:—(*Com gravidade*) Um homem só é forte quando triunfa das ciladas que os seus inimigos lhe preparão fazendo respeitar seu nome no mesmo instante em que buscão destruil-o!

MALAGRIDA:—(*Com coragem*) Um homem tambem é forte, quando soccorrido pelo mando supremo e arbitrario, e que apenas solta a voz a uma multidão de subditos curvados ao jugo de um governo de ferro, faz mover uma grande machina sem precisar de um outro auxilio.

MINISTRO:—(*Com suspeita olhando Malagrida com attenção*) Quem és tu que assim me fallas?

MALAGRIDA:—(*Com humilhação*) Sou um triste peccador que vive no meio destas ruinas pedindo a Deos por vós.

MINISTRO:—E que motivo te faz tomar por mim tanto interesse?

MALAGRIDA:—Os beneficios que tendes feito a Portugal!

MINISTRO:—Pareceis-me conhecedor dos mais reconditos segredos!..... Quem és? Responde?

Malagrida:—Sou um ente, que vive no mundo para pagar uma divida á sua origem, soffrendo as inconstancias da sorte! Sei rir quando alguns choràõ!.... Sei rir, porque o meu fado mysterioso assim o ordena! Setenta e dois annos de uma vida cheia de attribulações e pezares, tem-me ensinado a conhecer os homens e não o futuro como vós pensais! Se eu tivesse a fortuna de ler nos astros os destinos das criaturas, vós Ministro de D. José I. não tereis na historia da vossa patria um nome destincto!..... Um nome que immensas victimas do vosso despotismo tem amaldiçoado!

Ministro:—(*Cada vez mais suspeitoso*) Ah! As vossas palavras são de um sinistro assás horrivel! Quero explicações rápidas e verdadeiras, neste mesmo instante!...

Malagrida:—Consultai a vossa consciencia....

Ministro:—Está tranquilla.

Malagrida:—Em meu coração sinto uma voz mysteriosa dizer-me que tendes remorsos!

Ministro:—Falláz artificio! Quero saber o teu nome.

Malagrida:—Elle é tão obscuro, que nada vos aproveitará em conhecel-o

Ministro:—(*Com força*) Quero sabel-o já!

Malagrida:—Ouvi-me primeiro, senhor; prestai muita attenção ás minhas palavras. Chegasteis ao cume do poderio humano; ninguem ousa contrariar vossas ordens porque o trovão das vossas palavras faz tremer o mais audacioso de vossos inimigos! Sois Ministro d'El-Rei D. José I. !.... Dominaes a vontade do vosso soberano para satisfazerdes vossos desejos ambiciosos! Legislaes a vosso arbitrio sem receardes as censuras de um povo indignado! Tentaes distruir uma nobreza cuja existencia conta em seu abono o apoio de mais de dez seculos de gloria e de

virtudes!.... Haveis perseguido D. José Galvão de Laurda! ameaçado D. João de Bragança!... Encarcerastes o Marquez de Marialva! opprimistes, e desterrastes o eximio conde de Abidos!—Arrancastes dispoticamente os ricos homens dos paizes de alem-mar! Quereis abater e distruir, uma sociedade religiosa, e haveis feito que aos Jesuitas se fechem as portas do palacio do Rei prohibindo-lhes nelle as funções do seu santo ministerio! Quereis obrigar Ganganel, e os Reis da Europa, a ratificar vossos decretos de proscripção o exterminio; o condemnar aquillo que o vosso orgulho tem condemnado! Quereis no exercicio da vossa suprema autoridade debelar um poder que só a mão de Deos poderá destruir! Não conheceis o odio, nem amor, nem mesmo essa ambição pessoal que deprime de todos os actos da vossa vida politica:—Quereis exceder a todos quantos na vossa autoridade vos tem precedido!.... (*Pausa e reflexão*) Pensai bem, senhor! Pensai, que nessa sublimidade em que vos achaes collocado, estaes inteiramente só!—Só Ministro de Portugal!.... e essa sólidão faz o vosso tormento!

Ministro:—(*Cheio de presentimento diz a parte*) Ah! que homem tão mysteriozo!... (*Alto*) E que vos faz assim pensar?

Malagrida:—As meditações que tenho feito na vossa vida!

Ministro:—E que tem ella de extraordinaria e transcendente?

Malagrida:—Tudo quanto uma imaginação ardente pode conceber de grande e mysteriozo no mundo. Dizei, senhor, essa coragem impassivel de que vos revestís para apparecer a um povo que só ouza erguer suas vistas para vos lançar olhares de odio, e indignação,

não é um artefício que empregaes com esse mesmo povo?

MINISTRO:—Enganaes-vos. É o meu habitual constante. O povo é a meus olhos um poder que respeito, e a sua felicidade o meu maior disvello.

MALAGRIDA:—Quantas vezes no vosso palacio sempre triste como a solidão dos tumulos, procuraes afflicto vistas amigaveis para desabafar vossas paixões e os dissabores que vos combatem o coração, e não achaes se não os agentes da vossa austeridade curvados a um aspecto sinistro e ameaçador, e o som monotono dos vossos remorsos, ao mesmo tempo que o vosso semblante sempre sombrio, e feróz, faz que o povo vos tema, e diga, que tendes um peito de ferro?

MINISTRO:—(*Cada vez mais cheio de presentimentos dá um passo para Malagrida*) Homem mysterioso! em nome de Deos, declarai-me quem sois!

MALAGRIDA:—Sou um miseravel peccador que arrependido do seus passados horriveis vem procurar nesta solidão um meio de penitencia para alcançar o perdão de Deos.

MINISTRO:—Não! não te creio! Tu envolves grande mysterio, e eu quero conhecer-te.

MALAGRIDA:—Escutai, senhor, ouvi as minhas inspirações a vosso respeito...

MINISTRO:—Oh! ellas tem sido bem terriveis!

MALAGRIDA:—Entre as conjecturas do vosso governo, não poucas vezes duvidareis de vós mesmo. Nessas horas de meditação da vossa vida politica parecer-vos-ha ouvir a historia, denunciar ás gerações futuras que a vossa administração innovadora não foi mais que um erro brilhante seguido de uma permanente felicidade! E sabeis se a historia fallará com justiça quando se explicar contra vós?

MINISTRO:—É para ella o meu apello. No meio de tão ex-

traordinarios successos por que tem passado este reino, o que me cumpre fazer senão sustentar a dignidade e a honra que lhe compete, tornando brilhante o reinado do meu grande Rei!

Malagrida:—Olhai attento para esse povo que governaes! — esse povo que um dia levado de soffrimentos, conduzido por um partido que sepulte o vosso, arrancará da estatua equestre de D. José I. o vosso retrato que lá pretendeis mandar collocar para vos immortalisardes,—esse povo que vos chamará despota,—tyranno! . . . . . E ignoraes, senhor, se este proceder dos Portuguezes será uma justiça contra vós?

Ministro:—(*Arrebatado de fortes presentimentos*) Homem, ou demonio! Declarai-vos! Chegastes ao fundo da minha alma tocando nos seus mais reconditos segredos! Quero saber quem és! — já!

Malagrida:—Sou um peregrino, senhor. Procuro neste lugar ermo as minhas devoções, e penitencia, elevando a Deos as supplicas.

—

SCENA VII.

Os mesmos e Camillo.

Camillo:—(*A parte ao Ministro*) Um correio vindo do palacio de V. Ex.ª traz esta carta. (*Dá-lhe uma carta*)

Ministro:—(*Abre e lê*) « Necessito de uma conferencia. « No Porto houve um tumulto contra a companhia « do Alto-Douro originado pelos Jesuitas; é neces- « sario providenciar. No Paço d'Ajuda em Belem « vos aguardo. D. José. (*Baixo, a Camillo*) Com os meus dois criados apodere-se deste homem e conduza-o em uma sége fechada ao meu palacio a rua

das Janellas Verdes. Fica responsavel pelo comprimento desta ordem. (*Voltando-se para Malagrida*) Adeos bom homem! Breve estaremos junto. (*Vai-se*)

MALAGRIDA:—O Ceo vos guarde e livre de inimigos. (*Com humilhação*)

—

SCENA VIII.

Malagrida e Camillo.

CAMILLO:—Ha de livrar, não tenhais duvida.

MALAGRDA:—Assim o permitta Deos!

CAMILLO:—O Ministro ordenou que me acompanhasseis ao seu Palacio.

MALAGRIDA:—Para que fim?

CAMILLO:—Eu ignoro. As suas ordens são infalliveis. Acompanhai-me.

MALAGRIDA:—Estou bem tranquillo na minha pobre habitação.

CAMILLO:—Mas Sua Excellencia não vos quer por mais tempo nella.

MALAGRIDA:—Affianço-vos que não sahirei d'aqui!

CAMILLO:—Não sahireis!? E se eu á força vos obrigar?

MALAGRIDA:—(*Com espanto*) A força!?

CAMILLO:—Sim. Digo-vos que haveis de seguir-me já! e já! (*Vai para a direita, apita e sahem dous criados*) Por ordem de Sua Excellencia segurai este homem. (*os dois aproximão-se-lhe*)

MALAGRIDA:—(*Affastando-se*) Atrevidos!.. não vos aproximeis!

CAMILLO:—Cumpri as ordens do Ministro. (*Os dois segurão-o e forcejão para leval-o, e elle resiste*)

MALAGRIDA:—Não! não sahirei deste lugar! Soccorro! soccorro.

SCENA IX.

Os mesmos, Duque de Aveiro, João Manoel Gouveia, Braz José Romeiro, Manoel Antonio e mais dois individuos.

Sahem todos com disfarce de dentro do Castello tendo sobre o rosto uma mascara de panno de seda preta. O Duque sahe primeiro dizendo aos dois que levão a força Malagrida.

Duque:—Parái insensatos!.... Nem mais um passo!

Camillo:—(*E os dois assustados*) Que vejo! (*Ao Duque de Aveiro*) Quem és! que com semelhante disfarce pretendes impedir uma ordem de Sebastião José de Carvalho?

Duque:—O Ministro é um tyranno! e eu já mais consentirei em sacrificar uma nova victima ao seu furor!

Camillo:—(*Aos criados*) Cumprí as ordens de sua Excellencia!

Duque:—(*Tirando uma pistola e apontando-a aos dous dando um passo*) Nem mais um passo!

Camillo:—(*Tirando tambem uma pistola e igualmente os dois que segurão Malagrida*) Quem quer que és perdestes a partida!.... Somos trez contra um! (*Aos dois*) Levai esse velho em quanto eu seguro este desconhecido. (*Com impeto Segura o Duque pela mão que tem a pistola sem consentir que elle a mova apesar de seus exforsos para isso*) Estás em meu poder!.... em vão forcejas!

Duque:—Indigno! A mim; meus amigos!....(*Neste momento sahem de dentro os outros, cercão a scena, e Gouveia avançando aponta a pistola; e os outros fazem o mesmo*).

Gouveia:—(*Com voz forte e arrogante*) Soltai-o!.... ou morreis neste mesmo instante!

CAMILLO:—(*Estupefacto, largando o Duque, e os dois fazem o mesmo a Malagrida*) Ah!.... Miseraveis! Temei a cholera do Ministro (*Camillo, e os dois, retirão-se pela esquerda apressados, O Duque, e alguns, acompanhão-os até fora da Scena*)

MALAGRIDA:—(*Animado dando um passo para o fundo*) Meus amigos! Meus fieis alliados! É desta forma que havemos de confundir o nosso commum inimigo!

DUQUE:—(*Tirando a mascara*) E sou eu, Duque de Aveiro, com os meus amigos que vim em vosso soccorro.

GOUVEIA:—(*Tirando tambem a mascara*) E tambem Cesar de Gouveia, o secretario privado de El-Rey!...

MALAGRIDA:—(*Correndo a abraçar Gouveia*) O homem que o Céo nos envia para nosso libertador!

(*Os outros tem tirado suas mascaras e fazem com os mais actores o Tableau.*)

Fim do primeiro Quadro.

SEGUNDO QUADRO.

O TERREMOTO NO ANNO DE 1755.

O Theatro representa uma salla em o castello de S. Jorge. No fundo duas janellas altas com grades de ferro vendo-se ao longe parte da Cidade. A esquerda uma porta de grade, e da direita um grande armario embutido na parede. Mais em baixo uma grade que communica com um corredor. Do tecto pende um lampeão de ferro com uma luz.

—

SCENA X.

É meia noite. O Ministro vem com disfarce embrulhado em uma Capa, com chapéo de abas largas. Camillo da mesma forma disfarçado acompanha-o. Ao levantar o panno, o carcereiro abre a porta da esquerda trazendo na mão um lampeão com luz. Dá entrada ao Ministro e Camillo. A scena está semi-escura, e é unicamente alumiada pelo lampeão do tecto.

Ministro, Camillo, Carcereiro.

CARCEREIRO:—(*Depois de abrir a porta*) V. Ex. tenha a bondade de esperar em quanto vou chamal-a na sua prizão.

MINISTRO:—Recomendo-lhe o maior segredo nesta minha intervista.

CARCEREIRO:—Fique V. Ex. descançado que sou exacto cum-

pridor de ordens. (*O Carcereiro vai abrir a prizão da direita entrando nella*)

Ministro:—(*O Ministro dirije-se a Camillo*) Então, não se poude ainda discubrir quem erão os individuos que estavão com esse velho ermitão no castello?

Camillo:—Ainda não, senhor; todos os exforços tem sido infructiferos.

Ministro:—E elle?

Camillo:—Desappareceo. Procuramos o castello com todo o interesse e não foi possivel descubril-o!

Ministro:—Esse homem tão mysterioso escapar-me! .. Os seus vaticinios, ás suas predicções, fazem-me pensar bem diversamente!.... Esta noite quem são os meus vigias?

Camillo:—Miguel Pereira, João Rosendo, e Vasco Pinto, que rondão disfarçados nas immediações do palacio do Duque de Aveiro; e Matheus de Britto que está observando a casa do Secretario Diogo de Mendonça Corte Real!

Ministro:—E Marcos Salgado?

Camillo:—Observa os Jesuitas do Collegio de S. Roque.

Ministro:—Antonio Palhares?

Camillo:—Está occultamente observando os movimentos no palacio do Marquez de Tavora.

Ministro:—As seis horas da manhã Miguel Pereira e Rosendo, no meu palacio da rua das Janellas Verdes para receberem novas instrucções. Ao meio dia Vasco Pinto e Matheus de Britto, que me esperem no jardim do meu palacio da rua Formosa. Amanhã a meia noite, Marcos Salgado, e Antonio Palhares, com o seu costumado disfarce, espero-os na porta do convento de Santo Antão. Previno-o, de continuar nas indagações respeito a Seabra e Corte Real.
Pode retirar-se. *Camillo abaixa a cabeça e sae.*

SCENA XI.

Ministro *só*

Senta-se a esquerda, em uma poltrona junto a uma mesa. Medita por um momento, e depois levanta-se com resolução.

MINISTRO:—Sempre cercado de inimigos!... mas sempre triumphante!... Leonor depois de passados vinte annos vem produzir sentimentos de ternura para mover-me a fallar a El-Rei em seu favor.... Que importa?... Que impressão fará na minha alma um amor que já extincto pelo correr de tanto tempo tem de todo esfriado em meu coração!... Quero vel-a! quero fallar-lhe. Á muito que não trocamos um sentimento expressivo da nossa paixão.... (*Repara em Leonor que sahe da porta da prisão conduzida pelo carcereiro*) Ella ahi vem!.... Animo! (*O Ministro levanta-se tirando a capa e o chapéo que põe sobre uma meza*)

—

SCENA XII.

Ministro, Leonor, Carcereiro.

Leonor traja um vestido escuro: traz os cabellos soltos. Seu andar é lento. Ao reconhecer o Ministro faz um gesto de surpreza. O Ministro faz signal ao carcereiro que se retire ficando só com Leonor, que se conserva com os olhos baixos.

MINISTRO:—(*Com voz animada e respeitosa*) Marqueza de Tavora!...

Leonor: — (*Com sobresalto*) Ah! (*Cobre o rosto com o lenço*).

Ministro:—Eis-me para a entervista que solicitou. Que pretende a Snra. Marqueza?

Leonor:— (*Dando dois passos para o Ministro*) Senhor, eis a infeliz Leonor de Tavora, hoje oppressa pela vingança do Ministro de Portugal!

Ministro:—Senhora, estão terminadas as nossas contendas; á muito que lancei um véo espesso em todos esses passados acontecimentos. Desde o ultimo sarau que deo El-Rei onde então nos encontramos, que não continuamos a trocar um olhar significativo que nos fizesse lembrar por mais um instante de nossas remotas venturas.

Leonor:—(*Com pezar*) Ah!... eu o sei, senhor! e d'isso recordo-me com extremo pezar!

Ministro:—Depois de tão longa separação haviamos convencionado que jámais recordariamos passadas epochas;—que viviriamos sempre como estranhos! Como inimigos, se necessario fosse!...

Leonor:—E não foi essa uma proposta astuciosa da vossa parte, senhor?... Não foi o orgulho da vossa posição que vos fez esquecer aquillo mesmo de que sempre vos devereis lembrar?

Ministro:—Senhora!.... a estranha expressão de vosso olhar!..... Ah! eu deviso o odio que vos arrebata a loucas empresas! Não me falleis mais nesses passados acontecimentos em que a simpathia, e o amor, nos prenderão em uma terna correspondencia!— Esses tempos já vão longe!..... As occorrencias d'agora são assaz importantes para que eu ponha de parte esse amor de criança que havia empregado comvosco!

Leonor:—(*Dando um ai abafado*) Ah!....

Ministro:—Mas é verdade, Leonor de Tavora! que são a in-

da essas occorrencias que agora actuão em minha alma para escutar as vossas suplicas!

LEONOR:—(*Reanimada*) Sebastião José de Carvalho!.... As occorrencias que tem gerado a vossa austeridade; os suspeitados factos criminosos que lançárão a familia dos Tavoras em horriveis calabouços para saciar uma vingança;—essas occorrencias que hão de um dia terminar-se com a morte de um de nós, tem causado o tormento de minha vida! V. Ex.ª digna-se aceitar as condições exaradas na minha carta?

MINISTRO:—(*Com orgulho*) Condições!..... Esquece a Snr.ª de Tavora que o Ministro de D. José I. não recebe condições em semelhantes circunstancias?

LEONOR:—Quem sabe!... talvez ainda um dia venha a recebel-as!

MINISTRO:—(*Com força*) Nunca!

LEONOR:—Pois bem; não discutamos sobre palavras que pertencem ao futuro. Se procurei de V. Ex. esta intrevista; se emprego a influencia que alguns factos remotos me dão sobre o Snr. Ministro, não é porque os meus receios pessoaes me levem a temer por minha propria vida;—é por meus filhos que jazem em um segredo, arrojados pelo mais cruel dispotismo!—É para salval-os que supplico uma graça d'El-Rei para a familia dos Tavoras! (*Quer ajoelhar*)

MINISTRO:—(*Com emoção tomando-a nos braços*) Senhora!..

LEONOR:—(*Depois de enxugar as lagrimas*) Uma van suspeita arrojou-nos a esta prisão como indigitados de conspiradores contra a pessoa d'El-Rei! Pela vingança que se projecta, daqui ao cadafalso dista apenas um curto espaço. O tribunal que tem de julgar o facto, talvez nos absolva por falta de provas; mas, se injustamente uma sentença de morte for contra nós proferida, os remorsos encommodarão a consciencia dos nossos juizes!

Ministro:—Pensaes errado, senhora. O coração do Juiz está sempre tranquillo quando preenche o santo dever de castigar o crime.

Leonor:—Não quero entrar no amago de acontecimentos que nos poem a par de graves suspeitas. Quero propor-vos condições de paz e tranquilidade para a minha familia!

Ministro:—Pode fallar Marqueza.

Leonor:—Tirai-nos desta horrivel prizão! Imploro essa graça.

Ministro:—E porque preço pretende a senhora Marqueza, a sua liberdade, e a de seus parentes?

Leonor:—Retirando-nos para as nossas herdades de Gôa.

Ministro:—E quem sabe se depois!...

Leonor:—Ahi viviremos em paz sem que nos inquietem prescrutadoras vistas;—saberemos conservar na obscuridade o nome, e a descendencia de uma nobre familia de Portugal!

Ministro:—Em balde procura resignar-se a semelhante sorte.

Leonor:—O nosso descanço, e a nossa liberdade, a tudo me obriga.

Ministro:—Senhora, conheço assaz o seu orgulho para duvidar da firmeza da sua promessa.

Leonor:—Juro-lhe por Deus, que não faltarei a ella!

Ministro:—E quem sabe, senhora?....

Leonor:—Quer que lhe relate o quanto podemos viver felizes n'esse paiz aonde por tanto tempo governarão meus avos? Ali embalou-se a minha infancia. Quando voltei a Lisboa, ainda no reinado do Snr. D. João V., estaveis encarregado de uma importante missão na corte de Londres. Frequentastes depois a casa de meu pai na mesma éra em que eu começava a sentir essas suaves impressões d'alma que dão ao cora-

ção prazeres que se sentem; mas, que verdadeiramente se não conhecem logo!....

Ministro:—(*Com emoção fasendo um gesto*) Ah!....

Leonor:—(*Com muita ternura*) Éreis então sómente Sebastião José de Carvalho e Mello, cheio de graça e belleza! Os vossos sorrisos prenderão um coração virgem, que ainda não conhecia amor!.... Ah! foi esse o meu viver de felicidade e gloria!.....

Ministro:—(*Cheio de emoção e perturbado*) Basta D. Leonor; não recordemos agora esse passado.

Leonor:—(*Da mesma forma*) Ah! consinta que neste momento lembranças tão ternas sirvão de alivio a dor que experimento! Havieis deixado as armas dedicando-vos todo á diplomacia. Habitaveis em uma morada explendida situada na rua da Junqueira! Ao lado do vosso Palacio estava a habitação de uma nobre familia de Portugal...

Ministro:—Como é exacta a vossa memoria!

Leonor:—(*Dando um suspiro*) Ah! E como poderei esquecer uma epocha de tanta dor e opprobrio para mim!.

Ministro:—(*Inquieto*) Basta, senhora; não continueis....

Leonor:—N'essa casa de que a pouco vos fallei,—haveis lembrar-vos,—habitava uma respeitavel familia; n'essa familia havia uma donzella de 16 annos que era o seu prazer e o seu orgulho!.....

Ministro:—(*Cheio de emoção*) Leonor, por quem é!....

Leonor:—Ah! Como essa donzella era a vossos olhos tão bella! tão amavel!! Como seu coração puro e innocente, foi facil em acreditar nas palavras de um seductor! (*Gesto do Ministro*) Nessa brilhante estação da minha vida comecei a sentir essa felicidade d'alma que nos faz subir o rubor ás faces; esse sentimento que tem origem no coração e que os labios explicão!—amor!—de que vós tão indignamente abusastes!

Ministro:—(*Arrebatado de presentimento*) Ah! Por quem é, Leonor!

Leonor:—(*Cheia de sentimento*) Um homem que ella viu pela primeira vez lançar-lhe um olhar terno, e penetrante, prendeu todas as suas ideias e as inclinações de sua alma!.....

Ministro:—(*Com resolução*) Basta, senhora! não hei mister de semelhantes recordações.....

Leonor:—Ellas são indispensaveis para levar á vossa alma um sentimento de compaixão em favor de minha familia!

Ministro:—É inutil! O passado, e o presente, differem muito. Então eu não era responsavel perante Deus, e o mundo, da sorte de Portugal!

Leonor:—Mas elle, já vos chamava para o lugar que hoje occupaes. Consagrei algum tempo ao goso de doces affeições, e em pouco espaço, amor venceu amor, e vós triumphastes de uma fraca mulher!

Ministro:—(*Penetrado de grande sentimento*) Senhora, pesso-vos de não continuar!.....

Leonor:—(*Cheia de um sentimento doloroso*) Ah! e quantas vezes depois estivestes ao lado dessa infeliz mulher contemplando com sorrisos os preciosos momentos do vosso triumpho?

Ministro:—(*Com authoridade*) Cessai de continuar! Agora falla uma suspeitada criminosa com o Ministro de D. José I.

Leonor:—(*Com solemnidade recuando um passo*) Entendo-vos, Senhor!.... Ha distancias que se medem pela justiça, e outras pela vingança!...(*Com solemnidade*)... Ministro d'El-Rei D. José I, vós sabeis o principio d'essa vergonhosa historia...mas ainda ignoraes o fim!—o fim, que é o mais interessante para vós.

Ministro:—(*Com espanto*) Interessante para mim! Ah! declarai-o. Não quero existir por mais tempo na in-

certeza, que começa a produzir em mim uma doce emoção!

LEONOR:—Bem caro me custou a declaral-o!—e mais caro me custará agora o ter de vol-o dizer.

MINISTRO:—E que contem de singular?

LEONOR:—A minha vergonha!... e a vossa indigna acção!

MINISTRO:—(*Com emoção*) Leonor!.....

LEONOR:—No momento mais inesperado determinou-vos uma ordem d'El-Rei o senhor D. João V. para seu enviado extraordinario junto ao Rei da Grã-Bretanha. Foi mister separarmo-nos!..... Quantas lagrimas derramei no momento em que vos despedistes de mim! Abraçastes-me cheio de ternura! Prometestes de voltar breve! Jurastes, perante Deos de reparar com uma acção de honra a falta que havieis commettido! e foi essa promessa solemne!—foi o vosso juramento que acalmou a cruel agitação em que fluctuava minha alma!.....

MINISTRO:—As cartas que vos escrevi manifestavão as minhas boas intenções, porém a vossa familia!...

LEONOR:—(*Com coragem*) Faltastes a tudo quanto me haveis promettido!.....

MINISTRO:—(*Com um gesto*) Leonor!....

LEONOR:—(*Com exprobração*) Celebrastes vosso consorcio com D. Thereza de Noronha e Britto! calcastes todas as promessas!—todos os juramentos que me haveis feito!.... e eu, desgraçada por vossa causa,—abandonada a vergonha e ao desprezo, só cuidava em esconder a minha infamia! (*Limpa as lagrimas*).

MINISTRO:—Basta senhora! Nada mais quero ouvir.

LEONOR:—Sabei pois, Sebastião José de Carvalho, que dei a luz e fui mãi.

MINISTRO:—(*Com espanto perturbado*) Fostes mãi!..... (*Arrebatado por um doce presentimento*) Leonor!

D. Leonor de Tavora! é verdade!? Ah! por Deos! não me enganeis!.....

Leonor:—(*Suffocada em pranto*) Ah! vergonha!....

Ministro:—(*Arrebatado pela emoção*) Fallai como se fallasseis a Deos!.. A verdade!—sómente a verdade!.

Leonor:—Ah! quantos soffrimentos! (*No maior pranto*)

Ministro:—Ah! uma falsidade seria matar-me!....

Leonor:—(*Na maior afflicção*) Vinte annos de dor!....

Ministro:—(*Com muito transporte*) Vinte annos!... Leonor!... Leonor!....

Leonor:—(*Com um grande desabafo*) Sebastião José de Carvalho!... São passados vinte annos!...

Ministro:—E então?!

Leonor:—Vinte annos!..... é essa a idade da condessa de Tavora!

Ministro:—(*Com um grande transporte*) Thereza de Tavora!...

Leonor:—(*Com resolução*) É vossa filha!...

Ministro:—(*Com explosão*) Minha filha!...

Leonor:—(*Da mesma forma*) Perante Deos o juro!

Ministro:—É possivel! A filha do Marquez de Tavora é minha filha! (*Com ar de alegria*) Oh!... oh!...

Leonor:—Perante o mundo, ella é filha do Marquez de Tavora!—Perante mim e Deos!.. ella é filha de Sebastião José Carvalho.

Ministro:—(*Arrebatado de alegria*) Thereza minha filha!.. A linda e encantadora Thereza!....

Leonor:—O fructo do nosso criminoso amor!

Ministro:—Que suaves emoções me tem causado a sua presença! Quantas vezes tenho sentido por ella uma ternura instinctiva!....

Leonor:—Foi por vossa causa, que abandonou seus parentes para dedicar-se ao seu inimigo commum!... e vós não contente com este infame triumpho, mandastes prender sua mãi!—Sua mãi, que tão indig-

namente atraiçoastes!..... (*Cai no maior pranto suffocada de soluços!.*)

Ministro:—(*Perturbado*) Ah! não! — Nunca! Seria bem cruel! eu vos prometto!....

Leonor:—(*Ainda com muito pranto*) Permitti que esta infeliz familia se retire para essa grande parte do mundo. Separados pelo oceano esqueçamos para sempre esses factos da nossa passada vida!..... Ah! é em nome de vossa filha que vos peço!...

Ministro:—Não invocastes em vão esse nome, senhora! Presto-me em vosso auxilio; porém com uma clausula.

Leonor:—Dizei,.... estou prompta...

Ministro:—Dentro em quarenta e oito horas haveis sahir a barra de Lisboa partindo para a Asia!...

Leonor:—(*Quasi como em delirio*) Sim!

Ministro:—Acompanhada de todos os vossos cumplices...

Leonor:—(*Com um grito de horror*) Desterrados!...

Ministro:—Para a India!...

Leonor:—(*Depois de uma pequena pausa e com placidez*) Partiremos.

Ministro:—Em quarenta e oito horas! (*Vai tomar o capote e o chapéo*)

Leonor:—(*Encarando o Ministro depois de um momento de pausa*) Em quarenta e oito horas! (*Vai-se o Ministro*)

—

SCENA XIII.

***Leonor**, só.*

Leonor:—(*Momento de pausa como meditando*) Em quarenta e oito horas!... e depois darei o ultimo

adeos a minha patria! (*Limpa as lagrimas*) Oh! não verei mais o Tejo correr brando e pacifico, saudar em sua passagem esses palacios onde repousão os descendentes de Vasco da Gama, e os netos de Pedralves Cabral!—Esses castellos, baluartes invenciveis que tantas vezes derrotarão as hostes mauritanas, desafiadas pelo valor dos Portuguezes! —Esses monumentos religiosos, padrões de gloria que além do ganges levarão a bandeira de Affonso Henriques, e a heroica fama de grandiosos feitos!.. Oh!... tudo vai esconder-se para sempre a meus olhos!... (*Chora. Ajoelha depois de um momento erguendo os olhos e as mãos ao céo supplicante*) Meu Deus! Não me desampareis! Livrai-me de todos os perigos n'esta tão triste e custosa viagem!

—

SCENA XIV.

Malagrida e Leonor.

Malagrida vestido de Jesuita com os cabellos e barbas crescidas. Leonor está supplicando. Abre-se uma porta do armario e elle entra na scena com cautella caminhando para Leonor com os braços cruzados sobre o peito.

MALAGRIDA:—(*Com voz forte no fundo da scena*) Que fazeis Leonor!

LEONOR:—(*Com espanto levanta-se e recúa com sorpreza*) Ah! vos aqui!

MALAGRIDA:—Para vos soccorrer.

LEONOR:—Como entrastes?

MALAGRIDA:—Como entrei!... Foi o ouro que me franqueou

as portas; o ouro! essa grande machina que tudo move!

LEONOR:—A muito vos arriscaes Padre Malagrida!

MALAGRIDA:—Todos estes sacrificios são em vosso favor, e vós pareceis despresal-os!

LEONOR:—Eu!?....

MALAGRIDA:—Desprezaes os conselhos do vosso confessor que vos prepara alma para uma eterna felicidade! Que pedieis a Deos na vossa humilhação?

LEONOR:—A minha salvação! A paz de meus derradeiros dias!

MALAGRIDA:—Não procureis illudir-me! Negareis acaso, que lhe pedieis abençoasse a vossa partida para Gôa?

LEONOR:—E quem vo-lo disse Padre!

MALAGRIDA:—Os meos presentimentos! Imaginai quem seria capaz de m'o—revelar! Estaes encerrada n'uma prisão, que para chegar a ella é mister abrir muitas portas e atravessar compridos corredores. Estaes no Castello de S. Jorge cercada de sentinellas, e apezar de tanta segurança acho-me junto a voz ouvindo os planos de uma estranha resolução á poucos momentos concertada com o Ministro d'El-Rei, para em 48 horas deixardes Portugal partindo para Gôa!

LEONOR:—Quem vo-lo disse Padre? Que santo aviso foi esse?.....

MALAGRIDA:—(*Com grande força*) Um aviso mysterioso que lançou em minha alma a vossa inesperada resolução!

LEONOR:—E que me resta fazer para salvar-me, e salvar tambem minha familia?

MALAGRIDA:—(*Com furor*) Vingar-vos!....

LEONOR:—(*Com espanto*) A inda vingança!?...

MALAGRIDA:—(*Com ira*) Já abandonastes o importante designio contra o vosso inimigo?

Leonor:—(*Com horror*) Esse fatal designio!... Oh meu Deus!

Malagrida:—Elle é innevitavel! (*Com coragem*)

Leonor:—(*Da mesma forma*) Oh! meu Deus! Para que mais planos de revolta!—Para que arriscar nossas vidas em um lance tão terrivel!

Malagrida:—(*Com furor reconcentrado*) Fraca mulher! Como vos tornastes timida n'essa pouca ausencia das minhas exhortações, e dos meus conselhos! O primeiro sobresalto que experimentastes no começo de uma grande empreza, abateu-vos o animo, abandonando o desejo de vingar-vos! Pensaes na conservação da vossa vida, na vida de vosso marido e de todos os vossos parentes, e esqueceis que são elles, e tambem o vosso nome,—o titulo dos Tavoras!—que Sebastião José de Carvalho deseja destruir!

Leonor:—Ah!... Padre!....

Malagrida:—(*Com o mesmo enthusiasmo*) As vossas herdades do Alentejo!—O vosso palacio de Belem aonde existem as armas, e os brasões a oito seculos respeitados! serão cobertos de deshonra, e de opprobrio!

Leonor:—Ah! Nunca!—nunca!.... (*Com animo*)

Malagrida:—Pensai no horror que vos inspira o vosso maior inimigo, e meditai,—que o seu sangue é o preço da vossa vingança!....

Leonor:—Padre! como comprar a minha liberdade e a da minha familia?

Malagrida:—Proseguindo na consummação do nosso plano!

Leonor:—E esta prisão onde nos lançarão?—Os Juizes que preparão uma sentença contra nós!—O odio d'El-Rei!

Malagrida:—Leonor! Desprezaes a realisação de um pro-

jecto lançado por Deos em nossos corações, entregando-vos a esperanças vãs?....

LEONOR:—(*Com timidez*) Esta resolução será contraria ao serviço de Deos?...

MALAGRIDA:—(*Com um tom prophetico*) A sua ira cahirá sobre vós, Senhora!

LEONOR:—(*Aterrada*) Oh! meu Deos!...

MALAGRIDA:—(*Com furor reconcentrado*) Que mais vos falta soffrer, Marqueza de Tavora, desse tyranno que vos persegue? Para chamar sobre elle a vossa vingança, e todos os riscos da vossa vida, é mister uma resolução prompta e decisiva! Lembrai-vos, Senhora, que o seu nome tem-vos seguido a toda a parte como um espirito do inferno!—Sebastião José de Carvalho e Mello!—esse homem que manchou vossa vida pura e innocente!—Esse homem que arrastou vossa familia a esta prisão!—Esse homem que lhe tirou o governo de Gôa aonde por tantos annos os seus Vice-Reis forão os vossos maiores!..... Ah! D. Leonor de Tavora!... quereis que elle seja lançado em um tumulo, e que o seu Rei morra no mesmo instante?...

LEONOR:—(*Aterrada*) Gabriel Malagrida! Ainda mais conjurações!—Ainda mais horror, e mortes!.....

MALAGRIDA:—(*Com furor*) Ainda vingança, e todo o horror de uma conjuração!

LEONOR:—(*Da mesma forma*) Ah!.... eu tremo!

MALAGRIDA:—(*Com coragem*) Leonor! sangue primeiro!...

LEONOR:—(*Da mesma forma*) Oh! meu Deos!....

MALAGRIDA:—(*N'um auge de furor*) Sangue!.... e depois uma epocha feliz para vós, e para todos os Portuguezes oppressos, e perseguidos por esse tyranno!—Uma epocha em que nobreza hereditaria sahirá da escravidão em que está submersa pelo dispotismo de um cruel Ministro!

LEONOR:—E se na realisação do nosso plano sobrevier alguma fatalidade!

MALAGRIDA:—Esperaremos com resignação a morte e o martyrio.

LEONOR:—(*Horrorisada*) Ah! que subito terror se apodera do meu espirito!

MALAGRIDA:—(*Com coragem*) Resolvei! Continuaes no plano que havemos conbinado, ou quereis partir para o degredo, sacrificando a vossa nobreza, e o vosso nome!....

LEONOR:—(*Muito perturbada*) Padre Malagrida!.....

MALAGRIDA:—Deos talvez se sirva de nós como instrumento de sua lyra para punir o criminozo!

LEONOR:—(*Depois de um momento de hesitação diz resoluta*) Acceito! Venha embora a morte, e o martyrio do cadafalço!

MALAGRIDA:—Ainda uma humilhação!

LEONOR:—Estou prompta a obedecer-vos em tudo.

MALAGRIDA:—Prostrai-vos, e imprimí no coração uma dor violenta das faltas que tendes commettido!

LEONOR:—Ah! Deos sabe!....

MALAGRIDA:—(*Com coragem*) Fortalecei vossa alma de uma resolução invencivel para continuar na santa empreza do livramento universal!

LEONOR:—(*Com resolução*) Padre! Tenho apenas 48 horas!

MALAGRIDA:—(*Da mesma forma*) Uma só basta!—para libertar Portugal do jugo que o opprime! (*Ouve-se em um relogio de Torre dar quatro horas*) Quatro horas! Leonor, hoje é o primeiro de Novembro, e ao amanhecer o dia 3, El-Rei D. José não será mais que um cadaver!

LEONOR:—(*Muita afflicta*) Mas o meo juramento Padre!... O meu juramento!...

SCENA XV.

Os mesmos, Marquez de Tavora, Luiz Bernardo de Tavora, José Maria de Tavora, Conde de Atouguia.

MARQUEZ:— (*Correndo a Leonor sahindo pela porta da direita precedido de todos os outros*) Marqueza de Tavora! abraçai vosso esposo já livre e perdoado!

LEONOR:—(*Correndo a abraçal-o*) Graças, oh! bom Deos!..

MALAGRIDA:— (*Mudando de aspecto conserva um caracter austero*) Nobres Tavoras! A vossa felicidade não é mais que uma escravidão perpetua trocada em apparente liberdade! Banidos de Portugal, arrancados de uma côrte aonde pela vossa alta nobreza sois o ornamento,—humilhados e abatidos, ides para sempre desterrados habitar em longiqua distancia, abandonando um povo cujos destinos dependem de vós! Pensai, nobres Tavoras, se é melhor viver no exilio soffrendo as saudades da vossa patria, e dos vossos amigos, ou tentar nova empreza para aniquilar o inimigo da vossa prole!? (*Para os dois*) E vós, jovens espirituosos, raça destincta de uma nobre familia, pensai se a condição vil a que vos arrastra esse soberbo Ministro é preferivel a uma gota de sangue tirada de seu coração!

MARQUEZ:—Coragem, meus filhos!..... (*Com resolução*)

JOSÉ MARIA:—A familia dos Tavoras não recúa diante de qualquer perigo para vingar a sua honra.

LUIZ BERNARDO:—As nossas espadas estarão sempre em punho contra o nosso perseguidor.

CONDE D'ATOUGUIA:—Deos protege a nossa cauza!

MALAGRIDA:—Meus filhos! Eu discubro em vossos semblantes uma solemne resignação a todos os soffrimentos!

(*Tira o crucifixo de latão que tem preso na tunica e*

levantando-o na mão esquerda diz) Jurai por este Senhor que vos apresento, que não arredareis um só passo da santa e nobre resolução a que haveis consagrado todos os vossos esforços! Amanhã findará o vosso cruel padecimento!—Será o ultimo dia da vossa existencia, ou o primeiro da vossa gloria!

LEONOR:—Jurai de executar este grande sacrificio!

(*Todos fazem um semicirculo ficando Malagrida no centro com o crucifixo levantado no ar. Estendem a mão direita a elle dizendo*)

TODOS:—Morte ao nosso commum inimigo!...

Ouve-se um grande trovão subterraneo e apoz elle um motim de alaridos e gritos ao longe, e dentro da Scena. As paredes do fundo desabão e vesse em distancia edificios incendiados e grande numero em ruinas cahidos pelo terremoto. Todos os da Scena cahem de joelhos aterrados dizendo—Misericordia! (*Malagrida conserva-se em pé cheio de coragem*)

MALAGRIDA:—Vede o' filhos do senhor! A vontade de Deos se manifesta nos estragos que a sua mão Divina espalha aos olhos dos máos catholicos!—A terra sahida de seus eixos move-se debaixo de nossos pés!... Attendei, que é Deos que nos ordena de effectuar a liberdade de uma grande nação.

(*A vista do fundo mostra um dos oiteiros em frente do Castello de S. Jorge para o lado de S. Pedro de Alcantara!*)

Fim do 1.º Acto e Segundo Quadro.

ACTO II.

QUADRO TERCEIRO.

O PALACIO D'AJUDA.

Uma salla no Palacio d'Ajuda em Belém. Portas lateraes, com reposteiros, tendo no centro bordadas as armas portuguezas. No lado esquerdo da scena uma meza coberta com um panno de damasco encarnado com franjas de ouro. A um lado da meza uma rica poltrona almofadada guarnecida com franjas tambem de ouro. Preparos para escrever.

—

SCENA I.

Gouveia, *e depois* ***Thereza.***

Gouveia vestido elegantemente de Camarista. Ao levantar o panno está escrevendo uma carta que tem quasi acabado, e dobra guardando-a. Vai observar no reposteiro e volta para a scena.

GOUVEIA:—Ninguem se aproxima. Vejamos o que contém esta carta. (*Tira da algibeira uma carta e lê*) « Vinde fallar-me no lugar que vos hei indicado. A meia noite espero-vos na Igreja da Boa Hora entre as ruinas da Capella mór.—O Solitario. (*Guarda o Bilhete*) Que tentará Malagrida? Que pretenderá fazer em tão curto espaço? Que plano poderá conceber

que tenha bom resultado! Nas suas pesquizas não descobre a prisão fluctuante que tem de conduzir os conjurados para Gôa?

THEREZA:—(*Muito agitada*) Ah! Snr. Gouveia?

GOUVEIA:—(*Com ar alegre.*) Nobre Condessa! Tão cedo no Paço!

THEREZA:—Desejava fallar a El-Rei....

GOUVEIA:—El-Rei!....

THEREZA:—O Snr. Camarista sabe informar-me se algum encommodo de saude priva S. Magestade de dar-me uma curta audiencia.

GOUVEIA:—Sua Magestade está em conferencias com o seo Ministro....

THEREZA:—Ah! Mas ainda assim....

GOUVEIA:—Julgo que não pode attender por agora a Snr.ª Condessa...

THEREZA:—(*Muito afflicta*) Valha-me Deos!

GOUVEIA:—Que tem a senhora? Está tão afflicta!

THEREZA:—Quer que esteja tranquilla quando apenas me restão algumas horas para ver, e abraçar minha mãi, e meus irmãos?

GOUVEIA:—(*A Thereza que está muito chorosa*) Animo, senhora!

THEREZA:—(*No maior pranto*) Minha mãi! que vai para sempre deixar-me!

GOUVEIA:—(*Com um presentimento*) Deixa-la! Quem sabe!

THEREZA:—Ignora o Snr. Camarista, que é hoje o dia do seo embarque?

GOUVEIA:—Certamente..... mas.....

THEREZA:—Que me resta então senão lamenta-los e chorar a sua auzencia!

GOUVEIA:—Animo, Senhora! talvez alguma ordem em contrario....

THEREZA:—(*Animada*) Que Senhor? Sabe se El-Rei?...

Gouveia:—(*Cauteloso*) Silencio, nobre Condessa, É myster que as minhas palavras não façao echo neste lugar.

Thereza:—(*Mais animada*) Senhor Camarista, por quem é, peço-lhe que lance em meu coraçao, uma se quer esperança; não receie communicar-me esse segredo de estado.

Gouveia:—Os segredos de estado me são occultos...

Thereza:—Ah! Senhor... mas...

Gouveia:—Apezar de S. Magestade depositar em mim plena confiança, eu não posso penetrar os seus mais intimos designios.

Thereza:—Semelhante reserva á Condessa de Tavora, causa-me suspeita!

Gouveia:—Ao contrario!

Thereza:—El-Rei tem-lhe confiado quasi todos os seus designios.

Gouveia:—S. Magestade honra-me com a sua confiança.

Thereza:—Porque está bem certo de que é digno d'ella.

Gouveia:—Obrigado, Senhora.

Thereza:—Essa boa confiança elle tem sabido apreciar.

Gouveia:—(*Com um sorriso malicioso*) Perdão... mas...

Thereza:—Escolhendo-o para seu confidente, communicando-lhe todas as suas paixões amorosas.

Gouveia:—(*Com sisudez*) Senhora!... uma tal linguagem!..

Thereza:—Desculpe a franqueza. O Camarista do rei recusará declarar a Condessa de Tavora um pensamento de seu augusto amo respeito a sorte de seus parentes?

Gouveia:—Semelhante declaração ser-me-hia bem cruel!

Thereza:—(*Com esforço*) Ah! Em nome do Céo tire-me desta incerteza.....

Gouveia:—Como poderei fazel-o sem comprometter-me!?

Thereza:—Juro-lhe um silencio eterno!.....

Gouveia:—Senhora, os segredos do gabinete do rei não respirão! e meu augusto amo seria inflexivel contra quem ouzasse revela!-os!

THEREZA:—(*Com queixume*) Ah! É com esse disfarce que o nobre Camarista protege a causa dos conjurados!..

GOUVEIA:—(*Perturbado*) Senhora!

THEREZA:—Entranhando-se n'ella como o mais audacioso conspirador!

GOUVEIA:—(*Muito perturbado*) Ah! por tudo quanto ha de mais sagrado..... juro-lhe...

THEREZA:—Para não duvidar do quanto hei dito, recorde-se, que sou Leonor de Tavora, e que me não podem ser muito desconhecidos os nomes dos conjurados!

GOUVEIA:—Senhora, é myster que guarde em minha alma uma palavra que ainda não posso proferir! — Foi o amor que me obrigou a dar este passo,—talvez o mais errado de toda minha vida! Se a Snr.ª Condessa soubesse avaliar o quanto a sua presença me arrebata!....Ah! Perdão! — Perdão! Eu não posso occultar por mais tempo esta paixão que me denuncia!.... Nobre Condessa, o meu expressar de ternura,—os meus gestos,—as minhas acções enfim, tem-lhe dito que a amo!

THEREZA:—(*Com dignidade recuando*) Senhor!....

GOUVEIA:—(*Cheio de emoção*) Perdão!... É um alivio para meus males o pensar em vós! retractar na imaginação o vosso semblante dando ao coração delicias, consolação, de que elle tanto carece! Penso em vós com todo prazer da vida, e na contemplação de vossos sorrisos um ar alegre brilha em meus labios!

THEREZA:—(*Com despeito*) Que estranha linguagem!..... Nunca discubri em suas palavras semelhante declaração;—apenas via o caracter respeitoso do Camarista do rei. Agora vejo em seu semblante um rizo de ternura;—um lançar de olhos tão ternos,—sentimentos meigos e doceis, e uma declaração a que não me atrevo a responder! Snr. Camarista, tudo isto me parece um mysterio! Eu leio ao travez de

suas palavras planos mal combinados de que a sua mente se tem apoderado, e afirmo-lhe, que desejo conhecer esses planos!

Gouveia:—(*Com muito sentimento*) Ah!.... Eu quizera encerrar no fundo d'alma tudo quanto por vós sinto, mas a lei mysteriosa do meu destino não m'o permitte! Ei myster conservar um rosto sereno para occultar as fortes sensações que sinto no peito!—conservar n'elle os suspiros da minha dôr!—occultar a todas as vistas a tristesa que emerge meu coração em um oceano de lagrimas onde se perdem todas as minhas esperanças!..... mas ah! era-me impossivel por mais tempo! Quando me vejo junto de vós,—de vós, Condessa de Tavora, que me lançaes um olhar perscrutador, e inquieto!—um olhar que occupa todas as minhas idéas e a cuja contemplação as minhas faculdades se absorvem! á vista de tanta ternura não posso guardar no fundo do coração as palavras abrasadoras que apenas tocão nos labios incendeião-me os sentidos!

Thereza:—Essas palavras não ousão soltar-se de seus labios, porque o receio de proferi-las lhe impede a declaração de um amor, que não pode ser alimentado por uma se quer esperança! Vós senhor, meditaes em vão, sobre o objecto dos vossos cuidados,—porque este objecto não pode lançar-vos um olhar terno, sem que sinta o remorso de vo-lo haver dado!... Se pensasseis, nos perigos em que ambos cahiriamos... se um tão criminoso amor houvesse de prender nossas almas, mudarieis de intenção abafando esse sentir, que tanto vos arrebata! Empregai vossa paixão com quem mais digna d'ella possa corresponder-vos.

Gouveia:—E posso eu vencer-me? É tal o sentimento que me domina, que nada receio arriscar para ser digno.

de vós. Á preço dos maiores sacrificios, ficai certa Condessa, que hei de salvar vossa familia do degredo a que está condemnada.

THEREZA:—Ah! Senhor! um tão grande favor!.....

GOUVEIA:—(*Com um enthusiasmo*) Affianço-vos, Senhora, que os vossos parentes jámais sahirão de Portugal!

THEREZA:—Como? Que podereis oppor á vontade soberana do Ministro?

GOUVEIA:—(*Com firmeza*) Uma força que não imaginaes!..

THEREZA:—(*Com viveza*) Logo quereis!..... E qual é ella?

UM PORTEIRO:—(*Annunciando de fóra*) El-Rei!.....

—

SCENA II.

Os mesmos, El-Rei e o Ministro.

El-Rei e o Ministro sahem da esquerda alta. Gouveia sobe a scena para receber o Rei fazendo-lhe profunda reverencia. Thereza sobe tambem a scena, corteja o Rei ficando na direita. Gouveia fica no fundo da scena em pé.

EL-REI:—Deixemos esses tristes successos que bastante me tem inquietado o espirito. Cuidai em dar providencias para que não hajão maiores estragos, que os causados pelo terremoto. (*Dando alguns passos descubrindo a Condessa*) Condessa de Tavora, tão cedo no Paço!

THEREZA:—Venho supplicar uma audiencia de V. Magestade.

MINISTRO:—(*A parte*) Quanto me alegra a sua presença!..

EL-REI:—(*A Thereza*) Eu a attendo, Condessa. (*A Gouveia*) Amanhã necessito fazer um passeio a quinta do meio; quero dissipar a melancolia que me persegue.

Gouveia:—Tudo estará prompto. A que horas determina partir V. Magestade?

El-Rei:—Perto de anoitecer; quero lá pernoitar. Prepare-se para acompanhar-me..... (*Olhando para a Condessa com ternura*) e muito prazer teria se a senhora Condessa.....

Thereza:—(*Dando um suspiro e abaixando os olhos*) Ah!.

El-Rei:—(*Com sigo mesmo sentando-se na poltrona junto a meza*) Aquelle ai significa o seu pezar. (*Ao Ministro*) Conde, a senhora de Tavora supplica-me uma audiencia. Necessito ficar a sós com ella. No meu gabinete do despacho estão assignados os decretos que hontem me apresentou em conselho. Tenho a prevenil-o, que antes de retirar-se preciso de uma conferencia. (*O Ministro faz uma venia a El-Rei e retira-se pelo mesmo lugar por onde entrou*) Gouveia, mande dar as necessarias ordens para o meu passeio. (*Gouveia faz a mesma cortezia retirando-se para a direita*)

—

SCENA III.

El-Rei e Thereza.

El-Rei:—Estamos a sós Condessa, pode fallar.

Thereza:—(*Aproximando-se*) Senhor, uma justa cauza conduz-me á presença de V. Magestade a supplicar uma graça.

El-Rei:—Se ella for tal que possa ser attendida, conte que não lh'a negarei.

Thereza:—Hoje é o dia destinado para o embarque da minha familia.....

El-Rei:—Certamente.

THEREZA:—(*Chorando*) Amanhã já a não verei mais!.....

EL-REI:—Sem duvida.

THEREZA:—Ah! Senhor! E terei forças para tanto!

EL-REI:—Que pretende então a Condessa?

THEREZA:—(*Supplicante em acção de ajoelhar*) Graça!... compaixão para ella!

EL-REI:—A segurança do Reino reclama esta salutar medida!.....

THEREZA:— Senhor!...eu vos juro....

EL-REI:—Vossa mãi, e todos os vossos parentes, ingratos a generosidade que com elles tenho praticado, procurão compensar-me commettendo um crime horrendo!.....

THEREZA:—(*Desfeita em lagrimas*) Ah! jámais, Senhor!...

EL-REI:—Filha de Leonor de Tavora! pranteaes com razão vossa mãi, e vossos parentes!..... mas o vosso pranto deve enchugar-se diante do Rei, que elles tanto tem offendido!..... O degredo que lhes decretei para as nossas possessões da India é um leve castigo para seus grandes crimes!

THEREZA;—Se a segurança do reino, e a tranquilidade de V. Magestade reclama essa salutar medida, eu como filha obediente devo acompanhal-os no exilio.

EL-REI:—Vós Condessa!.... Será possivel!?

THEREZA:—Assim me cumpre, senhor!

EL-REI:—Já lhe esquecerão as injurias que lhe tem lançado?

THEREZA:—Tudo lhes perdôo.

EL-REI:—E eu! que não vivirei sem ter-vos a meu lado!... vós (*Thereza mostra excessivo pranto*) que sois a unica consolação para a minha vida,—que respiro o mesmo ar que respiras!...

THEREZA:—(*Na maior afflição*) Ah! senhor! deixai que eu morra!.... Morrerei para vós, e para a minha familia!

El-Rei:— (*Levantando-se com impeto*) Condessa de Tavora! ... os dias do rei de Portugal são mais necessarios a seus vassallos, do que toda a vossa familia!...

Thereza:— (*Afflicta*) Eu o sei senhor! ... mas este amor de filha não pode consentir que me separe para sempre de minha mãi!

El-Rei:—A segurança do reino exige o seu degredo!

Thereza:—E serão elles, verdadeiramente culpados?

El-Rei:—São assaz culpados! Tenho as provas em meu poder!

Thereza:—Não se terá urdido algum trama infernal para tornal-os odiados por V. Magestade?

El-Rei:—Não. O conde de Oeiras descubrio os projectos de uma conjuração secretamente planejada em uma das casas do caes do Sodré. Nesta conjuração achão-se envolvidos os vossos parentes, e até vossa mãi!

Thereza:—Oh! meu Deos! será possivel!

El-Rei:—Tenho sufficientes provas para mandar ao patibulo os conjurados, e é por vossa causa, Condessa, que lhes minoro a pena!

Thereza:—(*Em acção de ajoelhar*) Ah! Senhor! Deixai que agradecida!.....

El-Rei:—(*Levantando-a*) Será cruel o rei que perdoa ao criminoso, no momento em que o algoz tem de cumprir o seu terrivel dever?.....

Thereza:—Meu bom Monarcha, a vossa clemencia constitue-vos o melhor de todos os Soberanos do mundo!..... Mas ah! eu vos affianço, que a minha pobre familia jamais concebeo um pensamento de odio contra a pessoa do seu rei!

El-Rei:—Pensaes em vão, Condessa! Assaz vos comprometeis quando affiançaes a constante fidelidade de vossos parentes!

Thereza:—Eu vo-lo juro, senhor!

El-Rei:—O tempo que dista até o seu embarque, é assaz

longo para desfexar um golpe! Talvez, que ao soar a ultima dessas horas, um novo crime já elles tenhão praticado!

THEREZA:—Já mais se atreveráõ a tanto!

EL-REI:—A minha piedade tomará o caracter de delicto se lhes poupar o merecido castigo.

—

SCENA IV.

Os mesmos e Gouveia.

GOUVEIA:—(*Entrando da direita*) Permissão, senhor!

EL-REI:—Aproxime-se.

GOUVEIA:—O Conde envia a V. Magestade esta partecipação (*Da-lhe um papel que elle abre e lê*) « Os Hespanhoes « aproximão-se as nossas fronteiras, tentando eva- « dir o territorio Portuguez. Tornão-se necessarias, « providencias á cerca de tão importante negocio, « O Ministro inglez acaba de communicar-me as in- « tenções de seu governo a semelhante respeito. » (*Representa a Gouveia*) Responda ao Conde, que breve terei com elle uma conferencia, e no entanto, auctoriso-o a determinar o que for digno da honra. e do caracter, da nação Portugueza. (*Vai-se Gouveia*)

THEREZA:—Senhor, ainda uma ultima vez vos supplico.

EL-REI:—É inutil!.... o desterro dos Tavoras não será perpetuo, é apenas uma medida de segurança.

THEREZA:—(*Desfeita em lagrimas*) Ah! Como terei forças para dar um adeos eterno a minha querida mãi!

EL-REI:—Revestivos de coragem, ella vos é necessaria neste momento.

THEREZA:—(*Da mesma forma*) Não, senhor, —não posso!

Quero antes morrer do que deixar minha triste mãi!

El-Rei:—Louca mulher!

—

SCENA V.

Os mesmos e Gouveia.

Gouveia:—Permissão.....

El-Rei:—Pode approximar-se.

Gouveia:—O Ministro Inglez solicita uma audiencia de V. Magestade!

El-Rei:—Parto a recebel-o. (*A Thereza*) Condessa, vou tomar uma resolução á cerca do destino dos vossos parentes; e no entanto, eu vos responsabiliso para com Deos, e Portugal, dos máos resultados que da sua parte possão sobrevir. (*Retira-se para esquerda alta*)

Thereza:—Ah! Meu Deos! Prestai-me vossos auxilios! Não permittaes que se realizem os vaticinios de El-Rei.

—

SCENA VI.

Thereza e Gouveia.

Gouveia:—Ainda lagrimas, Senhora Condessa!.....

Thereza:—E que me resta nesta situação tão triste e dolorosa?

Gouveia:—Ah! eu sei calcular o quanto agora deveis soffrer. El-Rei attendeo ás vossas supplicas? Revogou a sentença de exilio da vossa familia?

Thereza:—S. Magestade persiste na resolução de degrada-los para sempre de Portugal.

Gouveia:—(*Com uma intensão reservada*) Talvez que assim não aconteça!

Thereza:—(*Com admiração*) Como! Sabe o senhor Camarista.....

Gouveia:—Já expliquei a Condessa, que os segredos do gabinete do Rei não respirão.

Thereza:—Ah! Senhor! Se fosse possivel salvar minha familia do exilio a que está condemnada!...

Gouveia:—(*Com firmeza*) Heide salval-a!—Juro-vos, senhora, que jámais sahiráõ de Portugal!

Thereza:—(*Com uma especie de alegria*) Ah!.... Snr. Camarista, a minha gratidão,—o meu reconhecimento!....

Gouveia:—(*Com ternura*) Será o vosso amor, senhora,—mais nada senão o vosso amor!

Thereza:—(*Com embaraço*) Senhor!....Oh! meu Deos!...

Gouveia:—Qualquer que seja o sacrificio que me seja myster fazer para conseguil-o, não hesitarei! Supplicarei;—empregarei toda a influencia que tenho ao lado d'El-Rei,—lançarei mão de todos os meios ainda os mais terriveis!...

Thereza:—(*Com espanto*) Terriveis!?.... Ah! nunca!—nunca!...

Gouveia:—(*Com força*) Elles serão os unicos indispensaveis!

Thereza:—(*Com resolução*) Não!—Jámais!—Jámais!... Não quero á custa de um crime a liberdade da minha familia!

Gouveia:—(*Da mesma forma*) Não será um crime o preço da sua liberdade!

Thereza:—Então, senhor!?...

Gouveia:—Eu vos prometto qne a vossa familia ha de ser livre, e feliz, gosando as delicias da sua patria. Mas

ah! senhora! lembrai-vos de mim!—ponde um termo ao meu padecer!

THEREZA:—Ah! que delirio! Neste momento só me lembro de minha familia.

GOUVEIA:—Já vos afiançei que ella será salva! — eu velarei em seu auxilio! ... eu a salvarei!

THEREZA:—Nunca apreço de uma acção vil, e criminosa!

GOUVEIA:—Espero que haveis de abençoar a minha resolução.

THEREZA:— Eu vos serei eternamente agradecida.

GOUVEIA:—Amando-me?

THEREZA:—Amar-vos!... Ah!... Quem sabe! (*Vai-se rapidamente*).

GOUVEIA:—(*Transportado de alegria*) Oh! ella será minha!.... sim! será minha a bella Thereza!....

—

SCENA VII.

Gouveia e El-Rei.

El-Rei entra pensativo submerso em suas reflexões. Gouveia dá alguns passos para o fundo corteja com respeito El-Rei que lhe faz um aceno para que elle se retire ficando só.

EL-REI:—Que tristes idéas me contristão! Diante de meus olhos vejo um quadro de horrores, humilhar-me, e abater-me o espirito!

Em façe de tão funestos acontecimentos nem ouso encarar o explendor do throno. Uma Cidade em ruinas! A fome!.... a peste, que devasta meus vassallos levando o pranto, e a dor, ao coração de todos!.. A desolação e a morte, por toda a parte!.... A guerra estrangeira que audacioza levanta suas armas

ás portas do reino ! A traição premeditada de crueis inimigos, que procurão a minha morte !.... tudo me afflige, e me consterna !..... Portugal ! que triste pagina vas apresentar no livro da tua historia no reinado de José I. ! Que medonhas scenas levas a posteridade !....

(*Depois de um momento de pausa diz com coragem*) Mas não ! No meio dos perigos, uma alma forte deve mostrar-se superior a todas as desgraças ! Um homem é pouco para dirigir uma nação em tão tristes circunstancias, mas um espirito elevado,—uma intelligencia calculada e esclarecida, pelas consequencias do passado, e do presente, será bastante para restabelecer a paz, e a felicidade de um povo que soffre. A politica que exemplifica, é a bussola dos grandes estadistas no meio das tempestades, que as ambições e os caprichos levantão para chegar ao seu fim ! A intelligencia no meio de uma bem dedusida diplomacia tem por muitas vezes vencido as luctas sem derramar uma gota de sangue ! É a politica que me cumpre seguir com os estranhos, sustentando o decôro nacional !.... e com os inimigos internos um rigoroso cumprimento de Lei, que os faça tremer diante de seus julgadores. Fecharei o coração a todas as supplicas. A Clemencia é um atributo dos soberanos quando apoz ella não caminha a impunidade ! Cumpre ser Rei, primeiro que ser homem, não escutando as lagrimas do criminoso que vai soffrer a punição de seu crime ! Acima do meu poder está o da nação perante quem tenho de responder por meus actos !—Nunca a minha fraquesa lhe cavará um abysmo !—Não !—Eu, o herdeiro da gloria de meus maiores, jámais heide embassar o brilho de suas acções, nem cubrir de infamia o nome glorioso do grande D. João IV.

SCENA VIII.

El-Rei e o Ministro.

MINISTRO:—Senhor, o Ministro inglez conformou-se com a opinião que lhe apresentei respeito ao gabinete de Santo Ildefonso, e vai transmitil-a a seu governo.

EL-REI:—Espero que em breve o meu parente reconhecendo a justiça que me assiste, mudará de resolução, e a paz será assignada.

MINISTRO:—No estado presente das cousas é o que melhor convém.

EL-REI:—Conde, tenciono espaçar por alguns dias a partida dos Tavoras para o seu degredo de Gôa.

MINISTRO:—V. Magestade farà o que lhe aprouver. Mas senhor, pondere que a familia dos Tavoras é actualmente um perigo para V. Magestade e para o reino!

EL-REI:—Tão importante a julga o Ministro!?..

MINISTRO:—Julgo-a terrivel, senhor!

EL-REI:—Porque então?

MINISTRO:—Esse poder secreto Jesuitico que se move contra V. Magestade, tem n'ella um instrumento cruel de suas vinganças! O herdeiro do senhor D. João V. leva a posteridade um acto sublime, e brilhante, na extinção dessa companhia de Jesus tão terrivel para os reis, e perigosa para os povos! Este grande pensamento é o esmalte de todas as acções grandiosas que tem de apparecer no quadro politico do grande rei dos portuguezes D. José I., e se V. Magestade movido pela compaixão a que sempre presta seu real coração, attender ás lagrimas de uma filha que chora por sua mãi despresando as de milhares de subditos, que talvez lamentem a falta do seu grande rei, então, senhor, o nome de V. Magestade passará além da vida sem essa aureola glorificadora que já

desce sobre a fronte laureada de um descendente da casa de Bragança!

El-Rei:—O conde de muito se arrecia!

Ministro:—Conheço o perigo que cerca a pessoa de V. Magestade.—Uma só hora é bastante para elles consumarem um grande crime! A piedade é um dos sublimes attributos de sua alma magnanima! Mas, pensar que pode ella ser causa de desgraças incalculaveis;—pensar que esses ingratos abusando da docilidade que V. Magestade empregar com elles arrastarão ao abysmo o nome de seu rei, a gloria de uma grande nação, e a felicidade de um povo inteiro, jámais poderei concordar com o acto generoso que V. Magestade pretende destribuir-lhes.

El-Rei:—Pois bem; eu calcularei no destino que lhes devo dar. Antes do meu passeio á quinta do meio pretendo fallar-lhe.

Ministro:—Cumprirei as ordens de V. Magistade (*Vai-se.*)

El-Rei:—(*Senta-se meditando um pouco*) Que penoso dever! Ser Rei e não poder ser amante! Fechar o coração a dor e ao pranto, sem poder escutar um gemido da mulher que adoro, sem poder enxugar as lagrimas que derrama prostada a meus pés snppli-cante e afflicta! De que me serve o poder da magestade se não posso livremente usar dos attributos que ella me confere!....(*Toca a campainha levantando-se*) Animo! é myster calcular no que me cumpre fazer. (*Aparece Gouveia*) Que tudo esteja preparado para o meu passeio. (*Vai-se*)

SCENA IX.

Gouveia e o Duque de Aveiro.

GOUVEIA:—Sim....o vosso passeio,... e depois?...
DUQUE:—A meia noite!
GOUVEIA:—(*Com sobresalto*) Aonde?
DUQUE:—Nas ruinas da Igreja da Boa-Hora em Belem.
GOUVEIA:—A meia noite! ... E para que?....
DUQUE:—(*A meia voz*) Os tiros no Rei! (*Vai-se para a esquerda baixa muito apressado*)
GOUVEIA:—(*Com grande sobresalto*) Ah! (*Sai pela direita*)

Fim do Terceiro Quadro.

QUARTO QUADRO

AS RUINAS E A REUNIÃO NOCTURNA

2 DE SETEMBRO DE 1758.

O Theatro representa as ruinas da Igreja da Boa-hora em Belem causadas pelo terremoto. No fundo a parede cahida até meio descubrindo-se ao longe o Céo estrelado. Mais para a frente, o retabulo da Capella mór em ruinas. Dos lados altares no mesmo estado; mais para a bocca do theatro, tumulos de Marmore, com inscripções pouco intelligiveis, e dois corpos inteiros em alto relevo estendidos sobre elles. Por baixo um brasão com uma corôa de Conde. Pela scena espalhados, capiteis de columnas, columnas quebradas, pedras e o mais de ruinas.

—

SCENA X.

Duque de Aveiro *e depois o* ***Marquez de Tavora.***

O Duque de Aveiro entra embuçado em uma capa escura e traz na cabeça um chapéo de abas largas. Cobre o rosto com uma meia mascara de seda preta. Todos se disfarção por esta forma. Entra na Scena pela direita alta observando. É noite escura.

DUQUE:—Tudo deserto! Fui eu o primeiro a comparecer a hora ajustada! Como são descuidados! (*Ouvem-se dar ao longe onze horas em um relogio de torre. O Duque conta baixo, menos as duas ultimas*) Dez, onze! Onze horas acabão de soar no relogio da torre da Igreja de Santa Maria de Belem! É a hora

ajustada para a reunião. (*Um embuçado entra na Scena pela direita alta sem ter visto o Duque, observando*) Parece-me que a quelle vulto se me aproxima!.... Quem será!.... (*O vulto pára reconhecendo o Duque*) Elle parou!.... procura reconhecer-me!.... Animo! Caminhemos ao seu encontro a indagar a senha combinada. (*Tira uma pistola emcaminhando-se para o vulto*) O relento destroe a saude?

MARQUEZ:—Ao contrario, dá forças para debellar os despotas.

DUQUE:—(*Dando um passo para o vulto*) Se sois nosso alliado, aproximai-vos.

MARQUEZ:—(*Aproximando-se desembuçando-se e tirando a mascara*) Sou o Marquez de Tavora.

DUQUE:—(*Fazendo o mesmo*) Sou o Duque de Aveiro (*Todos trazem um cinto com duas pistolas*)

MARQUEZ:—A hora soou, e sómente vos encontro!

DUQUE:—Os nossos amigos não podem tardar.

MARQUEZ:—O Ministro é activo em descubrir planos.

DUQUE:—Gabriel Malagrida pouco se pode demorar; elle preveniu-me que talvez fosse o ultimo em chegar (*Dous vultos que se desencontrarão andão no fundo em observação; o Duque reconhece-os*) Além andão dous embuçados..... parecem aproximar-se.

MARQUEZ:—Vamos reconhecel-os (*Dirigem-se aos vultos*)

DUQUE:—Portamos (*Cobrem os rostos com as mascaras e embução-se dirigindo-se aos do fundo*)

SCENA XI.

***Leonor**, só, e logo **Malagrida**.*

Leonor entra da direita alta observando com muito susto.

LEONOR:—Que silencio sepulchral! Ninguem! tudo só! Haveria algum acontecimento que extorvasse o plano!.. O conde Ministro é facil em descubril-os!... Quem sabe!... Animo!.... (*Dá um passo e pára*) Que tens coração!... No meio de tão tristes conjecturas o que me vaticinas?

MALAGRIDA:—(*Que lentamente se tem aproximado até perto de Leonor, ouvindo as suas ultimas palavras, diz com voz solemne*) A salvação de vossa alma!

LEONOR:—(*Com sobresalto recuando*) Ah!

MALAGRIDA:—Não vos assusteis!.....

LEONOR:—Quem sois!?

MALAGRIDA:—(*Com tranquilidade desembuçando-se tirando a mascara*) Gabriel Malagrida! (*O Duque e o Marquez tem entrado pela esquerda baixa como observando*)

OS TREZ:—(*Com espanto*) Malagrida!...

—

SCENA XII.

***Os mesmos** o **Duque d'Aveiro** e o **Marquez de Tavora**.*

MALAGRIDA:—(*Com surpresa reparando no Duque e o Marquez que se lhe aproximão*) Sim! o vosso amigo!— o cumplice fiel para um acto de vingança!

DUQUE:—Sede bem vindo ao meio de nós!

MARQUEZ:—Deos vos inspire.

Malagida:—Marqueza de Tavora, aqui estou para vos confortar! Ah! Leonor! que gloria vos espera! Que venturas ainda não sonhadas vão dourar vossa existencia!—O respeito,—o amor dos portuguezes!—A gloria de seu libertador!—O pasmo das nações,—e um nome immortal que vos reserva a historia, ... tudo vai fazer a vossa dicta! .... Hoje dorme o nosso tyranno sobre um leito de dilicias gozando os prazeres da vida sem recordar os padecimentos que tem causado a uma familia illustre, e amanhã elle dormirá para sempre em um tumulo, amaldiçoado pelos portuguezes que soffrerão o pesado jugo do seu reinado! O nome de D. José I. existe agora no cathalogo dos reis que governão sentados no throno, e amanhã esse nome pertencerá ao numero dos mortos! Grande Deos! não me desampareis no momento de maior perigo! Protegei estes vossos fieis servos no instante mais terrivel de sua vida!

Leonor:—Gabriel Malagrida! as vossas palavras fortalecem-me o espirito, conduzindo-me aos lances mais arriscados de que é capaz uma mulher resoluta!.... (*Reparando*) Além vejo alguns vultos aproximarem-se.

Malagrida:—São nossos amigos.

SCENA XIII.

Os mesmos, José Maria de Tavora, Luiz Bernardo de Tavora, Conde de Atouguia, José Policarpo, Braz José Romeiro, e João Manoel.

Vem todos da mesma forma embuçados.

MALAGRIDA:—(*Correndo a elle com coragem*) O relento destroe a saude?

JOSÉ MARIA:—Ao contrario, dá força para debellar os despotas. (*Tira a mascara e desembuça-se*)

LEONOR:—Meu caro filho! O Céo venha em tua guarda!

DUQUE:—Sede bem vindos ao meio de nós! Gabriel Malagrida! eis os fieis amigos que jurarão partilhar dos perigos de seu amo! (*Virando-se para os que entrarão*) Verdadeiros Portuguezes! A liberdade da nossa patria levantará um padrão eterno a este grandioso feito!

MALAGRIDA:—Abençoado seja o momento que vai terminar nossas contendas, e levar-nos a um fim que tanto desejamos!

LEONOR:—Coragem! resignação!..... É myster consumar o grande acto da nossa vingança, e dar a Portugal mais um dia de triumpho.

DUQUE:—Esta acção propria de homens, que não soffrem o fero jugo de seus oppressores, trará a nossa liberdade, e a de todos os portuguezes!

MARQUEZ:—E a nossa coragem pertencerá a gloria de tão nobre feito!

MALAGRIDA:—Portugal geme oppresso pelo mando cruel, e despotico, de um tyranno Ministro! Portuguezes! é myster que este soffrimento se acabe, e que os povos gozem a ventura de um reinado de paz!

Todos:—(*Com enthusiasmo*) A baixo o tyranno!

Malagrida:—Os carceres e os degredos, estão cheios de pobres victimas sacrificadas ao odio, e ao capricho do Conde de Oeiras! É myster aniquilar este Ministro traidor que espanta o mundo com seus crimes! É myster fazer conhecer, que os Portuguezes do seculo XVIII. conservão o mesmo brio, e coragem, que lhes legarão seus avós nas acções gloriosas do Ganges, nos muros de Ceuta, e nos combates de Fez!.....

Todos:—Vencer ou morrer!.....

Malagrida:—(*Com enthusiasmo*) Valor, leaes Portuguezes! Mostrai-vos dignos da memoria dos Castros! dos Albuquerques! Mostrai que o vosso nome é tão grande como a vossa coragem!

Todos:—(*Com enthusiasmo*) Viva Portugal!

Malagrida:—D. José deve partir esta madrugada para a residencia regia da quinta de cima afim de tomar ares, e minorar os seus padecimentos;—é necessario que no tranzito ache a morte aonde vai buscar a vida!

Leonor:—O seo sangue deve pagar as affrontas que temos recebido!

Marquez:—Já se sabe o séquito que o acompanha?

Malagrida:—Irá simplesmente com um Camarista em sege sem escolta, e passará poucas horas antes da noite pela estrada de Belem.

Duque:—Determinai o meio de o accommetter.

Malagrida:—Em pequenas distancias existem edeficios arruinados pelo terremoto que servirão para acoitados o esperarmos.

Marquez:—Muito bem!

Malagrida:—Vós, Duque de Aveiro, que os fieis portuguezes designão para collocar no throno, acclamando-vos seu rei, a vós pertence dar o exemplo, descarregando o primeiro tiro sobre a sege.

DUQUE:—Juro cumprir tudo quanto me ordenardes.

MALAGRIDA:—Braz José Romeiro, que sempre na guerra foi valente vos seguirá, e vós, Conde de Atouguia;— vós, jovens Tavoras, seguireis logo apóz dos segundos tiros!

TODOS:—Affrontaremos os perigos para lhe dar a morte!

MALAGRIDA:—Venerando ancião!—Martyr de affrontas e soffrimentos! Vós estareis a meu lado.

MARQUEZ:—A minha coragem será superior as minhas forças!

MALAGRIDA:—E vós, Snr.ª de Tavora, ramo de uma prole de virtudes santificadas, hireis partilhar dos perigos no momento decisivo.

LEONOR:—(*Com coragem*) Não hesitarei. O meu braço é o de uma mulher! mas é o braço de uma mulher portugueza!

TODOS:—A vingança!—Á vingança! (*Animados pela coragem dizem estas palavras partindo todos para a direita mas deteem-se á chegada de Gouveia que vem com roupas mudadas e mascarado*)

—

SCENA XIV.

Os mesmos e Gouveia.

GOUVEIA:—(*Com desembaraço*) Detende-vos! ...

TODOS:—(*Com espanto e surpresa affastando-se*) Ah! ...

GOUVEIA:—(*Da mesma forma*) Nem mais um passo! ....

MALAGRIDA:—(*Com coragem dando um passo para a frente*) Quem sois!?

GOUVEIA:—Cezar de Gouveia o vosso aliado, e o vosso amigo! (*Tira a mascara e mostra-se a todos*)

TODOS:—(*Com alegria*) Gouveia! ...

GOUVEIA:—Eu mesmo, que venho prevenir-vos de não dar mais um passo no vosso designio.

MALAGRIDA:—Porque? ... (*Com viveza*).

DUQUE:—Que aconteceo? .. (*Da mesma forma*).

MARQUEZ:—Acaso o Minisiro! ... (*Tudo com muita agitação*).

GOUVEIA: — Tranquilisai-vos. El-Rei acabou de combinar com o Ministro, que o seu passeio para a quinta do meio ficaria transferida para amanhã depois de anoitecer. Será feito com tanto segredo, que unicamente serei eu o sabedor da hora da partida.

LEONOR:—A Providencia vela em nossa guarda!

MALAGRIDA:—Meu filho, a vossa chegada foi um aviso do ceo para nossa segurança. O Ministro esteve hoje em conferencias com El-Rei?

GOUVEIA:—Como sempre.

MALAGRIDA:—E que se passou?

GOUVEIA:—Um plano a vosso respeito.

MALAGRIDA:—Da Companhia de Jesus?

GOUVEIA:—Sem duvida. Clemente XIV. já não duvida assignar a Bula da Destruição perpetua dos Jesuitas.

MALAGRIDA:—(*Com furor*) O Pontifice está illudido pelos Cardeaes que o cercão! Ganganelly quer apressar a sua ruina ... e talvez a sua morte! Os padres Jesuitas não trepidão diante de qualquer sacrilegio para vingar as offensas que se lhe fazem! Em face mesmo da Divindade, no altar de Deos vivo, não receião salpicar com sangue de uma victima as paredes do santuario! (*Para os da Scena*) Eia amigos! avante no nosso plano! ... Conde de Oeiras! Ministro de D. José I. de Portugal! O acto que premeditas da nossa destruição é a sentença da tua morte, e a primeira aurora de nosso triumpho! Cezar de Gouveia, chegastes no momento em que designava as posições para o assalto. Quero marcar-vos o vosso lugar. Estaes prompto? ...

GOUVEIA:—(*Com firmeza*) Ordenai-me.

MALAGRIDA:—Elle será de grande perigo!

GOUVEIA:—Tenho coragem.

MALAGRIDA:—Para não desafiar suspeitas, nem dar motivo a vagas conjecturas, occupareis o vosso lugar na sege ao lado d'El-Rei.

GOUVEIA:—E depois?

MALAGRIDA:—Pode ser que na luta sejaes ferido mortalmente.....

GOUVEIA:—Morrerei. (*Com stoicismo*)

MALAGRIDA:—Recusareis acompanhar El-Rei nesta viagem?

GOUVEIA:—(*Da mesma forma*) Não recuso. Morrerei com elle se necessario fôr!

MALAGRIDA:—(*Com alegria*) Ah! Tanta resignação confirma a verdadeira confiança que em vós temos depositado!

GOUVEIA:—A minha vida pertence a esta conjuração!

MALAGRIDA:—Abraçai-me, homem intrepido, e generoso! (*Abraça Gouveia*) Meus amigos! Meus alliados! um voto de reconhecimento, e sympathia, ao homem que não recua arriscar seus dias em favor da nossa causa!

DUQUE:—Um digno premio compensará vossos sacrificios!

MARQUEZ:—Será eterna a nossa gratidão!

LEONOR:—Deos velará sempre em vosso auxilio.

MALAGRIDA:—(*Tirando do peito o crucifixo*) Agora jurai todos por este Deus que vos apresento!—Jurai pelas cinzas dos heroes Portuguezes que guardão aquelles tumulos!—Jurai, Duque de-Aveiro, que quando vos apossardes da corôa de Portugal, o vosso primeiro cuidado será dar a liberdade as victimas de Sebastião José de Carvalho, levantar de novo a auctoridade illimitada dos Jesuitas, restituindo-lhe todos os poderes, e prerogativas, que lhe tem sido usurpadas, fazendo que a companhia de Jesus seja respeitada em Portugal e em todos os seus dominios!

Todos:—(*Estendendo a mão ao crucifixo*) Nós o juramos!

Duque:—(*Estendendo de novo a mão*) Em nome de todos os Portuguezes nossos partidarios que não se achão aqui presentes eu tambem o juro. (*Ouve-se dentro um assobio e logo outros que respondem*)

Todos:—(*Com muito espanto*) Um signal!!..... (*Momento geral de curiosidade. Correm todos a observar por diversos lados com muito cuidado e interesse. Repetem-se os assobios*)

Duõue:—(*Correndo a Malagrida*) Ouvistes?

Malagrida:—Silencio! Observemos! (*Vão observar*)

Marquez:—(*Voltando-se para a Scena*) Somos pesquisados!

Duque:—(*Com resolução vindo para a Scena*) Morte ao temerario que nos observa!

Todos:—(*Com resolução tirando a pistolas e vindo para a Scena*) Morte!

Gouveia:—(*Com coragem*) Em um instante esse miseravel pagará o seu arrojo! (*Poem rapidamente a mascara e segue para a direita alta com Braz José Romeiro*)

—

SCENA XV.

Os mesmos** menos **Gouveia** e **Romeiro.

Leonor:—(*Reparando no Marquez que está triste*) Tremeis, Marquez! Vós a quem sobeja animo para arduas emprezas vacilaes neste momento em que toda a coragam deve sobresahir em nossas acções!—Lembrai-vos que são preferiveis os sustos destas conferencias a soffrer um decreto barbaro de D. José! Estamos por ventura desarmados para deixar de reses-

tir em qualquer lance perigoso! Se vos fraqueia o animo dai-me uma espada e vereis que o pulso de uma mulher ainda que debil, animado pela rosolução e coragem, é bem forte para executar uma vingança!

Camillo:—(*Dentro*) Soccorro!.... Soccorro!....

Todos:—Ah!.... (*Movimento de surpreza e curiosidade. Dão alguns passos mas parão observando. Ouve-se Camillo dizer*)

Camillo:—(*Ainda dentro*) Misericordia!... Misericordia

—

SCENA XVI.

Os mesmos Gouveia, Romeiro e Camillo.

(*Gouveia e Romeiro trasem Camillo agarrado violentamente apontando-lhe as pistolas. Apenas elle entra em Scena enche-se de mais pavor vendo os que se embução occultar-se á sua pesquiza. Rodeião-no observando-o*)

Gouveia:—(*Arrastando Camillo para a Scena*) Miseravel! A tua disculpa não te isempta das suspeitas de um espião!

Todos:—Hum espião!!....

Gouveia:—Occulto entre as ruinas desta Igreja!

Todos:—E que fazia?....

Gouveia:—Observava nossos passos!

Alguns:—Acabe-se com elle!....

Outros:—Sim! sim! Acabe-se....

Camillo:—(*Possuido de muito medo*) Piedade meus caros senhores!

Todos:—(*Simultamamente*) Não!—Não!

Camillo:—Aonde vim meter-me! (*Com sigo*)

Gouveia:—Bem te conheço meu patife!....
Camillo:—(*A parte*) Esta vóz não me é estranha!
Gouveia:—É um dos assalariados do Conde Menistro para occultamente observar o que se passa na Cidade. Hoje as duas horas da tarde recebeo instrucções d'elle no seu palacio da rua das janellas verdes!
Camillo:—Isto é verdade. Quem será este sujeito que sabe um tal misterio? (*A parte*)
Gouveia:—Chama-se Camillo Fernandes; foi soldado do Conde de Lyppe, e hoje é um espião do Menistro!
Todos:—(*Com força*) Morra o espião!
Camillo:—(*Cheio de susto e muito tremulo*) Misericordia!..
Todos:—Morra!.....
Camilmo:—Tenhão compaixão de mim!... (*Muito afflicto*)
Malagrida:—Desgraçado! Nada te pode salvar!.....
Duque:—A tua morte é innevitavel!
Camillo:—Piedade!..... Piedade! (*Da mesma forma*)
Marquez:—Para que erão os assobios que a pouco soltaste?
Camillo:—(*Muito perturbado*) Erão!... erão!...
Leonor:—Responde?...
Camillo:—(*A parte*) Eu não sei como me heide desculpar...
Duque:—Dize; para que erão aquelles assobios?
Camillo:—(*Com muito medo*) É meu costume assobiar...
Malagrida:—A quem chamavas com elles?
Camillo:—Eu!.... eu!... Ninguem. Eu estou só.
Malagrida:—Mentes!...
Camillo:— Juro-lhes por....
Marquez:—Cala-te! Alguem te acompanha?....
Camillo:—Não, senhor; já disse que vim só (*A parte*) Por mais que me digão isto são os taes conspiradores de que o Ministro teve denuncia!
Duque:—Quem te mandou a taes horas a estas ruinas?
Camillo:—Venho rezar sobre a sepultura de uma minha parenta, que aqui jaz sepultada....

Duque:—Isso é um embuste;—faltas a verdade!...

Todos:—A morte!—É um traidor!

Camillo:—Não senhores,—não sou traidor!....

Todos:—Morra!—Morra!.... (*Segurão Camillo*)

Camillo:—(*De joelhos erguendo as mãos*) Pela sua vida!..

Todos:—Nem mais um instante!...

Camillo:—Ah! Valei-me, oh meu Deus!....

Marquez:—Levai-o!....

Malagrida:—Evitai seus gritos!—Cumpre o que se torna indispensavel a nossa segurança!

Camillo:—(*Na maior afflição*) Soccorro! Soccorro! Oh! meu Deos! (*Gouveia e Polycarpo segurão-no e conduzem-no quasi de rasto. Camillo resiste*).

Duque:—(*A Polycarpo*) A vós pertence a execução!

Camillo:—(*Aos que o levão á força*) Não me matem! Soccorro! Soccorro! Quem me acode! Quem me aco.. (*Alguns amarrão-lhe um lenço na bocca e elle não pode mais gritar e assim o levão para dentro e voltão depois*)

Malagrida:—Foi este mesmo homem que á tempos me procurou no Castello de Cintra! É um dos espiões de Sebastião José de Carvalho. Mas deixemos semelhantes recordações. (*Sahe só Gouveia e ficando Polycarpo e Romeiro*) Então, está consumada a obra da nossa segurança?

Gouveia:—Braz José Romeiro, João Manoel e Polycarpo condusirão-no para as ruinas do palacio do Commendador Souto Maior, aonde deve ser cumprida a sentença. João Manoel, offereceu-se elle só a executal-a.

Malagrida:—Muito bem; confio na sua coragem e intrepidez. El-Rei sahirá amanhã de Lisboa. Perto das onze horas da noite tem de passar na estrada de Belem. Entre os arruinados edificios que lá existem

devemo-nos occultar, e d'ahi descarregar os tiros sobre a sege que o condusir.

Duque:—Cuidado em dirigir boas pontarias! Amanhã El-Rei D. José não deve ser mais que um Cadaver!

Leonor:—Amanhã será o dia da nossa gloriosa empresa!..

Malagrida:—E de um assignalado triumpho para a causa de Deos!

Marquez:—O meu espirito exalta-se quando encara o momento da nossa felicidade!

Duque:—Amanhã findaráõ as injurias que temos recebido!

Leonor:—Seremos os briosos regeneradores dos privilegios legados por nossos avoengos, e o tyranno oppressor desta nobresa respeitavel tremerá do nosso poder.

Malagrida:— Sim eggregios deffensores de Fé! Quando romper a aurora do dia 3 de Setembro, a nossa escravidão terá cessado de existir!

Thereza muito fatigada embrulhada em uma capa entra na Scena extenuada de forças, cheia de fadiga, cahindo sentada em um pedaço de capitel.

Thereza:—Suspendei! Suspendei!...

Todos:—(*Com muito espanto*) Uma voz!

—

SCENA XVII.

Os mesmos *menos* ***João Manoel*** *e depois* ***Thereza de Tavora*** *que sai da direita.*

Thereza traz os cabellos soltos. Lança de si a capa sobre as pedras antes de sentar-se, e assim se conserva por um momento. Levanta-se depois, dando alguns passos para a Scena, dizendo

Thereza:—Detende os passos!

Todos:—(*Reconhecem Thereza. Grande admiração de todos que fallão em voz baixa uns com outros*) Thereza!..

Marquez:—Neste lugar!....

Atouguia:—Ah! Que arrojo!...

Duque:—Que temeraria!....

José Maria:—Desafiar a nossa vingança!....

Luiz:—Indigna mulher!

Thereza:—(*Levantando-se com fadiga*) Quereis tentar contra a vida do vosso rei?..

Leonor:—(*Com arremesso*) Ainda ousaes condessa!...

Thereza:—Que mão do inferno vos condusio a tão nefando crime! Temei as iras do Conde Ministro, que ao menor indicio do vosso horrivel attentado mandará levantar o patibulo e suppliciar os desgraçados de quem suspeitar traição! Ah! em nome do Céo,—em nome de tudo quanto ha de mais sagrado, e santo, peço-vos de abandonar tão medonho intento!

Marquez:—(*Com despreso*) Retira-te!—Saí d'entre nós!..

Todos:—(*Com ameaço*) Deffensora do Rei!....

Thereza:—(*Muito afflicta*) Meu Deos!.....

Duque:—Deixai-nos!—Sahi deste lugar!...

Todos:—Sahi!—Sahí...

Thereza:—(*Muito afflicta*) Ah!.....Como sois injustos com uma triste mulher que vem arrancar-vos do precipicio!...

Leonor:—Condessa, não queiras embargar os passos que a vontade de Deus nos permitte dar!

Marquez:—Não te atrevas a impedir o acto que a justiça eterna manda executar contra um criminoso!

Thereza:—Como sois ingratos!... Em quanto vós no coito destas ruinas de envolta com as sombras da noite combinaes em dar a morte a um homem que sómente é para vós criminoso por cingir na fronte um diadema de Rei; eu prostada a esse mesmo homem, procuro minorar vossos soffrimentos mudando a face ao

castigo que vos aguarda!...Sabedora do vosso designio,—á pé,—quasi discalça, atravessei com disfarce as ruas desta grande capital, cheia de fadiga,—afflicta, consternada, e vim aqui para impedir que desseis mais um passo no vosso fatal projecto!... E que reeebo em paga de tanto sacrificio, Oh! meu Deus!...Ameaças, insultos!...Oh! minha mãi!... sou bem desgraçada! (*Chora*).

LEONOR:—Que pretendes de nós Thereza?

THEREZA:— Cauzar-vos a mais alegre surpreza!

LEONOR:—De que forma?

THEREZA:—(*Tirando do seio um papel*! Aqui tendes o vosso perdão!

LEONOR:—
DUQUE:— } (*Com arrebatamento*) Será possivel!....
MALAGRIDA:—

THEREZA:—(*Com triumpho mostrando-o e dando o Decreto*) A familia dos Tavoras já mais será degradada do Reino!—Partirá para a sua herdade do Alentejo, e o Duque de Aveiro para a sua quinta de azeitão!

TODOS:—(*Com muito Jubilo*) Perdoados!...

MALAGRIDA:—(*Com um furor indomavel*) É um trama infernal de que hides ser victima!

MARQUEZ:—Como é isso possivel?

MALAGRIDA:—(*Da mesma forma*) É um laço vil, e traiçoeiro do Conde de Oeiras para melhor exercer sua vingança!

THEREZA:—(*Com espanto*) Ah! Que dizeis Padre Malagrida!

MALAGRIDA:—Agora que o destino vai conduzir-vos a consumar um grande acto de justiça,—agora que o vosso poder, o vosso nome,—o grande prestigio que vos acompanha, faz tremer o tyramno que tanto vos tem insultado e opprimido e agora que vos offerece o indulto! Pensaes que uma semelhante acção seja o effeito sublime da docilidade de seu coração, e que a

retirada para as vossas herdades do Alemtejo é um feito grandiozo da sua clemencia?—Não, nobres Tavoras! Semelhante proceder do Rei involve um mysterio transcendente de que mais tarde tereis de sentir os effeitos! A morte de D. José está decretada pelos planos occultos de uma sociedade poderosa e rica, e se este grande acto de justiça for executado por ella, vós perdereis a fama desse grande heroismo que tanto vos exalta, lançando vosso nome e o da vossa familia, na mais vergonhosa fraqueza!

Leonor:—(*Com enthusiasmo*) Jámais!.....

Thereza:—Pensai bem, minha mai! Eis o decreto d'El-Rei com a sua assignatura. Dentro em quarenta e oito horas elle será publicado.

Duque:—Desprezamos essas graças de que não necessitamos.

Marquez:—Amanhã o nome de D. José ficará gravado em um tumulo!

Malagrida:—(*Com jubilo*) Vêde como os sentimentos de brio transluzem n'aquellas palavras de um verdadeiro Portuguez! O indulto que vos offerece El-Rei é uma traição premeditada!..... O seu Ministro em breve procurará um novo pretexto para vos arrojar ao carcere! Quereis entregues ao ocio, continuar a receber affrontas, permanecendo humildes e quêdos, sem executar esse acto de vingança reclamado pelo vosso brio e pela vossa honra?

Todos:—(*Com enthusiasmo*) Não! não!...

Thereza:—(*Com viveza*) Ponderai!.....

Malagrida:—(*Com enthusiasmo*) Segui apoz esse reflexo de liberdade que vos offerece o inimigo commum para depois estenderdes os pulsos ás suas algemas! Retrocedei do passo glorioso que ieis dar, e continuai a soffrer o despotismo de um tredo Ministro!

Todos:—(*Com enthusiasmo*) Não! nunca!

THEREZA:—(*Com força*) Vêde que vos perdeis....

DUQUE:—(*Com um grito de arremesso*) Calai-vos!

THEREZA:—(*Com muita dor*) Ah! Senhor! Isto é uma traição infame!

MARQUEZ:—Condessa, ousas na minha presença advogar em favor de um homem que todo o seu sangue é pouco para fartar nosso odio?

THEREZA:—(*Ajoelhando*) Ah! meu Pai! Tende piedade d'elle! Tende piedade de vós!

DUQUE:—(*Levantando-a com arremesso*) Filha indigna de tão nobre Pai!

THEREZA:—(*Cheia de lagrimas*) Vós insultais-me?.... A mim, que só peço a Deos por vós!.... Esqueceis que ja El-Rei vos perdoou, e que se agora estaes livres....

MALAGRIDA:—Condessa! O louvor desse homem na vossa bocca é um remorso que vos fere o coração!....

THEREZA:—(*Com coragem*) Esse homem é vosso Rei!....

DUQUE:—É um tyranno!....

THEREZA:—A sua pessoa é inviolavel e sagrada!

GOUVEIA:—Senhora, não disculpeis o perseguidor da vossa familia!

THEREZA:—(*Reconhecendo Gouveia*) Ah! Vós tambem aqui.. senhor Camarista?!

GOUVEIA:—O bem geral da nação,—a segurança da vossa familia a tanto me obriga.

THEREZA:—(*Com dispreso*) Oh! Sois um traidor!....

GOUVEIA:—(*Com espanto*) Senhora!....

THEREZA:—(*Com maior força*) Sois um traidor!...

DUQUE:—Respeitai aquelles que estão em gráo superior ao vosso, e não os ultrajeis com palavras que desafião um desaggravo!

THEREZA:—(*Com desespero*) Matai-me!—matai-me agora mesmo, porque ao sahir daqui hirei denunciar-vos!

TODOS:—(*Com espanto*) Denunciar-nos!....

Leonor:—(*Com arremesso*) Filha indigna!....

Marquez:—(*Da mesma forma*) Temeraria!....

Thereza:—(*Sahindo do seo estado de abatimento disfeita em pranto*) Perdão!... Perdão!... (*Ajoelhando-se*)

Leonor:—Sai da minha presença antes que te amaldiçoe!..

Thereza:—(*Na maior afflição*) Estou louca!... Perdi as ideias!... Nada receeis de mim!.... Ah! Tende compaixão de vós!... Salvai os dias do vosso rei!.. salvai com elle a vossa filha!

Malagrida:—(*Levantando Thereza*) Basta! (*Tira de novo o crucifixo que tem preso no peito levantando-o na mão direita*) Eis aqui o Deos que devemos vingar! Quereis demorar por mais tempo o acto glorioso da salvação da Patria?

Todos:—Não! (*Ouve-se de espaço em espaço trovões e relampagos, que durão até o fim do acto e vão gradualmente crescendo*)

Malagrida:—Armai-vos de coragem, oh! meus filhos! e jurai por este senhor vingar vossas affrontas!

Marquez:—(*Estendendo a mão direita ao Crucifixo*) Morte ao Rei que se apoderou das nossas riquezas e que folga no tormento de suas victimas!

Malagrida:—A providencia ande sempre em vosso auxilio.

Duque:—(*faz o mesmo*) Morte ao Rei que avilta a antiga nobreza uzurpando-lhe os privilegios herdados de seus maiores!

Malagrida:—Deos escute tuas palavras!

Gouveia:—(O *mesmo*) Morte ao Rei,—e morte a áquelle que mais que o Rei, opprime, e flagella, um povo amado de Deos para saciar seu odio!

Malagrida:—Bem ditas sejão vossas palavras!

Leonor:—(*O mesmo*) Morte ao Rei que tem a seu lado um Ministro cruel para flagello de seu povo!

Malagrida:—Amanhã resolutos, affrontando os perigos e

a morte, pelas onze horas da noite em Belem vos espero reunidos !....

TODOS:—(*Com coragem*) Amanhã !

MALAGRIDA:—Nenhum pensamento estranho contrariará tão importante resolução !

TODOS:—Nenhum !

MALAGRIDA:—(*Com força*) Morte ao tyranno de Portugal !

TODOS:—Morte !.....

THEREZA:—Ah !..... (*Grito de horror e espanto ! cahindo subitamente em uma profunda prostração. Todos os da Scena retirão-se rapidamente por differentes lugares. Thereza como acordada de um lethargo dá alguns passos dizendo,* Suspendei ! Suspendei ! *Correndo apóz os conjurados ; elles entrão, e ella volta muito afflicta para a Scena desfeita em lagrimas e diz*) Acabou-se a esperança !..... Não ha mais soccorro para elle !....

(*É suffocada pelo pranto, diz depois de um minuto de lagrimas* Que homens tão crueis !.... (*Depois de um momento limpa as lagrimas: toma o meio do theatro e com um fervor religioso ergue os olhos e as mãos ao Ceo, dizendo*) Meu Deos ! Valei-lhe !..... Tende compaixão de minha familia.

Fim do quarto Quadro e 2.º Acto.

ACTO III.

QUINTO QUADRO.

OS TIROS EM EL-REI.

DOIS DE SETEMBRO DE 1758.

Uma ante-camara no Palacio do Marquez de Tavora. Porta no fundo. A direita uma outra que communica com a escada do Jardim e logo acima uma janella. A esquerda porta que communica com o interior do Palacio, e acima outra janella que deita para um pateo. Meza e espelho. Cadeiras de braços em diversos lugares. A porta do fundo está fechada. São 10 horas da noite!

Ao levantar o panno ouvem-se dar dez horas em uma pendula que existirá nos aposentos interiores. Apenas terminão sente-se estalar a mola de uma fechadura e abrir-se mansamente a porta da direita. Camillo com novo disfarce deita com precaução a cabeça, observando: entra com passos lentos ás apalpadellas. Chegando ao meio da Scena abre a luz a uma lanterna de furtafogo observando mansamente a Scena.

—

SCENA I.

Camillo *só*

Camillo:—Está tudo em silencio! Não ha duvida, que Ignez não me enganou na carta que me escreveu... Quanto vale uma namorada! Mal pensa ella que está prestando um grande serviço ao Rei e ao Conde de Oeiras. Infames! Julgão-me morto!.... Mas eu

soube livrar-me do assassino. Acudirão a tempo os amigos que me acompanhavão, e os meus gritos de soccorro produzirão seu effeito! O malvado que erguia sobre mim o punhal para desfechar o golpe, foi seguro instantaneamente, e acha-se recolhido em um dos segredos no Palacio do Conde na rua formoza (*Vai novamente observar a Scena*) Está tudo em ordem. A minha querida não suspeita por certo que me acho agora aqui! A chave que esta manhã me enviou com a carta de convite para uma entervista de muito me servio! Vamos dizer alguma coiza aos amigos. (*Vai a janella do jardim faz um signal e falla para fora em voz baixa*) Não à novidade. Empurrai a grade do pateo, entrai no jardim (*Depois de um momento*) Bravo!.... Muito bem! *Voltando para a Scena)* Parece que a providencia me auxilia nesta empreza! É certamente nesta antecamara que os inimigos d'El-Rei, e do Conde, se reunem para o plano da conjuração! Loucos! Não meditão que o Ministro não perde occasião de vigia-los! Voltemos para o nosso posto a observar o que se passa. (*Sai pela mesma porta que fecha sobre si ouvindo-se estalar a mola da fechadura. Antes de sahir ouvem-se dois assobios prolongados. Camillo pára estando ja ao pé da porta para sahir, dizendo)* Eis o signal do Conde Ministro! Aquelles assobios são de João Perestrello I. Partamos. (*Vai-se*)

—

SCENA II.

Ignez *e depois* ***Camillo.***

Logo que sai Camillo abre-se a porta da esquerda e entra Ignez com um Castiçal com vela acesa já gasta, tornando afe-

char a porta. Colloca o castiçal sobre a meza do espelho e vai observar na janella da esquerda que deita para o patco do palacio.

Ignez:—A noite está muito escura ! No pateo não existe viva alma, tudo está em silencio ! O meu querido Camillo não se pode demorar muito A cartinha que esta manhã me enviou preveniu-me, que depois das dez horas viria dar-me uma serenata, e seria ella o signal evidente da sua chegada ! (*Ouvem-se alguns preludios em um violão*) Ah ! ei-lo certamente ! Como foi exacto ! .... Ora deixem-se de querer bem a um homem destes! .... O seu amor merece muita recompensa ! (*Corre a janella da esquerda e vai observar*)

Camillo:—(*Cantando com acompanhamento de violão*)

Entre as sombras do silencio,
Mitigando a minha dor,
Com saudades de meu bem,
Queixar-me venho de amor.

Ignez:—(*Com muita alegria*) É a sua voz ! (*Fallando para fora*) Bravo ! Muito bem ! Cada vez mais querido!

Camillo:—(*Continuando a cantar*)

Em teus braços recostado,
Gosando doce ternura,
Elevei ao Ceo minha alma,
Por me dar tanta ventura !

Ignez:—(*Fallando para fóra*) Subi, subi, que estou só. Empurrai a porta que está cerrada. (*Volta para a Scena*) A occasião permitte-me gozar alguns momentos da sua companhia. Na verdade sou muito feliz ! Ser amada com tanta constancia e dedicação ! (*Camillo abre por fora a porta da direita entrando*

por ella. Ignez corre a elle com alegria) Ah! Seja bem vindo, senhor Camillo Fernandes! Gostei muito de o ouvir!

Camillo:—Muito agradecido, senhora Ignez!

Ignez:—O senhor é muito amavel!....

Camillo:—Quero dar-lhe provas do grande amor que lhe consagro!

Ignez:—Ah! Senhor Camillo! eu de sobejo o tenho reconhecido!

Camillo:—A proposito. Podemos estar aqui com segurança?

Ignez:—Certamente.

Camillo:—Ou virá alguem interromper este nosso coloquio amatorio?

Ignez:—Esteja tranquillo. A senhora Marqueza e mais familia, forão para casa do seu parente, o senhor Duque de Aveiro assistir a um saráo que elle dá para festejar os seus annos....

Camillo:—E a que horas julga que voltarão?

Ignez:—Creio que de madrugada. O senhor Camillo bem sabe que os saráos dos fidalgos são explendidos!... e de mais a distancia!.... Do Bairro d'Alfama até Belem é alguma longitude!

Camillo:—Certamente. D'essa forma podemos estar tranquillos e dar muita espansão ao nosso amor!.... (*Com um requebro*)

Ignez:—(*Com um surrizo*) O senhor é muito feiticeiro! Mas diga-me; que tenções são as suas?

Camillo:—(*Com gaiatisse*) Eu cá já se sabe; unir o masculino com o feminino, e faser uma conjugação de verbos!

Ignez:—Como é isso?!....

Camillo:—Quero dizer.... conjugar.... se tu queres.... se eu quero....

Ignez:—Então o que quer o senhor?....

Camillo:— Ora, o que hei de querer!.... A senhora Ignez bem me pode entender....

Ignez:—Cazar não é verdade?....

Camillo:—De sorte que....

Ignez:—O senhor falla-me por uma forma que o não comprehendo!

Camillo:—É porque a senhora Ignez não me quer entender; eu fallo tão claro!....

Ignez:—Pois explique-se.

Camillo:—Então de que forma quer que me explique?

Ignez:—(*Com desembaraço*) O senhor quer, ou não quer casar commigo?

Camillo:—(*Com embaraço*) Eu... A fallar a verdade a senhora não é muito dezarranjada de figura....

Ignez:—Sou engeitada da Santa Casa, e tenho cem mil reis de dote!

Camillo:—Bom! Quanto a isso não vou mal!... E que mais?

Ignez:—Tenho um segredo que não posso dizer-lhe se não depois de nos casarmos...

Camillo:—Nada, nada; segredos depois do casamento não me servem; eu quero sabel-os antes.

Ignez:—O Snr. Camillo é muito exigente!

Camillo:—Vamos ao segredo. Então o que é?...

Ignez:—É... é... aqui, para nós, guarde silencio no que lhe vou revelar!....

Camillo:—Sim, guardarei silencio, mas acabe com isso!

Ignez:—Olhe, eu sou filha....

Camillo:—De sua mãi, bem sei!...

Ignez:—Attenda..... Eu sou filha natural do senhor Marquez!....

Camillo:—Do Marquez de Tavora!....

Ignez:—Psiu! psiu! Falle mais baixo!....

Camillo:—Pois deveras a senhora Ignez tem sangue nobre!.... Mas quem lhe disse isso?...

IGNEZ:—Uma velha rendeira da Herdade do fidalgo, que foi quem me deitou na roda dos engeitados. E sabe quem era minha mãi?

CAMILLO:—Provavelmente alguma pessôa nobre, porque semelhantes faltas não se commetem com uma mulher do povo.

IGNEZ:—Pois está enganado, senhor Camillo; minha mãi era uma mulher do povo.

CAMILLO:—Deveras!?

IGNEZ:—Era filha da mesma velha que me levou para a roda dos engeitados. Depois de 17 annos, quando a minha pobre mãi havia fallecido, foi ella que por ordem do Marquez me foi tambem lá buscar, trasendo-me para este palacio na qualidade de criada de honra da senhora Marqueza....

CAMILLO:—E como soube a senhora Ignez de tudo isso?

IGNEZ:—A trez annos, quando os fidalgos forão passar o verão na sua quinta do Alemtejo, a velha rendeira de que acabei de fallar-lhe estava muito doente,—em perigo de vida. Mandou-me chamar com grande empenho para um negocio que me dizia respeito; fui promptamente. Foi então que ella me narrou todo o occorrido, abraçando-me e beijando-me, como sua neta, porque minha mãi era sua filha!..... (*Ouvem-se tiros ao longe. Os dois espantão-se*)

CAMILLO:—Ouvio?... Tiros a estas horas!... (*Dão onze horas em um relogio de torre de Igreja*)

IGNEZ:—Não ha duvida!.... (*Com temor*)

CAMILLO:—(*Com presentimento*) Semelhantes tiros!..... talvez!....

IGNEZ:—Quem sabe se serão ladrões que occultos nas ruinas dos edificios que o terremoto lançou por terra atacarão alguem?

Camillo:—É bastante perigozo andar a estas horas no bairo de Belem!

Ignez:—Tranquillize-se, não tenha receio.

Camillo:—É necessario que me retire, Snr.ª Ignez.

Ignez:—Pois já! Pode ficar neste palacio.

Camillo:—Não é possivel; isso pode compromettter-me.

Ignez:—O cosinheiro que me é affeiçoado, é pessoa muito capaz!.....

Camillo:—Tudo póde ser fallivel, e eu temo!.....

Ignez:—Elle o occultará no seu quarto até a madrugada, ás horas em que livremente possa sahir.

Camillo:—(*Sempre inquieto*) Que triste impressão me fizerão aquelles tiros!

Ignez:—Porque? Tem algum receio?

Camillo:—Sim!..... Desconfio que uns amigos que me acompanharão não fossem atacados pelos ladrões!

Ignez:—(*Com pena*) Malditos! Nem por verem os castigos que o Conde Ministro lhes deo por occasião do terremoto se emendão! Vinte forcas justiçarão em um só dia quarenta malfeitores!

Camillo:—(*Com resolução*) Snr.ª Ignez, não devo por mais tempo demorar-me.

Ignez:—(*Reparando*) Que tem, Snr. Camillo? Está tão afflicto!

Camillo:—É preciso que me retire. Adeos. (*Vai a sahir*)

Ignez:—(*Detendo-o*) Espere: vai expor-se a tanto perigo!

Camillo:—(*Sempre inquieto*) É necessario partir já.

Ignez:—Oh! isso é temeridade, Snr. Camillo!

Camillo:—Peço-lhe de não continuar a impedir-me! Tenho certos presentimentos que....

Ignez:—Commette uma imprudencia!...

Camillo:—Embora. Adeos, senhora Ignez!

Ignez:—Tenha muita cautella.

(*Vão ambos aproximar-se á porta da direita para sahir; Leonor de fora bate com força; elles recuão espantados*)

Leonor:—Ignez, depressa!....

As duas:—(*Grito abafado de susto*) Ah!...

Camillo:—E agora como poderei salvar-me!... (*Batem novamente na porta*)

Ignez:—(*Com resolução*) Por esta porta. Vinde (*Conduz Camillo para a porta da esquerda, o Marquez bate de fora, elles espantão-se da mesma forma*)

Marquez:—Leonor! Abri! abri!...

Camillo:—(*Com espanto*) Que será isto!...

Leonor:—(*Batendo com mais precipitação*) Abri! abri!....

Ignez:—(*Muito perturbada*) Ceos!... Que farei!

Leonor:—(*Da mesma forma*) Sou a Marqueza, Abri depressa!

Camillo:—(*Inquieto*) Tomai uma resolução senhora Ignez, occultai-me.

Marquez:—Abri sem demora!

Ignez:—(*Com resolução*) Entre naquella camara até que o possa salvar! (*Corre com Camillo; abre a porta do fundo para o entroduzir e torna a fechal-a. Neste momento ouve-se bater ao mesmo tempo nas duas portas e Ignez responde*) Ahi vou. (*Vai abrir a porta da direita e entra a Marqueza*)

SCENA III.

Leonor, Ignez, e o Marquez.

Leonor entra embuçada em sua capa com chapéo de abas largas e mascara preta no rosto. Ignez espanta-se de a ver assim.

IGNEZ:—(*Comsigo reparando na Marqueza*) Que vejo! A Senhora Marqueza assim disfarçada!

LEONOR:—(*A Ignez*) Retira-te! (*Arranca a mascara e o chapéo*)

IGNEZ:—(*A parte, ao retirar-se*) Que quer isto dizer! (*Vai abrir a porta da esquerda e entra o Marquez sem disfarce*)

LEONOR:—(*Desembuçando-se, abrindo a porta do fundo atirando para dentro com um bacamarte, dizendo cheia de odio*) Vai-te instrumento de morte que só serviste para illudir minha esperança! (*Desce para a scena, e vendo o Marquez, que assentou-se triste, dirige-se a elle dizendo*) Coragem, Marquez!

MARQUEZ:—Coragem, dizeis vós? (*Torna a ficar triste*)

LEONOR:—É myster não succumbir! é myster ter animo!

MARQUEZ:—Como é possivel haver animo em um momento tão fatal como este!

LEONOR:—O terror de que vos achais possuido pode denunciar-vos!

MARQUEZ:—(*Levanta-se tremulo de horror, pega na mão de Leonor e diz com esforço*) Leonor de Tavora!.. este terror é o funesto presagio da nossa ruina! . . . e talvez da nossa morte! . .

LEONOR:—Coragem, Marquez!... Reanime-se!...

MARQUEZ:—(*Da mesma forma*) Eis a triste consequencia que presagiava meu coração no momento de darmos os tiros no Rei!... consequencia terrivel que nos levará ao supplicio do cadafalso!

Leonor:—(*Com coragem*) E quem ousará denunciar-nos!? —A nós, que cautelosos nos occultamos nas ruinas para não sermos descubertos! Pensaes que alguns dos nossos partilhando igual sorte terá o arrojo de declarar este attentado? Deu-se o ultimo passo na conjuração!... A fortuna protegeo o nosso inimigo!—Agora só nos resta um unico recurso a que não podemos faltar!...

Marquez:—Qual é!

Leonor:—É a nossa partida para a India! Deixaremos para sempre este palacio.... nobre alcáçar de nossos antepassados! levaremos para o exilio a lembrança dos grandes dias de felicidade, que por muitas vezes n'elle disfructamos!

Marquez:—O Ceo, nem sempre estende seu braço protector em favor dos infelizes! Leonor! nós aggravamos um odio quaze extincto, que nos deixava respirar livres! Agora Sebastião José de Carvalho completará o seu ultimo desejo sobre a familia dos Tavoras!.... e a poderosa mão deste Ministro talvez neste momento esteja assignando a ordem para a nossa prisão!

Leonor:—E de que valerá essa prisão? que aproveitará ao Ministro em mandar recolher no carcere a todos os nossos amigos e parentes, se não tem a menor prova para nos condemnar como regecidas?

Marquez:—Ellas podem apparecer!....

Leonor:—(*Com coragem*) Já mais!....

Marquez:—O Conde é vigilante e activo!

Leonor:—Embora,—ellas nunca apparecerão. Os tiros contra o Rei lançarão no seu estampido o nome daquelles, de cujas mãos elles sahirão? As ruinas aonde nos occultamos para essa empreza, poderão fornecer á justiça, o conhecimento exacto dos individuos que nellas se acoitarão? O nosso disfarce poem-nos a salvo de toda e qualquer indagação: o lugar que

procuramos, a escuridão da noite, tudo concorre em nosso favor!

MARQUEZ:—Marqueza de Tavora, quando a imaginação levada por ardentes desejos emprehende quaesquer difficuldades, por mais razões que se antolhem, ella não encara os males que podem resultar. O orgulho das paixões abre todos os caminhos, embora cheios de precipicios, para lisongear os desejos que alimentamos, e a luz da razão que alumia a todos para os affastar dos perigos, é apagada pela ambição que se ergue cega no conhecimento dos males. O homem alucinado perde-se, e precipita-se n'um chaos medonho de crimes, e horrores!

—

SCENA IV.

Os mesmos e o Duque d'Aveiro.

DUQUE:—(*Entra da esquerda sem disfarce*) Estamos desenganados! Agora só nos resta o degredo.

LEONOR:—Sim! —O degredo! ... porque o valor dos portuguezes está redusido a mais vergonhosa indolencia!

DUQUE:—Mas.... que poderemos faser?

LEONOR:—Um ultimo esforço.

DUQUE:—Qual é elle!

LEONOR:—O que ainda não conseguimos.

DUQUE:—Tentar de novo contra a vida do Rei?

LEONOR:—Sim! Tentar contra elle! tentar contra seu Ministro!

MARQUEZ:—(*Com espanto*) Que dizeis Leonor!....

LEONOR:—É ainda mister, coragem e resolução!

DUQUE:—Perdido o primeiro lance, é inutil emprehender segundo.

Marquez:—Não vos recordaes do revez por que acabamos de passar? Continuar no intento que haviamos concebido, é arriscar nossas vidas.

Leonor:—Como sois fraco!... Nobreza sem brio que se deixa humilhar por um plebeo que pretende collocar-se sobre os brasões quebrados de nossos maiores para elevar-se nelles!.... Onde está a memoria de vossos antepassados, distinctos athletas, que no campo de Ourique proclamarão o primeiro Rei deste Reino? Onde está essa espada nobre e brilhante, de sublimes feitos, tantas vezes empunhada por D. Manoel de Mascarenhas?—Essa espada que se ergueo em punho erigindo o throno á Monarchia Lusa sobre as ruinas dos sarracenos!

Duque:—Tudo ainda impera em nossos peitos, Marqueza de Tavora! O amor da patria!—esse fogo sagrado e santo! que arde no coração de todos os Portuguezes, já mais se apagará no espirito de um só descendente do nobre, e invicto D. Manoel de Mascarenhas!—Mas como seguir em um delirio tão cego a nova empreza sem medital-a primeiro, sem antever os males?..... é arriscarmo-nos a muito!

Marquez—O retrocesso da sege, e a coragem do Bolieiro que a guiava, salvou o rei da morte!

Leonor:—Foi antes a nossa fraqueza que lhe valeo.

Duque:—Partiremos para o desterro cheios de resignação!

SCENA V.

Os mesmos e um Official.

O official entra da porta da direita, sem ter sido visto pelos da Scena. Ouve as ultimas palavras do Duque. Alguem da Scena tem apagado a luz, é dia claro.

OFFICIAL:—Não partireis, senhores!

TODOS:—Ah! (*Voltão-se e reconhecem o official. Patenteião grande horror e espanto*)

OFFICIAL:—Os Juizes do Tribunal da inconfidencia vos esperão para tomar-vos conta das vossas acções!

DUQUE:—A nós!...

OFFICIAL:—A vós, Snr. Duque, e a todos os mais que aqui se achão, que estão presos por ordem de El-Rei!

TODOS:—Presos!!... (*alguns ficão aterrados*)

OFFICIAL:—O vosso crime está patente. No terreiro do paço existe aos olhos do publico a sege que condusia El-Rei com os signaes dos tiros que sobre ella lançastes!

DUQUE:—É uma arguição infame contra nós!....

MARQUEZ:—É uma calumnia!....

LEONOR:—É uma horrenda falsidade propalada contra a familia dos Tavoras!

OFFICIAL:—É uma verdade, senhores, de que vos apresentarei as provas se necessario for!

DUQUE:—Provas?....

TODOS:—Vós!....

OFFICIAL:—(*Tomando de uma cadeira a capa de Leonor*) Senhora de Tavora! não será esta capa a mesma com que procurastes disfarçar-vos nas ruinas, no momento em que pretendieis assassinar El-Rei!

LEONOR:—(*Aparte e muito aterrada*) Ah! Estou perdida!..

OFFICIAL:—Dentro daquella camara existe o bacamarte

que disparastes contra a precioza vida de sua Magestade!

MARQUEZ:—(*Muito aterrado*) Ah! que terrivel momento!

OFFICIAL:—Duvidareis ainda, senhores, que sei de todos os vossos passos?

DUQUE:—Snr. Official, afirmo-lhe que está illudido. Tudo quanto acabou de relatar não é mais que uma infame calumnia! (*Abre-se rapidamente a porta do fundo e apparece Camillo com voz arrogante dizendo*)

CAMILLO:—É uma verdade!....

—

SCENA VI.

Os mesmos e Camillo.

A's palavras de Camillo voltão-se todos com surpreza mostrando grande espanto e admiração.

TODOS:—Que vejo!....

DUQUE:—(*A parte ao Marquez*) Este homem ainda vive!

CAMILLO:—(*Descendo para a Scena*) É tudo uma verdade! —Juro-o pela minha honra!

DUQUE:—(*Com furor*! Miseravel!...

LEONOR:—(*O mesmo*) Impostor!....

MARQUEZ:—(*O mesmo*) Falsario!....

OFFICIAL:—(*Com arrogancia*) Silencio, senhores!....

CAMILLO:—(*Com escarneo*) Insultai-me!... injuriai-me como vos approuver!... eu tudo despreso. Aqui tendes o homem que mandastes assassinar quando n'aquella noite vos encontrou nas ruinas da Igreja da Boa-Hora em Belem.—Sou um ressuscitado! (*Dando alguns passos para a Marqueza de Tavora*) Senhora Marqueza de Tavora, eu vos ouvi bater n'aquella porta, ao mesmo tempo que o vosso esposo batia n'aquel-

la outra! Não negareis que entrastes nesta ante-camara assustada, e embuçada na'aquella capa, e que lançastes depois para dentro d'aquelle quarto este bacamarte, dizendo ao arremessa-lo:—Vai-te instrumento de morte que só serviste para illudir minha esperança!

LEONOR:—(*A parte*) Ah! que fatalidade!

CAMILLO:—Não negareis, senhora, que a vossa frase insinuante e cheia de artificio, chamava o Marquez a nova empreza, que elle recusava pelo máo resultado que havia tido nesta! Tudo isto, senhora de Tavora, forão acontecimentos que não ousareis negar sem offender a vossa consciencia!

LEONOR:—E quem vos declarou tantas falsidades, que vós, menospresando meu decoro, e nobreza, ousaes lançar-me em rosto?

CAMILLO:—Foi uma pessoa de vossa familia....

MARQUEZ:—(*Com espanto*) De minha familia! (*O Duque e a Marqueza trocão um olhar*)

DUQUE:—(*Com odio*) Vós mentis infamemente!....

CAMILLO:—(*Com resentimento*) Snr. Duque!....

DUQUE:—(*Da mesma forma*) Sois um aleivozo!—um impostor!

OFFICIAL:—Senhór!.... V. Ex.ª deve abster-se de insultar aquelles que o respeitão!

LEONOR:—(*Dirigindo-se a Camillo*) Retirai-vos do nosso palacio. A nobreza que realça a familia dos Tavoras não consente que um ousado plebêo tenha o arrojo de insultal-a em sua presença!

MARQUEZ:—Sahi neste mesmo instante! Amanhã irei pedir a El-Rei o desaggravo do insulto que acabaes de faser-nos!

DUQUE:—A avidéz do premio vil com que se custuma pagar ao denunciante, arrastou-te a ser tão temerario com uma familia da primeira nobreza de Portugal!

Official:—Apezar da vossa negativa, senhor, torno a dizer-vos, que estaes presos á ordem d'El-Rei! Tenho instrucções de condusir-vos d'aqui a prizão que vos está destinada.

Marquez:—(*Aparte*) Os acontecimentos complicão-se e a situação é assaz milindroza! (*Aproxima-se*) Snr. Official, affiança-lhe que estamos alheios do crime que nos imputão. Para que busca encommodar-nos se d'aqui a poucos dias a falta de provas nos dará a liberdade? Será bom que evite o nosso odio, e a nossa vingança! O Duque de Aveiro, e o Marquez de Tavora, são nobresas muito distinctas em Portugal, e quando pedem ao Rei o castigo do plebêo que teve a ousadia de insultal-os, ai deste miseravel!.... Tomai, (*Tira do bolço um saquinho com dinheiro*) recebei, generozo amigo!.... É uma offerta bem diminuta, mas a nossa amisade, e valimento, será um thesouro innexgotavel para vós!

Official:—(*Depois de ter recebido a bolça*) O ouro pode comprar uma conducta infame, e pervertida, mas nunca a do militar brioso que sabe honrar a nobre classe a que pertence! Quando se tracta da fedelidade que um soldado deve guardar para com o rei, e sua patria, todo o ouro do mundo é pouco para compral-a. (*Lança de si a bolça*).

Marquez:—Ah! Que ousadia!

Leonor:—Senhor!... — Um semelhante insulto não soffre a jerarchia dos Tavoras!

Official:—A jerarchia por mais elevada que seja desce ao ridiculo quando pratica acções infames, e criminosas! Estaes presos, senhores,—acompanhai-me!

SCENA VII.

Os mesmos, José Maria de Tavora, Luiz Bernardo de Tavora, Conde de Alonguia, Braz José Romeiro.

Sahem da porta da esquerda armados de floretes e Romeiro toma trez de um criado que o acompanha para dar aos trez parciaes dos Tavoras que estão em scena.

José Maria:—Primeiro completaremos nossa vingança neste infame delator! (*Segura Camillo*).

Luiz Bernardo:—Snr. Official, não é por esta forma que se insulta a primeira nobresa do reino!

Leonor:—Temos privilegios tão altos, que dentro dos hombraes do nosso solar só pode entrar a justiça quando o mesmo Rei a conduza!

Official:—A nobresa sem acções nobres, é um falso brilho que a cada momento se desvanece! — Ella não é o privilegio exclusivo desses emphaticos, que a possuem pelo acaso. A verdadeira nobresa consiste em praticar acções de virtude—ella é um dote da natureza que dá ao nosso ser essa estima,—esse respeito, de que nos fazemos dignos por nossos actos, e por nosso proceder. A estima publica é o mais bello perganinho para aquelle que respeita as leis da moral e da sociedade! (*Dá dois passos para o fundo*) Soldados, cumpri as minhas ordens (*Sahem do quarto do fundo soldados que cercão os conjurados. Movimento de surpresa e admiração dos mesmos*).

Todos:—(*Os conjurados*) Traição! ... traição!

Official:—(*Aos soldados*) Tomai todas as portas! Ninguem sahe desta antecamara!—Todos estão presos! .... porque todos estão criminosos!

Luiz Bernardo:— } Antes morrer!
José Maria:— }

Official:—(*Aos Conjurados*) Senhores, cumpri o que vos ordeno.

Todos:—(*Os conjurados em accão de luctar*) Não!—Nunca..

Leonor:—Antes morrer!

—

SCENA VIII.

Os mesmos e Manoel Antonio Alves.

Trazendo trez floretes que entrega ao Duque, Marquez e Leonor e fica tambem armado.

Manoel Antonio:—Tomai vossas armas, senhores! Deffendei-vos, por que tendes direito de o fazer! Estaes no vosso Palacio, e o Palacio dos Tavoras deve ser por um plebêo tão respeitado como o Palacio do Rei! (*Collocão-se todos os conjurados em posição hostil*)

Camillo:—Senhores! vêde que semelhante procedimento aggrava a vossa posição!

Official:—Obedecei a ordem d'El-Rei, e implorai a sua regia Clemencia!

Marqueza:—Um cavalleiro morre com honra, mas nunca se entrega com infamia!

Duque:—Um Duque de Aveiro é sempre mais que um Conde de Oeiras!

Leonor:—Passagem a nobre familia do Marquez de Tavora!

Todos:—Campo! dai campo! (*Querendo sahir*)

SCENA IX.

Os mesmos e o Ministro.

O Ministro tem entrado depois dos Soldados e colloca-se por traz delles embuçado em uma capa com o rosto cuberto, e com um chapéo de abas largas na cabeça. Observa o que se passa. Apenas os Tavoras fazem mensão de quererem sahir elle dá dois passos para a frente da Scena, embarga-lhes a sahida fallando-lhes com voz forte e arrogante. Os conjurados deteem-se com surpreza, encarando-o. Ninguem tem reconhecido que é o Ministro.

MINISTRO:—Suspendei-vos !
TODOS:—(*Grande espanto e surpresa*) Ah !
DUQUE:—Quem é que nos detem os passos ?.
MINISTRO:—(*Desembuçando-se*) O Conde de Oeiras ! .....
TODOS:—O Ministro ! ...

Espanto geral. O Ministro lança de si a capa e o chapéo, e apparece no caracter que representa. Leonor desmaia nos braços da pessoa que lhe ficar mais proxima. O Marquez nos braços de seus dois filhos, que abaixão o rosto. O Duque abraça-se com o Conde de Atouguia como acabrunhado. Os outros ficão aniquilados, tomando diversas atitudes. Silencio solemne ; o Ministro diz.

MINISTRO:—Cincoenta soldados de Cavallaria cercão este palacio para prenderem os regecidas ! (*Dando dois passos para a Marqueza*) Marqueza de Tavora ! é na prisão aonde ides ser condusida.—É aos Juizes do tribunal da inconfidencia, que me haveis de responder pelas vossas acções (*O Ministro retira-se pelo fundo e cai logo o panno*).

Fim do quinto Quadro.

SEXTO QUADRO.

O FALSO MENDIGO.

A mesma decoração do terceiro quadro no segundo acto.

SCENA X.

***El-Rei* e *Gouveia*.**

Ao levantar o panno El-Rei está sentado na poltrona junto a mesa, acabando de ler uma carta. Gouveia do lado opposto, mais para o fundo em pé.

El-Rei:— (*Acabando de ler a carta lançando-a sobre a mesa*) Estão descubertos os criminosos! Elles já confessarão seu crime. Quanto vela a providencia nos destinos de Portugal! Aproxime-se, Gouveia. (*Gouveia desce a scena*) Os regecidas declararão seu attentado. As inquirições, e os carceres privados, a isso os obrigon.

Gouveia:—Ah! Senhor, quantas lagrimas não terião derramado os fieis subditos de V. Magestade, se os assasinos houvessem completado seu damnado intento!...

El-Rei:—(*Com sigo mesmo pensando*! Esta Marqueza de Tavora, tão fanatica! e tão altiva!.... Desgraçada! que não soube calcular na profundidade do abysmo em que se deixou cahir!

Gouveia:—Um pobre velho que está na proxima sala supplica a graça de ser admitido a presença de V. Magestade!

El-Rei:—Que pretende esse velho?

Gouveia:—Diz que tem á fazer perante V. Magestade importantes revelações ácerca dos conjurados.

El-Rei:—Mande-o entrar.

Gouveia:—(*Sahe para a direita dizendo a parte*) Que terrivel momento!

El-Rei:—(*Pensativo*) Que virá relatar-me! Careço de provas para não errar na sentença que tenho de confirmar contra os regecidas.

—

SCENA XI.

El-Rei, Gouveia, Malagrida.

Malagrida veste miseraveis andrajos, no maior extremo. Figura uma fraqueza maior que a sua realidade. Conserva sempre o rosto voltado para o chão. O seu andar é arrastado e lento. Entra na scena conduzido pela mão de Gouveia que o apresenta ao Rei. D. José encara-o com mysterio sem manifestar a menor desconfiança.

Malagrida:—(*A Gouveia ao entrar*) Não vos esqueçaes de observar a chegada do Ministro, e tambem no que temos combinado nessa occasião.

Gouveia:—(*A Malagrida baixo*) Ficai tranquillo (*Alto, já perto do rei*) Eis aqui El-Rei....

Malagrida:—(*Levado de uma astuciosa fraquesa cai de joelhos aos pés do rei*) Meu Rei!....

El-Rei:—Levantai-vos bom velho. (*Da-lhe a mão para levantar-se. Gouveia emprega um grande esforço para isso. D. José faz signal a Gouveia de retirar-se*) Podeis fallar bom homem.

Malagrida:—(*Com muita humilhação*) Senhor, o desejo de ver punidos os criminosos que tentarão contra a

preciosa vida de V. Magestade, condusiu-me á sua real presença para apresentar um documento de grande prova contra elles.

El-Rei:—Aonde está esse documento?

Malagrida:—Ei-lo aqui, senhor. (*Entrega ao rei um pequeno retracto preso em uns fios de perolas. D. José reconhecco, faz um espanto, erguendo-se examinando-o*)

El-Rei:—(*Com sigo mesmo*) O meu retracto! ... (*Alto com arrogancia*) Quem te deu este retracto?

Malagrida:—Achei-o, real senhor!

El-Rei:—Achaste-o! .... Aonde o achaste?

Malagrida:—Nas ruinas da Igreja da Boa Hora em Belem.

El-Rei:—Em que dia!—Em que hora?—Que foste fazer a essas ruinas?

Malagrida:—Costumo algumas vezes ir ahi descançar.

El-Rei:—(*Pensando comsigo mesmo*) Será possivel!.... (*Alto a Malagrida*) Que interesse te moveo a trazer-me este retrato? Como concebeste, que eu presaria o seu achado?

Malagrida:—O nome que elle conserva no reverso fez-me crer, que pertence a uma pessoa da familia dos Taboras....

El-Rei—E que mais?

Malagrida:—Como estes nobres senhores se achão presos, e complicados no crime de regecidio, entendi ser justo, e conveniente, vir denunciar uma cumplice, que ainda em liberdade não partilha dos tormentos que os outros soffrem.

El-Rei:—(*Com odio*) Queres fazer-me acreditar, que D. Thereza de Tavora tomou parte n'este crime!

Malagrida:—A vóz publica acusa-a da mais audaciosa conspiradora!

El-Rei:—(*Com confiança*) Não é possivel...

Malagrida:—O encontro d'esse retracto na madrugada do

dia em que os regicidas tentarão contra a preciosa vida de V. Magestade, dá bem a conhecer, que a Condessa entrava de parceria n'esse acto criminoso!

El-Rei:—(*Com desespero*) Mentes!... és um aleivoso!

Malagrida:—(*Com humildade*) Paciencia senhor!...

El-Rei:—(*Com ira*) Mentes pela bocca do inferno!.. (*senta-se pensativo*) Thereza tentar contra meus dias! Será possivel, que aquella que eu julgo o meu Deus na terra seja tão cruel! O anjo da minha vida será por acaso algum demonio lançado do inferno para me atormentar!... (*Pausa. Levanta-se com arrebatamento*) Miseravel! teme, se a tua denuncia for uma falsidade para perde-la! Não sahirás deste palacio sem que primeiro se conheça a verdade da tua declaração!... e ai de ti, velho insensato! se ella não for a propria realidade!... (*Retira-se vivamente para a esquerda, levando o retracto. Apenas o Rei sahe Malagrida toma novo vigor, sahindo do seu abatimento*)

—

SCENA XII.

Malagrida, *só.*

Malagrida dá dois passos observando o rei e volta para a Scena.

Malagrida:—Não! Não tremerei, eu te asseguro! Que optimo effeito produzio o meu projecto! D. José está furioso contra a Condessa, e sem duvida a mandará encerrar no carcere como conspiradora! Sinto passos! (*Toma de novo a sua posição humilde e enfraquecida*)

SCENA XIII.

Malagrida e Thereza.

THEREZA:—(*Entra na Scena muito afflicta sem ver Malagrida*) Oh! Meu Deos! tremo de entrar aqui!

MALAGRIDA:—(*Com sobresalto reconhecendo a Condessa*) Thereza!..... Não importa..... Coragem!

THEREZA:—(*Limpando as lagrimas*) Aonde me conduzirá a desventura!.....

MALAGRIDA:—(*Com um som prophetico*) A morte!.....

THEREZA:—(*Cheia de surpreza volta-se*) Ah! um mendigo!.

MALAGRIDA:—(*Levantando a cabeça encarando-a*) Reconhecei-me Condessa de Tavora!

THEREZA:—(*Com um grito de espanto e horror*) Padre Malagrida!....

MALAGRIDA:—Silencio, senhora! Todos me julgão fora de Portugal, e se poderem descubrir que aqui existo soffrerei a terrivel vingança do Conde de Oeiras!

THEREZA:—E como vos achaes neste lugar?..... aqui?.... No paço real com um semelhante disfarce!

MALAGRIDA:—Calai-vos, Condessa; não pronuncieis o meu nome!

THEREZA:—Deos do Ceo! A que ponto chega a maldade dos homens!

MALAGRIDA:—Thereza de Tavora, estou aqui! e estarei em toda aparte que for myster—a minha prezença, para acudir a vossa mãi, e a vossa desgraçada familia!

THEREZA:—(*Limpando as lagrimas*) Oh! minha mãi!.... minha pobre familia!....

MALAGRIDA:—Senhora! é myster salval-a dos males que se lhe aproximão! A cruel e longa serie de calamidades que arruinão a vossa patria!... O martyrio que soffrem no carcere os vossos parentes, os fará por certo succumbir!..... E vós jovem, e bella Condessa,

nesta vida de incessantes angustias, nenhuma dor vos tem ferido o coração?!....

Thereza:—(*Chorando*) Ah! Tenho padecido muito!....

Malagrida:—Padecido?.... Vos?.... Algumas lagrimas de sensibilidade que vos tem humidecido o rosto. É isto padecimento apar dos que soffrem as victimas de D. José, carregadas de ferros em escuras abobadas, sem terem uma consolação em sua agonia! Chamaes padecimento, a perda de alguns dias de festim, em que a musica do saráos vos recreia o espirito, em comparação aos gemidos das victimas, que no meio de sua dor não tem uma filha que as vá consolar!.... Ah! senhora! Vós não sabeis calcular o quanto ellas padecem! Tudo até hoje vos tem sido propicio. N'essas louçanias onde vos tendes elevado, haveis conhecido tudo quanto ha de grande, e sublime na terra!... E fallaes de soffrimentos e martyrios?!

Thereza:—Ah! vós affligis-me bastante!

Malagrida:—(*Com stoicismo*) Mulher fascinada pelas alegrias mundanas!..... Onde estão os espinhos que vos tem ferido no caminho da penitencia? Onde está a corôa do martyrio,—a aureola scintillante de uma vida penitente? Onde estão os tormentos que haveis supportado nesta vida transitoria?...

Thereza:—Ah! quereis que pene ainda mais? São poucas as lagrimas que tenho derramado sobre esta existencia de desgostos.? As dores que em silencio tenho sido obrigada a soffrer!

Malagrida:—Thereza!—Uma vida glorioza vos está destinada!

Thereza:—(*Com avidez*) A mim!?...

Malagrida:—A vós!—Mas para alcançal-a é myster muita resignação!

Thereza:—Mais ainda da que tenho tido?

Malagrida:—Mais ainda!...

Thereza:—Então só me resta morrer!

Malagrida:—Não se ganha a bemaventurança descançando mansamente nos praseres mundanos, sem elevar a Deus o coração!

Thereza:—Oh!—Quanto lhe tenho supplicado!

Malagrida:—Tendes-vos sentado nos festins deste Palacio, no meio das galas da corte, applaudindo a harmonia dos seus festeijos;—cercada de homenagens por esses gentishomens que rendem adorações aos vossos encantos, disfructaes um surrizo d'El-Rei D. José, em quanto vossa mãi e vossos parentes, sobre a horrivel pressão do seu tyranno, padecem no centro de um carcere medonho, onde de espaço em espaço um ai, um gemido, rompe o silencio lugubre, e triste, que lá existe!

Thereza:—(*Na maior afflição*) Oh! Meu Deos!...

Malagrida:—Tereis animo de receber do homem que vos idolatra uma expressão de amor, no momento em que esse homem acabar de pôr a sua regia assignatura na sentença de morte de toda a vossa familia?

Thereza:—(*Muito aterrada*) Ah! Jamais!—Jamais!...

Malagrida:—Então é myster salval-a!

Thereza:—E por que meio?

Malagrida:—Por um assaz proveitozo!

Thereza:—Dizei, estou prompta.

Malagrida:—Tereis coragem para renunciar todas as alegrias que ate hoje tendes disfructado na Corte?

Thereza:—Tenho!

Malagrida:—Todas essas adorações que vos fascinão!—que vos illudem?

Thereza:—Todas. Renuncio para sempre essa vida de praseres em que me tenho engolfado! Quero um lugar na prizão aonde minha mãi soffre!—Um lugar tambem no patibulo onde ella morrer!...

Malagrida:—(*Com alegria*) Abençoada filha!...

Thereza:—Oh! nada recusarei.—Darei por ella a minha liberdade, a minha vida!—O meu sangue se necessario for!

Malagrida:—Uma só coiza exijo, e nada mais!

Thereza:—(*Com vehemencia*) Dizei depressa antes que alguem se aproxime.

Malagrida:—(*Com solemnidade*) Condessa de Tavora! estaes resolvida a não recuar diante de um juramento?

Thereza:—(*Com resolução*) Estou.

Malagrida:—Tereis animo para cumpri-lo?

Thereza:—Tenho animo!

Malagrida:—Vede que invoco para elle o testemunho de Deus!....

Thereza:—(*Vivamente*) Determinai-me.

Malagrida:—É myster que vos declareis cumplice do crime dos vossos parentes.

Thereza:—(*Com um sobresalto de horror*) Ah!... isso é horrivel!

Malagrida:—É o unico meio de os salvar!

Thereza:—(*Depois de um momento*) Oh! meu Deos!... Declarar-me culpada, quando a minha consciencia está tranquilla!

Malagrida:—Assim o exije a salvação de todos.

Thereza:—(*Com resolução*) Ah!—Não, padre! Isso é vil!—é infame!

Malagrida:—(*Com autoridade*) Vós promettestes fazel-o...

Thereza:—E do que servirá semelhante declaração se El-Rei não a acredita?

Malagrida:—(*Com um tom severo*) Elle a acredita!...

Thereza:—(*Com espanto*) El-Rei?!

Malagrida:—Estaes denunciada como conspiradora!

Thereza:—(*Vivamente*) E onde ha provas?...

Malagrida:—Ha uma evidente que existe em seu poder.

THEREZA:—E quem foi o vil que ousou calumniar-me?

MALAGRIDA:—(*Com força*) Eu!

THEREZA:—(*Com horror recuando*) Ah!... que sois um impio!

MALAGRIDA:—Fui eu quem lhe disse, que imfluieis e planeaveis horriveis attentados.... Para garantia das minhas palavras, entreguei-lhe o seu retracto que haveis perdido junto com o fio de perolas nas ruinas da Igreja da Bôa Hora, em a noite que lá nos encontrastes!

THEREZA:—(*Depois de um momento de desespero e confusão*) Homem cruel!... que assim criminas uma innocente!... (*Com resolução depois de encarar Malagrida*) Eu farei destruir essa accusação infame e mentiroza! Vou mostrar a El-Rei a verdade tão pura como a luz do sol! Direi o que se passou nas ruinas, embora esta declaração aggrave o crime de meus parentes!... Direi!.... (*Soffocada pela dor e pelo pranto não pode proseguir*) Padre Malagrida!.... Ah! sois bem cruel com uma fraca mulher!

MALAGRIDA:—Disponde-vos a soffrer os martyrios que o Céo vos destina!—Elles são necessarios á salvação de vossa alma!....

THEREZA:—(*Com odio*) Impostor!.... Eu vos desmentirei. Vou acusar vossa perfidia perante El-Rei, declarando-lhe que sois um indigno, o maior de todos os cumplices nos crimes contra elle perpetrados!.... Direi que fosteis vós quem sedusio e arrastou a minha triste familia a um abysmo de traições e attentados;—que sois o mais implacavel de seus inimigos!....—que sois finalmente, o Jesuita Gabriel Malagrida, disfarçado nos andrajos de um miseravel mendigo!... (*Ameaça querer partir*)

MALAGRIDA:—(*Perturbado detendo-a*) Que fazeis Condessa!.

THEREZA:—(*Com resolução*) Ninguem será capáz de impedir a minha nobre resolução!... (*Querendo seguir e elle a detem*)

MALAGRIDA:—(*Vivamente*) O inferno se armará contra vós para vos fazer soffrer as penas eternas!

THEREZA:—Já vos não acredito!—Essas palavras são filhas de uma maliciosa traição!—em vós não existe a vertude da religião de que sois Ministro!—Sois inspirado por Satanáz!... e a vossa alma á muito que pertence ao inferno.

MALAGRIDA:—(*Com resolução largando-lhe a mão*) Parti a denunciar-me. Dizei a El-Rei quem sou,—o que fizerão contra elle os vosso parentes! Apresentai-vos na praça da execução para nos verdes subir ao cadafalso—Recreai-vos nas dores e nos martyrios, que um supplicio atroz causará as victimas de D. José—Collocai-vos a seu lado, e com um riso selvagem lisongeai-lhe o acto cruel da sua tyrannia!

THEREZA:—(*Aterrada*) Ah!....

MALAGRIDA:—Filha ingrata!—Quereis deixar morrer vossa mãi!—vossos parentes!.... Se soubesseis a horrivel morte que se lhes prepara!....

THEREZA:—(*Com muita afflição*) Deos do ceo!....

MALAGRIDA:— A vista da multidão a quem um riso feroz dará coragem para encarar o horrivel espectaculo;— a vista desse mesmo povo que os cubrirá de ultrajes dando vivas a El-Rei D. José, passarão silenciosos, ao lado dos sacerdotes para o supplicio; o soberbo algoz, com demasiado escarneo os arrastará ao lugar aonde devem soffrer morte affrontosa!.... e vós, Condessa de Tavora, volvendo os olhos a El-Rei, contemplando-o com aspecto risonho, desprendereis em cada um dos gemidos das victimas do morticinio, um surrir de alegria, áquelle que se recreia no seu supplicio!...

THEREZA:—(*Muito horrorisada*) Basta! não continueis!

MALAGRIDA:—O Marquez de Tavora,—O ancião respeitavel onde repouza a herança de seus nobres antepassados será amarrado a um poste,—O carrasco lhe quebrará os ossos, dilacerando-lhe os membros fracturados pelo pezo de malho de ferro!...

THEREZA:—(*Muito horrorisada*) Ah!... Horror!—horror!....

MALAGRIDA:—Vossa mãi,—será ultrajada pela popolaça que a cubrirá de injurias!—O algoz lhe passará no pescoço um cutello!....

THEREZA:—(*Dando um grito de horror fica tremula*) Ah!.. Por Deos não continueis!....

MALAGRIDA:—Segurando pelos cabellos a cabeça decapitada da Marqueza de Tavora, mostrando-a ao povo, dirá em altos brados:—Está satisfeita a justiça d'El-Rei!

THEREZA:—(*Cada vez mais horrorisada, e tremula*) Ah!... suspendei por piedade!... (*Cai disfallecida e sem forças, de joelhos, aos pez de Malagrida*)

MALAGRIDA:—Então? Apra-vos este horror?....

THEREZA:—Basta! Farei quanto me ordenardes para salvar minha familia.

MALAGRIDA:—Jurai, de declarar-vos cumplice dos conjurados

THEREZA:—(*Com hesitação*) Jurar tão falsamente a Deos!

MALAGRIDA:—(*Com força*) Jurai!....

THEREZA:—Oh! isto é um atroz sacrificio!

MALAGRIDA:—Deos vos perdoará.

THEREZA:—E a minha consciencia?....

MALAGRIDA:—Preferis o supplicio de vossa mãi?....

THEREZA:—E pode ella ser salva, ainda que eu sómente morra?

MALAGRIDA:—Pode!—Ella o será. (*Thereza levanta-se*)

THEREZA:—Pois bem, eu o juro!—Juro que tambem tentei contra El-Rei (*Estas ultimas palavras são soffocadas pelo pranto*). Padre!.... sou bem desgraçada!....

MALAGRIDA:—(*Aparte*) Quero tentar ainda um outro lance.

(*Alto*) Assignai o vosso nome neste papel. (*Apresenta-lhe um papel em branco*)

THEREZA:—Para que?....

MALAGRIDA:—Para ser dirigida a El-Rei uma petição de graça em favor da vossa familia.

THEREZA:—(*Vivamente*) Eu assigno. (*Vai a meza assigna o nome no fim do papel em branco e o dá a Malagrida este guarda-o*) Aqui tendes. Permitta Deos que aproveite.

GOUVEIA:—(*Sahindo*) El-Rei!

THEREZA:—(*Como soccumbida*) Ah!.... coragem!

—

SCENA XIV.

***Os mesmos, D. José, Gouveia** e um Camarista.*

Os dois sahem primeiro dando entrada a El-Rei fallão-lhe em cima sem descer.

EL-REI:—(*Aos Camaristas*) Quero estar só.—Que se prohiba por em quanto a entrada de pessoa alguma nesta sala. Se chegar o Conde de Oeiras, que me espere no gabinete do despacho. Gouveia, vá acabar as cartas para Ganganelly, e para o Imperador d'Austria....

GOUVEIA:—E a resposta ao Rei de Hespanha que V. Magestade me ordenou de apromptar?

EL-REI:—Convém demoral-a. (*Gouveia e o outro Camarista, retirão-se. El-Rei desce para a Scena com um aspecto magistral. Repara em Thereza com desprezo indo sentar-se na poltrona ao pé da meza*) Que pretende a Condessa de Tavora?

THEREZA:—(*Dando um passo para El-Rei tremula*) Senhor!..

El-Rei:—Seja breve ou retire-se....

Thereza:—O vosso aspecto me impede de supplicar uma graça!....

El-Rei:—Supplicar-me uma graça? E julga a Condessa que ainda o pode fazer?—Ignora que terriveis suspeitas me fazem aborrecel-a!

Thereza:—Ah! Meu Rei!....

El-Rei:—Considere-me agora um soberano, que do alto do throno lhe pede contas de um indigno proceder!...

Thereza:—Eu sei, senhor!.... eu sei tudo que se tem passado mas....

El-Rei:—Sabe o que se tem passado, Condessa?.... Pois bem; considere-me um homem que a amou!... Um homem que ainda a ama!... e a quem ternas recordações lhe accalmão neste momento o furor! (*Thereza não pode conter as lagrimas. O Rei encara-a com ternura e pouco a pouco se enternece. Levanta-se indo a ella*) Thereza de Tavora, peço-lhe que me falle com verdade e singileza....

Thereza:—Senhor, sómente a verdade sahirá por meus labios!

El-Rei:—Acuzão-a de tentar contra a minha vida..... Tenho provas que o justificão!....

Thereza:—(*Muito afflicta dando um ai*) Ah!.... Meu Deos!....

El-Rei:—Aonde estava a Condessa em a noite que esses crueis inimigos se preparárão para me assassinar?—Nada me occulte!—Nenhuma sombra de engano venha dissipar esse resto de confiança que ainda emprego em seu favor;—nenhum passo de uma mulher a quem entreguei alma e coração, me seja desconhecido;—Nenhum mysterio,—nem o menor segredo, venha perturbar a felicidade que a seu lado desejo gozar!

Thereza:—Senhor!....

El-Rei:—Cobre animo, explique-se sem temor....

Thereza:—Meu Rei!....

El-Rei:—Hesita?...

Thereza:—O silencio é o primeiro dos deveres que me são impostos!

El-Rei:—Comprehendo assáz! Eu não exijo uma declaração que possa comprovar ainda mais o crime dos conjurados;—não a quero collocar na restricta obrigação de acusal-os com uma de suas confissões.—Nenhuma revelação exijo quanto a isso,.... é sómente a seu respeito que procuro esclarecimentos.

Thereza:—De mim!... Oh! meu Deos!... que heide fazer!

El-Rei:—Já lhe disse, que tenho provas de que sabia do trama que contra mim se preparava;—que assestio as reuniões dos conjurados; que os vio nos seus conventiculos planear a minha morte!....

Thereza:—(*Supplicante dando um passo para o Rei*) Senhor!....

El-Rei:—Não quero saber nada desses passos de seus parentes; procuro a verdade na sua declaração para justifical-a!

Thereza:—(*Faz um gesto de querer fallar e se detem*) Ah!... (*Com dezabafo*)

El-Rei:—(*Com severidade*) Nenhuma desculpa quero ouvir;—exijo sómente uma prova de que é innocente,—de que não buscava assassinar-me....

Thereza:—Ah! Deos sabe toda a verdade!....

El-Rei:—Affasto essa razão que me acompanha; esqueço-me de todas as dores que semelhante declaração me tem causado!... Mas Thereza, quero ouvir de sua boca que é innocente!

Thereza:—(*Com lagrimas*) O coração quer dizer a verdade....

El-Rei:—E por que o não faz? Que tem a temer, quando o seu defensor é o seu proprio Rei!

Thereza:—O silencio é o que me cumpre manter na vossa prezença!

El-Rei:—O silencio?! Sempre esse preceito terrivel que lhe foi imposto!.... Ah! se eu pensar que é elle a confirmação do quanto me delatarão a seu respeito!.... Se o odio me levar a decretar-lhe a prizão, e a morte!....

Thereza:—Tudo soffrerei resignada!

El-Rei:—(*Mostrando-lhe o retrato no fio de perolas*) Veja este retrato. Não é aquelle mesmo, que eu generozo lhe havia dado em troca do seu, quando pagavamos um ao outro tributos de amor, protestos de affeição?! —Este retrato que discuidoza deixou cahir nas ruinas, em a noite que os regecidas se reunirão para me assassinar!

Thereza:—(*No maior desespero chorando*) Oh!....E que não possa defender-me!

El-Rei:—(*Chegando-se a ella com ternura*) Thereza! Thereza!...

Thereza:—(*Ajoelhando-se aos pés do rei com as mãos presas nas delle*) Meu senhor!... Compaixão para uma infeliz!

El-Rei:—(*Contemplando-a por um momento*) Eu não posso aborrecer-te!... É tal a impressão que me causa a tua vista, que ella me prende n'alma todo o odio a que devera lançar-te!... (*Pausa*) Thereza!.... (*Segurando-lhe nas mãos levantando-a*) Sinto com dor extrema, que aquella mulher a quem tenho entregado todo o meu poder de Rei, concebesse contra mim a menor ideia de traição!

Thereza:—(*Vivamente*) Ah! Nunca!—Nunca!...

El-Rei:—(*Com muita ternura*) Quando passavamos prolongadas horas de ventura, presos a um enleio em

que nossos corações fallavão uma linguagem de amor; —ao lado um do outro, contemplando com ternura a felicidade da nossa vida! — Quando teu olhar correspondia ao meu olhar! — teu surriso ao meu surriso! .....

THEREZA:—(*Cheia de emoção*) Meu Deos! .... senhor! ... Meu Deos! .....

EL-REI:—Quando teus gestos lançavão em meu coração um fogo de amor, e o terno volver de teus olhos dava à minha alma todas as alegrias do mundo! Quando teus labios com uma voz sonora pronunciavão essa palavra magica—O amor!—então era feliz o Rei que tinha lançado a teus pez todo o seu poder, consagrando-te vivas adorações! Mas hoje!...

THEREZA:—(*Animada pela ternura*) Hoje essa mulher ainda é a mesma de então! Sempre fiel, sempre amante, solta dos labios a viva expressão de sua ternura!.....

EL-REI:—Thereza! Que mal te tenho eu feito para que assim me atraiçoes?

THEREZA:—Como é possivel, meo rei? Eu que tendo impresso na memoria as horas sublimes da nossa correspondencia, possa ser-vos traidora!?... Eu que me dediquei a vós por um suave instincto d'alma!—Eu que fui a guarda fiel da vossa vida nos momentos em que projectavão a vossa morte, como terei coragem de trahir sentimentos tão nobres?

EL-REI:—Pois explica-te; que fostes fazer ás ruinas com os conjurados? Não havia eu tão generozo minorado a sentença do exilio?.... Attendendo as tuas supplicas, não te entreguei o decreto do meu real indulto?.... Thereza! quero saber o que fostes fazer por alta noite nas ruinas—Quero sabel-o já!

THEREZA:—Não posso declarar-vo-lo, senhor....

EL-REI:—(*Enfurecendo-se*) Será possivel!

THEREZA:—Um terrivel dever me obriga ao silencio!

EL-REI:—Condessa!..... semelhante ingratidão é bem horrivel de imaginar!.... Pois bem; responda-me ao que pela ultima vez exijo. O meu retracto foi achado nas ruinas! Quero saber quem ali o levou.

THEREZA:—(*Afflicta*) Meu Deos! que lance cruel!

EL-REI:—Responda-me pela ultima vez Thereza!....

THEREZA:—(*Pertubada*) Sim!.... Sim!... É verdade!...

MALAGRIDA:—(*Que se lhe tem aproximado diz-lhe aparte*) Senhora! O vosso juramento!....

THEREZA:—(*Aniquilada*) Ah!....

EL-REI:—(*Volta-se e vê Malagrida perto della falla-lhe com aspresa*) Que queres? Que pretendes Miseravel?

THEREZA:—Oh! Nada, senhor!....

EL-REI:—Foi elle o teu denunciante!....

THEREZA:—Paciencia! Eu lhe perdoo tudo!

EL-REI:—Logo é verdadeira a sua declaração!

THEREZA:—(*Muito pertubada*) Senhor!.... Senhor! Por piedade!.... (*Querendo ajoelhar*). Eu sou culpada!....

EL-RRI:—(*Affastando-se cheio de ira*) Mulher terrivel!... De todos quantos tentarão contra a minha vida, és tú a mais criminoza! (*Sai rapidamente*)

THEREZA:—(*Faz um exforço para seguil-o mas as forças lhe faltão. Dá um ai e cai no chão*) Ah!....

MALAGRIDA:—(*Com um ar de triunfo, e com riso feroz*) Sebastião José de Carvalho! Em vão zombas dos Jesuitas!.... Tua filha não viverá (*Cai o panno*).

Fim do terceiro Acto e sexto Quadro.

ACTO IV.

O CONVENTO DAS GRILAS.

O theatro representa uma sala ao rez do chão communicando com o claustro do convento, especie de prisão aonde forão encerradas a Condessa e a Marqueza de Tavora. A' direita uma porta que estará fechada. A esquerda uma especie de Oratorio tambem fechado, alumiado com a luz de um candieiro. Mais para a boca do theatro uma cama sem fausto. No fundo um grande painel que toma quasi a altura da parede onde existe uma porta falsa representando o retrato de um Bispo da Ordem. A direita do retrato uma meza com livros. Algumas cadeiras de braços e poltronas.

—

SCENA I.

Thereza *só e depois* ***El-Rei.***

Thereza traja um vestido preto de seda. Tem os cabellos soltos. Rosto pálido e desfigurado, e os olhos macerados. Ao levantar o panno está de joelhos em frente ao Oratorio. Tem as mãos entrelaçadas, e a testa apoiada sobre ellas, que descanção sobre á meza onde existe o Oratorio. Ouve-se no interior o orgão que acompanha a reza ou matinas. São 11 horas da noite.

THEREZA:—(*Depois de findar a reza sai da posição em que está. Levanta a cabeça olhando fixamente para o Oratorio como imprimindo n'alma uma supplica. Levanta-se, dá alguns passos com custo e vai cahir como sem forças sobre uma cadeira, limpando as lagrimas*)

Como passão amarguradas as poucas horas da minha vida! . . Estas grossas e sombrias paredes, não deixão passar além um se quer de meus queixumes! .... Aqui só! —sem uma consolação ao menos.....que minore o meu soffimento! .... (*Ouve-se dar no relogio do convento onze horas, que ella conta*) Onze horas! .... Adiantada vai a noite! e eu sem poder gozar um momento de repouzo! .... (*Limpa as lagrimas e faz uma pequena pausa*) Ah! D. José! . . . com que injustiça me odeias! .... (*Depois de um momento de pausa levanta-se resoluta*) É preciso justificar-me da atroz calumnia que peza sobre mim! . . . (*A porta da direita abre-se subtilmente. Entra um individuo embuçado em uma capa preta com chapéo de tres bicos na cabeça. A porta torna a fechar-se, e elle conserva-se immovel no fundo observando Thereza. O espectador não deve conhecer a personagem durante o disfarce*) É preciso que a innocencia recobre seus direitos, e que a verdade appareça ante a justiça! Ao romper d'alva escreverei a El-Rei, declarando-lhe que não sou criminosa,— que não mereço o seu odio, nem o seu despreso.— Dir-lhe-hei que sou innocente! ....

El-Rei:—(*Lança de si a capa, e corre a Thereza com alegria*) Eu o sei Thereza, Eu o sei, porque agora ouvi-o da tua bocca!

Thereza:—(*Com surpreza*) Ah! .... El-Rei aqui! .....

El-Rei,—Sim! —Aqui El-Rei de Portugal! D. José I.! o querido, e o amado de seus vassallos! —O terrivel Juiz contra o culpado,...mas tambem o monarcha generoso e prodigo, com o innocente! .... O poder de rei impera em minha alma mais ainda que a minha vontade! Todas as minhas acções estão sujeitas aos deveres deste nobre cargo, mas nem por isso os sentimentos do coração deixão de ser por mim res-

peitados! A historia tem de levar a pósteridade os actos do meu reinado, e cumpre as vezes deixar de ser homem para ser juiz! Não se admire de achar-me aqui a taes horas! Para um rei não ha obstaculos, muito principalmente, quando procura conhecer a verdade, para não errar na sentença que tem de selar com seu proprio punho. No processo instaurado contra os regecidas está o seu nome,—esse nome, que me faz tremer—e pensar ao mesmo tempo, que uma atroz calumnia o levou ali para sacrifical-a! Tenho hoje de revogar, ou confirmar a sentença de morte dos conspiradores, e para a minha justiça ser completa, dicta-me a consciencia que devo affastar a Condessa do cumprimento d'ella. Ei-a pois, Sra. de Tavora; quero uma allegação que me ponha fora das terriveis suspeitas que a combatem, e nada mais! Trago-lhe um coração piedoso;—um coração que a ama, que a adora. Se é criminosa;—se levada pelas suggestões de seus parentes commetteo a falta que os condemna, proste-se a meus pés arrependida, e diga com a voz do coração:—Aquella que o adora não queria a sua morte! A sua vida é tambem a minha:—Combati o terrivel plano de meus parentes!... No momento em que tentarão contra a sua existencia, chorei-o! .... lamentei-o! .... Isto basta, condessa,—nada mais exijo (*Tira da algibeira*) Esta carta que veio parar ás minhas mãos, apregoa a sua innocencia!... Thereza! eu sei que não seria capaz de tentar contra os dias que preza!—Eu sei que não é uma regecida!

Thereza:—Em nome de Deos! Pela Virgem Santissima minha protectora, sou innocente!

El-Rei:—Sim!.. és innocente.—O coração me diz. Venha comigo. Quero apresentar-vos pura aos olhos de Portugal, e do mundo! e a nôdoa infame que man-

cha o nobre brasão da sua familia, não passará para a Condessa como um legado vergonhoso, e infame! (*Arrebatado pela paixão*) Thereza de Tavora! é D. José I. de Portugal que lança a teus pés a purpura, e o manto de rei, como se foras uma rainha! (*Antes das ultimas palavras. Malagrida tem sahido da porta falsa que fica por detraz do painel; e quando El-Rei vai a sahir com Theresa para a direita, elle os detem*)

—

SCENA II.

Os Mesmos e Malagrida.

Malagrida vestido com uma tunica de Borel dos frades do Baratojo, com o cordão na cintura, e capuz na cabeça. Tem barbas brancas muito compridas. Na cintura a esquerda, pende-lhe um rosario de volumosas contas.

MALAGRIDA:—(*Dando um passo*) Que fazeis!....
OS DOIS:—(*Com surpresa recuando*) Ah!
THEREZA:—(*A parte*) Ceos! Ainda elle!
EL-RRI:—Que pretendes?
MALAGRIDA:—Salvar esta infeliz mulher!
EL-REI:—Quem és!?
MALAGRIDA:—Um enviado do Ceo!
EL-REI:—Vós!.... (*Comsigo*) Que mysterio! Que homem tão singular!
THEREZA:—(*Comsigo mesmo tremula*) Ah! que contrariedade!
EL-REI:—Quem vos conduzio a este lugar? Por onde entrastes?

Malagrida:—Por onde entrei?.... Ah! não procureis indagal-o..... por que isso talvez vos seja funesto!

El-Rei:—Por que ordem aqui vieste?

Malagrida:—(*Com voz solemne*) O dedo invisivel que tudo move, mandou-me soccorrer esta desgraçada criatura, que os vossos desejos criminosos buscão arredar do caminho da salvação! Condessa de Tavora! já vos esquecestes do que deveis a Deos no juramento que lhe fizestes?....

El-Rei:—(*Confuso*) Que homem mysterioso será este!

Malagrida:—Acceitai as offertas d'El-Rei, e esquecei vossos parentes, que estão votados ao supplicio! Aprazvos os soffrimentos, e as dores, que hão de supportar no martyrio do cadafalso!

Thereza:—(*Afflicta*) Ah! que terrivel ideia!.....

Malagrida:—Creatura de gelo! desfructai os sorrisos, e os agrados, desse homem que confirmou a sua sentença de morte!....

El-Rei:—Temerario! Atreves-te por esta forma na minha presença!... Homem mysterioso e terrivel! dizeime quem sois, e o mysterio que vos trouxe a este lugar!.....

Malagrida:—Podeis comprehendel-o, senhor! Thereza, as portas deste convento estão francas á vossa sahida! Amahã toda côrte de Lisboa saberá que estaes perdoada por El-Rei!... e amanhã na praça de Belém se levantará o cadafalso para o supplicio dos Tavoras!

Thereza:—Ah! que essa ideia me faz succumbir!... Minha mãi que jurei nunca desamparar!

El-Rei:—A tua salvação é o meu primeiro empenho!

Thereza:—Senhor! Deixai a misera Thereza entregue ao seu infeliz destino! V. Magestade tão clemente!—tão compassivo! perdoe a minha desventurada familia!

El-Rei:—Que me pede a Condessa! A impunidade? A falta de cumprimento da lei? E o decoro á minha pessoa!... A minha vida ameaçada por tantos criminosos!... Como é possivel o perdão?

Malagrida:—Senhor! Deos expirou na cruz para remir com o seo precioso sangue, aquelles que tanto o offenderão: se, no momento solemne, em que ergueu os olhos a seu eterno pai, perdoou ao ingrato que o ferio com a lança, a familia dos Tavoras, arrependida e cheia de confusão pela vossa bondade, não poderá purificar-se da culpa que hoje a condemna, tornando-se tão virtuosa como Longuinho?

El-Rei:—A Familia dos Tavoras é irascivel e audaciosa!

Thereza:—Em nome do céo, imploro graça para minha mãi e meus parentes! Graça meu rei! Misericordia para elles! (*Chorando*)

El-Rei:—(*Confuzo*) Thereza!.... Ah!.... E a minha vida!

Thereza:—Eu serei a vossa guarda fiel!....

El-Rei:— Condessa! A que duro sacrificio me queres arrastar!

Thereza:—É uma filha que pede por sua mãi!.... Ah! Senhor! Uma filha que abraça as regias plantas do seu monarcha pedindo-lhe compaixão! (*Ajoelha-se abraçando-se aos pés do Rei*)

El-Rei:—Basta, Thereza, levanta-te. É myster pensar em teus parentes! (*O Rei levanta Thereza*)

Thereza:—Ah! Senhor! Dizei que estão perdoados!

El-Rei:—Pois bem... Eu lhes...

SCENA III.

Os mesmos e Gouveia.

GOUVEIA:—(*Entrando vivamente pela porta da direita sem reparar em Malagrida*) Senhor, o Conde de Oeiras acaba de entrar neste Convento.

EL-REI—É preciso retirar-me. Animo, Condessa! Breve te farei sciente da minha resolução...

THEREZA:—E o perdão de minha familia?

EL-REI:—Vou pensar no melhor meio para isso. No entanto occulta ao Ministro a minha vinda a este lugar. (*Virando-se para Malagrida*) E tu, homem mysterioso, daqui a pouco saberei quem és! (*Vai-se com Gouveia pela porta da direita, tomando de novo a capa com que se disfarçou, lançando em Malagrida olhares sinistros. Thereza acompanha-o até a porta. Ali faz uma genuflexão, indo depois ajoelhar-se defronte do oratorio em Oração. Malagrida tomando uma atitude robusta falla com rancor*)

—

SCENA IV.

Thereza e Malagrida.

MALAGRIDA:—(*Olhando para o lado por onde sahio o rei*) Insensato! Eu irei extorvar os teus designios. Sinto passos! Alguem se aproxima! — É elle! É o conde de Oeiras, meu implacavel inimigo! Animo Thereza! A vossa salvação com a de vossa familia!... e nada mais! (*Retira-se pela porta falsa*).

SCENA V.

Ministro, Camillo e Thereza.

O Ministro vem com disfarce embuçado em uma capa, que entrega a Camillo no momento de entrar na scena. Camillo acompanha-o da mesma forma disfarçado.

MINISTRO:— Tive denuncia de que os Jesuitas Gabriel Malagrida, Alexandre, e Mattos, tomarão grande parte nos crimes dos conjurados. Necessito procurar meios para descubrir a sua cumplicidade. O Cardeal Saldanha está encarregado de passar minuciosa revista em todos os collegios dos Jesuitas da Côrte para ver se encontra algumas provas.

CAMILLO:—Se V. Ex.ª necessita dos meus serviços para esse fim pode determinar-me.

MINISTRO:—Por emquanto não hei myster. Entregou hontem ao Snr. Camarista Gouveia a carta que lhe enderecei?

CAMILLO:—Já está de posse d'ella.

MINISTRO:—Retire-se, e vá esperar-me no lugar que lhe indiquei. (*Camillo sai pela porta da direita*)

—

SCENA VI.

O Ministro e Thereza.

Elle não tem visto Thereza. Camillo deixa o capote e o chapéo do Ministro sobre uma cadeira e retira-se.

MINISTRO:—Chegou o momento em que é myster deixar de ser Juiz, para ser Pai! (*Repara em Thereza*) Ei-la

nas suas supplicas a Deos!... Como estará aquelle coração traspassado de dores!..... Infeliz filha! (*Vai a Thereza e levanta-a*) Levante-se, Condessa, e preste-me attenção!..... Ah! que imagens se despertão em minha alma!... (*Encarando Thereza com ternura*) Thereza! sois a minha alegria! A gloria de meus dias! O prazer do meo coração!... Querem matar-vos, infeliz!... mas eu não consentirei!

THEREZA:—Senhor!.... Eu vos estranho!

MINISTRO:—Adorada Thereza! Jámais consentirei que sejas sacrificada! Percão-se as honras, e as distinções, que me confiou El-Rei!—Perca-se a fama dessas acções que levarão meo nome á posteridade! mas nunca perderei o ser de Pai!..... (*Com transporte*) Thereza! Amavel Thereza! entra em meus braços! (*Abraça Thereza com transporte*)

THEREZA:—Senhor Conde! Vós me confundis! Ah! deixai que neste momento dedique a Deos todos os meus pensamentos!

MINISTRO:—Outras dedicações mais justas, e mais santas, vos chamão neste momento para junto de mim, e são ellas, ó minha Thereza, que me fazem derramar lagrimas de um sentimento profundo! (*Limpa uma lagrima*)

THEREZA:—(*Reparando no Ministro*) Vós choraes!... Oh! meo Deos! Que singular motivo vos arranca do coração esse pranto?

MINISTRO:—Os vossos parentes pretendem sacrificar-vos pela austeridade de sua crença fanatica!

THEREZA:—Os meus parentes? Será possivel!.....

MINISTRO:—Nenhum sentimento de humanidade empregão em vosso favor!—Nenhúm meio de salvar-vos em fim!..... Sois innocente Condessa de Tavora! Diz-me o coração! e o coração de um pai poucas vezes se engana com seos filhos!

THEREZA:—(*Com espanto*) De um Pai!....

MINISTRO:—(*Com emoção e ternura*) Thereza!.. Aperta-me em teus braços! Ouve o grito da verdade que depois de vinte annos sahe da minha alma tão puro, como a voz dos anjos!—Vem consolar a amarga dor que me acompanha, de te ver padecer innocente!... Oh! eu não posso reprimir por mais tempo o transporte que me arrebata!.....

THEREZA:—Senhor!.....

MINISTRO:—Meo Deos! Tudo isto é obra tua!... e tudo sinto neste momento solemne!

THEREZA:—(*Comsigo mesmo admirada*) Que quererá elle dizer-me com estas palavras!

MINISTRO:—Thereza! Prepára o coração para a mais doce ternura! Abraça-me,..Recebe o primeiro beijo d'aquelle que te guarda no intimo de sua alma!

THEREZA:—Meu Deos! Que explica este transporte?

MINISTRO:—(*Perto de Thereza cheio de emoção*) Une-te a mim!.... Vem fazer a gloria destes cabellos brancos! A vinte annos què sentia por ti a mais doce emoção! Thereza,...Thereza!.... Minha filha!... (*Cae nos braços de Thereza*)

THEREZA:—Vós senhor, meu Pai!? (*Com espanto olhando*)

MINISTRO:—Sim, querida filha! Tenho a qui toda averdade desse titulo nobre, e santo! Vem conhecer as ternas palpitações que elle sente por ti! Vem receber o effeito d'esse attractivo omnipotente!.... entrá em meus braços ah! quirida filha! (*Abraçando-a*)

THEREZA:—(*Admirada com um surriso melancolico*) Sois meu Pei! Oh! Sinto uma alegria em minha alma quando me daes esse nome de filha!....(*De repente com horror,* Mas ah! A deshonra de minha mãi Oh! isto é horrivel, senhor! é bem horrivel!....

MINISTRO:—Animo! Depois saberás tudo!

THEREZA:—(*Chorando*) Ah! Sou bem disgraçada!

MINISTRO:—O teu nascimento era um segredo que a 20 annos estava occulto, e só agora me foi revelado! para salvar-te.

THEREZA:—Agora, que a desgraça se apossou de mim! Agora que o cadafalso se aproxima apresentando-me a hora fatal em qne devo subir a elle para morrer!

MINISTRO:—Não, Thereza. O Conde de Oeiras a cargo de quem estão os destinos de Portugal, saberá livrar-te do supplicio. Adeos. El-Rei espera-me no palacio!

THEREZA:—Ides aonde está El-Rei?

MINISTRO:—Sim!

THEREZA:—Ah! Senhor, entercedei por minha mãi!... Oh! meo Pai! implorai por ella! compadecei-vos de mim!

MINISTRO:—De ti!.... Oh! Sim!... sim! Minha filha! É teo Pai que te abraça, e aperta ao coração!... Confia em mim, que breve te virei buscar livre e perdoada!.....

THEREZA:—(*Com viveza*) E minha mãi?

MINISTRO:—Tua mãi! (*Faz um gesto de impaciencia*) Quem sabe!...

THEREZA:—(*Vivamente*) Ah! dizei que será tambem perdoada!

MINISTRO:—(*Faz um gesto de desesperação*)

THEREZA:—(*Interpetrando o Ministro*) Ah! O vosso silencio diz-me que ella morre!.....

MINISTRO:—Condessa!....

THEREZA:—Ah! Nem a menor compaixão?

MINISTRO:—(*Depois de um momento de hisitação*) Não ha meio de salval-a! (*Vai-se rápidamente*)

THEREZA:—Ah!.... Infeliz! (*Cai sobre cadeira debulhada em lagrimas tapando o rosto com seu lenço.*

SCENA VII.

***Thereza** só.*

THEREZA:—(*Depois de um momento*) Morrer!... Morrer minha mãi! Não ver mais sua face meiga e carinhosa, sentir os effeitos do coração que se affligia quando eu chorava, e enchia-se de prazer quando via meus risos infantis formar o seu encanto! Perder aquelles affagos com que desvelada acalentava meus vagidos! aquellas vozes que soavão em meu coração como a alegria dos anjos! aquelles beijos que repassavão minha alma com o seu fogo de amor!... Oh! morrer minha mãi!... *Suffocada de pranto*)

—

SCENA VIII.

***Thereza** e **Gouveia**.*

GOUVEIA:—(*Vivamente*) Senhora, o tempo insta!

THEREZA:—(*Levantando-se*) Que pretende, senhor Camarista?

GOUVEIA—O risco em que estão os vossos dias obriga-me aos maiores sacrificios.

THEREZA:—Que ha de novo?

GOUVEIA:—Quando El-Rei á pouco vos deixou não proclamou o vosso perdão?

THEREZA:—Certamente.

GOUVEIA:—E julgaes vos perdoada?

THEREZA:—Por que! Haverá por ventura!....

GOUVEIA:—Estaes condemnada a morrer no mesmo patibulo onde tem de expirar vossos parentes!

THEREZA:—(*Aniquilada e cheia de horror*) Ah!...

Gouveia:—A pouco entregarão a El-Rei um documento que vos torna complice do crime dos regecidas.

Thereza:—(*Muito afflicta*) Meu Deos! meo Deos! Que atroz calumnia!

Gouveia:—Recordais-vos de em alguma occasião ter assignado um papel em banco?

Thereza:—Uma unica vez sómente, prestei a minha assignatura para ser dirigida a El-Rei uma petição de graça em favor da minha familia.

Gouveia:—E a quem a destes?

Thereza:—Ao padre Malagrida.

Gouveia:—Foi então ella, que servio de base ao juramento que assignastes contra a vida d'El-Rei!

Thereza:—(*No maior desespero*) Ah! que horrivel traição!

Gouveia:—O Padre Malagrida serviu-se da vossa assignatura para comprometer-vos!

Thereza:—E como poude o Snr. Gouveia discubrir semelhante trama?

Gouveia:—Porque no gabinete do rei ouvi ler-se essa terrivel prova contra vós! .....

Thereza:—Oh! que infame calumnia!

Gouveia:—Ouvi El-Rei ordenar que fosseis levada ao patibulo.

Thereza:—(*Cheia de horror*) Ah! Misericordia meu Deos!..

Gouveia:—Animo! Condessa! Eu venho salvar-vos!

Thereza:—Baldado será o vosso exforço!

Gouvria:—Tudo arriscarei para conseguil-o! No caracter que me foi myster tomar para possuir-vos, a traição, e a mentira, são deveres a que jámais poderei faltar!—A calumnia será tida como uma virtude indispensavel no jogo das traições para assassinar El-Rei!... e sobre tudo porque alimento um odio violento contra elle!

Thereza:—Ah! Senhor! isso é horrivel! (*com horror*)

Gouveia:—Pezarozo, affastado do lugar onde com elle troca-

veis palavras de amor ;— quando ouvia o som dessa harmonia deleitavel que lhe cantava o triumpho de possuir-vos; quando suas palavras meigas e ternas, buscavão abrigo em vosso coração, eu comtemplava-vos cheio de dor, e de ciume! — Erão ellas que aggravavão o meu tormento! e eu, um miseravel!.. immovel, quasi estatico sem poder vingar-me, derramava em silencio lagrimas de odio, que me escaldavão as faces!

Thereza:—Desgraçado!

Gouveia:—Ah! Senhora!.... Vós não sabeis o que é o ciume! O ciume que lança n'alma todas as furias do inferno!..... Condessa de Tavora! Aquella porta está franca á vossa sahida! Esta carta que acaba de enviar-me o Conde de Oeiras, autorisa-me a arrancar-vos d'aqui. Vinde Senhora! (*Quer partir*)

Thereza:—E porque não salva elle tambem minha mãi, e meus parentes?

Gouveia:—Mais tarde talvez. Acompanhai-me!....

Thereza:—Não sei o que resolva!....

Gouveia:—Se recusaes, perdeis-vos para sempre!

Thereza:—Paciencia! Morrerei para cumprir a promessa que fiz a minha mãi!

Gouveia:—E se eu vos affastar d'essa promessa?

Thereza:—Não sereis capaz!

Gouveia:—Hei de sel-o.

Thereza:—Com que poder?

Gouveia:—Com o do amor!....

Thereza:—Senhor Camarista!

Gouveia:—Não recuarei, diante mesmo do sacrificio da minha vida! Irei denunciar-me como o mais criminoso dos conspiradores! Direi a El-Rei que sois innocente, que eu somente sou culpado! Invocarei o nome de Deos em abono de minhas palavras! Conjurarei todas as potestades do ceo para fazer crer,

que somente o Padre Gabriel Malagrida era o autor da morte a El-Rei!—Serei o delator de mim proprio para salvar-vos! e esse Jesuita infame, e traiçoeiro, morrerá no mesmo instante em que eu denunciar seus crimes!

THEREZA:—E tereis coragem para tanto?

GOUVEIA:—(*Com resolução*) Terei!

THEREZA:—Se com essa declaração salvardes minha familia, juro de salvar-vos tambem!

GOUVEIA:—Vinde! Partamos! (*Querendo partir*)

THEREZA:—Aonde?

GOUVEIA:—A presença do Conde.

THEREZA:—(*Com resolução*) Vamos.

(*Vão a seguir para a direita, e sai rapidamente El-Rei com dois camaristas. Surpreza dos dois que recuão assustados*).

—

SCENA IX.

Os mesmos El-Rei *e dois Camaristas.*

EL-REI:—(*Com arrogancia*) Nem mais um passo!

OS DOIS:—Ah! (*Recuão espavoridos*)

EL-REI:—(*Aos dois Camaristas que o acompanhão*) Que seja agora mesmo condusida ao lugar que lhe hei destinado!

THEREZA:—(*Cahindo de joelhos aos pés d'El-Rei*) Senhor! Eu sou innocente!

EL-REI:—(*Apresentando-lhe o papel que ella assignou*) Este papel que assignaste para tentar contra a minha vida, condemna-te a pena dos conjurados! (*Retira-se com os dois Camaristas*)

THEREZA:—(*Levanta-se com grande espanto*) Oh! meu Deos!....

(*As forças vão pouco a pouco faltando-lhe e cai desmaiada nos braços de Gouveia.*)

GOUVEIA:—Padre Malagrida!..... que tão injustamente a atraiçoaste!

Fim do quarto Acto.

ACTO V.

O SUPPLICIO E A ULTIMA HORA.

Uma prizão ao rez do chão na Ajuda em Belem, toda forrada de preto. No fundo uma porta arqueada de grande largura e altura. A' esquerda um altar com um crucifixo alumiado por quatro vellas: o altar tambem está ornado de preto. 13 de Janeiro de 1759. Nove horas da manhã.

—

SCENA I.

Leonor de joelhos aos pés do Padre Thomaz que está sentado em uma poltrona á esquerda acima do altar; está vestida de preto com os cabellos soltos e tem a cabeça inclinada sobre as mãas, nos joelhos do padre. O Duque d'Aveiro com o seo traje do costume, sentado á direita junto a um sacerdote com a cabeça inclinada sobre o seio, e o braço direito por cima do hombro. O Marquez de Tavora tem nas mãos um lenço branco no qual occulta o rosto. Está sentado por traz do Duque, e um sacerdote está-lhe lendo em um livro que elle presta atenção. José Maria de Tavora, Luiz Bernardo de Tavora, Conde de Atouguia, Braz José Romeiro e João Manoel, em posições dolorosas, desenhadas pelo ensaiador. Ao levantar o pano, um quadro de profunda dôr deve apparecer á contemplação do publico.

Padre Thomaz:— (*Depois que dão nove horas em Belem no convento dos Jeronimos*) Nove horas! Daqui a pouco chegará a hora em que Deos vos espera! Filha animai-vos! Este é o dia do vosso triumpho!

LEONOR:—(*Muito fraca e tremula, erguendo a cabeça*) Aonde está minha filha! ... quero ver minha filha!

PADRE:—Lembrai-vos sómente de vossa alma!

LEONOR:—Dizeis bem! .... É somente da minha alma que agora me devo lembrar! ... Meu bom Padre, não me desampareis....

PADRE:—Não. Estarei sempre junto a vós! ....

LEONOR:—Eu tremo! .. Um suor frio alaga-me o corpo! .. falta-me a vista! .... (*Cae desfallecida sobre os joelhos do Padre e fica immovel*).

PADRE:—Animo, filha! ... Confiança em Deos!

LEONOR:—(*Levantando a cabeça*) Que elle me perdoe! e se compadeça da minha alma! ... Meu Padre! Ajudai-me na hora da agonia!

—

SCENA II.

Os mesmos, um Official, Alcaide Juiz da Execução, Escrivão Padres e Carrascos.

Abre-se a grande porta do fundo, e vêsse ao longe o patibulo, que consiste em um tablado forrado de encarnado com cêpo e malhos de ferro. Soldados, e grande numero de povo cercão-no. Os Carrascos veem vestidos de encarnado. A entrada destes individuos todos os da Scena sahem de suas posições, ficando extremamente aterrados. Leonor dá um—ai—horrorizada, depois de se ter levantado vai desmaiar novamente nos braços do Padre Thomaz. Scena dolorosa patenteada por differentes formas... Alguns sacerdotes limpão as lagrimas.

JUIZ:—Em nome da Justiça de El-Rei acompanhai-me!

LEONOR:—Ah! (*Momento de Silencio. Os conjurados der-*

ramão copiozas lagrimas. Leonor depois de um momento vai abraçar seu marido, conservando-se por um instante, e ao separar-se diz:—Até a eternidade! *Cai nos braços do Padre Thomaz disfeita em lagrimas. Abraça depois seus dois filhos que lhe beijão a mão e abração-se uns aos outros em signal de despedida. Retirão-se acompanhados dos Sacerdotes e Carrascos.*

—

SCENA III.

Malagrida *só.*

Logo que todos se retirão a porta do fundo tem-se fechado. Malagrida surge de traz do espaldar que guarnece o altar onde esta o crucificado. Está vestido de Jesuita. Sai rapidamente e traz a desesperação no semblante.

Malagrida:— (*Olhando para a porta do fundo*) Ide victimas do tyranno! O remorso ha de esmagar o coração do vosso commum inimigo! Ah! Será possivel que o Conde de Oeiras folgue contente no martyrio destes infelizes, sem que tambem como elles, soffra um golpe no coração! Ah! Jámais! As minhas ordens serão executadas, e d'aqui a um instante!...

—

SCENA IV.

Os mesmos *e o* ***Padre Alexandre.***

O Padre Alexandre sae do mesmo lugar donde sahio Malagrida. Entra na Scena muito agitado, e cheio de susto.

Alexandre: —Padre Malagrida!.....

MALAGRIDA:—Ah! ... Cumpristes o quanto ordenei!

ALEXANDRE:—Com toda a exactidão.

MALAGRIDA:—E a Condessa?

ALEXANDRE:—Não tardará neste lugar.

MALAGRIDA:—Como! É possivel!

ALEXANDRE:—El-Rei permittiu-lhe de despedir-se de sua mãi.

MALAGRIDA:—E o mais que vos havia ordenado?

ALEXANDRE:—Cumpri-o fielmente. Apenas Thereza recebeo uma carta em que lhe avisavão de ser subtrahida ao supplicio, e que esta mesma noite seria arrancada da sua prisão, que não perdi occasião de ministrar-lhe o veneno! Desde hontem que não toma o menor alimento! Em vista de seu estado de fraqueza instei a pouco para que bebesse um pouco de vinho branco, e foi com elle que lhe dei a morte. Nada mais nos resta nesta lucta. Cuidai em vós Padre, que eu vou dar parte aos nossos irmãos do que se tem passado! (*Alexandre retira-se pelo mesmo lugar por onde entrou*).

MALAGRIDA:—Ide, que breve estarei com elles. Cumpri o meu ultimo disejo! Conde de Oeiras! não é mais um inimigo que deseja vingar-se de ti!... agora é um homem que te contempla como um pai angustiado a quem roubarão a sua filha querida! O praser que sentes no martyrio dos Tavoras está envenenado pelo desgosto que te hei causado! Thereza! foste a victima do combate entre mim e teu Pai! Elle levou ao cadafalso uma familia inteira!.... e eu ainda vivo para vingal-a!

SCENA V.

Malagrida e Thereza.

Thereza entra da direita muito agitada com os cabellos em desordem! Pálida, com todos os symptomas de envenenamento, sem reparar em Malagrida. Vestida de preto.

THEREZA:—Aonde estão elles?—Aonde está minha mãi!

MALAGRIDA:—(*Indo a ella*) Thereza!

THEREZA:—(*Com espanto*) Ah! Vós aqui! Aonde está minha mãi!....meus irmãos!

MALAGRIDA:—(*Com dor*) No supplicio!

THEREZA:—(*Accommettida rapidamente vai a desfalecer e elle a segura*) Ah! Infelizes!

MALAGRIDA:—Deos assim o havia determinado!

THEREZA:—(*Depois de um momento de silencio e meditação*) Sim!... Deos assim o havia ordenado!... (*Olha com horror a Scena*) Este funebre apparato!.... O lucto destas paredes!... Um Silencio sepulchral?. Ali a imagem do crucificado!... Aquelle altar!... tudo annuncia morte! (*Chorando*)

MALAGRIDA:—Thereza! é neste momento que a fé religiosa vai salvar vossa alma de um terrivel naufragio! ...

THEREZA:—Ah! Padre!.....

MALAGRIDA:—O espaço que vos resta para o arrependimento é assaz curto! e, é myster aproveital-o! Condessa de Tavora! O cutello do carrasco faz espargir no cadafalso o sangue de vossa familia,..e vós a quem a mesma sorte espera, ainda vos não preparastes para o momento em que é myster grande coragem para supportar o golpe! Pensai, que nesse atomo horrivel em que o algoz vendar os olhos a vossa mãi para decapital-a, Deos e Thereza, serão os seus derradeiros pensamentos!

Thereza:—(*Muito tremula de horror*) Meu Deos!... Meu Deos!.....

Malagrida:—A firme dedicação que lhe consagro obrigou-me a dar um passo bem terrivel!.... mas indispensavel para a vossa salvação. Coragem, minha filha, que não tarda para vós o momento derradeiro!

Thereza:—(*Da mesma forma*) Nuuca me desampareis... Acompanhai-me ao supplicio.....

Malagrida:—Estarei sempre a vosso lado.

Thereza: (*Começando a sentir o effeito do veneno*) Meu Deos!.... Que anciedade!..... Que dor sinto no coração!.....

Malagrida:—Filha! É a morte que se vos aproxima!...

Thereza:—(*A afflição cresce gradualmente*) A morte!..Ah!..

Malagrida:—Pedi perdão a Deos!... porque d'aqui a poucos minutos já o não podereis fazer!

Thereza:—Ai! Que dor no coração!.... Padre não sei que sinto!.... um suor frio me alaga!...Meu Deos!—Meu Deos! (*Em grande afflição*).

Malagrida:—Arrependei-vos!—Pedi perdão a Deos!.... Thereza!.... estaes envenenada!.....

Thereza (*A afflição está no seu maior auge*) Envenenada!. Ah!..... Padre!.... Padre!.... Que me assassinastes! (*Espira nos braços de Malagrida*).

Malagrida:—(*Com um semblante feroz aonde existe o horror e o odio*) Eis o ultimo dos meus crimes (*Conduz o cadaver de Thereza para junto do altar e ahi o deposita cobrindo-o com a sua capa. Vem ao meio da Scena e diz*) Ministro de D. José I.! Eis ali a tua filha! (*Vai a sahir pela porta secreta e susten-se a entrada de Gouveia*).

SCENA VI.

Malagrida e Gouveia.

GOUVEIA:—Esperai! *(Sem reparar em Thereza).*

MALAGRIDA:—Gouveia!

GOUVEIA:—Permittio Deos que vos encontrasse! ...

MALAGRIDA:—(*Com suspeita*) A mim!

GOUVEIA:—Um odio insanavel trouxe-me a este lugar para uma terrivel exprobração.

MALAGRIDA:—A quem? .....

GOUVEIA:—A vós, Padre Malagrida!

MALAGRIDA:—(*Com muito receio*) Ah! .....

GOUVEIA:—Tivestes nas vossas mãos as minhas acções,—a minha honra!—e até a minha vida! Transegi infamemente comvosco em todos os preceitos que me imposestes! Mandaveis em mim como se fora vosso escravo! .... Chegou o tempo do desengano! Agora sou eu quem ordena ao Padre Malagrida, e é elle quem cumpre obedecer-me!

MALAGRIDA:—(*Com admiração*) Obedecer-vos! ....

GOUVEIA:—Sim. Mas antes de tudo quero tomar-vos contas desse trama infernal que urdistes contra a innocente Thereza!—Thereza! a quem pretendes sacrificar!

MALAGRIDA:—Que explica uma semelhante exprobração!

GOUVEIA:—Depois das combinações que ambos fizemos, não procurei mais saber o motivo da vossa indignação contra El-Rei, e seu Ministro. Envergonhado de mim proprio submetti-me a tudo quanto me ordenavão as vossas instruções!—Andava atraiçoando os segredos do gabinete do rei, e as affeições que elle me consagrava, proporcionarão-me a sua confiança!

MALAGRIDA:—Assim o havieis promettido!

GOUVEIA:—Passei dias, e noites, nos mais penosos trabalhos! Fiz todos os papeis infames que era mister para atrai-

çoa-lo! imaginei falsidades,—busquei fingimentos,—Mentia todos os dias por todas as faces do meu ser! —Surri-me e mostrei rosto alegre e sereno, n'esse fatal dia em que com o Cardeal Saldanha fui dar busca nos vossos collegios de Lisboa! ..... Bem me entendeis, Padre Malagrida! Surri! porque era mister fazel-o! ..... e vós assim me ordenastes!

Malagrida:—E não vos lembraes do que jurastes quando pela primeira vez nos encontramos no castello de Cintra?

Gouveia:—Porém declarei-vos, que o motivo de semelhante juramento, era um amor immenso que alimentava em meu peito!

Malagrida:—Em favor de quem me prestava.

Gouveia:—E que afinal atraiçoastes!

Malagrida:—Eu! .....

Gouveia:—Por muitas vezes reprimi queixumes que me era difficil conter! ...e vós, nunca com uma esperança suavisastes minha dor! ..... Via-a todos os dias junto do meu rival! e folgavas que o meu coração fosse apunhalado pelo ciume! Quereis que tenha ainda mais confiança em vós?

Malagrida:—E que motivo vos tenho dado para affastal-a?

Gouveia:—O trama que urdiste contra a Condessa de Tavora.

Malagrida:—Um trama! .....

Gouveia:—A perfidia, que executastes na presença d'E-lRei denunciando-a como conspiradora!

Malagrida:—Mas vós sabeis! .....

Gouveia:—O juramento que fisestes chegar as mãos de D. José com a sua assignatura!

Malagrida:—Tudo isso erão meios para salvar sua familia!

Gouveia:—Padre Malagrida! Eu já mais consentirei em ver sacrificada por vossa causa aquella que tanto prezo. Darei por ella a minha existencia!—a minha alma!

—tudo se necessario for, com tanto que ella seja salva da terrivel condemnação a que está votada!

MALAGRIDA:—O meu dever,—a nossa segurança, obrigou-me a fazel-a entrar no numero dos conjurados!

GOUVEIA:—Foi uma infamia da vossa parte!

MALAGRIDA:—O Rei e o Ministro, havião salval-a!

GOUVEIA:—E então?.....

MALAGRIDA:—E com ella tambem serião salvos os seus parentes.

GOUVEIA:—Os seus parentes! Desgraçados! Ide ver o seu supplicio na praça de Belem! Correi a presenciar a obra maldicta dos vossos tramas! — Ide tremer diante dos cadavares estrangulados desses miseros que seduzistes e enganastes! — Correi a presenciar a decapitação da Marqueza de Tavora, e a sua cabeça pingante de sangue nas mãos do carrasco!.....

MALAGRIDA:—(*Com horror e confuzão*) Ah! Calaivos! ou quebramos neste momento o pacto de alliança que nos liga!

GOUVEIA:—Termine embora essa alliança infame que tanto me envillece!..... Estou resolvido! Sabei pois, que para salvar a Condessa, serei capaz de trahir todos os juramentos! — A propria fé jurada! — A terra! — O céo mesmo!

MALAGRIDA:—(*Com ameaça dando um passo*) Miseravel!..

GOUVEIA:—Vou declarar a El-Rei tudo quanto se ha passado,—tudo quanto existe entre nós!.....

MALAGRIDA:—Queres denunciar-me!?

GOUVEIA:—Se presistis em querer sacrificar Thereza, hirei denunciar-vos!

MALAGRIDA:—Insensato! Queres priva-la da salvação eterna!

GOUVEIA:—Venho salva-la, custe o que custar!

MALAGRIDA:—Salval-a! Porque ordem?

GOUVEIA:—Por ordem de El-Rei! Trago suas instrucções; —trago tambem ordem do Ministro!

MALAGRIDA:—Salva-la! . . . (*Depois de um momento de pausa*) Inimigo dos Jesuitas! Ministro de D. José I.! has de chorar no meio do teu triumpho! (*Corre para onde está Thereza, levanta a capa e mostra-a*) Ei-la!.. no somno da eternidade! (*Volta para a Scena*)

GOUVEIA:—Grande Deos! (*Corre e precipita-se junto de Thereza debulhado em lagrimas*) Morta!.....

MALAGRIDA:—(*Com ar de triumpho*) É a filha do Conde de Oeiras! Amante de D. José I.! que já não vive para elles!

GOUVEIA:—(*Levanta-se com arrebatamento e segura em Malagrida com furor*) Padre, ou demonio! Quem a assassinou?—Dizei: Quem foi o seu assassino?

MALAGRIDA:—(*Perturbado*) O seu assassino?.....

GOUVEIA:—(*No maior desespero*) Se a tua maldade chegou a tanto!....Ah! Padre! Padre!....

MALAGRIDA:—(*Com receio*) Deliras!....

GOUVEIA:—(*Na mesma desesperação*) Tremei que eu conceba a menor suspeita contra vós!—Tremei que pense que os vossos crimes a matarão!

MALAGRIDA:—Não vêdes, que os desgostos, e as afflições a fizerão soccumbir!...

GOUVEIA:—Não, homem de Satanaz!—Vós mentis!—Mentis pela bocca do inferno! Fostes o malvado que.... (*Agarra-o com furor*)

MALAGRIDA:—(*Tremulo*) Acreditai-me! Eu tenho temor de Deos!

GOUVEIA:—Sacrilego! Vil impostor! Foste a cauza da sua morte: envenenaste-a! para roubal-a ao meu amor!. Thereza!.... O anjo da minha vida!.... A consolação da minha alma! (*Suffocado pelo pranto não pode continuar. Depois de um momento, corre, segura Malagrida, e diz com muito furor*) Miseravel!—Vaes experimentar a minha vingança. Quero punir os crimes que pesão nessa alma de fogo!...

MALAGRIDA:—(*Com medo*) Moderai-vos!....
GOUVEIA:—Silencio!—Nem mais uma palavra!....
MALAGRIDA:—Gouveia!.... Gouveia!....
GOUVEIA:—Sou o inferno!... Sou o demonio contra vós!
MALAGRIDA:—Tranquillisai-vos!...
COUVEIA:—(*Contemplando com raiva Malagrida*) Malvado! Sacrificaste uma innocente ao odio que te ferve n'alma!—Coração de Leão! Hasde-me dar conta da presa que devoraste!....
MALAGRIDA:—Por quem sois!....
GOUVEIA:—Gabriel Malagrida, uma alma damnada como a tua, deve pertencer ao inferno! (*Tira do seio uma pistola e segura com força em Malagrida*)
MALAGRIDA:—(*Com muito medo e supplicando*) Por piedade! Perdão!.... perdão!.....
GOUVEIA:—Chegou a tua ultima hora! (*Quando Gouveia tira a pistola tem antes entrado o Padre Alexandre pela porta da direita e aproximando-se subtilmente sem ser visto pelos dois, observando o que se passa*)
MALAGRIDA:—(*De joelhos aos pés de Gouveia*) Por piedade! Não me assassineis.

O padre Alexandre tem-se aproximado de Gouveia e crava-lhe um punhal no peito deixando-lhe o ferro embebido, Gouveia cai rapidamente no chão dando um ai. O padre sai rapidamente pela porta falsa, por traz do altar. Malagrida levanta-se e toma animo, dispondo-se a fugir.

GOUVEIA:—Ah! (*Cae morto*)
ALEXANDRE:—Salvai-vos!..... (*Sai rapidamente*)
MALAGRIDA:—(*Levantando-se*) Dia para mim de crimes! Que mais resta para ser um monstro! (*Vai a querer retirar-se pela porta da direita, e é detido por soldados que lhe saem ao encontro. Ao mesmo tempo*

abre-se a porta do fundo, e vê-se sobre o patibulo os cadaveres dos justiçados cobertos de sangue, e os carrascos em pé com os malhos de ferro nas mãos. Entra o official com soldados e povo. Official segura em Malagrida que não pode fugir.

—

SCENA VII.

Os mesmos, Official, Soldados e povo *que entra pelos dois lados da Scena.*

OFFICIAL:— ! *Segurando Malagrida* ! Eis aqui o réo ! Segurai-o ! (*Entrega-o aos soldados*)

MALAGRIDA:—Maldição ! — Maldição !

POVO:—Ao fogo ! Ao fogo ! .....

OFFICIAL:—Condemnado pela Inquisição ! Portugal, a tua historia estampará neste dia um castigo exemplar ! Um trama Jesuitico arrastou ao cadafalso aquellas victimas, e apoz a sua morte virá a extinção da Companhia de Jesus !

Fim do Drama.

TYP. POGGETTI, DE TOURINHO, & C.ª

12532

Soneto do Soeiro

Visão de Colombo

LIVRARIA MAGALHÃES
- EDITORA -
RUA LIBERO BADARÓ 68
SÃO PAULO

Personagens

CHRISTOVAM COLOMBO

NEREIDA

Marujos - Vigias - Gageiros

Côro das Nereidas

A

ZEFERINO BRAZIL

O

PRIMAZ DA POESIA

NO

RIO GRANDE DO SUL

Visão de Colombo

Acto Unico

Tombadilho da caravella em que CHRISTOVAM COLOMBO arvorou a sua insignia, quando partiu á descoberta do Novo-Mundo. O Genovez, apoiado á amurada, medita. Crepusculo da manhã. Lentamente, a claridade alastra. Pleno silencio, apenas interrompido pelos passos do vigia de quarto. Repentinamente, ouve-se uma voz suavissima que vem da extensão marulhosa do Oceano: é uma NEREIDA que canta ao alvorecer do dia. O Almirante desperta do seu profundo meditar e escuta.

Interrompe-se a voz por um momento.

COLOMBO

Que sonóra garganta, ao despontar a luz
em plena solidão das vagas, me seduz!...

A NEREIDA continúa a cantar dolentemente e COLOMBO escuta. A voz de novo se interrompe.

Ha mais de um mez me segue a doce melopeia
da mesma voz gentil dessa gentil sereia!...

A canção prosegue e COLOMBO escuta. Interrompe-se a voz.

Quem pudera sondar o profundo mysterio
que envolve a minha náo no mar deste hemispherio!...

A canção continúa, mas a perder-se. Interrompe-se.

Parece que se escôa e se desfaz no véo
da espuma fluida e branca e sobe para o céo...

Approxima-se a canção.

Canta agora mais doce, ao dia que floresce,
tão doce, tão suave e clara que parece
tombar do azul da esphera esmaecida e pállida
a dolente canção desta alvorada cálida...

Afasta-se a voz.

Agora já não vibra á luz crepuscular,
vae suspensa na vaga e passa a marulhar
como um beijo que fosse, envolto na cambraia,
desfazer-se em espuma ao resvalar na praia!

Approxima-se a voz.

Sóbe agora, de novo, ao lúcido estellario,
como a espira de incenso, ao vento incerto e vario...

Torna-se a voz mais clara.

E cresce mais ainda, ao limpido arrebol,
á medida que nasce a vaga luz do sol!
Vibra nessa canção serena a melodia
suavissima e branda, a triste nostalgia
do remançoso mar da minha adolescencia,
mandando-me de longe alguma confidencia...

Fallando ao Oceano.

Ó mar profundo e vasto, alma rude e feroz,
amostra-me a garganta angil em que essa voz,
como divino alento, a rir sobre a voragem,
modúla docemente um hymno de coragem
ás náos em que eu transporto o meu sonho de gloria:
um thesoiro real para o museu da Historia.
Revela-me o fulgor astral dessa mulher,
cotovia do Mar, extranho rosicler,

cujo canto seduz e cuja voz perfuma
da minha caravella os estendaes de espuma;
desvenda-me, Oceano, essa pupilla humida
que afasta a minha náo da penedia túmida!
Desvenda ao meu olhar o seio tentador
de monstro ou de mulher, de rouxinol ou flor,
de onde flúe essa voz angelica, encantada,
irmã das viraçõnes e gemea da alvorada,
que lembra os laranjaes da lyrica Sicilia
baptisando em aroma a dôr desta vigilia!

Ouve-se, outra vez, a voz da NEREIDA. Durante a canção, COLOMBO medita, ouvindo-a religiosamente. Ao terminar a canção, o Almirante como que desperta.

Ó mar profundo e vasto, indomito e sem fim,
abre o teu seio azul de liquido setim
e deixa-me beijar na concha alvinitente
a dona esculptural dessa canção dolente,
cuja carne divina, encantadora e cérula
foi feita de luar crystallizado em pérola...

Surge no portaló da náo a figura formo-

sa da NEREIDA, toda envolta em gaze e lhama de prata. Ante a belleza estonteante da NEREIDA, COLOMBO, maravilhado, ajoelha em extasis, curvando a fronte.

NEREIDA

Eis o teu sonho augusto, energico Moysés!

COLOMBO

E tu, mulher ou deusa, ou monstro, e tu quem és?

NEREIDA

Sou aquella que segue a esteira do teu barco,
como um dia seguiu o espirito de Hyparcho
quando, em Rhodes, vencia a multidão dos sabios
devassando o estendal do céo com os astrolabios;
aquella mesma voz de extranha seducção
que levou a tri-reme altiva de Jasão
á Cólchida distante; a sereia venusta
que conduzia á plaga oriental e adusta
os helenos heróes, os vencedores de Ilio
e que Apollo cantou na lyra de Virgilio.

Levanta-te, Almirante, arroteador audaz,
dirige o teu olhar para a extensão voraz
das aguas do Occidente e repara que emerge
das vagas do Oceano, á luz que o sol asperge,
nas azas do albatroz, o primeiro vestigio
do sonho que vae dar-te o maximo fastigio.

COLOMBO

Mulher de forma extranha e de fulgor angil,
que vens da onda fria e tens olhar febril:
deusa branca de luz, mais bella que Atalanta,
a cuja voz leal minh'alma se levanta
erguida no dulçor de tão divino effluvio,
como a Arca a boiar nas aguas do diluvio;
deusa que tens no cóllo a garganta de Orpheu,
que és fragil como a espuma alvissima do Egeu,
bemdita sejas tu, ondina encantadora,
que, ao Sol desta alvorada azul e precursora,
me trazes a esperança auroreal, propicia,
de vêr surgir do mar essa nova Phenicia,

maravilha de Deus que o sol como um phanal
envolve de clarões na quéda occidental,
sonho da minha vida atormentada e mesta
que a tua voz converte em turbilhão de festa
no convéz que tem sido um leito de martyrio
e o teu olhar transforma em um jardim do Empireo!...
Sobre minh'alma cae, assim como o docel
do throno secular de Fernando e Isabel,
essa palavra augusta, e generosa, e grande
que me protege e ampara e ao mesmo tempo expande
as conquistas da Hespanha.

E a ti, gentil oráculo,
que fazes do meu peito um santo tabernáculo,
quero beijar-te os pés, marino bengali,
e dar-te o coração, alvinitente houri,
que eu desejo mudar na imagem do meu culto
piedoso e sagrado, ao mundo inteiro occulto,
como a hostia feliz na concha de uma ámbula,
de modo que onde quer que tu surjas, somnámbula,
das nuvens ou do mar, sejas a Beatriz
do Dante genovez, inspirado e feliz

por haver concebido, á luz dos olhos pretos
da tua fronte astral, os formosos tercetos
desta Epopea immensa, honra da Edade-Media,
maior que a inspiração da Divina-Comedia.

NEREIDA

Ha seculos sem fim que o Supremo Adonay
entrega á minha voz, desde o mar de Cathay
ás ribas do Tyrrheno, o dominio das vagas.
Eu arrasto commigo a multidão das sagas
que vivem ao sabor do tepido favonio,
fluctuando, a sorrir, sobre as ondas do Jonio.
Salvei da morte infausta o berço inerme e só
do innocente Moysés, que o velho Pharaó
mandára sepultar na profundez do Nilo;
reconduzi á patria Ulysses e o pugillo
dos heróes e dos reis da tremenda Olympiada
que Homero eternizou nos canticos da Illiada!
Mas vi quando deixaste, ebrio de amor e fé,
destacando o teu vulto energico, de pé,

na coberta da náo, as praias de Castella,
e vim acompanhando a tua caravella
como a sombra fiel acompanhava Túsculo
quando beijava Athys, á hora do crepúsculo...

COLOMBO

tomando-lhe a mão.

E ha tantos dias vens, na esteira desta náo,
fluctuando, e cantando, ao tempo ingrato e máo?

NEREIDA

Que importa o temporal?
Reclinada na esteira
da tua náo veloz, a concha forasteira
em que eu sigo, feliz como a gentil Hercynia
a tua fórma esbelta, athletica, apollinea,
segue, tambem feliz, as curvas triumphaes
do berço em que fluctúa, ás auras tropicaes,
a tua aspiração, irmã gemea da minha,
e fito o meu olhar na accidentada linha

que tu fitas tambem na vastidão do Atlantico,
attrahido talvez por um poder imantico.
Tenho vindo a cantar, por ordem dos Tritões,
para acalmar a furia e as iras dos trovões,
emquanto velejar por esta impervia trilha
da delicada Nina a donairosa quilha:
vem commigo, Almirante, a protecção de Salacia.
Arrojado marujo, á tua immensa audacia
jamais igual eu vi sobre os mares de Ophir,
nem creio que se veja em distante porvir.
Neptuno que assistiu ao teu adeus em Palos
mandou por toda parte aos mares seus vassallos
que applacassem a raiva eterna e adamastorica
perante a inspiração desta façanha historica.

COLOMBO

radiante.

E tu, mulher de espuma, apparição exul,
que me vens a sorrir da tua valva azul
trazer uma esperança á dôr do desespero

e alentar a illusão constante que eu espero,
despenha desse olhar, que vale um plenilunio,
o baptismo de amor sobre o meu infortunio.
Ouvindo a tua voz, ha tanto tempo já,
mandei o coração ás mãos de Jehovah
e amei-te, sem saber que o coração amava:
agora a minha vida adormeceu escrava
da tua que me alenta esta esperança única,
rasgando para mim a fimbria dessa túnica
suspensa do cariz do céo, sobre os confins
movediços do mar, e como se em coxins
feitos de espuma e luz surgisse do horisonte
a terra do meu sonho, erguendo altiva a fronte
a fitar sobre o meu o seu olhar cyclópico,
brilhante como o sol, ardente como o trópico.
E eu amei-te, mulher; eu, eu que nunca amei,
senti que o coração podia mais que um rei!
Sem sonhar de onde vinha esta paixão divina
esperava, a sorrir, a hora matutina
da tua seducção para escutar a celica
e auroral timidez dessa garganta angelica!

NEREIDA

com magoa na voz.

Não me podes amar, energico Titan:
tu tens a fé no Christo, eu sou nympha e pagã!

COLOMBO

com altivez.

Que importa ao meu amor se és deusa de Bryseida?
Somos ambos do mar; eu, nauta, e tu, Nereida.
Nasceste para mim, nympha bella e cerulea
como a nuvem no céo e a espuma á vaga azulea.
Eu sinto que tambem nasci para aquecer
ao calor da tua alma o frio do meu ser.
Ando em busca de um mundo e encontro nos teus olhos
dois sóes illuminando esta estrada de escolhos...
Que importa ao nosso amor tua origem chimerica?
E não será chimera a ambicionada America
que vislumbrei em sonho, a terra dos pagãos
que eu desejo trazer ao gremio dos christãos?
Por essa luz que vem do teu olhar profundo

trocaria o esplendor, a gloria, o Novo-Mundo,
se eu sentisse na minha a tua bocca idillica
e esta alma recebesse a tua alma gentilica
num beijo sequioso, ardente como os sóes,
doce como o gorgeio astral dos rouxinóes!

NEREIDA

Mas repara, Almirante, a minha bocca é neve
e o meu corpo de espuma é como a espuma, leve.
Se o teu labio aflorasse o labio meu, exótico
adormeceras tu ao meu beijo narcotico
e, ao despertar do somno embriagador, talvez
se houvesse dissipado, incauto genovez,
o sonho que te arrasta á esteira da esperança
e nem da minha voz ficaria a lembrança,
desfeita a minha fórma em lúcidas escamulas
e a luz do meu olhar em azuladas flammulas.
Esquece-me, Piloto!
E não saiba ninguem,
no throno de Isabel, na terra de Cecem,

que tu amaste um dia a espuma da chimera
sobre a quilha veloz desta gentil galéra,
onde vae fluctuando á aragem branda e tépida
toda a gloria real da velha Hespanha intrépida!

COLOMBO

apaixonado.

Destes mastros fizéra os braços de uma cruz
para nelles morrer como expirou Jesus,
se cantasse a meu lado, harmoniosa e cheia,
a garganta estellar que sobre mim gorgeia,
como um astro emigrado ao resplandor sidereo
para vir alegrar este soturno imperio.
Deixaria afundar na treva do escarcéo,
como um corpo a rolar num fundo mausoléo,
esta fama real que a todo o instante cresce,
se a tua alma pagan ouvisse a minha préce
e desta madrugada alvissima e castálida
nascesse o nosso amor, mysteriosa crysálida,
do beijo que juntasse á luz crepuscular
o meu labio de fogo ao teu de nenuphar!

NEREIDA

Seria despertar todo o rancor de Aglaia!...

COLOMBO

energico.

Despertasse o furor dos ventos na Byscaia,
corressem pelo azul settas do Sagittario,
sobre a terra tombasse a noite do Calvario,
seria o teu olhar meu lúcido pharol,
embora contra mim todo o fél hespanhol
fervesse de Bilbáo até Andaluzia!
Que importa se tu vens da antiga idolatria,
se tem a tua voz a magica dolencia;
se a tua bocca exhala a perfumada essencia;
se ao teu sopro subtil vae serena e veloz
sobre as vagas em raiva esta casca de nóz;
e se a linha gracil da tua doce imagem
me vem a proteger a intérmina viagem;
se a tua fórma nobre, angelical e florea

tem para mim a fórma esbelta da Victoria?
Adoro-te, Nereida, e esta alma que te quer
ama como Assuero amou a branca Esther!...

Ajoelha aos pés da NEREIDA.

NEREIDA

Tu sonhas, Almirante!
Acorda e vê que a bruma
começa a dissipar-se, á luz que já reçuma
na curva do horizonte.
A minha vida é fúmida
e a tua alma, leal como um guerreiro númida,
não se deve render á embriaguez do amor,
quando tem a bravura e a grandeza de Heitor...
Não te illudas, Colombo; á luz da madrugada
a minha fórma vaga estará dissipada.
Conserva essa grandeza esculptural e achilea
que tu terás de oppôr á traição bobadilea,
e deixa que eu me perca, esquece-te de mim...

COLOMBO

com arrebatamento.

Esquecer-me de ti, airoso bergantim
que ha tanto tempo vens na esteira dissolvente
da minha caravella, a rumo do Occidente;
flôr dos mares que traz, assim como em carcérula,
occulta na garganta a voz divina e quérula!...
Prefiro converter o chão deste convez
em leito nupcial e, rojado a teus pés,
descer á escuridão insondavel do charco,
expirando a sorrir, assim como Learco
junto á estatua do Deus, contanto que os teus labios,
colados sobre os meus, pareçam os cosmolabios
medindo deste amor indomito e pagão
o circulo de luz de celica extensão...

Tenta beijal-a: a NEREIDA esquiva-se.

NEREIDA

Não profanes assim o lenho desta fusta,

nem esmagues a fé alevantada e augusta
na aventura auroral de um passageiro idillio...

COLOMBO

Surgisse para mim, perpetuamente, o exilio,
fôra-me o Bem incerto e a ventura mendaz,
eu iria soffrer por ti, visão fugaz,
as penas deste mal que a vida me submerge,
deste amor sem porvir e para o qual converge
das loucas illusões o colossal prestigio...

NEREIDA

Breve se apagará, num rapido remigio,
esta visão ligeira e a linha do perfil
que parece gravado a golpes de buril
na lamina do azul e que o teu ser encanta,
como o vulto sagrado e puro de uma santa.

COLOMBO

Mas não se apagará na vaga do defluvio

o amor que me transforma o peito num Vesuvio,
porque a luz desse olhar incrustou-se no meu,
como ao Caucaso adusto a dôr do Prometheu...
Se vae nascer em breve a luz duma outra aurora,
reabre essa garganta angelica e sonora
e aperta o meu destino ao teu numa caricia,
e seja esta manhã a aurora esponsalicia
do nosso amor pagão cheio de viço astral,
mais quente do que o sól, mais puro que o crystal!

Toma-lhe a mão e envolve-lhe a cintura.

NEREIDA

A minha vida triste a tua vida infesta;
é loucura fundir numa visão funesta
a tua alma de fogo á minha alma de cirio:
consente-me que fuja, abranda o teu delirio...

COLOMBO

retendo-a.

Tu não me fugirás!

Presos no mesmo annel
desceremos os dois ao fundo do parcel,
ou, antes que o clarão da luz do dia abrande
o fogo deste affecto, ou que outra força mande
que a minh'alma se humilhe, ao teu olhar immáculo
eu quero agrilhoar pelo mesmo liáculo
a minha vida inteira á tua que sorri
e remontar ao céo redimido por ti...

NEREIDA

Não te illudas, Piloto; ás linhas do meu vulto
ninguem te ligará.
Todo o porvir ausculto
e, filha do Oceano, a fluctuar, noctámbula,
sobre as aguas do mar, eu sou como a funámbula
que sabe ler a sina, e a tua mão prediz,
nesta linha cruel, que vaes ser infeliz;
e os meus olhos, embora os faças amuletos
porque os vejas sorrir tranquillos e facetos,
leram no teu futuro uma longa tragedia...

COLOMBO

interrompendo-a.

Pouco importa, mulher; se fores a intermedia
desse longo estertor, do tormento que vae
dilacerar-me a vida.
A luz que fulge e cae
dos teus olhos febris e de pupillas magas
é o banho lustral de amor com que me afagas...
Póde tombar do espaço a raiva do demonio,
soprar sobre minh'alma o furor aquilonio,
roubando-me a existencia, ou transformando em pó
a minha aspiração, o velho portaló
desta veleira náo, que foi o teu asylo,
jamais se apagará do meu olhar tranquillo:
tu serás para mim a formosa hamadriada
ouvindo do meu peito a triste jeremiada;
tu viverás em mim, e eu viverei até
que a morte me fulmine e quebre essa galé
que o teu labio vermelho agora me revella,
mas emquanto eu viver, o chão desta nacella

ha de sempre lembrar-me o teu vulto minusculo
desenhado na luz do vago ante-crepusculo
e prevendo, a cantar, nas notas de um soláo
o destino que faz dum Almirante, um jáo.
Antes que o dia surja, ó branca feiticeira,
permitte-me beijar-te a bocca alviçareira
que, a sorrir, me annuncia a tremenda ignominia
que vae amargurar como a lava flaminia
o meu porvir de sombra...

NEREIDA

As tuas mãos leaes
tem nos sulcos azues os fúnebres signaes
da negra desventura e da sorte mesquinha
que ao teu grande triumpho a desgraça avizinha...

COLOMBO examina cuidadosamente as mãos. — Pausa.

COLOMBO

Desvenda-me o porvir!...

Estende-lhe a mão esquerda, apoiando a direita sobre a columna da bussola.

Teu labio chiromantico
dirá, como a rezar a melodia de um cantico,
todo o extenso collar das rábidas traições,
o rosario fatal das minhas illusões...

NEREIDA

lendo na mão do Genovez.

Esta curva do pulso, em fórma de forquilha,
as algemas prevê do féro Bobadilla;
esta linha annuncia a misera fallacia
e a vil traição de Ovando.
Est'outra, violacea,
da veia que apparece e que torna a immergir,
como um dorso de vaga a descer e a subir,
é prenuncio infeliz de temporaes e abalos,
de mentira infernal, de premios e regalos
a Americo Vespucio, alma servil e nórica;
est'outra que se extende ao dorso é allegórica

ao naufragio fatal sobre as costas do Sul
de uma formosa Antilha, a cujo céo de thul
repousarás por fim do teu destino austero,
peregrino do Bem que vens como Ashavero
abrir um mundo novo á luz do novilunio;
desventurado heróe, mais nobre do que Junio,
a tua immensa gloria um outro fruirá,
e o teu nome de luz apenas brilhará
num pedaço da terra, embora illustre e brava,
onde gorgeia a voz da encantadora algava.
A tua fé christã sobre a vaga neptúnica
ha de morrer ás mãos da fé mesquinha e púnica
d'Hylacomilus vil, envolvendo em festins
o nome de Vespucio e o teu nos seus pasquins.
Mas soergue o teu busto, altivo Laocoonte,
fita os olhos no Sól e deixa que te affronte
a inveja do inimigo; o odio é microscópico
e o teu vulto, Almirante, ha de ser telescópico.
Aprôa a náo gentil ao rumo que apontei,
eleva o teu olhar das ondas que eu singrei,
espera que adelgace a gaze da neblina

e has de ver como sae da vaga ultramarina
a grandeza da terra inda barbara e bellica,
Palestina pagã, a Brahmania evangelica,
que a tua alma leal ha de fazer christã
mal desponte no céo a limpida manhã!

COLOMBO

em extasis.

Lyrio do mar convulso! Alva Astartea igneida!
Ondina que eu cantára em versos de uma Eneida
se dentro em mim vibrasse a inspiração herculea
do genio que cantou a grandeza romulea;
Berenice de luz que eu vejo florescer,
Nelumbo de luar que faz enlouquecer,
ficaria em grilhões na pedra dos abrolhos,
de rastros, a teus pés, como escravo, de giolhos,
esquecido da gloria e da epopêa homerica,
longe da terra augusta e da montanha iberica,
onde não fosse a voz mendaz dos meus irmãos
e pudesse beijar-te a epiderme das mãos

que acabam de rasgar-me um sulco largo e fundo
na bruma do porvir que eu suppunha jucundo;
Ondina espumarenta, Orythia mongilica,
ridente incarnação da pérola conchilica,
tu que sabes contar a sina dos heróes,
porque não lês tambem nest'alma que destróes
num triste vaticinio?
E se tu vês que em breve
a Nova-Promissão talvez se sobreleve,
como um titan que sae de um longo somno hypnótico,
aos vagalhões do mar, ou como um effeito óptico
enganador e raro, Ondina, se tu crês
do meu porvir cruel na rispida rudez,
abriga no teu seio, ó pomba da alliança,
este amor que merece um dia de bonança,
e as escadas da luz, como Jacob, subamol-as,
ou Julieta e Romeu, as da morte, desçamol-as!
E num beijo sem fim, como um sonho tambem,
façamos deste amor a branca Bethlem
eternamente moça, e sempre em primavera
como Venus astral nas aguas de Cythera,

E a vida correrá serenamente, lépida;
Eu, tranquillo, a sorrir; tu, nos meus braços, trépida!

O Almirante aperta a NEREIDA e ella deixa-se cahir languidamente nos seus braços, como a esvahir-se num sonho e recebendo nos labios o beijo do Genovez.

NEREIDA

Almirante, christão... O teu amor me aterra...
A America desponta, o dia surge...

VOZ DO GAGEIRO

no alto da verga.

Terra!...

COLOMBO

surprehendido pela voz do gageiro, como que desperta de um sonho, deixa a NEREIDA, que se precipita no Oceano, e corre para a amurada da não; fita os olhos no horisonte e, enquanto a maruja acóde, num lance de enthusiasmo vibrante, exclama:

Formosa Canaan dos meus gentis amores,

ó sonho que eu sonhava e nunca me mentira,
appareces, emfim, quando a alvorada expira,
como um astro a nascer num estendal de flôres,
sob a cúpola azul de um céo hospitaleiro,
onde paira a sorrir, nos braços do Cruzeiro,
a alma de Jesus, numa eterna psalmodia,
como as hostias de Deus num seio de Custodia!

Mundo-Novo que vens disseminar assombros,
enchendo de esplendor a phantasia humana,
saes do sigillo eterno, erguido na alvitana
da luz crepuscular, suspenso nos meus hombros,
bem como se ao palor de um magico levante
Venus, emolduràndo a cabeça brilhante
na brancura aromal de um seio de magnolia,
ao mundo revelasse alguma nova Etolia!

Terra da Promissão, feliz como um sorriso,
despontas no horisonte azul: e eu te descubro
nesta manhã serena e limpida de Outubro,
que parece a manhã mostil do Paraizo.

Em nome de Castella-a-Velha eu te saúdo,
á sombra deste céo que é feito de velludo,
e desvendo ao porvir grandiloquo e pulcherrimo
o teu seio de Mãe encantador e uberrimo!

Ouve-se na extensão do Oceano a voz das Nereidas em côro, entoando um hymno ao Sól; e, á medida que o dia cresce e a luz se espalha no espaço, surge a silueta das montanhas no azul do horisonte e a voz se vae dissolvendo na claridade do dia.

PANNO

N. 1034 — DAS OFFICINAS GRAPHICAS
DA LIVRARIA AMERICANA — PORTO
ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL — 1908

12533

MARECHAL BORMANN

A Batalha de Leipzig

Dias 16, 17, 18 e 19 de Outubro de 1813

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA LEUZINGER
1914

SÃO PAULO
CAIXA, T
Rua Libero Badaró, 39

530

A BATALHA DE LEIPZIG [1]

Dias 16, 17, 18 e 19 de Outubro de 1813

I

Ha certos anniversarios que as nações não deviam celebrar com o enthusiasmo que muitas vezes notamos, porque a historia protesta contra taes expansões de jubilo. A batalha de Leipzig, cujo primeiro centenario a poderosa Allemanha ha pouco commemorou, com brilho e ruido, não foi uma destas acções de guerra em que os vencedores patenteassem talentos militares e á estes devessem o triumpho.

Do embate das armas tambem nenhuma gloria colheram os vencedores. Ella só pertence aos heroicos vencidos.

Comquanto não tenhamos sympathias pelas doutrinas socialistas, não podemos deixar de louvar a conducta dos socialistas allemães, retrahindo-se por occasião de certas commemorações em que o « pangermanismo », dando expansões aos seus odios contra a França, procura escurecer a historia com falsas narrações dos factos e apreciações eivadas de premeditadas injustiças.

---

[1] Este trabalho foi publicado no jornal — *O Diario* — desta Capital, em Dezembro p. passado.

A Allemanha tem, em seus annaes militares, datas realmente gloriosas; estas sim, deviam ser celebradas pelo patriotismo germanico; mas, Leipzig não, porque toda gloria da sangrenta batalha, de quatro dias, coube ás aguias francezas. Vejamos:

Napoleão, vencedor nos campos de batalha de Lutzen, de Bautzen e de Wurtchen, aquelles já celebres pela acção travada em novembro de 1632, em que Gustavo Adolpho encontrou morte gloriosa, venceu ainda os alliados em Dresde, á frente de um exercito inferior em numero, composto, em sua quasi totalidade, de jovens recrutas, e dispondo de forças de cavallaria tão diminutas que não lhe foi possivel perseguir com vigor o inimigo, em plena derrota.

O seu plano depois destas victorias era deixar os alliados avançar entre o Elba e o Saale, e, marchando sob a protecção das praças e depositos de Dresde, Torgau, Witemberg e Hamburgo, localisar a guerra entre o Elba e o Oder.

Mas, cançados de guerras constantes, esquecidos que a ellas era o imperador Napoleão obrigado pela má fé dos inimigos da França, que assignavam, depois de vencidos, os tratados de paz para logo se prepararem para novas campanhas, incitados pela Inglaterra, que com o seu ouro sustentava os exercitos do continente; os marechaes e os outros chefes de alta patente só, então, ambicionavam o repouso, alcançado de qualquer modo, para fruirem, em seus palacios de Pariz, as principescas dotações com que os agraciára a munificencia imperial.

Elles fingiam não comprehender o plano do

imperador ou, então, julgavam-n'o excessivamente audaz, cheio de perigos, com a circumstancia grave de ser preciso, para realisal-o, passar o exercito um longo mez sem noticias da França.

II

Entre estes chefes, Ney, principe de Moscou, e Berthier, principe de Neufchatel e Wagram, salientavam-se nas demonstrações de impaciencia, exaggerando os perigos resultantes da execução do plano imperial, criticando-o, censurando-o, e aconselhando finalmente a marchar para o Rheno, afim de defender a fronteira da França que podia ser invadida, visto a enorme força de que dispunham os alliados.

Napoleão foi sempre excessivamente benevolente para os seus marechaes; como general Bonaparte outr'ora, elle teria feito calar os censores e os obrigaria a executar o seu plano de operações; mas, vendo que os principaes chefes haviam perdido o ardor e a constancia e que só aspiravam o repouso, cedeu e marchou para Leipzig, disposto a tomar o caminho da França, sciente já, então, que a Baviera, sua alliada o trahira, e collocára-se ao lado dos seus inimigos.

Esta traição não foi a unica.

Wurtemberg, Bade, Darmstadt e a Saxonia, imitaram a Baviera pouco depois.

A marcha para Leipzig encheu de contentamento aos chefes do exercito; mal sabiam elles que os arrabaldes da velha cidade da Allemanha iam ser o scenario de mortiferos combates, o tumulo

de uma juventude cheia de esperanças, que o patriotismo transformára em soldados, enfileirados com os heroicos sobreviventes de Moscou e Bérezina!

Mais tarde, quando a Europa colligada, apavorada do seu proprio triumpho, exilára o immortal capitão para o rochedo de Santa Helena, para punir-lhe o crime de suas innumeras e estrondosas victorias, dizia elle, referindo-se aos acontecimentos de Leipzig, que «fôra quasi sempre bem succedido quando seguira suas proprias inspirações, e mal quando guiava-se pelas dos outros.»

Leipzig era circumdada de pequenas villas ou antes aldeias, á curta distancia. Entre ellas Vachau, Liberwohvortz, Probstheyda, Merkkleeberg e outras, já estavam occupadas por forças commandadas pelos duques de Ragusa e de Castiglione.

O imperador chegando á cidade, mandou fortificar varios pontos dos arrabaldes, e alli recebeu o veneravel rei da Saxonia, seu alliado, que havia deixado a capital do seu reino para acompanhal-o com toda a familia real.

A população, presa do maior desanimo, reanimou-se com a presença do imperador.

III

DIA 16

Eram 9 horas da manhã, quando rompeu um espantoso canhoneio pelo lado da aldeia de Vachau,

Todos aquelles chefes que tanto desejavam repousar, vão, entretanto, portar-se com a bravura que os elevou ás altas posições que occupavam; o

tremendo, o formidavel estrondo de duzentos canhões ergue-lhes o espirito abatido; restitue-lhes a coragem, a actividade dos primeiros tempos da epopéa imperial.

O principe de Schwartzenberg iniciava a batalha pelo lado daquella aldeia; o proprio imperador encarregou-se de defrontal-o. O exercito prussiano da Silesia, sob o commando de Blücher, vinha apressadamente em marcha para fazer juncção com o exercito daquelle principe.

Napoleão incumbiu Ney de esperar Blücher que avançava com Bernadotte, este francez ingrato, perjuro, degenerado, que vinha, á frente dos inimigos de sua patria, derramar o sangue de seus compatriotas.

O duque de Ragusa e o general Souham estavam sob as ordens de Ney.

Schwartzenberg, á frente de seus austriacos e russos, avançou com impeto, apoiado por duzentos canhões, para tomar Leipzig, crente de que Napoleão não tivesse tido tempo de concentrar todas as suas forças nas proximidades daquella cidade; em menos de uma hora o imperador o repelliu e com perdas enormes.

Quando isto tinha logar, o general prussiano Kleist arrebatava aos francezes a aldeia de Markkleeberg, e marchava para Dolitz, já, então, atacada pelos austriacos; mas, ahi estava o principe Poniatowsky que, auxiliado pela cavallaria de Milhaud e a infanteria do duque de Castiglione, repelliu o inimigo, causando-lhe tremendos claros em suas fileiras.

A lucta travava-se em Vachau, com furor; debalde o principe Eugenio de Wurtemberg procurava tomar essa aldeia: o marechal Victor, duque de Belluna, a defendia com heroismo. O general Klenau e a divisão russa de Gorsakoff, animada com a presença do imperador Alexandre, investiram varias vezes a aldeia de Lieberwolwitz; mas, o general Lauriston oppunha-lhes uma terrivel resistencia que se tornou espantosamente mortifera, porque o marechal Macdonald, duque de Tarento, com as suas forças e com a cavallaria do general Sebastiani e duas divisões da joven guarda, sob o commando do marechal Mortier, duque de Trevisa, avançaram para apoiar aquelle general.

Emfim, em todas as aldeias que circumdavam Leipzig, a lucta progredia sangrenta, e Napoleão attendia a todos os pontos que exigiam a sua presença, arrostando calmamente os maiores perigos.

Mas, até ahi, os francezes tinham se conservado na defensiva; tal situação não se coaduna com o temperamento gaulez; assim, Lauriston e o duque de Trevisa mandaram armar baionetas e com os duques de Belluna e de Reggio, protegidos por cento e cincoenta bocas de fogo, ao mando do general Drouot, precipitaram-se sobre o inimigo, levando-o de vencida.

Blücher chegava, então, á frente do exercito da Silesia, e com o vigor e impeto que lhe eram peculiares, atirou-se sobre as forças de Marmont, duque de Raguza; mas este, firme, inabalavel, repelliu as varias investidas do fogoso general, cuja senha, em combate, eram as palavras: Para a frente!

IV

Quando tudo isso tinha logar, o general conde Bertrand batia o general austriaco Guilay que, á frente de vinte mil homens, procurava cortar a retirada, isto é, interceptar ao exercito francez o caminho para o Rheno e, portanto, para a França, occupando a villa de Lindenau.

Bertrand, entretanto, dispunha apenas de quinze mil homens, ou antes, de quinze mil adolescentes!

O caminho para a França ficou desimpedido com a victoria de Bertrand.

Emfim, por toda parte os alliados foram rechassados na refrega do dia 16, não conseguindo tomar nenhuma das posições que Napoleão julgava dever conservar para bom exito de seu plano.

Ao cahir da noite, elles achavam-se nas posições de onde tinham iniciado a batalha com perda de trinta mil homens. A perda dos francezes foi tambem grande, pois, vinte mil foram postos fóra de combate, perda enorme, si attendermos á inferioridade numerica com que o imperador repelliu o ataque dos alliados.

Já era noite cerrada, e ainda das posições occupadas pelos dois exercitos a respectiva artilharia mesclava os seus ribombos com os gritos e gemidos dos feridos da tremenda lucta.

Nessa noite, os alliados receberam reforços superiores a cem mil homens; ao passo que á Napoleão reunira-se apenas o pequeno exercito do general Reynier.

No campo de batalha Napoleão revestiu o principe Poniatowsky com as insignias de marechal de França, recompensa merecida pelo glorioso Bayardo polaco, mas, que elle devia fruir apenas por algumas horas.

O general austriaco Merfeldt cahiu prisioneiro. Era homem de grande merito e valente. Foi elle que, em 1797, em nome do archiduque Carlos, solicitou o armisticio do Campo Formio, cujos preliminares foram assignados por aquelle archiduque e Napoleão, então general Bonaparte, commandante em chefe do exercito de Italia ; foi ainda esse mesmo general que em a noite da batalha de Austerlitz, em nome dos imperadores da Austria e da Russia, pediu o armisticio seguido depois do tratado de paz.

Como era natural, sendo conhecido de Napoleão foi perfeitamente tratado, posto em liberdade, e encarregado de levar ao soberano da Austria offerecimentos de conciliação, aliás já antes regeitados, devido á politica perfida de Meternich, sustentada com o ouro da Inglaterra.

V

DIAS 17 E 18

O dia 17, si não fôra um combate de cavallaria entre as forças do general Wassilzickoff e de Arrighi, duque de Padua, poder-se-ia dizer que correra calmo.

Os alliados, apezar do enorme reforço que haviam recebido em a noite de 16 para 17, ainda se julgavam fracos ; esperavam o exercito russo da

Polonia, do commando do general Benigsen, demorado pelo máo estado dos caminhos, para proseguirem na lucta.

Os alliados queriam vencer « *à coup-d'hommes* ».

Os francezes estavam, entretanto, promptos para recomeçarem a batalha, apezar da sua grande inferioridade numerica.

Emfim, chegaram os russos de Benigsen e a batalha ia travar-se.

O marechal Poniatowosky occupava a direita da linha de batalha do exercito francez, dispondo apenas de sete mil baionetas.

Ia o bravo polaco receber o choque das forças do principe de Hesse-Hombourg, de Bianchi, de Lichtenstein e de Colloredo e, ainda mais, do resto do exercito do general Merfeldt, sob o commando de outro general.

Como deve estar lembrado o leitor, Merfeldt fôra encarregado de levar ao imperador da Austria offerecimentos de conciliação; mas, só tres semanas depois recebeu o imperador Napoleão a respectiva resposta.

O sogro de Napoleão, dominado pelo seu ministro Meternich, aguardava os acontecimentos para responder. A resposta pendia da sorte das armas; si ella fosse favoravel aos alliados seriam repellidos os offerecimentos; ao contrario, não, como succedera em outras campanhas anteriores.

Mas, como vimos, a situação de Poniatowsky era critica. Napoleão mandou em auxilio do illustre polaco a divisão do general Lefol.

O centro da linha de batalha apoiava-se n'aldeia de Probstheyda; ahi estavam Murat, rei de Napoles, os duques de Belluna, de Castiglione, e o general Lauriston, promptos a receber o ataque dos russos de Barclay de Tolly, de Witgenstein e dos prussianos de Kleist.

Finalmente, na esquerda o duque de Tarento esperava o choque do exercito austriaco de Klenau, do prussiano de Zieten, e do russo de Benigsen, do qual faziam parte os cossacos de Platow; mas, como aquelle duque tivera ordem de occupar a aldeia de Stoetteritz, marchou para essa posição a espera do ataque dos adversarios.

Quando isso tinha logar, ao norte Blücher e Bernadotte tentavam transpôr o Partha para tomarem parte na batalha geral; Ney e Marmont repelliam as suas tentativas.

VI

A's 9 horas do dia, avançaram os alliados e logo a batalha começou com maior furia do que a do dia 16.

Na direita os polacos, apezar do heroismo com que combatiam, recuaram da posição ante o ataque do inimigo muito superior em numero; mas, o duque de Reggio correu em auxilio daquelles heróes com duas divisões da joven guarda e a lucta equilibrou-se, cahindo ferido o principe de Hesse-Homburgo que, em pessôa, dirigia a lucta.

No centro o combate se transformou em uma espantosa carnificina: ahi disputavam a posse da

aldeia de Probstheyda, posição mais importante da linha de batalha. Russos e prussianos chegaram a apoderar-se da aldeia; mas, foram depois desalojados; seis vezes, ora a aldeia cahia nas mãos dos alliados, ora era arrebatada pelos francezes que, afinal, nella se conservaram, graças aos duques de Belluna e de Castiglione e ao general Lauriston.

Ahi a mortandade foi horrivel! Si o campo de batalha de Cannes, em que foram sepultados cincoenta mil romanos, vencidos pela espada implacavel de Annibal, passou á Historia com a denominação de Campo de Sangue, a celebre aldeia de Probstheyda bem merecia chamar-se « Aldeia de Sangue ».

Mas, quando com o maior encarniçamento, disputava-se a posse dessa aldeia, os defensores ouviram trovejar o canhão quasi á rectaguarda dessa posição, acompanhado de vivo estrepido de fuzilaria.

Um grito unisono partiu:

— E' Bernadotte, é o canhão de Bernadotte!

Diz um historiador:

« L'indignation fait passer ce cri de bouche en bouche, et les défenseurs de Probstheyda le répétent en déchirant leurs cartouches avec plus de fureur. »

Com effeito, ahi chegava Bernadotte, marechal de França, principe real da Suecia, por influencia de Napoleão, á frente de suecos e russos para combater os francezes, seus compatriotas, e até, não havia muito tempo, seus companheiros de glorias!

Esse dia registrou tambem ainda uma inqualificavel traição :

O general Reynier manda avançar o exercito da Saxonia contra uma posição occupada pelos russos ; o exercito avança acceleradamente e passa-se para o inimigo !

O grande vacuo deixado na linha de batalha, por essa traição, foi preenchido por algumas divisões da velha guarda.

O commandante da artilharia saxonia, ao chegar ao campo alliado, disse aos generaes :

« Acabo de queimar a metade de minhas munições contra os senhores ; agora vou empregar a outra metade contra os francezes ».

Estas cynicas e revoltantes palavras encheram de indignação a quantos as ouviram.

Bernadotte, auxiliado pela artilharia desse transfuga, atacou vigorosamente a aldeia de Reudnitz ; mas, o general Nansouty, á frente da cavallaria da velha guarda e vinte peças de artilharia, depois de varias cargas, refreou o impeto do ataque, e acabou repellindo-o.

Por toda parte os alliados, apesar da furia com que atacaram e da sua enorme superioridade numerica, nenhuma vantagem colheram.

Os francezes conservaram as suas posições.

VII

A' tarde, russos, austriacos, prussianos e suecos voltavam ás suas posições do dia anterior, reforçados dos saxonios que, em numero de doze mil e

quarenta boccas de fogo, tinham desertado, como dissemos, para elles, acompanhados da cavallaria wurtembergueza do general Normann.

Essas defecções de seus alliados, em plena batalha, deviam magoar o imperador Napoleão; exteriormente, porém, nenhuma demonstração deu elle que denotasse qualquer contrariedade.

Nesses tres dias de lucta tiveram os alliados sessenta mil homens fóra de combate entre mortos e feridos.

Durante a noite de 18, o imperador deu as ordens para a batalha do dia seguinte. Estas ordens foram, porém, annulladas e substituidas por outras, porque os chefes d'artilharia vieram prevenir que a munição estava esgotada; a pouca que restava dava apenas para duas horas de fogo.

A' vista de tão categorica declaração, Napoleão comprehendeu que era impossivel permanecer naquellas posições, tão heroicamente defendidas, para no dia seguinte recomeçar a lucta, e, por isso, tratou de operar a retirada para o Rheno.

Não lhe faltaram conselhos para que se fortificasse em Leipzig e recebesse alli o ataque dos alliados, porque elle os tinha vencido em campo raso, á testa de um exercito muito inferior em numero, portanto a derrota completa seria infallivel, convenientemente fortificado, e para repellir os assaltos a munição restante chegava.

O imperador não ouviu taes conselhos porque, acceitando-os, sacrificava a velha cidade da Allemanha ao cruel bombardeamento dos alliados, dispostos a arrasal-a pelo rancor e desejo de se vinga-

rem do leal e venerando rei da Saxonia Frederico Augusto.

Esse fiel alliado do imperador, ao saber da traição do seu exercito, exclamou:

— O meu exercito hoje se deshonrou!

E quando depois, nas ruas de Leipzig, officiaes e soldados saxonios atacavam os francezes, o rei, expondo-se das janellas de seu palacio ás balas que sibilavam, gritava:

— Matae-me, cobardes!... matae o vosso rei para que elle não seja testemunha da vossa deshonra!

Depois, diz um historiador, « no paroxismo da indignação, agarrou a bandeira da sua guarda e a deitou ao fogo ».

O rei de Wurtemberg que, não havia muito tempo, rompera a alliança com a França, não pôde, entretanto, perdoar ás suas tropas a traição que praticaram, passando-se para os alliados em plena batalha.

Dissolveu-as e cassou aos officiaes as condecorações da sua ordem.

Sir Robert Wilson, general inglez que se achava no campo dos alliados, diz em seu livro intitulado: — « Quadro do poder da Russia ».

— « Apezar da defecção do exercito saxonio durante a batalha, apezar da coragem ardente e perseverante das tropas alliadas, não se poude tomar aos francezes uma só das aldeias que elles entendiam dever conservar como essenciaes ás suas posições. A' noite terminou a acção, deixando aos

defensores de Probstheyda a gloria de ter inspirado a seus inimigos uma generosa inveja ».

O coronel russo Butturlin, ajudante de campo do imperador Alexandre, diz em seu livro sobre a campanha de 1813 :

— « A tenacidade com que os francezes defendiam suas posições determinou o generalissimo a suspender os ataques, á viva força, que lhe custavam tanta gente. »

VIII

DIA 19

Como se vê do que temos exposto, o objectivo dos alliados era a posse da cidade de Leipzig ; mas, as tentativas para conseguirem esse « desideratum » já haviam custado muito sangue, pois, comquanto o numero dos combatentes fosse superior a trezentos e cincoenta mil homens, depois da juncção do exercito russo de Benigsen e da traição dos saxonios, uma perda de sessenta mil homens era um enorme vacuo em suas fileiras.

Os soberanos alliados, depois de ouvirem o generalissimo Schwartzenberg, desistiram de tomar a cidade á viva força.

Que plano, pois, teriam agora?

Simular uma retirada e attrahir assim Napoleão para fóra das aldeias circumvisinhas de Leipzig e, então, em campo raso, esmagal-o com a sua immensa superioridade numerica?

Outro não podia ser o plano dos soberanos

alliados, já que essas aldeias se tinham transformado em sangrentas necropoles de seus soldados.

Blücher, o famoso general prussiano, que odiava de morte o imperador e os francezes, sempre impetuoso, intrepido, muito popular entre os seus soldados, preferia tomar de assalto a cidade.

Mas, fingir uma retirada para tirar Napoleão das excellentes posições que occupava era um estratagema que não escaparia á percepção do grande capitão, que, portanto, se preveniria para o caso.

Havia, pois, certa indecisão no campo alliado.

Mas, a falta de munição veiu em auxilio dos soberanos que haviam conjurado a Europa contra aquelle que os vencera em varias batalhas.

Dadas as ordens para a retirada, cedo ella começou.

Na frente marcharam os duques de Belluna e de Castiglione e para que o movimento se effectuasse na melhor ordem e fosse bem protegido, de fórma a repellir o inimigo, quando elle presentisse aquella operação, os diversos arrabaldes foram occupados por forças respeitaveis, que os deveriam abandonar quando á ellas tocasse a vez de entrarem no movimento geral.

O duque de Raguza, o principe de Moscou e o general Regnier occuparam os arrabaldes.

As forças que deviam fazer a rectaguarda foram confiadas ao duque de Tarento, ao general Lauriston e ao marechal principe Poniatowsky. Este deveria, até o ultimo momento, defender o arrabalde que ficava ao sul de Leipzig.

Quando o principe, pela manhã, veiu receber

as ordens do imperador, este lhe ordenou que defendesse aquelle arrabalde. Ponitowsky observou que dispunha de pouca gente; mas, o imperador, que confiava no valor dos polacos, lhe respondeu que defendesse o arrabalde mesmo assim.

— Nós defenderemos, senhor, disse Poniatowsky; nós estamos sempre promptos a morrer por vossa magestade.

« Estas palavras, diz um historiador, sensibilizaram vivamente o imperador; entretanto, elle estava longe de pensar que ellas eram os ultimos adeuses de Poniatowsky ».

Mas Blücher, sempre vigilante, tinha a attenção fixa nas circumvisinhanças de Leipzig, nos seus arrabaldes e nessas aldeias que pareciam ter zombado da impetuosidade de seus ataques e da bravura de seus alliados; assim, percebeu logo o movimento de retirada e jubiloso espalhou a boa nova, recebida com vivas, hurrahs e gritos — A Paris, a Paris!

Realmente, Leipzig ia abrir o caminho para a capital da França; mas, para nella penetrarem os alliados eram necessarios alguns mezes, muitas batalhas e muitas traições!

IX

Os alliados, enthusiasmados, avançaram em columnas de ataque e d'ahi a pouco o estrondo da artilharia mesclava-se com o estrepito da fuzilada.

Napoleão, antes de deixar Leipzig, foi despedir-se do rei da Saxonia e da familia real. A scena

foi cheia de emoções. O imperador aconselhou ao venerando monarcha que tratasse com o inimigo para evitar maiores desgostos e males e disse-lhe que qualquer que fosse a sorte delle, imperador, a França havia de saldar a divida de amizade contrahida com a sua real pessoa. O imperador demorou-se junto á familia real até o ultimo momento, isto é, só se separou quando já forças alliadas tinham penetrado na cidade, luctando com os francezes nas ruas proximas ao palacio.

Quando se passavam estes factos, a vanguarda franceza e o centro do exercito tinham transposto o Elster, seguindo, por emquanto, vagarosamente para dar tempo a que se approximasse a rectaguarda.

A marcha era para Erfurt. Nessa cidade podia o exercito munir-se do necessario; o arsenal, os armazens, os depositos estavam cheios de tudo quanto podia exigir-se para proseguir na marcha para o Rheno.

Além disso, durante o tempo em que o exercito alli se demorasse, ficaria protegido pelas fortificações da cidade, dessa mesma cidade em que, quatro annos antes, Alexandre I.º e Napoleão juraram uma amizade eterna; época em que o imperador de todas as Russias julgava que a amizade de um grande homem era um presente do céo.

O imperador Napoleão, que nada esquecia, deu ordem para fazer saltar a grande ponte que existia sobre o Elster, logo que a rectaguarda do seu exercito a transpuzesse.

Os sapadores immediatamente começaram os

trabalhos de sapa e em pouco tempo estava minada a ponte. Infelizmente havia só essa grande ponte, porque uma outra auxiliar que foi construida desabou; assim, o desfilar das tropas era difficil e demorado para attingir a outra margem do Elster.

Napoleão, depois de despedir-se da familia real, dirigiu-se para a aldeia de Lindenau e ahi dictou varias ordens; depois, muito fatigado, adormeceu.

Mas, se um ou outro arrabalde foi forçado pelos alliados, outros resistiram até chegado o momento de seus defensores abandonal-os para tomar parte no movimento de retirada, de accordo com as ordens do imperador.

Blücher, mais que qualquer outro general, se salientou no ataque.

O arrabalde investido por elle foi o do Mercado; repellido varias vezes com grandes perdas, afinal venceu a sua tenacidade e a lucta proseguiu, á bayoneta, pelas ruas da cidade e até nas casas em que os francezes se entrincheiraram.

O arrabalde do Sul, investido pelo generalissimo Schwartzenberg e defendido heroicamente pelos polacos, afinal cahiu em poder daquelle chefe.

A porta principal da cidade, defendida pelas tropas de Baden, abriu-se aos alliados pela traição dessas tropas. Ellas viraram suas armas, auxiliadas pelos traidores saxonios, contra os francezes.

Como se vê, as defecções, as traições succediam-se umas ás outras.

Outras forças de Baden, collocadas nas proximidades da grande ponte, imitaram as que defendiam a porta principal da cidade.

Parecia que todo sentimento de honra e lealdade havia desapparecido destes homens e que elles porfiavam por cobrirem-se de ignominia.

Não demorou muito tempo, e mesmo em marcha para Erfurt, Murat, filho de um estalajadeiro, elevado a marechal de França e a rei de Napoles por Napoleão, seu cunhado, assentava, no bivaque de Olendorff, com o conde Mier, as bases de sua defecção, servindo a Austria de intermediaria entre o ingrato rei e a Inglaterra!

Pouco tempo depois, em fevereiro de 1814, Murat servia á causa dos inimigos de Napoleão, seu parente e bemfeitor, atacando na Italia o principe Eugenio!

Mas, deixemos os traidores.

X

Emquanto o imperador repousava e marchavam as tropas que haviam transposto a ponte, uma terrivel catastrophe teve logar.

Um soldado que tinha sido encarregado de destruir a ponte, vendo atiradores inimigos nas proximidades d'ella, fêl-a saltar pelos ares quando, entretanto, as forças do duque de Tarento, de Regnier, de Lauriston e de Poniatowsky, e duzentos e cincoenta canhões ainda estavam nos boulevards da cidade em marcha para a ponte!

Como transpôr o Elster, destruida a ponte, unico meio de retirada?

Muitos atiraram-se ao rio e conseguiram, nadando, chegar á margem opposta; outros encontraram alli a morte por não serem bons nadadores.

Poniatowsky, ferido, atirou-se a cavallo; mas, infelizmente cahiu em um forte redemoinho e ahi morreu, sepultando no seio das aguas desse rio, que o pavoroso desastre celebrisara, todas as esperanças da heroica e infeliz Polonia.

O duque de Tarento conseguiu atravessar o Elster.

Os que não tentaram transpor esse rio, resolveram vender muito caro a vida, assim é que nos arrabaldes, nas praças e ruas da cidade a luta proseguiu com desespero, com uma furia terrivel, e á proporção que os aliados ganhavam terreno, o imperador da Russia, Alexandre I e Frederico Guilherme III, rei da Prussia, approximavam-se da cidade.

Afinal os alliados, devido a sua enorme superioridade numerica, apoderaram-se de Leipzig.

Elles não tinham motivo para grande jubilo porque aquelles quatro dias de lucta lhes haviam custado oitenta mil homens mortos ou feridos.

Já nos tres primeiros dias, como cumpre lembrar, as suas perdas elevaram-se a sessenta mil.

Quanto ás perdas dos francezes nos quatro dias, attingiram ellas a cincoenta mil homens, inclusive os prisioneiros.

O imperador que, como vimos, adormecera em Lindenau, foi despertado pelo rei de Napoles e pelo duque de Castiglione, que vinham dar-lhe a noticia do tremendo desastre da grande ponte.

Só algumas horas depois Napoleão soube circumstanciadamente como se havia dado a catastrophe e quaes as illustres victimas.

Quatro dias depois foi encontrado o corpo do marechal principe Poniatowisky.

Diz um historiador:

« Os funeraes de Poniatowsky terminaram esse grande drama. Elles foram celebrados com pompa; vencedores e vencidos, reunidos alli, representavam a Europa inteira chorando sobre a tumba do ultimo dos Polacos! »

XI

Tal foi a batalha de Leipzig, descripta a largos traços.

Os soberanos alliados deram á batalha a pomposa denominação de — Batalha das Nações.

Uma tal denominação seria justa si realmente cada uma das nações, sem distincção de credos politicos, nutrisse sentimentos hostis em relação ao imperador Napoleão e á França; mas, isso não se dava.

A Inglaterra, que alimentava com o seu ouro a guerra no continente contra o imperador e a França, não era unanime na politica aggressiva, pois, o partido Whig tinha por Napoleão grande sympathia e admiração, sobresahindo entre as personalidades desse partido o grande politico e orador Fox, que, até os seus ultimos dias de vida, verberou a politica do partido tory, sempre contraria á França e á Napoleão.

As colligações das potencias contra o imperador foram por Fox brilhantemente combatidas e Pitt, a alma de todos os males, sempre prompto a aviventar o flagello da guerra, ouviu crueis verdades do Demosthenes inglez. (1)

Depois da morte destes dois homens, Fox e Pitt, continuaram os partidos, quer de um, quer de outro a seguirem a mesma politica.

Napoleão dizia em Santa Helena: « A morte de Fox foi uma das fatalidades da minha carreira. Si elle continuasse a viver a causa dos povos o teria dominado e nós teriamos estabelecido uma nova ordem de cousas na Europa. »

Na propria Allemanha o imperador tinha solidas amisades, especialmente na Saxonia, na Baviera, no Wurtemberg e em Baden. As intrigas da Austria conseguiram attrahir para si certos politicos avidos de ambições e os chefes dos exercitos, uns por uma nobre aspiração de gloria, outros por interesses inconfessaveis, sem que, entretanto, nesse conluio internacional tomassem parte os soberanos daquelles Estados.

E tanto é isso uma verdade que, logo depois do desastre da campanha da Russia, no anno anterior, aquelles soberanos preveniram confidencialmente ao imperador da conjuração que se urdia contra elle « para que em tempo se acautelasse e declararam que a situação era de tal ordem que já não podiam ser senhores de si. »

---

(1) Comparavam Fox á Demosthenes e Pitt á Cicero.

XII

A Austria, apoiada pela Russia, viu afinal suas perfidas intrigas triumpharem. A' pretexto de sacudir o jugo extrangeiro e recuperar a liberdade creou, principalmente na Allemanha, um partido, o partido da liberdade.

Ora, a palavra liberdade tem fascinações. Ella encanta especialmente a mocidade, sempre prompta a marchar na vanguarda daquelles que combatem pela victoria de uma idéa que julgam grandiosa; mas quantas vezes tambem servem-se do esforço desinteressado da juventude para a realisação de seus interesses, habilmente mascarados com os da patria?

Ao grito de libertar a Allemanha, que nunca fôra tão livre como naquella época, a mocidade acudiu pressurosa aos quarteis; emfim, os habeis intrigantes lograram dar á lucta que ia empenhar-se um caracter nacional.

Napoleão dizia, quando se referia á campanha de 1813, que ella fôra: « l'ouvrage de quelques intrigants à épé, de quelques casse-cou politiques. »

Ainda ha pouco, quando se celebrava em Leipzig o centenario da batalha, diziam em Berlim publicamente, em « meetings » e na imprensa, os socialistas que « si Napoleão não tivesse conquistado a Allemanha, ella ainda hoje estaria escravisada ao feudalismo e absolutismo e o pobre povo fustigado até o sangue á chibatadas; assim, a pouca liber-

dade que desfructa a Allemanha actual é á Napoleão que ella deve. »

E note-se que só em Berlim o partido socialista conta duzentos mil membros.

As sympathias dos liberaes inglezes pelo imperador nunca diminuiram. Elle sempre encontrou nesse partido eloquentes defensores, quer no parlamento, quer na imprensa.

Ainda não ha muito tempo, 1901, lord Rosebery publicou um livro muito interessante, intitulado — Napoleão — A ultima phase — em que o illustre lord, uma das glorias do partido liberal da Inglaterra, mostra a sua sympathia e admiração pela victima dos oligarchas de seu paiz.

Quando, em 1821, chegou a Londres a noticia da morte do imperador, distinctos oradores no parlamento inglez prestaram, em tocantes discursos, homenagem á immortal memoria do grande capitão.

Lord Holland, pouco depois, em pleno parlamento, dizia que « mesmo aquelles que detestavam esse grande homem reconheceram que ha dez seculos não tinha apparecido sobre a terra um caracter mais extraordinario. A Europa inteira trajou lucto pelo heroe, e aquelles que contribuiram para esse crime estão condemnados não só ao despreso das gerações do presente como tambem as da posteridade. »

Lord Holland referia-se ao governo de seu paiz, aos alliados, e ao governador de Santa Helena, Hudson Lowe, pelos vexames e soffrimentos impostos ao illustre prisioneiro, cuja consequencia foi abreviar-lhe os dias de vida.

Seria longo, muito longo narrar factos, tão numerosos são elles, que anniquillam de todo a crença que os oligarchas inglezes e seus alliados do continente conseguiram implantar no espirito de uma parte da Europa que o imperador Napoleão era uma especie de Tamerlão, um feroz inimigo da humanidade, um Attila, o flagello de Deus.

Entretanto, as guerras a que foi arrastado deve a Europa á perfidia, especialmente da Austria e da Inglaterra.

Em conclusão, houve allemães que levantaram monumentos á memoria do imperador, cujas inscripções diziam que com a sua morte « cahira um véo funebre sobre os direitos dos povos e sobre a marcha ascendente da civilização ».

Ora, um homem extraordinario como Napoleão, que mereceu a admiração, amizade e sympathias de innumeros contemporaneos seus, illustres, e a gratidão de muitos povos, não podia rasoavelmente armar estes povos contra si.

Só os soberanos alliados, procurando illudir a posteridade sobre os verdadeiros intuitos de suas allianças, e a época, para justificar as torrentes de sangue que derramavam, deram á terrivel e sangrenta batalha de Leipzig o nome de « Batalha das Nações ».

Isto é, procuraram ligar os seus proprios interesses aos dos povos que, entretanto, tinham interesses bem differentes.

XIII

A poderosa Allemanha tem innumeras glorias em sua historia militar, e, entretanto, não as commemora!

Frederico o Grande, o rei philosopho, historiador e grande capitão, cobriu de laureis as armas prussianas.

Que commemorem as victorias de Frederico, o Napoleão da Prussia, e lembrem-se os patriotas allemães que, depois da batalha de Rosbach, o grande rei dizia que « não podia se acostumar a considerar os francezes seus inimigos ».

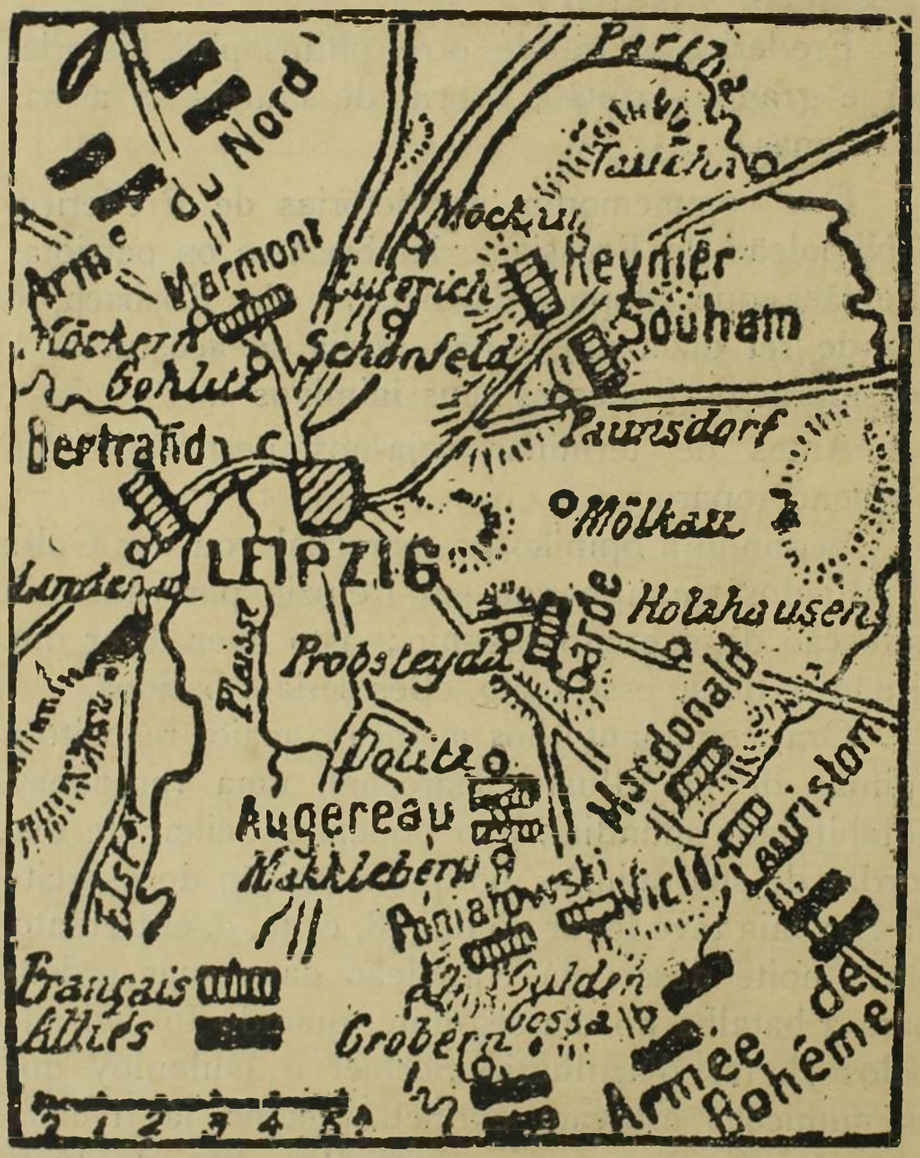
Antes de terminar seja-nos permittido um pequeno reparo.

Segundo a opinião do marechal von der Goltz os alliados triumpharam em Leipzig por causa da defecção do exercito saxonio; isto quer dizer que si não se désse esse facto, elles seriam batidos.

Ora, comquanto nos mereça o maior respeito a opinião de tão illustre marechal, uma verdadeira notabilidade mundial, não podemos deixar de discordar de sua opinião, porque a traição do exercito da Saxonia teve logar no dia 18, cedo, e, entretanto, em á noite desse dia Napoleão dava suas ordens para a batalha do dia seguinte, quando foi avisado pelos chefes d'artilharia Sorbier e Dulauloy que as munições estavam extinctas, como já tivemos occasião de dizer, pois, naquelles dias de lucta havia-se empregado mais de duzentos e vinte mil tiros de canhão!

Só, portanto, a falta de munição obrigou Napoleão a ordenar a retirada; assim, o incidente da traição dos saxonios não concorreu para aquella operação, nem, portanto, para a victoria dos alliados.

LEIPZIG E SUAS CERCANIAS



Posição occupada pelos combatentes, segundo o jornal francez "Le Matin".

FIM

12534